

# *Crónica Açores: uma circum-navegação*

*DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
UM DIÁRIO QUASE AUTOBIOGRÁFICO*



*CRÓNICAS 2005-2018  
VOL. 3 PARTE I – 2005-2009  
J. CHRYS CHRYSTELLO 2005-2018*

## Badana 1 esquerda

*Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal.*

*Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.*



*Esta é a navegação do escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.*

*De Trás-os-Montes, sua pátria desconhecida, parte à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevive a um "Anno Horribilis" no verão Quente (1975, Portugal), atravessa as Portas do Cerco (na China de Macau), percorre a Austrália Ocidental, Nova Gales do Sul e Vitória, com passagens pela Índia, Oriente-do-Meio e seus*

*emirados, Europa, Ásia e Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países.*

*Por fim, qual Buteo buteo rothschildi, (águia-de-asa-redonda) aterra em S. Miguel (Açores) donde se ausenta fugazmente, sempre que pode, para Sta. Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.*

*Na pátria australiana descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou as raízes da sua pátria e nos Açores descobriu finalmente o lar rodeado pela rica literatura que o que o mundo desconhecia e que tem vindo a desvendar nos colóquios da lusofonia.*

*Esta viagem podia ser um diário autobiográfico, mas não é mais do que um périplo pelo mundo, a vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições que o autor vai cronicando sem o engenho de Marco Polo ou Fernão Mendes Pinto, mas com o amor próprio de quem partilha uma vida.*

*Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, radicado na "Atlântida azórica" onde desvenda, divulga e dilata desveladamente a fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.*

**CHRÓNICAS AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO**  
**DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL,**  
**BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES –**  
Volume 3 um diário quase autobiográfico



**J. CHRYS CHRYSTELLO**

## DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES

*O Tempo é um ótimo professor. Pena é que mate os seus alunos.  
Hector Berlioz*



*Escrever é fácil:  
comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias.  
(Pablo Neruda)*



---

Ficha técnica

AICL -Colóquios da Lusofonia  
Rua da Igreja 6  
Lomba da Maia  
9625-115 Açores  
[aicl@lusofonias.net](mailto:aicl@lusofonias.net)  
[www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Este livro não pode ser reproduzido, total ou parcialmente, sem autorização prévia do editor.

© J. Chrys Chrystello, AICL – Colóquios da Lusofonia  
Título: *CrónicAçores: uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores* (volume 3)  
Autor: J. Chrys Chrystello  
1ª Edição – junho 2018  
Depósito Legal –  
ISBN –

---

AMOSTRA



PRINCIPAIS OBRAS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS DO AUTOR

2018 <i>FOTOEMAS</i> Fotolivro, Photo book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <a href="http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas">http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas</a> ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de <i>Missionários açorianos em Timor</i> vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed.</i> <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf</a>
2018. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed.</i> <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf</a>
2017. <i>Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols.</i> 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2017, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN <i>VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"</i> Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in <i>Antologia ed. Artelogy</i> dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de <i>Missionários açorianos em Timor</i> "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia
<a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vols)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vols)-Historia-de-Timor.pdf</a>
<a href="https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compilad.pdf">https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compilad.pdf</a>
2015. <i>Crónicas Austrais</i> (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL
<a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-8652015000300016">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0807-8652015000300016</a>
2013. <i>Crónicas Austrais</i> 1978-1998, monografia, 3ª ed. <a href="https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais">https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais</a>
2012, <i>Trilogia da história de Timor</i> , ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, <i>Crónica do Quotidiano Inútil</i> . Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1011/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1011/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf</a>
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vols)-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vols)-Historia-de-Timor.pdf</a>
<a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timor3.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timor3.pdf</a>
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: Leste East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timore.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timore.pdf</a>
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor Leste: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf</a>
<a href="https://www.scribd.com/document/40234132/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992">https://www.scribd.com/document/40234132/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992</a>
<a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timor2.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timor2.pdf</a>
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, <i>Crónica Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011</i> ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <a href="http://www.calendario.pt/index.php?c=24&amp;cat=203&amp;pid=55">http://www.calendario.pt/index.php?c=24&amp;cat=203&amp;pid=55</a>
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, <i>Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1</i> esgotado, online <a href="https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NA-VEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA">https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NA-VEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA</a>
<a href="https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&amp;referer=brief_results</a>
2009, <i>Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009</i> ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf</a> - <a href="http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005.pdf">http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005.pdf</a>
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafio de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, <i>Crónicas Austrais - 1978-98</i> (monografia) 1ª ed. <a href="http://www.ebooksbrasil.org/microrreader/cronicasCA.lit">http://www.ebooksbrasil.org/microrreader/cronicasCA.lit</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb">http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb</a>
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a>
<a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timorp.pdf">www.ebooksbrasil.org/adobebook/timorp.pdf</a>

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf</a> <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf</a> <a href="https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results">https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&amp;referer=brief_results</a> , <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/ti-more.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/ti-more.pdf</a> , <a href="https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-">https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-</a>
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 <a href="https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;qt=show_more_ap%3A&amp;cookie">https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&amp;fq=&amp;dblist=638&amp;fc=ap:25&amp;qt=show_more_ap%3A&amp;cookie</a>
1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf</a>
1985 crônica X Aborígenes na Austrália <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf</a>
1981, Crônica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/quotidianoinutil.pdf</a> , <a href="http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd">http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd</a>
1974, Crônica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf</a>
1972, Crônica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <a href="https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%20AA.pdf">https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%20AA.pdf</a> <a href="http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/quotidianoinutil.pdf">http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/quotidianoinutil.pdf</a>

AMOSTRA

Índice

Crónica 0 um diário quase autobiográfico
Crónica 1 Dos Açores, a chegada
Crónica 3 Dos Açores
Crónica 4 Sismos
Crónica 5 Sismos
Crónica 6 Projeto cultural
Crónica 7 A aprender a vida insular
Crónica 8 Dos cagarros ao chá açoriano
Crónica 9 Quatro meses insulares, revisitando Macau
Crónica 10. Dos Açores a Bali vai o voo de um milhafre
Crónica 11. O insólito
Crónica 13. Os feriados são para quê?
Crónica 14. Da falta de água à desertificação
Crónica 15. Do negócio do medo e as aves loucas. Desertificação
Crónica 16 Dos romeiros micalenses
Crónica 17 domingo de Páscoa
Crónica 18 De humidade e vacas, comunhões e a não-ida a Timor
Crónica 20 Adolescentes
Crónica 21 As festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Crónica 25 Da praia da Viola ao futebol
Crónica 26 Vista da filha australiana
Crónica 27 As férias em Santa Maria
Crónica 30 Do tufão Gordon à pequena aldeia de Babe (Bragança)
Crónica 31 Dos dias de finados à minha infância
Crónica 32 Do país que éramos, expulsão dos judeus, iberismo, 1º de dezembro
Crónica 33 Dinamarca
Crónica 34 Do Preste João e da Abissínia aos portugueses na Birmânia
Crónica 35 Do Natal 2006
Crónica 37 <i>I had a dream</i> , dos filhos e dos pais
Crónica 38 Do envelhecimento europeu à islamização
Crónica 40 Da educação, da religião, do 10 de junho
Crónica 42 Dos Açores a Bragança vai o voo duma SATA
Crónica 43 os 500 anos da Ribeira Grande
Crónica 45 Férias no Faial
Crónica 47 Doidos. A ASAE vai banir-me. Criamos uma massa cinzenta de carneiros manipulados
Crónica 49. Pico
Crónica 50 O desensino
Crónica 51 Revisitando <i>1984</i> de <i>George Orwell</i>
Crónica 52 9º colóquio da lusofonia (3º encontro açoriano)
Crónica 53 Nova Junta na Lomba da Maia
Crónica 54 São Jorge
Crónica 56 Dias de Melo
Crónica 57 Museu da lusofonia em Bragança
Crónica 58 Saudades e memórias transmontanas (Vimioso, Eucísia, Alfândega, Azinhoso, Mogadouro, Sendim da Ribeira)
Crónica 59 Ao Serviço de Sua Majestade PDL LISBOA FUNCHAL PORTO
Crónica 60 Do <i>Halloween</i> a outras tradições e à estrada inacabada
Crónica 66 O romano Sérgio Sulpício Galba e os portugueses. Muitos são os culpados poucos vão presos
Crónica 67 Amigos, escritores, festas e sem-abrigo
Crónica 68 Amigos estimulantes
Crónica 70 As tias dos Moinhos, telemóvel no cemitério
Crónica 72 Da não-ode à neta ao Cenáculo Anteriano
Crónica 73 Tragédias naturais e infinitos mutantes
Crónica 74 A magia e magnetismo do Pico atraem-me, será aqui o abismo?
Crónica 75 Da homenagem a Paulo Quintela e Miguel Torga a Cristóvão de Aguiar
Crónica 76 Educação e Iberismo
Crónica 77 Do Iberismo ao 1º de dezembro
Crónica 78 Natal 2009





## CRÓNICA 0 UM DIÁRIO QUASE AUTOBIOGRÁFICO

*Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram “dois sistemas opostos diante da mente do mundo”. E disse mais: “Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira”.*

*Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista.*

*Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de “mágica”. Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença.*

*A minha conduta, os meus artigos, a forma cética e irreverente de falar, sempre obcecado por ser “politicamente incorreto” já há muito denotavam a minha escolha pelo velho Aristóteles.*

Nesta fase adiantada da vida, sou um *homo domesticus*, incapaz de interferir nos assuntos da “*ci-vitas*”. Não aceito a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos e medíocres, ao contrário do que fiz, sem grandes resultados, durante décadas.

O autor açoriano, Daniel de Sá, já o havia intuído em 2006: *Existe um “castelo” na Lomba da Maia*. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao computador, organizando a utopia dos Colóquios da Lusofonia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono.

De facto, do topo da “falsa” (nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre o mundo: os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha, ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, abatia-se sobre o “castelo” e as grossas gotas corriam pela janela e toldavam o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental.

*Mas nem as chuvas apagaram o fogo da paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade. Martelei ferozmente o teclado deixando a vida, lá fora, correr sem pressas. Devagarosamente debitei palavras para a gaveta. Escritos e manuscritos, de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, em pastas não-ordenadas. Foi um trabalho longo. Ler e rever o que aparecia e descortinar o real, inventado ou meramente sonhado. Alguns escritos publicados, outros nem por isso, e os mais recentes, sob o pomposo e desumilde título de *Crónica Açores: uma circum-navegação*, que interpreta e coloca geograficamente os eventos nos locais por onde andei, caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de pátria, mátria, lar. E é sobre esses achados que este livro versa. A minha missão era diferente de todas, sem cartas de marear, nem rotas ou itinerários. Era um eremita, rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de me contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser o que sou, sem ressentimentos nem ilusões. Sorria pouco, qb. A vida passada não poderia repeti-la, mas tê-la-ia vivido de igual modo. O presente sem hedonismos do passado era fruído com a frugalidade que o meu padrão de vida permitia, sempre otimista quanto a melhores dias que podem vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.*

Fui um privilegiado, vivi três vidas numa só, três carreiras distintas que prossegui sem nada de material para mostrar, salvo a pesada bagagem de conhecimentos e cultura, que teimava em acarretar. Tal como George Steiner em “*Os livros que não escrevi*” afirmei sempre não pertencer a nenhum partido ou clube, e nos espetáculos desportivos não me deixava levar por emoções ou simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava. Evito banalidades e raramente subscrevo manifestos. Ridicularizo diariamente a impreparação dos jornalistas, que debitam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitando-os a fazerem as perguntas corretas sem medo. Um emprego só se perde uma vez. Raramente

via uma coluna vertebral, vertical e proba, nos escribas atuais, colegas de profissão, de costas vergadas à censura económica dos patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevo, poucos escrevem livremente. Muitas vezes no meu blogue e nas Crônicas, fiz análises da conjuntura, mundial ou nacional, usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo, à minha volta, não podia ver as coisas com a mesma claridade e transparência com que eu as via.

Escolhi este isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que foi bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que abril (1974) nos trouxe. Nunca perdoara que o primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, em 1972 fosse cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no “castelo” aparentava uma passividade fruto do desapontamento da democracia, conjugado com a utópica visão do mundo que herdei do muito que li, sobretudo na infância e juventude. Temia os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nau-seava-me o voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse um raio-X ao pior de cada um, exposto na praça pública para deleite geral. Uma nova Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Similar às ações encenadas dos políticos, como se as decisões sobre o país se definissem nesses jogos de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

*Ao ficar no meu “castelo” como observador do mundo que se desenrola a meus pés, estou convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do género ou sexo, da nacionalidade ou cor de pele. Estou lucidamente consciente de tal utopia, pois há sempre os “favorecidos pela sorte” e os ricos (e alguém enriquece à custa de trabalho honesto?). Basta nascer-se no Congo ex-belga, Kiribati ou Tuvalu no Pacífico Sul ou na Palestina para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele Windsor que nasceu no Palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da minha idade”. Embora não tivesse deformações ou deficiências genéticas visíveis adquiri uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e sua insaciável sede. Melhor do que ser pobre de espírito.*

Havia, porém, a deficiência hereditária paterna, insaciável sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, malformação congénita que me valeu muitos dissabores pessoais e profissionais. A lei, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixa e sempre o mesmo mexilhão”, pois os pequenos e os incómodos são peões na luta desigual contra o nepotismo e corrupção. Teologicamente ateu, lamento ter perdido a fé com que cresci, embora me sinta mais católico do que muitos praticantes do rito romano, fiz sempre bem sem olhar a quem. Mais do que muitos que se continuam a persignar para todo o mundo ver. A minha espiritualidade não passa por templos humanos.

Cheguei aos Açores, descendo das nuvens que pairam sobre as ilhas, como quem não quer poisos certos, mas acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. Arrastei-me penosamente no calendário dos dias, por entre baforadas de cigarros. Tinha mais uma missão a cumprir, antes de as chamas se apagarem e os sonhos não passarem já de memórias esmorecidas. Envelheci suavemente, sem pressas nem negações, mas sem sonhar já com as áreas vastas e horizontes sem fim, típicas do meu australiano continente. Aliás, soube que estava a ficar caduco desde o dia em que, ao espirrar, me saltara a dentadura postiça para a secretária. Aqui, estava tolhido pelas colinas verdes, as vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que lobrigava pela janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a não me queixar, e estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tornei-me taciturno, quase monossilábico, sem ter com quem dialogar, eram todos surdos e falavam com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os mestres nos Colóquios da Lusofonia que organizava à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado.

Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas em que não teclava. Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixei perceber os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava dela como se fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar contas. Todos devem ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim, quando a mente me dizia não. Mas é sempre difícil os outros aceitarem declarações verdadeiras e honestas.

Não pactuava com falsidades, sendo socialmente incorreto quando não ia porque não apetecia, ou quando preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-me às proles. Ninguém acolhe que prefira ficar em paz e sossego, comigo mesmo. Há momentos para tudo, para estar connosco e para estar convosco. Essa a liberdade que procurava, quando algo não estava bem, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo ofendendo sentimentos. Essa a liberdade que prezava. Sempre fui avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim, mesmo que inconscientemente me tentassem manipular ou influenciar. Sim, é verdade, preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-me às proles... Devia ser uma ideia premonitória, dado que não vivera ainda a democracia, nessa dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Aliás, sem cerimónia dizia que sempre me doeu estar no meio de multidões, e escrevi-o em 1972 no poema que abria o *Crónica do Quotidiano Inútil*

“-- 11 h.

*A correr do café com leite para o elétrico torrado.*

*Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.*

-- *Quinze tostões.*

*Direito a empurrões, pisadelas.*

*O pó é grátis*

*por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”*

*Foi assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos (fim da década de 80) e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu (janeiro 2008). Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Aceito que causa danos à saúde e os meus filhos mais novos nunca fumaram, mas ou é um perigo, tipo droga e deve ser totalmente proibido (lá ficarei criminoso) ou então não brinquem com os milhões de impostos arrecadados sem que participem no tratamento. Se as idas ao café já eram pautadas por períodos limitados, frações minúsculas de minutos, passaram a ser mais curtos ainda, pois passei a acender um cigarro após o café. Não gosta que me digam o que posso ou devo fazer. A minha relação com os outros foi sempre problemática, resumida à aversão pelos ditames alheios. Foi assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no inferno da vida como oficial do exército e no decurso da vida profissional. Sou avesso aos “carneiros” embora casasse com uma pessoa desse signo.*

Despeito a inveja alheia, noção alienígena, pois invejo nada ou ninguém. Critico os que insistem em viver da fachada e dos estereótipos com que se regem, conversas balofas, mesquinhas, sem profundidade. Anseio por diálogos profundos, argumentos “intelectuais” ou mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimam ideias e propostas concretas de melhorar [o mundo], pois nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregarão de fazer. Acredito que posso marcar a diferença: começo sempre as revoluções em casa.

*Deixei aos filhos a liberdade de escolherem a vocação religiosa quando tivessem idade, nunca fui à missa porque sim, como o meu pai fez, acompanhando religiosamente a minha mãe, praticante das coisas do culto. Os tempos eram outros e não há já o estigma forte de não se ser praticante ou de não frequentar missas. De qualquer modo creio ser coerente. Ao contrário dos pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos para que o filho mais novo pudesse usar. Lembro o tempo do telefone com trinta centímetros de fio em que se tinha de ficar ali agarrada ao aparelho de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturar conversas que se queriam privadas. Mais tarde, inventei uma extensão que dava para esticar o aparelho pela casa. Onde quer que*

*estivesse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só de noite, quando os pais dormiam, para poder falar longamente...*

*O filho mais novo tem desprezo para com o telefone igual ao meu atual e que raramente uso por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico auto-ensinado, o filho desfaz-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas do Santo Graal mesmo que não o saiba nem o procure.*

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, nada vi dessa fortuna com laivos de nobreza. A riqueza não sobreviveu à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a família despromovida a uma burguesia “de pergaminhos nobres, mas sem cheta”. Embora crescêssemos a falar francês, inglês, italiano e castelhano tinha uma animosidade contra Franco e empatia com a Galiza.

*Havia muito orgulho da família no apelido Meira<sup>1</sup> de origem muito antiga. Dizia até uma lenda familiar que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os estrangeiros estavam proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa nem desse antepassado.*

*As origens de outro ramo (Barbosa<sup>2</sup>) da família paterna são ainda mais antigas, datam de 1070 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo secretário judeu (e não aio como depreciativamente a História de Portugal o trata) estavam ligadas pelo casamento dum filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal. Também nunca esclareci bem a ligação ao título de Conde de Celanova que pode ter permanecido na família durante gerações, mas uns primos diretos, mais velhos do que eu (filhos do irmão mais velho do meu pai), nascidos e residentes no Rio de Janeiro, Brasil, querem o título, a que poderão ter direito.*

Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o avô morreu (1930) os terrenos, casas, propriedades e fábricas passaram quase todas para a posse de outros membros da família com a declaração de falência e bancarrota. A família mal sobreviveu à II Grande Guerra. A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai e conheci-lhe outras casas da sua infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e outra na R. da Regeneração (atual Rua João das Regras, hoje um tribunal), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o verão já não as conheci.

*Membros da família (em especial o cunhado que era contabilista do avô) foram os que mais se aproveitaram da morte e imediata falência. Ainda herdamos algumas migalhas que esse cunhado e a minha tia-avó deixaram por não terem descendentes.*

*Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca o meu pai não prosseguiu no Liceu e resignou-se numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores dum multinacional norte-americana<sup>3</sup>. Entretanto, o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria 7 ou 8 anos) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.*

Dizem que o meu pai escandalizou a família sendo sujeito a feroz ostracismo ao casar em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção herege aos olhos do

<sup>1</sup> Família, de Lugo, Galiza, tomou o apelido de Meira no bispado de Tui onde fica o município de Meira. O mais antigo é Rodrigo Afonso de Meira (1240) senhor do solar de Meira, casado com Ouruana Soares de Correia Gracel (1225), e tiveram uma filha Teresa Pires de Meira Rodrigues de Novais. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães, com os filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães (1369). O Brasão de Armas foi concedido em 1451, a D. Afonso Nunes de Meira o primeiro da linhagem portuguesa com muito prestígio junto à Corte de D. Duarte (Rei de Portugal)

<sup>2</sup> Apelido português toponímico, indica lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(TERRA) BARBOSA», isto é, «onde haja abundância de plantas chamadas barbas». O apelido, originou-se com D. Sancho Nunes Barboza aliás Sancho Nunes de Cellanova, 1070-1130 senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome, filho do Conde Nuno Vasques e de Fronilde Sanches, que, com o dote da sua segunda mulher cria a Quinta de Barboza, S. Miguel de Rãs. Com o segundo casamento ligou-se à família real adquirindo direito a brasão de armas. D. Sancho era descendente de D. Nuno Guterres, Conde de Cela Nova. Sancho casou por duas vezes, a primeira com Sancha Henriques, filha bastarda de Dom Afonso Henriques e Elvira Gualter. O segundo casamento foi com Teresa Mendes, filha de Mem Moniz Nunes de Riba Douro (irmão de Egas Moniz, e de Urraca Mendes, senhora da Casa de Barbosa. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Segundo Miguel de Sousa, os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no séc. XII, que entrou em decadência nos sécs. XIII e XIV.

<sup>3</sup> (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgás, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)



conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue-azul. Dir-se-ia que nasci no seio duma atmosfera hostil.

*A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava na hipótese. Eram, então, as mulheres da família do pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto as colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos e tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta.*

Do lado materno viriam os apelidos da avó: Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães (Alfândega da Fé), e do avô: Moraes, Alves (Vimioso) todos no Distrito de Bragança.

*Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira<sup>4</sup> (1360-1431) Nunca vi a clarificação ou prova da ligação genealógica a família da minha mãe que era objeto de conversas de família e mantinha-me cético em relação à mesma.*

*Os Magalhães vinham todos desde o célebre Fernão de Magalhães. Não tinha dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem relatos de que um bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas nunca descobri a confirmação do sacerdócio, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos (pode não ter contraído o segundo matrimónio civil e religioso, depois de ficar viúvo).*

*Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados fui-os arranjando na juventude quando passava as férias na aldeia em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (materna) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de Cristãos-Novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos.*

*Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual iria coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara que o grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante a dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas.*

*Sempre quis construir o meu ramo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família paterna. Cingi-me a usar iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato que as aproximavam do filho do deus dos cristãos. Não seria isto a demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?*

Em minha casa viviam os pais, a avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes. Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Vivíamos no *Bairro Garantia, Vivenda Estremadura*, na Rua do Amial, mesmo junto a essa antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas do burgo que era o Porto.

Nos primeiros quatro anos de vida tive longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto conforme fotos recuperadas desse tempo. A casa existe e aparte uma pintura exterior parece não ter mudado desde que de lá saí em 1953. No entanto absteve-me de bater à porta e pedir para visitar o sítio onde nasci, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

<sup>4</sup> descendente de Desidério, último Rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

*Na casa do Amial havia a Ana, “sopeira” (como era vulgar na época, antes de se passarem a ser empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa e emigrou para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado, o José Alberto Cortez, que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos..., mas a única coisa que este padrinho lhe deu foram os dois primeiros nomes...pequena herança. As lembranças são mais decorrentes das fotos que vi.*

*O que persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha na cozinha e o hábito de a avó tomar ao lanche chá com leite, o chá inglês como lhe chamava, para o qual por vezes me convidava. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maioria dos quartos, da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.*

**AMOSTRA**



## **CRÓNICA 1. DOS AÇORES. A CHEGADA, 17-24 junho 2005.**

Cinquenta e seis anos mais tarde renasci....

Durante a maior parte da vida ignorei a existência das então denominadas ilhas adjacentes e delas nunca fiz nem plano de vida nem de visita. A minha ignorância era confrangedora, tal como a da maioria dos portugueses no ano de 2005. Entabulara negociações, prolongadas por mais de um ano, com um primo para o vir visitar a S. Miguel, sem imaginar que ali iria arribar com passaporte para a velhice. Mas isso é história para contar noutra ocasião.

Eles vieram para cá emigrados quando foram corridos da então província ultramarina, vulgo colónia, de Angola em 1975. Nunca mais saíram a não ser em férias.

Antecipadas, para junho 2005, as nossas prometidas férias com esse primo, aterrei pela primeira vez nos Açores com bom tempo, quente e húmido (26 °C, 85% humidade).

*No aeroporto açoriano constatei que a bagagem se extraviara. Partimos do Porto num pequeno e acharutado avião da Portugália [Embraer EMB-145LR] rumo a Lisboa onde mudámos para um aeroplano maior [Airbus A310-304] da SATA. A vista durante o voo limitou-se ao vasto e imenso mar salgado das lágrimas camonianas, que nos separa do continente americano.*

*Embora não houvesse tubarões visíveis interrogara-me sobre a sua existência nestas paragens, com as alterações climáticas atuais. Nunca imaginei servir de repasto a esses tão-pouco simpáticos animais que, ferozmente, povoam de medo a mente dos mais suscetíveis.*

*Evoquei a saga dos navegadores de antanho, à vela e à bolina, desbravando mares temerosos, de fantasmas imaginados e monstros marinhos ainda hoje por deslindar. Frequentemente atacados pelo fantasma do escorbuto, pela fome e sede, dias e meses a fio sem verem terra firme na miragem de descobrirem novas chãs para a cristandade e os cofres de suas altezas reais. Só com muita fé, medo e necessidade poderiam os marujos de então ter sobrevivido a tanta provação.*

*De regresso à realidade, no avião, para jantar serviram uma sanduíche indescritível (da sua memória nada ficou) e um queque. Só na executiva há refeições. Felizmente não tinha fome nem escorbuto, pois a dose soube a pouco.*

*As malas não chegaram, perdidas algures no transbordo entre Porto e Lisboa, que nisto de mareantes dos céus ainda hoje se não pode confiar as malas a ninguém. A companhia de aviação, orgulhosamente verde e grená [TAP] era a que mais malas perdia de todas na Europa.*

*Ali estava eu em Ponta Delgada, com a minha mulher, enfrentando o dilema de trazer a roupa no corpo e uma pequena mala a que se chama pomposamente “nécessaire” com cosméticos. Pelo menos cheirar mal não iríamos e sempre me poderia barbear, mas teria de dormir sem pijama.*

*A cena pior foi a do jantar em casa dos primos. Além de fazer certa cerimónia da mulher do primo (só a vira uma vez) e logo ela nos havia de presentear com aquele jantar de lulas ou polvo, ou lá o que era, para mim missão impossível. Da comida típica portuguesa abomino (não sou capaz de comer) lulas e polvo..*

*Nos anos 1970 em Macau, a primeira vez que fui a casa do (já falecido) amigo, arquiteto Manuel Vicente aconteceu-me o mesmo e fiquei a morrer de fome.*

*Em 1980, com um primo direito, Nóbrega Pizarro, tive uma cena semelhante. Ele recém-casado com uma menina muito bem da Linha de Cascais, queria impressionar-me com a casa, a riqueza, a mulher cor-de-rosa e tudo o mais para australiano ver. O jantar, iluminado por música clássica e ao som da romântica luz de velas, em castiçais de prata maciça, veio num prato de comida colocado à minha frente.*

*Fiquei durante longos minutos, a passear o garfo em movimentos concêntricos ou em espiral entrecortados pelo ágil saltitar da faca no vazio, esboçando novos bailados ou desenhos, no molho viscoso e escuro. Imagens que a luz das velas não deixava penetrar...O cheiro intenso e a consistência da carne eram óbvias, maldito polvo. Lá se fora a cerimónia, antigamente denominada “das nove horas”. A jovem prima teve de ir de emergência, meter no micro-ondas um bife a descongelar, para eu comer com arroz, já frio. Seria o primeiro e único jantar com esse primo, durante esse casamento e no seguinte. Ainda hoje me interrogo por que nunca mais fui convidado.*

Regressemos na narrativa a Ponta Delgada, onde depois da falta de bagagem, e do incidente do polvo nada fazia prever novos acontecimentos nefastos. Os primos ofereceram, nessa noite, uma rápida

visão urbana da capital da ilha levando-nos à avenida marginal (Infante D. Henrique), ainda bem frequentada, apesar de ser noite alta, com muitas pessoas a pé e carros a circularem. Nessa data ninguém idealizara as Portas do Mar, com o novo cais e marina, que surgiriam em 2008... e numa primeira abordagem enganadora, parecia mais cosmopolita e dinâmica que a Bragança que havíamos deixado.

Fomos ver o porto, marina e baía, na esplanada do Clube Naval, que em 2001 celebrou os cem anos. À entrada do estacionamento, o carro tocou na berma e lá foi o pneu. A orla dos passeios é basáltica, ergue-se perpendicular a dez centímetros do solo, como faca acerada à espera do incauto pneu que ouse tocar-lhes. Ao regressar, o pneu sobressalente também se fora, apanhou-se um táxi, fomos buscar um tubo de encher pneus e na manhã seguinte o primo teve de comprar dois pneus novos.

*Tratamos de burocracias da mudança, e surgiu, a 4 km da escola, a hipótese duma vivenda de 2 quartos, em conclusão de obras. Tinha um sótão amplo [aqui designado como "falsa"] com 60 m<sup>2</sup>, o teto em telha, sem forro e sem proteção contra a chuva. Pediam 60 contos mensais na antiga moeda (€ 300.00). Pedimos ao dono para meter um forro de madeira (criptomérita) e ele anuiu.*

*Na manhã seguinte tiramos medidas a fim de reavaliar o que trazer do apartamento com 200 m<sup>2</sup> que foi lar durante três anos em Bragança. A casa estava em acabamentos e indicamos onde queríamos tomadas elétricas e de telefone.*

*Atrás, havia um pátio - meio coberto - e um enorme quintal de 50 x 20 m com vistas para o mar. Casa perto da escola, contra todas as expectativas e muita sorte, visto que as outras eram muito pequenas e mobiladas, para o aluguer fácil e rápido aos forasteiros (normalmente professores, nova classe de caixeiros-viajantes, ou de caracol à costa, que caracteriza Portugal).*

*Mesmo no centro da aldeia. Cedo entendemos que os nativos não gostam que chamemos aldeias às mesmas, acham mais pomposo e digno o termo Freguesia. A rua, frontal à imponente Igreja de 1877, dispõe de café a dois passos, na esquina de cima, que pertence ao senhorio, que é também Presidente da Junta de Freguesia. Existem mais dois cafés (tipo taberna) por perto e dois minimercados, os Bombeiros, a loja de ferragens, a bomba de gasolina e a Caixa Agrícola dos Açores com o buraco na parede (ATM).*

Regressamos a Bragança para as despedidas da terra mátria deixando nos Açores a casa alugada, pedido de linha telefónica, TV Cabo, etc. Isto fica a 4 km da vila piscatória da Maia, numa chã, onde a minha mulher vai dar aulas e o João vai frequentar a 4<sup>a</sup> classe (4<sup>o</sup> ano como pomposamente se lhe chama hoje).

*Gostamos disto. As lagoas, as crateras e as baías são um espanto e os montes e colinas, cheios de vegetação, pejedos de vacas penduradas das alturas, alpinistas.*

*De início só encontrei duas pessoas antipáticas (por sinal ambas nos serviços de saúde...se calhar precisavam de tratamento).*

*A aldeia sobre o mar é povoada por gentes que nos tratam com deferência, simpáticas, educadas e corteses, entendem-se apesar do sotaque curioso.*

*Estamos em pleno centro a 50 m da Igreja, que assusta com o repetido repicar dos sinos indicando as horas, as meias horas, os desastres naturais e pessoais, mortes, nascimentos e casamentos. Uma primeira constatação etnográfica: só há agricultores e leiteiros...parece o faroeste dos vaqueiros*

*O trónico foi ver que a Maia era diferente do imaginado, esta era a Maia de S. Miguel e não de a Sta. Maria cujas imagens da estrada e da piscina natural tínhamos visto na Internet...*

*A casa demorou mais uns dias do que o previsto a ficar pronta a habitar e era agora um T3+2 (no sótão o senhorio construíra dois novos quartos, de dormir do João e o de brincar, e para a frente o pequeno escritório com janela e vista para o mar até à ponta oeste na Bretanha, onde cabem 2 secretárias, os PC, arquivadores e 2 estantes). Um belo e amplo pátio coberto, nas traseiras, um banco de Igreja e um de pedreiro (a que acrescentamos a mesa de pequenos-almoços), grelhador (BBQ barbecue) a gás e pia com banca. Depois no longo quintal, batatas acabadas de colher, e grelhador a lenha com vista para o mar da costa norte de S. Miguel.*

*Entregamo-nos à hercúlea tarefa de desmontar 148 caixotes (36 m<sup>3</sup>), mobília, carro que vieram de barco e chegaram à rua com grande espalhafato. O camião impediu a circulação, meteu as sapatas (pás) no chão e começou a içar o contentor para o depositar no passeio, tendo depois saído do seu bojo, a viatura e os caixotes todos, transportados ao longo de várias horas para o interior da casa, até esta ficar praticamente sem espaço para uma pessoa se mover.*



## **CRÓNICA 3 DOS AÇORES 8-21 setº 2005**

### **3.1. OLÁ GENTES**

Continuamos a gostar disto, depois de semanas de bom tempo, 3 dias de chuva sem parar e mais 3 maravilhosos com sol. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol, etc.

Empiricamente pude constatar que se assiste a uma nova colonização dos Açores, pois existem centenas, ou milhares, de continentais aqui em busca de emprego, normalmente no ensino. As escolas têm uma qualidade superior às do Continente, quer em tipo de equipamentos quer em organização, pelo pouco que observamos.

A nossa aldeia terminou agosto com uma semana de folguedos e festas à antiga portuguesa, incluindo fados à desgarrada (aqui cantigas ao desafio). Veio gente de todas as povoações limítrofes e havia foguetes, música, desfile de carros alegóricos à vida campesina e quotidiana. Arrematações e leilões de porcos e outros bens agrícolas...além de tasquinhas e venda de bugigangas.

*O pior foi quando a procissão que passava à nossa porta teve de ir em corrida, rua acima até à Igreja, porque o aguaceiro que caía era demais.*

*Continuamos a estranhar o que era normal na juventude: o pão é entregue todas as manhãs e o leite vem diretamente da vaca para casa (há vaqueiros em todas as ruas).*

A filha mais velha, Bé, o marido Ricardo e a neta Mariana de 2 anos e meio, estiveram cá 15 dias. Uma noite ouvi gritos pois um grilo estava no quarto deles e não deixava a miúda e a mãe dormir... quase uma tragédia, pois, como sabem, os grilos são descendentes diretos dos dinossáurios... deviam ter ouvido os gritos, histéricos, parecia que estavam a ser levados pelo *King Kong*... Se, por acaso, uma barata entra em casa, por baixo das portas (impossível evitar e não podemos ter as janelas sempre fechadas), nem queiram saber a tragédia familiar. Faz lembrar a cena dos primeiros dias em que o João estre-munhado nos veio contar sobre a aranha venenosa no quarto (deve ter sonhado que estava na Austrália!). Era um pequeno artrópode inofensivo.... Difícil a adaptação ao mundo rural pelos urbanos.

*Entretanto com a chuva o capim cresceu 50 cm e não sabemos o que havemos de fazer pois há mais de 50 por 20 m. de quintal... Há dias saímos com imenso sol e quando chegámos tínhamos o escritório inundado porque a janela tinha ficado aberta. Ninguém se lembra destas coisas a princípio...*

A nossa praia local (a Praia da Viola) tem duas cascatas em plena praia e um aspeto que só me lembro de ter visto em filmes de locais tropicais em ilhas de sonho. Não é vigiada, mas há um problema de acesso, são 4,5 km até lá, estrada a pique (mais de 15% de inclinação) bem no fundo da rua e da Lomba, sendo preciso rodear dois montes íngremes para se chegar....

Depois deixa-se o carro, descemos 137 degraus de pedra, por entre dois ou três moinhos de água (em ruínas) com pequenas ribeiras e cascatas. O pior é subir a pé até ao carro, e os locais olham para nós com estupefação pois sobem e descem a pé desde a Lomba e não se lhes nota o ar de cansaço que nós temos só por subir os degraus....

*No fim de semana fomos dar uma volta e no Miradouro da Caloura (costa sul, zona de residências de fim de semana de médicos, escritores e gente fina, rica e pretensiosa) havia uma vala profunda. Entrei de lado por o Audi A4 ser baixo, mas ficou uma roda na valeta profunda de águas pluviais. O carro assentou e não havia meio de o tirar.*

*De imediato, parou um jipe que se ofereceu para ajudar, mas a corda partiu. Caía um daqueles aguaceiros que equivalem a um ano de chuva em Bragança, e pararam mais carros. Rapidamente seis pessoas levantaram os 2 mil kg, a pulso, eis-me pronto a circular ao som de palmas. Estava todo encharcado dentro do carro, os outros que nem pintos, mas satisfeitos por terem ajudado outro ser humano. Lembrei-me se alguma vez poderíamos assistir a uma cena destas noutra sítio.*

*Lembrei-me do estado de quase guerra civil na Luisiana após o Furacão Katrina (roubos, violações, assaltos, etc.) e admiti que o ser humano ainda tem algo de valores importantes que o resto da sociedade já esqueceu.*

### **3.2. DA CHEGADA AOS SISMOS VAI O VOO DUM AÇOR.**

13.30 HORAS AÇORES 21/9/2005 (14.30 LISBOA) 23.30 SYDNEY - a rotina começou a instalar-se. Dentro de dias todos cumprem horários. Mas nem sempre a vida é o que os homens querem. O clima diferente de PDL (Ponta Delgada), mais húmido e mais fresco com temperaturas de 21-25 °C. O mar mais frio aqui: 20-22 °C ... No inverno frio 12-17 °C (ah! sem saudades dos -12 °C a +43 °C de Bragança) e nevoeiro com vento... Os montes e colinas pejados de vacas penduradas, alpinistas. O peixe (dizem) é muito bom, a carne apreciável (menos que a posta mirandesa), o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa e o leite vem diretamente da vaca para casa.

Há sempre forças superiores a determinar o destino de cada um. Dia 21 de setembro 2005 desde o meio-dia (13:00 no continente) que a terra está a tremer. Em Vila Franca do Campo (costa sul) a 21 km de Ponta Delgada foram sentidos mais de cem abalos, alguns de grau 6,5 (*Mercali*). Na Maia, evacuaram a escola, pois as carteiras deslizaram uns metros. Os alunos choraram, a maioria dos professores (do continente) em pânico, fugindo mais depressa do que os alunos. Uma mãe deixou os filhos bem pequenos enquanto buscava abrigo. A Proteção Civil acionou os mecanismos devidos. No café da esquina, um polícia indagava do Presidente da Junta e dos estragos. Em toda a ilha pequenos danos: caiu a cruz da Igreja de Vila Franca e uma casa abandonada em Porto Formoso, mas não houve vítimas.

*Na nova casa, não se sentiu nada no rés-do-chão. No primeiro andar, na falsa (sótão), tudo tremeu durante os dez abalos telúricos. A parte de baixo é em alvenaria ou pedra (assim parece) e a de cima em madeira, mais segura pois oscila e treme, mas não parte tão facilmente como a pedra. O maior tremor durou só 4 segundos.*

*Esta crise, segundo dizem os entendidos, é a maior desde há trinta anos e já começou em 10 maio (2005). A continuar assim, a terra tremerá todo o dia e noite... Não há nada a fazer, esperar que a hora do nosso prazo de validade não chegue. Calma e ponderação sem histerias e alarmes injustificados.*

E vai mais um... 21 setembro 2005, 22.30 Açores: Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 na aldeia. Isto não é nada quando comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo (costa sul), onde as pessoas dormiram em tendas e vão passar a noite ao relento. Felizmente não está frio (16-17 °C) para o caso de se ser obrigado a evacuar o abrigo telhado.

Prevê-se mais atividade esta noite. O meu filho dorme no rés-do-chão hoje, mais perto da rua e do enorme quintal para onde podemos fugir, se necessário. Não há casas altas por perto, apenas uma em risco de ruir, ao lado, mas a cair a Igreja os destroços chegam aqui a menos de 100 m....

*A fratura graben da Lagoa do Congro passa aqui perto e segue até à Maia. Amanhã não haverá aulas, pois continuarão em alerta .... As águas da lagoa, perto do epicentro, subiram substancialmente de temperatura, normal quando há atividade das placas tectónicas, instáveis como esta. O mais impressionante é a incerteza, os silêncios entre tremores. A dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou se virá um grande. Medo propriamente dito não há, um certo temor. Como dizia filosoficamente aos 18 anos, quando proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza. O meu desejo era esperar que não fosse madrasta.*

O homem sonha... sempre. Uma das coisas que me mantém vivo, é a idealidade. Além de económica tem funções terapêuticas importantes. Continuo sonhador, idealista, poeta, justifico a triste existência terrena. Invento sonhos, desafios para conquistar novas metas e atingir cumes mais altos. Este é encarado com um certo pragmatismo inelutável que não devemos confundir com o típico fatalismo açoriano. Como a melodia "*Que Sera, Sera*"<sup>5</sup>

<sup>5</sup> *Whatever Will Be, Will Be* [composição de 1956 de Jay Livingston e Ray Evans servindo de tema musical ao clássico de Alfred Hitchcock: *The Man Who Knew Too Much*, com Doris Day e James Stewart].

*Penso noutros locais do mundo, no furacão que está a assolar Cuba e Luisiana...e deparo com a realidade, as desgraças que a TV transmite anonimamente de todo o mundo podem chegar a nós.*

*Pensa-se sempre que só acontecem aos outros até que a dor mora ao lado. Sabia disto ao vir para cá e nada se pode fazer. Se a atividade sísmica fosse também vulcânica era bem pior, pois em 1522 a mesma Vila Franca (capital desta província do reino dos Algarves) foi totalmente aniquilada. Pouca gente sobreviveu e na paisagem devastada nada sobrou, a não ser duas novas lagoas e picos, ora bem verdejantes.*

### **3.3. SUBVERSÃO DE VILA FRANCA**

Consultando os registos aprendi sobre a Subversão ou Terramoto de Vila Franca, o grande sismo que na noite de 21 para 22 de outubro de 1522 provocara grandes movimentos de terra e destruição generalizada. O sismo teve epicentro a NNW da Vila, derrubou a maioria dos edifícios e desencadeou movimentos de vertente com origem nas encostas sobranceiras que mobilizaram material que formou um lahar que soterrou o povoado.

Estima-se que morreram de 3 a 5 mil pessoas na Vila, a quase totalidade dos habitantes. Para além da destruição causada em Vila Franca do Campo, o terramoto atingiu povoações vizinhas, como Ponta Garça e no norte da ilha, na Maia e Porto Formoso, houve centenas de mortos. Um tsunami causou a destruição de navios junto ao ilhéu e mais dezenas de mortos (centenas segundo algumas Crónicas).

Gaspar Frutuoso, escreveu 70 anos após a ocorrência, recolheu notícia e um romance oral.

*“A vila assistiu a um calmo anoitecer. A calma seria de pouca dura já que pelas duas da madrugada ...estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuvem alguma, se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com rancos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do credo ou de um pater-noster e ave-maria a todo o mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto” ...*

As réplicas foram muitas e rijas, o sismo, desencadeou movimentos de massa generalizados, devido aos solos saturados das chuvas intensas dos dias anteriores. Os terrenos vulcânicos, em particular os constituídos por materiais piroclásticos de baixa densidade, como os depósitos pomíticos das encostas do Maciço de Água de Pau, por estimulação sísmica são propícios a grandes movimentos de massa, autênticos lahars. Ainda nas palavras de Gaspar Frutuoso:

*“... não houve grola nenhuma, da parte sul ou do Nordeste, por onde não corresse ribeiras de lodo... da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente da mesma ribeira para o poente, escaparam algumas casas, a maioria delas caídas, onde ficaram vivas até 70 pessoas, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando por Deus e outros por Sta. Maria. A massa de lodo soterrou o porto e entrou mar adentro, arrastando muita gente consigo e gerando um tsunami que destruiu as embarcações ali surtas. ...havia no porto então quatro ou cinco navios abrigados no ilhéu para partirem para Portugal, o que foi causa de morrer mais gente ali onde se ajuntava de toda a ilha para fazer a viagem.”*

Um estudo recente dos depósitos resultantes dos movimentos de vertente de 1522 permite estimar que a escoada de detritos que soterrou Vila Franca teve origem nas cabeceiras da Ribeira da Mãe d'Água, a NW de Vila Franca, ao sul do Pico da Cruz, então Monte Rabaçal.

A partir da face de rotura esventrada para SSE libertaram-se cerca de 6,75 milhões de metros cúbicos de detritos que correram ao longo da ribeira, com uma velocidade que hoje se estima ser de 1 a 3 m/s, atingindo em poucos minutos o centro da vila e recobrando-o completamente. As consequências

---

<sup>6</sup> In Saudades da Terra de Gaspar Frutuoso



foram trágicas: a parte central da vila ficou soterrada e o porto desapareceu sob espessa camada de pedrapomes.

*“... e sendo já dia claro, se ajuntaram algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas, e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram; e vendo a vila no estado em que se encontrava, pasmavam. Muitas pessoas de toda a ilha que ali tinham as suas casas, parentes, amigos e conhecidos, mandaram cada um cavar onde lhes soía, uns para tirar os corpos dos mortos, outros para ver se achavam dinheiro e alfaias que tinham em suas casas, outros para fazer o mesmo aos corpos e haveres dos parentes e conhecidos. E assim se cavava em muitas partes da vila, e uns achavam mortos pelas ruas e outros em suas casas e leitões, entre os quais achavam alguns vivos. ....*

*Em uma só triste noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo tão coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem sumptuosos templos, nem nobres ou vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra de onde a vila estivera.”*

Esta catástrofe marcou o desenvolvimento de S. Miguel, fazendo migrar o centro político e económico para a nascente vila de Ponta Delgada, que seria a capital e continuaria a crescer até ser a maior cidade açoriana e o principal centro político e económico do arquipélago. Não fora o terramoto e esse papel caberia a Vila Franca, mais bem situada e com um melhor porto natural.



AMOSTRA



## **CRÓNICA 4 SISMOS. 21 setº 2005 22.30 AÇORES, 23.30 LISBOA, 09.30 SYDNEY**

Para o casal, ainda mal assentes estavam os pés nesta terra verde e já ela se insurgia com estes tremores repetidos. Mantínhamo-nos mais calmos do que a maioria dos que nos rodeavam. Já ontem constatei isso, na escola da Maia.

A maioria dos 120 professores estava mais nervosa que alunos e suas famílias. Na costa sul houve quem dormisse ao relento, outros levaram mantas e não dormiram em casa. A atividade estava a abrandar, em frequência e em intensidade, mas os especialistas preveniam que se iria manter.

Existem estudos (mas não os descobri) que diziam que era provável, num caso de erupções violentas (como as de há 500 anos) que a ilha se voltasse a separar em duas. Parece ter sido essa a origem inicial há milhares de anos. Os medos são justificados pois a fratura separa a ilha ao meio.

A zona afetada deriva da falha Fogo-Congro (Lagoa do Fogo e a Lagoa do Congro, uma falha de direção aproximada N-S) atravessando transversalmente a ilha na zona mais estreita (8 km) e mais baixa. Ora a Maia, onde a Nini dá aulas, está nas faldas da parte mais oriental da ilha, contígua à dita falha. Com respeitinho, mas com uma certa ligeireza de espírito assim se ia levar esta crise.

A estrutura do Fogo-Congro representa um setor emerso da fratura desde leste de Sta. Maria à Crista mesoatlântica, a oeste das ilhas Graciosa e Faial, aqui se acumulando tensões que resultam do jogo das placas litosféricas Eurasiática, Africana e Americana. Mesmo em períodos de “acalmia”, este sistema regista, em média, 3 a 5 microssismos por dia. Ocasionalmente, a área é palco de uma crise sísmica, como aconteceu em 1989, ou nos últimos 3 anos. Técnicos especializados, recolhem e interpretam dados essenciais 24 sobre 24 horas, como peças de um “puzzle” de difícil construção.

Tal como em situações similares, os grupos de monitorização vulcanológica do Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos da Universidade dos Açores acompanham a situação, reforçam as redes de observação permanente e procedem a trabalhos de campo. Diariamente recolhem amostras de águas e de gases em diversos pontos da ilha que, posteriormente, são analisadas. Os dados, até à data, mostram que não existe qualquer variação dos parâmetros físico-químicos determinados, facto que confirma a natureza tectónica da presente crise. Embora se registe um decréscimo, o número de microssismos registado está ainda significativamente acima do normal.

Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 na Lomba da Maia. Medo propriamente dito não há, um certo temor, ou como dizia quando filosoficamente aos 18 anos proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza.

Porque de memórias de eventos similares se faz a história, recordem-se os maiores eventos telúricos do séc. XX:

**1926** - Grande sismo na Horta - o Faial foi sacudido por uma série de sismos, um dos quais, a 5 abril, provocou danos nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, particularmente nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos.

A 31 agosto, pelas 8 h 42 min., a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na Horta, especialmente na Conceição, e freguesias da Praia do Almoxarife (onde das 220 casas apenas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona entre a Lomba do Pilar e o Salão.

Ao todo ficaram derrubadas 4138 casas.

**1957-1958** - Erupção dos Capelinhos, Faial - De 16 a 27 setº 1957 sentiram-se no Faial mais de 200 abalos de terra, de intensidade fraca.

A 27 setº iniciou-se uma erupção submarina a cerca de 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos.

A erupção evoluiu formando primeiro uma ilha que, com o aparecimento de um istmo, se ligou a terra.

*O vulcão manteve-se em atividade até outº 1958.*

*O tremor associado ao vulcão e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada das habitações e campos do oeste do Faial.*

*Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitiu a imigração de açorianos desencadeando um êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.*

**1964** - *Crise sísmica em S. Jorge - abalou a parte oeste da ilha, com grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas.*

*Espalhou-se o pânico, levando à evacuação para a Terceira e outras ilhas.*

*A crise foi causada por erupção submarina ao largo dos Rosais.*

**1973** - *Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 outº começaram a ser sentidos numerosos sismos no Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a Freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico.*

*A 23 novº, 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neimann) com epicentro próximo a Stº António, Pico.*

*O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, em Bandeiras, Sta. Luzia, Stº António, e S. Roque, na costa norte, na Freguesia de S. Mateus, na costa sul e ainda no Faial (Conceição, Matriz e Flamengos).*

**1980** - *Sismo de 1 janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa - Pelas 16:42 a 1 janº 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade de 10-15 km, epicentro no mar 35 km a SSW de Angra. Provocou destruição generalizada dos edifícios em Angra do Heroísmo, Vila de S. Sebastião e freguesias do W e NW da Terceira, freguesias do Topo e Sto. Antão, em S. Jorge, e no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 mil casas, e outros tantos desalojados.*

**1998** - *Sismo de 9 julho, Faial, Pico e S. Jorge - um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Almojarife, no Faial.*

*No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.*

**1999-2000** - *Erupção vulcânica submarina da Serreta, Terceira a partir de 25 novº 1998.*

*Pescadores detetaram a erupção em finais de dezembro que decorre de forma intermitente com emissão de gases e de lava basáltica.*

*Não provocou sismicidade sentida. Em fevº 2000 a erupção continuava.*



**AMNS**

## CRÓNICA 5. SISMOS 22 setº 2005,

Escapei dos vulcões ativos em *Kintamani*, Bali (Indonésia) cujas maiores erupções foram em 1927, 1929, 1947 e 2018. Estava em Sydney, a 250 km, quando senti o tremor de Newcastle (Austrália) com o grau 5,6 na escala de Richter, 13 mortos e 140 feridos (10:27 28 dezembro 1989), uma cidade centenária que ficou semidestruída.

Já anunciaram: “*Amanhã não há aulas*” havendo a possibilidade de um grande terramoto como aconteceu na Terceira em 1980.

Como na véspera alguém dissera, é mais perigoso andar de carro nas estradas do continente. O João calmo, ao pé do pai, na sua primeira experiência telúrica. A minha estreia fora em 28 fevereiro de 1969 no Porto, 06.27 da manhã. Depois, perdi a conta.

Em Timor havia tremores todos os dias (5 a 7, escala de Richter), embora só um tenha sido suficiente grande para todos se porem a correr em março de 1974 ou 75.

*A noite passamo-la bem, embora tenha havido 17 sismos, nós não os sentimos e conseguimos dormir seis ou sete horas. Grande parte da população ficou desperta a dormir em carros, nas ruas ou em ginásios, em especial nas terras mais afetadas como Vila Franca do Campo ou na Maia.*

*Nota-se grande insegurança nas pessoas com quem contactamos e no que vemos e ouvimos na TV e rádio. Os mais novos nunca tinham sentido uma crise sísmica tão grande e prolongada e os sismos jamais tinham atingido o grau 5 ou 6 na escala de Mercalli...*

*Desconhece-se se isto se vai acalmar, os especialistas preveniram que se ia manter. Como disse ontem a alguém dos que se têm solidarizado connosco através do Skype, telemóvel e telefone fixo, na pior das hipóteses se houvesse um cataclismo, como aquele que formou a ilha (eram duas e juntaram-se) ficaríamos na metade sem acesso ao exterior e sem portos onde nos viessem buscar.*

*O aeroporto fica na metade ocidental da ilha, e como o Audi A4 não nada, nem voa, não teremos hipóteses de sair...*

*Com respeitinho, mas com uma certa ligeireza de espírito assim contamos levar isto. Hoje a Nini foi para a escola da Maia que está aberta embora os alunos estejam dispensados das aulas, mas o João voltou comigo.*

*Irei manter-vos atualizados através de Crónicas, enquanto não crio o meu blogue.*

A manhã foi calma, mas foram sentidos mais de 30 desde a meia-noite. Nós sentimos dois - um deles, grande, de grau 6 escala de Mercalli - pelas 12.10. Até agora desde as 12 horas já vai uma dezena.

Amanhã não há aulas. Nós calmos, mas a Nini acabada de chegar da escola diz-me que os professores em pânico desapareceram, i.e., os poucos que tinham aparecido.

Constata-se que as pessoas não tiveram treino sísmico, mas o Plano Nacional ou Regional de Proteção Civil, está a funcionar e a escola da Maia é considerado o ponto de encontro de velhos e incapacitados, no caso de vir um grande. A excitação das pessoas é enorme e nós os dois parecemos os mais calmos.

O grande abalo de manhã foi sentido em toda a casa e eu já ia no meio das escadas.

Tenho o hábito de desatar a correr ao fim de 3 segundos de tremuras...e já tinha berrado para o João que estava no r/c e já ia no pátio das traseiras que dá para o quintal.



## **CRÓNICA 6 PROJETO CULTURAL CMRG 8 – 23 outº 2005**

### **6.1. PROJETO DE PATRIMÓNIO CULTURAL**

Foi nas vésperas de eleições, que elaborei o plano para o triénio<sup>7</sup>

- *PROJETO DE CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO:*
- *ANTIGOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS – recolha e exposição de brinquedos antigos (látão, papel, etc.), lançamento de papagaios de papel, etc.*
- *PREGÕES - recolha, concurso e divulgação (escrita)*
- *PROFISSÕES - semana das profissões, feira artesanal à moda antiga (durante as Festas), com trajos de épocas antigas, etc.*
- *LENDAS E CONTOS TRADICIONAIS - recolha, colocação em cena, contadores de histórias – publicação (livro ou CD). Tradições de Natal, Páscoa, Carnaval, etc. – compilação*
- *PROVÉRBIOS, CANTILENAS E LENGALENGAS - recolha, exposição e publicação (livro ou CD)*
- *RUAS, RUELAS, PRAÇAS E PRACETAS, HISTÓRIA - recolha toponímica (livro ou CD). Tal como tive oportunidade de fazer com o Cancioneiro Transmontano 2005 (editado pela Sta. Casa da Misericórdia de Bragança, com o apoio da Câmara Municipal), pretendo publicar o Cancioneiro de S. Miguel.*

### **6.2. METODOLOGIA**

*Obter colaboração multidisciplinar com todas as unidades de ensino (agrupamentos) em todo o Concelho / Distrito (por ex. dentro do âmbito do Projeto Escola), Juntas de Freguesia, com as Unidades IPSS da Terceira-Idade, Misericórdias, etc.*

*Promover a participação dos órgãos de comunicação social e escrita.*

### **6.3. ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA**

*À semelhança dos Colóquios da Lusofonia que organizo desde 2001 pretendo criar a partir de maio 2006 com caráter anual os Encontros Açorianos da Lusofonia visando debater todos os problemas que sejam pertinentes para a população açoriana aqui residente e na diáspora (EUA, Canadá, etc.). Pretende-se dar voz aos autores e temas locais a fim terem um fórum onde possam apresentar trabalhos literários e de pesquisa. Igualmente se visa envolver a população a todos os níveis para poder expressar a sua voz.*

### **6.4. FINANCIAMENTO**

*Pretende-se uma parceria entre a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia aderentes e a Sta. Casa da Misericórdia que podem utilizar este volume como “cartão de apresentação” da região e das suas gentes (a título de curiosidade um livro destes orçava em 2005 (286 páginas, quantidade: 1000 ex. Valor: €2750,00). Para os Encontros Açorianos da Lusofonia necessita-se um anfiteatro, equipamento e facilidades de impressão. Nada mais. Iremos tentar continuar a ser independentes de subsídios.*

### **6.5 LUSOFONIA EM BRAGANÇA**

*A Helena tinha tido uma reunião na escola (das que acontecem todos os dias ou quase...) e o João tinha acabado as aulas na véspera.*

*Dia 1 de outubro, sábado no Porto, descansámos, revimos a família, cortou-se o cabelo, e preparamo-nos para arrancar pelas 15 de dia 2 rumo a Bragança no Mercedes da Presidência da Câmara... mal chegamos ao Hotel deparamo-nos com centenas de pastas, documentos e outros para levar na manhã seguinte para o Colóquio. Avisámos a receção para nos deixarem descansados.*

*Estávamos a tomar um café no ex-pouso habitual, a Torre da Princesa, quando fomos efusivamente cumprimentados pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Sta Maria, desconhecedor*

<sup>7</sup> a desenvolver com Juntas de Freguesia (Lomba da Maia e Maia), Câmara Municipal da Ribeira Grande (3 anos)

*de que já não vivíamos em Bragança nem íamos votar: nem nele nem noutra qualquer.... Curioso como nunca se tinha mostrado tão caloroso, devia ser o efeito autárquicas...*

*Íamos jantar quando o telefone toca (desvantagens dos telemóveis), um dos brasileiros em Timor dizia que o Sr. Reitor da Universidade de Díli estava pronto e se se podiam juntar a nós. Assim aconteceu e quando saímos do restaurante Poças já estavam uns dez. ....*

*Vimos para o Hotel e com a ajuda de ex-alunos da ESE/IPB estivemos até à meia-noite a preparar as pastas dos oradores e material do secretariado do colóquio.*

*O 4º Colóquio da Lusofonia incidia sobre Timor. A presença de honra era o Prémio Nobel da Paz 1996, D. Ximenes Belo, a quem servimos de mestre-de-cerimónias, dia 4 à chegada, durante as sessões e ao jantar até às 22.15, hora a que o Motorista do Sr. Presidente nos trouxe ao Porto para o regresso aos Açores pela manhã de dia 5 outubro.*

Constato que está a chover, depois de 3 dias secos, o que é anormal aqui. Começo a sentir-me em casa ou será que com a humidade já estou a criar raízes? Aqui nesta quinzena nos Açores a vida começa finalmente a entrar numa nova rotina. Os tremores são menos frequentes e menos sentidos, mas continuam a existir. Não temos saído tanto quanto pretendíamos porque a minha cara-metade está sempre a preparar aulas, reuniões e quejandas pois como os professores tinham fama de não fazer nada, causaram a crise do país e por isso agora terão de se matar a trabalhar para sair dela.

Há dias confrontei-me com a diferença do preço de gás em botija, ao mudar, pela primeira vez desde agosto, as botijas de gás cujo preço (duas) não chegou aos 22 euros... vantagem a juntar ao do gasóleo que está nos 75 cêntimos o litro.

A empregada doméstica aufer 25 euros ao dia por 9 horas de trabalho e o jardineiro 25 ao mês por vir cá tratar da horta e jardim.

O João EXCELENTE em tudo, mas a culpa não é dele, mas da insularidade que nivela por baixo os conhecimentos mínimos. Nas horas vagas, vagueia na trotineta com amigos recentes e adora estar cá e desfrutar desta liberdade e autonomia.

Para a semana o novo Presidente da Câmara da Ribeira Grande toma posse e veremos como vai aceitar a minha proposta cultural<sup>8</sup>.

Entretanto acedi à vontade da família para lá passar o Natal, espero que isto se não torne num hábito com viagens a mais de 500€ ida e volta para os três e há coisas mais importantes a fazer por esse custo. Que venham cá todos ver-nos era bem mais simpático.

As pessoas aqui apesar de serem aparentemente lentas na maneira de agir, têm longas horas de trabalho: no café trabalha um genro do dono que começa nas obras pelas 08.00 e quando acaba pelas 17.00 vai trabalhar no café até às 24.00... e exemplos destes há mais. As horas são longas, a semana tem seis dias de trabalho, quando não é na agricultura que aí são sete.... todos andam quilómetros a pé ou a cavalo para as distâncias que não sendo grandes são através de percursos acidentados e íngremes. O nível socioeconómico é baixo e isso nota-se a olho nu. Os hábitos de banho ainda não estão muito arreigados e segundo algumas auscultações, mais ou menos discretas que fizemos, ronda um banho semanal.

A TV local transmite só RTP1 e RTP-Açores. Em 2005 há 32 mil lares ligados à TV Cabo num universo de 150 000. A Rádio transmite a RDP (*Antena Um* e *Antena 2*) e TSF com conteúdos locais e existem mais umas tantas estações insulares. A vida é calma, todas as pessoas nos conhecem e cumprimentam, mesmo que a gente as não conheça. Todos sabem onde moramos. Pequenos pormenores ou apontamentos da vida no que promete ser a grande e última diáspora: da ponta oriental do Império (Timor) à ponta mais ocidental (Açores).

---

<sup>8</sup> Virámos a fazer dois colóquios na Ribeira Grande, 2006 e 2007, e depois noutros locais e noutras ilhas, sempre dois ao ano a partir de 2006.



## CRÓNICA 7. A APRENDER A VIDA INSULAR. AÇORES, 9 novº 2005

*S. Miguel é a maior ilha do Arquipélago e com Sta. Maria, forma o Grupo Oriental. Possui uma superfície de 759,41 km<sup>2</sup>, 65 km de comprimento e 14 de largura. A sua descoberta OFICIAL deu-se por volta do séc. XIV. O povoamento teve início a 1439, com colonos da Estremadura, Algarve, Alto Alentejo e da França. Graças à fertilidade do solo e à posição geográfica, desde cedo, se desenvolveu. Aqui se produzem enormes quantidades de trigo, pastel, urzela, vinho, laticínios, batata-doce, milho, inhame, linho e laranja. Esta, exportada para Inglaterra, traz para a ilha, nos finais do séc. XVIII, grande prosperidade e enriquecimento que é abalada em 1860, quando a doença extermina por completo os laranjais. Mas, graças à força de vontade dos habitantes, essa fase acaba com a introdução de novas culturas — tabaco, chá, espadana, chicória, beterraba sacarina e ananás que garantem a sobrevivência económica e a que vêm juntar-se, com o passar dos anos indústrias dos mais diversos setores, incluindo a pesca e a pecuária. Hoje, S. Miguel, é o centro das decisões políticas e administrativas, ilha em franco desenvolvimento, com museus e monumentos, locais históricos com restaurantes, lojas, hotéis, local de visita obrigatória.*

Mais algumas notas sobre a vida insular. Há uma semana estávamos a tomar café na esquina, propriedade do senhorio e Presidente da Junta, e fomos abordados por um senhor que nos convidou a ir (nessa noite de sábado) ver a passagem de modelos no salão dos Bombeiros. Sem sabermos quem era (pensamos que era o Chefe dos Bombeiros)<sup>9</sup>, pelas 21.00 entramos no salão apinhado de gente, maioria jovens, mães e pais de família e crianças.

*Ao fim duns minutos fizeram sinal para que viéssemos para a frente pois tinham cadeiras reservadas junto à passerelle. Com música e efeitos de fumo a cerimónia começou e desfilaram 20 jovens (os mais novos entre os 3 e os 10 anos) durante uma hora e tal. Bastante bem organizados e com um certo profissionalismo, deixaram-nos surpreendidos pois jamais esperávamos encontrar numa aldeia rural um 3º desfile de modelos e roupas... A participação popular — como era de esperar — constava dos jovens do sexo masculino embasbacados, como é habitual, mas havia muitas jovens, pais e mães. No fim do desfile, houve um discurso de agradecimento no qual se mencionava a presença de pessoas do Continente (éramos nós) e de várias aldeias limítrofes.*

*O João, rodeado de amigos foi entrevistado pelo apresentador e acabou por engasgar-se no nome, disse que éramos de Bragança, enfim os nervosismos próprios de quem tinha participado no intervalo num Bingo a favor dos Bombeiros. Ficou todo contente porque primeiro tinha ido à sessão de fado há semanas e agora a primeira passagem de modelos da vida... O curioso é que este evento teve lugar, o que é uma ótima iniciativa, que visa a participação dos jovens, em vez de os abandonar à sua sorte e desespero como aconteceu esta semana em França. Assim, participam e ocupam horas do seu tempo numa atividade sem fins lucrativos, mas de vasto alcance social.*

Esta aldeia (detestam que a gente lhe chame aldeia, preferem Freguesia) tem iniciativas comunitárias bastante dignas de encómios, para além das tradicionais procissões e festas anuais que visam perpetuar tradições. Quando levei o João à escola deparei-me com um grupo de seis cantoneiros que cortavam arbustos e desmatavam as bermas. Lembrei-me da infância quando os havia nas estradas solitárias de Trás-os-Montes e faziam o mesmo, levando a mão ao boné em cumprimento. Lá, perdeu-se esse uso (aliás, lá desapareceram de vez, substituídos por nada!) mas mantém-se aqui. Um pequeno gesto que os irmana no grupo a que se dá o nome de humanidade.

*Pois aqui as estradas estão sempre embelezadas por flores da época, começou com as hortênsias<sup>10</sup> de junho a agosto, depois vêm outras amarelas que parecem candeeiros e a que chamam conteiras ou Rocas de Vénus (*Hedychium gardenarum*), incensos (*Pittosporum undulatum*), agapantos (*Agapanthus praecox*), beladonas (*Brunsvigia rosea*), no fim de setembro e outubro.*

*Além disto há sempre as imponentes invasoras criptomérias (*Cryptomeria japonica*) orlando as estradas em pequenos bosques acolhedores que nos reportam a uma imagem constante de tranquilidade do Parque Jurássico sem dinossaúros.*

*As conteiras, nome popular para as flores (em que se chupa o seu caule, bem doce, segundo dizem) foram trazidas para as ilhas no tempo da guerra e são oriundas das matas asiáticas. Também são uma praga que não para de alastrar.*

<sup>9</sup> Era o professor Manuel Sá Couto que viria a tornar-se um grande amigo até falecer em 2014

<sup>10</sup> (hidrângea, hidranja ou como lhe chamam localmente, novelão)



*Isto é fértil e húmido e daí não ser difícil florescerem, mas a verdade é que as estradas (vias municipais e caminhos rurais) estão bem enfeitadas e sem arbustos. Um sério contraste com o abandono no Continente, onde as Juntas de Freguesia nem dinheiro têm para mandar limpar as bermas, sempre em disputas com o IEP ou lá como se chama a substituta da velha JAE (Junta Autónoma de Estradas) que cumpria a missão em períodos mais difíceis com menos dinheiro.*

*Cada vez mais se olvida o velho lema “todos por um e um por todos”, substituído pelo pragmatismo de cada um para si e todos a lixar todos, em proveito próprio. Não há dúvida que os valores estão a alterar-se substancialmente, demasiado rápido para uma geração ensinada a respeitar-se a si e ao próximo, assente em valores como a vida inviolável e em que a violência não era uma realidade quotidiana, a menos que se tratasse de países distantes e muitas vezes desconhecidos. Hoje, “valores e padrões mudaram numa forma mais rápida entre a minha juventude e a dos filhos, do que haviam mudado do tempo dos avós para mim...”*

*De facto, a vida calma e pausada, quase bucólica, descrita pelos escritores românticos portugueses do final do séc. XIX mantivera-se em Portugal até meados da década de 1950. Da década libertária de 1960 para cá tudo se altera com a emancipação sexual, a igualdade dos géneros, de direitos, a nova revolução industrial, a que se chama tecnológica, o neoliberalismo desumano.*

*A família deixa de ser nuclear e, em grande parte dos casos, deixa de ser família, passa a ter constituição diferente, os pais podem ser do mesmo sexo, os matrimónios deixaram de ter valor, ultrapassados estatisticamente pelos divórcios e pelos não-enlaces, situações “de facto” ou nem isso, onde as pessoas se juntam por meros interesses de momento, por indicação das cartas de Tarô ou conjugação de estrelas favoráveis numa fase lunar...*

*Enfim, tudo muda e nem sempre para melhor, tanto mais que o futuro dos filhos é bem mais questionável do que fora na infância. Ao fim de quase cinquenta anos em que as pessoas nasciam para levarem uma vida melhor do que os pais tinham tido, hoje punha-se um novo paradigma. Certamente os filhos iriam ter uma vida mais difícil e pior do que a dos pais. Isto, não obstante, estarem rodeados de tecnologias novas, capazes e teoricamente facilitadoras, mas o que tinham a mais em tecnologia faltava-lhes em princípios e em empregos, condenados que estavam a engrossar aquilo que era já tido como premissa imutável: a de haver uma larga percentagem de pessoas que nunca teria emprego pago ou nunca mais o tornaria a ter.*

A terra tem tremido menos ou pouco os sentimos, enquanto nos acostumámos a este novo e diferente clima, com pequenas variações de amplitude térmica anual e diurna, mas onde faz frio mesmo que os termómetros não o digam. No verão a humidade fazia dos 26 °C um calor semelhante a 35 °C e agora 17° parecem 5°... pois a humidade penetra e se há vento é cortante. Não há geada, mas o carro aparece coberto duma película húmida. A mesa onde repousa, há muito, o tabuleiro de xadrez, em vidro, esperando um *Godot* que o queira jogar, se não for limpa todas as semanas cria mofo. Parece que a solução passa por adquirir um desumidificador como tive na década de 70 nas terras húmidas asiáticas de Macau.

*Há dias fui à farmácia da Maia, onde nunca tinha entrado, a pedir um medicamento que aparentemente necessita de receita, e a senhora farmacêutica lá mo aviou sem receita, dizendo que a minha mulher, professora ali ao lado, tinha estado lá dias antes.... Todos nos conhecem e nós não conhecemos ninguém. Quando contratámos a empregada (atualmente designada como técnica auxiliar de ação doméstica) já sabia onde morávamos, e que íamos todas as manhãs tomar café aqui ao lado, apesar de nunca termos visto a cara dela. Além disso um filho é aluno da Nini ...*

*O João continua a chegar a casa, e depois dos trabalhos feitos, vai na sua trotineta visitar os amigos, a 300 metros daqui, voltando pelas 18.00 para tomar o duche, pôr a mesa e brincar até se deitar. Adora isto e se lhe perguntam diz que é melhor do que o Continente.*

*Muitas vezes, os primos em Ponta Delgada, telefonam a perguntar quando vamos à civilização, e se, por vezes isso faça bem, o certo é que nos sentimos bem aqui...*

*Além do projeto cultural que enviei às autoridades para aprovação estou a pensar na dinamização do turismo local, mas deixo os detalhes para mais tarde...*

Falta ainda um certo engenho e ousadia a esta gente, mas depois de começar a (re)ler um livro intitulado *A gente dos Açores*<sup>11</sup> já começo a perceber porquê... resquícios do feudalismo que aqui improu e ainda se manifesta coartando toda a iniciativa.

Assim vou aprendendo, isto de viver em ilhas tem muito que se lhe diga.

11 (de Caetano Valadão Serpa, ed. Prelo Editora, jul-ago 1978)

## **CRÓNICA 8. DOS CAGARROS AO CHÁ AÇORIANO E O 7º ANO DO LICEU, 19 outº 2005**

### **8.1. CAMPANHA SOS CAGARRO 2005. 19 de outubro**

O meu filho ontem estava preocupado porque os colegas lá na Escola andavam a fumar cigarros.

*Para quem não sabe os cigarros são uma ave típica que nada tem a ver com os charros que se fumam e vai decorrer, mais uma vez, a Campanha de sensibilização ambiental e conservação do cigarro, iniciada há 10 anos e que tem como objetivo primordial envolver as populações no salvamento dos cigarros juvenis junto às estradas. A envergadura das asas varia entre 100 e 125 cm. As fêmeas pesam em média 780 g. e os machos 900 g.*

*Esta ave nidifica ao longo do litoral de todas as ilhas e em ilhéus inacessíveis em falésias. A postura ocorre de fins de maio a início de junho, a eclusão nos finais de julho e a emancipação dos juvenis entre finais de outubro e início de novembro. Após esse período, os cigarros reúnem-se em grandes bandos e efetuam migrações transequatoriais, nomeadamente, para a costa do Brasil e do Uruguai.*

*Na sua dieta incluem-se pequenos peixes pelágicos (chicharro, cavala e pequenas lulas e crustáceos). Os seus cantos são peculiares e inesquecíveis. O voo é caracterizado pelos poucos movimentos de asas. Em contrapartida, quando aterram e em terra são muito desajeitados com as populações mundiais a reduzirem-se nas últimas décadas o que leva a considerar esta espécie como vulnerável.*

*Em meados de maio, com a postura de um único ovo por casal, dá-se início à história da vida das cagarros. A cria, permanecerá em terra até meados de outubro, momento em que os progenitores deixarão de aportar à ilha para a alimentar.*

*Durante alguns dias os jovens vivem das suas reservas até que são obrigados a enfrentar o mar. Divagarão pela imensidão do Atlântico durante, pelo menos, 7 anos avistando ao longe as costas de Pernambuco e da Nova Inglaterra, regressando à ilha natal quando atingirem a maturidade sexual onde disputarão um local para nidificar de preferência próximo ao sítio onde nasceram. Se sobreviverem a temporais, linas, armadilhas em terra e no mar, viverão mais de três décadas entre o mar e o céu apenas vindo a terra para se reproduzirem.<sup>12</sup>*

Ora bem, lá lhe tivemos de explicar que era difícil fumar estes animais, mesmo recém-nascidos quando estão a ser objeto do projeto SOS Cagarro...se calhar havia colegas lá na escola a fumarem charros...pois há umas semanas um colega dele foi levado para a esquadra...

### **8.2. ANIMAIS E COMIDA, O DILEMA**

Há cerca de duas semanas fomos convidados pelo Sr. Presidente da Junta (o nosso bem amável e prestimoso senhorio e regedor cá do sítio). Disse para irmos pelas 10 horas de domingo para assistir à matança do porco ou pelas 11 se não quiséssemos assistir ao evento. Assim fizemos, é sempre mais saudável não ver o que os pobres animais sofrem quando são preparados para nos servirem de alimento.

Ainda ontem, *Sir Paul McCartney*, se recusou a ir à China pela forma como ele tratam os animais. Ah se ele visse como os portugueses tratam os animais quando vão de férias e os abandonam, nunca mais cá vinha...

*Bem, lá fomos recebidos pela mulher do anfitrião, já de avental porque estava na cozinha a aprontar os comes, ela que às quartas e sábados é a cabeleireira cá da aldeia. Foi-nos mostrar a mansão de cinco quartos, quatro casas de banho, duas salas de estar e duas de jantar, mais uma falsa (sótão). Cá fora havia um pátio tipo árabe, com um enorme BBQ (grelhador) e ar de pouco uso.*

Tinha o senhorio um quintal a sério (eu achava que o nosso era grande, mas aquilo era um campo de futebol, com horta e estufa para morangos, várias plantas para consumo doméstico, e um anexo onde se procedia aos preparativos do porco. No jardim pastava uma burra sem sela que fazia as delícias do João durante horas. Havia outra casa mais pequena, (contígua à mansão principal) com uma garagem

<sup>12</sup> in livro Percursos – Paisagens Habitats de Portugal da editora Assírio & Alvim. Recorte de jornal – a história de um cigarro com 23 anos.

onde cabem o Mercedes e vários outros utensílios, ladeada por um salão com cozinha totalmente apetrechada, forno, etc. onde se encontravam outros membros de sexo feminino da comunidade.

Ao fundo do quintal outra garagem para a carrinha de vaqueiro e instrumentos agrícolas. Nessa zona estava um animal encorpado da raça porcina, com uns 200 a 300 kg, imóvel e exangue a ser depilado. Em volta estava o sogro do nosso *Regedor* com os seus ágeis 81 anos, um genro que é o nosso canalizador, pintor, e outras coisas (na tempestade em que chovia dentro de casa, ele foi o homem das telhas e o que nos canalizou a máquina de lavar louça, etc.).

Estava outro jovem (Tiago Hintze Mota), o futuro genro (noivo da filha mais nova) do senhorio. Ela está a estudar Animação Cultural nas Caldas da Rainha (e não a louça, nada a ver com as obras do Rafael Bordallo Pinheiro pois não seria conducente a ser bem aceite pela moral estrita cá da terra). Estava presente a filha mais velha do casal, que nos dias de semana toma conta do café do pai onde vamos tomar a nossa bica, o vulgar Cimbalino, etc....

*Depois de cumprimentados os membros da família, ainda não formalmente apresentados aos forasteiros, demos uma volta pelas instalações domésticas. O João foi andar de burro pela arreata da mãe e eu a observar paulatinamente que é para isso que tenho fama de escritor, tudo observando e nada mais fazendo.*

*Quando viemos para dentro a dona da casa disse que o costume era de os homens se servirem primeiro e só depois as mulheres, noutra compartimento, mas que puseira um lugar na mesa dos homens, para a Nini se sentar ao meu lado. Obviamente que em terra de romanos se faz como eles, pelo que prontamente se dignou aceitar a elevada honra de ser mulher e ser só servida duas ou três horas depois de os homens terem degustado os melhores pedaços do porco recém-abatido.*

*O João, apesar de criança, teve lugar na mesa dos homens, o que lhe incutiu um espírito machista útil nesta idade de afirmação identitária.*

*Depois do almoço, os fumadores vieram cá para fora e tive uma conversa deveras interessante com o futuro genro, Tiago Hintze Mota, um dos herdeiros da Casa de Chá da Gorreana (a quem eu chamava chamar gonorreia por achar os dois nomes similares).*

*Convém abrir um parêntesis para explicar que a Casa de Chá não é um sítio onde se vai pelas 5 da tarde tomar uma “cup of tea”, mas onde se planta, trata e vende o chá.*

*É uma das duas explorações de chá da Europa, sendo a outra a de Porto Formoso (a 5 km) onde fomos em agosto ver o plantio, tratamento e demais aspetos da produção do Pekoe, Orange Pekoe, Broken Leaf.*

### **8.3. BREVE NOTA HISTÓRICA SOBRE O CHÁ NOS AÇORES**

*O carácter chinês para chá é 茶, com duas formas distintas de se pronunciar. Uma é ‘te’ que vem da palavra malata para a bebida, outra, em cantonês e mandarim, soa como chá e significa ‘apanhar, colher’. Isto fez com que o nome do chá nas línguas não-chinesas se dividisse em dois grupos. As que usam derivados de Te: alemão, inglês, francês, dinamarquês, hebraico, húngaro, finlandês, indonésio, italiano, islandês, letão, tâmil, sinhalês, holandês, castelhano, arménio, galês, e latim científico. As que usam derivados de Tcha: hindi, japonês, português, albanês, checo, russo, turco, persa, tibetano, árabe, vietnamita, coreano, tailandês, grego, romeno, suaili e croata.*

*O chá é usado há milénios e, segundo a lenda, deve-se ao Imperador chinês Shen Nung (2737 a.C.) a descoberta das suas propriedades estimulantes.*

*O tratado de Lu Yu, o primeiro com carácter técnico, no séc. VIII, dinastia Tang, ajudou a imortalizar a China como responsável pela introdução do chá no mundo.*

*As referências mais antigas na Europa devem-se a Marco Polo no relato da sua viagem, ao seu compatriota Ramusio, em 1559, e ao português Gaspar da Cruz que a ele se refere numa carta dirigida ao seu soberano.*

*O chá entra na Europa no início do séc. XVII, importado por intermédio da “Tea English East Indian Company”, que detinha o monopólio com a Ásia e que em 1715 se estabeleceu em Cantão.*

*Na Inglaterra, o consumo intensificou-se após meados do séc. XVIII, e a popularidade estendeu-se aos EUA, Austrália e Canadá.*

*O chá é cultivado em S. Miguel, desde finais do séc. XIX, em pequena escala. No Continente foi tentado, no Minho e Alentejo, mas só restam plantas com carácter ornamental.*

*A planta Camélia sinensis (L.) pertence às Theaceae. As folhas são alternas, pecíolo pequeno, elípticas, dentadas, pubescentes na página inferior ao longo da nervura principal. As folhas mais jovens e os gomos, são cobertos por um fino indumento branco e sedoso que mais tarde desaparece e está na origem do nome do gomo terminal: Pekoe, pak-ho que significa penugem branca.*

*Dada a dispersão que a planta sofreu e a livre hibridação não é fácil para os botânicos a descrição das variedades, mas consideram-se três principais: var. sinensis (da China), var. Assamica (de Assam) var. Assamica ssp. Lasiocalyx (Camboja ou Indochina).*

*Em 1874, chegaram aos Açores as primeiras sementes de C. sinensis e, foram chamados dois especialistas chineses que ensinaram as técnicas de preparação. Todas as variedades provêm dos rebentos jovens da planta, as diferenças derivam do clima, do período da colheita e do tratamento posterior.*

*Chegaram a funcionar na Ilha mais de dez plantações com fábrica própria. A Gorreana explora 23 hectares, e pode produzir 40 toneladas. São necessários 4 kg de folhas de chá fresco para 1 kg de chá seco para infusão.*

#### **8.4. MELO ANTUNES NOS AÇORES E MEMÓRIAS DO LICEU**

*Ora bem, o Tiago, noivo da filha do senhorio, é sobrinho do falecido Melo Antunes, coronel que conheci como major nos idos de 1973 e a quem devo muito da minha indoutrinação política quando com ele coabitei em Leiria durante os meses de abril a setembro 1973. Falámos longamente da sua atividade política e do primeiro casamento com a irmã da mãe deste Tiago.*

*Vim a saber coisas interessantes dos tempos da grande conspiração anti-regime em que o Ernesto de Melo Antunes aqui esteve exilado (aliás foi recambiado para cá uma segunda vez pelo Marcelo Caetano para melhor preparar o golpe do 25 de abril em março de 1974). O regime era mesmo estúpido!*

*Escusado será dizer que nas 24 horas seguintes devorei o livro “Melo Antunes o Sonhador Pragmático” da Maria Manuela Cruzeiro e Boaventura Santos, editado pela Círculo de Leitores e adorei. Nunca me passara pela cabeça que esta terra simpática e de gente afável podia ter sido o coio de tais arrivistas revolucionários que destruíram o Império Português...*

*Melo Antunes foi relevante para a minha formação, tal como antes o famoso padre Mário de Oliveira de Macieira da Lixa (ver [crónica 11](#)).*

*Bom, voltemos aos Açores, onde o porco estava ótimo e nem me recordava já de ter visto o seu estertor e a preparação final...*

*Pelas 4 da tarde as mulheres tinham almoçado (nós às 12:30) e vim para casa trabalhar enquanto a Nini ficava a ver fazer as morcelas e, no quintal, a burra já fugia do João e pedia folga.*

#### **8.5. DE AQUECEDORES A GÁS E OUTROS INSTRUMENTOS**

*Nestes dias aconteceu o inevitável: a compra de um aquecedor. Se bem que a temperatura nunca baixasse de 11° C a humidade mata e à noite é um frio de rachar na sala de estar.*

*Tentei a Worten, mas o modelo do catálogo na Internet não existia nos Açores, podia encomendar do Continente e só demorava 21 dias a chegar, mas teria de pagar portes. Perguntei que modelos tinham e disseram-me que nenhum....*

*Vim a saber mais tarde que apenas 17% dos lares açorianos dispõem de aspirador, e eu queria um aquecedor catalítico grande a gás? Liguei para marcas cá representadas e nada. Acabei por descobrir na cadeia local de hipermercados Solmar, Ribeira Grande, três modelos entre os 80 e os 120€. Fomos lá e acabamos por trazer um. Finalmente nessa noite iria ver TV sem congelar. Meti o aquecedor no carro para chegar a casa e ligar..., mas não, além da botija de gás butano convencional tive de ir buscar um tubo de 30 cm com capacidade de x disto e y daquilo para uma pressão de z bares, com acoplador para a botija e abraçadeiras, que comprei aqui na Lomba, no Ananias, loja de ferragens que também vende gás.*

*Nisto e em muitas outras coisas, os Açores fazem-me lembrar Timor (1973-75). Se querias um rádio tinhas de esperar pelo barco para encomendar e, passados seis meses depois do pedido, o barco trazia-o de Singapura ou Hong-Kong.*

*Aqui é semelhante. Nunca há nada disponível e tudo vem do Continente. Uma dependência que me espanta ou talvez não.*

*No dia seguinte, a Nini meteu-se no duche, e diz que não tinha água quente. Fui trocar a botija, mas o esquentador não arrancava, a chama piloto - luz indicadora verde - acendia, mas não irrompia nos*

seus tons flamejantes e quentes. Fui a correr ao café ver se encontrava o dono da casa. Estava lá um electricista, mas o problema era de origem não-elétrica. Depois, eu e o João, tivemos de aquecer água na chaleira elétrica para a tirar a espuma da minha cara-metade que se queixava de frio (há cerca de 20 minutos).

*Cerca de 24 horas depois, e após terem cá passado por casa mais duas ou três pessoas não-especializadas, para resolver o problema, veio um técnico de esquentadores da cidade da Ribeira Grande ver o que se passava. Impurezas acumuladas nas obras a que a casa foi sujeita, impediam o funcionamento do aparelho, ainda no prazo de garantia.*

*Estes burgueses citadinos sempre tiveram dificuldade em lidar com as adversidades dum meio rural. Já era assim dantes e continuará a ser sempre que houver transições. O povo português vive há séculos a transformar-se.*

*De rural para citadino. Esta transição, no sentido inverso, que encetei há anos também não estava desprovida de dificuldades. Para debater isto, não espantaria que surgisse uma tese de mestrado para um dos 836 inúteis cursos de licenciatura existentes.*

AMOSTRA



## CRÓNICA 9. QUATRO MESES INSULARES E REVISITANDO MACAU. 11 dezº 05

### 9.1. OLÁ GENTE

Faz hoje quatro meses que escrevi a primeira Crónica.

*Passaram-se quatro meses desde que chegamos. Continuamos a viver e a gostar da aldeia, com pouco ou nada digno de reportar. Sempre a lufa-lufa diária a que todos se entregam, cumprindo rituais centenários, sem queixas nem arrependimentos. Como se tal fosse do desígnio que um qualquer deus lhes tivesse imposto, para ser seguido sem hesitações. Há uma certa fatalidade no ar, que se manifesta na forma como não reagem aos infortúnios, antes os aceitando, quicá, como se ainda hoje fossem castigos divinos.*

*Nada a dizer, recebem melhor os forasteiros do que os de Bragança. Aqui quando uma pessoa “trata bem os da terra e os ajuda, eles retribuem” dando-lhes tudo e todo o apoio. Aliás, jamais esquecerei essas palavras que me foram ditas ainda antes de me estabelecer na ilha.*

*Ontem à noite saímos para ir ao café da esquina “Eurobar” constatando que a Nini era a única mulher. De manhã e à tarde (até ao anoitecer, pelas 17 ou 18 horas) anda se veem mulheres de todas as idades em grupos, ou sós, mas de noite o café mais parece uma taberna cheia de homens a beberem os seus vinhos e cervejas e por vezes a jogarem às cartas.*

*Um certo machismo rural ou uma herança do feudalismo que ninguém ousa comentar?*

*Onde estão as minhas amigas radicais feministas quando a gente precisa delas?*

*Curioso como este tema é tabu e as pessoas se retraem quando se lhes fala nas mágicas palavras começadas por feudo...há uns sorrisos amarelados, um desviar do olhar, uns movimentos impercetíveis de boca, meros trejeitos sem som, nem sequer chegam a ser esgares, um encolher de ombros.*

*Parece restar um certo temor da palavra, como se tivesse ácido e queimasse. Como se fora uma imoralidade que não deva ser discutida ao ar livre, fora do lar. Como se fosse a sífilis ou outra doença venérea, em finais do séc. XIX. Todos as tinham, mas ninguém se queixava nem ia ao médico. Uma espécie de lepra, uma nova peste, que como pandemia ou epidemia não se divulga para não assustar, como se assim a pudessem conter. Tolerá-se que um forasteiro as pronuncie: os da terra nada têm a dizer.*

Como escreveu *Caetano Valadão Serpa* (in “A Gente dos Açores”)

*“Nos Açores, desde a injustiça social na distribuição das terras pelos capitães donatários até ao ruir das esperanças de progresso para a camada popular, que praticamente nunca beneficiou dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais da vida das ilhas, esta sempre albergou a ânsia de se libertar duma vida e onerosa em terras estagnadas, ricas é certo, mas duma riqueza tantas vezes nas mãos de gente indolente e falha de iniciativa, desejosos de se enriquecerem ainda mais, mas completamente alheios ao progresso da terra e mais ainda ao bem-estar daqueles que eram instrumento da sua prosperidade.” ...*

*Quem chamou aos arquipélagos atlânticos “As ilhas adjacentes” não imaginou decerto a carga negativa que este qualificativo trazia consigo... Há, implícita uma ideia de subordinação passiva – no caso a uma Metrópole continental -...*

*Foi perante a evidência desta situação...que os açorianos, descrentes da terra e crentes em si mesmos, intensificaram a sua emigração...*

*Pode acontecer que os que saíram e emigraram tenham tido a coragem de se libertarem dessas grilhetas medievais que parecem ainda hoje permear a sociedade rural micaelense. Os que ficaram, temerosos, sentem-se menos corajosos por não terem tido essa coragem de sair e de se libertarem. Como tal, podem sentir-se agrilhoados por séculos de privações e provações, injustiças de toda a ordem, sem direito a reposição de nada...*

A ida ontem ao café não estava planeada, foi causada por uma inundação na casa de banho com a água a surgir da parte de baixo da sanita. O senhorio, disse que de manhã o genro cá viria. De facto, pelas 8 e meia cá estava. Desmontou a sanita, e descobriu que a fossa onde se armazenam as águas da sanita e do banho estava compacta e não escorria para o esgoto da rua. O motivo foi a preocupação ecológica de reduzir os fluxos de água no autoclismo e que obviamente eram insuficientes para a dissolução dos



resíduos domésticos na caixa da fossa séptica antes de desaguar no esgoto que vai, rua abaixo, até ao mar na Praia da Viola. Aqui não há ETAR nem coisa que se pareça.

*Está visto que a ecologia aqui não medra e causa estes problemas. Lá temos a sanita reposta e resselada a descarregar 50 litros em vez de 20. O cheiro intenso desapareceu. As visitas (se as houvera) já poderiam ir ver o pátio e o quintal sem serem assaltadas olfativa mente. O João achou imensa piada. Entreteve-se a descarregar, com a mangueira, litros de água pela fossa abaixo para ajudar a dissolver os sólidos fétidos e desagradáveis, à vista e ao olfato. Trabalho repugnante, nauseabundo e repelente. Deveras assustador para qualquer urbano.*

*Verifica-se aqui mais outro erro ecologicamente censurável com este inócuo desperdício de água da mangueira pela fossa abaixo... como provar aos autóctones que aquilo que sempre fizeram é hostil ao ambiente? Iria ser difícil convencê-los ou dissuadi-los.*

*Por outro lado, como se pode constatar a passagem dum ser urbano a rural demora menos do que se pensa quando se é jovem, mas a dificuldade aumenta proporcionalmente à idade. Esta tarde, já sem o desagradável cheiro que parecia provir diretamente das Furnas, tivemos cá a presença duns tantos miúdos da aldeia que vieram jogar com o João na PlayStation e no computador. Isto funciona quase como um OTL (Ocupação dos Tempos Livres) e tem bastante meios para as necessidades locais.*

*A Nini que entra agora na última semana do período não tem tempo para nada, a trabalhar e a preparar coisas para a escola. Decidimos, entretanto, que este ano será excepcional pois iremos a Portugal (ao Continente) passar o Natal, mas a partir de agora quem quiser que nos venha cá ver e visitar e/ou passar o Natal. Já em Bragança acontecia isto, e era sempre a nossa vez de ir passar o Natal ao Porto.*

Uma das queixas frequentes entre os locais, vulgarmente designada como o preço da insularidade, é o custo das passagens para o Continente e vice-versa. Poder-se-ia pensar que foram concebidas propositadamente onerosas para os locais não emigrarem, mas creio que é para a população local não ficar em minoria com a quantidade de gente de Portugal que viria cá se fossem mais baratas, depois eram capazes de gostar e transformavam isto num inferno.

Em Bragança, eu dizia aos nativos que a autoestrada era um falso progresso, era melhor não terem uma autoestrada para não perderem a boa qualidade de vida... O movimento desertificador da estrada podia reduzir a população indígena. Lá se iria a boa qualidade de vida... Já em Bragança eu lhes dizia ...

## **9.2. SEXO LIVRE**

Há dias descobri o meu filho a fazer uma busca de sexo livre na Internet. Ficou de castigo e pensei que era um felizardo pois os ideais de 1968 ainda se justificam naquela cabeça. Mal sabe ele que nada é livre nesta vida e muito menos o sexo. Teve de levar uma repreensão a que acrescentei os perigos de vírus nessas buscas. Acabou por confessar que havia sido um colega mais velho que o incentivara a fazer a busca. Mais um problema que resultou na implantação local de vários sistemas de censura de acesso a todos os pesquisadores da rede (K9) e controlo de acesso ao correio eletrónico e serviço de mensagens escritas.

Na idade dele escrevia eu românticos bilhetes de amor... Em frente à nossa casa, em Maria Pia, havia uma "ilha"<sup>13</sup> onde viviam dezenas de pessoas, incluindo o meu primeiro alfaiate e os dois filhos

---

13 A ilha do Porto é um tipo de habitação operária diferente do das cidades industriais, como Lisboa, onde existem os pátios. Surgiram na zona oriental, mas rapidamente se estenderam ao centro e aos concelhos limítrofes. A origem das ilhas é desconhecida, mas no séc. XVIII já as havia. Foi no final do séc. XIX, com o desenvolvimento industrial e com a chegada de muitos migrantes, que se massificaram. O lote almadino tinha, normalmente, 5,5 m de largura, de frente para a rua, por 100 m de comprimento.

As casas burguesas eram construídas nos primeiros 30 m, sobrando 70 m nas traseiras. O proprietário abria um corredor, até ao fundo do quintal, 1 a 2 m de largo, e construía pequenas habitações precárias com áreas que não excediam os 16 m<sup>2</sup> (ou 9 m<sup>2</sup>), construídas em fila ou costas com costas. As frentes tinham 4 m, porta e janela (que deitavam para o corredor central). A primeira divisão, a sala, ocupava quase toda a casa, ao fundo, um quarto, 2,5 x 1,5 m, e a cozinha, 1,5 m x 1,5 m. Por vezes, era improvisado um pequeno quarto no sótão. As retretes eram comuns, 1 para cada 5 casas. Os interiores das casas, onde viviam 10 ou mais pessoas, eram de madeira, sem esgotos, sem água, sem ventilação e janelas pequenas que forneciam fraca iluminação. A juntar a isto, a utilização comum, a convivência com animais (inquérito assinalava 709 porcos em 1124 casas) e a falta de educação das pessoas, deixam imaginar o ambiente. Como o Código de Posturas Municipais de 1869 limitava a fiscalização camarária ao que era visível (no caso, a frente de uma casa), as ilhas eram construídas no interior dos quarteirões, e não estavam sujeitas ao controlo municipal.

Entre 1878 e 1890 teriam sido construídas 5.100 habitações (metade das que existiriam em 1900), onde segundo Ricardo Jorge habitaria um terço da população! Segundo um inquérito da Câmara Municipal do Porto em 1939, ainda havia 1 152 ilhas com 45 291 habitantes, ou seja 17%

(Adalberto e Chico) com quem, muito ocasionalmente, podia ir brincar ao sair da escola. Ao lado da entrada para a "ilha" havia uma casa térrea, de porta e uma ou duas janelas, onde morava o taxista da zona com uma filha (provavelmente dois ou três anos mais velha que eu) e a quem eu ia, dissimuladamente, colocar pequenos bilhetes amorosos na caixa do correio, ficando depois, à janela, à espera dum sinal. Nunca o recebi ou, então, ela nunca se apercebeu dessas primeiras missivas de amor escritas em pequenas folhas, arrancadas dum qualquer caderno de cópia, com uma caligrafia bem certinha e trabalhada. Lembro o desgosto pela jovem Tina (assim se chamava a jovem) nunca ter correspondido.

*Uma das atrações da jovem, confessei muitos anos depois, era o pai dela ser motorista de praça (vulgo taxista, com o seu Mercedes 180 D de teto verde e o resto do carro negro) que era a minha ambição máxima naquela idade. Ser taxista não me importunava desde que pudesse andar sempre de carro. Esta característica arrastou-se comigo, de certo modo, até esta data: ainda adoro conduzir.*

*Quando vivi em Bragança, a luta contra possíveis estados depressivos ou negativos, fazia-se conduzindo centenas de quilómetros por estradas, aldeias, ou meramente nas planícies de Castela. Embora nunca tivesse tido um táxi só para mim, mais tarde fui "pendura" de ralis e fiz milhões de quilómetros ao volante em vários continentes, guiando dos dois lados da estrada. Vivi sempre a conhecer os modelos de todos os carros que via e dos que sabia existirem pela Europa fora e até mesmo nos EUA, lembrando-me, ainda hoje, de modelos que nunca mais existiram, e que há pouco tempo aquando de uma mudança de casa descobri ter guardado o álbum de cromos de carros de 1960 e pouco.*

Carros na família mais chegada havia poucos: além do avô materno, os três tios e alguns primos apenas. Era um bem fora do alcance de muitas bolsas. Mais tarde fizeram-me ver que a falta de resposta dela seria, sem dúvida, devido às pressões sociais existentes mais do que a qualquer deliberada rejeição. Creio que com a idade própria dos jovens, em 1958, ainda me não apercebera das diferenças sociais e devo ter achado atraente a cara dela. Como os tempos mudaram, agora busca-se sexo livre aos nove anos.

O meu acesso, na mesma idade deste meu filho mais novo (9 anos), não era à Internet, mas ao Meccano criado em 1934<sup>14</sup>. Eu brincava também, e disso a memória estava bem clara, com uns carrinhos metálicos, os *Dinky Toys* e *Corgi Toys*. Com eles fazia corridas aproveitando a forma de retângulo dos mosaicos do chão da casa de banho. Pouco mais tinha de diversões caseiras. O modelo favorito era um de seis, feitos para a *Dinky*, em França e em Hong-Kong: n.º de referência 57-005, *Ford Thunderbird* azul-marinho descapotável que fizera corridas loucas. Os *Dinky Toys* foram lançados pela Meccano em 1934 e duraram até 1979. Os *Corgi* na escala 1:48, em 1967 passaram para 1:42, e durariam até 1983.

Para além disso havia sempre muitos livros infantis e não só... Pena que a internet não tivesse sido inventada na minha infância para descobrir novos mundos e explorar os velhos, tal como fazia na miríade de leituras, umas obrigatórias, impostas pelo regime educacional do pai, e outras permitidas e próprias do entretenimento da idade... Seria o momento de dar especial destaque ao excepcional livro de *Selma Lagerloff* "A maravilhosa viagem de *Nils Holgersson* através da Suécia", "*Rob Roy*" de *Walter Scott*, *Mark Twain* e as "Aventuras de *Huckleberry Finn*" pelo Mississípi, "*Ivanhoe*" de *Walter Scott*, um livro cujo título esqueci de Herman J. Mankiewicz (autor de *Citizen Kane*), "*Robinson Crusoe*" de *Daniel Defoe*, uma ou outra lenda de santos como Joana d'Arc, a coleção "Os 5" de *Enid Blyton*, ou as "Aventuras dos 7" da mesma autora, os quadrinhos de *Tintim* em francês, um com aventuras de dervixes perto do Corno de África, outro com a expedição ao Polo Norte de *Robert F. Scott*, caçadas de leões, livros sobre o faroeste.

---

da população total! Seguindo uma tentativa de higienização da cidade, para prevenir a ocorrência de surtos epidémicos, a partir de 1940, as autoridades municipais empenharam-se na sua demolição, realojando famílias em bairros sociais, afastados do centro.

Cinquenta anos depois, as ilhas não foram erradicadas, muitas mantêm-se "de pedra e cal" e tentam renovar-se para contrariar o espírito frio e impessoal da vida nos bairros sociais. Dados recentes apontam ainda 1.130 ilhas espalhadas pelo Porto. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_\(bairro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_(bairro))

<sup>14</sup> Essa britânica invenção, que juntava peças perfuradas, parafusos, porcas e vários outros apetrechos, permitia incentivar a imaginação para utilizar recursos limitados. Podiam-se criar formas e objetos, proporcionais à quantidade de peças que fossem comprando para se aventurarem a voos mais altos e acessórios mais complicados. Era um entretenimento de dias.

Uma banda desenhada favorita era *Michel Valliant*...e tantos outros livros religiosamente guardados numa estante, em casa da mãe, prontos a serem retirados de lá para um cantinho especial que um dia hei de criar para as recordações de infância.

Nada disto igualava em prazer a escuta dos relatos radiofónicos dos jogos de hóquei em patins em campeonatos do Mundo com nomes míticos como Adrião, Velasco e Bouçós, muito antes do Livramento e outros. Tinha menos de nove anos (ir para a cama no verão significava deitar-me pelas 20 horas, o sol no horizonte, ainda alto, e as portadas fechadas para não se ver a luz), o rádio ficava no primeiro andar e eu dormia no segundo. Eu ficava de pé a ouvir o relato, ao cimo das escadas, descalço para não fazer barulho no chão que, eventualmente, poderia ranger com os passos. Sem que os pais, a avó ou a empregada dessem conta dessa incursão auditiva. A irmã teria 3 ou 4 anos e estaria a dormir no quarto dos pais.

Pequenos prazeres proibidos do tempo em que não havia televisão. Assistir ao Festival da Eurovisão era uma festa. Não me recordava quando começara a ver esses festivais que tiveram início em 1956. Antes, a família reunia-se ao sábado, em casa de uns tios que dispunham desse aparelho. Essa caixinha mágica de madeira castanha, com botões como os do rádio, era uma atração irresistível. Prendia-nos, horas a fio, a contemplar a mira técnica. Uma atração magnética e incompreensível, levando a interrogações sobre como a imagem era transportada pelo éter hertziano...e nós levava a ver programas, sem qualquer interesse. Creio que a primeira chegou a casa já eu teria uns dez anos lá para 1959.

*Ainda me lembrava bem da delgada e bela imagem desse figurino de mulher que era a Isabel Ruth (nascida em 1940) que se tornara na minha primeira paixão televisiva, da que, mais tarde, ficaria conhecida pela intervenção em “Verdes Anos” (1963) e fora dirigida por Pasolini em Édipo Re (1967).*

*Na TV lembrava-me dela a fazer teatro com o então idoso Ruy Sacramento que devia ter 80 anos. Mais tarde, vieram os apresentadores eternos, Isabel Wolmar e Henrique Mendes, e estávamos ansiosos pelo início da emissão às 18 horas, ver [Crónica 3/3](#).*

### **9.3. PRÓS E CONTRA SOBRE MACAU, A VERGONHA**

Dia 12 dezembro 2005, assisti a um programa “Prós e Contras” (RTP-1) o que raramente faço, interessado em observar o que era Macau seis anos após a transição do poder. Para os que não sabem, ali estive colocado (dezº 1976 - mar 1983, embora só lá tivesse vivido de 15 janº 1977 a 15 janº 1982).

*Se entrasse num táxi para o Hotel Estoril (para grande consternação minha, estava em ruínas em 2011, à espera de ser demolido e reconstruído) e dissesse para ir à Avenida Sidónio Pais, era impossível, a menos que soubesse a transcrição fonética correta em cantonês: Sidonau Pasi. Também o prédio era o Fel Tchoi Iun em vez de Edifício Jade Garden na Av. Coronel Mesquita. Dizendo o nome da rua em português e do prédio em inglês nunca chegaria a casa....*

Ora bem, estava a ver o tal programa quando ouço “Portugueses que deram novos mundos ao mundo”, e outras aleivosias semelhantes. Pensei: enganei-me no século, isto não está a acontecer. O ecrã mostrava a cena passada na RAEM,<sup>15</sup> Território Chinês desde sempre, e a apresentadora a discutir o mérito dos portugueses e sua ação em Macau?

Decerto que alucinava, mas eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna-Fernandes e ouço a Fátima não-sei-das-quantas perguntar, “*mas então se se sente tão português porque é que não foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?*”

Desisti, ela já ofendera um professor universitário chinês, tradutor de Eugénio de Andrade e outros, já ofendera os macaenses que ficaram, já ofendera quase todos, e continuava no Grande Império Português...Império para aqui, Império para ali, citando “*a data em que terminou o Grande Império...*” “*Então,*

---

15 (Região Administrativa Especial de Macau)

*porque não se foi embora? E como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num Território Chinês e morrer aqui?"*

*Estas perguntas martelavam-me os ouvidos e eu sem saber o que pensar ou fazer, mas com pena de não ter acesso ao satélite de transmissões e acabar com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da Administração Portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que o chinês manda e o outro já não...*

*Como se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses que bem conheço e portugueses que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber exceto para manifestar o desagrado por Portugal ter entregado Macau à R.P. da China.*

*Já esqueceu a RTP Macau com a Judite de Sousa, e o Zé Rodrigues dos Santos? Nada aprendeu? No tempo em que algumas instituições tinham Portugueses à frente e as ruas ostentavam nomes bem-soantes em português, mas ninguém sabia onde ficavam a menos que fossem ditos em chinês?*

*Ou será que não se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa e nunca foi português?*

Por que não uma nova bandeira com os cinco castelos mais o de S. João Baptista de Ajudá (Ouidá) que ninguém recorda e ardeu nos idos de 1961?

*A Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, Feitoria de Ajudá (ou simplesmente Ajudá), localizava-se na cidade de Ouidá, na costa africana, atual República de Benim, país da África ocidental limitado a norte pelo Burquina Faso e pelo Níger, a leste pela Nigéria, a sul pela Enseada do Benim e a oeste pelo Togo. O Daomé tornou-se uma colónia francesa em 1892, obtendo independência em 1 de agosto de 1960, como República do Benim. No ano seguinte, tropas do Benim invadiram Ouidá, dependência da colónia de S. Tomé e Príncipe. Sem condições para oferecer resistência, o governo de Salazar ordenou ao último residente da praça que a incendiasse antes de a abandonar. A anexação foi reconhecida por Portugal em 1985.*

Pasmo de tanta ignorância, enquanto o meu cartão de jornalista profissional chora lágrimas de verdade ao confrontar-se com este exemplo de jornalismo à portuguesa...

*Felizmente que os chineses e a sua cultura milenar (mais uns milhares de anos que a dos portugueses), são corteses e educados e não a puseram no olho da rua...e ela vai regressar satisfeita com o magnífico programa. As caras de gozo dos meus amigos, advogado Jorge Neto Valente, Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por ela.*

*Não me admirava que recebesse já outro Globo de Ouro por este programa. Não me revejo, nem aliás alguma vez me revêi nessa pátria de que ela falava. É esta arrogância portuguesa que me irritou sempre, nos aviões e aeroportos de todo o mundo, esta insignificância com manias de grandeza, que ora se reproduz em dez campos de futebol às moscas, num aeroporto da Ota sem futuro, um TGV para espanhol ver e outras quejandas.*

É esta a Lusofonia que não quero e que rejeito na proposta da bandeira da Lusofonia com a esfera armilar...e por que não os cinco castelos e o de S. João Baptista de Ajudá que já ardeu nos idos de 60?

*Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada do que em qualquer guerra civil.*

*Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são?*

*Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas.*

*Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.*

*Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?*

*Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?*

*Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no Distrito de Bragança?  
Para verem as filas de autocarro (as maiores da Europa), para o médico, para isto e para aquilo?*

*Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?*

*Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)*

*Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais?*

*Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...*

Ainda bem que foram os portugueses quem “descobriu” o Brasil, se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios nem aborígenes.

*Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?*

*Lá fora brilham as luzes de Natal em todas as aldeias e vilas, mas gostava que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Eu é que estou sempre errado e nunca me conformo com a maioria que nos domina e nos dita as leis, mas ainda bem que assim continuo nesta idade, é sinal de que afinal estava certo e as minhas opções eram as acertadas. Os outros? Quero que se entretendam a ver programas de TV como aquele que descrevi, pois, serão muito mais felizes e contentes e este país bem precisa de gente mais contente.*



**AMOSIA**



## **CRÓNICA 10, DOS AÇORES A BALI VAI O VOO DUM MILHAFRE, 19 janº 2006**

### **10.1. DOS AÇORES**

Quando vim para o arquipélago ignorava tudo, até estatísticas locais de longevidade. Nem sabia que, a crer nelas, iria ter a vida drasticamente reduzida pelo mero facto de ali habitar. Estava preocupado, ia viver menos do que esperava. O Diário dos Açores<sup>16</sup>, afirmava em artigo assinado por Manuel Moniz: “Açores entre as regiões onde se vive menos...”

*Os Açores estão entre as regiões do país onde a esperança média de vida à nascença, em 2004, é mais baixa. É possível que seja uma questão insular: a Madeira está ligeiramente abaixo - em média vive-se menos tempo nas ilhas do que no Continente.*

*Em 2004, a esperança de vida para as pessoas é de 74 anos nos Açores, menos 4 que a média do país. Os números oficiais do Instituto Nacional de Estatística não explicam o porquê, será da humidade, das preocupações, da falta de médicos ou de um nível escolar mais baixo? isso terá de ser o leitor a concluir.*

*Os números apenas dizem que é assim. Apesar de tudo, a situação tem melhorado. No triénio 1992/1994, a esperança mediana de vida açoriana era de apenas 70,4 anos, o que significa que em pouco mais de uma década esse valor melhorou 5%.*

*Os grandes centros urbanos também são bons, como a Grande Lisboa, com uma média de 78,2 anos, e o Grande Porto, com 78 anos.*

*Os Açores estão claramente na cauda do país neste tipo de indicador. Abaixo dos Açores, apenas a Beira Interior (com 73,8), a Madeira (com 73,4) e a Serra da Estrela e o Baixo Alentejo...*

*Doze anos depois pouco mudara como se lia no Açoriano Oriental de 8.6.2018<sup>17</sup>:*

*A população dos Açores é mais jovem do que a média nacional, embora esteja a envelhecer, mas tem uma esperança média de vida melhor, segundo dados do projeto Pordata.*

*O número de idosos por cada 100 jovens nos Açores passou de 60 para 84, entre 2001 e 2016, no entanto, o índice de envelhecimento em Portugal é de 149.*

*São Miguel é a ilha menos envelhecida, com 65 idosos por 100 jovens, enquanto a ilha das Flores, no extremo oposto, com 151, é a única acima da média nacional. Todas as ilhas, à exceção do Corvo, registaram um crescimento do índice de envelhecimento e, excluindo São Miguel e Santa Maria, todas têm mais idosos do que jovens.*

*Os dados integram a publicação “Retrato dos Açores”, apresentada em Ponta Delgada, pelo Pordata, projeto da Fundação Francisco Manuel dos Santos, para assinalar o Dia de Portugal.*

*A esperança média de vida à nascença dos açorianos registou um crescimento de 3,7 anos, entre 2001 e 2015, situando-se nos 77,3 anos, mas manteve-se abaixo da média nacional (80,6 anos), que aumentou mais no mesmo período de tempo (3,9 anos).*

*Em 2016, contavam-se 245.525 habitantes nos Açores, concentrando-se mais de metade na ilha de São Miguel, cerca de 138 mil. São Miguel, a maior ilha do arquipélago, tinha 148 vezes mais residentes do que a ilha mais pequena, o Corvo, com 460.*

Não sabia o que fazer, o melhor seria nem fazer nada e aguardar. Tal como “a nêspera” do Mário Henrique Leiria “quieta e calada, à espera, até que vieram e zás comeram-na”.

#### ***A Nêspera***

*Uma nêspera  
estava na cama  
deitada  
muito calada  
a ver  
o que acontecia  
chegou a Velha  
e disse  
olha uma nêspera  
e zás comeu-a  
é o que acontece  
às nêsperas  
que ficam deitadas*

<sup>16</sup> o quotidiano mais antigo do arquipélago, fundado em 1870, edição de 19 janeiro de 2006

<sup>17</sup> <http://www.acorianooriental.pt/noticia/acorianos-tem-taxa-de-envelhecimento-mais-baixa-e-menor-esperanca-media-de-vida-289249>

*caladas  
a esperar  
o que acontece<sup>18</sup>*

*Não deveria ter esse fim, mas não podia ficar calado e quieto à espera de que o dia chegasse. Não podia ir para mais nenhuma terra, a minha mulher tem emprego cá até morrer, teremos de ficar com as estatísticas.*

*A notícia não mencionava, mas podia acontecer que os que nasceram e viveram noutras paragens durassem mais. Vejamos: 5,3 anos de diferença é muito ano a menos para viver quando se está feliz.*

*Os nascidos em 1992 só duravam 70,44 anos e os que nasceram na primeira metade do século passado deveriam estar a desaparecer. Ai sim, isso já era preocupante.*

*Estou com um novo dilema quando tenho ainda tantos projetos, tanto livro para escrever e tanta coisa por fazer. O melhor é começar a acelerar este ritmo pachorrenento que aqui se vive a ver se me dá tempo para tudo, mas tenho de me cuidar para não elevar os níveis de stresse que fazem encurtar a vida, e tentar encontrar um equilíbrio.*

*Para já vou deixar de me preocupar, seja com o que for: contas, tristezas, desgostos, de amor e outros, vou deitá-los para trás das costas e manter um sorriso, espero que beatífico, a fim de não aumentar as rugas faciais e causar tensões nas áreas nervosas que podem desencadear acidentes cardiovasculares... já me basta arcar com o peso de ser fumador e continuar carnívoro.*

*Bem, vegetariano não quero ser que para aí nunca estive muito virado.*

*Agora que anda para aí a gripe das aves a matar pessoas, ainda apreciarei menos animais com asas, e aproveito esta fase em que as vacas já não andam loucas para comer uns bons bifês.*

*Mas tenho de ter cuidado com a água porque no Nordeste (S. Miguel) os níveis de arsénio, ou seria arsénico? - (sempre pensei que o Arsénio era um homem como o Arsène Lupin) são dos mais altos do país e como não incluíram a Lomba (da Maia) fiquei sem saber se continuo a beber água da torneira.*

## **10.2. AS DESCOBERTAS DOS AÇORES**

Quando escrevia, nalgumas ocasiões em que o chilrear dos pássaros me penetrava os ouvidos (mais) moucos (para não ouvir o que de mau no mundo ocorria a cada momento), sentia-me como os inominados descobridores de antanho quando aqui arribaram.

Espantrecidos, estapasmados ou assombrados como diria, talvez, o Mia Couto, autor que li avidamente na década de 1990, mas deixou de me despertar quando parou de desinventar a língua que estrenuamente descompunha.

Os achadores destas terras no meio do Grande Mar Oceano, devem ter pensado nas metáforas do cristianismo, nas descrições do Éden terrestre, e devem ter-se benzido com a beleza que se lhes deparou. Mal sabiam, que como em todos os paraísos, havia uma maçã envenenada nascendo das entranhas. Nunca se saberão os nomes, as teorias são inúmeras, e dividem-se em três:

- Primeiro, as que sustentam que a revelação geográfica do arquipélago se terá verificado no segundo quartel do séc. XIV, no reinado de D. Afonso IV (H. Major, Ferreira de Serpa)
- Segundo, as que afirmam que o descobrimento será da primeira metade do século XV por Frei Gonçalo Velho (cardeal Saraiva, Aires de Sá); e
- Terceiro, as que conciliam as duas correntes de opinião (Jordão de Freitas, Velho Arruda)

*As primeiras teses fundamentam-se em mapas genoveses após 1351, onde aparecem ilhas que investigadores identificam com os Açores, quer pela situação, quer pelos nomes. A existência desses*

*mapas teria derivado das expedições às Canárias, no tempo de D. Afonso IV, por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal.*

*As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra do Infante D. Henrique e, especificamente por Frei Gonçalo Velho, baseiam-se essencialmente na tradição oral recolhida pelo cronista micaelense Gaspar Frutuoso no arquipélago, na segunda metade do séc. XVI.*

*Contudo, escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citaram o nome de Gonçalo Velho. Frutuoso, e os historiadores desta linha, opinam que o início das explorações atlânticas para os Açores datava de 1431.*

*As teses ecléticas consideram, porém, que o descobrimento se terá verificado, realmente, no tempo de D. Afonso IV e que as viagens por ordem do Infante D. Henrique teriam sido de simples reconhecimento. O mapa de Beccario, de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como "insule de nuovo reperte".*

O Prof. Damião Peres defende que "*foram achadas por Diogo de Sunis (ou Silves), piloto de El-Rei de Portugal no ano de 1427*". Por esse motivo é atribuído a Gonçalo Velho, depois primeiro Capitão-Donatário das ilhas de S. Miguel e de Sta. Maria, o papel, de não menor importância, de lançador de gados e de colonizador.

A primeira referência da descoberta do arquipélago açoriano vem em Azurara (Crónica do descobrimento da Guiné):

*"E na era de mil... (?) anos mandou o Infante D. Henrique a um cavaleiro que se chamava Gonçalo Velho, Comendador que era da Ordem de Xpõ (Cristo) que fosse povoar, outras duas ilhas que estão afastadas daquelas (Madeira e Porto Santo) a cento e setenta léguas a noroeste."*

*O Infante D. Henrique desejando descobrir lugares no Oceano Ocidental, com o intuito de averiguar se existiam ilhas ou terra firme para além das descritas por Ptolomeu, mandou caravelas. Seguiram viagem e viram a ocidente trezentas léguas além do Cabo Finisterra e vendo que eram ilhas, entraram na primeira. As caravelas voltaram a Portugal a comunicar ao Infante as descobertas que tinham feito, com o que ele folgou muitíssimo. O Infante mandou o cavaleiro Frei Gonçalo Velho, capitanear as caravelas que conduziam animais domésticos que se distribuíram por cada uma das ilhas..."*

Não diz quem capitaneou as caravelas, só fala do povoamento. Gaspar Frutuoso escrevia:

*"No ano de 1428 se conta que foi o Infante D. Pedro à Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa e outras daquelas bandas e tornou pela Itália, esteve em Roma e Veneza e trouxe de lá um mapa-múndi que tinha todo o ambiente da Terra e o estreito de Magalhães a que chamavam de Cola do Dragão e o Cabo da Boa Esperança, fronteira da África; e conjeturou que deste se ajudaria o Infante em seu descobrimento..."*

**Isto foi escrito 150 anos depois**, o que pressupõe as terras serem conhecidas.

Mas quem seriam os que as viram primeiro? Os fenícios, mareantes que saídos do Mediterrâneo, singravam os mares até à Grã-Bretanha, à cata de estanho e animais? A favor dessa hipótese há a hipotética descoberta de moedas fenícias e cirenaicas na Ilha do Corvo, no séc. XVIII.

*Já os Romanos falavam das numerosas ilhas atlânticas. Estrabão, cita as Ilha Britânicas e as Cassitéridas. Plínio, fala das Gorgónias, onde as mulheres tinham o corpo coberto de cabelos, fala igualmente das Hespérides ou Purpurinas e, a meio delas, das Afortunadas.*

*Durante séculos falou-se da lendária ilha das Sete Cidades, no Mar Oceano, a oeste da Europa. Datam de escritores latinos, provavelmente no seguimento de tradições bem antigas de povos mediterrânicos, as nomenclaturas de Insula Septem Civitatum, Ilha das Sete Tribos ou Sete Povos, posteriormente traduzida como Ilha das Sete Cidades.*

*Estariam os fenícios na sua génese?*

*A hipótese da presença dos fenícios nos Açores é mais provável do que se pensa. Com efeito no jornal Público (31 outubro 2008) era noticiado que o “ADN dos fenícios está nos genes dos portugueses”.*

*Um em cada 17 homens nas costas do Norte de África e no sul da Europa podem ter tido um antepassado fenício, atual Líbano, conclui um estudo publicado na revista científica American Journal of Human Genetics.*

*Os cientistas do "Genographic Project," (que estuda a forma como a humanidade se espalhou pelo planeta) identificaram um padrão genético associado à expansão dos fenícios, tal como as fontes históricas a revelam. Depois, estudaram o cromossoma Y de 1330 homens nesses locais, para verificar a frequência desse padrão. Descobriram os locais da bacia do Mediterrâneo onde é mais provável haver descendentes masculinos dos fenícios. O litoral e a costa atlântica portuguesa, são as que têm mais descendentes dos fenícios.*

*Na antiguidade havia conhecimento de algumas ilhas atlânticas e do litoral africano. Recorde-se a lenda da Atlântida, referida pela primeira vez em 421 a.C.*

*O conhecimento da costa africana teria resultado de expedições de que se destacam: a primeira por ordem do faraó Necao II em 610 A.C., depois a de Satastes (480-470 a.C.) à Guiné, e o périplo de Hanão em 485 a.C. com 60 navios de Cartago, que teria percorrido a costa africana até Cabo Verde.*

*Estas viagens referenciadas não têm cativado o interesse da historiografia atual, pois os contemporâneos estão sempre renitentes em fazer tábuas rasa de tudo o que passaram a vida a ensinar, e aceitam, sem questionar, a verdade dos textos clássicos. Mas a Historiografia dos sécs. XVIII e XIX afirmava perentoriamente a veracidade destas informações e defendia que os fenícios projetaram o seu império comercial na costa ocidental africana. Apenas os portugueses, mantiveram a tese de que esta área estava por revelar.*

*Mais problemático é o nome das Sete Cidades, hoje ex-libris turístico da Ilha verde de S. Miguel. Existe uma Crónica relativa às Sete Cidades dum clérigo cristão (750 a.C.) residente em Portucale (atual Porto). Os árabes dominavam a península ibérica (a invasão data de 711 d.C.) e ouvia-se o estertor do fim dos reinos visigóticos.*

*No ano de 734, o arcebispo de Portucale estava em fuga, acompanhado de outros prelados e milhares de fiéis, numa frota de veleiros que chegou sã e salva ao seu destino. Nada mais se sabe dessa expedição à terra das Sete Cidades que os marinheiros asseveravam existir no meio do oceano ocidental.*

*Esta lenda perdurou na Idade Média com expedições organizadas para o seu achamento. Quase todas as cartas e portulanos medievais onde se representava o Mar Oceano tinham as Sete Cidades. No contexto da tradição brandoniana, as Sete Cidades<sup>19</sup> é uma das referências geográficas mais antigas.*

A era dos descobrimentos portugueses foi iniciada em 1317 por D. Dinis que contratara o genovês Micer Manuel Pezagno (em português Pessanha) para o comando da frota real. Em 1335, D. Afonso IV envia uma armada ao arquipélago das Canárias cujos privilégios seriam concedidos anos mais tarde (1338) a mercadores estrangeiros.

Segue-se, em 1415, a conquista de Ceuta por uma expedição organizada por D. João I.

*Fernão Teles, natural dos Açores, mostrou ao Rei D. Afonso V (1473) um mapa com uma longa costa, ilhas, baías e rios que declarou fazerem parte das Sete Cidades. Talvez fosse a costa norte do Brasil, no delta do Parnaíba, entre Maranhão e Ceará.*

*Aparentemente, o Rei não terá acreditado na descoberta, pelo que da carta de doação concedida não consta referência às Sete Cidades, mas a uma grande ilha ocidental que se pretendia povoar. Insatisfeito com a carta de doação, Fernão Teles insiste no pedido das Sete Cidades. Consultado o cosmógrafo genovês*

<sup>19</sup> S. Brandão de Ardfert e Clonfert (484-577), o Navegador, terá nascido em Ciarraige Luachra, próximo de Tralee, condado de Kerry, Irlanda. Deve a sua notoriedade e o cognome na literatura medieval, às suas famosas viagens marítimas no Atlântico Norte que lhe trouxeram a celebridade. Terá garantidamente visitado a Bretanha, as ilhas Órcadas e Shetland e possivelmente as Ilhas Faroé, um feito então incomum. Outras expedições, a lugares mais distantes, nunca puderam ser comprovadas embora fossem possíveis.

Paolo del Pozzo Toscanelli (1398-1492), que declarou que a Antília e as Sete Cidades seriam naquela margem do Atlântico, finalmente foi concedida (1476) a carta solicitada, mas não se conhece a existência de expedição subsequente por parte daquele Donatário.

Entre as expedições mais bem documentadas conta-se a capitaneada pelo flamengo Ferdinand van Olm (Fernando de Ulmo ou Fernão Dulmo), residente nos Açores. Casado com uma filha de Fernão Teles, recebeu (1486) autorização do Rei D. João II para achar o paradeiro da ilha onde estaria localizado o reino cristão perdido das Sete Cidades, o mesmo que o seu sogro teria reconhecido anos antes.

De parceria com o madeirense Afonso do Estreito, organizou uma expedição com cofinanciamento real. Infelizmente, Dulmo não teve melhor sorte que os antecessores.

Mesmo assim, em pleno séc. XVII, organizou-se na Ilha Terceira uma expedição para explorar o oceano a noroeste do arquipélago, onde teria sido avistada uma ilha desconhecida. Nos Açores sobrevive a lenda da ilha encantada que apenas pode ser avistada por volta do dia de S. João (24 de junho). É frequente, naquele período, o registo visual de ilhas desconhecidas, mas na realidade são bancos de nevoeiro (os temidos nevoeiros de S. João que encerram aeroportos por dias seguidos) e nuvens distantes a emergir do horizonte.

Sobre a Ilha das Sete Cidades, parafraseando a observação aposta no mapa-múndi de Johannes Ruysch (1508) sobre a Antília: “esta ilha foi descoberta, antigamente, pelos portugueses; agora, quando a procuramos não a encontramos”.

Como consolação ficou o nome do vulcão das Sete Cidades, na metade ocidental da ilha de S. Miguel, com as suas lagoas e a Freguesia do mesmo nome, anichadas no interior da Caldeira. Há ainda o lugar das Sete Cidades na ilha do Pico; o Parque Nacional de Sete Cidades no sertão do Piauí, Brasil e múltiplas lendas e histórias.

O arquipélago dos Açores seria bem conhecido pelos Cartagineses e Árabes e surge perfeitamente localizado em mapas genoveses do séc. XIV, que atribuem o seu achamento a marinheiros portugueses e a genoveses (ao serviço de Portugal), entre 1317 e 1339.

Outros, porém (Daniel de Sá, op. cit.) opinam diferentemente quanto à data:

“O padrão erguido em Sta. Maria para comemorar o quinto centenário do Descobrimento tem uma data: 1432! Era a que a gente aprendia nesse tempo ...e que o descobridor fora Gonçalo Velho Cabral. Ainda não chegara aos livros de História a decisão que Damião Peres tomara em 1943 de atribuir tal feito a Diogo de Silves. E digo que se tratou de uma decisão, porque o achado pouco parece ter de rigor histórico. No mapa que Gabriel de Valsequa, judeu convertido da Escola Hebraica da Catalunha, fez das ilhas dos Açores em 1439, a legenda diz que as ilhas foram encontradas em 1427 por um piloto do Rei de Portugal.

Quanto à data, poucos discordam. Fazendo fé na maioria, aceitemos 1427. Questão resolvida, portanto. Poucas dúvidas também para o nome de batismo do enigmático navegador: Diogo (Gabriel de Valsequa, que era maiorquino, teria escrito Diego).

A leitura mais antiga que se conhece da carta de Valsequa é de 1789, e foi feita por um tal Pasqual, também maiorquino. E ele leu Guullen. Depois disso, sucederam-se leituras diferentes.

Para complicar tudo, em 1838, no Palácio dos condes de Montenegro e de Montouro, em Palma de Maiorca, um tinteiro derramou-se sobre o mapa, e não encontrou outro lugar onde cair senão no apelido do navegador. George Sand, que acompanhava o seu amado Chopin que fora procurar melhoras para a tuberculose que haveria de matá-lo, assistiu horrorizada à cena, que descreveu mais tarde. Foi uma simples testemunha, mas há quem a culpe do desastre.”

Eu sempre associei açores a um pássaro. Como nunca visitara o arquipélago, assim o conhecia cheio daquelas aves. De facto, o nome das ilhas é frequente e incorretamente assinalado como provindo da palavra *açor*.

Segundo Luiz António de Assis Brasil, que foi professor de literatura na Universidade dos Açores, há uma versão contando que os primeiros navegadores que aqui chegaram viram milhafres, comuns no arquipélago e provavelmente os confundiram com açores, originando-se daí o nome



das ilhas. Mas esta resposta, repetida até à exaustão na maioria dos guias turísticos, de que o nome vem das aves de rapina avistadas pelos navegadores carece de qualquer fundamento científico. Não há açores nos Açores e a ave a que os açorianos chamam milhafre não é nem açor nem milhafre, mas uma subespécie de *águia-de-asa-redonda*.

*Açores, Freguesia do Concelho de Celorico da Beira, com 10,12 km<sup>2</sup> de área e 352 habitantes (2011), foi vila e sede de Concelho entre 1512 e o início do séc. XIX e tinha, em 1801, 505 habitantes. Foi extinta em 2013, agregada à Freguesia de Velosa.*

*Terá sido uma importante fortificação, tendo sido identificado um Castro, e a atual aldeia edificada a partir do castro existente ou expandindo-se em redor.*

*Pode inferir-se que constituiu um importante santuário dos Visigodos, que dominaram grande parte da Península nos sécs. VI e VII d.C.*

*É uma das povoações mais antigas da Beira Alta, assim prova a lápide funerária visigótica epigrafada na Capela-mor da Igreja de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Açor.*

*Encontra-se sepultada na Igreja uma princesa visigoda – Suintiliuba –, datada de 666 d.C. Outrora designada Freixial, a freguesia de Açores deriva o seu nome da ave com o mesmo nome, associada a um dos milagres da Sra. do Açor.*

*Na aldeia existe uma antiga e bela Igreja gótica que tem por Patrona N. Sra. dos Açores. Três antigos retábulos rememoram milagres, que o povo guardou na primitiva Ermida.*

### **“O pastor e as vacas”**

*Um dia, andava um pastor a pastorear as suas vacas, quando uma delas se tresmalhou e caiu a uma lagoa. Atirou-se o homem à água, sem pensar que não sabia nadar, para tentar recuperar o animal. Aflito, em riscos de se afogar, suplicou veemente o auxílio da Virgem, e tanta fé pôs no seu pedido que Nossa Senhora apareceu-lhe, salvando-o a ele e à vaca. Radiante e agradecido, correu o pastor à aldeia a contar o milagre, e o povo imediatamente acorreu ao local, com a ingenuidade e credulidade que é seu apanágio.*

*Segundo conta a lenda, no local do salvamento miraculoso, semiescondida entre silvas, encontraram uma pequena imagem da Virgem. E, para guardarem a imagem e perpetuarem o milagre, ergueram uma pequena Ermida. Em pouco tempo, o local e a Ermida tornaram-se ponto concorrido da região, porque muitas foram as mercês e milagres operados pela imagem devota.*

### **“O rei e a Senhora dos Açores”**

*Tão longe foi a fama que chegou a terras de Espanha onde reinava um Rei desesperado. Casado há muito tempo, não conseguia a dádiva de um filho que o perpetuasse como homem e continuasse como Rei. Assim cheio de fé, no seu Palácio, implorou à Virgem da aldeia longínqua de Portugal a benesse de um herdeiro. E também a ele a Virgem concedeu a mercê pedida, só que – sabe-se lá por que pecado antigo – a criança nasceu aleijada e extremamente fraca. No meio da imensa alegria pelo filho nascido, o aguilhão de dor provocado pela enfermidade da criança não fez esmorecer a fé do rei. Pegando no recém-nascido, iniciaram uma romagem, morosa e dolorosa à Ermida da N. Sra. Iam agradecer o herdeiro e suplicar remédio para a doença daquela criança sua esperança e do reino.*

*Durante a viagem, porém, a criança, que era tão fraca, morreu. Quiseram tirar o corpiço dos braços da Rainha, mas ela, cheia de fé, continuou a sua jornada com o filho nos braços: tinha prometido a Nossa Senhora que só a ela o entregaria.*

*Chegada a comitiva à Ermida, armou-se o acampamento real. A Rainha foi logo depor o corpo do Infante no altar da Virgem, enquanto o Rei dava ordens para que fizessem as exéquias. Sucedeu, entretanto, que um monteiro do Rei, transgredindo as ordens, soltou o seu açor. Num segundo, a bela ave sulcava os céus em liberdade, voando para longe, para o alto dos penhascos, de onde jamais voltaria. O Rei, furioso, ordenou que cortassem o braço do transgressor. Este, por sua vez, implorou proteção à Virgem, arrependido sinceramente do ato irrefletido.*

*Perante a sua fé simples, a Virgem não faz esperar a resposta: inverte o voo ao açor, que, descendo em círculos, vem pousar na mão que ia ser cortada, renunciando à liberdade que ansiara. Ao mesmo tempo, dentro da Ermida onde a Rainha velava o corpo do Infante, uma luz desceu sobre a criança, que abrindo os olhos, sorriu à sua volta, tornando à vida, livre do defeito com que nascera. A um grito da Rainha, o Rei, que observava o insólito retorno do açor, entrou correndo na Ermida, a tempo de presenciar os primeiros vagidos do filho. Louco de alegria, o Rei ali prometeu erguer uma Igreja, mais digna da miraculosa Senhora. Deste modo se construiu a Igreja hoje existente, e*

*que, em memória do duplo milagre, ficou a chamar-se de N. Sra. dos Açores. Conforme essa promessa feita (a aldeia) Açores constitui o principal e mais importante centro de romaria.*

#### **“O Açor e o Pajem”<sup>20</sup>**

*Um Rei cristão que veio de longe em peregrinação fazia-se acompanhar por um pajem que, segurava um açor destinado à caça de altanaria. Porém, o pajem descuidou-se e a ave fugiu das suas mãos, o que irritou grandemente o monarca, que de pronto sentenciou que lhe fosse cortado um braço. O criado vendo-se aflito, pediu auxílio à Senhora que atendeu o pedido do pajem fazendo com que o açor viesse de novo pousar milagrosamente no braço do criado, safando-se este da mutilação.*

#### **“Milagre da Batalha da Penhadeira”**

*Em 1187, um poderoso exército castelhano, entrou em Portugal, invadindo e apoderando-se de vários castelos beirões. Quando estavam em retirada foram surpreendidos por um pequeno exército, chefiado pelos alcaides de Trancoso e Celorico da Beira, que com ajuda da Virgem do Açor venceram os castelhanos. Deste milagre surgiu a romaria à Sra. do Açor.*

Ainda segundo Daniel de Sá, Gonçalo Velho Cabral era muito devoto da N. Sra. do Açor e, quando foi encarregue da viagem de exploração às ilhas avistadas por Diogo Silves, pediu a proteção à Virgem. Quando descobriu a primeira deu-lhe o nome de Sta. Maria, em agradecimento pela descoberta. Ao descobrir as outras, verificou que era um arquipélago e deu-lhe o nome de Açores, em honra da sua protetora.

Outros autores, ignorando esta possível origem do nome, pretendem que o conhecimento das ilhas teve lugar aquando do regresso das expedições às Canárias (entre 1340-1345) no reinado de D. Afonso IV (1325-1357). Com base no contista, poeta, historiador, que é Daniel de Sá, verifica-se que corrige no seu livro Açores (ed. Everest) as versões que circulam em rede sobre o Descobrimento:

*Gonçalo Velho Cabral que, a mando do Infante D. Henrique (quinto filho de D. João I e o principal impulsor dos Descobrimentos), organizou o povoamento de Sta. Maria e S. Miguel, talvez tenha sido também o padrinho destas ilhas honrando N. Sra. dos Açores, que se venera na antiquíssima Igreja gótica de Aldeia Rica, na Beira Alta, que era da sua especial devoção.*

*Data de 1345 o "Libro del Conoscimiento", de um frade de Sevilha, que teria acompanhado essas expedições portuguesas, descreve diversas ilhas:*

*"Sobí en un leño con unos moros e llegamos a la primera isla, que dizen Gresia, e après d'ella es la isla de Lançarote. E dende fui a otra isla que dizen Salvaje, [Selvagens, Madeira] e a otra que dizen la isla Desierta [Desertas, idem], e a otra que dizen Lecmane [Madeira], e a otra el Puerto Santo [Porto Santo], e a otra la isla del Lobo, e a otra la isla de las Cabras [S. Miguel], e a otra la isla del Brasil [Terceira], e a otra la Columbaria [Pico], e a otra la isla de la Ventura [Faial], e a otra la isla de San Jorge, e a otra la isla de los Conejos, e a otra la isla de los Cuervos Marines [Flores e Corvo], e en tal manera que son veinte e cinco islas<sup>21</sup>".*

Após esta descrição, manter-se-ão os nomes das ilhas dos Açores nas cartas náuticas, por mais de um século:

*1351 - O Portulano Mediceo Laurenziano<sup>22</sup> Itália, assinala as ilhas "Cabrera" (Sta. Maria e S. Miguel), Brasil (Terceira), Ventura (Faial), Columbis (Pico), Corvis Marinis (Flores e Corvo) e a de S. Jorge,*

*1375 - O Atlas Catalão, de Jehuda Cresques<sup>23</sup>, Paris, nomeia a ilha de S. Jorge.*

*1384 - O Atlas Walckenaer-Pinelli assinala a Ilha de Sta. Maria*

*1385 - A Carta de Soleri assinala as ilhas anteriormente apontadas e mantém a indicação da "Capraria" (Sta Maria e S. Miguel).*

*1413 - O mapa de Maciá de Viladestes<sup>24</sup>, assinala a Ilha de Sta. Maria.*

<sup>20</sup> <http://www.cm-celoricoabeira.pt/utills/showfoto.asp?id=/images/500/concelho/acoress/vista-do-jardim.jpg>

<sup>21</sup> (Monterey, 1981:28).

<sup>22</sup> (Atlas Laurentino, Atlas Mediceo), na Biblioteca Nacional de Florença,

<sup>23</sup> na Bibliothèque Nationale de France,

<sup>24</sup> na Bibliothèque Nationale de France

1426 - A carta de Giacomo Giraldi, assinala a Ilha de Sta. Maria.

Outra explicação, simples e plausível, é através do aportuguesamento da designação genovesa ou florentina de *azzurre*, ou *azzorre*, das míticas *ilhas azuis*, versão menos estimada pelos estudiosos da nomenclatura. De facto, o verde azulado da vegetação nativa, que cobria totalmente as ilhas, fazem-nas parecer azuis, mesmo quando vistas a curta distância. Resumindo, as ilhas acabaram assim:

- **Sta. Maria** - padroeira do descobridor Gonçalo Velho Cabral pois no dia em que a avistou era o dia dedicado a Sta. Maria de agosto.

- **S. Miguel**<sup>25</sup> - em honra do santo do mesmo nome quando um escravo africano em fuga a avistou do alto do Pico Alto de Sta. Maria em dia de S. Miguel Arcanjo. A alternativa a este batismo deve-se à cura de D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique. Estando muito doente, quase a morrer; a família resolveu levá-lo ao altar de S. Miguel Arcanjo. D. Pedro recuperou milagrosamente a saúde e o Infante D. Henrique manteve grande devoção a S. Miguel por ter salvado a vida do irmão.

- **S. Jorge** - em honra de outro santo, mas o descobrimento e povoamento estão envoltos em mistério. A primeira referência data de 1439. Em 1470 existiam núcleos de colonos na costa oeste e sul e a povoação de Velas fora fundada, quando chegou o flamengo Wilhelm Van der Haegen, que, no Topo, criou outra povoação, onde veio a morrer com o nome convertido para Guilherme da Silveira.

Rápido foi o povoamento bem como a sua prosperidade, pois a capitania era doada em 1483, a João Vaz Corte-Real, Donatário de Angra. Velas recebeu foral de vila antes do final do séc. XV.

... "é evidente que a ilha de S. Jorge, no anno de 1439, estava descoberta e em 1443 havia n'ella habitantes. Estas ilhas foram mencionadas na Livraria Laurentina, de Florença, dando-se ahi ao grupo de S. Jorge, Pico e Fayal, a designação de *Insule de Ventura Sive de Columbus*<sup>26</sup>.

E no mappa catalão de 1375 teve a ilha a indicação de *San Zorze*, significativa do dia do descobrimento<sup>27</sup>.

É de presumir que o nome dado à ilha proveio do mappa catalão, onde foi designada por *San Zorze*, allusivo ao dia do seu descobrimento, ou então é uma coincidência muito notável a descoberta feita pelos portugueses em igual dia, 23 d'abril".

O primeiro documento sobre o povoamento é do testamento do Infante D. Henrique, que diz: "...ordenei e estabeleci a Igreja de S. Jorge na ilha de S. Jorge". Oficialmente foram criadas três vilas: Velas (1500), Topo (1510) e Calheta (1534).

- **Graciosa** - provavelmente deve o seu nome às paisagens marcadas por aglomerações de baixas montanhas, colinas dispersas e pequenos cones vulcânicos, não atingindo os 100 m. de altitude.

Contrastando com as demais ilhas, a população concentra-se no interior. O epíteto "ilha branca" deve-se, provavelmente ao facto de existirem rochas claras na costa sul, onde a encosta da Serra Branca se junta ao mar;

- **Pico** - O nome tem origem na montanha que a domina, um pico pronunciado, o mais alto de Portugal com 2351 m. Após a descoberta, antes de 1439, era S. Dinis. Começou a ser povoada em 1460.

- **Faial** - Deve o nome à abundância de árvores de pequeno porte, a *faia-das-ilhas* (lat. *Myrica faya*). Em 1460, a designação henriquina era "Ilha de S. Luís [de França]". Aparece pela primeira vez no Atlas Catalão de 1375-1377, como "Ilha da Ventura". Gonçalo Velho Cabral, em 1432, terá achado as ilhas do Grupo Central. Diogo de Teive passa ao largo do Faial na primeira viagem de exploração para ocidente em 1451.

O único relato coevo conhecido da primeira expedição à ilha pertence a Valentim Fernandes da Morávia. Diz que o confessor da Rainha de Portugal, Frei Pedro, indo à Flandres, como

25 Convém esclarecer e ao contrário de registos circulando na rede: S. Miguel não é nem nunca foi Maida, Mayda, ou Ilha dos Demónios, na continuação da tradição referente à ilha Mam ou Man Satanaxia em mapas medievais. Foi uma das mais duradouras ilhas lendárias e aparece em mapas de 1375 a 1906.

26 (Dicionário de Geographia Universal, 1º vol. pp. 16)

27 (Archivo dos Açores, vol. X p. 279).

embaixador junto da Duquesa de Borgonha (Infanta D. Isabel de Portugal) relacionou-se com um nobre flamengo chamado Joss van Hurtere, ao qual contou como se acharam as ilhas em tal rota e que havia nelas muita prata e estanho.

Os Açores eram as supostas Cassitéridas. Hurtere convenceu 15 homens de bem e trabalhadores, dando a entender, de como os faria ricos se o acompanhassem.

- **Corvo** - pela colônia de corvos marinhos lá existente. A designação henriquina é Ilha de Sta. Iria que também se aplicaria às Flores. Foi também chamada "Ilhéu das Flores", e "Ilha do Marco", pelo monte do Caldeirão servir como referência geográfica para os marinheiros. Nos mapas genoveses do séc. XIV e Atlas Mediceo de 1351, é mencionada a "Insula Corvi Marini" (Ilha dos Corvos Marinhos). É provável ser designação para ambas [Flores e Corvo], como parece ser o caso no Mapa Catalão de 1375.

- **Flores** - o seu nome deve-se à variedade de flores e plantas. Inicialmente, foi denominada de S. Tomás ou de Sta. Iria. O nome foi mudado para Flores, devido à abundância de flores amarelas (cubres) cujas sementes foram possivelmente trazidas da Florida por aves. A hortênsia<sup>28</sup> (nos Açores "novelões") foi introduzida no séc. XIX. Hidranja ou Hidrângea é nativa do sudeste asiático (Japão, China, Himalaias e Indonésia), sendo uma palavra grega composta (água e vaso) usada desde 1739.

- **Terceiras** - Como já se conheciam os arquipélagos das Canárias e Madeira, as novas ilhas eram conhecidas como Terceiras. Ali se situava o porto onde os barcos dos descobrimentos aportavam para se abastecerem, os navegadores portugueses passaram a dizer que iam à Terceira. O trigo era a principal cultura.

**Brasil / Terceira** - Cento e cinquenta anos antes da descoberta do Brasil já havia nos Açores esse nome. A origem é contraditória. As raízes estão em vocábulos italianos da Idade Média para designarem o vermelho: verzino, barcino, verzi, berzi, varzino, brazino e a palavra latina *brasile* "aspeto de brasa". "Terras do Brasil" seriam as regiões onde se encontravam plantas tintureiras. No Oriente há espécies diferentes com o nome de "brasil".

O Monte Brasil é uma península e fecha a Angra que dá o nome à cidade. Já tinha esse nome antes de Pedro Álvares Cabral topar com o Monte Pascoal. Em 1436, nove anos depois da descoberta e três anos antes do povoamento dos Açores, a ilha foi assinalada como I. de Brazi no mapa-mundo do veneziano Andrea Bianco.

Desde 1325 nos mapas e nas lendas, a ilha Brasil rondava o imaginário europeu e continuou a assombrar as cartas marítimas entre a Irlanda e os Açores.

"Brasil" são duas palavras com etimologias e histórias diferentes.

Uma, de origem celta, deu nome à ilha lendária, ao monte Brasil dos Açores, a um recife canadiano e ao sobrenome Brazil de descendentes de irlandeses.

A outra, de origem árabe, deu "brasa", "braseiro" e "pau-brasil" e o nome do maior país da América do Sul. "Wars" é o nome árabe de uma planta iemenita ("*Memecylon tinctorium*"), usada para tingir tecidos. Dela derivam o verbo "warrasa" (tingir vermelho-alaranjado) e o adjetivo "warsii" (cor de brasa).

Os árabes chamam "warsii" a corantes vegetais que forneciam uma tonalidade semelhante, e o mais importante era extraído da árvore "pau warsii" ou pau-brasil.

O Brasil irlandês nasceu em Dubhadh ou Sidhe Breasail, hoje Dowth, o mais imponente monumento pré-histórico irlandês. Breasal, filho de Felim, é o lendário antepassado de um clã Breasal no lago Neagh (Ulster), que em inglês é Clan Brazil e do qual descendem muitos de apelido Brazil.

Mas no Brasil há algo mais intrigante do que a origem do nome. São vestígios de presença humana, há pelo menos 15 mil anos, como ossos humanos na Lagoa Santa (Minas Gerais) e cerâmica no baixo Amazonas.

Quando os europeus chegaram ao Brasil havia entre 1,5 e 5 milhões de habitantes.

No Nordeste, datações superiores a 10 mil anos foram constatadas na Bahia em Coribe (Morro Furado), em Central (Toca de Manoel); em Pernambuco, em Bom Jardim (Chã do Caboclo)

<sup>28</sup> O nome hortênsia surge a partir de 1773 em honra de Hortense Lepaute, astrônoma. Hortênsia não é considerada nomenclatura científica e apenas se refere à subespécie trazida das ilhas Maurícias: *Hydrangea macrophylla*.



e Brejo da Madre de Deus (Furna do Estrago); no Rio Grande do Norte em Parelhas (Sítio Mirador), em Carnaúba dos Dantas (Sítio do Alexandre).

No Piauí além do Boqueirão da Pedra Furada, no Sítio do Caldeirão do Rodrigues I, obteve-se a data de 18.600 anos e 10-15 mil anos no Sítio do Meio, no Sítio da Janela da Barra do Antonião e no Sítio do Perna I. Finalmente, no vale do S. Francisco, em Petrolândia (PE), a Gruta do Padre e o Sítio do Letreiro do Sobrado forneceram datações entre 7 e 5 mil anos".

\*\*\*

### 10.3. MEMÓRIAS DE BALI

Em Bali nos meses que lá vivi, a melhor água era a do mar que ficava a uns metros com passos da minha choupana de colmo. Era uma cabana duns 30 metros quadrados, com janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem.

*Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais...e isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro "losmen" onde vivi em que tínhamos um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocar os pés para fazer as necessidades agachados, à boa moda oriental.*

*Para nos lavarmos havia uma espécie de um grande tanque de lavar a roupa, com um balde que tínhamos de encher e depois despejar por cima de nós quando já estávamos ensaboados. Havia ainda, pendurado do teto, um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, atividade rara nos idos de 1973-1975.*

*A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas depois de viver em Timor sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica, esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Foi lá que comprei o meu primeiro par de "jeans" (calças de ganga chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam e surgia uma fita na testa.*

Ao chegar a Bali nada conhecia, além do que ouvira aos "hippies" em Díli na "Beach House (o Hilton dos Hobbies)" em plena praia de Lecidere, e fui para o alojamento mais barato que encontrara: um losmen... instituição bem curiosa, uma espécie de casa de hóspedes ou albergaria comunitária ocupado maioritariamente por ocidentais como eu. Um retângulo em torno de um jardim central. O meu chamava-se *Sapta Petala*<sup>29</sup> com 12 quartos em volta, e no centro do jardim havia a casa dos donos, uma casa comunitária em bambu, toda aberta, com a sua cama elevada dominando o centro e com uma espécie de pequeno jardim entre a varanda que corria a toda a volta em frente à porta dos quartos e a casa dos donos do losmen. Era ali onde, interminavelmente, dia após dia, o jovem "Sam" Katut tocava o xilofone de bambu evocando as lendas e tradições locais do célebre livro sagrado a *Rāmāyana*<sup>30</sup>. Toda a vida girava em volta do centro, a casa, onde continuamente preparavam o chá quente para encher as garrafas termos que colocavam com um biscoito à porta dos hóspedes.

*De manhã era normal ver os membros da família a preparar as oferendas dum cesto de comida e um pau de incenso que iriam colocar nas representações das divindades na esquina da estrada. Eram estatuetas pequenas, de feições aterradoras, normalmente vestidas com uma espécie de saia de chita aos quadrados pretos e brancos. Havia-os na esquina da estrada da praia de Kuta para Denpasar e noutras.*

*Esses pequenos cestos, de uma leveza e complexidade incríveis, têm por função acomodar uma flor, uma vela, um pedaço de incenso. Colocam-se no chão, numa encruzilhada, para agradecer aos deuses (e são tantos!) que vivem diariamente com os balineses. Estas oferendas são*

29 (Sete partes descrevendo a vida do homem. Sapta Petala é um símbolo das sete hierarquias da vida humana)

30 A *Rāmāyana*, रामायणम् *Rāmāyaṇam*, Sânscrito: marcha ou jornada (Āyana) de Rāma é parte do Hindu smṛiti, escrito por Valmiki, sendo datada de 3000 a.C. (com base nos dados astronómicos). Este épico de 24 mil versos em sete kānds (capítulos) fala-nos dum príncipe Raghuvansi ("Da Dinastia do Sol"), Rama de Ayodhya, cuja mulher Sita é raptada por Rākshasa, ou demónio, Rāvana. A *Rāmāyana* teve uma importância notável na poesia tardia em Sânscrito, sobretudo por ter criado a métrica Sloka. Mas, à semelhança do épico Mahābhārata, a *Rāmāyana* não é apenas uma boa história, contém os ensinamentos dos velhos sábios hindus e apresenta-os através de alegorias na narrativa, misturadas com aspetos de devoção e de filosofia. Os personagens Rama, Sita, Lakshmana, Bharat, Hanumāna e Rāvana (o supervilão da história) são todos fundamentais numa consciência alargada da Índia Tal como os Cristãos acreditam no nascimento de Jesus, a religião Hindu crê no nascimento de Rāma. In <http://en.wikipedia.org/wiki/Ramayana>



*biodegradáveis, e acabam sendo reincorporadas na natureza. As meninas cantam uns cânticos, enquanto seguem as mães ou irmãs mais velhas nas cerimônias, umas aprendendo com as outras.*

O animismo, a crença nos demónios e nos espíritos malévolos, mantêm-se bem arraigados. Os balineses têm uma visão dualística do mundo: o céu e a terra, o dia e a noite e os deuses e demónios são o oposto, mas com a mesma importância. A isto se refere o pano, tipo saio, de xadrez que é sempre usado em decorações de templos e estátuas. Quer os deuses quer os demónios necessitam de oferendas para se apaziguarem. Muitas vezes as oferendas não passam duma folha de banana com um pequeno cesto de arroz ou de flores.

*São estes que se encontram por toda a parte, muitas vezes também são colocados no chão e ai de quem os pisar, como aconteceu a alguém que me acompanhava e que ouviu uma série de improperios em balinês ou indonésio. Nunca cheguei a saber se era um esconjuro ou não, nem se a maldição se cumpriu. Quem me acompanhava perdeu-se na voragem de pessoas que preenchem a vida de cada um, depois, tal como apareceram, misteriosamente desaparecem sem deixar rasto, nem sequer o fumo dum nome ou a névoa duma face. São como as pupas das borboletas que cumprem a função transitória e desaparecem.*

*Depois do losmen Sapta Petala passei a viver numa minúscula casa dum quarto só, toda pintada nas paredes exteriores por anteriores locatários, em Poppy's Lane (quem desce do lado esquerdo) Kuta Beach. A casa era uma verdadeira obra de arte em permanente construção. Nada lhe acrescentei, pois, a minha área como perito era mais dos gatafunhos que dos riscos.*

*Esta viela (Poppy's Lane) era há 35 anos um mero caminho poeirento ou lamacento, uma estrada de areia orlada de palmeiras e cheia de buracos, normalmente cheios de água das chuvas sendo hoje um mercado de tendinhas alcatroado.*

Bali é muitas vezes denominada “Ilha dos 1000 Templos” ou “dos Deuses”. As aldeias têm sempre três templos: *Pura Desa*, para os festivais religiosos, *Pura Dalem* para a Deusa da Morte (onde se iniciam os rituais da cremação) e *Pura Puseh* dedicado aos Deuses do Céu. Há templos por toda a parte, na montanha, nos vales ou nos inúmeros arrozais em socalcos (onde há um templo dedicado à Deusa do Arroz) e até mesmo na costa. Todos são diferentes. Há quem fale em mais de 300 mil templos, outros falam de 20 mil, milhares há decerto, mas apenas vi algumas dezenas nos enriquecedores meses da vida na ilha. Verdade seja dita que eu não fora lá para contar templos.

Bali tem duas montanhas sagradas, o *Gunung Agung* (com o vulcão do mesmo nome) e *Gunung Batour*. Talvez o mais sagrado seja o grande templo de *Besakhi* nas encostas do monte Agung (3 150 m), vulcão que nunca adormece profundamente.

*Em 1963, um erro cometido na data da cerimónia do centenário do Eka Desa Rudra terá feito despertar a cólera do vulcão, após um repouso de 120 anos. Foi considerado milagre o templo não ter sido afetado apesar de se terem registado mortes e danos. O que ocorreu em 1963, 16 anos antes da data prevista, deveu-se a uma tentativa do ditador Sukarno impressionar um congresso mundial de agentes de viagem. Já a cerimónia a meio quando o Gunung Agung começou a vomitar cinzas e fumo antes de explodir na mais violenta erupção em seiscentos anos.*

*Mais de mil e seiscentos mortos e oitenta mil desalojados foi o custo da imprudência do ditador indonésio. Este evento, a que toda a população de Bali acorre é o mais majestoso de todos e só se realiza uma vez a cada cem anos. Uma cerimónia espetacular de purificação em que a harmonia e o equilíbrio nas pessoas e na natureza são restaurados em onze direções diferentes.*

Não só este, mas todos os grandes festivais são cortejos coloridos. São celebrados por todos com enormes procissões ao templo. Vão acompanhadas de músicos a tocarem gamelão, um instrumento musical coletivo constituído por metalofones, xilofones, gongos e outras percussões. Alguns homens levam bambus altos com bandeiras brancas e amarelas, outros seguram guarda-sóis dourados de hastes compridas sobre um andor. Vão à ribeira purificar-se, pois em cada aldeia existem pontos de água sagrados. Animada pelas mantras, esta água torna-se água de exorcismo: irá lavar as oferendas sagradas.

Todos os templos têm duas áreas abertas, um ante-pátio exterior para o qual se entra pela entrada dividida ou *Candi Bentar*, e um pátio interior para onde se entra através duma porta com telhado ou *Padu Raksa*. A palavra templo, *Pura*, derivada do sânscrito traduz-se como *lugar cercado por paredes*.

*Os templos balineses têm dois ou três pátios, a entrada exterior é normalmente elaboradamente decorada com relevos na pedra e duas estátuas, uma de cada lado a servirem de guardiões do templo.*

*O pátio externo está separado do interior por uma parede cuja entrada é a porta com telhado, a Padu Raksa. As paredes estão decoradas com baixos-relevos descrevendo cenas históricas da tradicional mitologia Mahabharata, ou meras cenas da vida quotidiana em Bali.*

*No meio do pátio interior existe uma imponente frangipana<sup>31</sup> ou uma figueira waringin (Ficus benjamina). No primeiro pátio exterior, fazem-se as preparações para os ritos religiosos ou os festivais do templo. No interior está o autêntico santuário com altares e tronos dos deuses. Cada templo tem um altar para o deus local dos antepassados (é o mais importante de todos os altares), e dois altares para as montanhas sagradas Gunung Agung e Gunung Batur.*

Impressionantemente avassaladores pela majestosidade são os Meru. Parecem pagodes chineses de madeira, assentes numa base de pedra e podem ter até onze fileiras de telhados cobertos com folhas ou fibra negra de palma, cuja arquitetura, data de construção, tipo de madeira, obedece ao calendário balinês e a uma complexa teia de normas. Os Meru têm sempre um número ímpar de fileiras. Com onze fileiras são dedicados a Shiva.

*A religião balinesa baseia-se no Hinduísmo, mas incorpora inúmeras influências anteriores e crenças animistas em especial no que concerne à adoração dos antepassados. Em tempos imemoriais, o fundador duma aldeia era venerado como um deus após a sua morte. Quando os príncipes Hindus de Java ocuparam a ilha, a sua forma de adoração dos mortos aproximava-se bastante da dos habitantes de Bali. Os vários deuses (Terra, Fogo, Água e Fertilidade) eram vistos como manifestações diferentes do Trimurti, a trindade Hindu de Brahma, Vishnu, e a criadora - destruidora Shiva.*

*Bali tem um sistema de castas semelhante ao da Índia, mas nenhuma se assemelha aos Párias. A mais elevada é a dos Brâmanes, sacerdotes. A seguir vêm os nobres (membros das antigas famílias reais de Bali) denominados Ksatriyas. A terceira casta é a dos Vesiya, os guerreiros. A mais baixa é a dos Sudra, à qual pertence quase 95% da população de Bali. Os das castas mais elevadas usam títulos especiais como Gusti (membro dos guerreiros), Ida Ayu or Ida Bagus (mulher ou homem, duma família Brâmane), ou Anak Agung (da casta Ksatriya), etc.*

O povo balinês mantém-se conservador e tradicional, sendo muito educado e sorridente, e utiliza o aperto de mão como cumprimento normal para homens e mulheres. A mão esquerda é utilizada para higiene e nunca se deve dar ou receber seja o que for com essa mão, nem sequer apontar.

*Quanto a vestuário, tenha sempre um sarong à mão. Para os ocidentais uma visita a um templo obriga a que se adapte o vestuário, pois não se pode entrar utilizando as roupas ocidentais, por mais pudicas que sejam. Terão sempre de vestir o sarong, com uma faixa ou banda de pano em volta da cintura a segurar essa espécie de longa saia, tipo sari, usada comumente por homens e mulheres em todo o oriente.*

*É impossível penetrar num lugar santo sem esse retângulo de pano apertado na cintura e a descer até aos tornozelos.*

*As cerimónias nos templos e outros rituais são sempre eventos sagrados pelo que a utilização desse vestuário apropriado é obrigatória. Nas visitas aos templos podem ainda vestir o traje nativo "pakian adat", as mulheres de cabaia, kain [saia] e faixa, e os homens de udung [bandana na cabeça], um saput comprido por cima do sarong [aliás a designação correta deveria ser kamben] e faixa.*

Se estiver a ocorrer um festival não deve entrar sem ser convidado. Na entrada dos templos havia um letreiro que me impressionara e chocara da primeira vez em 1974. Depois habituei-me a vê-lo, muitas vezes em quatro línguas, lembrando que o ingresso no templo é interdito às pessoas "impuras". Por uma lei religiosa ancestral, mulheres menstruadas ou uma pessoa com uma ferida ensanguentada não podem entrar nos templos. Seria ideia genial para os templos portugueses dada a impureza que grassa em Portugal...

---

31 (Plumeria rubra, jasmim-manga, árvore-pagode)

*A dança constitui, para os balineses, um meio de comunicar com os deuses. Os bailadores mimam as cenas da época hinduísta Rāmāyana bem como episódios míticos com monstros, feiticeiras, o amor e o ódio.*

*O legong kraton, uma das danças clássicas, só pode ser interpretado por duas jovens de menos de dezasseis anos. Uma longa tira encerra o busto das bailadeiras que executam passos muito precisos, acompanhados de movimentos de cabeça, dos ombros e do corpo.*

*As outras danças (o Kecak, barong kris ou tari legong) são igualmente mesmerizantes e sempre acompanhadas pela música que a princípio se estranha. Se a princípio parece monocórdica, depois apodera-se de nós parecendo ter várias tonalidades.*

A não perder, a cerimónia religiosa que mais me marcou em toda a vida: o Ngaben, a cremação. Muitos acreditam que é a mais importante de Bali, porque catalisa todas as crenças que se manifestam nas cerimónias públicas e rituais mais privados. A religião hindu balinesa acredita que a alma da pessoa se reencarna, e tem que passar por várias fases para atingir a Moksha, ou libertação eterna. Os que não conseguem atingir a perfeição voltam ao mundo e têm que atravessar as mesmas fases, em busca da libertação. Depois da morte, os cinco elementos cósmicos - ar, terra, fogo, água, e espaço exterior - acompanham a pessoa na viagem após a morte, e ajudam-na a atingir a Moksha.

*Esta cerimónia do Ngaben não pode ser feita a qualquer dia nem pode ser oficiada por qualquer pessoa. Terá que se determinar um dia propício e a família do morto deve financiar a cerimónia e festa. Se o dia propício à cremação chegar anos após a morte, constitui um problema para a alma da pessoa, que não pode ser libertada. Durante essa espera o corpo é sepultado até ao dia da cremação, quando é desenterrado para a cerimónia. Se uma comunidade tiver vários corpos enterrados a esperarem pela cremação, é possível haver uma cremação conjunta, o que ajuda às despesas.*

*A procissão não pode ir diretamente para o lugar da cremação, porque se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode voltar para importunar a família, pelo que será preciso confundir-lo quanto ao caminho de regresso. Também é necessário atrapar os possíveis espíritos desocupados que se encontrem pelo caminho da procissão e resolvam segui-la. Se considerarmos que o espírito do morto também se pode lembrar de onde vivia, isto resultaria numa confusão de espíritos, trazidos pelo espírito do parente morto para apoquentar a família.*

*Os balineses têm por hábito reunir em grupos para conversar e contar histórias, portanto não seria de estranhar que os seus espíritos continuassem a fazer o mesmo, e acabassem por ir bater à casa do morto. Isto motiva a que as procissões funerárias, além de serem coloridas e festivas, também sejam complicadas, porque envolvem andar em círculos, definir caminhos de ida e volta, enquanto um sacerdote sentado no andor deita uma aspersão de água benta na procissão e nos que se encontram à beira da estrada, para protegê-los. Vale tudo para confundir os espíritos. Todos os membros duma comunidade têm que participar no evento e contribuir, mesmo quando a família é rica.*

*Depois da cremação propriamente dita, as cinzas são dispersas no ar e na água (rio ou mar). O corpo deve estar num sarcófago com a forma de animal e a escolha do animal varia de etnia para etnia. Alguns são surrealistas, com uma mistura de elefantes com peixes ou algo semelhante. Os corpos são envolvidos com finos tecidos - os mais caros que a família puder - e são transportados num andor que pode ter um telhado no caso das pessoas pobres e 11 telhados, o máximo permitido para os reis.*

*A altura do andor em bambu, pode chegar aos 25 metros e o transporte pelas ruas pode necessitar de 400 pessoas desde a casa do morto até ao local de cremação, cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente.*

A mais impressionante - talvez por ser a primeira - a que assisti, num dia bem quente e húmido, como é costume em fevereiro (1975) ocorreu em plena praia de Kuta e o sarcófago tinha a forma de vaca. Presentes centenas de pessoas. O cortejo foi levado ao local da cremação, onde o falecido foi devolvido aos cinco elementos originais: a terra (*Pertivi*), a água (*Apah*), o fogo (*Teja*), o ar (*Bau*), e o éter (*Akasa*).

*O corpo é transportado num andor de bambu enfeitado de flores, espelhos e sedas coloridas. O tamanho é determinado pela importância do morto e é carregado nos ombros de homens da comunidade. Toda a gente dança e canta em volta do andor após ter sido ateadado o fogo. O cheiro intenso, mas não desagradável numa atmosfera surreal, que não se explica, mas se vive, em presença de toda a conjugação de elementos.*

*Depois das várias horas que demorou a arder, os convivas meteram-se em canoas e foram para o mar onde se despojaram das cinzas.*

*Talvez tivesse sido nesse dia indeterminado que decidi ser cremado e as cinzas deitadas ao Pacífico Sul. Durante muitos anos tive essa cláusula num testamento válido, o que espantara a minha mulher, descrente das coisas dos orientes exóticos.*

*Curiosamente, em outubro 2016, a Igreja Católica desaconselhava as cinzas e proibia que ficassem em casa ou lançadas aos elementos, estipulando que deveriam ser guardadas em local de culto...*

O animismo, a crença nos demónios e nos espíritos malévolos mantém-se bem arraigado. Um ano em Bali só dura 210 dias e não 365...o que dá uma média de uma festa em cada 3,8 dias. A um forasteiro ninguém estranharia se dissesse que a ilha está sempre em festa. É nessas ocasiões que os tocadores de gamelão fazem o ar vibrar, as oferendas de flores e frutos enfeitam os altares e a alegria dos deuses se derrama sobre os participantes.

Em *Besakhi*, no templo-mãe, são programadas cinquenta e cinco festas todos os anos. As tradições exóticas desta cultura milenar, diferente das restantes 18 mil ilhas indonésias, continuam preservadas apesar da massificação turística intensificada após 1975, pois representam a principal fonte de rendimento dos balineses.

*As festas quotidianas, danças e oferendas aos deuses venerados na ilha são rituais cada vez mais aplaudidos. O espetáculo de Wayang Kulit (teatro de sombras) começa ao pôr-do-sol. O cenário é simples: um ecrã de algodão branco, estendido verticalmente, defronte do qual são animadas as marionetas. O dalang, que manipula as figuras, oficia como uma personagem sagrada: tem a sombra dos deuses na ponta dos dedos. Inesquecível, um autêntico transê. Originalmente, os wayang kulit eram retratos em pergaminho dos antepassados já mortos que funcionavam no ritual da representação como recetores dos seus espíritos.*

*Em Bali ainda não se usam nomes de “estrelas de cinema, futebol ou televisão” para os recém-nascidos. O primeiro filho recebe sempre o nome de Wayan, Gede ou Putu. O segundo chama-se Made (lê-se máhdei), Nengah ou Kadek. O terceiro é Nyoman ou Nengah ou Kadek e o quarto de Ketut (pronunciado katut). Se houver um quinto filho, é fácil, a lista recomeça em Wayan e assim por diante. Tanto faz se for homem ou mulher.*

*Pode parecer estranho, mas os balineses acham o sistema muito simples e prático. Existem ainda outras formas de designar as pessoas num sistema circular de quatro gerações, mas fica para outros pesquisarem, porque envolveria explicar os casamentos interfamilias e outras noções de homenagem aos mortos que seriam demasiado específicas para este contexto.*

Falar de Bali obriga a mencionar o coração artístico, nas montanhas. Ubud é hoje um centro comercial e turístico desde que artistas do ocidente, a partir de 1940, descobriram a arte local: escultura, pintura, dança, música. Lá encontra-se de tudo, especialmente, trabalhos esculpidos em madeira. Não muito longe fica a Montanha dos Macacos (atenção que são criaturas irritantes e pestilentas) com os seus templos, mas detestei ir ao santuário, pois os macacos eram uma verdadeira peste.

Para viajar nesse tempo em Bali<sup>32</sup>, quando se tinha algum dinheiro, alugava-se uma moto e tentava-se sobreviver nas estradas pejudadas de perigos. Hoje ainda é mais perigoso do que quando lá vivi, e não há regras de trânsito, ou se existem, é como em Portugal, só se aplicam se o polícia vier e obrigar... Lembro-me de me ter atirado para a valeta a fim de não ser colhido por carros que circulavam a grande velocidade, como se a estrada lhe pertencesse. Nessa altura guiava-se sem capacete. Guardo hoje num tornozelo a cicatriz duma dessas quedas.

Havia também os *becak* ou riquexós, bicicletas com um assento para passageiros (até um máximo de dois) puxadas pelos pedais e a força dos esqueléticos condutores, autênticas bestas humanas. Quando o dinheiro era pouco usava-se o *bemo*, transporte coletivo curioso. Só arrancava quando estava cheio e acreditem que essas motorizadas com uma pequena caixa chegavam a levar 10 pessoas. Hoje, estes transportes existem em versões modernas e bem mais confortáveis.

---

32 (uma ilha grande, hoje com 3,5 milhões de habitantes e 5600 km<sup>2</sup> enquanto S. Miguel nos Açores tem 131 609 e 750 km<sup>2</sup>)



*Tudo começou por um acaso a que a minha vontade era alheia. Parei em Bali após um telefonema que me deixou solteiro, geograficamente já o era. Só iria regressar a Portugal depois de terminar o famigerado SMO<sup>33</sup> no Exército Colonial Português, mais propriamente ao serviço do CTIT<sup>34</sup> em Dili, na Chefia dos Serviços de Intendência. Há tempos, numa estatística dos casais portugueses que conheci em Timor quase nenhum se mantinha casado!*

*Seria da comida? Da água? Do clima?*

*Que aquela terra marcava as pessoas já se sabia, mas iria influenciar numa forma duradoura todos os que lá tinham estado e era merecedor dum estudo. Mais um tema de mestrado a explorar quando o Ministério da Educação anunciar mais cursos novos.*

Éramos uns três ou quatro na nossa primeira aventura em Bali, típicos latinos com vinte e poucos anos -, esfaimados pela ausência de quase tudo em Timor. Em Bali havia muitas mulheres belas, a gentileza e cortesia das locais deixou-nos assombrados. Mais tarde descobriríamos que era só simpatia e mais nada.

A comida era barata, a humidade insuportável, mas as praias eram um espanto. Enchi-me de passear, conhecer gente nova e aprender finalmente o que era a vida: *sex, drugs and rock'n'roll*.

Depois viria outra paixão louca, pois cedo conheci gente australiana e apaixonei-me (uma vez mais e sempre loucamente, o regresso súbito a Timor e a ida para a Austrália. Isto tudo veio a propósito da notícia sobre a reduzida esperança de vida nos Açores. Levou-me a pensar quão feliz já era por ter experienciado isto e muito mais. Fizemos um casamento tradicional, numa cerimónia à moda local, e vive-mos juntos até ela regressar a Melbourne, após 2 anos na Europa e uma viagem *hinterland* através do Nepal, Índia, etc. Fiquei desolado, mas prometi ir ter com ela logo que pudesse.

*Momentos inesquecíveis, apanhei o primeiro avião, a custo de centenas de rupias para a corrupção local, no aeroporto da metade ocidental da ilha (Kupang ou Cupão) e lá cheguei a Dili. Nem sequer sabia que Darwin tinha ficado destruído pelo ciclone Tracy na noite de natal...teria de voar por outro lado. Vendi as minhas coisas para ter dinheiro para a viagem, incluindo uma das raras máquinas de filmar Super-8 que havia em Timor.*

*Consegui dinheiro suficiente para que alguém da agência de viagens da família do Capitão Chungue me conseguisse lugar num dos voos superlotados para Jacarta. Apresentei-me na Embaixada Australiana acompanhado dum documento que provava ser um oficial do exército português e uma carta dela a garantir-me acomodação garantida quando fosse à Austrália.*

#### **10.4. BALI, AUSTRÁLIA, AMNISTIA, FÉRIAS, VIAGENS**

Recapitulemos, depois da amnistia concedida a todos os militares pelo Presidente Spínola, sou finalmente autorizado a partir [novº 1974] em gozo de licença militar acumulada e prolongada. Apanhei um avião para Bali, num dos bimotores *Hawker Siddeley Hawker de Havilland DH-104 Dove 6, Douglas DC2*, nem me lembro qual e viajo para Bali e Java (Jogyakarta, Surabaya, Jacarta) antes de visitar a Austrália (Melbourne e Sydney). Ali estabeleci contactos com os diplomatas portugueses nas capitais estaduais, e tentei aperceber-me da amplitude da revolução dos cravos e dos sentimentos quanto ao futuro de Timor-Leste. Entretanto eu mudara e não era só de aspeto. Deixara crescer a barba e o cabelo, usava uma fita (bandana) a segurá-lo, vestia calções de linho e uma curta *kebaya* ou camiseta *batik* e calçava umas sandálias locais à Jesus Cristo.

*Disponha de bilhete de regresso e de dinheiro suficiente para a estadia pelo que rapidamente me deram o australiano e desejado visto.*

*Fiquei no económico YMCA Melbourne<sup>35</sup>. Levava duas malas e mal saí do terminal das linhas aéreas Ansett, na baixa, apanhei um elétrico e o condutor, emigrante jugoslavo, meteu conversa e achou piada à minha história de amor, e nem aceitou a nota que lhe dei para pagar a viagem. Foi*

33 (Serviço Militar Obrigatório)

34 (Comando Territorial Independente de Timor)

35 (alojamento para jovens cristãos, Young Men's Christian Association)



*ele que me indicou onde dormir barato. Apanhei novo elétrico por St Kilda Rd. e pela Commercial Road para Prahran. Depois mudei para um Hotel barato na baixa.*

*O dinheiro que levava era insuficiente para o elevado custo de vida australiano.*

*Fui a uns concertos (Neil Young e Roberto Carlos (passe-se!) eram atrações nesse mês e estive, no Hard Rock Café onde ouvi pela primeira vez, Renée Geyer que mais tarde ouviria em muitos outros sítios e ainda hoje adoro.*

*Perdi o festival tipo Woodstock que havia em Sunbury, mas acabei por ver a cidade a pé e gostar imenso da Austrália.*

*Creio que foi então que decidi fixar-me no país. Fui ao Consulado Português (então na St Kilda Road) onde pontificava o, já falecido, John Dowd que prontamente me adiantara cem dólares (coisa que ninguém faz hoje).*

*Tentei depois encontrar-me com uma pen-pal neozelandesa de há anos, mas não tinha dinheiro suficiente e nenhuma carta a garantir a acomodação na Nova Zelândia.*

*Depois, fui a Sydney. Fiquei num hostel da juventude em North Bondi e fui a Strathfield onde estava o Consulado, lá conheci o Deolindo da Encarnação e o cônsul que me levaram a almoçar. Tinha lá estado o Ramos-Horta, dias antes, e trocamos impressões sobre a situação em Timor.*

*Ao regressar à Indonésia em janeiro 1975, fui impedido em Denpasar (Bali) de embarcar para Timor, num voo para Kupang (Timor Ocidental), porque o território estava 'off-limits' (interdito a estrangeiros). Tentei insistir, reiterando a posição de Oficial do Exército em férias, a situação agrava-se, sendo momentaneamente considerado suspeito (espião?) e interrogado pelas autoridades militares indonésias.*

Depois de decidir que este poderia ser o país do meu futuro, regressei a Bali. Não demorei tempo (marca pessoal da minha vida afetiva, logo que uma oportunidade se fecha outra se abre) a conhecer gente nova, fazendo novas amizades e dentre elas um anjo de *Byron Bay*<sup>36</sup>.

*Assim, decido ficar em Bali onde estava a minha futura Ms com os primos direitos, a Stephanie e o irmão, que geriam um negócio de exportação e manufatura dos batik indonésios, peças de vestuário impressas a tinta no tecido, segundo um método centenário próprio dos locais. Ela fazia o design têxtil e depois exportava para a firma dos pais pois havia grande procura de batik na Austrália. Tímida e sensual, lentamente se começa a envolver comigo para grande consternação dos primos, que não me achavam grande peça: apesar de caucasiano não era australiano e vinha de cultura e hábitos diferentes.*

*E foi por não me terem deixado embarcar para o Cupão (Kupang) que tudo começou. Pouco depois, ela mudou-se para a minha casa que (como se descreveu atrás) era um quarto só com uma cama de madeira em pau-preto, muito alta e sem colchão, típico da zona. Cá fora havia o tal pátio coberto com desenhos das pessoas que lá passaram antes. banho de balde, à moda balinesa no jardim, no pátio cheio de pinturas.*

*A vida decorria simples, bebia-se Pernod no Poppies', que era um dos melhores bares da época em Kuta e dispunka já do célebre Mateus Rosé<sup>37</sup>, que incentivei toda a gente a provar.*

*No nosso restrito círculo não se fumavam charros nem havia vontade de experimentar cogumelos mágicos depois da irrepetível memória do dia que nunca mais findava e do banho com bo-dysurf por entre vagas alterosas.*

*Era um idílio suave, marcado pela minha constante incerteza e volatilidade, que iria durar três anos, embora não o soubesse. Foi culminado com a tradicional cerimónia local de casamento balinês<sup>38</sup>, danças e lengalengas.*

*Tempo de paz e de serenidade comigo e com o mundo, que me deixaria saudades eternas e dúvidas sobre se aquele não teria sido de facto o encontro fortuito e único de duas almas gêmeas. Ainda hoje havia uma certa nostalgia ao pensar na mulher doce, dócil, nem submissa nem subjugada, que soubera romper com as barreiras de oposição da família para seguir o coração. Talvez me tivesse levado a bom rumo e não ao caos que tive pela frente.*

*Penso que se a minha vida não se tivesse complicado da forma que se complicava sempre, teria sido melhor ter continuado a viver com ela quando se juntou a mim em Macau em 1977. Talvez*

36 no norte de Nova Gales do Sul onde vive o ator Paul Hogan (Hodges) mais conhecido pelos seus papéis em "Crocodile Dundee." Ali existe uma comunidade de hippies misturada com verdes, ecologistas, naturalistas, gays. Consta que se cultiva a melhor erva australiana, ciclicamente destruída pela polícia federal.

37 Já naquela altura a exportação de Mateus era cem mil vezes superior à sua produção local em Vila Real

38 (existe uma magnífica e completa experiência similar e descrição deste casamento em <https://www.voucontigo.com.br/o-nosso-casamento-em-bali/>)

*tivesse tido menos provações e mais alegrias... Nunca saberia nem haveria de saber, dado que nos anos 80 e 90 o velho endereço postal remetia-me as cartas devolvidas.*

Entretanto comprei, a meias um pequeno café-restaurante, com o um "mate"<sup>39</sup> australiano, Dick Thornton (um vigarista barato de Bondi, Sydney), era o *Perama's*, logo no começo da estrada para Legian, especializado em bolos, e do qual jamais esqueceria o *Banana Cake* (bolo de banana). O Dick estava exilado em Bali por causa dum "pequeno problema" com drogas e se voltasse à Austrália arriscava ir preso para cumprir pena. Já o irmão dele não escapara à cadeia em Sydney.

Entretanto, 20 anos mais tarde vim a saber que continuava na Austrália a importar "material" da Tailândia. Tinha custado apenas 20 contos a comprar o restaurante. A família balinesa que o vendeu continuava a viver lá e a cozinhar, só que o trabalho agora era pago pelos novos sócios e donos. Dava sempre bom lucro pois era bom e barato.

O que se passara ali e no mundo que deixei para trás? Em Bali não acompanhava a situação política em Timor. Limitava-me a viver momentos únicos. Um certo dia, ia de mota numa rua de Kuta Beach quando fui reconhecido por um companheiro de armas de Timor. Era o, então alferes Carlos Alão (conhecido da Foz do Douro, no Porto) que me disse que eu estava como desertor pois deveria ter-me apresentado em janeiro 75 em Díli. Felizmente, disse, que o SMO<sup>40</sup> fora encurtado. Se eu voltasse ficaria a substituir interinamente o Chefe dos Serviços de Intendência, que se queria ir embora. Talvez arquivassem o processo.

Foi o que fiz depois de falar com a companheira, a quem prometi que voltaria logo que resolvesse a complicada situação militar. Estávamos certos de que iríamos viver juntos, ali ou no fim-de-mundo e a profecia iria cumprir-se, mas não da forma duradoura que prevíramos e queríamos. A vida prega partidas, que a vontade humana e os conflitos de interesses não sabem ou não podem resolver.

Em breve, a família dos donos originais do *Perama's* me perderia como principal comedor diário dos bolos de banana, que eram os meus favoritos, e menos enjoativos que a apetitosa doce cana-de-açúcar, esmagada por primitivas máquinas em todas as esquinas e que custava uns centimos. O Dick ia ficar uns tempos largos ali, e tomaria conta do *Perama's* até eu regressar, o que prometi fazer em breve.

*Fui a uma agência de viagens em Denpasar, tratei de arranjar os documentos necessários para provar que não pudera partir antes para Díli pela Zamrud, companhia para a qual tinha bilhete de regresso a Timor. Viajei na Merpati (outra companhia de aviação da Indonésia), saindo de Bali a 28 fevereiro 1975 rumo ao Cupão e Díli, Timor.*

*A chegada tão fora do prazo assinala a possibilidade de ocorrer um raro caso de tribunal marcial, por deserção, como era já exigido por elementos mais conservadores da hierarquia militar. Contudo, devido à rarezação de oficiais do exército, o Chefe dos Serviços de Intendência que tentava regressar a Portugal, não tinha, além de mim, nenhum subordinado suficientemente graduado para lhe suceder.*

*Mal chego ao aeroporto de Díli, nova surpresa ao deparar-me com o Governador a despedir-se de alguém. Apesar do aspeto hippie fui logo reconhecido e deu-me boleia no Mercedes, deixando-me em casa, nos apartamentos da SOTA, no Largo de Lecidere, e convidou-me a ir ao Palácio na manhã seguinte.*

*Logo que me refresquei fui falar com o Chefe dos Serviços de Intendência, major Carlos V. Carrilho, numa tarde de imenso calor. Claro que naqueles preparos de vestuário e de cabelos longos mal me reconheceu, antes de se sentar calmamente como era seu apanágio na varanda da sua casa no Bairro do Farol, a ouvir as aventuras e desventuras desses dois meses.*

*Não havia necessidade de entrar em detalhe com o superior hierárquico apesar do bom relacionamento que havia entre nós. Amedrontado, fui ao Governador na manhã seguinte, com o fardamento da praxe.*

39 se não souber o nome de um 'bloke', pode chamá-lo de 'mate' (camarada, amigo). É comum. Aliás, pode usar 'mate' mesmo que saiba o nome, se ele for seu amigo. E pode emendar com outra frase tipicamente australiana: 'Mate, cya this arvo' (Amigo, vejo-o à tarde). 'Cya' é a forma curta para 'see you'; e 'arvo' é 'afternoon' (tarde).

40 SMO serviço militar obrigatório, a tropa

*Depois de ouvir a preleção sobre a ausência prolongada, expliquei por que razão não pudera voltar mais cedo. A companhia de aviação Zamrud tinha interrompido os voos - o que até era verdade - e não pudera transferir os bilhetes para outra companhia, a Merpati - o que também era verdade - e já não tinha dinheiro para adquirir um bilhete novo sem conseguir trocar o que tinha e que não pudera utilizar.*

*Tinha, como prova disto, documentos sobre o empréstimo de cem dólares feito ao Consulado português em Melbourne e outro em Sydney...*

O Governador aceitou as provas, disse que ia arquivar o processo sumário de deserção, e, sorridente, aproveitou para mostrar um **Louvor por Altos e Relevantes serviços** no Setor de Reabastecimentos e Combustíveis, proposto pelo meu Chefe da Intendência.

*Devo admitir que sempre entendi este louvor como merecido, pela minha ação, mas - mesmo assim - fiquei espantado! Mais satisfeito ainda ficou o major, meu Chefe, por finalmente poder regressar a Portugal e deixar a Chefia do Serviço de Intendência para mim, dado que os restantes oficiais eram muito novos e sem experiência suficiente, enquanto eu estivera já a atuar como adjunto dele, a que correspondia o posto de Capitão embora fosse apenas um alferes.*

*Assim, é-me concedido um perdão, por ter sido aceite como legítima e fundamentada a explicação de não poder voar de regresso a Timor, e o meu estatuto de 'AWOL' (ausente sem licença) revogado. Recebo um louvor por altos e meritórios serviços e sou promovido a Chefe Interino dos Serviços de Intendência. Fiz um acordo, falando do restaurante que comprara para me sustentar no futuro, depois da tropa, para que ele me deixasse regressar a Bali e depois apanhar o voo militar das FAP<sup>41</sup> com escala em Jacarta.*

*O resto do tempo (dois meses: na guia de marcha se indica a partida de Dili a 30 de abril 1975 e chegada a Lisboa a 27 de maio de 1975) passei-o muitas vezes num estado de imponderabilidade que se podia confundir com outra coisa, mas estava a desempenhar as funções de Chefe da Intendência. Cortei levemente o cabelo e ia diariamente a despacho ao Chefe do Estado-Maior, gozando a minha felicidade e a irresponsabilidade de não ter que me preocupar com as notícias a publicar no jornal *A Voz de Timor* (e a permanente censura), ou com a revolução em curso.*

*Alheei-me de tudo aquilo. Tinha-me fartado da censura, das punições, da revolução de abril que nunca chegou.... Contava as horas para partir. As altas patentes apenas deram conta do cabelo comprido e do sorriso feliz. A tropa era uma balda total. Devem ter sido os dias menos dolorosos, e menos sociáveis de todos.*

*Em casa os companheiros compravam inúmeros géneros na manutenção militar (açambarcamento puro e duro) pois era difícil abastecer a população civil. Como não tinham acesso a todos os bens e eu tinha dezenas de latas de pêssego em calda, comecei a vender-lhas. Depois, esquecia-me e era eu quem as comia. Um negócio de que nunca se cansaram de falar, mesmo quando nos reencontramos 25 anos mais tarde (1999) no lançamento do meu livro *Timor-Leste 1973-1975, o dossier secreto*....*



*Conheci, entretanto, melhor um dos poucos casais civis que havia em Dili, com quem me dera superficialmente antes, o Moisés na Agronomia, em comissão civil, casado com a Helena Sá Nogueira (da prestigiada família Sá da Bandeira) que dava umas aulas, e ambos faziam visitas psicadélicas ao mundo do LSD.*


*Eu raras vezes saía da toca nos apartamentos da SOTA, com vista para o mar no Largo de Lecidere, enquanto passava as horas livres em meditação ouvindo incessantemente as cassetes de King Crimson (e muitos outros) que trouxera de Bali. Eram obviamente cópias ilegais, mas a SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) na época estava longe de atuar em Timor como atua nos Bailinhos das ilhas açorianas.*



PAGOU DE TAXA DE EXPEDIENTE A QUANTIA DE 20\$00

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

VISTO  
EM 02NOV76  
O COMANDANTE  
  
MANUEL EDUARDO DE AZEVEDO SIMÕES  
COR. DE INF.

-----CERTIDÃO-----



MANUEL GONÇALVES DA CRUZ MAGALHÃES, Tenente do Serviço Geral do Exército, Chefe da Secretaria do Batalhão de Mobilização do Regimento de Infantaria de Ponta, certifica em virtude de despacho exarado pela Excelentíssima Comandante no requerimento que fica arquivado, que da folha de matrícula e na parte respeitante a prémios, condecorações e louvores, do Alferes Militiano Nº.07929170-**JOSÉ ALBERTO ALVES BARBOSA CHRYSTELLO**, censta e seguinte:- Louvado pelo Ex.º Comandante Militar de C.T.I. TIMOR, pela muita competência, dedicação e sentido de responsabilidade com que desempenhou durante cerca de um ano as funções de Chefe das Secções de Viveres e Combustíveis da Chefia de Serviço de Intendência, funções valorizadas por terem sido exercidas de forma excepcional em momentos particularmente difíceis neste C.T.I.. A missão de que estava incumbido sempre a colocou na cimeira das suas preocupações não se limitando a bem executar mas procurando permanentemente novas métodos de trabalho tendentes à consecução de uma estrutura mais eficaz nos reabastecimentos e controles de existências das Unidades. Merecem destaque, os estudos que efectuou relativos a abastecimentos, consubstanciados numa valiosa simplificação burocrática e administrativa. Inteligente e muito desembaraçada, conseguiu atingir alto grau de eficiência aplicando de forma notável os seus invulgares conhecimentos técnicos no estudo e accionamento dos complexos problemas de abastecimentos a cargo de Serviço de Intendência. Foi o Alferes CHRYSTELLO um óptimo colaborador que desenvolveu inquebrantemente actividade de alto interesse no apoio das tropas pelo que os seus serviços devem ser considerados de relevante utilidade e de muita mérito. (O.S./CTIT Nº.11 de 6FEV76).

-----

E, por ser verdade mandei passar a presente que assino sobre um selo fiscal no valor de 20\$00(VINTE ESCUDOS) depois de a achar conforme.

Quarta em Ponta, 02 de Novembro de 1976

O CHEFE DA SECRETARIA DO BATALHÃO DE MOBILIZAÇÃO

   
MANUEL GONÇALVES DA CRUZ MAGALHÃES  
TEN. DO S.G.E.

Por fim, chegou o dia de partir. Apanhei um avião (sem saber que seria o último em Timor) e parti para Bali, num dos bimotores *Hawker Siddeley* ou num de *Havilland DH-104 Dove 6*,<sup>42</sup> pois não há registo fotográfico da partida e a minha memória já não é o que era.

Para trás deixei 2 caixotes com livros e roupas para serem despachados no próximo avião militar (*Boeing 747* das FAP) que era esperado em Timor no verão.

<sup>42</sup> ou Douglas DC2

O jipe (que o Tony Belo me emprestara até voltar), a benquista mota, e tudo o mais ficara no apartamento entregue aos companheiros.

Estava certo de voltar ali (Timor ou Bali). Não houve grandes despedidas (exceto a queima da farda de serviço) com os colegas de casa e amigos mais íntimos que ainda não tinham sido autorizados a regressar, agora que a “guerra” acabara e a tropa estava a ser desmobilizada.

Há muito que adotara a terra oriental que “*O Sol Em Nascendo Vê Primeiro*” e com a independência próxima, sabia que iria ter um lugar naquela sociedade. Seria a minha primeira pátria. Finalmente teria uma pátria no verdadeiro sentido, em comunhão com o chão que pisava.

*Mal cheguei a Bali, abril 1975, fui logo em busca da angélica companheira que estava, de novo, a viver com os primos. Mudamo-nos e fomos para Legian para a cabana no areal.*

*Reveni o restaurante (a quota de 50%) aos donos originais satisfeitos com o lucro que dava graças a pequenas melhorias que introduzimos nesse terreiro de terra batida, coberto a lona. Para surpresa tive de pagar o aluguer da mota do sócio, Dick Thorne, que se piscara para parte incerta, sem pagar o aluguer da dita.*

*Havia dias encontrara a Jeanette, que conheci anteriormente em Bali, e acabara de sair de dois meses na prisão após ter sido denunciada como consumidora de droga pelo amante indonésio. Estava magra e irreconhecível, depois dos maus-tratos na cela. Se tivesse corrido mal, ninguém saberia que tinha sido presa. Devia estar louca, mas na época era assim. Muitos pensavam que não podia acontecer com eles...*

*Depois, chegou um telegrama de Dili a dizer para seguir para Jacarta pois em finais de maio viria um avião militar português. Fomos para a capital e desta vez, não fui a Borobodur<sup>43</sup> onde já estivera no Natal de 1974.*

*Quando falo da estadia no nirvana, Bali, reconstruo mentalmente esse período e junto as poucas fotos de que disponho para melhor o ilustrar. Menciono (quarenta anos mais tarde) como se tivesse ocorrido na véspera: “Quando vivi em Bali” e depois peroro sobre o tempo feliz e despreocupado que vivi...*

Em Jacarta, fui à Embaixada de Portugal, lá conheci o célebre major Vítor Alves, do Conselho da Revolução, que estava a tentar ir a Timor (acabaria por nunca chegar pois os indonésios o retiveram no Cupão (Kupang). Enquanto esperava pelo avião, alojei-me no albergue da juventude “*Wisma de Lima*” e fui tratar dum pé infetado, devido a uma queda de mota em Kuta. A embaixada indicou-me um médico e fui de *bemo*. Depois de mais de uma hora de espera com 50 pessoas, fui atendido, a ferida tratada e receitados antibióticos. Ainda tenho a marca do ferimento, que, provavelmente, teria gangrenado se não tivesse ido ao médico em Jacarta.

*O escritor turístico Brian Thacker tentou, em 2008, seguir as pisadas da viagem aconselhada em 1974 pelos fundadores da Lonely Planet<sup>44</sup>, no primeiro guia de viagens pelo sudeste asiático.*

*Usou as informações ali recolhidas na época, partindo de Melbourne convicto de que a maior parte dos locais mencionados no Guia eram viadutos ou autoestradas.*

43 Os ingleses administraram a colónia de 1811 até 1815. O governador-geral de Java Sir Thomas Stamford Raffles, acreditava que poderia ter sido o lugar de uma civilização desenvolvida e incumbiu o funcionário holandês H. C. Cornelius de explorar a região onde havia, escondida pela vegetação, uma enorme construção. Foi revelada ao mundo em 1814, parcialmente em ruínas. Cerca de duzentos homens começaram a desenterrar o monumento e a restaurá-lo durante 5 anos até 1910.

Apreciei imenso Borobodur, esse enorme templo, uma das sete maravilhas do mundo, redescoberta apenas em finais do séc. XIX, 40 km a noroeste de Jogyakarta. Visto de avião parece que flutua. Em tempos, foi um grande lago, ora rodeado por povoações, 235 m acima do nível do mar. A construção do Borobodur começou com a dinastia hindu Sanjaya.

No ano de 780, o Rei Sanmaratungga da dinastia budista Shailendra começou a governar e continua a construção, adaptando o complexo segundo o seu conceito de mundo, a construção, originalmente hinduísta, ficou um grandioso monumento budista dedicado ao Buda Mahayana. Foi misteriosamente abandonado apesar de ser o maior santuário budista do mundo. Está disposto em quatro níveis, representando os níveis da realidade, dos quais apenas três visíveis, dado que o outro se situa sob a terra. O primeiro nível tem cinco degraus. No segundo nível, podem apreciar-se 72 Stupas (templos) dispostos em três círculos, cada um dos quais contendo no seu interior uma estátua de Buda. No terceiro nível, uma Stupa gigantesca, vazia (representando o vazio cósmico). Tem 42 m. de altura (o que equivale a um prédio de 13 andares) e mede 123 x 123 metros (do primeiro ao sexto andar de forma quadrada e circular do sétimo andar ao décimo). Está virado para leste e contém 1460 painéis dos quais 1212 em relevo de dois metros de largo.

Tem 504 estátuas de Buda. Entre 1973 e 1983, foi completamente reconstruído sob o patrocínio da UNESCO, sendo totalmente “desmontado”, cada pedra foi marcada, tratada e limpada quimicamente, e novamente recolocada. A reforma custou 25 milhões de dólares. O formato deste tempo é uma mistura dum zigurate (pirâmide da Ásia Menor) com uma Stupa indiana.

44 Maureen e Tony Wheeler



*O livro de 148 páginas esbarrou numa dificuldade em Darwin para ir a “Timor Português”: o voo trissemanal da TAA a um custo de 73 dólares australianos há muito tinha desaparecido, assim como a companhia aérea e outras companhias aéreas indonésias da época.*

*Timor já não era a “colónia antiquada” descrita no Guia, nem tinha turismo ao contrário de 1974, e os locais pensavam que qualquer estrangeiro era um alvo de quem extorquir dinheiro, por trabalhar para a ONU ou uma ONG.*

*A “Beach House” de Díli (conhecida como “Hippie Hilton”), esse Hotel na praia (uma palapa de colmo com água potável e o mar a escassos metros) já não existia.*

*Os excelentes restaurantes chineses de Baucau, mencionados no Guia, desapareceram quando os donos foram obrigados a abandonar a ilha aquando da invasão indonésia de 7 de dezembro de 1975.*

*Já na Indonésia, Thacker teve a agradável surpresa de encontrar muita coisa inalterada, as casas ainda de pé e nas mãos dos donos ou de filhos e netos, como em Jalan Jaksu, ainda o centro dos turistas de pé descalço ou “backpackers”.*

*O Wisma de Lima de Jacarta (onde estivera) era gerido pelo filho do dono. O pai abriu o Hostel em 1969 quando todos pensavam que ele enlouquecera, mas em 2008 a rua está pejada de hotéis e restaurantes.*

*Em Bali, na vila montanhosa dos artistas, Ubud, os restaurantes ainda existem, mas a paisagem já não é a mesma, com as ruas asfaltadas pejadas de carros buzinando em vez de picadas de terra por entre arrozais. O “Canderi” e o “Ibu Rai” tinham agora nejos dos donos a geri-los e serviam a mesma ementa, como “bean soup and Bali-style porridge”.<sup>45</sup>*

Voltando a 1975, fui finalmente chamado à triste realidade. Recebi novo telegrama da embaixada com a data prevista para o avião das FAP de regresso à Europa. Comecei a fazer as despedidas e no dia aprazado partia (26 maio) no meio de cena digna de um filme de terror.

*No aeroporto informaram-me de que o avião estava em escala técnica e não me autorizavam a embarcar, pois não havia manifesto de carga ou de passageiros naquele voo. No aeroporto, sem poder chegar-me a eles, vi colegas, o comandante da aeronave e o Capitão Cariano<sup>46</sup>.*

*Falaram comigo e foram perentórios ou arranjava maneira de me deixarem entrar ou ficava em terra. Apesar de falar já fluentemente Bahasa, liguei, pressuroso, para a embaixada que me disponibilizou uma secretária, senhora nativa para servir de intérprete.*

*Fui ouvido por um coronel indonésio que estava intrigado como é que um oficial do exército português podia ter o aspeto andrajoso de hippie que eu tinha. Lá expliquei que estava em férias há muito tempo e aguardava apenas ter um voo para embarcar de regresso a Portugal para voltar a ser civil.*

*Inconvencido, o coronel queria saber como é que eu tinha passado os últimos meses a entrar e sair da Indonésia, da Austrália e de Timor, pois a única explicação que tinha para tal era a de eu ser um espião. Foram-lhe explicadas as ocorrências. Depois de muito conferenciar, com outras altas patentes, quer pessoalmente, quer pelo telefone, acabou – relutantemente – por deixar-me embarcar.*

*Não interessa aqui contar mais pois consegui (com imensa sorte) passar pelo controlo alfandegário sem problema.*

*Foi complicado e demorado e não interessa esmiuçar a épica cena que me faz evocar o filme *Midnight Express*. Levava comigo uma mochila às costas, um rucksack (espécie de mochila militar redonda e verde, com um metro) cheio de roupa suja e limpa...e uma sacola de linho a tiracolo com os documentos.*

*Nunca mais voltei ao nirvana embora tivesse parado em Jacarta anos depois sem sair do aeroporto.*

---

45 (sopa de feijão e papa de aveia)

46 (que me punira com cinco dias de detenção, agravada para 8 dias em Bobonaro pouco depois da minha chegada em outubro 1973)

## CRÓNICA 11 – O INSÓLITO. 24 janº 2006

### 11.1. INSÓLITO

*O dia acordou fresco. De facto, fora o dia mais frio desde que chegara. No carro a temperatura era de 6 °C. Em Ponta Delgada os termómetros marcavam 9º e esperava-se que subissem aos 18 °C. De acordo com o calendário, pendurado em frente à secretária (dos antigos de espetar na parede) era 23 janeiro 2006.*

*Ao ler o jornal Público a atenção focou-se na notícia insólita:*

***islâmicos debatem o uso de roupa no ato sexual.***

*À luz ou às escuras?*

*Apagada, torna tudo muito mais louco: apalpões, encontrões, tropeções.*

*E a roupa? Deve ser sempre mantida, antes, durante e depois, pois será mais quentinho e aconchegado. Se for no campo alentejano espera-se que ele esteja com ceroulas e samarra e ela de saioite, combinação e chancas...*

*Como seria nas velhas dinastias praticantes de safada e jesuítica hipocrisia?*

*Claro que teriam um buraco no amplo camisão de noite, mas quando os reis se encontravam com as amantes ou barregãs, será que haveria mais intimidade e seriam dispensadas as vestes?*

O Freitas do Amaral na biografia do primeiro Rei de Portugal esqueceu-se de abordar o tema. A literatura medieval e posterior, atazanada pela sede persecutória da Inquisição deixou a lacuna que urge investigar. Atenção investigadores, apliquem-se e estudem o tema.

O resto da população deverá regressar à pacatez islâmica e cumprir as normas: nudez total nunca!

*Ora aqui está a prova de que necessitava para afirmar porque Portugal sofre de todas as maleitas e de baixa estima nacional.*

*Finalmente sei porque o desemprego aumenta, as empresas deslocalizam, a pátria espera pelo salvador (não se chama Sebastião e não chegou numa noite de nevoeiro, nem é de Sta. Comba Dão).*

*Agora sei por que razão a Igreja católica se viu compelida a criar a Santa Inquisição.*

*Pedida D. Manuel I, para cumprir o acordo de casamento com Maria de Aragão, a 17 de dezembro de 1531, o Papa Clemente VII<sup>47</sup> instituiu-a, mas um ano depois anulou a decisão, e, em 1533, concedeu a primeira Bula de perdão aos Cristãos-Novos portugueses.*

*D. João III, filho da mesma D. Maria de Aragão, renovou o pedido no novo Papa Paulo III que cedeu, por pressão de Carlos V de Habsburgo.*

*A 23 de maio de 1536, noutra Bula, estava finalmente instituída para durar até 1821.*

A crer na História, na Idade Média o quotidiano das pessoas era preenchido por devassidão, depravação, desregramento, intemperança, libertinagem, devassidão, e a Igreja teve de agir.

Agora é a vez do Egito, com 477 anos de atraso verificar a gravidade do problema que pode invalidar casamentos. Se em vez do Egito se estivesse em Portugal quem sabe quantos seriam os casamentos anulados? Mas também neste particular se podem dar umas dicas aos egípcios: ao preço a que a eletricidade está, deve ser sempre de luz apagada, com os parceiros totalmente vestidos por haver falta de verbas para aquecimento. Nem se consegue imaginar a cena doutra forma.

Infelizmente este debate já não vem a tempo para perguntar aos recentes candidatos a Presidente da República qual das infrações teriam cometido. Imagine-se como seria a discussão nos 27 países da Comunidade Europeia. Resta aguardar que o debate chegue ao Parlamento Europeu. Haverá por esse país fora, por estas ilhas atlânticas, alguém interessado em começar a realizar uns inquéritos para ver quantos casamentos são inválidos?

Por mais tolerante e multicultural que possa ser a questão está a dar comigo em doido. Acabo de descobrir que se seguir a norma, ora decretada no Egito, nunca estive casado! Isto sem contar com as

noites passadas - nem sei em quantos países quentes - em que ABSOLUTAMENTE me esqueci dos lençóis.

E na praia quando havia luar? E quando era novo e acampava?

E na fase louca da vida em que vivi com os hippies na *Beach House* em Díli? Ou quando fui às massagens na Tailândia?

E em Macau, na Malásia, na Indonésia, em Kuwait City, ou quando estive no Brasil e em Espanha com temperaturas de mais de 43 °C? em Perth estivera até sob 49 °C.

O melhor será invocar uma doença degenerativa do foro psíquico ou mental, e amnésia súbita e localizada. Ai se eles me apanham! Ainda bem que nunca fui ao Egito, nem vi as múmias nem as pirâmides, caso contrário andava a penar numa cadeia do Cairo.

Vou aproveitar e enviar a Crónica aos filhos a avisá-los dos perigos que correm. Admira-me até que o primeiro-ministro não tenha dado uma conferência de imprensa a alertar o povinho. O novo Papa Benedito se calhar vai aproveitar esta boleia islâmica e exigir o mesmo dos católicos.

*“Sou casado e tenho filhos, mas você é linda. Quer fazer amor comigo?”*

*Ouvi esta frase num filme indeterminado, mas penso que era mais romântico “Voulez-vous coucher avec moi (ce soir)?”*

*É uma frase vulgarizada através da música e em especial da faixa “Lady Marmalade,” de Bob Crewe e Kenny Nolan e popularizada em 1975 pelo grupo Labelle com Patti LaBelle, Nona Hendryx e Sarah Dash.*

*Seguiram-se versões pelos All Saints (1998) e Christina Aguilera (2001) e Pink num “single” para a banda sonora do filme Moulin Rouge!*

*Em 1973, a antiga atriz porno, política e parlamentar italiana, Ilona Staller (Cicciolina), atingiu a fama com o programa “Voulez-vous coucher avec moi?” na Rádio Luna.*

*A frase original apareceu numa peça de 1947, de Tennessee Williams “A Streetcar Named Desire”<sup>48</sup>. Mas a verdadeira origem da frase data de 1922 num poema de E. E. Cummings mais conhecido pela sua primeira estrofe “little ladies more”, que contém duas vezes a célebre frase.*

Apesar de me lembrar de frases semelhantes estou vivamente convicto de jamais ter cometido um crime islâmico de qualquer natureza.

Houve a jovem árabe, a meu lado, numa viagem para a Europa, que de seis em seis horas se levantava, estendia o tapete portátil, como quem abre um computador de viagem, perguntava onde ficava Meca e punha-se a orar a Alá. Bem a tentei converter, mas sem sucesso. Não se teria tornado, anos mais tarde, numa mártir e não se fizera explodir? Disse ser libanesa e não iraquiana. Nunca se deve fiar no que dizem.

*Evoco as gaiatas persas, a meu lado, no voo Air France que me levaria, em 1973, a Banguecoque, rumo a Timor. O Xá da Pérsia, Reza Pahlavi estava no poder e Farah Diba era nome de imperatriz. As meninas ricas passavam a vida em Paris a comprar joias e vestidos, pareciam ocidentais de traços exóticos e pele levemente tismada. Depois da viagem nunca mais as vi, nem eu nem ninguém. O Xá foi apeado. A Pérsia desvaneceu-se no Irão de mullah, ayatollah e polícia para levantarem as burcas às jovens e verificarem se tinham batom ou manifestações decadentes da civilização ocidental.*

*Quantas não recordariam hoje a viagem que ora rememorava? Essa civilização retornara à idade da pedra, construía um poderio nuclear, açoitando os criminosos, empalando mulheres à pedrada, cortando mãos, enforcando homossexuais e desviantes. O Irão, antiga Pérsia, desafiava o ocidente, negava o holocausto e rumava ao abismo.*

*Uma vez no bar dum Hotel alemão, uma jovem sarracena, fascinante, misteriosa e enigmática abordara-me com sinais de cabeça, já a noite ia alta. A atração das Arábias. Como se respondia nos antigos interrogatórios judiciais “Aos costumes disse nada”. Não recordo se argelina, marroquina, ou maltesa com sangue francês? Ou fora em Paris? Em Madrid não fora decerto, mas poderia ter sido em Londres, Milão ou Roma, Dubai, Abu Dhabi, Qatar, Omã, Kuwait, Kuala Lumpur, Banguecoque, Pattaya ou Sydney.*

*As memórias entrecortavam-se, rostos sem nome e nomes sem rosto, lugares e momentos guardados sem legendas. Aeroemoças, companheiras de viagem, meras companhias de ocasião em busca de almas e corpos solitários. Nada sabia já, nem nomes nem faces, nem uma história, nem da miúda, hospedeira da Cathay Pacific que telefonava sempre que ia de Hong-Kong a Sydney.*

*Gestas que o tempo perdera. Episódios sem pontas para atar no balanço de vida hedonista. Acreditem, era absolutamente demolidor. Nunca me lembrei ao conhecê-las de lhes perguntar a religião, nas estadias relativamente curtas que fizera em cidades exóticas. Estava mais interessado em partilhar culturas e experiências, descobrir o que se escondia por trás de véus e burcas.*

*A ação jornalística em pleno Médio Oriente, de férias ou em trânsito, não estava totalmente desprovida de riscos, mas este não fora previsto. Não creio ter cometido qualquer ato de qualquer natureza com uma cidadã de qualquer país que professasse a religião islâmica, mas vou ter de rever os meus apontamentos.*

*Acreditem que isto é demolidor. A minha mulher anda cabisbaixa e muito sisuda desde que leu a notícia, sei que algo se prepara e não se espera nada de bom. Isto não vem nada a calhar após tantos anos de casamento. Por outro lado, como se sabe, sendo a minha mulher uma "moura lisboeta" isto poderia explicar por que é que anda ultimamente apreensiva, se bem que nunca a suspeitasse de ser cumpridora dos ensinamentos de Maomé.*

A sociedade portuguesa iria agitar-se, imaginava já as conversas em voz baixa à mesa dos cafés... Todos a fazerem perguntas e a tirarem notas, sabe-se lá do que são capazes para apanhar um qualquer pecador desprevenido. Este país sempre foi um covil de bufos. Que se cuidem os incautos que esta fé pode abalar montanhas.

Já me decidi, caso venha a ser descoberto e exposto à ira islâmica, deverei tornar-me num mártir usando o método do homem-bomba e fazer-me explodir a fim de ir direito para o céu onde me garantem 72 virgens após a consagração como mártir do Grande califado *Al Andaluz*. aguardo que me indiquem o alvo.

## **11.2. KUWAIT, KOWEIT, CUAITE**

Recordo estar no Kuwait a 31 julho 1990, dois dias antes da primeira invasão iraquiana de *Saddam Hussein*, na tentativa de subjugar aquele pequeno emirado. Não o fiz voluntariamente, mas devido a uma avaria no avião da *UTA*<sup>49</sup> que me trouxera da Nova Caledónia. Curiosamente, tínhamos de entrar em Sydney, ir a *Nouméa* e voltar a Sydney para irmos a Paris.

*James Colnett avistou em 1774, terra desconhecida. A bordo estava o navegador inglês James Cook que batizou a terra como «Nova Caledónia» em homenagem à Escócia. Disseram que o aspeto da costa teria lembrado esta região do Reino Unido e Caledónia é em latim antigo, correspondente à Escócia. Em 1788, a expedição francesa liderada por La Pérouse fez o reconhecimento da costa ocidental, a bordo do l'Astrolabe e do La Boussole, pouco antes do naufrágio sobre o recife Vanikoro nas Ilhas Salomão.*

*Em 1793, o Contra-Almirante francês Antoine Bruny D'Entrecasteaux, que partiu em 1791 a pedido de Luís XVI para encontrar La Pérouse, passa ao longo da Nova Caledónia, reconhece a Costa Oeste da Grande Terre e teria parado nas Ilhas Lealdade.*

*No entanto, os atributos da descoberta são do explorador francês Jules Dumont d'Urville, em 1827, que foi o primeiro que as localizou com precisão num mapa.*

*Nouméa é a capital fundada com o nome de Port-de-France em 1854 pelo Capitão Tardy de Montravel. No final do séc. XIX e início do séc. XX diversas tentativas de colonização fracassam.*

*Em 1931, um grupo de Kanakas era exposto como sendo canibais, dentro de caixas, no jardim de aclimação do Bosque de Bolonha, por ocasião da Exposição Colonial Internacional (1931) de Paris.*

*Durante a Segunda Guerra Mundial, a Nova Caledónia apoia a França Livre em 1940 e tornou-se a partir de 12 março de 1942 numa importante base norte-americana na guerra contra o Japão.*

*O território registou importante crescimento económico graças à exploração do níquel, e a Nova Caledónia passaria a ser o terceiro maior produtor do mundo, enquanto a França a tornava*

49 (transportadora aérea criada em 1963 para as províncias ultramarinas francesas, absorvida pela Air France, mais tarde, em 1992)

*numa colônia penal. Depois da guerra, a França abandona o termo colônia, passando a ser território ultramarino em 1956.*

*O ano de 1980 marca o ponto alto de tensões entre opositores e partidários da independência com uma rebelião quase generalizada durante o período conhecido como «Eventos» (1984-1988). A violência atingiu um ponto culminante em 1988 com a Tomada de Reféns em Ouvéa. Depois seguiram-se negociações e a assinatura dos Acordos de Matignon (1988), prevendo a criação de um estatuto transitório de 10 anos a conduzir um referendo sobre a autodeterminação para que se pronunciem a favor ou contra a independência.*

*Este acordo é complementado pelo Acordo de Nouméa (maio 1998), que prevê o estabelecimento de uma forte autonomia. O último referendo sobre a questão do futuro institucional (ou manutenção da autonomia na República Francesa) terá lugar em 2018.*

Estes voos da possessão ultramarina da Nova Caledônia eram, à época, frequentados por funcionários públicos franceses de regresso ao continente europeu e vice-versa.

*Trata-se de um dos locais mais caros do Pacífico, tudo é importado de França, tem-se a sensação de se estar em Paris na maior parte das lojas, mas atendidos pelos habitantes das ilhas de Ouvéa e Futuna que constituem a maioria dos nativos locais: 45% Melanésios (Kanakas) e 35% Europeus (Franceses) com Polinésios nas ilhas mais afastadas. Os Europeus concentram-se no sul, sendo Francês a língua oficial além de dialetos melanésios e polinésios numa mistura de 60% de católicos e 30% de protestantes. O turismo é pouco e desproporcionalmente caro ao contrário doutros países da região sendo preferido por franceses.*

Ora bem, fui de Sydney para a Nova Caledônia (sem sair do aeroporto) para voltar a Sydney antes de rumar à Europa (era o pequeno inconveniente do desvio obrigatório). Estava a bordo dum trimotor *McDonnell Douglas* DC-10, levantara voo do Omã (Emirados Árabes Unidos) quando se regista a implosão do motor esquerdo. A maioria dos passageiros fica sobressaltada e durante momentos não há instruções em inglês, apenas um curto anúncio em francês, a falar dum pequeno (!!!) problema técnico. Outros passageiros anglófonos abordam-me a perguntar o que se passa. Ficam preocupados ao sobrevoarem o deserto de Omã (parte do enormíssimo deserto da Arábia), onde apenas se viam dunas e centenas de antigos depósitos redondos de água, totalmente secos.

A imagem era aterradora pois havíamos começado a subida há cerca de 20 minutos, e estávamos muito afastados, há muitos quilómetros, do centro urbano mais próximo. Cá em baixo dunas e mais dunas, deserto e mais deserto, sem viva alma, apenas velhos poços secos...

Os restantes dois motores, do trimotor DC-10, obedeceram às ordens do piloto e lentamente o avião começou a subir mais e a descrever um enorme círculo enquanto tentava voltar para trás. Acabou por completar o círculo enquanto ganhava altitude e o piloto, avisou que iríamos regressar para *Kuwait City*. Ali chegámos sem mais incidentes numa cena mais própria dum filme de terrorismo internacional. Fomos mandados para o setor militar, onde forças armadas rodearam o avião e rígidas medidas de segurança eram impostas, antes de sermos autorizados a desembarcar.

Saímos através de uma longa avenida com poucos prédios (hoje parece a baixa de Manhattan), que sulcava o deserto, para o luxuoso Intercontinental Hotel onde ficamos alojados. Era de manhã bem cedo e os bares do Hotel só abriam pelas 11 horas. Eu falava com um pequeno grupo de expatriados franceses que regressavam a França, eram quatro *kafir* (infiéis) franceses e duas francesas, uma delas, cinquentona ou mais. Íamos a entrar para o bar para nos dessedentarmos, pois apesar do ar condicionado a temperatura exterior já rondava 46° C àquela hora matinal, quando fomos impedidos por um funcionário do Hotel que nos disse que não poderíamos entrar. Nessa altura desembocara no bar, um grupo ruidoso de uns dez a doze nativos, vestidos com o seu vestuário tradicional masculino, o "*thoub*" branco, uma peça única e comprida. Na cabeça usavam a "*ghutra*" ou *keffiyeh*. O "*shemagh*" é usado em ambientes religiosos. Não havia nesse grupo árabe nenhuma mulher com ou sem *chador* (véu islâmico).

Teria decorrido meia hora ou mais quando nós, os infiéis, fomos autorizados a entrar e beber. Para espanto nosso, constatamos que quase todos os árabes estavam a beber alegremente álcool, o que não lhes é permitido, na maior parte dos casos, de acordo com o Corão. A conversa deles parou mal entramos,



enquanto miravam, de alto a baixo, os estrangeiros, e em especial as duas francesas, imodestamente vestidas para os padrões locais. Começaram a ouvir-se, o que presumi serem, piropos em sotaque árabe presumivelmente em língua inglesa. A atmosfera era de cortar à faca. Tomamos as bebidas e como o ambiente era de tal forma hostil e ameaçador, saímos para o enormíssimo átrio do Hotel, ver as montras e conversar.

Eu estava animadíssimo a falar com um certo Michel, programador de computação do governo francês na Nova Caledónia, sentados num dos cadeirões, forrados a ouro e veludo, que se espalhavam pelo átrio do Hotel com o tamanho de um campo de futebol. Não reparamos, que mesmo em frente a nós, no *foyer*, a 20 ou 30 metros, estava um grupo local de três homens, duas mulheres totalmente cobertas com uma elegante *jilbab* ou *jilbaab* (جلباب) e a cara coberta com um *niqāb* (نقاب), véu que cobre na totalidade a face, deixando antever os olhos e faz parte do *hijāb* ou *burca*.

*Convém aqui acrescentar uma nota para os que nunca andaram por aqueles lados do Oriente-do-Meio. Manda a tradição islâmica que o contacto físico entre sexos opostos seja bastante rigoroso. A troca de apertos de mãos é permitida só dentro de uma relação lícita ou quando há um vínculo forte de parentesco. As normas de cortesia indicam que se uma pessoa de sexo oposto lhe estender a mão, deve aceitar o cumprimento.*

*Em meios diplomáticos, é permitida a troca de cumprimentos entre homens e mulheres. As mulheres devem ser cumprimentadas verbalmente, a não ser que tomem a iniciativa e ofereçam o braço para o cumprimento.*

*A mão esquerda é sempre considerada “suja”, pois é utilizada na higiene pessoal, conforme a tradição islâmica. Portanto, deve evitar-se cumprimentar, gesticular, dar e receber presentes e cartões com a mão esquerda.*

*Em hipótese alguma se deve gesticular balançando as mãos fechadas, pois é considerado um gesto hostil. A lógica é que, se usa força contra os seus inimigos, então ao balançar as mãos contra alguém com muita força e potência, este ato pode ser interpretado como se essa pessoa fosse um inimigo. Nunca se devem cruzar as pernas, mostrar a sola do sapato constitui um insolente insulto, por ser a parte mais baixa do corpo em contacto direto com o chão. Daí ser considerada impura.*

Estávamos, Michel e eu, alheios de tudo e de todos, em amena galhofa discutindo as virtudes que teríamos com uma mulher daquelas no mundo ocidental que ninguém pudesse olhar ou cobiçar. Provavelmente gesticulando, possivelmente mostrando as impuras solas dos sapatos que calçávamos, sem nos apercebermos que estávamos sós com aqueles árabes, no enorme átrio. Sabíamos que não podíamos olhar diretamente para a mulher árabe, ao contrário do que é normal no Ocidente.

De repente, pelo canto do olho, apercebo-me duma imponente figura, em traje completo de xeque, que se levantara e, resolutamente, andara já na nossa direção metade dos 20 metros que separavam os sofás. Sem me desconcertar, mas tomado de pânico ou por mero medo ancestral, pela segunda vez nessa manhã, levantamo-nos a uma frase minha, conversando como se nada fosse, antes de o árabe se aproximar mais. Distanciamo-nos rapidamente, sem olhar para trás, mas tendo a certeza, pelo sexto sentido, de que não éramos seguidos.

*Ficamos, para o resto das nossas vidas, com dúvidas se o árabe se nos ia dirigir, como presenciaríamos, a acusar-nos do crime de olharmos para aquele monte de tecido negro com dois pontos coloridos movediços, na pequena abertura da parte superior do vestido.*

*Poderia ter-se sentido insultado com a lamacenta sola dos sapatos, cheia de areia árabe. Ou, teria apenas constatado que o seu Cartier ou Rolex dourado e cravejado de diamantes de 50 mil dólares tinha parado e apenas ia perguntar as horas?*

*Fosse o que fosse, mudamos rapidamente de piso no Hotel. Dirigimo-nos para outro andar onde estavam mais dos duzentos ocidentais, ali exilados tecnicamente enquanto o avião era reparado. Os árabes eram sempre servidos primeiro e só depois os estrangeiros, fosse para o que fosse, mesmo que apenas se tratasse de se sentarem numa mesa dum dos bares do Hotel.*

*Toda aquela atmosfera, mesmo num Hotel daqueles era aterradora.*

*Senti mais medo do que em qualquer outro momento da minha vida. Mesmo mais do que uns anos depois quando o avião da Alitalia apanhou poços de ar e quase iamos batendo nos Alpes, ou quando, em Carachi (Paquistão) tivemos de sair do avião da Air India devido a uma tempestade de areia. O quadrimotor tentou arrancar, mais de uma vez, mas chegava ao fim da pista com esta tão*

*coberta de areia que não descolava. Rapidamente saímos e fomos encontrar abrigo temporário no terminal. Do dia se fez noite e a pista ficou coberta por mais de dois metros de areia. O átrio do terminal parecia uma duna saariana. Foram horas na escuridão. Por fim, amainara, os bulldozers vieram limpar a pista e o avião da Air India partiu.*

Da janela do Hotel, na cidade do Kuwait, via-se o deserto ciclicamente cortado por um autocarro dos hotéis ou por uma viatura de alta cilindrada e topo de gama.

A neblina própria do calor e humidade parava sobre a estrada, numa tonalidade de amarelo sujo a tudo o que circundava o Hotel. Criavam-se miragens e a mente toldava-se enublada. Dias depois seria a neblina do fogo da primeira invasão de *Saddam Hussein*, o terror, a morte, a pilhagem e a destruição que iriam impor em todo o Kuwait.

Mais uma vez o mundo perdia a sua inocência.

*PS: A despropósito sabem que se o Andrea Bocelli tivesse nascido português andava a cantar numa esquina, e a pedir esmola para o ceguinho?*

*Tal como já tinha dito a um amigo em Hong-Kong nos anos 80, se os portugueses tivessem ficado com o rochedo e os Novos Territórios em vez de Macau, Hong-Kong seria um rochedo deserto com a bandeira das quinas.*



AMOSTRA

## **CRÓNICA 13 OS FERIADOS SÃO PARA QUÊ? março 2006**

### **13.1. ILS SONT FOUS LES AZORIENS**

O Astérix dizia “*Ils sont fous ces gaulois*”, mas acrescento que os açorianos também o são. Hoje de manhã, sábado de carnaval (25 fev<sup>o</sup> 2006), acordaram-me pelas 08:00 quando o previsto no primeiro dia das miniférias de Carnaval era dormir.

Como já devo ter anteriormente escrito quando aqui chove, não dura muito tempo, mas a quantidade de água despejada pelos céus é enorme. Acontece que a água entrava pela chaminé da cozinha, tornando-a inabitável e mal se podia cozinhar.

O senhorio já tentara várias medidas para diminuir este problema, mas decidi substituir a chaminé que tinha muitas dezenas de anos e não fora beneficiada aquando das obras da casa. Que melhor altura para o fazer se não nesta manhã de sábado?

Esta gente não dorme? Será que só trabalham? A dúvida permanece, pois, ao levantar-me estremunhado e ao mudar rapidamente a programação do meu chip cerebral acabo de constatar que não tinha água quente, pois o esquentador tinha sido retirado para não se entupir com o desmantelamento da chaminé.

Mais pragmático e com a sabedoria de chinês paciente (para isso lá vivi) levantei-me, lavei-me como pude e aproveitei estas horas inesperadas e não-programadas para escrever esta Crónica.

*Claro que podia ter-lhe recordado que na messe de oficiais de Bobonaro em Timor, junto à fronteira indonésia e frente à “Mesa dos Japoneses” tomar banho era mais do que um luxo: uma tarefa que nunca se aceitava como garantida naquela vila montanhosa de Timor. Um bidão de óleo ou gasóleo de 200 litros cortado ao meio, ligado a uma tubagem incipiente canalizava a água para o duche. Esperava-se que o meio bidão enchesse de água, acendia-se a fogueira sob o mesmo e aguardava-se que a água esquentasse para se tomar um duche rápido com a semelhança de água tépida.*

*Isso era lá no Oriente e os tempos eram outros.*

### **13.2. EXISTO LOGO INCOMODO**

Nas últimas semanas o aparelho digestivo resolveu manifestar-se numa versão livre da premissa de Descartes “*Existo logo incomodo*”. Assim tenho tido de forma irregular desde o Natal, vários ataques dolorosos que se prolongam por horas e só surgem ao fim do dia.

Na semana passada resolvi pedir ajuda aos médicos embora, por questão de princípio, entenda a medicina como uma das ciências mais vagas e menos precisas que existe. Fui à consulta, medicado e mandaram-me fazer análises, testes, uma ecografia e uma endoscopia que aguardam marcação, as análises feitas e numa semana recebo os resultados.

*O certo é que, ou por efeito placebo ou por sugestão mental, desde então só passei mal uma noite em vez de passar mal todas...quem sabe se isto não é provocado pelo sistema nervoso que andou preocupado seis meses por não se descobrir onde nascia água no Audi A4?*

*A verdade é que a seguir à consulta médica fui ver o Audi todo descarnado e desprovido de interiores para me mostrarem que mau serviço fora feito antes de me ser entregue no ato de compra. Eventualmente, agora que se sabe o que estava mal e se reparou o dano pode ser que não volte a chover dentro do Audi.*

*Quem sabe se não era esta preocupação que me causava um acréscimo de acidez estomacal e más digestões acompanhadas de fluxos gasosos?*

*O corpo humano é quase tão difícil de escrutinar como o universo só que é mais pequeno.*



## **CRÓNICA 14 - DA FALTA DE ÁGUA À DESERTIFICAÇÃO. 7 março 2006**

### **14.1 DA FALTA DE ÁGUA E DOS ROMEIROS**

A velha saga, do abastecimento de água à residência e a falta de desempenho do esquentador a gás, parece – finalmente - ter chegado a bom termo. Há dias veio cá o aqueiro (técnico da água) da Câmara Municipal da Ribeira Grande a fim de aumentar a pressão de água na canalização dentro de casa e para tal fim, abriu um buraco de 1,5 x 2 m de profundidade e dois metros de comprimento que praticamente cortou o trânsito na nossa rua.

*Claro que isto tinha de ser feito num dia dedicado ao descanso, ou seja, quarta-feira de cinzas em que ninguém tinha aulas, logo pela manhã bem cedo, eram oito horas e cinco minutos... A minha mulher que pensara dormir estas manhãs todas, ameaçou fugir para Ponta Delgada para casa dos meus primos, na reação intempestiva que, por vezes, caracteriza o espírito feminino português. Ela tinha predestinado a manhã para descansar e dormir a retemperar forças.*

*Obviamente que não está a costumada a este ritmo de trabalho local, em que a hora da levanta é todos os dias pelas seis e a deita pelas nove da noite, sete dias por semana, 365 dias ao ano. O barulho das pazadas de terra cavadas na rua era acompanhado, em estéreo, pelo barulho de um “mestre” (de construção civil) a fazer os acabamentos da chaminé, que deixou de o ser, para se tornar numa placa de cimento com dois tubos protuberantes invertidos em J.*

*Como não havia água corrente, nem para mim nem para os restantes moradores da rua a jusante, fiquei com o dia estragado porque recuso-me a sair à rua sem tomar o meu duche matinal. Felizmente antes da hora do almoço, o novo tubo com um diâmetro maior estava instalado e a água fluía com mais vigor dentro da canalização. Mais umas pazadas de terra e a rua de volta à normalidade, mas sem asfalto na área onde a intervenção ocorrera.*

Quando a seguir ao Natal abriu ao pé de casa o minimercado *Rosa*, com bens essenciais, incluindo congelados, começámos a frequentá-lo, pois os vegetais que não crescem na nossa horta têm de ser adquiridos fora. Ainda não me habituei às buzínadelas que diariamente me encham os tímpanos, para anunciar o padeiro, o carniceiro do talho móvel, a peixaria móvel, os vegetais e legumes e outras coisas.

Assim, nunca sei em que dia vem o quê, e por isso perguntamos no minimercado se podiam arranjar uns cinco quilos de batata. Díssemos que não era urgente, mas ao fim da tarde estava o marido da senhora do minimercado a bater à porta e a colocar no pátio um saco com vinte quilos de batatas, declarando que não era nada. Claro que fomos perguntar à senhora do supermercado quanto lhe devíamos, sob a ameaça velada de nunca mais lá irmos se não nos dissesse quanto devíamos pelas batatas. Até hoje a resposta foi sempre a da oferta. Nisto, esta gente é excecional e ganharam um cliente fiel.

*O senhorio, entretanto, aproveitou as obras para nos vir limpar o quintal de ervas daninhas e outras que já tinham um metro de altura e nos tiravam a vista para o mar. Ao mesmo tempo, desbastou umas dezenas de pés de inhame que nos deixou descascados para cozinharmos, experimentarmos e não gostarmos. Cortou também a couve-galega que já ia nos dois metros e arranjou a horta onde temos vários tipos doutras couves, salsa, cenoura e sei lá que mais. A relva que foi plantada em novembro está com uma boa camada de tapete, e como estava uma tarde soalheira e de acalmia, decidi jogar futebol com o meu filho.*

*O quintal estava destituído de batatas, acabadas de colher pela segunda vez nesse ano. Havia uma baliza de plástico com rede e o João Nigel encantado a demonstrar os seus dotes de guarda-redes. Em Bragança chamavam “piteiro” aos que sofriam “frangos”, termo que não era bonito nem apreciado noutras regiões, mas ele nem se apercebera que os pontapés fortes do pai não se destinavam a provar as suas fragilidades de guarda-redes, mas para atirar a bola para o fundo do quintal. Tática velhaca para desgastar o excesso de energia do filho. Vigor que a mim começa a faltar nesta fase a que chamam de madura, e que preferia enunciar como da aplicação da sabedoria adquirida.*

Ontem, tal como todas as outras manhãs, fui ao café buscar o meu jornal da véspera, pois os jornais do Continente só chegam à aldeia no dia seguinte por volta das 11 horas, e eu não estou para andar uns 30 ou 40 km ao dia para ir buscar o jornal do dia... Na escadaria da Igreja estavam uns cinquenta peregrinos (Romeiros como aqui são chamados) que tinham partido na antevéspera de Ponta Delgada e se dirigiam ao Nordeste naquilo que é anualmente, nesta época religiosa, a sua peregrinação anual a toda a ilha. O Governo Regional concede uma semana de tolerância de ponto para calcorreamos, de dia e de

noite, chova ou faça sol, as estradas estreitas e perigosas da ilha. Param em todas as igrejas e localidades, vão-se aboletando em casa deste ou daquele onde lhe são servidos alimentos antes de prosseguirem na peregrinação religiosa bem arreigada.

Já hoje assistimos a mais um grupo de Romeiros. Disseram que os mais novos fazem percursos mais pequenos, enquanto os outros andam por toda a ilha. São cerca de 65 km de comprido e 8-15 km na zona central mais estreita. Se fosse plano seria fácil, mas dada a inclinação íngreme da maior parte dos caminhos e estradas podem avaliar bem como não será difícil esta caminhada. As estradas são estreitas e nalguns pontos nem dois carros se cruzam, não existem passeios e a hipótese de acidente é grande. A fé move montanhas e aqui está a prova disso mesmo.

#### **14.4. DESERTIFICAÇÃO**

Há problemas prementes como o aumento das taxas moderadoras da saúde, autêntica descoberta olímpica. Como todos sabem, os pobres não são afetados, são os ricos que se cansaram de ir a clínicas privadas cheias de luxos e preferem esperar tantas horas em espaços insalubres, sem cadeiras nem outras condições, a verem um qualquer funcionário público da saúde, horas a fio, a carimbar guias enquanto um qualquer médico, esforçado e abnegado, não tem disponibilidade para perguntar de que se queixa o paciente pois dispõe apenas de uns breves minutos para cada um. Não há nada que uma aspirina e outra qualquer receita antiviral não resolva numa manhã ou tarde bem passada num qualquer Centro de Saúde português.

Ontem fiquei menente (traduzido ironicamente como imensamente satisfeito) com a ida do primeiro-ministro de Portugal, Sócrates, à Finlândia para copiar o modelo de sucesso finlandês. Há pouco tempo atrás, outro colega de nome Barroso queria copiar a Irlanda. Penso que são medidas acertadas, em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, vai-se a um qualquer país que funcione bem, e copia-se o sistema, mesmo que não sejamos nem altos, nem louros nem tenhamos olhos azuis.

Por que é que isto não foi feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca concluíram nada nem propuseram nada digno de ser aplicado, por isso é que o país se atrasou tanto, penso eu.

Mas com tanto betão a mexer-se para os lados da Ota e com a velocidade do TGV quase ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio *Foguete* dos anos 50 e 60 estão a apodrecer, em Elvas, porque não há dinheiro para os recuperar e o progresso do país assim o exige. Como as linhas para o interior desaparecem, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam, o melhor é acabar com os serviços no interior do país para que todos tenham a possibilidade de desfrutarem do ótimo clima à beira-mar plantado e se mudem, de vez, para a costa. Aliás, a Europa já nos ensinou que a agricultura portuguesa não dá nada e o melhor é importar tudo de Espanha pois eles sabem fazer agricultura a sério.

Como vão acabar com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los (aos habitantes) para a cidade pois terão todos um nível económico e uma qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias de primitivas casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, o saneamento e o abastecimento de água, pois que tudo já existe nas cidades e no litoral.

Vê-se a pertinência desta lógica. Anda o Estado a gastar dinheiro com estradas, manutenção, pontes, viadutos e túneis, para o interior quando todos sabem que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos, e agora com as crianças deslocadas para as cidades, logo na escola primária, depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para aquele atraso e provincianismo da aldeia. Assim, o mais lógico é trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, eles morrem e nas terras deles ainda se poderá aproveitar para fazer uns campos de golfe que é um desporto



de milhões de aficionados portugueses, que sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, pois há excesso de produção da batata portuguesa.

Intriga-me imaginar porque é que não foi pensado há mais tempo e teríamos evitado todo este atraso, causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país tentando, romanticamente, manter a agricultura de subsistência à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados que se levantavam às 5 da manhã e trabalhavam até ao pôr-do-sol. Se vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto pois não vale a pena cultivar uma couve-galega só para se fazer um caldo verde.

Depois, tenha-se em consideração que a matança do porco e de outros animais está condenada pela sociedade e por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante. Além do mais, fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos mata-douros devidamente licenciados, nos moldes higiénicos e saltares propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar. Assim, sempre se aproveita para manter a tradição viva ao ensinarmos um pouco de história dos antepassados, coisa que é muito mais vantajosa do que ir a um museu, que como todos sabem estão sempre fechados nas férias, nos dias santos e aos fins de semana.

AMOSTRA

## **CRÓNICA 15 O NEGÓCIO DO MEDO E AS AVES LOUCAS.**

### **15.1. TAMIFLU, BUSH, DONALD RUMSFELD E O NEGÓCIO DO MEDO, março 2006**

Há dias que deixei de me preocupar com a Gripe das Aves, afinal trata-se de mais um esquema norte-americano para fazer dinheiro (Bush e amigos), vejamos o extrato do editorial do nº 18 (abril 2006) da revista DSALUD<sup>50</sup>

*Sabia que o vírus da gripe das aves foi descoberto há 9 anos no Vietname?  
Sabia que desde então morreram apenas 100 pessoas em todo o mundo durante estes 9 anos (menos do que com qualquer outra doença conhecida)?  
Sabia que foram os americanos quem informou da eficácia do Tamiflu (antiviral humano) como preventivo?  
Sabia que o Tamiflu apenas alivia alguns sintomas da gripe comum?  
Sabia que a sua eficácia no tratamento da gripe comum está a ser questionada por grande parte da comunidade científica?  
Sabia que perante um suposto vírus mutante como o H5N1, o Tamiflu apenas aliviará alguns sintomas?  
Sabia que a gripe das aves apenas afeta as aves e seres humanos em contacto muito direto e continuado com elas?  
Sabia que quem comercializa o Tamiflu são os Laboratórios Roche?  
Sabia que a Roche comprou em 1996 a patente do Tamiflu à Gilead Sciences Inc?  
Sabia que o Presidente da Gilead Sciences Inc. e o seu principal acionista era Donald Rumsfeld?  
Sabia que Donald Rumsfeld é o atual Secretário da Defesa norte-americana?  
Sabia que a principal base do Tamiflu é o anis estrelado?  
Sabia que quem detém 90% da produção desta árvore é a Roche?  
Sabia que as vendas do Tamiflu passaram de 254 milhões em 2004 para mais de mil milhões em 2005?  
Sabe quantos milhões mais pode ganhar a Roche e os mercenários da administração Bush nos próximos meses se continuar este negócio do medo?*

Ou seja, o resumo do negócio é o seguinte:

*Os amigos do Sr. Bush decidem que um fármaco como o Tamiflu é a solução para uma pandemia que ainda não ocorreu e que causou 100 mortos no mundo inteiro desde há 9 anos. Este fármaco não cura nem sequer a gripe comum.  
O vírus atual não afeta o ser humano em condições normais.  
Rumsfeld vende a patente do Tamiflu à Roche e esta paga-lhe uma verdadeira fortuna. A Roche adquire 90% da produção do anis estrelado que é a base do antiviral.  
Os governos de todo o mundo ameaçam com uma pandemia e compram à Roche quantidades industriais desse produto.  
Nós acabamos por pagar o medicamento e Rumsfeld, Cheney e Bush fazem um belo negócio...*

### **15.2. ESTAMOS LOUCOS, OU SOMOS TODOS IDIOTAS? março 2006**

A vida aqui continua a sua calma rotina, afetada por fortes ventos e ocasionalmente não chove, cai água a potes cheios, depois lá passa e volta o sol, sem que as temperaturas baixem dos 12-13 °C (este mês só uma vez baixou aos 9 °C) de mínima, enquanto as máximas andam pelos 16-18 °C. A ilha é sempre verde, seja inverno ou verão. O mar da costa norte, mais alteroso que o da costa sul, é sempre motivo para olhar para ele, quando a visibilidade o permite, para lá da janela do meu “castelo” onde tenho o escritório.

De quando em vez na estrada para a escola da Maia (a 5 km) lá está uma arriba a desmoronar-se pela ação das chuvas, mas passado pouco já lá andam os cantoneiros da Junta de Freguesia a compor a falésia. Quando não andam no “*reparamento dos taludes*” cortam arbustos para que não ceifem mais espaço às estreitas ruas e estradas da ilha. O mesmo se pode dizer das ruas e estradas esburacadas, que regularmente levam a sua dose de gravilha ou de asfalto quente atirado às pazadas. A quantidade de

50 ([www.dsalud.com](http://www.dsalud.com))

chuva que cai, quando chove a sério, só surpreende por não fazer desmoronar mais escarpas. Aqui, os solos estão sempre encharcados, ao contrário do que se passa no Continente, onde a seca impera.

Soube-se que o Governo português contratou um advogado para analisar a expulsão de cidadãos portugueses do Canadá, disse o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Diogo Freitas do Amaral, aos jornalistas no Aeroporto de Lisboa "..., através da Embaixada de Portugal em Otava, mandei contratar um advogado especializado na questão dos imigrantes ilegais". O Ministro falava antes de embarcar para o Canadá, onde vai ter encontros com os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Imigração para debater a questão dos cidadãos portugueses ilegais que estão a ser repatriados.

Agora fala-se dos repatriados que o Canadá e EUA devolvem à procedência e muitos deles são açorianos. Não percebo por quê tanto falatório, se estavam ilegais, que esperavam, uma amnistia à velha portuguesa? Achei lírico ouvir na televisão que tinham pedido o estatuto de refugiado? Refugiados de quê, do atraso de vida do país? Isso que eu saiba ainda não se qualifica como direito fundamental. Por que deve o Estado ajudá-los? Não entendo, ainda se poderia compreender aos que fogem da guerra e da violência sectária ou étnica, ou de regimes não-democráticos, mas fugir dos Açores? Claro que é mais fácil emigrar do que estudar ou adquirir qualificações profissionais.

Voltando à emigração, lembro-me da tragédia que era nos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir "a salto" para tentarem sobreviver à custa do seu trabalho braçal numa Europa em crescimento que carecia de mão de obra. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da Ditadura do chamado Estado Novo. Os que agora emigram fazem-no apenas porque se vive numa sociedade consumista cada vez mais exigente e ninguém está para grandes sacrifícios, e lá fora ganha-se bem mais para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui. Só não entendo porque não emigraram pela via normal e legal, e foram com vistos de turista que há muito prescreveram e se deixaram ficar sempre na miragem duma amnistia.

Mas ouvi-los falar de injustiça custa-me a engolir, tanto mais que criticam a falta de apoio do Estado português. Onde é que eles estiveram nos últimos trinta anos? Não sabem o que é e como funciona o Estado português, aquele que agora manda as crianças de Elvas nascerem a Badajoz porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país. Parece que se esqueceram de perguntar ao vizinho estado soberano espanhol se estava pelos ajustes.... Já estou a ver o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português.... Se esse problema demorar tanto a resolver como o de alguns portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas bem podem esperar sentados.

### **15.3. BANQUEIROS**

Sempre escrevi que os portugueses só eram bons a trabalhar no estrangeiro e diziam-me sempre que é por não terem condições cá. Hoje acabo de ouvir que mais de 80% dos empresários da última década têm menos que o 9º ano de escolaridade e mais de 70% dos trabalhadores estão com pouco mais do que a antiga quarta classe.

*Portugal é uma Pátria de fadistas e marinheiros.  
A prova é de que vamos em qualquer cantiga e acabamos a ver navios.  
Gonçalo Pereira, Jornal 24 horas (data indeterminada)*

Nem comento, pois nem todos tiveram a sorte do Eng.º Belmiro de Azevedo que aparentemente se acoplou com o que pode e estava à sua guarda, mas pertença do banqueiro Pinto de Magalhães. Não admira que seja um dos 500 mais ricos do mundo. Se tivesse tido um empurrão inicial daqueles quem sabe onde eu estaria?

Abro um aparte sobre a fortuna do Belmiro, esse esquerdista do *PREC*.

## **Como o Belmiro começou a enriquecer...nadava nas águas da UDP...**

*Quando, em 14 de março de 1975, o governo de Vasco Gonçalves nacionalizou a banca com o apoio de todos os partidos que nele participavam (PS, PPD e PCP), todo o património dos bancos passou a propriedade pública. O Banco Pinto de Magalhães (BPM) detinha a Sonae, a única produtora de termolaminados, material muito usado na indústria de móveis e como revestimento na construção civil. Dada a sua posição monopolista, a Sonae constituía a verdadeira tesouraria do BPM, pois as encomendas eram pagas a pronto e, por vezes, entregues 60, 90 e até 180 dias depois.*

*Belmiro de Azevedo trabalhava lá como agente técnico (agora engenheiro-técnico) e, nessa altura, vogava nas águas da UDP. Em plenário, pôs os trabalhadores em greve com a reclamação de a propriedade da empresa reverter a favor destes. A União dos Sindicatos do Porto e a Comissão Sindical do BPM (ainda não havia CT na banca) procuraram intervir junto dos trabalhadores alertando-os para a situação política delicada e para a necessidade de se garantir o fornecimento dos termolaminados às atividades produtoras.*

*Eram recebidos por Belmiro que se intitulava "Chefe da comissão de trabalhadores", mas a greve só parou mais de uma semana depois quando o governo tomou a decisão de distribuir as ações da Sonae aos trabalhadores proporcionalmente à antiguidade de cada um. É fácil imaginar o panorama. A bolsa estava encerrada e o pessoal da Sonae detinha uns papéis que, de tão felos, não serviam sequer para forrar as paredes de casa.*

*Meses depois, aparece um salvador na figura do Chefe da CT que se dispõe a trocar por dinheiro aqueles horrorosos papéis.*

*Assim se torna Belmiro de Azevedo dono da Sonae.*

*Leva a mesma técnica de tesouraria para a rede de supermercados Continente depois criada onde recebe a pronto e paga a 90, 120 e 180 dias.*

*Há meia dúzia de anos, no edifício da Alfândega do Porto, tive oportunidade de intervir num daqueles debates promovidos pelo Rui Rio com antigos primeiros-ministros e fiz este relato.*

*Vasco Gonçalves não tinha ideia desta decisão do seu governo, mas não a refutou, claro.*

*Com o salão pleno de gente e de jornalistas, nenhum órgão da comunicação social noticiou a minha intervenção.*

*Este relato foi-me feito por colegas do então BPM entre eles um membro da comissão sindical (Manuel Pires Duque) que por várias vezes se deslocou na altura à Sonae para falar aos trabalhadores.*

*Enviei-o para os jornais e, salvo o já extinto "Tal & Qual", nenhum o publicou.*

*Gaspar Martins, bancário reformado, ex-deputado*

### **15.4. DESERTIFICAÇÃO 2: DAS ALDEIAS PORTUGUESAS À CORRIDA AO OURO AUSTRALIANO**

Há cerca de dois meses uma anciã partiu uma perna numa queda na ilha do Corvo. Era apenas uma das 400 e tal pessoas que residem em 17,13 km<sup>2</sup> (pouco maior do que Macau no meu tempo com 16 km<sup>2</sup> e 400 mil habitantes<sup>51</sup>). A sua pequena dimensão e o isolamento, provocado pela inexistência de um porto seguro, levou ao desenvolvimento de uma sociedade agropastoril com padrões tradicionais, embora a melhoria das comunicações tenha contribuído para aumentar o bem-estar e o progresso da população. Podem ainda observar-se nalgumas portas os carabelhos, as típicas fechaduras de madeira com que, na falta de metal de outros tempos, se trancavam as portas das casas e palheiros, tal como ainda se veem hoje em Rio de Onor no Distrito de Bragança.

Pois foi nesta simpática pequena ilha que a senhora resolveu cair e para cúmulo do azar já tinha mais de 80 anos. Obviamente que não tinha nada que andar a dar voltas, ou a trabalhar nos campos, ou a fazer o que quer que fosse com aquela idade e naquele local. Não sabia essa autóctone que não havia meios de cuidados de saúde na ilha para o caso de ter um acidente? Como não havia meios de a transportar no avião normal lá ficou uma semana. Então queriam pô-la a subir os degraus da escada para o avião com uma cadeira de rodas ou quê? Se a senhora não podia andar pelos seus próprios meios também não podia andar de avião...

---

<sup>51</sup> Macau hoje com 27 km<sup>2</sup> e 449 mil almas

Até que um jornalista (lá estão eles, raça maldita de arruaceiros que só querem é criar confusão e mal-estar) descobriu o caso da senhora e veio com parangonas na rádio e nos jornais a criticar a TAP e SATA (empresas de navegação aérea) por não levarem a senhora para outra ilha. A TAP nem voa para aquelas bandas.... Passado um dia um avião da Força Aérea foi buscar a senhora e tratar-lhe dos ossos partidos. Estão a ver como tudo se resolveu?

Como um partido português já sugeriu, não seria mais conveniente retirar esta idosa senhora e mais os 400 companheiros que ali vivem e metê-los numa cidade mais evoluída como Lisboa?

O Estado deixava de subsidiar os voos para a ilha do Corvo que não se justificam. Com o que aí poupava já dava para não sei quê. Ou então fazer o mesmo às grávidas de Elvas? Mudá-las todas para Lisboa para poderem ter a maternidade ali ao pé. Quem sabe se não há aí um grupo interessado em abrir uma clínica privada com serviços maternoinfantis nas maternidades do país que estão para fechar? Falem com o *Cheney*, *Rumsfeld* e *Bush* que eles devem ter alguma ideia.

Quando a poeira assentar ainda vão agradecer a este governo por ter fechado 4500 escolas que quase não tinham gente e custavam tanto a manter. A poupança em professores, salas de aula, despesas de manutenção e sei lá que mais, era indispensável, pois, nessas aldeias só vivem velhos, reformados, desempregados e parasitas que teimam em cultivar uma horta de autossustento no seu quintal, vivendo assim à margem dos grandes hipermercados e da sociedade tecnologicamente evoluída das grandes urbes nacionais.

Voltando ao problema das aldeias creio que o melhor era encerrá-las a todas e criar Turismo Rural, uma estufa para turista ver, onde se pudessem estudar as formas de vida primária existentes no país e cobrar uns tostões aos turistas para verem.

Primeiro cortaram-se as vias-ferreas que eram a principal causa de incêndios no verão quente de Portugal. Substituíram-se por transportes rodoviários, mas como as estradas eram más teve de se fazer um peditório a São Bruxelas para construir estradas novas. Depois passamos a ter os transportes feitos por estrada a fim de unir o interior ao litoral.

Este fenómeno é sobretudo visível em Bragança (que ainda não tem um único quilómetro de auto-estrada, mas está prometida e há de vir lá para o final da década seguinte) melhor ligada ao interior espanhol do que ao litoral português.

A seguir acabaram com os CTT nas aldeias que aquilo era uma chatice e não havia carteiros para andar lá pelos montes no meio de lobos e de nevões.

Como hoje cada português tem mais do que um telemóvel, foi a vez de a Telecom deixar de reparar as linhas de telefone fixas que são uma maçada em Trás-os-Montes, Alentejo e sítios assim que ninguém sabe bem onde ficam.

Felizmente, a água não foi preciso cortar porque muitas das aldeias nunca tiveram água ou saneamento, e a mãe-natureza mandou vir uma seca das grandes e lá se foi a água.

*Desconhece-se se por detrás disto não haveria uma retaliação em virtude de D. Afonso IV (1325-57) ter confiscado os bens do mais velho dos seus irmãos ilegítimos, D. Afonso Sanches que moveu guerra ao monarca e invadiu Portugal pela fronteira de Bragança, pondo tudo a ferro e fogo.*

*Ou então, porque na campanha de 1369, de Henrique I de Castela contra D. Fernando, Bragança ter sido dominada pelos castelhanos e só voltar à posse portuguesa com o tratado de Alcoutim em 1371.*

Depois, querem esses velhos agricultores vir protestar a Lisboa com o Ministro da Agricultura por causa dos subsídios. Se se tivessem modernizado e saído das berças para as cidades já não andavam agora a pedir esmolas e subsídios.



Toda a gente sabe que os métodos tradicionais da agricultura em Portugal não dão sustento a ninguém, desde que El-Rei D. Dinis mandou plantar o pinhal de Leiria e introduziu uma espécie não-autóctone. Já na época o que vinha de fora parecia sempre melhor do que o nativo. Assim se importou a praga do eucalipto que arde depressa e bem e só serve para alimentar o negócio das fábricas de papel.

Ao contrário do que é crença em Portugal, o que vem de fora são normalmente pragas. Não me refiro aos espanhóis de 1580 a 1640. Deixem ir para Trás-os-Montes os espanhóis que mostram o que é cultivar e exportam para cá o que produziram nas terras que os portugueses não sabiam lavar.

*Na Austrália vi uma excelente reconstrução de Ballarat e Bendigo, Estado de Vitória, onde havia garimpeiros, e até as tendas imundas e pobres dos chineses eles reergueram. O ouro foi descoberto em 1851 em Poverty Point no ribeiro Canadian. No ano seguinte havia mais de 20 000 pessoas a escavarem os campos de ouro (Ballarat Goldfields). Em 1855 havia 19 000 Chineses na colónia de Vitória e dois anos mais tarde já existiam 26 000 odiados e perseguidos pelos colonos brancos.*

*Levei lá a minha filha para aprender um pouco da história australiana, numa das vezes que me fora visitar a Melbourne. Depois de conduzir até perto do local, compramos o bilhete para sermos transportados na linha de comboio centenária. Era mantida por um ex-maquinista que orgulhosamente conservava a circular a locomotiva e alguns vagões, sempre cheios de turistas em todas as épocas do ano. Cobravam uma taxa simbólica suficiente para sustentar a linha desativada. Havia dado (ao ex-maquinista) uma concessão de 25 anos – sem custos nem impostos – para manter a linha e ao longo de duas dezenas de quilómetros haviam-se desenvolvido atividades paralelas, para além do belo Parque Natural numa das extremidades.*

*Todo o acampamento mineiro fora mantido, nos edifícios que estavam em pé, labutavam (ou fingiam labutar nessa recriação permanente doutras eras) pessoas vestidas à época da febre do ouro, cozinhando “scones”, fazendo chá, trabalhando no jornal, numa tipografia da época, que ora se limitava a emitir certificados decalcados doutras eras com os nomes dos visitantes atuais. Havia a prisão e as quintas, carros de bois, o render da guarda e tudo o mais numa constante recriação do que fora a vida na época. A filha e o pai jamais esqueceriam aquele mergulho na história do século XIX no estado australiano de Vitória.*

*Houvesse em Portugal gente com visão para se manterem algumas das linhas mais belas do mundo como a do Tua, ou a Pocinho a Barca d'Alva...ou as linhas do Vouga, do Tâmega e outras que desapareceram pela estupidez dos governantes em Lisboa.*

Mas em Portugal, tudo era dispar. Poucos estavam interessados em recriar o passado histórico e as gloriosas máquinas de caminho-de-ferro a vapor. Ignoravam que a ferrovia por entre alcantiladas margens do Douro e afluentes percorria algumas das mais belas paisagens do mundo. Isto era um país indiferente, amante do lucro rápido e do cimento, a que chamam progresso, sem respeito pelo valor incensurável do passado e da riqueza histórica e patrimonial. A grandeza da História nada representa. Assim se perdia a paisagem protegida por deus e pela natureza, como se perdiam os castelos, igrejas, pelourinhos, e monumentos abandonados ou deixados à triste decadência forçada aguardando que a natureza tomasse conta deles e os ocultasse. Seria um legado para arqueólogos futuros os descobrirem...

*Voltando ao problema das aldeias portuguesas, o melhor era, de facto, encerrá-las a todas. Depois criar-se-ia uma zona protegida, uma espécie de Parque Natural de Turismo Rural em todo o interior do país. Um tipo de estufa para turista ver, onde se pudessem estudar as formas de vida primária anteriormente existentes no país. O Estado cobraria uma taxa aos turistas para visitarem. Não era isso que se fazia com os animais no zoológico? Como então, provavelmente já não haveria animais para mostrar (perdão, habitantes) poderiam contratar-se figurantes. Tal como se faz nas recriações históricas e feiras medievais, todos em trajos típicos da época.*

*De igual modo, se poderia seguir esta orientação de despovoar ainda mais o interior, porque não compensava mantê-lo aberto, criando depois subsídios para um forte investimento em atrair turistas. Mostrar-se-iam as velhas aldeias abandonadas, recuperavam-se umas casas onde os turistas pudessem ficar a viver macaqueando os nativos.*

Depois desta inovadora revolução populacional aproveitar-se-ia o efeito. Dera resultado com os lisboetas a comprarem “montes” alentejanos. Atraíam-se cidadãos de outras regiões (num programa

regional de formação profissional e de criação de emprego) para as regiões abandonadas de Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo. A economia melhorava, incrementava-se o turismo interno em vez de deixarem divisas no Brasil e outros locais, onde se vai para se dizer que se é muito viajado. Os nativos podiam viver tranquilamente nos novos dormitórios de cimento do Porto e de Lisboa, em vez de passarem necessidades nas aldeias. Ficavam perto de hospitais e de centros de saúde onde poderiam ocupar os seus dias na infinda espera para serem atendidos por um médico de família.

Já houve turistas que vieram a Portugal de férias e não saíram, tendo adquirido as casas abandonadas, reconvertido as mesmas com comodidades modernas, vulgo casas de banho, cozinhas, água corrente, aquecimento e outros luxos típicos do norte da Europa. Eram esses estrangeiros que estavam a mudar a paisagem e a ensinar aos portugueses que era possível conviverem com o passado e lucrarem com o mesmo. Já fora assim com alguns teares e fiações artesanais recuperados por holandeses, alemães, belgas e franceses.

*Se os “tugas” fizerem isso criar-se-ão novos empregos para guias turísticos. Iriam trabalhar em povoados perdidos em mapas que nunca ninguém abriu, em terriolas cujos nomes desconhecem. As aldeias do interior, que o Estado desabitara de autóctones, seriam repovoadas por gente de poses e estrangeiros.*

*Seria o seu momento de aburguesamento e entrariam para a civilização, coisa que nenhum Rei nem governante depois de 1143 havia conseguido. Essa ideia genial foi iniciada pela autarquia de Alfândega da Fé em 2004 ao inaugurar escolas primárias reconvertidas em Turismo Rural nas aldeias de Sendim da Serra e Gouveia. Tiveram tanto sucesso que mais sete escolas foram reconvertidas. Incentivemos a construção civil. Toca a reconverter escolas, hospitais, tribunais, casas dos cantoneiros. Transformemos o país num imenso Hotel para turistas, pois habitantes não haverá em breve.*

Vamos a isso, pode ser que eu arranje trabalho como guia.



**AMOS**

## **CRÓNICA 16 DOS ROMEIROS MICAELENSES, março 2006**

Durante este último mês não faltaram Romeiros por estas estradas ora em grupos pequenos de cerca de vinte ou trinta ou em números bem maiores até perto da centena. A sua caminhada pelas estradas com paragem pelas igrejas em cada aldeia, vila ou povoado marcaram bem esta preparação pascal que aqui assume significado diferente dos Caminhos de Santiago.

Quando, esta semana, a família toda foi cortar o cabelo dizia-nos a cabeleireira e mulher do nosso Presidente da Junta e senhorio, que nessa noite tinha 25 Romeiros para jantar dum grupo de mais de cem que aqui passava.

*No último dia do período escolar 7 de abril de 2006, e não 1946, até queriam que os alunos e professores fossem à missa no ginásio da Escola Secundária EBI da Maia (S. Miguel).*

*Afinal já não há liberdade religiosa neste Estado ou então confunde-se a religião maioritária e descarta-se a separação entre religião e ensino oficial... peculiaridades insulares dirão alguns ou então um abuso extremo diria eu que até sou ateu embora pela educação que tive, haja quem me queira considerar apenas agnóstico ou não-crente, ou ainda crente não-praticante...*

Vai demorar tempo a fazer entender a esta gente que acredito no multiculturalismo e sou um confesso defensor do mesmo, apesar do 11 de setembro em Nova Iorque e do 11 de março em Madrid e muitas outras datas anti-islâmicas o que não implica que seja um simpatizante (antes pelo contrário) dos islamitas, mas respeito todos os que não são fundamentalistas qualquer que seja a sua religião, credo, raça ou preferência sexual.

Sei que isto me coloca - atualmente - numa minoria.

*O meu filho já gastou, desde o Natal, o pneu da roda de trás da bicicleta que aliás aprendeu a utilizar em cerca de 24 horas de treino no nosso pátio logo após irmos das férias de Natal no Continente.*

*Mas quanto a sapatos e calças continua a gastar quase um par por mês... ele gosta de estar aqui e andar livre de bicicleta pela aldeia, para cima e para baixo, a visitar os amigos e entretido a brincar.*

*Na semana passada tivemos mais um caso na escola dele. Ele queixou-se de que um colega mais velho (14 anos e anda no 4º ano) lhe batia na cabeça e daí o seu galo... prontamente escrevi uma carta à professora a protestar.*

*No dia seguinte vim a saber que ele dissera que fora o outro só porque este o ameaçava diariamente que o ia apanhar e bater e como tinha medo e não sabia o que fazer resolvera denunciá-lo desta forma.*

*Tivemos de explicar à professora que esta atitude fora por temor e ele levou uma tremenda descompostura por mentir.*

Só problemas. Já estou velho e sem paciência para lidar com miúdos... especialmente este mais novo que é parecido a mim em feitio e esperteza, mas que só cria problemas. Fora isso é miúdo muito querido e mimado que passa a vida a chamar a atenção para si e quer ser o centro das atenções, dizem que é igual ao pai nisso e noutras características.

Nos dias que antecederam aquela cena da escola, ele de manhã metia-se vestido na cama de manhã e sem vontade de ir para a escola, o que estranhámos, pois, ele levanta-se sempre antes de mim por volta das sete da manhã embora só saíamos pelas oito. Já era uma reação de medo ao colega. Como não está habituado à violência e não apanha tarefas em casa as ameaças do outro devem ter-lhe parecido imensamente enormes.

Eu tive outros problemas como se pode ver adiante.



## CRÓNICA 17. DOMINGO DE PÁSCOA. 16 abril 2006

Hoje não irei falar desta estação festiva para muitos crentes pois deixou de ser um momento de reflexão. Similarmente ao Natal converteu-se num apelo ao consumismo de chocolates e amêndoas em que ninguém se dá ao trabalho de pensar porque existem estas férias e feriados. É irónico que seja um não-crente, ateu até ao tutano, a falar disto, mas cada um é como é e não renego as origens cristãs embora professe um profundo respeito por outras crenças e religiões desde que não sejam fundamentalistas ou exacerbadas por ódios ancestrais. Para mim a Páscoa é uma época de reflexão sobre o caminho terreno de cada um de nós (perdoem-me se isto começa a parecer uma homilia), sobre a inevitabilidade causal desta curta passagem, sobre a ineficácia de tentarmos deixar uma marca dessa passagem, sobre a futilidade de nos tentarmos afirmar enquanto seres vivos, sobre o materialismo exacerbado que nos preenche o quotidiano, sobre a falta de amor e caridade com que permeamos os nossos dias, sobre a incapacidade de perdoar e ser perdoado.

Não, não era sobre isto que vos queria falar hoje.

*Queria dizer-vos que me sinto (como antes se dizia) bota-de-elástico, démodé, ou (como se diz agora) “cota”. Cada vez mais a vida se aproxima da ficção de Quentin Tarantino, realizador obcecado pela violência e brutalidade. Cada vez menos tenho paciência, é uma luta desigual, pois basta abrir um telegiornal, folhear as páginas dum jornal ou fazer pesquisa sobre qualquer tema e aí está o genocídio, a morte gratuita, o ódio racial, religioso ou económico. Cada vez mais me revolto por ser um ente isolado e minoritário neste mundo que me rodeia. Tudo questiono, farto de violência, desde os putos norte-americanos que se chateiam e pegam na arma do pai (ou compram-na mesmo sem terem idade para beber uma cerveja) e limpam o sebo aos colegas, ou aos vendedores de armas que vão de terra em terra a fomentar mais uma guerra civil.*

*Quando sei e vejo*

- Um Tribunal Português a entender que um castigo corporal a uma criança deficiente até faz bem,
- Os deputados fazer ponte em véspera de feriado e a não permitir a aprovação por falta de quórum,
- A irresponsabilidade dos serviços secretos franceses forjarem um documento falso (a falsa compra de urânio no Níger por Saddam Hussein) para impelirem os EUA mais depressa para a invasão do Iraque,
- Os mesmos franceses coniventes no genocídio do Ruanda,
- A destruição das Torres Gémeas e quem esteve por detrás dos danos do Pentágono ...,
- A negação do direito de o Irão ter armas nucleares e o direito dos israelitas a usarem as mesmas?

*Não posso deixar passar esta oportunidade para saudar o atraso dos juizes do Supremo Tribunal que obviamente vivem no séc. XIX pois ilibaram e absolveram uma alegada “educadora” que dava palmadas às crianças deficientes a seu cargo e as fechava em quartos escuros quando se recusavam a comer, o fundamento da mesma raia a loucura que se deve instalado na mente dos juizes.*

*O Supremo ao legitimar estes castigos corporais esquece o direito à dignidade, ignora a psicologia infantil e não tem em conta a sua honra. O acórdão vai longe demais. Uma criança, e deficiente mental não vê a conexão entre os seus atos e os castigos. Os castigos têm valor limitado porque a crianças não reagem por compreensão, mas por medo. Em vez de se castigar deve-se levar a criança a sofrer as consequências do seu agir. Quem se recusa a comer não deve alimentar-se até à próxima refeição, mas não deve ser fechado num quarto às escuras nem sofrer castigos corporais. Reservemos estes para quem deveras os merece: os juizes do Supremo Tribunal. O educando sabe que o afeto dos educadores depende do seu comportamento. Muitas vezes os educandos pagam as incapacidades, insatisfações e fracassos dos progenitores assoberbados, por uma sociedade cada vez mais exigente, que lhes não deixa tempo ou espaço para poderem criar uma base de diálogo com os seus filhos. A falta de objetividade e de formação profissional serão motivos para desculpar a educadora em causa.*

*Neste julgamento os juizes deram péssimo exemplo a um país de abusos e violência doméstica contra jovens e mulheres, um país de esqueletos nos armários, fruto da geração nascida do medo e do silêncio que os 48 anos de obscurantismo e repressão criaram. Num país em que pais e avós matam crianças por não terem paciência para as aturarem, esta decisão veio dar consolação aos que usam e abusam da pretensa posição de poder, sejam maridos ou pais*

*. Para ser reposta a normalidade sugiro que os juizes sejam publicamente humilhados com açoites e fiquem uma semana de castigo no quarto escuro.*

## **CRÓNICA 18. DE HUMIDADE E VACAS, COMUNHÕES E A NÃO-IDA A TIMOR, abril-maio 2006**

O João cá anda a jogar futebol e de bicicleta, sempre que pode ao ar livre, enquanto o pai tenta angariar novos clientes de traduções, sem grande sucesso, embora este ano tenha havido maior continuidade de trabalho do que é habitual.

Ontem foi às vacas... e ficou todo entusiasmado por ter estado a tratar duma trintena de vacas de a tarde. Com efeito, aqui é vulgar as crianças saírem da escola diretas para os campos a fim de ajudarem as famílias a tratar das vacas. Convidaram-no (um dos amigos) e ele lá foi num trator com o amigo e o pai deste. Quando chegou a casa correu logo a telefonar à avó e à tia a contar a proeza.

Lembra as recordações da minha infância em Trás-os-Montes, embora nunca tivesse ido às vacas. Pensei que isto sim era qualidade de vida e quantas crianças no mundo inteiro nunca tiveram a possibilidade de estarem em contacto com a natureza e com os animais, estando fechadas em casas com poucas condições, passando o dia a ver televisão ou a jogar jogos de computador sem respirarem o ar fresco dos campos, sem ouvir os pássaros que chilreiam fora desta janela e sem saberem que a natureza é isto.

Estou a ficar cada vez mais bucólico neste regresso ao passado e à vida simples, que nós, os urbanos, jamais apreciamos enquanto vivíamos em torres de cimento em cidades inexpressivas e sem qualidade de vida. A minha mulher gosta disto e já se decidiu a não sair mesmo depois de vender a casa do Porto. Vai entrar num doutoramento para subir mais na carreira<sup>52</sup> antes da reforma.

Perguntam-me porque é que nas fotografias aparecemos sempre todos encasacados. É simples, embora as temperaturas andem pelos 15 ou 16° C de dia, sempre que se sobe às montanhas está mais fresco, e as casas são muito húmidas. Ainda não deu para comprar desumidificadores, mas bem os precisamos. Essa humidade causa uma sensação de frio que não é proporcional ao que os termómetros marcam... assim podem estar 10-12° C e não estar frio nem vento nenhum e podem estar 17° C e estarmos cheios de frio com as humidades nos 80 ou 90% a penetrarem até aos ossos. Claro que estivemos três anos num clima continental super-seco (Bragança) e os nossos termómetros biológicos ainda não se ajustaram à realidade. O tempo vai-se compondo e hoje chegou aos 21° C.

Aliás, os ossos ressentem-se da humidade e é o fator mais negativo dos invernos que se prolongam até abril. A chuva quando cai é a sério e quando resolve cair é a potes e cântaros ao ponto de formarem pequenos rios nas estradas com a água tipo enxurrada que vem das arribas. As valas são muito profundas. Mas a humidade nunca parará de me espantar. Hoje fui vestir um par de jeans (calças de ganga) que já não usava há meses e qual a minha surpresa de os ver totalmente verdes de mildio ou mofo ou lá o que era (fungos). Demorei imenso tempo a limpá-los e a retorná-los à sua cor original azul.

Lá fora os vizinhos afadigam-se a colocar verdes e flores no chão na antecipação do cortejo pascal que ocorre não no domingo de Páscoa, mas no de Pascoela e para grande desgosto da minha mulher benfiquista o F. C. do Porto sagrou-se, mais uma, vez campeão ontem.

Totalmente alheios ao debate, os residentes nos seus fatos domingueiros rumam à missa. As mulheres e crianças assistem na Igreja, os homens vão à taverna ou ficam a conversar na porta.

As tradições são mantidas de acordo com um guião escrito há muito, como na minha infância.

Para a semana as Festas do Santo Cristo, sendo feriado na segunda-feira (22 maio) e quinta-feira (25) com procissões e festividades litúrgicas e pagãs durante o resto da semana.

---

<sup>52</sup> (Nota em devido tempo: As carreiras foram desde então congeladas, bem como os vencimentos há uns dez anos, e a ideia do doutoramento esfumou-se como desnecessária - dezº 2015).



### **18.1. DAS COMUNHÕES**

Apenas uma nota de rodapé. Neste domingo fui a uma primeira comunhão de uma prima em quarto grau (filha do Pedro, neta do Acácio Cordeiro que aqui casou com a Lourdes Furtado-Lima, na década de 1960 e por cá ficou).

Creio que foi apenas a 4ª ou 5ª cerimónia destas da minha vida. Fiz a minha no já longínquo ano de 1958, fui à de um primo direito (Paulo Eça) em 1959, de uma prima do Azinhoso nos anos 60 e à primeira comunhão do meu mais neófito em 2005.

Estavam cerca de sessenta pessoas incluindo alguns VIP. Ficamos numa mesa com algumas das pessoas mais idosas entre elas um interessante casal que faz parte da história da ilha. Trata-se dum cirurgião de renome, de baixa estatura, quase com oitenta anos que fala por provérbios e rimas, sendo vegetariano convicto, mas não fundamentalista, cristão acérrimo com uma visão curiosa do mundo e da medicina adotando uma postura antifármacos. A mulher (Furtado-Lima), irmã da mulher do meu primo Acácio Cordeiro, é dada às letras, interessante e com quem se pode conversar horas a fio sem maçar.

A pergunta que continuo a fazer (esta é a terceira vez que passamos horas juntos) é como ela continua ali firme ao lado dele e a única explicação que é plausível é que o catolicismo dela inclui o perdão cristão que raramente vemos aplicado. As restantes pessoas que ficaram na nossa mesa não merecem destaque dada a futilidade das conversas tidas, trivialidades e inutilidades.

Foi um almoço que durou das 13.30 até às 18.30 numa unidade hoteleira de luxo (Hotel Bahia Palace) na Praia Baixa de Água de Alto, Vila Franca do Campo, na costa sul. O bufete e o serviço eram irrepreensíveis assim como o preço que devia chegar para pagar as minhas dívidas.

Quando chegámos a casa ninguém quis jantar. A comida que sobrou dava para alimentar uma vila africana, mas é isto o mundo de desigualdades e se fosse crente daria graças a Deus por ter nascido deste lado da barricada.

### **18.2 A NÃO-IDA A TIMOR**

Por outro lado, fui convidado a ir a Timor em agosto 2006 conforme resumo do programa abaixo.

Será o regresso depois de 31 anos à primeira terra que escolhi como pátria... esperemos que as coisas por lá acalmem até ir e passamos pela pátria australiana a matar saudades.

Se se concretizar a oferta da viagem e estadia será um evento para guardar na memória.

#### **I Fórum da Língua Portuguesa em Timor-Leste**

– (programação provisória)

22-25 agosto

*25 agosto 2006*

*Plenária: Língua e Globalização*

*José Ramos-Horta (TL)*

*CPLP / AULP (PT)*

*Chrys Chrystello (PT)*,

*Moderador Geoffrey Hull (AUS/TL)*

*Jorge Couto*

*Francisco Ramos (PT)*

*Gilberto Gil (BR)*

*Mari Alkatiri (TL)*

*Mesas-redondas simultâneas*

*Resistência Cultural:*

*Roque Rodrigues (TL)*  
*Leão da Costa (TL)*  
*Benjamim Corte-Real (TL)*  
*Barbedo Magalhães (PT), Moderador*

*Memória e identidade:*

*Taur Matan Ruak (TL)*  
*João Inocêncio (TL/Vat)*  
*José Mattoso (PT/TL), Moderador*  
*Eduardo Lourenço (PT)*  
*Francisco Menezes (PT/TL)*  
*Rui Fonseca (PT/TL)*

Mas como em tudo na vida, o homem sonha, o timorense mata e o sonho desfalece. A grave crise (abril 2006) colocaria o país, de novo, a ferro e fogo. Pouco propício a convenções internacionais sobre o futuro da língua. O convite não fora reiterado. A oportunidade perdida.

Poderia conservar a imagem melancólica e suave dos tempos que lá vivi, sem confrontar as imagens da destruição de 1999 e subsequentes. O tempo doura todas as pílulas. Quase esqueci o que lá sofrera e como a vida seria alterada radicalmente depois de Timor. Permanecia a imagem dos magníficos e únicos pôr-do-sol com a multitude de cores, a beleza da natureza agreste, o povo bondoso.

*Nem de propósito, em setembro de 2008 ao rever esta passagem surgira um artigo no qual se confirmavam velhas teses sobre a justiça timorense que tantos problemas deram ao colonizador português.*

*Em Timor, a justiça mediu-se sempre em búfalos de água. O roubo de uma cabra é punido com um búfalo, uma violação custa dois búfalos, e assim por diante, com pequenas variações de zona para zona. Embora a justiça tradicional nunca fosse institucionalizada ela manteve-se na base da vida nas aldeias.*

*O problema surgiu quando se apronta a fase final do primeiro código penal do país motivando um Ministro a lançar uma cruzada a favor da lei tradicional a fim de proteger os recursos naturais.*

*Um terço da população mostra-se convicta que a maior parte desses crimes podem ser melhor resolvidos fora dos tribunais do que dentro deles, através da justiça do búfalo de água.*

*Este sistema vigora já em metade dos distritos de Timor, onde as pessoas se recusam a seguir o desatualizado código penal indonésio em vigor desde 1999.*

*Antes da invasão indonésia de 1975, a lei portuguesa ignorava a maior parte dos delitos passados fora da capital Díli.*

*Durante a colonização indonésia a corrupção dos tribunais levou a que as decisões dos juizes não fossem acatadas pela população e esperava-se que tudo melhorasse quando a Indonésia foi expulsa em 1999.*

*Quando a independência foi promulgada em 2002 após dois anos de mandato da ONU esperava-se a entrada em vigor de novas regras.*

*A Constituição garante o direito de todos a um julgamento justo e ao direito a um advogado sendo todos considerados inocentes até se provar a sua culpa.*

*Não existe qualquer menção aos búfalos de água na nova constituição, mas não existem nem advogados nem juizes suficientes ou devidamente treinados para fazer aplicar qualquer lei.*

*O problema agudiza-se quando se pensa que 50% das mulheres são vítimas de violência e doutros crimes pelo que a inexistência de justiça formal pode ter graves consequências.*

*O que pode acontecer é que essas mulheres em vez de irem a um tribunal exigir justiça se desloquem aos anciãos da aldeia em busca de justiça numa sociedade em que o homem é ainda o Chefe tradicional.*



## CRÓNICA 20. ADOLESCENTES. 19 maio 2006

*“A estrada para o inferno é pavimentada de advérbios”  
Mark Twain (1835-1910), escritor norte-americano*

A maioria dos pais de jovens e adolescentes costumam enfrentar a situação desconcertante de terem filhos que, por um lado, se comportam irresponsavelmente, sem dar importância às coisas que teoricamente lhes deveriam interessar e, por outro lado, sentem-se devastados pelo peso dos estudos, pela incerteza do futuro ou por pequenos reveses do quotidiano. Em vários aspetos parece que nasceram a saber tudo. Por outro lado, são incapazes de enfrentarem minúsculos contratemplos.

*“Estou deprimido” é uma expressão recorrente nesta geração paradoxal. Inconsciência Crónica com um excesso de preocupações. Da banalidade despreocupada à angústia paralisante.*

Como é possível, interrogam-se os pais e educadores, que uns jovens tão pouco dados a levar a vida a sério se tornem em vítimas quando veem as coisas malparadas. Estarão a exagerar? Não se tratará antes dum estratagema de autodesculpa, um recurso para obterem compaixão e evitarem terem de atuar como é costume? Tudo leva a crer que não é assim. Poucas vezes se trata de excesso de birras e de espanto de crianças malcriadas tentando comover os adultos assustadiços a fim de conseguirem levar a sua por diante.

*Aumentou substancialmente na última década o número de consultas de adolescentes nos serviços de urgência psiquiátrica. Num Hospital de Barcelona as estatísticas indicam em primeiro lugar as alterações de conduta, seguidas das crises de ansiedade com quase 25% do total de casos. Se acrescentarmos os 15% de tentativas de suicídio teremos de admirar que se trata dum problema grave e crescente: intolerância à frustração. Muitos jovens não aguentam os reveses pois não foram treinados para os enfrentarem.*

*Nasceram sobreprotegidos, acostumados a conseguirem da família mais próxima tudo o que querem, falta-lhes a experiência de sentirem necessidades ou de passarem pela penúria, carecendo de defesas face às dificuldades.*

*Os adolescentes naufragam no trajeto entre a infância almofadada que nada exigiu em termos de sacrifícios e um futuro erigido de obstáculos. A geração paterna apenas tem para lhes oferecer a perpetuação do estereótipo. A sobreproteção e a permissividade excessivas fizeram deles dependentes, sem autonomia quando se trata de fazer planos, de tomar decisões maduras e de confrontarem os seus problemas.*

*Já se disse e redisse até à sociedade, e com um certo fundamento, que os pais das últimas décadas estão a criar inválidos, sem recursos para enfrentarem um mundo regido pela competitividade e pelos elevados padrões de exigência, quer a nível laboral quer profissional, como ainda nas relações interpessoais e na integração social.*

Não será, porém, justo adotar o discurso de serem os pais culpados, como acontece hoje com a maior parte dos diagnósticos sobre o mal-estar da juventude e a desventura da adolescência. As famílias - apenas em parte - são culpadas da irresponsabilidade dos filhos que acabam por pagar com angústias a sua vida mole e não adianta colocar mais esse peso nos ombros dos pais que atuaram movidos pelo carinho, mesmo que este se tenha revestido de formas erradas.

A maior parte dos jovens deprimidos deixou de buscar apoio e cumplicidade nos amigos como acontecia até há pouco tempo, quando se refugiavam dos pais cheios de defeitos, mas mais eficazes a gerirem a segurança emocional que é necessária nesses momentos.

*Muitos especialistas estão de acordo sobre o facto de as causas da intolerância e da frustração nas idades jovens estarem intimamente ligadas aos valores propugnados pelos meios de comunicação. Quando, desde a nascença, um jovem recebe através do televisor mensagens incessantes sobre o consumo fácil, o êxito assegurado e a felicidade gratuita, não é descabido pensar que alguém os incapacitou para enfrentarem a dura realidade e esse alguém não foram os pais, incapazes de negarem os seus caprichos, mas os meios de comunicação capazes de enganar e de manipular as mentes dos seus recetores consumidores.*

*A televisão (ou a publicidade que dirige como uma soberana implacável os conteúdos e as formas das mensagens) é o agente principal da frustração. Que capacidades de enfrentar os problemas podem ter os que durante os anos mais recetivos das suas vidas foram metralhados a todas as horas com promessas de felicidade virtual, de satisfação através do consumo, de êxito imediato, com visões da vida pintada como um show de diversões que nunca termina?*

*O discurso mediático e mercantil alimenta a falta de maturidade que só se revela quando a realidade nua e crua mostra a sua face e o jovem constata que nada é como lhe disseram, criando um desajustamento causador de insatisfação e ansiedade extrema.*

Assim como nos anos 60 e 70 se falava da geração rebelde, nos anos 90 foi a geração Prozac, agora dá a impressão de termos chegado à geração da frustração. Nem poderia ter acontecido doutra forma, mas a evidência não resolve o problema nem serve de consolo. Quando os nossos adolescentes dizem que estão agoniados e deprimidos estão na maior parte dos casos a falar a sério, sofrendo a sério muito mais do que possamos imaginar.<sup>53</sup> \_ É a propósito deste trecho que convém fazer algumas constatações mais comezinhas.

A atual geração não passou em termos de privações familiares nada como a geração de “baby-boomers” a que pertencemos (nascida no pós-guerra). A geração rebelde que, no fim dos anos 60, se revoltava contra o status quo na França e contra a guerra colonial em Portugal tinha algo contra que lutar. Vivia melhor que a geração de seus pais em termos de conforto e de posses económicas, mas era arrastada para projetos militares que nada lhes diziam e aos quais se opunham porque queriam tomar parte na construção da História em vez de serem arrastados como nota de rodapé para essa mesma história tal como acontecera aos seus pais.

Numa conferência sobre educação e conflitos de gerações, o médico inglês Ronald Gibson começou a conferência citando quatro frases:

- 1) A nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, troça da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Os nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos seus pais e são simplesmente maus.*
- 2) Não tenho nenhuma esperança no futuro do nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível.*
- 3) O nosso mundo atingiu o seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe.*
- 4) Esta juventude está estragada até ao fundo do coração. Os jovens são malfetores e preguiçosos. Jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura.*

Após ler as citações, satisfeito com a aprovação dos espetadores revelou a sua origem:

- A primeira é de Sócrates (470-399 a.C.)*
- A segunda é de Hesíodo (720 a.C.)*
- A terceira é de um sacerdote do ano 2.000 a.C.*
- E a quarta escrita num vaso de argila nas ruínas da Babilónia (atual Bagdad) com mais de 4.000 anos.*

Aos que são pais: RELAXEM, pois sempre foi assim! Depois chegou o 25 de abril e as liberdades misturaram-se inicialmente com as libertinagens em que tudo era permitido e os jovens dos anos 70 e 80 nasceram com o rei na barriga, nada era proibido, tudo era permitido e assim sendo podiam almejar a uma sociedade sem classes em que todos tinham acesso ilimitado a todos os bens e seriam felizes de então e até todo o sempre.

As crises económicas que atravessaram o mundo não se fizeram sentir demasiado nesta Europa Ocidental (exceção feita à crise do petróleo de 1972) e a máquina da publicidade assenhoreou-se da televisão e demais órgãos de comunicação social moldando aquilo que hoje temos em casa ou que dela

53 <http://servicios.elcorreodigital.com/vizcaya/pg060514/prensa/noticias/Sociedad/200605/14/VIZ-SOC-046.html> Traduzido de José María Romera, Ilustração: Martín Olmos, Fonte: Pág. 92 de El Correo 14/5/06

saíram há pouco. Por mais que lhes tenhamos dito que a vida era feita de sacrifícios eles não passaram pelas nossas experiências dolorosas, nem as viram nem as sentiram.

Frequentar uma universidade não era um apanágio de elites, nem mesmo frequentar universidades privadas era já considerado elitista. Os cursos facilitaram o acesso a canudos que tinham a fama de servir para distinguir entre os que vencem na vida e os outros, embora na prática já fosse diferente. As classes sociais esbateram-se e o grande fosso entre os que tinham e os que não tinham passou a ser uma memória do passado. Claro que como pais fizemos o que nos competia dando o máximo de bens materiais aos filhos, já que não tivéramos livre acesso aos mesmos. Aproveitámos também para nos rodearmos desses mesmos bens e deixamos de poder viver sem eles.

Parecia uma sociedade de abundância e parecia não haver limites ao que os nossos filhos podiam aspirar a ter. a pressão dos pares a nível social e movida pela insaciável máquina da publicidade ajudou-nos a comprar tudo e mais alguma coisa. Só que quando a árvore das patacas seca, i.e., quando os filhos saem de casa dão-se conta que as pequenas coisas têm um custo e a vida está feita de pequenas coisas, o que os irrita profundamente porque quando chega a altura das grandes coisas já não há dinheiro para nada.

Como crianças mimadas que são em vez de lutarem por trabalhar mais e ganhar mais queixam-se, entram em depressão e sofrem, mas apáticos ficam na inação em vez da ação e deprimem-se anda mais. Tudo é um direito divino que compete aos pais satisfazer e quando estes não podem ou não querem continuar a alimentar a ilusória vida fácil a que os habituaram, sentem-se traídos pela sociedade e pela família.

Mas o que não sabem (ou pretendem ignorar?) é que irão ter de pagar pelas dívidas que o mundo e a sociedade dos pais lhes deixaram, porque então aí sim teriam razão para se sentirem deprimidos, mas ainda não chegaram lá e não se preocupam. Parece a história deste país que habito, mas não é.





## **CRÓNICA 21 AS FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES**

### **21.1. AS FESTAS. 21 maio 2006**

Como era a primeira vez que estava presente e nada sabia sobre as festividades do Santo Cristo, resolvi fazer uma busca na rede e incluir excertos do que encontrei.

*“E a cólera divina se aplacou...No Convento da Caloura, em Água de Pau, começa a história do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Reza a tradição que foi neste lugar que se erigiu o primeiro Convento de religiosas na ilha, cuja fundação se deveu à piedade das filhas de Jorge da Mota, de Vila Franca do Campo. A criação da comunidade implicou uma ida a Roma de duas religiosas para pedir a respetiva Bula Apostólica. O Sumo Pontífice não só concedeu a ambicionada Bula como ainda ofereceu uma Imagem do Ecce Homo<sup>54</sup>.*

*No ano de 1700, a ilha de S. Miguel foi abalada por fortes e sucessivos tremores de terra durante vários dias. Em 13 de abril, a mesa da Misericórdia e grande parte da nobreza da cidade de Ponta Delgada percorreram, em procissão, todas as igrejas até ao Mosteiro da Esperança. Caminhava a procissão e todos iam descalços. Levaram o andor do Santo Cristo as pessoas mais qualificadas em nobreza. Saindo da Igreja dos Jesuítas, não obstante a segurança e a cautela com que levavam a Imagem, caiu esta fora do andor e deu em terra. O povo ficou aflito. Uns feriram os peitos com as pedras; outros, pondo a boca em terra, que julgavam santificada com o contacto da imagem, pediam a Deus misericórdia; davam sobre si rijos e desapiedados golpes, regando a terra com o sangue das veias; aqueles publicavam em alta voz as suas culpas, como causas da indignação do Senhor; e todos, com clamores e suspiros, pediam a Deus que suspendesse as demonstrações da sua justa vingança. Verificaram que a santa Imagem não experimentara com a queda dano considerável, pois somente se observou no braço direito uma contusão. A Imagem foi lavada e limpa e, colocada no andor, continuou a procissão, até que, de noite, se recolheu no Mosteiro da Esperança. E a cólera divina se aplacou.”*

*O Reitor do Santuário da Esperança, solicitou a intervenção da Santa Sé no sentido da beatificação de Madre Teresa cujos restos mortais se conservam numa pequena urna. Em fins do séc. XIX, um dos bispos de Angra mandou abrir a caixa, que ainda se conserva no coro baixo do Convento da Esperança e contém os despojos mortais. Removida a respetiva cobertura, se evolou um magnífico e inexplicável aroma.*

*Madre Teresa da Anunciada nasceu e foi batizada a 25 de novembro de 1658, na Freguesia de S. Pedro da vila da Ribeira Grande. Entrou para o noviciado no Convento da Esperança a 19 de novembro de 1681, vindo a fazer os votos solenes em 23 de julho de 1683. Morreu, com fama de santidade, em 16 de maio de 1738. O pai foi Jerónimo Ledo de Paiva, nascido na Ribeira Seca da Ribeira Grande, em julho de 1601. A mãe foi Maria do Rego Quintanilha, batizada na Vila do Nordeste, em 11 de agosto de 1614. A prolongada doença do pai acabou por vitimá-lo a 24 de janeiro de 1666, grande desgraça que se abateu sobre a família, de treze filhos, sendo Teresa a mais nova. Sua irmã, Joana de Santo António, fez os impossíveis para que entrasse no Convento.*

*Quando Teresa chegou à idade de aprender a ler, veio do Brasil seu irmão, Frei Simão do Rosário, para descansar e restabelecer-se das extenuantes missões pelo sertão brasileiro. Ensinou a ler as irmãs mais moças e Teresa deliciava-se com a leitura da vida de santos.*

*Quando entrou para o Mosteiro da Esperança, estava no coro baixo, num pequeno altar, uma imagem do Senhor, no passo do "Ecce Homo", que tinha um registo a tapar a abertura do peito, pois outrora servira de sacrário. A pedido da irmã, Teresa conseguiu um novo altar para a Imagem. Pediu a Madre Jerónima do Sacramento, do Convento de Sto André, de Ponta Delgada, que fizesse uma cana de flores de seda, para ornar o Senhor quando regressasse ao altar. A Imagem do Santo Cristo estava no altar, mas o teto do coro era formado pelo soalho do coro-alto que, além de velho, tinha muitas frinchas que deixavam passar o pó. Teresa conseguiu que fosse construída uma Capela<sup>55</sup> e, a seu pedido, D. Pedro II, por alvará de 2 de setembro de 1700, concedeu uma tença de doze mil réis, para manter acesa, dia e noite, uma lâmpada de azeite diante do altar. Foi por esta época que Madre Teresa desejou que a Imagem do Senhor saísse em procissão, passando por todas as igrejas e conventos da cidade. Por intermédio do Conde da Ribeira Grande, obteve licença do*

54 não se imagina na época duas jovens freiras à boleia de barco, a dormirem num albergue da juventude dessa era, irem sozinhas a Roma, serem recebidas pelo Papa e terem a oferta citada...mais um mito que urge desmistificar embora a lenda em si seja apelativa.

55 Nenhuma dessas capelas chegou aos nossos dias, mas, sim, uma terceira, mandada construir posteriormente e que foi benzida a 22 de março de 1771

Prelado, D. Frei António de Pádua, e a primeira procissão realizou-se a 11 de abril de 1700, segundo Urbano de Mendonça Dias<sup>56</sup>.

*Madre Teresa parece que não teve velhice, tal a energia que manteve até ao fim da vida. A última doença prostrou-a aceleradamente. Os jejuns, os cilícios, as penitências e uma cama feita com uma enxerga de palha sobre ramos, parece que nunca lhe tiraram as forças do corpo e lhe fortaleceram as da alma. Pressentiu a morte sexta-feira, dia 16 de maio de 1738, ia completar, em novembro, 80 anos de idade. A 16 de maio de 1954, foi colocada uma lápide comemorativa na casa onde nasceu, sita à Rua do Torninho, na Ribeira Seca. A 12 de maio de 1963, foi inaugurado, junto à Igreja da Ribeira Seca, um busto da Madre Teresa, da autoria do escultor Numídico Bessone. Em dezembro de 1992, foi oficialmente designada Patrona da escola n.º 5 da Ribeira Seca. A grande estátua, junto ao Santuário do Santo Cristo, em Ponta Delgada, foi inaugurada em 26 de maio de 1984.*

Por haver discrepância quanto à data da primeira procissão se transcreve o que Daniel de Sá longamente escreveu sobre o tema:

*1698 – Primeira procissão - Naquela que é considerada a primeira procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, embora a intenção fosse apenas a visita da imagem aos outros conventos de Ponta Delgada, as ruas foram atapetadas com flores de um modo algo espontâneo, tendo participado muitas pessoas do clero, da nobreza e do povo.*

*No entanto têm persistido opiniões diferentes acerca do ano em que teria acontecido o cortejo. A maior parte, seguindo Urbano de Mendonça Dias, aponta 1700 como aquele em que esta manifestação de fé teria ocorrido. Outros, conforme investigação de Luciano da Mota Vieira, aceitam que a mesma tenha acontecido em 1698. Há um claro erro na conclusão a que chegou o ilustre investigador Mendonça Dias. E isto deveu-se, sem dúvida, a que a cronologia fornecida pelo padre José Clemente é caótica ou inexistente, porque Madre Teresa raramente situou no tempo os acontecimentos que recordou nas suas memórias. Mas, não tendo nós informação explícita sobre o dia da semana nem quanto ao ano, sabemos, no entanto, que o cortejo foi a onze de abril. Eis, porém, o que a certa altura diz o biógrafo de Madre Teresa: “Em último lugar ia o pátio com o Santo Lenho, a que acompanhava uma tão numerosa multidão de povo, que os oficiais deixaram o trabalho, os mercadores as lojas e os forasteiros as vilas e lugares circunvizinhos.”*

*Esta descrição anula claramente a hipótese de que essa procissão se tivesse realizado num domingo. Era impensável em 1700 que os “oficiais”<sup>57</sup> estivessem no trabalho ou os mercadores com as lojas abertas. (“Oficial” era aquele que tinha um ofício manual, um artífice). E onze de abril de 1700 foi um domingo, e nem sequer um domingo vulgar, mas o da Páscoa. O erro de Mendonça Dias ter-se-á devido ao facto de o padre José Clemente misturar o anúncio da procissão e a descrição da mesma a outros acontecimentos claramente datados. Um é o da morte da Rainha Maria Sofia, segunda mulher de D. Pedro II, em 4 de agosto de 1699; o outro é o de um barco de carga (charrua), que partira para Lisboa em outubro desse ano e só regressou a Ponta Delgada em março do seguinte. A conclusão aparentemente lógica seria a de julgar que esse onze de abril era, pois, o de 1700. No entanto, não deverá haver grandes dúvidas de que a procissão terá sido numa 6ª feira. E isto porque Madre Teresa honrava sempre a sexta-feira, o dia da Paixão do Senhor, de um modo muito especial, inclusivamente quando começava alguma obra para o Senhor Santo Cristo. Foi o que aconteceu por exemplo com o lançamento da primeira pedra e início da construção da segunda Capela. E eis o que diz Frei José Clemente, a propósito da morte de Madre Teresa: “Era o dia de sexta-feira, dia dedicado ao Senhor e de tanta devoção para a venerável Madre, que sempre nele recebia de Deus algum favor especial, e justo era que nele alcançasse o último como coroa dos seus merecimentos.” E em outro passo escrevera: “Era o dia de sexta-feira e deste dia em diante sempre em semelhantes dias recebia Teresa algum favor especial.” E ainda, transcrevendo uma conversa da Madre com o Senhor, diz a certa altura: “Até sexta-feira, que é dia Vosso, espero que há de chegar a este porto.”*

*Desde que Madre Teresa da Anunciada foi admitida no Convento da Esperança, em 20 de junho de 1682, onze de abril foi em 6ª feira nos seguintes anos: 1687, 1692, 1698, 1704, 1710, 1721, 1727, 1732 e no ano da sua morte, 1738. A primeira referência a este dia é feita a propósito de algo difícil de explicar para o entendimento da religiosa. Havendo percebido falta de pão para o jantar*

56 O investigador mais recente Luciano Mota Vieira invocou pesquisas que fazem recuar para 1698 a primeira procissão. O cortejo repetiu-se em abril de 1700 e foi esta data que, durante muito tempo, foi apontada como sendo a da primeira procissão.

57 Ainda em meados do séc. XX uma testemunha idosa, num julgamento na Ribeira Grande, ao identificar-se declarou a profissão como sendo “oficial campónio”.

dos catorze “oficiais” que trabalhavam na Capela do Senhor, depois de uma fervorosa oração terá dado com o armário cheio dele e da melhor qualidade.

E de certeza quase absoluta que tal não aconteceu em 1687, menos de cinco anos depois de Madre Teresa ter sido admitida como noviça, pois ainda não teria havido tempo de se impor ao respeito das demais religiosas e da comunidade leiga, de modo a que já se atrevesse a obra tão dispendiosa como aquela em que estava empenhada.

E o tempo para chegar a esse ponto da sua atividade abrevia-se muito mais, se tomarmos em conta que foi sua irmã Joana que a entusiasmou a promover o culto da sagrada imagem. Ora D. Joana terá entrado no Convento em 1685, morrendo um ano e meio depois, em doze de dezembro, numa quinta-feira, parecendo que todas as principais diligências na dignificação do culto por parte de Madre Teresa aconteceram estando a irmã já morta.

Por outro lado, e depois de narrar a procissão, há cerca de trinta páginas dedicadas pelo padre José Clemente a outros acontecimentos, até chegarmos a um que volta a situar-nos na história desse tempo. Trata-se do envio à corte de uma carta do Conde da Ribeira Grande, pedindo uma tença de doze mil réis para o azeite da lâmpada do Senhor Santo Cristo. Foi portador dessa carta “um sargento-mor da obrigação do Conde “que passava à Espanha como militar na guerra que oprimia toda a Europa”.

Era essa a guerra da Sucessão de Espanha, pelo que o episódio terá acontecido entre 1704 e 1706, uma vez que a Espanha declarou guerra a Portugal em 30 de maio de 1704, tendo D. Pedro II avançado em direção à fronteira nesse ano. O exército português acabou por invadir o país vizinho em 1706, e proclamou em Madrid como Rei o arquiduque da Áustria, filho do Imperador Leopoldo da Alemanha, com o nome de Carlos III... o qual, no entanto não figura na lista dos Reis de Espanha.

Perante isto, temos de concluir que a primeira procissão do Senhor Santo Cristo foi antes de 1704, restando-nos as datas de 1692 e 1698. E, como a sexta-feira, onze de abril, em que aconteceu o milagre do pão, foi anterior à procissão, encontramos deste modo as datas de onze de abril de 1682 como o dia do dito milagre, e a sexta-feira, onze de abril de 1698, o da primeira procissão.

E faz todo sentido que Madre Teresa, segundo o que ela disse ter sido inspiração do Senhor, houvesse escolhido o primeiro aniversário daquele milagre a coincidir com 6ª feira para realizar a procissão. Tanto mais que ela sempre associou a Paixão à Ressurreição, e essa sexta-feira foi a que se seguiu ao domingo de Pascoela.

Para além da procissão de penitência de 1713<sup>58</sup>, por causa dos tremores de terra que houve na ilha, não há o menor indício de outras.

- Daniel de Sá.

\*\*\*

O Convento da Esperança foi edificado, na primeira metade do séc. XVI, por iniciativa de Filipa Coutinho, viúva do Capitão-Donatário Rui Gonçalves da Câmara. Os terrenos para a Igreja e cerca haviam sido doados por Fernando Quental e mulher, Margarida de Matos.

A linha nascente do Campo de S. Francisco, já na segunda metade do séc. XVI, teve a orientação atual, porque Cristóvão de Matos Quental, descendente de Fernando de Quental, mandara construir, por volta de 1609, a Ermida de N. Sra. da Ressurreição, conhecida por Sra. da Soledade.

Foi em 23 de abril de 1540 que as freiras deixaram o Convento da Caloura, trazendo a Imagem do Senhor Santo Cristo, e vieram habitar no Mosteiro da Esperança. Na segunda metade do séc. XVII, o Convento da Esperança começou a beneficiar de melhoramentos: os célebres azulejos que ainda se encontram no coro baixo, da autoria de António de Oliveira Bernardes; a talha da Capela do coro baixo é atribuída a Miguel Romeiro; a decoração do teto da Igreja e da primitiva talha da Capela-mor e dos altares laterais foi realizada, em 1658, pelo pintor micaelense Manuel Pinheiro Moreira, irmão da Ordem Terceira de S. Francisco, em Ponta Delgada, e professor de pintura das próprias filhas.

Em 1723, havia na Esperança 102 freiras e 57 noviças, pupilas e servas. Em 1821, 108 senhoras - 42 freiras professoras, 36 seculares sem dispensa e 30 fâmulas. Em 1865, havia 72 senhoras, sendo 9 religiosas da Esperança, 11 do Convento da Conceição, uma do Convento de S. João, uma do Convento do Bom Jesus da Ribeira Grande, uma do Convento de Sto André de Vila Franca, 16 meninas que serviam no coro, 1 secular, 2 senhoras que não faziam serviço, 21 servas da comunidade e 11 servas particulares.

Em março de 1871, houve uma subscrição pública para alindar o Campo, iluminá-lo a petróleo e dotá-lo com um quiosque, ao centro. O coreto - uma construção leve, rendilhada, de madeira, imitando um pagode chinês - foi inaugurado no dia 12 de maio de 1871. Segundo Bretão

58 . Houve também quem julgasse possível ter havido uma segunda procissão em 1700, o que parece tratar-se apenas de uma tentativa de harmonização de ambas as teses, mas que não tem qualquer fundamento na tradição ou suporte documental.

Ribeira<sup>59</sup> seria da autoria de Pedro Paulo que foi autor do edifício do Banco de Portugal, em Ponta Delgada, de que foi diretor. Outros afirmam que foi projeto dos irmãos José e Ernesto do Canto. O aspeto do Campo de S. Francisco foi dado, por volta de 1825, pelo Governador Militar Brederode que o mandou arborizar, e colocar banquetas em redor.

Até então, era o Campo do Dizimo, passando a ser local de recreio e de exercícios e paradas militares. As armas da cidade, esculpidas em mármore na parte central dessa fonte, vieram de Lisboa e foram colocadas em fins de 1849. Em 9 de setembro de 1868, o Campo foi aterrado e nivelado, sendo cortado o adro do Convento dos Franciscanos, para ser rasgada uma rua que ligaria diretamente com a Praça.

O antigo coreto foi substituído, e o atual, pesada estrutura de cimento, está longe da graciosidade, leveza e harmonia do que ardeu em 1957. Em 1886, começou a demolição da cerca do Convento, para a abertura da Avenida do Coliseu, hoje Roberto Ivens. Nesse ano, procedeu-se à exumação de 80 cadáveres de freiras, no Cemitério de S. Joaquim, construído em 1846.

Constituído o seu Colégio, conforme risco do arquiteto micalense João Rebelo, na Rua Agostinho Pacheco, coube às Religiosas de Maria Imaculada ocupar o Convento, em cuja recuperação trabalharam como operárias. Tinham as Clunícenses confiado à Madre Maria do Carmo o cuidado da Capela do Santo Cristo, dizendo a sua superiora que ninguém melhor do que uma açoriana saberia ocupar-se do recinto.

As Religiosas de Maria Imaculada, que ocupam o lugar das Clarissas, ali presentes de 1541 a 1894, têm dado aos reitores do Santuário excelente cooperação. As Religiosas de Maria Imaculada foram o quarto instituto a ocupar o Convento da Esperança. A última Clarissa, a Madre Abadessa Maria Vicência Cabral, faleceu em dezembro de 1894. Já então havia recolhidas que vestiam hábito e continuavam os usos conventuais, não obstante os reparos da imprensa periódica, ainda presa aos decretos antimonásticos de maio de 1832.

Numa ilha de vulcões em atividade constante e de sismos frequentes, a devoção era o único refúgio do povo, através do culto do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres que marcou profundamente a alma do povo, de tal modo que o culto, através da procissão com a imagem, se expandiu e fortaleceu ao longo dos séculos.

É, hoje em dia, a maior procissão e a de maior devoção. Daí a presença de milhares de açorianos que vêm de Portugal, dos Estados Unidos da América, do Canadá e, das outras ilhas, nas grandes Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres que duram vários dias.

Na tarde de sábado, há pessoas à volta da Praça, de joelhos, sobre as pedras do pavimento ou, então, carregadas de círios de cera, num agradecimento pela graça recebida numa hora de aflição e sofrimento. Depois, no domingo, milhares de pessoas incorporam-se na procissão. A abrir, o guião, com a coroa de espinhos dourada, depois duas longas filas de homens com opas, muitos com grossos círios votivos, outros descalços, no cumprimento de promessas, interrompidos por grupos de filarmónicas. Seguem-se associações juvenis, crianças vestidas de anjos, alunos do seminário, o clero micalense e sacerdotes convidados, a precederem a veneranda imagem, transportada sob um dossel de veludo e ouro, num trono de flores de seda e pano, tecidas no séc. XVIII, seguem-se os dignatários da Igreja Católica, representantes das congregações religiosas sediadas em S. Miguel e milhares de senhoras, no cumprimento de promessas. A fechar o cortejo, seguem-se as mais altas autoridades militares e civis e associações sociais e desportivas. A procissão recolhe, após andar cinco horas nas principais ruas de Ponta Delgada.

O corpo principal do Tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres é constituído pelas seguintes joias: o Resplendor, a Coroa, o Relicário, o Cetro e as Cordas.

O Ex-libris do Tesouro, o RESPLENDOR é a peça mais rica do espólio. Fotografado e documentado por especialistas internacionais em arte, foi recentemente considerado, num congresso em Valladolid, Espanha, a peça mais valiosa do seu género em toda a Península Ibérica. O Resplendor, em platina cromada de ouro, pesa 4850 gramas e está incrustado de 6842 pedras preciosas: topázios, rubis, ametistas, safiras, etc. Além do valor artístico, a joia está carregada de elementos simbólicos ligados à teologia.

Se o Resplendor é a joia mais rica do Tesouro, a COROA é a sua peça mais delicada. Em ouro, pesando apenas 800 gramas, possui 1.082 pedras preciosas, todas elas trabalhadas com minúcia, onde os próprios espinhos são pequeníssimas pedras que diminuem de tamanho nas extremidades.

O RELICÁRIO é, por outro lado, a peça mais enigmática do Tesouro. É a única que está permanentemente colocada no peito da imagem e serve para guardar o Santo Lenho, que se crê ser uma farpá da verdadeira cruz em que Jesus foi crucificado.

59 (pseudónimo de Joaquim Maria Cabral, in "Açores", 1951)



*O CETRO, a quarta peça do Tesouro, é constituído por 2.000 pérolas que formam uma maçaroca de cana, 993 pedras preciosas ao longo do tronco e no conjunto de brilhantes com renda de ouro na base, onde está colocada a Cruz de Cristo.*

*Finalmente, as CORDAS, com 5,20 metros de comprimento, constituem a quinta peça do corpo principal do Tesouro. São duas voltas de pérolas e pedras preciosas enroladas em fio de ouro.*

*Os “REGISTOS” são a mais antiga forma de arte dedicada ao Senhor dos Milagres. As origens são incertas. Os primeiros cunhos alusivos à Imagem datam do séc. XVIII. Foram adquirindo ao longo dos anos as formas e as cores que hoje apresentam.*

*Datada de 1843, a primeira capa foi encomendada e oferecida ao Senhor Santo Cristo pelo coronel Nicolau Maria Raposo de Amaral. Ornamentada com belíssimas joias, a capa revela um pouco do Tesouro do Ecce Homo.*

*Pedras preciosas e diamantes encastrados no manto vermelho representam ofertas de inúmeros crentes que, não olhando ao valor, são capazes de se despojar das suas peças mais valiosas. Esta devoção faz parte da história de Fall River, da Igreja Católica local e da comunidade portuguesa em geral. No Canadá, as Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres já são consideradas as maiores do género no país. Trazidas para o Canadá pelos primeiros emigrantes açorianos, são celebradas em Toronto desde 1966, reunindo na Igreja de Sta. Maria muitos milhares de fiéis, alguns vindos de terras distantes dos Estados Unidos, Canadá e Bermudas.*

### **21.3. COMENTÁRIO DO AUTOR ÀS FESTAS**

Foram as minhas primeiras Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres. No sábado desloquei-me a Ponta Delgada sob tempo nublado e chuvoso para poder presenciar algo que me diziam não ter paralelo noutras paragens e ser o momento alto de todas as festividades religiosas da ilha. Apesar da chuva miudinha havia milhares de pessoas nas ruas circundantes à Igreja da Esperança, umas cumpriam promessas de joelhos desnudos na calçada, outras levavam pesados círios, consoante as promessas feitas. Em tudo havia um misto de catolicismo, paganismo e era notório que a população sentia bem arreigada esta tradição centenária.

Depois dum programa televisivo especial dedicado às festividades (onde tomei parte a propósito do 5º colóquio da lusofonia que acabara há dias), foi a vez da imagem ricamente ornada de pérolas e joias preciosas dar uma volta à Praça antes de se quedar à porta da Igreja onde ficou aguardando que a procissão de crentes a pudesse observar. Durante mais de duas horas as pessoas desfilaram quase em silêncio perante a rica imagem.

Não pude deixar de escapar o comentário de que esta homenagem e a riqueza do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava as riquezas materiais e a idolatria. Toda a gente e os comentários televisivos me alertavam para a necessidade de ali ver a mensagem do Senhor Santo Cristo: *O verdadeiro rosto do Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus Cristo*. Lamento, mas nada disso consegui ver: o que vi foi a autoflagelação de crentes a arrastarem-se pela calçada em cumprimento de promessas. Lembrou-me a autoflagelação muçulmana no Iraque. Resquícios da Idade Média em pleno século XXI. Contaram-me que as pessoas compram fatos e vestidos novos para levarem na procissão, também isso me pareceu menos religioso do que me queriam fazer crer. Se a fé é assim tão grande para quê os fatos novos, para os outros verem?

*O dinheiro das joias, 2.000 pérolas, uma maçaroca de cana, 993 pedras preciosas ao longo do tronco e no conjunto de brilhantes com renda de ouro na base, onde está colocada a Cruz de Cristo e a quinta peça do corpo principal do Tesouro, duas voltas de pérolas e pedras preciosas enroladas em fio de ouro, parecem-me que seriam melhor empregues a aliviar o sofrimento dos pobres e carenciados do que nesta exibição de riqueza.*

*Enfim são estes os meus valores e não serão os propugnados pela Santa Igreja. Aliás nunca concordei com as riquezas imensas do Vaticano e com os bens materiais acumulados pela Igreja ao longo dos séculos. Só muito levemente se falou nisto quando o Vaticano esteve envolvido na queda do Banco Ambrosiano.*

*Em 1982, personalidades do Vaticano são envolvidas no escândalo da falência fraudulenta do Banco. As relações do Vaticano com o Estado italiano pioram em 1987, quando a Justiça italiana ordena a prisão do cardeal Paul Marcinkus, secretário de Estado do Vaticano e Diretor do Instituto*



*de Obras Religiosas, envolvida no escândalo Ambrosiano. Nos termos da concordata – pela qual a Itália não tem jurisdição sobre o Vaticano, a Suprema Corte italiana absolve o cardeal.*

#### **21.4. O EXEMPLO DE D. HÉLDER DA CÂMARA**

*A trajetória de vida do 'arcebispo dos pobres', não se afastou da meta de levar os pobres e miseráveis à categoria de cidadãos. Os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) o transformariam, do relativamente pouco conhecido arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, num dos personagens mais influentes na cena internacional da Igreja contemporânea. A sua trajetória de vida não se afastou da meta de levar os pobres e miseráveis à categoria de cidadãos. Dom Helder Câmara surpreendeu e movimentou cardeais e bispos de todo o mundo a favor da inserção da Igreja nos setores populares. E propôs ao papa João XXIII entregar o Vaticano e suas obras de arte aos cuidados da UNESCO, como património cultural da humanidade, enquanto o Papa passaria a morar, na qualidade de bispo de Roma, numa paróquia da capital italiana. Este era o “arcebispo dos pobres”, como ficou conhecido. Sonhava com uma Igreja menos imperial e mais parecida com a comunidade dos pescadores da Galileia.*

Isto representa o que gostaria de ter visto nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres e não vi. Esta afinal é a terra que sempre aceitou a escravatura nas ilhas, com um feudalismo atroz e a Inquisição, e mais recentemente se deitou na cama do alegado fascismo «soft» português do séc. XX. Todos, pois, no Campo de S. Francisco, em silêncio à espera do Senhor Santo Cristo dos Milagres, como podia ser o Espírito Santo ou N. Sra. de Fátima.

Talvez ainda no inconsciente, de umas sacas de roupa da América, agora em versão Bruxelas. A mesma que faz manifestações e abaixo-assinados a favor de alegados violadores de crianças. Tudo sabem e em silêncio. Talvez cada povo tenha o que mereça. Pode ser que as tradições encerrem algo de mais sinistro que aquilo que numa primeira abordagem não nos é dado observar. Quando nos confrontamos com a preservação de tradições centenárias podemos deparar-nos com situações antagónicas como esta.

A extrema religiosidade do povo açoriano assenta afinal nas mesmas premissas que tantas outras de que enferma a sociedade portuguesa em geral: a religião é o ópio do povo. Já Salazar dizia “quanto mais ignorantes mais felizes” e assim é, de facto, se nada se contestar pode-se obter uma aparência de felicidade. A tradição é, afinal, quem mais ordena, seja ela, ou não, a tradição da sujeição à superstição e à escravatura, exigindo-se, ao mesmo tempo que essa tradição seja aceite pelo obscurantista e opressor como parte do sistema que lhe permite obscurecer a verdade e, desse modo, perpetuar a opressão.

*Embora autores clássicos tenham pesquisado e escrito sobre religião e festas populares, o assunto não é considerado prioritário, especialmente em regiões subdesenvolvidas, onde perante a escassez de recursos, há outros temas considerados mais urgentes. Para o povo, entretanto, religião e festas, são temas importantes na vida diária, como podemos constatar na realidade quotidiana das camadas populares. Nos locais mais remotos do continente e aqui nas ilhas, religião e festas constituem assunto fundamental na vida de muitas pessoas. A rotina diária é interrompida ao longo do ano, pela organização ou participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. Para os que as organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização. A relação estreita entre religião e festas foi apontada por Durkheim<sup>60</sup>, para quem (1989: 372), “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. Referindo-se ao descanso religioso, lembra Durkheim (1989: 372/273) que “o carácter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada à medida que estas não apresentam objetivo religioso”. As festas surgiram pela necessidade de separar no tempo, “dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas” (Id. 373). Assim a repetição do ciclo das festas constitui, para Durkheim<sup>61</sup>, elemento essencial do culto religioso.*

60 DURKHEIM, É. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989

61 O mesmo autor salienta (1989: 452), a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando (1989: 453), que às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público. Este autor estabelece relações íntimas entre religião e festas, entre recreação e estética, mostrando o parentesco ou a proximidade entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exageros das festas.

Como escrevia, o Padre Mário de Oliveira, meu professor de Religião e Moral nos 6º e 7º anos do Liceu:

*“De Jesus, o de Nazaré, sim, a Igreja católica afastou-se quase cem por cento. Também se afastou quase cem por cento daquele Cristo Crucificado pelo Império e pelo Templo, que era, afinal, o próprio Jesus de Nazaré, pelo menos, no desassombrado testemunhar das suas discípulas e dos seus discípulos, que não hesitaram em colar para sempre esse título messiânico, libertador, ao seu nome histórico. Jesus, como testemunha o Evangelho, resistiu contra o Império e suas seduções. A Igreja, acabou por cair nos braços do Império e disse sim a todas as seduções.*

*Felizmente, sempre houve, Igreja que resistiu até ao sangue contra o Império, concretamente a Igreja dos mártires assassinados e de muitos outros mártires incruentos, alguns deles, martirizados como “hereges” pela perseguição assassina da própria Igreja oficial, amancebada com o Império e que, numa postura de manifesta traição, aceitou transformar-se de via ou caminho de libertação para a liberdade, que inicialmente era, em religião, e, depois, pior ainda, em religião oficial do Império.*

*Foi uma Igreja assim, em estado de completa traição ao Evangelho, que acabou a identificar Jesus, o Crucificado pelo Império, com o Cristo divinizado pelo Império. É por isso que o que hoje chamamos Cristianismo é sobretudo Paganismo, ou Cristianismo pagantizado. Quase não tem nada a ver com Jesus, o de Nazaré, que o Templo e o Império mataram, depois de o terem prendido e julgado sumariamente. É neste ponto que estamos hoje.”*

Terminemos: a arquidiocese de Braga, baluarte do catolicismo mais jurássico, que se distinguiu pela fé explosiva das bombas do cónego Eduardo Melo, volta a ser notícia pelos pecados dos seus padres. E uma diocese que não comprova a virtude dos seus clérigos não convence os paroquianos da bondade do seu Deus.

*Segundo o «Correio da Manhã» há sacerdotes afastados devido ao envolvimento com mulheres, um caso de dependência da droga e, agora, um jovem padre que se afundou em dívidas. O Pe. Nuno Melo, de 29 anos, gosta de carros de luxo, jantaradas e diversões noturnas. A gula, a vaidade e a luxúria são três pecados capitais que qualquer confissão benfeita aliviaria, mas o dinheiro esportulado pelos paroquianos não é dívida que se possa reír com padres-nossos e ave-marias.*

Enquanto a Igreja for isto continuarei não sendo cristão, embora tenha tido uma educação cristã católica. Por opção própria, desisti. Ninguém me obrigou a continuá-la, no momento em que concluí que a religião institucional tende a suportar-se no obscurantismo e no seguidismo acrítico. Retirei algumas lições muito positivas da experiência. Nomeadamente, valores cristãos que retive como a compaixão e o respeito pelo próximo ou a noção de igualdade entre todos os homens. E se me foi fácil descrer do Cristianismo, isso se deveu à gritante discrepância entre a teoria e a prática do mundo cristão.

Cristo era um pacifista e, provavelmente, um «comunista». Os seus seguidores não. Não sendo cristão, também não tenho grandes problemas em discordar e afastar-me das suas ideias. Não sou pessoa para dar a outra face. Quando me sinto agredido, sinto-me no direito de me defender. Ripostando, se for caso disso, ou por outros meios se eles forem mais vantajosos. O que parece inaceitável é que, quem a todo o momento se socorre dos valores cristãos para sustentar uma suposta «superioridade moral», se afaste tão grosseiramente de uma das sentenças mais paradigmáticas do Cristianismo. Não me recordo de ler que Cristo tenha incitado os discípulos a matarem os que o não seguissem.

*No dia 15 de maio de 1252, o Papa Inocêncio IV editou a Bula "Ad Extirpanda", que possibilitou a criação do Tribunal da Santa Inquisição. A partir daí passou a ser autorizado o uso da tortura para se conseguir declarações verdadeiras ou falsas. Mas NUNCA irei deixar de dizer o que penso e sinto e por isso escrevo.*

Sei que muitos dos leitores e familiares se sentirão incomodados por estes escritos, mas peço-lhes a mesma tolerância que tenho para eles: chama-se aceitação e compreensão. Não podemos ser todos iguais nem acreditar nas mesmas coisas. Viva o direito à diferença!



## **CRÓNICA 25 DA PRAIA DA VIOLA AO FUTEBOL julho 2006**

### **25.1. PRAIA DA VIOLA**

*Na véspera de um jogo de futebol, vital para os portugueses que gostam de futebol, para se saber se se vai repetir ou não a proeza de há 40 anos, nada mais útil do que levar-vos a divagar pela ilha de S. Miguel e pelas atividades do último mês. Decidimos perguntar ao senhorio se queria vender a casa, mas disse que nos alugava para sempre e que se a vendesse seria para nós. Assim, não há venda à vista e continuaremos a ser rendeiros (ou inquilinos arrendatários como se diz no Continente). O ano escolar aproxima-se do fim cheio de reuniões infundáveis e de atividades de encerramento que dão imenso trabalho à professora cá de casa, enquanto o filho mais novo se vai enchendo de prémios como um dos melhores alunos o que serve para recheiar o ego dum pai babado.*

Fomos convidados para uma comunhão e para um almoço neste último mês. A comunhão era da filha mais nova da nossa empregada, e a comida para as mais de vinte pessoas foi toda feita ao forno, daqueles antigos que se acendem com madeira de manhã e ficam em brasa até à noite. Havia carne assada, batatas, frango, saladas e um sem número de doçarias e sobremesas bem saborosas. Presente metade da família ao almoço, a outra metade viria ao jantar. Trata-se de gente simples do campo, lavradores e vaqueiros (30 vacas de outrem de que tratam como rendeiros ou algo assim). Toda a gente ajuda nas lides, mas os rapazes andam nas vacas com o pai das seis da manhã até à noite. Cada vaca chega a dar 750 litros de leite. É uma vida dura, sem feriados nem dias santos, com horários rigorosos, seja qual for o clima, dia ou noite, chova, vente ou faça sol, calor ou frio. Uma vida que envolve ainda arranjar tratores para arar a terra, plantar e colher o que a casa vai gastar em vegetais.

*O meu filho João já lá foi com eles uma vez e tem ido com outros tratar das vacas e acha uma atividade interessante, mas decerto se deve ao facto de não o ter de fazer diariamente. De qualquer forma os filhos deste casal mostram-se entusiasmados e parecem gostar da atividade, não se arrependendo de não terem prosseguido os estudos. A filha mais velha anda em cursos de estética capilar pois o destino está (destinado, em princípio) na grande urbe que é Ponta Delgada já que na Freguesia ainda não haverá negócio suficiente para duas cabeleireiras. A outra é a mulher do nosso senhorio que só trabalha quarta à tarde e sábado de manhã e nos outros dias não tem clientela. Se a minha mãe vivesse cá teria uma cliente todas as sextas feiras de manhã.*

Quinze dias depois fomos convidados para ir almoçar com a cunhada e irmão da nossa funcionária, a casa da mãe deles sobre as arribas na Viola. Trata-se de uma construção clandestina (não está legalizada, nem parece poder vir a estar, pois foi construída há apenas dez anos na orla protegida) sobranceira ao mar com uma vista estupenda sobre toda a costa norte da ilha em direção a oeste.

Externamente com um piso, mas internamente são dois. Toda em madeira, sem luz elétrica, água da nascente, com uma ampla varanda coberta com uma imensa vista do mar até à ponta oeste. No rés-do-chão existe uma sala comum com cozinha e dois quartos e depois uma escada de madeira leva para uma “falsa” no andar de cima com um dormitório de beliches. Por trás da casa há um patamar ou terraço de agricultura vedado com bambus, das altas escarpas direitas ao mar em baixo.

*No menu caranguejos frescos, carne assada, frango, batatas e salada além de sobremesas diversas. Éramos 14 ou 15 pessoas, o nosso filho entreteve-se a brincar e a chafurdar e estava pronto para ser pendurado no chuveiro quando chegamos a casa. Desta vez não aceitamos o convite para o jantar apesar de já terem chegado mais pessoas. As vistas e o ar simples da casa (de fim de semana como nós lhe chamariamos) eram de facto soberbos.*

*Soubemos depois num jornal que a Câmara Municipal fez o levantamento das casas na orla costeira e algumas seriam legalizadas. Em termos de localização seria difícil obter melhor. Faria ali um restaurante em vez de casa de fim de semana, com aquela localização era sucesso garantido desde que se fizesse uma baixada de luz elétrica.*

A casa fica um quilómetro depois da Lomba de Baixo, e do fim da aldeia, num caminho estreito aberto em 2004 para dar acesso à Praia da Viola, com inclinação de 15%, a que se segue um trilho tortuoso com mais de 137 degraus até se chegar às azenhas do Nateiro, série de moinhos em ruínas que

urge recuperar. A praia da Viola, bem protegida do vento e embelezada por cascatas naturais imponentes, é das melhores da costa norte.

*Entretanto a minha filha veio da Austrália, dia 19 de junho. Fica no Porto até dia 3 julho data em que rumará ao Arquipélago, acompanhada do Boris, namorado de origem sérvia e croata, mas de nacionalidade australiana... existe certa expectativa em vê-la a completar 20 anos. Da última vez tinha 12 ou 13...*

Por aqui já houve não sei quantas procissões, fogo-de-artifício e demais celebrações não só pelo S. João, como pelo Espírito Santo, Corpo de Deus e sei lá que mais (é demasiada cerimónia religiosa para a minha camioneta) e agora vão continuar. Não são tantas como as da Ilha Terceira, mas também há muitas procissões e festas religiosas. Ainda neste fim de semana o meu filho João vai entrar - pela primeira vez - numa procissão e está todo entusiasmado pois vai com alguns dos seus amigos da Freguesia que já se tornaram indispensáveis para o seu quotidiano.

*Quando chega da escola já estão à espera aqui na rua, sentados num degrau, na soleira da casa fronteira à nossa. Depois de fazer os trabalhos de casa, mete-se na sua bicicleta por essa rua abaixo com o pneu de trás todo careca, devido ao uso excessivo dos travões nestas ruas íngremes que vão desde o centro da aldeia até ao Miradouro do Ti Domingos, antes da Praia da Viola. Depois pelas 18 horas vai tomar banho, pôr a mesa (que, desde os 8 anos, faz parte da sua ajuda nas lides domésticas, assim como levantar a mesa) e vai-se deitar descansado ou melhor dizendo cansado pelas 21.15. Nas manhãs de aulas nem é preciso ser eu a acordá-lo, está sempre pronto antes de eu subir as escadas e aproveita para brincar com a PlayStation até a mãe se arranjar e ir para a escola.*

## **25.2. FUTEBOL**

O momento é de euforia pois quarenta anos depois Portugal chega às meias-finais do campeonato de mundo de futebol e isso é que faz realçar a alma do povo lusitano, segundo dizem os entusiasmados comentadores esquecendo as tristezas do país.

*Ainda me recordo de há quarenta anos estar a ouvir rádio, enquanto trabalhava no meu primeiro emprego de férias de verão, o relato de futebol quando Portugal perdia 3-0 com a Coreia e o Eusébio se chateou e deu a volta para virar o resultado em 5-3 a favor de Portugal.*

*De julho a agosto 1965 e 1966 estive dois meses em Valença do Minho, como Intérprete para a Mobil Oil, a dar material de propaganda turística e a vender cadernetas de compra de gasolina a preços reduzidos para turistas. Éramos contratados em grupos de dois e estávamos albergados no já demolido Hotel Valenciano. Tinha sido prometido aos que conseguissem maiores vendas uma viagem paga aos EUA. Eu e o Salinas de Moura vencemos esse prémio num dos anos, mas até hoje nunca recebemos a viagem (percebem agora como, desde então, desgosto imenso dos americanos, perdão, americanos).*

*A forma que encontramos para vencer os outros, nas fronteiras mais movimentadas de Vilar Formoso e Vila Real de Sto. António, foi trabalharmos em turnos duplos nas horas de maior movimento, pois tínhamos tempo para dar o material a mais turistas.*

*Descansávamos à vez e cumpriamos vendas enormes todos os dias. Claro que ao almoçar e ao jantar uma dose só não chegava para a imensa fome que tínhamos nessa época. O vencimento era enorme para um jovem de 15-16 anos: 1500\$00 com casa, cama e roupa lavada.*

*Foi a primeira experiência laboral da minha vida e fazia aquilo de que gostava: contactar gente e culturas diferentes falando-lhes nas próprias línguas deles.*

*Foi ali que ouvi os relatos do célebre campeonato do mundo de futebol em que Portugal chegou às meias-finais e foi batido injustamente pela Inglaterra por 2-1, depois de antes ter derrotado a Coreia por 5-3 e Eusébio ter salvo a honra do Convento. ... Memórias...*

Hoje ainda falo línguas e culturas diferentes, mas continuo a pensar que o país continua muito parecido na sua pretensa pequenez e atraso mental dos seus dirigentes, com a grande e inolvidável diferença de ser uma dita democracia e de ter liberdade de expressão. Estamos a precisar de férias e iremos passar 11 dias em Sta. Maria.



## **CRÓNICA 26. A VISITA DA FILHA AUSTRALIANA 16 julho 2006**

Houve uma pausa na escrita por motivos que me encheram de alegria, como só um pai pode sentir quando a filha ausente na australiana terra natal resolve estar um ano a trabalhar e a amealhar dinheiro para vir ver o seu pai. Assim foi e tive comigo a Vanessa-Ingrid durante uns curtos dez dias acompanhada do namorado australiano, de origem croata e sérvia, o Boris Kresic, que se encheu de brincar com o mais novo, o João, e este aproveitou para desemburrar o Inglês com o qual se tinha de desvencilhar para se entender com o Boris.

A Vanessa continua a falar Português suave com sotaque deleitoso, de vez em quando misturando um anglicismo, e perguntando quando não sabe alguma palavra. Passaram sete anos desde que veio a Portugal, depois de ter vindo quatro anos seguidos, logo no começo da minha nova vida neste país. É sempre difícil a um pai criar uma relação com uma filha, da qual está há muito afastado e que surge como ser estranho na família, mas as coisas correram melhor do que se podia ter antecipado.

Deixei a liberdade e o espaço suficiente para a Vanessa se poder relacionar connosco, como fazia quando era menina, e isso permitiu que saíssem reforçados os laços. Não fiz demasiadas perguntas e deixei-a ser ela mesma, impondo um mínimo de obrigações para desfrutar destes dias no melhor dos convívios. Estabeleceu uma relação quase maternal com o irmão, dez anos mais novo e irrequieto como sempre, e levou bem a sério a tarefa, sempre a dizer-lhe para comer menos "lollies" (doces) e insistindo para que ele lavasse mais vezes os dentes. De resto era uma brincadeira pegada e até parecia - por vezes - que eram da mesma idade. Quer ela, quer o Boris não se cansaram nunca dos pedidos dele para ir jogar futebol no imenso quintal que temos, ou para se entreterem com jogos de consola, fossem na *PlayStation*, no *GameBoy* ou no computador. Uma convivência saudável e agradável, entretanto, picotada aqui e ali pelos ciúmes do João que entendia que eu dava demasiada atenção à irmã, o que é natural numa criança que nestes últimos anos ficou quase como filho único...

Nos primeiros dias, que coincidiram com os primeiros dias de calor de verão, andamos a passear, com a limitação das horas de ir buscar a minha mulher afadigada numa ação de formação pós-ano escolar que terminava pelas 16 horas. Fomos a quase toda a ilha. Logo que chegaram levei-os a dar uma volta pela cidade, com especial incidência pela parte velha de Ponta Delgada marcada pelas suas inúmeras igrejas e ruas estreitas. Seguimos pela marginal cheia de bulício, até Vila Franca para que conhecessem um pouco da costa sul antes de se estabelecerem na nossa costa norte.

Apesar do regime vegetariano fundamentalista da Vanessa lá se desvencilhou nesta casa de carnívoros e o Boris come de tudo e mais alguma coisa. Depois foram conhecer a Lagoa do Fogo e Sete Cidades, Mosteiros e no regresso viemos pela Candelária, Ginetes, Feteiras, e Ribeira Grande. Estivemos na Lagoa das Furnas e vimos as Furnas, bebemos a água ferrosa e a água naturalmente gaseificada que ali corre por entre a água quente e fria que brota das paredes sobre aquele enorme Caldeirão cheio de fumarolas e géisers. Levámo-los à praia local, a Praia da Viola com as suas monumentais cascatas e duzentos degraus em socacos de pedra, ao lado de moinhos de água abandonados, até às areias negras de basalto e onde pouca gente vai. No primeiro dia só o Boris e o João se aventuraram, mas no segundo a Vanessa quis ir com eles. Em casa estava faladora e extrovertida e os três pareciam crianças de dez anos com as suas brincadeiras.

Na sexta-feira à noite tínhamos os anos do nosso primo Artur que aqui está desde o 25 de abril, depois de ter sido obrigado a abandonar a Angola, onde a mulher dele cresceu e onde ele trabalhou grande parte da vida. Lá estavam inúmeros primos e primas que desconheciam a existência da Vanessa e vice-versa, para além dos convidados habituais e amigos da família, radicada há muito em Ponta Delgada.

Temi que a Vanessa e em especial o Boris (pelo seu isolamento linguístico) se aborrecessem e se fartassem de estar lá, mas comeram, falaram com inúmeras pessoas e eu troquei impressões com vários convidados num bom ambiente.



No fim antes de nos retirarmos perguntei à Vanessa se queria ir almoçar com o Artur, filho e netas ao restaurante chinês e ela disse logo que sim, porque tinham sido umas pessoas bem simpáticas. Com efeito, convém aqui referir que eles foram ter connosco ao Aeroporto à chegada dos viajantes como é costume fazerem, para poderem conhecer a Vanessa e o Boris antes da festa de anos. Pequenos gestos de cortesia, que fica bem aqui registar, pela elevada consideração que nos merecem.

Os dias passaram a correr, e tivemos oportunidade de ir jantar fora ao *Ala Bote* na Ribeira Grande onde fomos presenteados com um magnífico pôr-do-sol. Depois nos dias seguintes fomos para a melhor praia da costa norte da ilha, a Praia dos Moinhos em Porto Formoso, onde ficamos até ao fim da tarde quando ia buscar a minha mulher à escola para arejar um pouco. Não podíamos deixar a oportunidade de lhes mostrar a Cascata da Ribeira dos Caldeirões embora tenhamos tido pouco tempo para verem tudo. Fomos igualmente tomar café ao Hotel Terra Nostra com a sua piscina interior aquecida e uma piscina de águas lamacentas que é um local curioso pela construção labiríntica do Hotel ao estilo *art nouveau* de 1920 e no qual se ouvem sempre falar línguas estrangeiras. Creio que saí satisfeita depois destes dias, pois perto da partida ouvi-os dizer que foi pena terem desperdiçado tanto tempo no Continente. Ainda estivemos uma tarde no Centro Atlântico, o maior shopping da cidade, a fazer umas compras e escolher lembranças para levar.

Claro que foi um sucesso a vinda da filha. Chegada a 19 de junho a Lisboa ficou com um dos irmãos gémeos, o Rodrigo, e teve tempo para ver a cidade e rever amigos de velha data da Austrália, como a Jane Placé, o Jacko e a Lisa. Depois veio para o Porto no dia de S. João com o Rodrigo e andou nas festividades até de manhã, embora não tenha gostado muito de levar com o martelo na cabeça. Na noite seguinte ficou em casa da avó. Excetuando uma vez que o irmão Nuno a deixou no El Corte Inglés em Gaia, nada mais fez de relevante a não ser acompanhar a avó ao café onde passou horas intermináveis. Falei-lhe todos os dias e notava-a calada e introspetiva. Estava na modorra típica que eu recordava de Portugal, que tantas vezes me levava a pensar para que é que eu vinha.

E ao despedir-me dela disse

*“Lamento ser frio e reservado como teu avô paterno, e não saber expressar os sentimentos e emoções, mas não vou cometer o mesmo erro do meu pai e vou-te dizer que estou muito grato pelo que fizeste, por me teres vindo ver. Só queria que soubesses que essa alegria é comparável à do teu nascimento, e a maior alegria que algum filho alguma vez me deu, mas queria que soubesses que tenho pena de ninguém me ter dito estas palavras numa das 64 viagens intercontinentais que fiz para visitar os meus pais e os meus filhos gémeos.*

*Bem haja filha minha por assim teres procedido e espero que possas repetir esta viagem, pois esta é e será sempre também a tua casa”.*

Anda uma pessoa meia vida sozinho a sonhar com a família que deixou e quando um dia regressa já não é o que se pensava que fosse, ou é o que sempre foi, mas que nós com a saudade a distância não queríamos ver. A família é agora a que criei e não aquela em que cresci. Nela concentrarei as energias e continuarei a propagar os valores que julgava serem os da família de nascimento pois continuo a considerá-los essenciais e continuam a fazer parte de mim. Por isso ditoso pai que tem uma filha destas, capaz de correr mundo para me visitar.

Longe estava eu, então, de imaginar que, em 2018, viria a Portugal mostrar os netos...mas não ao pai, mas aos meios-irmãos com quem menos contactara...e não se dispusera a fazer a viagem à ilha, preferindo passar uns dias em Roma e o resto do tempo em São Martinho do Porto com os gémeos. Nunca se descortinou o motivo desta resolução contrastando com os anteriores 32 anos de vida...

Tentamos várias alternativas possíveis, e nem sequer um fim de semana seria possível dado o preço exorbitante e a falta de lugares para voar em agosto sem marcação muitos meses antes. Com a saúde debilitada da minha mulher e as finanças limitadas era mesmo impossível. Nunca entendi porquê, nem estou já interessado em deslindar esta mudança de comportamentos. Filhos são assim, ora são benquistos ora são assim.



## **CRÓNICA 27. AS FÉRIAS EM SANTA MARIA (AÇORES) 20 setº 2006**

Passaram-se quase dois meses sem me dedicar a esta escrevinhadora veia habitual. Quase sem descanso para meter ordem nas coisas e fazer as malas para as merecidas férias que nos esperavam desde 2004.

Na noite de 14 de agosto uma violenta tempestade abateu-se sobre a ilha com ventos ciclónicos e chuva. Perdemos - por ter ficado totalmente destruída - a tenda tão bonita que acabáramos de comprar e mal utilizáramos, pois, o vento partiu as hastes que a seguravam. Deve ter sido pouco forte esse vento pois também se partiu em dois o toldo que cobria o balouço de jardim onde nos sentávamos a ler e a ver o pôr-do-sol.

Felizmente só viríamos a saber disto quando estávamos longe daqui. As pedras com dezenas de quilos que tinha colocado em círculo a fazerem de bancos, à espera de uma mó para o centro foram todas parar ao chão, e nem eu as conseguia mover sozinho.

*Chovia bastante quando saímos, mas ao arribarmos a Ponta Delgada a chuva amainara e embora mais fresco que o habitual, os prognósticos eram de melhoria. O voo foi num bimotor a hélice da British Aerospace ATP e a viagem demorou vinte minutos mal dando tempo para seja o que for. A abordagem à enorme pista construída em 1944 fez-se bem e mostrou o lado seco da ilha.*

*Fomos para o Hotel e durante 36 horas esteve enevoado e chuvoso pelo que não deu para grandes viagens de descoberta. No segundo dia tive o carro que alugáramos, um satisfatório Hyundai Matrix Pininfarina que ao longo de 11 dias foi a todos os cantos, em asfalto ou terra.*

A partir do segundo dia o tempo esteve sempre bom, mais quente e húmido do que em S. Miguel. A primeira coisa que nos chamou a atenção foi a falta de gente na ilha. Em especial à noite, vista do Hotel, Vila do Porto mostrava os postes de iluminação pública acesos, mas as casas estavam às escuras. Para perceberem porque é nos sentimos numa ilha temos de perceber a sua dimensão e a sua pequena população....

É a única ilha com grandes proporções de terra de origem sedimentar, onde se podem encontrar fosseis marinhos. As casas estão espalhadas por toda a ilha.

As terras são muito férteis. Ilha de formas irregulares, com 97,42 km<sup>2</sup>, tendo o comprimento de 17 km e de largura 9,5 km, é a ilha que se encontra mais a sul e a oriente do Arquipélago, com uma população de 5 500 habitantes.

A capital, Vila do Porto é a mais antiga das vilas açorianas, onde se podem observar vestígios de velhas casas, do Capitão-Donatário com janelas do séc. XV. Foi a primeira ilha dos Açores a ser descoberta por Diogo Silves, aquando de uma viagem de regresso da Madeira, decorria o ano de 1427.

Foi a primeira ilha dos Açores a ser povoada, em 1439, com pioneiros que se fixaram na Praia dos Lobos, ao longo da ribeira do Capitão. João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão-Donatário, seu herdeiro, deu um impulso ao povoamento trazendo famílias do Continente.

Em 1493, alegadamente recebe a visita de Cristóvão Colombo, no regresso da primeira viagem à América. Considerado um vulgar pirata, foi preso, às ordens do Governador da ilha, até completo esclarecimento das razões da sua vinda.

Os verdadeiros piratas vieram, nos sécs. XVI e XVII, com os ataques de corsários ingleses, franceses, turcos e argelinos, que apesar da valentia do povo, efetuavam razias, incendiavam, pilhavam e levavam os habitantes como escravos e reféns.

Até final do séc. XV, Sta. Maria regista grande desenvolvimento, o que leva a que o primeiro foral de vila nos Açores seja concedido à localidade do Porto, desde então denominada Vila do Porto. A prosperidade da ilha assentou, até final do séc. XVIII, no pastel, que era considerado o melhor do

Arquipélago e em abundância, e na urzela, exportados para as tinturarias da Flandres, e na cultura do trigo, que tinha procura no Continente e abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África.

Dedicando-se à agricultura, em que predominam vinhedos, trigo, milho, batata, inhame, poma-res, à pecuária e aos laticínios, Sta. Maria atravessou, sem sobressaltos, os sécs. XVIII e XIX, se exce-tuarmos a arregimentação de um contingente de jovens da ilha para as tropas que participam no desem-barque do Mindelo nas guerras liberais.

O séc. XX traz-lhe nova dinâmica e progresso, com a construção do Aeroporto em 1944, de grande valor estratégico durante a Guerra Mundial e ponto de escala obrigatório nas travessias atlânticas, até finais da década de 60.

Quando ali estive pela primeira vez, ficara fascinado por prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto da Vila do Porto. Tudo me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra, quase coetâneo do meu nascimento, e me encanta. Ainda pensei em fazer um projeto de recuperação das instalações.

Nessa data - e vão seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos. Se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço a vida no tempo da guerra.

Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança, criando novas oportunidades e revitalizando Vila do Porto. Nestes sessenta anos deixaram acabar quase tudo o que era importante preservar. Assim se reporia a verdade sobre o povo maravilhoso que merecia um maior res-peito com a sua história e o património...

Agora falta converter tudo num Museu vivo e recolher exemplares espalhados de relíquias da guerra.

#### **27.1.1. FESTIVIDADES**

*O Festival Maré de agosto, engloba concertos musicais na Praia Formosa, visitada por no-mes sonantes do meio musical, nacional e internacional, atraindo milhares de jovens em agosto. As maiores festas tradicionais e religiosas, realizam-se a 15 de agosto em honra da padroeira N. Sra. da Assunção.*

*Também há as Festas do Espírito Santo, de abril a junho, juntando devotos para presidir à coroação do Imperador e o tradicional cortejo, seguidas das sopas, únicas no Arquipélago. Pode desfrutar da paisagem e saborear a deliciosa sopa.*

*Com origens na música popular portuguesa, mais especificamente da Beira e Alentejo, o folclore de Sta. Maria é único porque, com o passar dos tempos e com o isolamento, as músicas foram adquirindo formas próprias.*

*Existem vários grupos folclóricos que dão vida, quer às músicas e danças de outros tempos, e aos trajes, rigorosamente preservados pelos habitantes da ilha.*

#### **27.1.2. GASTRONOMIA –**

*Também aqui se encontram as típicas sopas de Império, feitas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão de milho. Sta. Maria oferece, ainda, o caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe.*

*Para os apreciadores de mariscos, o cavaco, a lagosta, a lapa e cracas. Por fim, a doçaria, rica pelos biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas.*

*Proveniente das vinhas de S. Lourenço, temos o vinho de cheiro. O vinho abafado, o abafa-dinho, o licor e a aguardente são produzidos de forma artesanal.*

### **27.2.1. PRAIA FORMOSA e FÁTIMA**

*Magnífica praia de areias claras e cristalinas, onde se realiza o Maré de agosto, a maior festa, numa maravilhosa baía.*

*Uma das primeiras capelas construídas em honra de N. Sra. de Fátima, tem a particularidade de ter, em degraus, o número de contas do rosário, cento e cinquenta degraus para chegar à Ermida.*

### **27.2.2. BAÍA DE SÃO LOURENÇO:**

*Estância balnear com praia e piscinas naturais, e a possibilidade de praticar desportos aquáticos ou de visitar o ilhéu de riqueza subaquática. Das muitas vinhas que cobrem toda a costa, provém o apreciado vinho de S. Lourenço, consumido pelos grandes apreciadores de um bom vinho.*

*A Baía de S. Lourenço, situada a noroeste, é – sem dúvida - um local magnífico. Com as encostas plantadas de vinhedos em típicos “currais” orlando uma praia de areia clara, no extremo da qual se situa o Ilhéu do Romeiro, ali se encontra uma gruta com estalactites e estalagmites, que é acessível de barco e com um cais natural no seu interior.*

### **27.2.3. ANJOS:**

*Pequena localidade, a norte da ilha, onde se mantém maravilhosamente preservada a pequena Capela onde Cristóvão Colombo mandou celebrar uma missa após o regresso da América. Tem praia e piscina natural com temperaturas de água convidativas a um banho relaxante com vista para a Ponta dos Frades.*

### **27.2.4. GUIA TURÍSTICO**

Em 1944 a construção do Aeroporto em Sta. Maria fez com que se tornasse de grande valor estratégico durante a Segunda Guerra Mundial e uma paragem obrigatória no Atlântico até ao fim dos anos 60.

A 28 de novembro de 1944 foi assinado um acordo entre os governos de Portugal e dos Estados Unidos concedendo autorização para construir e utilizar uma base naval e aérea na Ilha. Tratava-se da primeira presença norte-americana nos Açores, antes da transferência para a base das Lajes, depois do final da guerra.

O acordo luso-americano tem de ser entendido no contexto da política externa portuguesa, e da inflexão no sentido da “neutralidade colaborante” com as potências aliadas. Recorde-se que foi precedido de outro, em agosto de 1943, entre Portugal e o Reino Unido, concedendo autorização para criar nas Lajes uma base naval e aérea durante a guerra.

Os Estados Unidos, não ficaram satisfeitos com o teor do acordo, uma vez que não previa a possibilidade de as forças norte-americanas terem acesso direto à base inglesa. Esta era cedida unicamente à Inglaterra e, apesar de estar previsto o uso “para o reabastecimento de aviões e navios das Nações Unidas”, a “manutenção de unidades americanas em permanência” não era contemplada.<sup>62</sup>

Para os americanos a situação tinha um duplo inconveniente: por um lado, continuava a faltar uma escala fundamental no transporte das tropas americanas para os continentes europeu e africano; por outro lado, sendo a base um estabelecimento britânico, não assegurava os direitos de longa duração que os americanos pretendiam adquirir.

A introdução de novos tipos de aviões com maior autonomia de voo reduziu o tráfego, mas, continua a ser um dos dois aeroportos mais bem equipados dos Açores. O controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea (FIR) Oceânica também se situa na ilha.

<sup>62</sup> [http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=8&ida=138#\\_ftn1#\\_ftn1](http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=8&ida=138#_ftn1#_ftn1)

Coberta de vinha, a Ilha assemelha-se a um quadro. As elegantes chaminés brancas, que muitos alegam terem sido trazidas pelos primeiros povoadores, fazem lembrar o Algarve. Nesta ilha distinguem-se os inúmeros jardins e plantações de flores em vez das hortas mais tradicionais em S. Miguel.

Há páginas de história que merecem ser revisitadas em Vila do Porto e nos Anjos, que viu chegar Colombo na sua primeira viagem à América. Vila do Porto, Sto. Espírito, Anjos e S. Pedro são pontos para conhecer igrejas, conventos, fortalezas que recordam tempos passados.

Recortada por baías, Sta. Maria tem das mais belas praias dos Açores, com areias brancas e águas cristalinas onde as ondas desafiam os “surfers”, convidando ao windsurf, à vela, ao mergulho, à pesca desportiva de alto mar...enfim, inúmeras atividades para os apreciadores de férias desportivas. Os apreciadores de férias tranquilas e revigorantes encontram à sua disposição uma paisagem bucólica.

O Barreiro da Faneca é uma vasta área de solo árido, o “Deserto Vermelho dos Açores”, onde outrora se extraía o barro, atividade económica importante da Ilha, sendo exportado para outras ilhas. É uma paisagem singular e única, advinda de uma forte erosão e composição físico-química do solo, resultando num “ex-líbris” paisagístico, que urge preservar, combatendo a expansão de vegetação invasora e o controlo da prática de desportos motorizados que destroem as dunas.

Aquando da visita faltavam placas com indicações em como ir para este local, onde chegamos, por acaso, na incessante descoberta de caminhos e vias secundárias. Posteriormente, noutra senda encontramos um acesso melhor. Sentimo-nos numa verdadeira paisagem do outro mundo, rodeados pelas dunas.

Durante os meses de verão, há um serviço regular de ferry, duas vezes por semana, de S. Miguel.

### 27.3. URBANIZAÇÃO

Coexiste em Sta. Maria um antigo aglomerado urbano, do início do povoamento, com um núcleo de características modernas, o Bairro do Aeroporto. Mas o interessante, é o povoado antigo ser o primeiro de todo o Arquipélago, com uma clara originalidade de traçado.

Posteriormente na década de 1950 o bairro moderno assumiu um carácter mais inovador, do ponto de vista urbanístico e arquitetónico. Vila do Porto, com o troço mais antigo, a sul, de desenho linear, implantou-se ao longo da crista de uma elevação junto à costa, no sentido norte-sul, entre dois vales escavados por ribeiras, e apresenta estrutura de feição medievo-renascentista, que recorda as vilas de fundação medieval (sem muralhas).

A rua principal, acompanhada de outra paralela, grosseiramente retilíneas, formam o essencial da antiga povoação, completadas por terceira rua secundária, e por curtas transversais. Assim a descreveu Gaspar Frutuoso em finais de Quinhentos, depois de século e meio de consolidação:

*“Tem Vila do Porto três ruas compridas, que correm direitas a esta Ermida de N. Sra. da Conceição e ao porto, e começam no adro da Igreja principal. A rua do meio, muito larga e formosa e de boa casaria (...). As outras duas não são tão povoadas por se entremeterem nelas paredes de hortas e quintais e serrados; divididas as três ruas com outras azinhagas e travessas<sup>63</sup>.”*

*Esta “primeira fase” do povoado talvez tenha tido um núcleo primevo e prévio, tipo “povoação-praça”, concentrado, junto ao forte e à Ermida da Conceição.*

*Há analogias com fundações iniciais noutras ilhas: o traçado da Povoação, S. Miguel ou Machico na Madeira (onde a implantação se fez em vale, ao longo da ribeira, e perpendicular à costa). No caso de Vila do Porto, o assentamento sobre a elevação só contribuiu para a sua expressão e silhueta mais medievalista.*

*Hoje, podemos reconhecer as três ruas fundacionais, entre a Ermida da Conceição e a Matriz de N. Sra. da Assunção: a rua principal, Frei Gonçalo Velho, a via que a acompanha a nascente, Rua Dr. João de Deus Vieira / Rua da Boa Nova / Rua da Misericórdia, e a mais secundária, de*



“traseiras”, a Rua do Livramento / Rua José Inácio de Andrade.<sup>64</sup> Mesmo as arquiteturas residenciais que as definem (ou definiam há anos) ainda em muitos casos proveem dos primeiros séculos.

Destaque-se, na rua principal, a tradicional Casa do Capitão Brás Soares de Sousa<sup>65</sup>, notável Solar de resquício medieval, com a Capela do Livramento, exemplar de Solar antigo dos Açores<sup>66</sup>; e a fachada térrea da Casa do Donatário, quatrocentista, com arcos góticos e manuelinos (outro “caco”, só fachada).

É também neste troço que se situa a Misericórdia (na rua homónima), com a tradicional Capela do Senhor dos Passos, dedicada ao Sto. Espírito e à procissão dos Passos, como se presume uma vez mais pelo texto de Frutuoso:

“(…) há mais duas igrejas nesta vila [além da Matriz], muito boas casas: uma, nomeada Espírito Sto. e Misericórdia, onde se fazem muitas obras de caridade; outra de N. Sra. da Conceição, que está sobre a rocha e o porto.”

Num quadro fundacional, onde se edificavam as funções essenciais, estava completa a vila, com Forte, Casa do Capitão, Matriz e Misericórdia, se acrescentarmos a Câmara e Cadeia, que devem ter tido lugar aqui, e depois terão passado para o Convento franciscano. As três ruas referidas convergem junto à Matriz, e o prolongamento para norte faz-se por uma típica “rua nova”, mais larga e reta que as anteriores, de traçado dos sécs. XVII-XVIII<sup>67</sup> - o que se comprova pela descrição de Frutuoso, que em 1590 referia a área por urbanizar, com a direção norte já definida:

“Acima da Igreja principal, para dentro da terra, ficam casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, quer vai correndo entre serrados, e acabar antes que cheguem à Ermida de Sto Antão, que está em um alto (...)”<sup>68</sup> que é hoje a Igreja de Sto Antão, que culmina a rua longa e larga e o núcleo urbano linear como se definiu até aos sécs. XIX-XX. Aqui se instalaram os conventos da vila, em típica instalação arrabaldina.

De sul para norte, o Recolhimento de Sta Maria Madalena, com Capela (acima da Matriz), de 1594-1600, o Convento de S. Francisco, com a Igreja de N. Sra. da Vitória (a “Igreja dos Frades”, de 1607-09, reconstruída em 1725), sede da Câmara Municipal, e a mais erudita das instalações com um elegante claustro; e, do outro lado, o Convento de Sto António, de expressão mais vernácula, atual Biblioteca Municipal.

Por tudo o que atrás se afirmou, se depreende a persistência notável deste traçado urbano de Vila do Porto, que chegou quase intacto até ao séc. XX. Mais para norte, a vila apenas se desenvolveu lenta e secularmente, pelo prolongamento, natural e gradual, da via direita que nasce no cabeço fortificado junto ao porto.

No séc. XX construções em desenho moderno, foram lentamente renovando o ambiente urbano desta “vila-rua”, de modo pontual: refiram-se, a título de exemplo, os Correios<sup>69</sup> e a sede da Polícia<sup>70</sup>. Este conjunto urbano foi reconhecido oficialmente pelo seu alto valor histórico arquitetónico, há alguns anos.

O “Centro Histórico de Vila do Porto”, classificado pelo Governo como “Valor Regional” em 1992<sup>71</sup>, permanece, porém, meio abandonado e transformado num “caco”, sobretudo do lado do mar, o mais antigo. Sendo o exemplar único de uma vila medieva, pela primeira vez fora da Europa nos idos de 1450, sem recorrer à muralha habitual, singrou e persistiu até hoje, merece por certo melhor apoio, destino e futuro

O Bairro do Aeroporto constitui uma pequena “cidade-jardim” característica do urbanismo moderno internacional dos meados do séc. XX, fruto da instalação aeroportuária que, entre 1944 e 1946, foi edificada pelos norte-americanos para apoio à pista de aviação e à escala do trânsito militar por ar, destinado a terminar com a guerra no Pacífico.

Curiosamente, a sua forma urbana implantou-se de um modo relativamente análogo ao da provecta Vila do Porto, em orientação sensivelmente nor-noroeste, e com uma estrutura também essencialmente linear, embora mais complexa que a da antiga vila mariense.

Surgiu em Sta. Maria uma inesperada vertente moderna, com obras de arquitetura coerente e servindo as funções mais diversas. O bairro representou uma profunda inovação, mesmo uma

<sup>64</sup> <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>

<sup>65</sup> (nº 14 da Rua Frei Gonçalo Velho),

<sup>66</sup> (caiu em ruína nos últimos vinte anos, e finalmente, em 2003-2004, desapareceu por demolição altamente lamentável)

<sup>67</sup> (atual eixo da R. Teófilo Braga / R. Dr. Luís Bettencourt / R. José Leandres Chaves)

<sup>68</sup> (idem, pág. 47)

<sup>69</sup> (pelo arquiteto João Rebelo, dos anos 1958-63)

<sup>70</sup> (pelo arquiteto Jorge Kol de Carvalho, de 1988-95)

<sup>71</sup> (com plano de salvaguarda e regulamentação em 1993)

rutura no quadro do urbanismo tradicional insular, “(...), porém em sintonia com a grande escala do urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas (para evitar as velocidades excessivas), edifícios simples, prefabricados (com estrutura metálica, trazida dos Estados Unidos), espaços arborizados entre os imóveis.

*Verdadeiro bairro-jardim, a base americana revolucionou o quotidiano da população. Incluía equipamentos, todos prefabricados, como o Cinema ‘Atlântida Cine’, de 1946; o clube ‘Asas do Atlântico’, de 1950; e Igreja, ginásio e residências, isoladas e em blocos coletivos (estas foram depois transformadas no original Hotel do Aeroporto)<sup>72</sup>.*

*Em termos urbanos, o desenho do bairro é bastante simples (uma planta, que existia no antigo Hotel do Aeroporto nos anos de 1980, entretanto, ardeu com o Hotel, há vários anos): uma via de serviço, mais a poente, liga as instalações da aerogare à antiga vila ou diretamente ao porto, pela famosa “Estrada da Birmânia”; outra destina-se às áreas mais residenciais, a nascente.*

*Estas áreas agrupadas em sequências de largos quarteirões abertos, muito arborizados e com afastamentos entre todas as edificações.*

*De sul para norte, passa-se por habitações “em lata” (prefabricados); uma via transversal de equipamentos (Igreja, ginásio, cinema, etc.), com um espaço livre e amplo, nova série de habitações metálicas, até se atingir o extremo norte do conjunto, onde fica o Hotel (entretanto reconstruído com outro projeto) e o Clube Asas do Atlântico, além de habitações individualizadas destinadas aos dirigentes do Aeroporto.<sup>73</sup>*

As imagens das prefabricadas deram-me que pensar embora muitas estejam abandonadas, parte delas disponha de jardins arranjados e de parabólicas para a televisão.

#### **27.4. SANTO ESPÍRITO**

Durante os doze dias de estadia andamos mil quilómetros, mas, frequentemente, tivemos a sensação de estar numa ilha. Convém realçar o notável monumento que é a Igreja de Sto. Espírito cujo altar tem a talha do antigo Convento de Sto António que não é coevo da Igreja nem a ela se adapta.

Largamente aberta para o mar e com uma maior extensão de terras agricultáveis, a Freguesia de N. Sra. da Purificação, vulgarmente chamada de Sto. Espírito, beneficiou com a proximidade da sede concelhia; e, nos finais de Quinhentos, contava 413 almas de confissão em 102 fogos.

A população congregava-se a sul e a sudeste. O maior peso demográfico explica a mudança da sede da Freguesia da primitiva paróquia, hoje Ermida de Sto António, para a Igreja de N. Sra. da Purificação. Data do séc. XVII/XVIII<sup>74</sup>.

72 (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).

73 <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>

Bibliografia:

AA VV, Arquitetura Popular dos Açores, Ordem dos Arquitetos, Lisboa, 2000,

Fernandes, José Manuel, “Arquitetura e Urbanismo no Espaço Ultramarino Português”, in História da Expansão Portuguesa, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri, Círculo de Leitores, Lisboa, 1997, vol. 5, pp. 334-383,

Fernandes, José Manuel, Cidades e Casas da Macaronésia, FAUP, Porto, 1996,

Ferreira, Adriano, Era uma Vez... Santa Maria, Câmara Municipal de Vila do Porto, 1996,

Figueiredo, Jaime de, Ilha de Gonçalo Velho, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954, Fotografia Aérea de Vila do Porto, in “Arquivo Fotográfico da Base Aérea nº 1 de Sintra”, Voo 12-B de 3/5/1978;

Frutuoso, Gaspar, Saudades da Terra, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes, Ilha de Santa Maria - Açores, Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, Folha 35, de 1968;

Rebelo, João Correia. Um Arquiteto Moderno nos Açores, coord. João Vieira Caldas. Instituto Açoriano de Cultura, Angra, 2002.

Monterey, Guido de, Santa Maria e São Miguel. As Duas Ilhas do Oriente, ed. Autor, Porto, 1981.

Planta do Bairro do Aeroporto, existente no Hotel do Aeroporto em 1984

74 Tem um corpo principal, três naves, torre sineira, adossada à direita das naves, uma Capela saliente do lado do evangelho, outra com a pia batismal e a sacristia salientes do lado da epístola. A fachada, tripartida, tem dois vãos ao eixo da secção central, a porta principal encimada por janela, enquadrados por uma decoração barroca exuberante e popular em cantaria. No eixo de cada secção lateral existe uma janela encimada por cornija, grandes volutas e uma concha. A secção central da fachada é encimada por um frontão contracurvado formado por duas volutas que elevam uma cruz. As secções laterais mais baixas, são encimadas por aletas definidas por grandes volutas que amparam a parte superior da secção central.

As três secções estão divididas por pilastras encimadas por pináculos e separadas das aletas e do frontão por um forte cordão moldurado como uma cornija quebrada. A torre sineira tem, na parte superior, um vão de sino em cada face rematado em arco de volta perfeita. Os cunhais da torre sineira são encimados por pináculos. A inscrição na torre sob o campanário marca 1779. No interior, as naves estão separadas por quatro arcos de volta inteira assentes em pilares de secção quadrada com grandes bases sobre plintos. Os tetos são de madeira de três esteiras. Sobre a entrada existe um coro-alto à largura das três naves.

A Capela-mor e as colaterais têm retábulos, sendo o da Capela-mor e o da colateral do lado da epístola de talha barroca de estilo nacional. No pilar central do lado da epístola está um púlpito com base de pedra, em consola e uma guarda de madeira torneada. O edifício é em alvenaria

### **27.5. MUSEU DE SANTA MARIA**

Junto à Igreja, encontra-se o Museu da Ilha<sup>75</sup>, reaberto ao público no verão de 1996. Foi ali no Museu com o nosso guia, seu Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, que tivemos uma longa conversa. Em vez de fechar o Museu pelas 12:30 saímos pelas 14 horas cheios de fome. Recebi ali um convite para levar a Sta. Maria os Colóquios da Lusofonia, mas os problemas da insularidade parecem-me difíceis de ultrapassar.

Antes de terminar este roteiro convém referir que além dos Anjos, celebrizada pela sua ligação a Cristóvão Colombo, e a merecer visita, há duas praias notáveis pela envolvente de socacos de vinhedo<sup>76</sup>: S. Lourenço (de nenhuma das vezes conseguimos descortinar o areal das imagens publicitárias) e a outra (mais pequena) Maia. Ao longo da estrada distribuem-se construções para habitação de veraneio de qualidade muito desigual.

A Maia também é conhecida pelo seu Farol a que trepamos e cuja jovem faroleira disse que a “solidão dos faroleiros é muito relativa”. Natural da ilha, confessou que quando esteve no Continente a tirar o curso, não tinha gostado e se sentia melhor ali que em qualquer outro lugar. A jovem, colocada há dois anos, num dos poucos faróis ainda manejados por seres humanos, mostrou-se sem medos declarando que pretendia ficar. Os telemóveis não funcionavam naquela parte da ilha nem mesmo no topo do Farol.

As atividades vulcânicas que deram origem à ilha, deixaram profundas fendas e túneis, conhecidos por furnas. Merecem visita a das Pombas com 337 m., e a dos Anjos com 118 m. com guia e equipamento adequado. Foi assim que contactamos a Márcia, organizadora de Passeios Pedestres para nos levar a uma gruta com fósseis. E fomos, mas esqueci de lhe perguntar onde íamos e ela pensando que éramos os três (eu, a Nini e o Johnny Boy) experientes andarilhos meteu-nos por vales e montes, íngremes, por caminhos de cabras (se cabras aí houvesse), por trilhos que ela ia desbravando com uma faca (aquí não é Timor e não há catanas). Uma viagem para quatro horas, mas dado o nosso esgotamento (à exceção do João que até carregava a mochila da guia) terminou ao fim de três. Desde o SMO<sup>77</sup> que eu não andava tanto..., mas valeu a pena, a gruta estava cheia de exemplos de fósseis.

### **27.6. LENDAS<sup>78</sup>**

As principais lendas da Ilha, tradicionalmente passadas de geração a geração vão aqui resumidas

---

de pedra rebocada e caiada, com exceção do soco, de volumetria densa e bojuda, dos cunhais, das molduras dos vãos, das bordaduras e restantes elementos decorativos da fachada, dos arcos e dos pilares do interior que são em cantaria. Alguns blocos de pedra das faces das torres deveriam estar rebocadas, mas estão à vista.

<sup>75</sup> A visita ao Museu inicia-se pela descoberta de ambientes tradicionais como a cozinha, espaço da maior importância mariense. Aqui estão os objetos dos afazeres quotidianos, quase todos de fabrico local e alguns, os de faiança, oriundos da vizinha Ilha de S. Miguel. Subindo a escada de acesso ao primeiro piso, surge o quarto, com a alta cama de estado, coberta de mantas e colchas regionais. Sobre a cómoda, “o oratório, velha herança familiar onde se veneram os santos de maior devoção”, como escreveu Jaime de Figueiredo na década de 1950. Na zona da exposição permanente temos “O Barro, a Cerâmica e a Vida Quotidiana”.

Num primeiro núcleo é abordada a importância que o barro teve ao longo dos séculos para a Ilha de Sta. Maria – desde a sua extração e preparação para exportação até ao trabalho nas olarias locais, florescente e diversificado em tempos. São as peças saídas das tendas de célebres oleiros. O talhão de Sta. Maria, para reserva de água ou de cereais, é a peça mais emblemática... de fabrico marcadamente local são a escoadeira de torresmos, o cuscuzeiro, para a confeção de cuscuz, e a cabouca para servir as sopas do Espírito Santo.

De seguida, outros objetos evocam a preparação, o consumo e a conservação dos alimentos, quer nos meios humildes quer nos extratos mais ricos da sociedade mariense, com influências vindas do mundo exterior – as faianças e porcelanas, as garrafas de vinho do Porto...objetos ligados à higiene, à decoração da casa, à criação de animais...

Ao lado das alfaias agrícolas, a bilha da água ou do vinho e o talhão para armazenagem de cereais. A dorna, das adegas. Os têxteis e o traje tradicional. Os brinquedos de barro das crianças. No enquadramento da cozinha, como nas copeiras de Sta. Maria, apresenta-se a parafernália usada ainda hoje na feitura e no serviço da “função” em honra do Divino Espírito Santo. Os aspetos multifacetados da cultura atual têm lugar nas salas de exposições temporárias.

<sup>76</sup> Conjunto de encostas voltadas ao mar, em anfiteatro, estruturadas em socacos com compartimentos regulares, murados, para cultivo e proteção da vinha (“quartéis”). O acesso é por estreitos escadórios orientados no sentido do maior declive das encostas.

<sup>77</sup> Serviço Militar Obrigatório, vulgo tropa.

<sup>78</sup> fonte principal: Furtado-Brum, Ângela, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana editores, 1999

1. [Lenda da descoberta da ilha de Sta. Maria](#) - Era no século quinze. Nesse tempo muita gente tinha vontade de descobrir novas terras. A frente de todos estava o Infante D. Henrique, fundador da escola ...
2. [Lenda da donzela encantada da Ribeira na ilha de Sta. Maria](#) - a ilha que, de 7 em 7 anos, surgia no poente, podendo-se ver detalhes das pessoas às janelas das casas ....
3. [A Lenda da Cruz dos Anjos](#) - ligada à construção da Ermida dos Anjos
4. [A Furna de Sto. Cristo](#) - Um certo dia, uma mulher de Vila do Porto, que não tinha lenha para acender o lume ao forno, foi ao areal do Calhau do Peixe juntar bocados de ...- alusiva ao achamento de uma imagem do Sto. Cristo, depois conduzida em procissão para a Igreja da Misericórdia
5. [Piratas nos Anjos](#) - ligada a várias lendas todas sobre os Anjos e piratas
6. [Uma romeira da Sra. dos Anjos](#), uma romeira às escondidas
7. [Ana Fernandes](#) devota da Sra. dos Anjos por lhe ter salvo o filho da peste
8. A Sra. da Conceição da Rocha e os Piratas - um milagre do sino a avisar da vinda dos piratas
9. [O Canavial dos Piratas](#) - Ermida dos Anjos aquando do desembarque de piratas mouros, um canavial brotou miraculosamente, ocultando a Ermida ...
10. [O pirata Bei](#) - ligada às incursões de piratas mouros à ilha, em busca de víveres, riquezas e escravos.
11. A [Lenda da Sereia da Praia](#) - sobre um pescador que se apaixonou por uma sereia na praia.
12. [O vinhateiro cativo e a Ermida dos Prazeres](#) - o rapto de um mariense pelos piratas e seu regresso....
13. [A Lenda da furna de Sant'Ana](#) - alusiva à invasão de piratas da Berbéria em 1616.
14. [a Furna de Cal no Facho](#) - uma aparição e premonição.
15. A festa do Espírito Sto. na Mãe de Deus, o milagre da água em vinho
16. [O boi enfeitado](#), o milagre da carne para o bodo
17. [O Pico alto, o negro e a ilha de S. Miguel](#) - como foi descoberta outra ilha
18. [Ponta de Malmereida](#), o castigo da falta de fé foi a morte
19. [Trigo vendido para uma ilha encantada](#), o trigo vendido para ilha encantada ...
20. O Távora - indivíduo ligado à Casa dos Távoras, refugiado do Marquês de Pombal, cujo esqueleto foi encontrado entaipado em um antigo Solar em Vila do Porto.
21. O Ermitão - acerca de um indivíduo que teria vivido na Furna de Santana, afamado por curar impingem e cobrelo com benzeduras e mezinhas.
22. O Tesouro - que justifica a mancha calçada, que se avista no rochedo de Malbusca, como a porta de um grande tesouro ali escondido à época dos Castelhanos.
23. As canas da Índia e os buxeiros - Havia, em S. Maria, um homem casado que tinha um barco e vivia com algum desafogo por ser muito assorteado e apanhar sempre grande quantidade de peixe, que vendia
24. A Sereia da Praia - No lugar da Praia, em Sta. Maria, muito próximo do mar, vivia um pescador que tinha um filho já homem. Nas noites de lua cheia costumavam sentar-se
25. Dom Sebastião na Canada do Aguilhão, - Há muitos anos ia uma mulher, num dia de muito nevoeiro, passando pela Canada do Aguilhão. De repente, como se estivesse entre nuvens, apareceu-lhe um homem.
26. Ermida da Glória em Sto. Espírito - Há muitos anos, uma pastorinha muito bondosa de Sto. Espírito passava os dias a tomar conta das ovelhas e rezava para pedir a Deus e a N. Sra. que ...
27. Sta. Maria Encantada - Era no dia de Sta. Maria de agosto e, apesar de ser dia Santo, uma mulherzinha da Praia, estava lavando roupa na pia, fora da porta da cozinha.
28. O poço do negro - Por meados do século quinze, já Sta. Maria era povoada por colonos vindos de várias partes do reino e escravos do Norte de África. Todos trabalhavam arduamente na ...
29. Os corsários e a ajuda da Sra. da Conceição - Era no final do século dezasseis e, se Portugal estava, ao abandono porque era governado por estrangeiros, mais desprotegidas estavam as ilhas dos Açores.

## **CRÓNICA 30 DO TUFÃO GORDON À PEQUENA ALDEIA DE BABE.**

### **30.1. O GORDON. 25 setº 2006**

Hoje acordei estremunhado, havia mais um engarrafamento na CRIL, um desastre no Fogueteiro, trânsito lento na VCI. Não havia engarrafamentos à porta de casa, raramente acontecem, a não ser que as carrinhas de distribuição de pão, fruta, carne ou outros bens alimentares aqui parem.

Porque é que a Rádio e TV nacional me impingem os problemas dos que vivem em Lisboa ou no Porto. Já em Bragança quando me levantava tinha de ouvir os engarrafamentos e desastres na 2ª circular e nós íamos de um extremo a outro – em horas de ponta – em sete minutos.

O meteorologista disse que o tufão *Hélène* era depressão tropical e ia passar ao largo do grupo ocidental a mais de 600 km, mas as lufadas de vento forte lá fora diziam que ia ser um dia mau. Abri a janela e olhei, ainda não chovia, o céu cinzento, sopravam rajadas fortes, a temperatura nos 22º C e a humidade nos 89%.

Na semana passada passou por aqui o tufão Gordon e a TV mostrava ondas minúsculas em Ponta Delgada, esquecendo que a costa norte tem vagas bem maiores e sofre mais ventanias que a costa sul. Aliás já tivemos temporais em fevereiro, abril e agosto bem maiores do que estes tufões que tanto deliciam os locutores no Continente.

O vento hoje está mais forte do que aquando do Gordon e isto apesar de o *Hélène* ter passado a 600 km de distância do grupo ocidental, a centenas de quilómetros do oriental onde vivo. Agora chove e espero que abrande para ir buscar o jornal ao café da esquina, disso não falam os locutores da TV. No sábado queria comprar sapatos para o miúdo, no minimercado não havia e na Maia as lojas estavam fechadas, tive de ir às cidades fazer compras.

Mas o que mais me preocupa tem a ver com a saúde pública. A recolha do lixo é pela terça e quinta-feira o que me deixa um ror de sacos de lixo entre quinta e terça-feira seguinte. Não os posso deixar no quintal pois os gatos vadios vão aos sacos, rebentam-nos em busca de comida, e tenho de limpar o lixo outra vez. Falei com as autoridades, representadas pelo emérito Presidente da Junta, nosso amigo e senhorio, e ele, gentil, ofereceu-se para levar o lixo para casa dele. Não era isto que queria. Dantes havia um contentor em frente ao cemitério onde íamos ao sábado, mas retiraram o contentor.<sup>79</sup> Como hei de explicar que fazemos mais lixo do que os outros e pretendemos desfazer-nos dele no mais curto prazo possível e não ter de o partilhar? Ainda hei de descobrir uma solução.

Os noticiários falam de não-eventos como outro furacão, será para abafarem as mudanças que o governo está a introduzir na nossa vida? Se vier um tufão a sério, pouca casa fica inteira em pé e haverá danos para encher as manchetes dos jornais por um mês. 16.30 horas: está um calor de rachar 26 °C bom para ir para a praia, mas a Nini está em reunião.

Só agora surgem no horizonte nuvens, abafado, no Continente iria dar trovoadas. O vento ainda está de norte e o tufão vem de sudoeste... A ameaça é para o grupo central pelas 20.00 e cá deve chegar como tempestade pelas 03.00. Tivemos ventos ciclónicos em agosto, na véspera de ir para Sta Maria com 120 km/h, que deram cabo da tenda que tínhamos no quintal e do toldo do baloiço de jardim, bem grosso (2,5 cm).

Depois dos 6 anos em Macau com tufões de grau 5 este *Gordon* (nome do celebrante matrimonial meu e da Nini) é só de grau 2 e não deverá ser grave para aqui se não piorar, mas vai ser mau para as ilhas do grupo central onde as ondas devem atingir 12 metros...e rajadas a 170 km/h....com médias de 120 km/h. Yupee! Amanhã não há escola, pode-se dormir até mais tarde.... Lembro-me que o meu primeiro tufão teve direito a discurso poético.

---

<sup>79</sup> Passadas umas semanas lá o repuseram.



vês tu  
my dear  
é um tufão  
e se aproxima  
o mundo acontece sempre lá fora  
as revoluções dão-se apenas  
em cada um  
de nós.

26 junho de 1977 Macau

25 setembro 2006 – Afinal o malandro do tufão virou para cá, entre S. Miguel e Sta. Maria, mas não acertou (felizmente) em nenhuma e nada aconteceu.

As coisas parecem ter um impacto maior nos telejornais do que na realidade, mas ainda bem, assim passou ao largo e não fez estragos pois decerto seriam bem graves se nos tivesse atingido. A Proteção Civil funciona bem, mas a falta de estruturas, de preparação das pessoas, de cultura e um certo fatalismo irremediável não as predis põem a segurarem os seus bens. A construção é duma forma geral fraca e não leva em conta os problemas da ilha nomeadamente a proteção sísmica.

Estou na fase final de preparação do 6º Colóquio Anual da Lusofonia. Uma tarefa hercúlea a que meti mãos há cinco anos e que começa a dar alguns frutos limitados no reconhecimento dum evento que já se impôs pela sua persistência.

### **30.2.1. O REGRESSO A BRAGANCA 29 setº – 6 outº 2006**

*«Deus criou o mar e a água para que o homem pudesse viver e criou o deserto para que o homem pudesse descobrir a sua alma.»*  
*provérbio Tuaregue*

Saímos sexta-feira dia 29 depois das aulas. Havia inúmeros professores no avião, aproveitando um fim de semana no Continente, além do gerente do *Banco Comercial dos Açores*<sup>80</sup> e da mulher, Chefe de secretaria da escola. Nunca pensei que tanta gente se deslocasse assim... uma colega da escola da Maia que tinha assistido aos Encontros Açorianos, em maio na Ribeira Grande, resolveu juntar-se a nós e foi mais cedo via Lisboa. Aterrámos no Porto com a habitual receção chuvosa que caracteriza bem o cinzento daquela urbe. Fomos buscar a colega a Campanhã vinda num *Alfa Pendular*.

No dia seguinte, depois de rever a família, seguimos para Bragança, logo que o motorista da Câmara nos veio buscar. Chegamos ao fim da tarde com o João que foi connosco para rever amigos e a cidade. Uma chamada telefónica levou-nos à Rádio Brigantia gravar um programa de 45 minutos, com outros conferencistas e o jantar foi perto das dez da noite. O programa correu bem e está na nossa página junto com a entrevista da RDP Antena 1. Do programa de televisão sei que muitos viram, mas não tenho registo. O segundo dia de trabalhos, depois termos tido chuvada na véspera em Rio de Onor, levou-nos a Miranda do Douro, sempre bonita e limpa, bem recuperada e interessante.

Fomos recebidos com a Capa de Honras na Câmara, e visitámos o Museu, a Biblioteca e o Centro Cultural fora de horas. Encheram-nos de explicações e partilharam o orgulho de ser transmontano e mirandês que bem falta ao país... todos gostaram e aprenderam (entre outras coisas, a existência duma segunda língua oficial portuguesa). Uma velha megera do clero não nos deixou visitar a Catedral (faltavam 20 minutos para o fecho). O clero por vezes consegue ter destas coisas simpáticas. Ou me engano ou foi esta que há três anos nos fez a mesma coisa.

No próximo ano incluiremos a visita com passeio de barco (se o tempo permitir) pelo Douro.... Houve concertos à noite, um sarau de guitarra de Isabel Rei com música clássica renascentista, agradável de ouvir e aplaudir, e um de piano (autores contemporâneos galegos) com ótimo desempenho, mas menos sentida pelos presentes. No último dia, voltamos com a consciência de que valera a pena.

80 Depois BANIF e – posteriormente Santander Totta

Nessa altura já o nosso filho João estava de volta delirando de alegria pois além de rever o melhor amigo, logo que chegara fora à aldeia dele almoçar. A aldeia deles é Babe e aposto que poucos sabem o que se passou ali de relevo para Portugal há muitos anos...

### **30.2.2. BABE E A SUA HISTÓRIA**

Situada a 800 metros de altitude, a leste de Bragança, é a entrada no planalto de Lombada. No séc. XVIII eram visíveis os restos da Igreja de S. Pedro, perto de Castrogosa. Ali, no Castro da Sapeira, passava a estrada romana de Braga a Astorga. Estelas funerárias e um marco milenário documentam a romanização da aldeia. Com 398 habitantes, 131 famílias e 168 fogos, Babe remonta a épocas muito antigas.

Babe ficou célebre pelo Tratado de 26 de março de 1387. D. João I, Rei de Portugal, ofereceu auxílio ao Duque de Alencastre, João de Gaudi, para provocar a divisão das forças e tropas de Castela. O Inglês desembarca na Corunha, seguindo para Melgaço, onde se avistou com D. João. Nesse encontro estipularam as condições do auxílio que, à boa maneira inglesa, comportava o casamento (ele trouxe duas, vindo a casar a outra em Espanha, para firmar outro acordo) de uma das filhas, Filipa, com o Rei D. João.

Enquanto as tropas do Duque seguem para Bragança, consuma-se na cidade do Porto o casamento, após o qual o nosso Rei haveria de juntar as tropas às de Alencastre, hospedado no Mosteiro de Castro de Avelãs. Diz-se que a Lombada nunca teria estado tão engalanada, já que foram milhares os que por ali acamparam, entre eles, o Santo Condestável. Portugal pouco lucrou, já que o Duque, após ter casado as filhas nada fez e muito menos a tal divisão das forças castelhanas. A sua importância afirmou-se pela Comenda, trazida por Domingos de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real que casou em Bragança com D. Luísa Caetana de Mesquita, seu 1º Comendador. E tal era o seu tamanho territorial, que El-Rei D. Sebastião a mandou dividir em duas: S. Pedro de Babe e N. Sra. de Gimonde. Após a guerra de Aclamação, muitos foram os contributos para restaurar o país, e Babe, na pessoa de António Alvarez de Magalhães, ofereceu, a Sua Majestade, 20 mil réis, o salário que “obteria pelo dia de S. João, bem como ainda deu poder para cobrar dos comendados ou rendeiros das Comendas de Babe, e se necessário tudo o que tenho venderei e darei de salário todos os anos, enquanto viver”.

O Castro de Babe ou da Sapeira, fica a 2,5 km a sudoeste e situa-se no cume de um outeiro inacessível a nordeste. Tem de área 350 x 150 metros. Tinha duas portas, uma a sul e outra a sueste. Mas no extremo do seu termo, outro Castro há, e perto dele as ruínas da Igreja de S. Pedro, onde apareceram lápides funerárias que se encontram no Museu Abade de Baçal em Bragança. Babe foi terra de minérios, pirites de ferro, uma mina de chumbo e uma de manganês, entre o termo de Babe e Caravela, criada por decreto de 8 abril 1880. Comercial e industrialmente, Babe foi afamada pelas suas facas de bolso e cozinha, feitas por ferreiro, segundo o Abade de Baçal. E segundo este autor a origem etimológica de Babe, Babi nas Inquirições, do ano de 1258, quer dizer em árabe "portinha", mas porta, também pode derivar de Babon. Por sua vez, Babiús, foi nome de poeta romano, donde também podia provir Babe. Deste modo, não é fácil dizer qual a origem do nome, embora não custe acreditar na origem romana.<sup>81</sup>

O meu filho mais novo é assim, adora aldeias e coisas velhas como igrejas, castelos, etc. Não sei a quem sai assim tão anti-urbano e pró-rural... Adorei ter estado em Bragança e ter descoberto as minhas verdadeiras raízes e só para o ano devo regressar, já que as hipóteses de ali voltarmos a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.

### **30.2.3. LÍNGUA PORTUGUESA NA GALIZA**

Como a sociolinguística tem mostrado nas últimas décadas as línguas não mudam em bloco. Uma língua, um dialeto, mesmo um idioleto, não são homogéneos, comportam variedades internas que são

---

81 Nota: apontamento feito com a ajuda da obra do Abade de Baçal. <http://www.bragancanet.pt/braganca/babe.html> em setº 2006

parte integrante do sistema. Se o objeto da linguística histórica é a mudança linguística, o objeto da história da língua é uma língua em particular, sua existência definida temporal e espacialmente.

*Importa conhecer a situação na Galiza desde as origens, e sua evolução, o rumo da literatura galega no período pós-Franco, em defesa da cultura, dos valores solidários e dos direitos históricos. O conflito entre reintegracionistas, normativos e outros: um genocídio da língua? compreender o papel histórico desempenhado pelos intelectuais e políticos galegos e extrair conclusões sobre os conflitos e respetivos desenlaces da História além de permitir o debate aberto sobre a língua; tanto sobre a forma gráfica, como sobre conceito de língua (isolada ou parte ativa do tronco galaico-português) e situação atual. A situação do galego é paradoxal. Se atendermos a critérios linguísticos, é uma das formas do português e, neste sentido, é uma língua nacional. Foi na antiga Gallaecia que nasceu a língua de Camões, mas conforme ao uso maioritário da população, quer no atinente à ortografia, a formalização da língua ou corpus, quer atendendo ao estatuto social ou status, em relação ao castelhano, a situação do galego mais se assemelha a um patuá.*

Como dizia Ângelo Cristóvão:

*“A esperança de uma mudança de rumo na política linguística continua a estar longe dos âmbitos oficiais, nas mãos dos movimentos de normalização linguística, dependente do seu dinamismo e da capacidade de somar esforços numa mesma linha de trabalho: o fomento do galego como língua nacional e na defesa dos direitos dos utentes. O trabalho das associações lusófonas galegas é fundamental. Uma das características mais felizes da geração da Lusofonia é a sua independência económica, organizativa e ideológica a respeito dos poderes estabelecidos na Galiza. O outro, não menos importante, é tratar-se de um movimento que nada tem a ver com saudosismos nem a defesa de privilégios adquiridos. Tem mais a ver com a aquisição de direitos – individuais e coletivos negados no dia-a-dia, roubados ao povo, negados à nação galega. Questão importante, a ter em conta, é a sua articulação em várias associações culturais e cívicas cujo elo de união é colaborar numa mesma tarefa de dignificação da língua e cultura da Galiza, do português-galego. Isto é feito por diferentes vias, em resumo: a produção de textos (livros, revistas, jornais) e as diversas atividades culturais direta ou indiretamente relacionadas com o uso e promoção de um galego dignificado e, mais cada vez, implícita ou explicitamente, identificado com o português.”*

No 6º Colóquio da Lusofonia debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política de exclusão dos dissidentes lusófonos (reintegracionistas ou lusistas).

Debateu-se a Galiza que luta pela sobrevivência linguística, quando a UNESCO adverte do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos avanços e recuos e de movimentos a favor da Língua Portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza.

*Existe ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem esse mercado de quase três milhões. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua na região.*

*Foi assinalada a generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o esquecimento por parte das entidades oficiais, temerosas de ofenderem o poder em Madrid.*

*Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior de pessoas para este genocídio linguístico desconhecido e que mora aqui ao lado. A presença regular em eventos semelhantes pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que, por mercê duma conquista histórica de há 500 anos, teima em não perder a língua original, que é a nossa.*

*O anúncio de Martinho Montero da criação da Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado, mas pode ser um passo em frente para concretizar o sonho de muitos galegos.*

## **CRÓNICA 31 - DOS DIAS DE FINADOS À MINHA INFÂNCIA, 1 novº 2006**

### **31.1. FINADOS? AINDA ESTOU VIVO**

Entrei no café, depois de percorrer os vinte e cinco passos habituais e diários. Ao balcão do Eurobar, no Largo da Igreja, os clientes do costume a beberem bagaços, cerveja, vinho de cheiro ou outra variante alcoólica. Raramente reparo neles, depois de atirar os bons-dias, tardes ou noites. Conheço-os a todos, embora desconheça os nomes, com todos já falei em momentos vários. Podia descrevê-los ou às suas profissões mesmo sem saber os nomes. Muitas vezes nem os ouço, nem os entendo com o seu rápido sotaque cerrado micaelense.

Faces escalavradas pelo tempo, sob este clima inclemente, ou meramente faces que não escrutino. Também não constato as pedras de basalto cinzento que orlam o passeio, nem me apoquento com as faces lavadas das casas que, no verão, são pintadas de fresco como é hábito centenário para as festas locais. Os montes que, na semana passada, estavam castanhos já passaram, de novo a verde, com a chuva destes últimos dias, e ao longe, estão as, sempre, alpinistas vacas. O mar confunde-se com o céu num horizonte ora cinzento ora azuláceo e que se perde para além do alcance da vista. A humidade escorre pelas paredes, pelas ruas, pelas casas, pelas faces e ninguém parece aperceber-se embora exista omnipresente e se note na camada de mildio que ocupa as faces de tudo o que é cabedal ou couro. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá.

As pessoas levantam-se de noite embora a mudança da hora já traga os primeiros alvares da aurora pelas sete da manhã. Continuam a deitar-se cansadas depois de um dia, semana, ano de trabalho ininterrupto, apenas entrecortado pelas festas da Freguesia e por uma ou outra procissão ou evento de cariz religioso tradicional. Não as ouço queixarem-se da carestia de vida ou da má sorte que lhes repete destinos ingratos. Há uma certa resignação amargurada que se entrevê nas comissuras das peles rugosas e encarquilhadas. Os campos continuam a ser arados e as vacas mungidas, chova ou faça sol, seja feriado ou fim de semana. A propriedade é sagrada embora sem os exageros transmontanos de se matarem uns aos outros por um metro de terra. O solo e as vacas são os únicos elementos mensuráveis da riqueza de cada um. Os filhos ainda são abundantes e vão à escola nos intervalos da ajuda nos campos, que não é opção, mas obrigação. Esta a realidade que me rodeia porque ainda estou vivo.

O dia dos fiéis defuntos ou de finados é celebrado pela Igreja Católica a 2 de novembro, a seguir ao Dia de Todos-os-Santos. No séc. I, os cristãos não rezavam pelos mortos, nunca foi prática da "Igreja Primitiva".<sup>82</sup>

*Os cristãos rezavam pelos falecidos, visitando os túmulos dos mártires para rezar pelos que morreram. No séc. V, a Igreja dedicava um dia para rezar por todos os mortos, por quem ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava. Também o abade Cluny, santo Odilon, em 998 pedia aos monges que orassem pelos mortos.*

*Desde o séc. XI os papas Silvestre II (1009), João XVII (1009) e Leão IX (1015) obrigam a comunidade a dedicar um dia aos mortos. No séc. XIII esse dia passa a ser 2 de novembro, porque dia 1 é a Festa de Todos-os-Santos. Na cultura judaico-cristã que nos rodeia, a recordação dos que já morreram assume uma grande importância, quanto mais não seja para pensarmos que outra vida melhor nos espera.*

*Quem não se deu conta que aspiramos à eternidade e queremos que esse desejo se concretize na memória dos que conviveram com cada um. Há um dia expressamente dedicado a essa saudade. Essa a razão que motiva muitos dos que vivem longe dos locais onde nasceram, a visitá-los uma vez ao ano, e isso é mais visível no interior do país, onde, vive menos gente. O dia de finados é expressão da cultura lusófona a que pertencemos e manifesta-se nos que se exprimem culturalmente em portugueses.*

Nota-se, assim o observo empiricamente, um nítido decréscimo de participação comparativamente à infância, o que quer dizer, ou há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou isto parece estar destinado apenas aos mais velhos que eu. O decréscimo de crentes católicos em Portugal deve contar

82 Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia\\_dos\\_fi%C3%A9is\\_defuntos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_fi%C3%A9is_defuntos)

pois, apesar de no último censo serem 92,2%, apenas 10% ia regularmente à missa... Eu tenho para mim que não é preciso haver um dia no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos-os-Santos.

*Esta data tem algum relevo para uma minoria, e obviamente um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para as pessoas irem aos cemitérios, depois de se levantarem cedo, deixarem os filhos na escola, voltarem do trabalho, irem buscar os filhos ao ATL (Tempos Livres), prepararem o jantar, etc.*

*Penso que cada um, na reclusão do seu lar, deve dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade a homenagear os seus mortos, da forma como melhor o entender.*

*Por vezes, bastará um pensamento ou uma lembrança de como nos fazem falta num momento de dor, de alegria, de dúvida. Essa sim seria uma forma mais adequada de nos lembrarmos daqueles que nos deixaram e de quem sentimos a falta, porque - não o neguemos - há muitos que nos deixaram e de quem não sentimos falta nenhuma...esta coisa da religião, cria hipocrisias que levam a venerar todos mesmo os que não queremos ou por quem nada sentimos, incluindo antepassados que nunca conhecemos.*

Desde há muito que dedico momentos silenciosos, de pausa, para recordar aqueles que gostaria estivessem comigo em determinados momentos, para saborear com eles uma vitória pessoal ou profissional, para partilhar com eles um triunfo particularmente interessante ou apenas para nos darem uma palmada congratulatória nas costas. São meus companheiros de sempre mesmo que já não estejam no rol dos vivos, a sua memória perdura e dessa forma os homenageio, sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas. Talvez o faça por ser assim que gostaria me recordassem, tanto mais que desde 1974 decidi que iria ser cremado com as cinzas lançadas ao mar. Na altura exigia o Oceano Pacífico, mas dada a distância a que estamos creio que terei de me satisfazer com o Atlântico Norte.

*De repente, dei comigo a pensar que sou demasiado exigente com o meu filho mais novo, tal como o meu pai foi exigente comigo e posso estar errado. Vou tentar emendar-me. Fui bafejado com uma criança inteligente, ativa e dinâmica, sem dificuldades no ensino e continuo a exigir dele uma calma e uma atitude que - eu próprio - só tive em fase adiantada da vida.*

*Repito trajetos genéticos na ansia de ter um filho que sofra menos do que sofri até encontrar a estabilidade emocional e psíquica que atravesso. Quero inculcar-lhe a ética de trabalho, de dedicação e respeito pelos outros que raramente se vê nos jovens hoje e que caracterizaram a maior parte da minha vida. No resto não preciso de lhe inculcar nada pois sai ao pai e irá decerto beneficiar duma educação mais independente, livre, mais desacompanhado do que tive, andando pela aldeia de bicicleta, a brincar com os amigos e a descobrir o que quer que ele ande a descobrir.*

### **31.2. DE VOLTA À INFÂNCIA. O FIM DO FILHO ÚNICO E A ESCOLA – UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÓ**

Convém recordar como foram esses tempos de infância. Aos quatro anos e meio, mudamos para uma casa maior (perto das Antas e do Marquês de Pombal) numa paralela à Rua de Costa Cabral com o pomposo nome de Rua de Maria Pia<sup>83</sup>. Desconheço a razão para tão pacata rua merecer tão régio nome.

A Escola Primária da Rua do Cunha, a 200 metros de Costa Cabral, ficava a metros da Rua de Maria Pia nº 101.... era<sup>84</sup> um casarão senhorial de dois andares e cave, adaptado com recreio de dimensões suficientes para as quatro classes que a frequentavam, cheio de árvores centenárias e em terra batida.

*A casa tinha três pisos (ocupávamos dois) e um longo quintal onde tinha o canteiro de flores do qual cuidava, quando não andava no galinheiro a espantar galinhas. No 1º andar duas salas para a frente e uma para trás, ao lado da cozinha, e despensa, e uma varanda envidraçada e coberta, com WC, e acesso à escadaria do quintal. Em cima, quatro quartos, casa de banho e WC na outra varanda coberta, donde se avistava o Estádio Eng.º Vidal Pinheiro, do Sport Comércio e Salgueiros que deixou de ter futebol em 2005.*

83 A rainha, Maria Pia de Saboia (1847-1911) era filha de Victor Emanuel II, rei da Itália e de Adelaide Habsburgo Lotaringiano. Casou em 1862 com Luís I, Saxe-Coburg-Gotha, Rei de Portugal

84 (há muito vítima do camartelo e substituído por uns banais prédios de andares)



A minha mãe que já perdera duas gravidezes (abortara espontaneamente), finalmente deu à luz, cinco anos e meio depois de eu nascer, uma linda menina com 4 quilos e 56 cm. Se bem que a esperasse com ansiedade havia um medo ancestral de que viesse a ocupar um espaço que até então tinha sido exclusivamente meu. As prerrogativas de filho único perderam a razão de ser no dia do nascimento dela. De qualquer forma fiquei satisfeito por ver aquele enorme bebê gorducho e cheio de cabelos alourados quando me chamaram pelas 8 e meia da manhã.

*É bom não esquecer que, no longínquo ano de 1955, a maioria dos partos ocorria em casa, e as pessoas não se deslocavam aos hospitais. Havia, normalmente, um médico, acompanhado da enfermeira-parteira que se deslocava à residência e aí fazia o parto. No caso vertente foi o mesmo médico (Dr Eugénio Franco) que me ajudara a ver a luz. Ainda me lembro de o ver sorridente a sair do quarto dos meus pais.*

*Se houvesse problema chamava-se uma ambulância e ia-se para o Hospital mais perto (na altura, no Porto, só existia o vetusto Hospital de Sto. António, onde viria a nascer o meu mais novo em 1996) já que os mais velhos - gémeos - nasceram na Venerável Ordem da Trindade em 1976 e a filha nasceu em Sydney no Royal Hospital for Women, Paddington em 1986.*

*O Hospital de S. João criado pelo Decreto-Lei n.º 22917, de julho 1943, com a designação de Hospital Escolar do Porto, ligado à Faculdade de Medicina, sofreu um atraso considerável, a que não foi alheia a II Guerra Mundial, e a sua inauguração ocorreu em junho de 1959, já a minha irmã tinha quatro anos.*

Ela iria enfrentar (sem se aperceber) o trauma da mudança de casa que eu sentira anos antes.

*A minha avó estranhou bastante a mudança do Amial para Costa Cabral, mas continuou com a sua vida recatada, ocasionalmente entre cortada pela visita de primas e amigas ou convites para as visitar. Lá fazia os seus tricôs e crochês, jogava umas paciências de cartas e mantinha-se à margem agora que a minha mãe, finalmente na "sua casa" mandava em tudo, ao contrário do que se tinha passado na casa anterior, que era da sogra. Estas coisas nunca se discutem, não fica bem as famílias dizerem o porquê destas atitudes e eu, interessado em autopsicanalisar o mundo que me rodeava, indagava-me sobre quais as verdadeiras razões destas mudanças. As crianças sofrem muito mais com as mutações que os adultos, embora na aparência façam crer a toda a gente que gostam de tudo o que é novo e diferente.*

Bem no meu íntimo, perdera uma primeira noção de estabilidade, que me era querida, sem perceber porquê. Havia vantagens e desvantagens nesta mudança. Tudo tinha que ser reaprendido, desde os cantos escuros, às sombras, aos sons novos e desconhecidos. Cada casa tem o seu ranger de soalho característico, cada canto tem os seus segredos peculiares, as sombras são únicas e essa aprendizagem demora o seu tempo. Os sons e sombras permeiam os minutos de vigília de todas as crianças antes de adormecerem. Enaltecem ou recalcam os seus medos e temores.

Há sempre um mundo desconhecido em cada quintal e aquele era o primeiro onde me aventurava, lá com imponentes galinhas poedeiras, o galo e o peru que aparecia em novembro e desaparecia em dezembro. Ficava ao fundo dos pequenos talhões dedicados a uma pequena horta doméstica e outro mais virado para decoração floral que ia preencher os vasos e vasinhos daquele casarão. No quintal, ao fundo das escadas de pedra - nas traseiras - ao lado da nossa casa, havia uma cabana ridiculamente pequena, mais parecia uma arrecadação de vassouras, onde vivia a nossa empregada Emília, que tinha para aí umas 20 dioptrias, com os dois filhos sempre ranhosos e um marido bêbedo que lhe dava porrada de meia-noite, ainda antes desta hora. Esse barulho de violência doméstica, o choro dela e dos filhos, ficaram para sempre gravados no meu inconsciente de não-violência, pois, entre os meus 5 e os 9 anos, quase todas as noites se ouviam essas cenas de violência conjugal. Eram uns pobres miseráveis e esse foi um dos meus primeiros contactos com a pobreza que podia ser vista em ruas adjacentes.

Voltando a 1955, nove meses após o nascimento da minha irmã, acabaram-se as férias eternas que os infantões gozavam nesses tempos. Sempre pensei que a vida era um estado natural de nada fazer, a não ser brincar e divertir-me. Lá fui para a Escola Primária, quase ao lado de casa, onde a mãe lecionava ou iria lecionar a seguir. Pensem agora no efeito traumatizante para uma criança da mudança de casa em

1953, seguida imediata e simultaneamente do nascimento da irmã (1955) e o fim da vida de filho único com o começo da escola primária. A pré-escola e as creches em Portugal não haviam ainda sido inventadas, e o que mais se assemelhava eram as “criadas de meninos” que havia lá em casa para tomarem conta de nós. Na época não havia pedopsicólogos nem se estudava a problemática da traumatologia infantil, a não ser estudos pouco conhecidos ou divulgados de *Vygotsky*:

*“A evolução da consciência passa dum ordem menor a uma ordem maior do desenvolvimento da criança à medida que as funções mentais passam a ser socioculturais e não apenas biologicamente mentais. Parte dum requisito biológico para o transformar através da interação sociocultural numa forma de desenvolvimento, passando do estágio de dependência para o de independência e autorregulação.*

*A criança inicia a aprendizagem através das atividades em que a sociedade colocou algum valor (trabalho, atividades lúdicas, educação, literacia). Socioculturalmente, a criança é confrontada com um ambiente de tarefas e exigências que requerem dela a utilização da linguagem como instrumento, enquanto se mantém dependente dos adultos que a rodeiam (normalmente, progenitores) para saber como fazer, o que fazer e não fazer”.*

Rodeado por uns poucos adultos, com uns pais mais ausentes que presentes, pois, ambos trabalhavam, as noções de vida haviam-me sido transmitidas através da avó paterna e de todas as suas visões adulteradas dum realidade a que nunca se habituaria nos seus mais de oitenta anos de vida. Iriam retirar-me desse círculo, onde a vida dos adultos se passava à banda e sem intervenção de maior, mas simultaneamente dependendo deles para aprender o ambiente que me rodeava, tendo que descobrir por mim mesmo, pela minha imaginação e investigação, próprias da idade, as soluções para os problemas e questões que se me punham.

Os pais saindo bem cedo de casa e regressando tarde, deixavam-me apenas o tempo, antes e durante o jantar, para interagir antes de me deitar pelas oito e pouco da noite, o que era manifestamente pouco para a construção do meu ego modelado em exemplos maduros paternos e maternos. Restava-me, uma vez mais e sempre, a imagem da avó, as suas lendas e contarelhos, histórias de fadas e princesas como a vida dela enquanto jovem, vida de gente rica e influente, de que eu nunca viria a desfrutar nem a partilhar, mas que criaria no meu imaginário um modelo conceitual de vida que pretendi ter a todo o custo.

Assim, vi e revi imagens fotográficas e daguerreótipos do século XIX, de viagens ao estrangeiro, de tempos e locais distantes, sonhando sempre um dia poder ir e visitar tais locais de encantos tamanhos.

Esta época foi traumática porque durante grande parte da segunda e terceira classes estive doente com quase todas as doenças imagináveis e próprias da idade: sarampo, varicela, sarampelo, etc. Isto reduziu o rendimento escolar embora tivesse o apoio da minha mãe em casa. Na terceira classe, a minha professora, D. Júlia, adoeceu ou engravidou (já não me recordo) e foi substituída pela minha mãe, que um dia (embora ainda hoje o negue alegando não se recordar) me deu não sei quantas palmatoadas (provavelmente uma dúzia ou meia dúzia que eram as medidas standardizadas à época). Ela pode não se lembrar, mas eu nunca o esqueci até hoje, pois deve ter sido dos castigos que mais me doeram em toda a vida.

*Estas classes, a terceira e a quarta, devem ter sido lecionadas pelo velho Diretor da escola, um professor de apelido Guimarães, já avançado na idade e perto de atingir a reforma, mas ainda persistente nos métodos de ensino ancestrais, que haveriam de ter tanto sucesso que eu vencera um prémio de melhor aluno regional ou distrital.*

*Embora me desgoste ainda hoje o título «Prémio Dr. Oliveira Salazar», devem aqueles diplomas estar guardados em casa dos meus pais. Dizia, por vezes, entre o embaçado e o orgulhoso, que se não fosse o título ainda os desembulhava e emoldurava..., mas por mais que me tentem convencer que o 25 de abril foi um erro eu jamais esquecerei a Ditadura Nacional e os anos que se seguiram e preencheram a primeira parte da minha vida.*

*Chegava mesmo a admitir – nalguns casos - que a sociedade no tempo da Ditadura era menos corrupta, a justiça funcionava melhor, e a educação (se bem que elitista) proporcionava muitos mais conhecimentos do que hoje em dia. Mas a falta de liberdade, a opressão política, a cegueira colonial e a falta de visão para o futuro, eram zonas negras dos anos de obscurantismo salazarista. A minha*

*mãe bem se pode orgulhar de ter apertado a mão ao ditador (o meu pai gozava dizendo que ela andara dias sem a lavar) mas foram anos de obscurantismo e repressão. Uma minoria de pessoas, que se julgavam importantes, bajulavam o velho ditador em troca dumas pequenas benesses e lugares de proeminência, enquanto a policia política, silenciosa e matreiramente, se encarregava de punir todos os que queriam pensar pela sua própria cabeça.*

De qualquer modo, a mãe e eu, nos últimos anos conseguimos um relacionamento amigável e pacífico que nunca existira antes. Haviam feito as pazes embora nunca se tivessem zangado. Tudo estava perdoado e compreendido entre ambos. Nem sequer havia razões para a mãe se lamuriar, como fizera recentemente, de ter errado ao não me deixar ir para Coimbra tirar Direito. Fora melhor assim, acabara por resultar melhor. Nem eu tinha já a certeza de alguma vez ter querido ir para Direito. Jornalismo ou Humanidades sim, e nessas vencera.

Fui para Timor, Macau e Austrália onde me enriquecera culturalmente mais do que se tivesse ido para Coimbra. Uma coisa eu aprendera, é a de que por mais força que faça, o destino nunca se verga às vontades do Homem, ou usando um lugar-comum, se há vontades que movem montanhas, há montes que se não deixam mover. Nesses casos, apenas resta o diálogo, connosco próprios e com os outros, para se criarem pontes suspensas sobre o abismo e evitar a queda abrupta. A ponte para o outro lado é o nosso passaporte, o livre conduto, a palavra passe que abrirá as fronteiras do entendimento. E essa ponte já eu a construía havia anos, tinha apenas de a manter operacional. Por ser quem fora me tornara naquilo que hoje era. Dicotomias indissociáveis.

*Cuidando do país como se de uma mercearia se tratasse e escorreitas as contas da falência da I República, o ditador começara a amealhar uma valiosa fortuna para o país, para a geração pós 25 de abril perdulariamente esbanjar. Tal como o ditador fazia com ele mesmo, na sua espartana e sovina maneira de ser, incorrupto, acabaria por nunca investir nem gastar essa fortuna. Nem para melhorar o país, nem para uso pessoal (honra lhe seja feita) pois o país não precisava de progresso que só traz a devassidão e maus costumes. Era conhecido por “o botas” por jamais usar outro calçado. De igual forma imaginava o país, vestindo uniforme e cinzento, como ele mesmo.*

*Querida uma massa de seguidores fiéis que nunca o questionassem, e uma população ignorante para poder continuar a dirigi-la sem que ela se inquietasse com o rumo seguido, numa visão paternalista e autocrática.*

*Um bom dono de mercearia, mas sem ideias para o país, para além dos ideais sempre próximos do Eixo da 2ª Grande Guerra, por quem nunca escondeu a sua simpatia, apesar de ter mantido Portugal “oficialmente” neutro na guerra (exceção feita à ocupação de Timor pelos japoneses e australianos).*

*Emulava o vizinho da Espanha que vencera a guerra civil espanhola contra os comunistas e outros vermelhos, inimigos dos católicos e da pátria, mas jamais poria os pés fora do torrão continental do velho e decadente Império Colonial Português. Nunca se apercebera de que deveria ter minorado a pobreza extrema e miséria da maioria da população.*

O meu pai, que tinha nas estantes vários livros proibidos e no Índice, sempre se definira como **democrata da 1ª República**, com elevados ideais de justiça universal. Isto fazia parte de um conjunto de princípios inabaláveis e uma firmeza, singelamente desprovida de qualquer manifestação direta de afeto. Tratou-me sempre como se fosse filho único, muito protetor (demasiado!), com medo que eu atravessasse a rua, apesar de naquela época não haver movimento, e a Rua de Maria Pia na época se poder denominar a Rua *do Lá Vai Um*. Fazia-o cheio de boas intenções e porque não sabia melhor. No entanto esse protecionismo era excessivo: temia, por tudo e por nada, que eu me debruçasse das janelas, que caísse no quintal, que me cortasse com os espinhos das rosas.

O meu canteiro no quintal tinha jarros, ervilhas-de-cheiro, feijões, e uns quanto mais exemplares de flores e plantas inofensivas. Mesmo assim dizia cuidado que as ervilhas são venenosas... e aquelas pequenas bolas pretas intimidavam-me. Havia um galinheiro ao fundo do quintal com galinhas e um galo, que além de porem ovos, serviam para a alimentação, e acrescentava-se o inevitável peru, sem eu nunca ter percebido bem o fim que os animais tinham e que estava intimamente relacionado com o que me punham na mesa para comer.

No Natal aparecia o peru que tivera a malfadada sorte (?) de estar na engorda antes de ser degolado. Uma vez, um andou pela cozinha sem cabeça, aos saltos, para gáudio nosso e espanto da empregada que se calhar bebeu parte do brandi destinado ao peru... como era seu apanágio. Foi o que descobri quando foi despedida logo após o natal.

Essa educação que tive e duraria toda a minha vida, em casa dos pais, condicionou-me, criou-me medos quiçá injustificáveis, criou um espírito de iniciativa e de aventura embotado (mas vingar-me-ia, mais tarde) e aumentou uma timidez, seria talvez acanhamento, que se arrastaria durante décadas. Depois tive de compensar isto com a minha vida profissional de jornalista o que permitiu dissimular medos e temores para além da extrema timidez.

Dito isto hoje, sei que dificilmente alguém acreditará, já que fui sempre aquilo que os britânicos chamam de “*outsoken*” e os portugueses de antanho podiam qualificar quase como desbragado ou desbocado. Mas a verdade é que ainda sou tímido e acanhado embora tenha aprendido os instrumentos sociais para o disfarçar sem que ninguém note. Pode até ter acontecido que esse aparente excesso e agressividade sejam formas camufladas dessa timidez. As proibições eram muitas e raramente pude brincar com crianças da minha idade, nem na adolescência sem nunca ter entendido muito bem as razões para tal proibição.

Foi sempre apanágio eu nunca sair, raramente era convidado e mais raramente podia convidar fosse quem fosse. Creio que a minha mãe apesar de ter a casa esmeradamente limpa e apresentável não gostava de intrusos a observarem o seu conteúdo. Mesmo as amigas e colegas dela raramente a visitavam. As poucas pessoas que passavam o umbral da porta eram familiares e apenas os mais chegados (avós maternos, tios, primos). Lembrava-me durante a fase da escola primária ter ido apenas a duas festas, uma numa casa em frente à nossa (creio que a família tinha Cascais por apelido) e outra com um colega de escola chamado Matos.

Recordo os carros naquela rua, o mais impressionante era um *Nash Rambler* 1955 cujas rodas estavam tapadas num *design* original. Do pai do Matos recordava um *Renault 4CV* a “Joaninha” em Portugal (ou “Rabo Quente” no Brasil em virtude do motor traseiro, ou “*La motte de beur*re” pedaço de manteiga em França, devido ao tamanho e à cor amarela areia dos primeiros carros feitos para o exército alemão e para a sua campanha no norte de África). O motor de 748 cc tinha 17 cavalos e três velocidades. Continuou a ser produzido até 1961.

*O Renault 4CV foi produzido entre 1946 e 1961. Era um carro do povo, muito económico, inspirado pelo Volkswagen Carochá, e foi a primeira viatura francesa a exceder um milhão de veículos vendidos. O protótipo ficou pronto durante a guerra em 1942, mas a versão final foi apresentada em 1946 no Salão Automóvel de Paris. Era para ser substituído pelo Renault Dauphine, em 1956, mas continuou a ser produzido até 1961. Facilmente artilhado o 4CV foi usado em corridas tendo ganho as 24 Horas de Le Mans e as Mile Miglia, em parceria com a Alpine que mais tarde utilizaria a plataforma 4CV para criar o lendário Alpine A-110 e o Alpine A-106. No Japão o carro foi produzido e comercializado pela Hino Motors Ltd.*

Traumático na época da Escola Primária parece ter sido o acidente que tive na 3ª ou 4ª classe no recreio da escola. Havia uns alunos enormes, de 14 anos, que andavam na quarta classe (aquilo a que se chamava gandulos) e como era filho de professora muitas vezes andavam atrás de mim, a ameaçar e outras coisas que se fazem nessa idade. Muitas décadas depois descobri que isso que temia na década de 1950, não era mais do que ser vítima de bullying. Não havia ainda pedopsicólogos para me aconselharem e ajudarem a recuperar dos traumas.

Um dia ia a fugir deles, à saída da sala e com a pressa (talvez aflição) tropecei na escadaria de pedra que dava para o recreio, nas traseiras da escola. Caí desamparado e abri o sobrolho que borbullava de sangue pela cara abaixo. Era o pânico. Uma contínua (auxiliar de ação educativa) levou-me ao médico, mas eu só chamava a minha mãe (nesse dia não estava na escola) e não queria ir sozinho. Lembro-me de ir agarrado à auxiliar aos berros, com um lenço molhado a tapar o “lanho” na testa, na curta viagem (pareceu uma eternidade) pela Rua de Maria Pia, Rua de Álvaro Castelões até à casa do Dr. Mota Torres,

na Rua do Lindo Vale, do lado esquerdo da rua antes de chegar à Praça Marquês de Pombal... Lá me fizeram o curativo (ainda não havia Enfermeiros Associados ou coisa que o valha). Guardo até este dia uma sobancelha levemente diferente da outra e essa recordação do meu pranto pelas ruas até à casa do médico, um senhor de óculos grossos, baixo e atarracado, cujo filho em 2005 era dirigente regional de um partido político português.

Quando terminei, com sucesso, o exame da quarta classe tive de fazer o exame de admissão aos Liceus como era costume. Se o exame da quarta classe já era considerado difícil, o de admissão era encarado com muito temor por todos os infantes da minha idade. Era a passagem ao estágio seguinte do ensino em que deixávamos de ter o conforto de um só professor numa sala, para lidar com vários professores ao mesmo tempo, cada um deles dando matéria específica em salas diferentes. Tudo isso metia medo aos meus nove anos.

Sabia que estava bem preparado, mas desde cedo revelei uma incapacidade natural em lidar com exames de qualquer tipo. O mais assustador era o facto de os exames, do Bairro Ocidental a que a minha Freguesia de Paranhos pertencia, se realizarem apenas num local na cidade do Porto com professores que nunca tínhamos visto e não nas nossas bem conhecidas escolas. Ou seja, seria um exame num ambiente desconhecido, hostil e cheio de pessoas estranhas. A escola onde fiz esse exame ainda existe (ao contrário da minha Escola Primária), chama-se EB1 nº 18 na Rua dos Miosótis (Ramalde) e fica junto ao bairro de Sta. Luzia (Prelada, Ramalde) muito perto de onde eu viria a viver no século seguinte e onde viria a andar uma neta nossa. Apesar dos nervos, lá fiz a prova numa sala do primeiro andar. Era um dia de sol e calor. Lembro-me da alegria ao saber que tinha passado esse exame e da recompensa do meu pai que me deu: o meu primeiro relógio, a corda, um *Cauny* dourado.

Outra recordação indelevelmente associada à infância na casa da Rua de Maria Pia, é a dos saltimbancos que apareciam, uma ou outra vez por ano, já não recordo exatamente quando mas creio que na época do natal, para fazerem acrobacias na rua em troca duns tostões. Eram em geral famélicos e escanzelados e divertiam-nos com as suas habilidades. Iam desde os palhaços, a um outro a vomitar fogo, outros marchando em cima dumas “andas” e vários números que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida e o que me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que elas estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

Desde o século XVIII que havia a tradição de as famílias transmontananas (como a da mãe) irem a banhos para a Póvoa, enquanto a avó e o pai falavam de férias na Foz, Matosinhos, em Miramar e na Granja no início do século XX, como era tradição da família paterna que tivera casas de praia em Matosinhos e na Foz. Passariam a ir para Espinho a partir de então, tradição que a mãe manteria em pleno séc. XXI com 85 anos de idade, acompanhada da filha cinquentona e respetivo filho desta. Há tradições que custa a quebrar e outras que custa manter.

Nas férias de verão (creio que até 1960) íamos para a Póvoa do Varzim onde alugávamos uma casa em frente à velha estação dos Caminhos-de-Ferro. Para além do redondo e original Diana Bar na praia e da extensão do areal são poucas as recordações desses tempos. Desde o século 18 que havia a tradição de todas famílias transmontananas com algumas posses para férias (como a da minha mãe) irem a banhos para a Póvoa, enquanto o meu pai e a minha avó falavam de férias em Miramar e na Granja no início do séc. XX, como era tradição da família que tivera casas de praia em Matosinhos e na Foz. Passaríamos a ir para Espinho a partir de então, tradição que a minha mãe manteria até depois dos 90 anos de idade, acompanhada pela filha e pelo neto.

O curioso, porém, é que todos os anos se queixava do mau tempo, da nortada, do frio e apesar de todas as queixas, com tantos locais mais amenos e aprazíveis no país inteiro onde poderia ir, mantinha-se firme a essa tradição. Bem a tentara convencer a ir a Macau, Austrália ou a Trás-os-Montes enquanto vivi em Bragança, ou mesmo aos Açores, quando para o arquipélago me deslocara, mas sem qualquer resultado. Há tradições que custa a quebrar e outras que custam a manter.



Num dos anos em que fomos com as primas do Azinhoso para a Póvoa, a mais nova (Stella) namorou com um tipo que tinha um *Karmann Ghia*. Não me lembro do nome verdadeiro dele, mas chamava-lhe *Agapito* por razões que desconheço, nem sei se era alto ou baixo, mas apenas a memória do carro permaneceu. Já nesta altura os carros tinham papel predominante e, por isso, estas memórias marcam presença no meu imaginário. A outra prima, mais velha, a Ester era casada com o Dr. Artur de Oliveira Pimentel (advogado) que foi várias vezes Presidente da Câmara Municipal de Mogadouro<sup>85</sup>.

Os meus avós (e tias-avós de Trás-os-Montes) apareciam lá aos fins de semana. Eram sempre visitas curtas acompanhando uma ou duas refeições. Fugazmente, poderiam ir até à praia, todos vestidos, sem se descalçarem, e colocando-se sempre na sombra abrigada da barraca, alugada ao mês, para proteger a brancura das peles da família. Se fossem à praia, as criadas teriam de ir lá, mais tarde, levar o lanche nas cestas de verga, todas aperaltadas nos seus vestidos pretos, com golas e mangas brancas, sob um calor estival.

Os biquínis e fatos de banho ainda não tinham chegado a esta região do país, e os homens e jovens ainda usavam maioritariamente fatos de banho com alças em vez de calções. Aliás, jamais esquecera que era bem novo quando fui multado em Espinho, em dois mil e quinhentos [réis] (dois Escudos e cinquenta centavos ou € 0,01) por andar descalço fora do perímetro do areal, por um “cabo-de-mar” zeloso (ainda não havia a famigerada ASAE nessa época) que me apanhara descalço numa passadeira para os lavabos.

Eram sempre grandes estas casas de aluguer de férias, para os meus pais, a minha avó paterna, eu e a minha irmã, mais a empregada, quando não iam também as primas do Azinhoso. Quer na Póvoa de Varzim, quer, mais tarde, em Espinho, estas casas eram disponibilizadas sempre com o recheio fundamental e equipamentos suficientes, para uma família viver naquele mês ou meses de aluguer, obrigando os donos a refugiarem-se em cubículos que tinham construído nos seus quintais para poderem obter uma renda extra (provavelmente nunca declarada ao fisco) dos forasteiros que há décadas vinham a banhos.

Nos primeiros anos lembrava-me da excitação de me sentar na camioneta das mudanças com as malas, o frigorífico, talheres, serviços de louça e roupa e outras comodidades para preencher os vazios deixados pelos donos das casas no seu recheio. O transporte fora, durante anos, organizado por um polícia, oficial de diligências do meu avô no Tribunal do Porto na Rua de Sta. Catarina, e a viagem até Espinho nesses anos (ainda não havia autoestrada até aos Carvalhos) demorava uma hora para os míseros 17 km da estrada concorridíssima, bem mais lenta do que os comboios que seguiam paralelos à mesma

Voltemos a S. Miguel. Aqui existem ainda coisas positivas que são raras no resto do mundo. Ao chegar a casa, vindo de Ponta Delgada, estacionei quase ao fundo da rua pois havia vários tratores e carros à porta de casa, e a vizinha Maria da casa em frente (uma emigrada do Canadá) veio bater à porta, já era noite alta, a dizer que podia colocar o carro no sítio preferido, em frente à porta. As viaturas que ocupavam o meu espaço favorito já se tinham ido. Isto fez-me lembrar outra cena, ora divertida para contar, passada algures em 1968 ou 1969.

Começo por descrever os vizinhos da casa no Campo Lindo para onde mudamos em 1959 em mais pormenor. Começamos pelo nosso prédio, propriedade do arquiteto (falecido em 2015) Alfredo Nery Durão de Matos Ferreira, conhecido da família e transmontano, de Urrós, Mogadouro, junto à fronteira (depois de Bemposta e antes de Sendim de Miranda). Tinha construído o prédio para ele e família em 1958. No rés-do-chão viveu até falecer a sua mãe Berta Nery.

Nós vivíamos no 1º andar, no 2º andar uma família fidalga, falida, sem filhos, de apelido Santa-Martha (o José Pedro e a Maria Cândida) e no 3º andar, o dono do prédio, a mulher e os três filhos. Depois acrescentaram outro andar, por cima, sem licença municipal. Aí, nesse andar, a todo o comprimento da casa, tinha o arquiteto, um enorme salão preenchido com uma gigantesca rede de comboios elétricos que faziam as minhas delícias, bem como o seu estúdio de trabalho voltado para a frente, que

---

85 Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Procurador à Câmara Corporativa na IX Legislatura, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional de Bragança (1969), Conservador dos Registos Cíveis e Prediais (1961-69) e Deputado da Assembleia Nacional 8ª legislatura 1961-1965, 10ª legislatura 1969-1973, XI Legislatura 1973-1974

também era sala de música onde aprendi, bem novo, a gostar de Bob Dylan, Joan Baez e tantos outros logo no início da década de 60.

Ele gostava que lhe fizesse companhia (o filho mais velho dos gêmeos dele, mais ou menos da minha idade, era retardado) e tocava as suas músicas favoritas que também passaram a ser as minhas favoritas... Por cima, no terraço havia de acrescentar uma pequena piscina onde também íamos sempre que podíamos. Claro que este acrescento do 4º andar e piscina eram ilegais e o meu tio, arquiteto Almeida D'Êça, diretor de urbanismo na Câmara Municipal do Porto, andava sempre a ameaçar que ia mandar os fiscais (felizmente, nunca mandou).

*A minha avó paterna continuava infeliz, sempre sem um queixume, remetida ao conforto do seu quarto onde tricotava ou crocheta, quando não jogava uma das muitas paciências de cartas que a entretinham. À medida que os anos passavam iam falhando amigas e primas e saía menos vezes ou vinham-na buscar menos vezes.*

*Quando se sentia mal ia para casa da filha, a uns metros de nós, no 150 da mesma rua do Campo Lindo para tirar o pó à pianola, embora há muito tivesse desistido de nos ensinar (aos netos) a conseguir algo mais que uma ou outra nota solta numa qualquer canção popular da época. A pianola tinha um sistema mecânico que permitia tocar pautas pré-impresas em metal (tipo Braille) e como não cabia no apartamento acabou por ir para a mesma rua na casa da minha tia, irmã do meu pai.*

*A avó era muito criticada pela minha mãe por não trabalhar nem saber fazer nada, mas fora assim que nascera e crescera, mantendo calado dentro de si o desgosto de nunca mais ter visto o primogénito que fora para o Brasil em férias e lá ficara, sem nunca a vir ver nem para ela conhecer os netos mais velhos.*

*Nunca, antes, tentei ver como devia ser difícil a vida da minha avó, sem autonomia, sem dinheiro, sem teto seu, sempre dependente dos outros e das suas vontades. Guardo dela a melhor das memórias e aprecio a forma como o meu pai conseguiu gerir a presença dela e a da minha mãe sob o mesmo teto.*

*A minha irmã tem uma leitura diferente dos eventos, por ter estado sempre na linha seguidista da minha mãe e por outro, era demasiado pequena à data da sua morte (11 anos) para que pudesse ter sido demasiado influenciada pela avó paterna.*

*Foi a avó que me incutiu o orgulho na família, nas memórias coletivas que fazem da língua e da cultura a herança que transporto. Sempre me apoiou e encobriu.*

*Estava sempre lá (ao passo que os meus pais raramente estavam lá ou falavam comigo, fruto da educação e do feito). Foi influência decisiva na minha educação (e bem cara me havia de custar) e marcou-me nos anos decisivos do crescimento, motivada sobretudo pela ausência dos meus pais sempre a trabalharem mais e mais para nos darem uma vida melhor, mas descurando toda a afetividade de que era tão carente.*

*A avó pode ter tido os seus defeitos, de facto, nunca foi habituada a trabalhar nem a fazer nada, de repente perdeu o marido, a fortuna e viu-se dependente do segundo filho com quem foi viver, enquanto o resto da família se deleitava com os despojos da fortuna e a nora a torturava psicologicamente (tal como parece que a minha avó materna fizera à bisavó, mãe do meu avô materno).*

*Muitos anos depois da morte da minha avó paterna descobriu-se um livrinho no qual apontava as despesas que fazia com a escassa mesada que o filho lhe dava (provavelmente contra vontade da minha mãe que nunca parou de a recriminar). Nesse livrinho até os poucos selos gastos em cartas para o Brasil para o filho mais velho (que nunca a veio ver e raras vezes lhe escreveu) estavam apontados, além dos novelos de lã e fio de tricotar. Tinha medo que alguém a acusasse de gastadora!*

*Deve ter sofrido muitas privações nos anos derradeiros de vida, limitada a estar, presente como estranha, na casa do filho e da nora e com breves fugas até à casa das filhas para não ouvir da minha mãe as bocas do costume “se está lá tão bem, e a tratam tão bem porque é que não se muda para lá?” Sei, também que deve igualmente ter sido um tormento para a minha mãe recém-casada ir viver com as picuinhas e manias de grandeza e de sangue-azul da sogra e das cunhadas. Não deve ter sido pera doce. Pensei nesta problemática um certo dia, já nos Açores e então decidi que tinha o dever de acrescentar estas linhas,*

O primeiro café da nossa zona, o Café Cenáculo, abriu, se a memória me não falha, em maio de 1961, na esquina do Campo Lindo com a Rua Antero de Quental nº 1035. O nome evocava quer a Grécia Antiga quer os grandes debates filosóficos entre os escritores do final do século XIX. Era muito

frequentado pelos estudantes de Medicina da zona e mais tarde por estudantes como eu. Criou-se ali uma verdadeira tertúlia de casais duma certa idade (como os meus pais) que criaram hábitos e mesas fixas. Curiosamente, e mau grado muitos dos originais membros da tertúlia já terem falecido, ainda se mantém essa rotina, quarenta e cinco anos mais tarde, conforme a minha mãe (83 anos) e irmã (51) bem atestam.

Tomava-se um café depois do almoço e depois a tarde ia escorrendo e as pessoas iam ficando para o lanche. Durante muitos anos, na fase final do Liceu e na universidade, passei ali muitas tardes a estudar, a ver quem entrava e saía ou ocasionalmente a jogar bilhar na cave, então sordidamente escura e insalubre. Por vezes, era este o sítio onde se trazia a namorada nova para impressionar o pessoal. A minha mãe, um certo dia, disse-me para não trazer mais nenhuma que já nem os nomes conseguia fixar quanto mais as caras delas.

*Uma das habituais fugas a esta rotina era ensaiar num grupo de música rock, muito soft, inicialmente chamado "Fantasmas do Ritmo" constituído por mim na voz, Jorge Alvarez na bateria e o primo deste, o António Jorge Oliveira Martins no piano. Mais tarde acrescentaram-se as guitarras e violas elétricas, mas já eu desistira de ser vocalista dada a total nulidade para a função.*

*Fiz, com mais sucesso, a gestão de grupos musicais que levei a atuar na Igreja de Cristo-Rei, pedindo emprestada a aparelhagem de som ao primo Henrique Pinto Leite. A Babs & ... uma banda com vocalista feminina (coisa raríssima na época) e era a atração desses concertos para jovens, apadrinhados pelos padres franciscanos. Eu ficava por detrás do palco a movimentar o órgão de luzes e a consola sonora. A atração pelo espetáculo fazia-se sentir.*

Voltemos aos vizinhos, do lado esquerdo da casa, havia meia dúzia de prédios, mais antigos que o nosso, e habitados por pessoas de poucas posses, e num andar térreo desses havia uma drogaria (a filha do dono era conhecida pelo penteado à *Madame Pompadour*, um pouco fora da época), noutra havia a mercearia do senhor José (que emigrou para a França e depois foi do irmão, senhor Manuel), e a confeitaria Brasília (cujo dono era um inventor falhado que tinha inventado um ecrã para dar cor à televisão a preto e branco...). O dono da confeitaria e inventor já há muito desaparecido seria substituído por outro, cuja confeitaria passaria a ser denominada Universal, mas que nada tem a ver com o vizinho Cineteatro Vale Formoso (onde se ia na década de 1960 ver filmes e ouvir bandas musicais) e que na década de 1990 foi adquirido pela *Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)* e deixou de passar filmes pornográficos.

Na esquina por cima da confeitaria Brasília havia o alfaiate de apelido Sereno que nos vestiu durante largos anos. Do lado direito da nossa casa (para quem está virado para a rua) havia melhor vizinhança. No r/c contíguo vivia a simpática família do Pinto de Almeida, um fala-barato, vendedor de não-sei-quê, por cima havia mais não sei quem e atrás, os pais do João Cabeçudo assim denominado pela cabeça desproporcionada em relação ao corpo, e no terceiro andar havia um engenheiro de Vila Real, de apelido Seródio.

A recordação da vizinha aqui da Lomba da Maia me vir chamar para estacionar o carro à porta de casa, sempre que os tratores se vão embora, trouxe este à memória. O engenheiro Seródio seria notícia familiar em 1969, quando eu resolvera ir dar uma volta no *Fiat 850*, o carro dos meus pais (obviamente não estavam) e ao regressar vi que ele tinha posto o *BMW 600 Isetta* no lugar em que deveria recolocar o carro. Já era quase meia-noite, os meus pais quase a chegar pelo que pedi à minha irmã para ir lá a casa dele explicar a situação. E o desgraçado do senhor lá veio, de roupão e chinelos de quarto, mudar o carro para eu estacionar... Nunca mais tive coragem de o olhar...

A irmã do meu tio Almeida D'Eça namorava com o atual marido que tinha um carro sensacional parecido a este. Era tão leve que quase se pegava nele ao colo.... também uma invenção germânica. Era mais pequeno, menos potente e mais leve e surpreendia toda a gente porque andava embora soasse mais a uma motorizada que a um carro. Recordo esse 2 cilindros e 15 CV *Goggomobil*, batizado em honra dum sobrinho do Presidente da companhia que os fabricava, Hans Glas, cujo diminutivo era "Goggi" pelo que resultou *Goggomobil*. Acabou por ser um sucesso devido a ser um autêntico carro em miniatura, e não uma motorizada.

Mudaram os tempos, gentes, carros, casas e ruas. Hoje é proibido parar à porta da casa e nem conheço os vizinhos, mudaram ou morreram todos, mas jamais esperaria algo que nem um bom-dia... creio que do meu tempo restam (e ambas naquele prédio como moradoras) a minha mãe e a viúva do senhorio. Desses dias infantojuvenis tenho recordações que adiante surgem em catadupa.

### **31.3. DE VOLTA À INFÂNCIA, MUDANÇA DE CASA N.º 2 E LICEU**

A entrada para o Liceu foi traumática pela mudança total de ambiente e metodologias. Coincidiu com a mudança de casa para outra zona, ainda na hiperfreguesia de Paranhos. A vivenda onde vivíamos na Rua de Maria Pia era antiga e tinha algumas deficiências estruturais que o tempo acentuava. Há muito que a minha mãe clamava que seria melhor mudar para uma mais pequena e mais fácil de lidar do que esta com dois andares e um quintal. Assim, passamos para um apartamento de quatro quartos, cozinha, quarto de criada (como se chamava naquele tempo), uma pequena varanda com WC, vistas para o quintal do andar de baixo e um enorme pátio interior de garagens das casas das traseiras.

A Rua chamava-se bucolicamente do Campo Lindo embora os campos e quintas na época estivessem a quinhentos metros nas imediações da Igreja de Paranhos à espera da construção da VCI (Via de Cintura Interna). Mais acima ficava a Rua de Vale Formoso (contrastava com a anterior Rua de Lindo Vale, que era paralela à Rua de Maria Pia e de Costa Cabral). Os formosos e os lindos perseguiram-nos.

Eu teria pouco mais de nove anos quando mudámos em 1959 e a minha irmã teria quatro. A princípio achei a zona mais atrasada do que aquela em que vivíamos. Quase não havia lojas nas imediações e a calma da anterior rua tinha sido trocada pelo constante rodar metálico do elétrico n.º 8 que terminava a carreira ao fim da rua. A linha única bifurcava ao cima da rua onde um elétrico esperava pelo outro. Passava também o autocarro que seguia para a Maia.

Era uma rua secundária e sem trânsito, ao contrário do que se passou mais tarde quando funcionou como desvio da VCI, da Arca de Água e da Igreja de Paranhos. Em frente à casa havia um Palacete da família Barbot, mais tarde Centro de Educação Especial, que usei como palco de sessões de fotografia que mandava às correspondentes no estrangeiro para as impressionar. A mania das grandezas, fogo-fátuo das aparências já me contaminava. As correspondentes chegaram a atingir dezenas, nórdicas (Suécia e Finlândia) e posteriormente de outros países da Espanha à Nova Zelândia. Era uma renda só em selos para o estrangeiro que me consumia grande parte da mesada.

*Nunca tive muitos amigos nas redondezas. Os nossos primos Almeida D'Eça viviam a uns metros de distância perto do Palacete da avó deles que, mais tarde, o meu tio converteria num prédio de quatro andares. Entretanto viveriam muitos anos no n.º 150, em frente ao Palacete do Dr. Vitorino Leão. Um dos filhos deste médico mais tarde seria um amigo, tendo feito a tropa comigo em Timor enquanto outros irmãos foram alunos da minha mãe.*

*Havia nas redondezas, duas jovens atraentes que faziam trepidar qualquer um, mas a vida afetiva delas era algo que não se pode qualificar de propriamente proba. Uma (Gina) era filha dum advogado com fama de vigarista e a outra (Odete) filha duma colega da minha mãe.*

Não obstante a mudança de casa e de zona residencial, fui um aluno acima da média nos dois primeiros anos (antigo ciclo preparatório, atual 5º e 6º ano de escolaridade), do Liceu.

*O Liceu Alexandre Herculano na Avenida Camilo, Porto, nasceu em 1906, mas o atual edifício só foi construído dez anos depois, com 28 salas de aula, laboratórios, gabinetes, salas para Física e Química; espaços especiais para Ciências, Geografia, Desenho e Música; Biblioteca, anfiteatro (Teatro, mais tarde Cinema). Havia 5 pátios de recreio, 1 de desporto, 3 ginásios, piscina, cozinha, refeitórios, sanitários, gabinetes médicos, sala de professores, gabinete do médico escolar e 3 "habitações" para o Reitor (no andar de cima), Chefe de secretaria e tarefeiro <sup>86</sup>.*

*No início da década de 1960, por iniciativa do Reitor Martinho Vaz Pires, acrescentaram-se 8 salas de aulas para garantirem um aumento à previsão inicial de 800 alunos, distribuídos pelos cursos Geral e Complementar (Letras e Ciências). As salas passaram de 28 para 36 e foi construída*

86 (cf. Relatório anual do Liceu 1934/35).



*uma Capela destinada, nas palavras do Reitor, aos pais que acompanhavam os filhos aos exames. Da sua origem a 1933 a frequência é mista, a partir de então passou a ser só masculina.*

*As memórias de professores são escassas, mas não posso deixar de referir aquilo que considere sempre uma injustiça: o professor Moraes Sarmiento (História) obrigava os melhores alunos a terem explicações privativas com ele, para subirem de nota. Eu era um aluno acima da média e achava inacreditável ter de ir a casa dele, ali nas redondezas, para me subir a nota.*

*Outro professor que me deixou uma má impressão foi um Henrique (qualquer coisa) Sá que era da família das primas do Azinhoso e que um dia me expulsou da aula de Matemática por qualquer razão que achei injusta, mas que recordo.*

*O professor de Música (então chamava-se Canto Coral) até eu ter 12 anos achava que tinha uma ótima primeira voz. Escolheu-me como aluno modelo e ali estava na primeira fila a mostrar aos outros que era melhor que eles nalguma coisa. Tremendamente frustrante foi a mudança de voz no ano seguinte que me impediu de ser o melhor ... Daí ter gravado em 1961 um disco EP (45 rpm) em casa do Tio Artur Mesquita Guimarães do qual me recordo apenas do principal tema "Et main-tenant" (de Gilbert Bécaud) e de um cântico de natal.*

*Dos restantes profes pouco ou nada sobra no arquivo da memória assim como dos de Desenho (matéria tenebrosa para um mal-amanhado como eu). Havia a de Português que era monstruosamente grande e que por esse motivo recebeu o maldoso cognome de "carro de assalto"*

*Da professora de Francês (Graça) lembro-me das filhas que transportava para o Liceu Rainha Sta. Isabel e que, por vezes, me dava boleia. O professor de Moral era salvo erro, o Padre Brochado que tinha a mania das sabatinas e de dar "santinhos" aos melhores e mais rápidos a disparar os conhecimentos religiosos, além de dirigir o jornal "Prelúdio"<sup>87</sup>.*

A ida para o Liceu era demorada. Quando não apanhava o elétrico n.º 8 na Rua do Campo Lindo, ou n.º 7 ou 7/ (ler sete com traço) na Rua de Vale Formoso, ia a pé até à Rua da Constituição (10-12 minutos) apanhando outro carro elétrico da linha 20 até à Praça do Marquês de Pombal (uns dez minutos mais) e aí tomava o n.º 15 até Silva Tapada ou o n.º 15/ Antas que me levava mesmo até ao Bonfim, só tendo depois mais 200 metros a pé até à Avenida Camilo. De elétrico a viagem demorava, em média, uma hora, se não houvesse atrasos e a coordenação de horários fosse esmerada, o que era complicado.

Depois, comecei a ter boleia regular na viatura dos Bombeiros, disponibilizada ao vice-presidente da Câmara Municipal (Eng.º Veiga de Faria) ou ao Vereador Barbot, pais de colegas meus (uma boleia de nepotismo?). Eu ia, a pé, ter a casa deles (eram só doze minutos) na Rua de Faria Guimarães (as casas já foram demolidas) e depois apanhava os Bombeiros levavam-nos ao Liceu. O carro dava um salto, com as quatro rodas no ar, quando acelerava na descida da Av. Fernão de Magalhães, onde agora é o Hotel Vila Galé Porto. Parecia que o estômago ia para o tejadilho do carro. Nunca esquecerei essa sensação matinal e quase regurgitava o pequeno-almoço como se fosse herbívoro. Eram poucos os que eram transportados de carro, nessa época, apesar de haver no Liceu alguns nomes bem-soantes da nossa praça (Álvaro Siza, Belmiro de Azevedo, Manuel Sobrinho Simões, Rui Vilar, Manuel Alegre antes de mim e no meu tempo Horta e Costa, Malafaya Baptista, Menéres). Outras vezes apanhava boleia da citada professora de Francês com as filhas que moravam na esquina das ruas de Faria Guimarães com António Cândido.

*Em 1959 chegaram ao Porto os primeiros troleicarros. Foi uma loucura pois toda a gente queria experimentar aquele novo meio de transporte, bem silencioso em relação aos velhos, lentos e ruidosos carros elétricos. Eram pintados de vermelho escuro e com o tejadilho cinza, fabricados em Inglaterra pela BUT - British United Trolley, com chassis Leyland e motor elétrico de 99 kW (135 CV) Metropolitan-Vickers; com duas portas, podiam transportar 55 passageiros, 32 sentados. Os primeiros 20 carros chegam ao Porto em 1959. Acabaram em 1997 quando se extinguiu a linha #49 Mercado do Bolhão - Hospital de S. João.*

*O Liceu feminino Rainha Sta. Isabel ficava ao lado das traseiras do Alexandre Herculano e era para lá que íamos ver a saída das meninas sempre que podíamos e a PSP<sup>88</sup> não nos enxotava, pois para tal estava ali.*

*Dizem que em Lisboa era diferente, mas no Porto de brandos costumes, não se misturavam os jovens dos dois sexos em estabelecimentos de ensino até à Revolução de abril de 1974. Havia sido*

<sup>87</sup> Com a ajuda dum colega de nome Celso fizemos uma versão concorrente deste jornal dos padres e obtivemos apoios para o manter durante dois anos.

<sup>88</sup> (Policia de Segurança Pública)



*o mais novo na Primária com 6 anos e o mais novo no Liceu com 9 anos, o que era um recorde. As turmas tinham 30-32 alunos. Aos 11 anos estava no 3º (atual 7º) e até ao 5º ano (9º atual) fui excelente em Francês e Inglês, bom a História e Geografia. A Português raramente recebia mais do que 10... nas outras tinha dificuldades a Desenho, Matemática, Física e Química.*

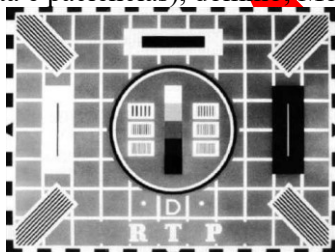
*Ora se voltarmos ao presente (2006), o João entrou este ano no Liceu a seguir a uma mudança de casa e de escola (também a terceira mudança dele) sem grandes traumas aparentes e com uma capacidade de adaptação bem melhor do que o pai. Frequenta a catequese, tem amigos aqui e não tem havido problemas na escola apesar da mudança de turma e de colegas. Aproveitamento acima da média, sem qualquer esforço (bem sei que a média aqui é baixa...) com uma rápida capacidade de absorção de conhecimentos e uma memória boa, enorme aptidão técnica e tecnológica, falta de capacidade de concentração e de atenção por períodos longos, pauta a sua vida por objetivos em jogos da PlayStation e diariamente nos comunica que ultrapassou as metas que tinha imposto em relação a esses jogos. Uma nova geração desponta e a nós, mais velhos, nada mais resta do que o que aqui fiz, reminiscências em retalhos da vida.*

### **31.4. ENTRETENIMENTOS, JORNALISMO, XADREZ E RÁDIO**



A rádio sem fios (TSF) era uma companhia habitual.

Eu tinha um pequeno rádio galena com auscultadores da 2ª Grande Guerra quando o meu pai e a minha tia (irmã mais nova) eram locutores na Rádio Renascença. Ouvia o “23ª hora” na RR (Rádio Renascença) todas as noites antes de me deitar<sup>89</sup>. Em 1966 surgiu o eterno “5 minutos de Jazz” do José Duarte... noutra estação de rádio (RCP - Rádio Clube Português) o PBX de Carlos Cruz e Fialho Gouveia em 1967 e mais tarde havia o “Em Órbita”. Os entretenimentos eram poucos, jogar às cartas (King, canasta e paciências), dominó, Monopólio.



Passava horas a olhar para esta merda. Não me perguntem porquê. A mira técnica até tinha um primo, que se chamava “Pedimos desculpa por esta interrupção. O programa segue dentro de momentos”, que tinha o diminutivo de “Olha, partiu-se a fita outra vez!” A TV era parca e insípida.

*Havia o Pedro Homem de Mello com a divulgação do folclore e a sua voz afetada, compa-*



*nheiro de nascença do meu pai em Afife.*

*Recordo igualmente (e durou trinta anos) o programa do Eng.º Sousa Veloso e a TV Rural, sempre sorridente com o seu capachinho pintado de preto. O programa nasceu em dezembro 1960, “TV Rural”, e iria ficar “no*

<sup>89</sup> realizado por Joaquim Pedro, Matos Maia, João Pedro Baptista (o trio criador), João Martins, Armando Marques Ferreira e Fernando Curado Ribeiro. Mais tarde com José Corte-Real

ar" até setembro de 1990, marcando assim 30 anos da televisão. O seu estilo ficou para sempre. Em 1963 Sousa Veloso recebe o Prémio Imprensa. Os pesadelos da minha infância são povoados por ele, os desenhos animados vinham depois da TV Rural, e sonhava em não haver TV Rural antes dos desenhos animados... Frase mítica: "Despeço-me com amizade até ao próximo programa." As corridas de touros eram 5ª fª à noite. Na altura, todos viam touradas e não eram consideradas um entretenimento sangrento como hoje as sinto. Havia um ou outro programa de variedades de Itália ao sábado (ou o Festival de San Remo?), filmes poucos e maus, muito teatro português à moda antiga, cheio de declamação e muita falsidade emproada.



Durante esta década a programação infantil assumiu um papel mais forte na televisão. A equipa deste projeto tinha nomes que hoje são uma referência. Evoco João Lobo Antunes e Júlio Isidro. Com eles aprendi a jogar melhor xadrez... Tudo começou em janeiro de 1960 num programa para crianças.



José Gomes Ferreira e José Fialho

Gouveia no Telejornal - Artur Agostinho era presença constante nos concursos. De 1960 a 1969, o Telejornal mantém-se como um dos programas com mais horas de emissão. O agravamento dos conflitos nas colónias portuguesas também para isso contribui. Mas são várias as reportagens ao longo de 10 anos: a visita papal, a chegada do homem à lua, as vitórias portuguesas no desporto, e até a situação política. Uma equipa sempre em conflito com a censura, que não deixava margem para que os portugueses pudessem saber o que acontecia e qual a sua real dimensão para o contexto nacional, europeu ou mundial. Aparecem, entretanto, séries míticas como "Os Vingadores", a "Missão Impossível", ou o favorito "Bonanza".



que marcam profundamente os anos 60. Esta série tinha Lorne Green como pai (Ben Cartwright), Pernell Roberts como Adam, Dan Blocker como Eric "Hoss" e Michael Landon como Joseph "Little Joe". Havia ainda o cozinheiro Hop Sing com Victor Sem Yung e Ray Teal como Xerife Roy Coffee. E quem não se lembra de Robin dos Bosques? Richard Greene no papel de Robin Hood, Archie Duncan era Little John, Alexander Gauge era o Frei Tuck e Paul Eddington (da série Yes Minister) como Will Scarlet? Guilherme Tell com Conrad Phillips no papel principal e Jennifer Jayne como Hedda Tell, Nigel Green como o amigo gordo de Guilherme Tell.



Recordo

Roger Moore em "Maverick" (1957), um jogador de cartas no Oeste Bravio. Melhor foi "Ivanhoe" (1958) adaptado da obra de Sir Walter Scott, com um muito jovem Roger Moore no papel principal de Sir Wilfrid de Ivanhoe, no reinado de Ricardo I (vulgo Coração-de-Leão). Havia Roger Moore em "The Alaskans" (1959) a história de dois vigaristas na corrida ao ouro no Alasca. O melhor, o "Santo" durou 7 anos (1962-1969), 71 a preto e branco e 47 a cores.



Jamais olvidarei a série australiana (1960-61) “Whiplash” Peter Graves (da Missão Impossível) no deserto no papel de Christopher Cobb narra a história da criação na Austrália da primeira carreira de carruagens em Nova Gales do Sul. Longe estava eu de saber que o meu percurso me haveria de levar àquelas paragens e percorrer tais locais duas décadas depois. E o “Skippy, the Bush Kangaroo”, um Eastern Grey Kangaroo, num fictício Waratah National Park<sup>90</sup> música de Eric Jupp ainda hoje reconhecida.

Ao domingo havia a missa em direto.

Em 1963, surge TV Jazz, uma versão mais completa do que os 5 minutos de Jazz da rádio (então e hoje) apresentados pelo José Duarte que consegue, desde 1966, fazer o impensável: um programa radiofónico com cinco minutos de duração. Ao longo de quatro décadas foi escutado por três gerações de ouvintes. Uma autêntica lenda da rádio nacional, não há outro que tenha durado tanto tempo. “1, 2, 3, 4, 5 minutos de jazz”, a frase com que José Duarte imortalizou o programa, esteve na Rádio Renascença até 1975, sofreu uma interrupção forçada e regressou na Rádio Comercial, em 1983. A partir de 1993, passou a integrar a RDP Antena 1.

António Lopes Ribeiro e António Melo Estes dois eram os rostos de um programa mítico: Museu do Cinema (1957-1975). Jornalista, produtor, realizador, homem de teatro, António Lopes Ribeiro apoiou a primeira obra de Manoel de Oliveira “Aniki Bobó.” Mítica era a frase do “diz



Boa-Noite, António” e o António Melo lá balbuciava “boa noute”.

Em 1964 estreia “Riso e Ritmo”, um programa de humor “nonsense”, com ‘gags’ humorísticos entre o irónico e o absurdo. Idealizado e protagonizado por Francisco Nicholson e Armando Cortez, com José Mensurado. Em fevereiro desse ano começa o “Grande Prémio TV da Canção Portuguesa” e ganhou imagem “glamorosa”. António Calvário, representaria Portugal. Em 1965 Simone de Oliveira, 1966 Madalena Iglésias, 1967 Eduardo Nascimento. Lá fora Sandy Shaw é a grande vencedora. 1968 é a vez de Carlos Mendes. O ano da “Desfolhada”, dá segunda vitória a Simone de Oliveira com o grande escritor e poeta Ary dos Santos. Em 1971, Tonicha, dá voz a Ary dos Santos, 1972 Carlos Mendes “Festa da Vida”. 1973, Fernando Tordo com “Tourada”. 1974 Paulo de Carvalho com “E Depois do Adeus”, a par com “Grândola, Vila Morena”, músicas que iniciariam a Revolução de 25 de abril. E finalmente Portugal foi vencedor em 2017 com Salvador Sobral e “Amar pelos dois”.

A partir de 1965 a TV apresentou “Ao Serviço da Nação” para mostrar o quotidiano das Forças Armadas pela África. Da Guiné, Luís Miranda e António Silva trazem reportagens que não escondem a guerra. Depois, Jorge Teófilo e Alves da Silva em Moçambique. O que se dizia serem “missões de guerra e de paz” tornava visível, que era a primeira que correspondia à realidade. Apesar de mentirem abertamente ao mostrarem a situação mais calma do que a realidade, atemorizava já os jovens que, mais cedo ou mais tarde, iriam para lá lutar...

1966 “As Árvores Morrem de Pé”, uma das peças de teatro que marcaram para sempre os espetadores. Gravada no Teatro Avenida, com público, foi a última peça com que Palmira Bastos apareceu nos ecrãs e igualmente uma das melhores atuações de sempre.

1967 - As transmissões de festivais, concertos, óperas e bailados assumem mais importância com a rede Eurovisão como a transmissão dos concertos dirigidos por Leonard Bernstein, no Carnegie Hall, em Nova Iorque.

90 (rodado no real Ku-ring-gai Chase National Park a norte de Sydney),



1967 É o ano do "Discorama", um programa de Carlos Cruz e Diniz de Abreu, com a realização de Luís Andrade. Falava-se de tudo o que estava relacionado com o mundo da música, numa linguagem nova, diferente, por vezes transigente com tudo menos com o bom gosto e a inovação. Um programa que criou os videoclips, quando estes não existiam em parte alguma, tendo sido depois enviados para a Europa.



1964/1968 David Mourão-Ferreira foi uma presença constante. Já em 1964 havia apresentado "Hospital das Letras", e em 68 retomava o diálogo com o espetador, em "Imagens da



Poesia Europeia". 1969 - Um homem apaixonado pela palavra, homem culto e um comunicador nato, Vitorino Nemésio assina um programa mágico: "Se Bem Me Lembro". Um programa de conversas que o viria tornar popular junto do público. E a sua presença natural na televisão enganava mesmo - é que era uma estreia de Nemésio em frente às câmaras. Mas o tempo viria a torná-lo, presença assídua e importante.



1969 - 8 de janeiro A conselho de Ramiro Valadão, o Prof. Dr. Marcello Caetano avança para a frente das câmaras, e surge em casa dos portugueses a falar num programa com um absoluto, mas dissimulado objetivo político. "Conversas em Família" foi o nome escolhido. Uma indigestão, a primeira vez que a TV em Portugal foi usada para propaganda de Estado.



Quando em Houston se preparavam para revolucionar a história do Homem no espaço, em Portugal a "revolução" era feita em frente às câmaras. Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, criavam o "Zip-Zip", um dos mais influentes na história da televisão e no país. Nele tomei parte e fui colaborador - como adiante se verá - na versão radiofónica "Tempo ZIP" (1970: Carlos Cruz, Zé Fialho Gouveia, José Nuno Martins, João Paulo Guerra...).



Do 3º ao 5º ano de liceu passava a vida em casa do João Paulo Seabra Lage, que era de Carrazedo de Montenegro (Jales) no planalto do mesmo nome, perto de Vila Pouca de Aguiar. Além de jogar futebol num pequeno campo que tinham (João Paulo, Eduardo e Carlos) no quintal, jogava imenso xadrez com eles e com um vizinho, com o qual fui à final do Torneio Académico de Xadrez Escolar... além disso passava horas com o meu primo Paulo Almeida D'Eça a jogar xadrez até altas horas da manhã. Fizemos centenas de jogos que se prolongavam por dias ou até mesmo semanas... e ele ganhou mais vezes...

Da primeira fase liceal recordava bem, apenas, mais dois ou três colegas como o João Pedro Menéres e o João Paulo Malafaia Baptista. Do segundo descobri no séc. XXI, um irmão mais velho, ao primeiro “redescobri-o” em 2008, como responsável pela exploração de Romeu e do restaurante Maria Rita, ao pé de Mirandela. Escrevera-lhe e já lhe falara. Se ainda não o tinha reencontrado em pessoa ia sabendo dele pelos prémios de azeite ecológico que ganhava e pela obra que fizera na quinta, herdada do bisavô Clemente Menéres, um dos grandes personagens do início do séc. XX em Trás-os-Montes.

*A Quinta do Romeu nasceu da visão de Clemente Guimarães, nascido em 1843 na Vila da Feira. Foi para o Rio de Janeiro aos 15 anos onde residiam parentes. Regressou cinco anos depois, dedicou-se ao comércio e voltou lá mais tarde. Percorreu a Europa Central e de Leste e o Médio Oriente à procura de mercados e acrescentou o nome, Menéres, ao Guimarães que já tinha. Não cabia no País nem na família.*

*Fundou imensas sociedades para exportar produtos portugueses. Criou a primeira fábrica de conservas e a primeira fábrica de rolhas. Aos 31 anos, em 1874, parte num carro de cavalos para Trás-os-Montes para comprar sobreirais que ouviu dizer que lá havia. Cria a Quinta do Romeu, com milhares de hectares dispersos por oito concelhos do Distrito de Bragança. Refaz as vinhas dizimadas pela filoxera e alarga os olivais. Como a qualidade dos vinhos o justificava, na remodelação da Região do Douro de 1907 é autorizado a produzir Vinho do Porto. Participou em muitas feiras na Europa e na América do Norte e do Sul.*

*O diplomata Venceslau de Moraes no seu livro “Cartas do Japão” refere, com elogios, a sua presença na Feira de Osaca de 1903. Em 1902 funda, com os filhos, a atual Soc. Clemente Menéres Lda. Depois de falecer, em 1916, sucedem-lhe os filhos, netos e bisnetos. Um dos filhos, Manoel Menéres, na década de 60, pessoalmente restaura e renova três aldeias locais, cria infantários para as crianças e um restaurante para as sustentar, o Maria Rita, e faz o Museu de Curiosidades. Com o mesmo espírito, os descendentes continuam e aperfeiçoam a Quinta do Romeu, com carinho e dedicação. Passou esta Sociedade os tempos da implantação da República, duas grandes guerras, a revolução de abril, a integração europeia e atua agora no palco global. Produz um dos melhores azeites do mundo e vinhos do Porto e de consumo de muita categoria. Vende para a Europa, América e Ásia. No Romeu há uma harmonia entre as pessoas, as culturas agrícolas, o ambiente e a economia. Como se fosse música. Para lá da agricultura biológica, com alma.*

Tive uma interessante experiência de juventude a que se juntavam artigos escritos numa revista jovem em Lisboa chamada *Musidisco*. Isto tudo vinha na sequência da publicação entre 1963 e 1964 do jornal “*Centauro*” propriedade dos alunos do Liceu Alexandre Herculano em oposição ao velho jornal “*Prelúdio*” que considerávamos deveras estático e formal. Eu e o Celso Ferrão decidimos meter mãos à obra, batemos todas as lojas das redondezas do Liceu em busca de apoios publicitários e através da mimeografia ou stencil, lá conseguimos publicar uns tantos números desse jornaleco estudantil.

Lembro-me de um colega tipo António Sala (apresentador televisivo) que tinha a mania de declamar e aproveitámos o seu jeito para incluir uma secção de poesia, coisa que não era muito vulgar neste tipo de publicações. Havia uma secção de xadrez na qual colocava problemas de difícil solução dentre os livros que estudava. Escrevíamos sobre tudo e todos num tom leve e mais juvenil que os colegas mais velhos de “*O Prelúdio*” feito sob a orientação conservadora e salazarista do Padre Brochado. Era o padre de Moral que me dava “santinhos” como prémio de vencer as muitas sabatinas que fazia nas aulas.... e não deve ter ficado muito satisfeito com a concorrência que lhe fazíamos.

Voltemos aos estudos, no quinto ano do Liceu (1963-64) passei a Letras e chumbei a Ciências, pois neste período (13-15 anos) já era “pinga-amor” e pensava demasiado em mulheres, pensamento que me iria acompanhar grande parte da minha vida.

*Caso chumbasse, o meu pai prometera que me punha a marçano na mercearia do Sr. José e Sr. Manuel (ao lado da casa) mas acabou por não ter coragem, e meteu-me num Colégio externo (Grande Colégio Universal, Rua da Boavista). Tive a oportunidade de lhe dizer (25 anos depois, 1988) que tinha cometido um erro ao não me mandar para marçano. Teria aprendido humildade e trabalho. O Universal era um Colégio de rapazes (na época não havia colégios ou Liceus mistos no Porto) bastante rígido nas mãos de padres com a fama de serem exigentes. Isso ajudou e permitiu que eu passasse de ano. Raras são as recordações desse ano exceto ter-me estreado a jogar bilhar*



*“snooker” no café da esquina da Rua da Boavista e da Praça da República hábito que se iria prolongar por mais dois ou três anos até terminar o Liceu.*

*As recordações do Colégio Universal são poucas e vagas, mas passei à secção de Ciências do Curso Geral dos Liceus (antigo 5º ano). Fui para o 6º (primeiro ano e penúltimo do velho Curso Complementar dos Liceus) com 15 anos e (dando uma morada falsa) mudei para outro Liceu, o então denominado Liceu Normal de D. Manuel II (hoje Rodrigues de Freitas).*

*Era lá que estagiavam os professores acabados de formar. Na vizinhança havia um Liceu feminino, o Carolina Michaëlis que a minha irmã frequentaria, com a atração de ter colegas bastante “talentosas”. Lembro-me de a ir buscar no carro do pai e aproveitar para trazer as colegas “giras” e levá-las a casa, na esperança de as convidar para uma festa ou um “convívio”.*

*Essas boleias ao sábado de manhã (sim, nessa época havia aulas aos sábados até ao meio-dia...) os policiais bem nos mandavam circular e pediam para não estarmos parados, mas era legítimo ir buscar uma pessoa de família e nada podiam fazer mesmo sem comprovarem a família das pessoas que metíamos nos carros.*

*Era um divertimento sociocultural de relevo, ir buscar as pequenas à saída dos Liceus. Houve uma fase em que íamos a correr da saída do Colégio N. Sra. da Paz, no Marquês de Pombal, ou do Colégio do Rosário na Avenida da Boavista para depois irmos a tempo da saída do Carolina Michaëlis. Costumávamos variar nos carros de primos, amigos e familiares, para ir em carros diferentes e impressionar mais as pequenas, pois sabíamos que essas primeiras impressões podiam ser muito positivas.*

*Claro que ser um pinga-amor (bonitão me julgava eu) sempre ajudava, mas não o dizer era falsa humildade. Além do mais o facto de darmos boleias às colegas da mana ajudavam a abrir a porta dos pais mais “caretas” quanto ao convívio entre sexos... eventualmente dava para uns convites para entrar ou jantar e nunca se sabia o que dali saía.*

*Tive mães que me convidavam a pretexto de criar empatia com as filhas, na mira de um bom casamento, mas nunca fui muito na cantiga para grande desgosto das ditas mães. Essas atividades casamenteiras para um jovem poeta sonhador estavam longe de qualquer tergiversação, pois entendia o amor como um sentimento entre jovens e não uma imposição de preferências paternas ou maternas.*

Durante esta fase aconteceu outro facto traumático (28 dezembro 1966) quando morreu a minha avó paterna a quem estava tão profundamente ligado. Senti um ruído de noite, mas pensei que fosse o vizinho de cima, o Zé Pedro Santa-Martha, que atirara as botas de caça ao chão. De manhã veríamos que fora a minha avó a cair. Ainda se tentou levantar e ficou inanimada a noite toda. Ainda hoje sinto remorsos por não ter ido verificar. Esta morte marcou-me de várias maneiras, bem mais que outras que já tinham ocorrido no seio da família. Tornei-me definitivamente ateu e creio que para além de ter mantido vivas as recordações daquela noite preferi bloquear esta fase da vida e apagá-la da mente. Apetecia-me esquecer tudo aquilo.

Senti que a vida era demasiado injusta. Perdera o meu primeiro baluarte sólido. Lembrava-me das vezes sem fim que estivera com ela a jogar às cartas (ela era perita em paciências). Doutras vezes víamos postais ilustrados do fim do séc. XIX e líamos postais que o meu avô lhe escrevera, numa técnica que nunca mais vi repetida: escrevia no sentido horizontal e depois tornava a escrever sobreposto no sentido vertical... ouvi muitas fábulas da vida de ricos que tinham tido (e muito me influenciaram) mas raramente ouvi uma queixa. A presença constante da avó nesses anos formativos foi essencial para ter tantos desgostos como tive e para viver em busca do materialismo que caracterizou os primeiros quarenta e cinco anos de vida. Mas nem por isso deixei de ter por ela uma adoração ilimitada e recordo tantos momentos bons que me proporcionou.

São os que guardamos para idades mais maduras como faço agora. Depois do enterro, o meu pai decretara uma semana (ou mais) de luto profundo. Nem as persianas se levantavam nem se podia ligar o rádio ao almoço para escutar os Parodiantes de Lisboa nos Emissores Associados de Lisboa, ou o folhetim do *Tide*, a seguir ao noticiário da hora do almoço. Parecia um velório dentro de casa, silêncio que não era entrecortado sequer por suspiros e ais, pois eram sinais de fraqueza e ali não havia fracas.

Comecei, em data incerta, a fumar às escondidas, primeiro da marca Ritz, depois Estoril ou Sintra (sempre gostei de cigarros de filtro branco). Era um fumador ocasional, mais fruto da pressão dos pares e da idade. Tive sempre a mania dos isqueiros e um dia fui multado pela polícia que tinha autoridade

para os apreender sem licença de uso e porte de isqueiro. Mais tarde, no dia em que fiz 21 anos o meu pai ofereceu-me um cigarro *SG-Ventil*, dizendo que podia fumar, mas saquei do meu maço de Estoril e disse *obrigado pai, prefiro dos meus*.

*No Portugal Salazarista (entre 1937 e 1970), para ter um isqueiro era preciso ter licença de uso, pois em novembro 1937, o Decreto-Lei nº 28219 estabelecia que qualquer cidadão, para poder utilizar isqueiros (ou outro tipo de acendedores) em público, tinha que possuir uma licença, passada por uma Repartição de Finanças. Era nominal, o que significava que um mesmo isqueiro não podia ser utilizado por outra pessoa sem licença para o utilizar. E não era nada barata, custava 60\$00 em 1970.*



*O decreto foi abolido em maio de 1970. Quanto ao regime político que criou leis tão extraordinárias como a licença de isqueiro, foi abolido a 25 de abril de 1974.*

*Atuavam diversos "caçadores de multas" a tentar apanhar os que acendiam o isqueiro e não eram portadores da licença. Se bem me lembro esses "caçadores" andavam à paisana, e tínhamos de estar sempre precavidos num café, pois qualquer um podia ser fiscal e ganhar a sua "comissão (30%)". A licença (nunca a tive) era uma imponente cartolina que dizia: "República Portuguesa - Licença Anual para Uso de Acendedores e Isqueiros"!*

*Salazar queria proteger os fósforos, a "Fosforeira Nacional", os "amorfos", como constava da caixa de fina madeira onde eram vendidos. Se alguém não apresentasse a licença ao ser interpellado por um «fiscal de isqueiros» ou polícia, sujeitava-se à multa e à apreensão do acendedor.*

*Note-se no verso a referência aos «delinquentes». Portanto, todo o lume que escapasse ao monopólio da Fosforeira, pagava licença.*

*Um tipo podia ser abordado na rua por um fulano que, dobrando a aba do casaco, dizia: "Fiscal! Ora venha de lá a licençazinha!" Consta que a única solução para evitara a multa e apreensão, era acender sempre o isqueiro "debaixo de telha".*



*JORGE ALVAREZ E J. CHRYSTELLO AO LADO DO PADRE MÁRIO, À ESQUERDA O PROFESSOR DE HISTÓRIA, AO CENTRO O DE INGLÊS, E NA DIREITA A DE FILOSOFIA E O DE GEOGRAFIA na esquerda o CARLOS VILLASBOAS TAVARES, AO LADO DO ??? (ERA UM RAPAZ TÃO PACATO E CALADO QUE ATÉ O NOME SE LHE PERDEU), O FILHO DO DONO DA PAPELARIA PAPÉLIA (?), JORGE ALVAREZ E EU*



*Na foto, o Padre Mário ao meu lado, do outro lado o Jorge Alvarez. O jovem, de óculos é o médico Mário Oliveira Dessa, e à esquerda o Chico Nazaré e Tô Paim. Ao lado da professora de Filosofia está o Rui Terraseca (melhor aluno da turma juntamente com o banqueiro Vinagre. O jovem careca em pé é o Gomes da Torre, professor jubilado da Faculdade de Letras, que era estagiário e prof de Inglês (que discuti em pleno exame de 7º ano na oral com o Carlos Macedo, o jovem de mão no queixo, que leather era para os humanos e skin para os animais. Nunca esquecerei esse momento e eu a assistir ...hilariante...)*

*Coincidentemente fui reencontrá-lo em maio de 2005, pela primeira vez desde 1967, numa Conferência do ISAI onde obviamente não lhe recordei esse incidente.... ele lembrava-se de mais pessoas nestas fotos que eu próprio. Devíamos ser uma turma inesquecível.*

*O famoso padre Mário de Oliveira já me havia impressionado positivamente de 1965 a 1967, quando foi professor de Moral no antigo 6º e 7º ano do Liceu Normal D. Manuel (hoje, Rodrigues de Freitas, no Porto). Mais tarde conhecido como o Padre de Macieira da Lixa (Felgueiras), preso pela PIDE pouco depois e autor de vários livros contestatários da linha oficial do Vaticano (na foto ao meu lado), não fazia sabatinas como o velho Padre Brochado do outro Liceu.*

*Falava de temas que compreendíamos e nos interessavam e estava sempre muita gente à porta do seu quarto num anexo do (atual) Hospital Infantil de Maria Pia a tentar falar com ele. As suas aulas eram partilhadas com interesse por muitos e nelas aprendi mais do que em muitas outras cadeiras escolares. É a ele talvez que devo o despertar duma consciência cívica e política que mais tarde viria a marcar a minha vida. Meses depois (novº 67) seria enviado como Capelão Militar para a Guiné, onde estive quatro meses, até março 1968 quando foi expulso de Capelão Militar por pregar o direito dos povos colonizados à autonomia e independência.*

Ao terminar o Liceu, em 12 maio 1967 apanhei o primeiro grande “pifo” da minha vida tal como os restantes colegas, alguns dos quais tiveram de me levar a casa. Lembro-me ainda de no ano anterior (1966) na Eucísia ter bebido a primeira e única cerveja em toda a vida que me levou à cama com uma hepatite A que me manteve de cama durante um período prolongado. Não sei se era das sopas de leite que me davam, mas fiquei a abominar leite e o cheiro. Ao contrário dos jovens de hoje nem sabia o que era beber. Em casa o pai autorizou-me a beber o equivalente a um dedal de vinho misturado com água às refeições. Nem recordo se gostei ou não, pois sabia apenas a água. Nos dois últimos anos de Liceu ocasionalmente comecei a beber um cálice de Vinho do Porto, de produção familiar, para acompanhar um colega, que comigo estudava, e tinha mania de ser bom apreciador.

Nesta fase da vida cobrava propinas em duplicado, facto que o meu pai mais tarde (1980) admitiu saber, mas ter deixado passar. Tenho poucas recordações destes dois anos de Liceu. No exame da primeira época de admissão à Faculdade tive 3 a Matemática que era uma das nucleares. Tiveram de me meter com explicações e com alguma aplicação acabei por tirar 19 valores na 2ª época, notas excelentes do exame de admissão à Faculdade de Economia. Aproveitei as férias para os habituais e inconsequentes “affaires” de verão em Espinho para onde era costume irmos desde há anos.

*O mar em Espinho é o que sempre foi. Duro, áspero, alteroso, o mar que mata os pescadores.... é praticamente a única coisa viva que se via na viagem de comboio entre Lisboa e Porto. De repente, quando o comboio ia por cima da terra, via-se aquele bocado de mar, ao mesmo tempo luminoso e sombrio, que anunciava a chegada às pontes do Porto, ao Norte. Lembro-me bem desse mar, e dessa terra cortada pela via-férrea que separava duas partes, a vila progressiva e burguesa a oriente, uma vez por semana moldada por uma das maiores feiras de Portugal.*

*Tudo, abaixo da linha férrea, seria "comido" pelo mar, que já tinha "comido" parte de Espinho de que restavam as ruínas de uma Igreja submersa que aparecia em marés muito baixas. Do lado de baixo da linha, junto ao mar, havia uma estranha combinação de gentes, a começar pelo Casino e a sua fauna, restaurantes, hotéis e praias, vazios, grande parte do ano, até que, se se*



*caminhasse para sul, encontrar-se-iam as ruínas de velhas fábricas e depois o bairro dos pescadores, um gueto social que pouco comunicava com o resto da cidade<sup>91</sup>.)*

Faltou falar da segunda experiência radiofónica para a Rádio Alto-Douro (1966-67).

*A RAD acabaria integrada na RDP<sup>92</sup> em 1975. A Rádio Alto-Douro era propriedade do avô do meu primo João Pinto Leite de Oliveira. Em casa dele, o pai, na época era o Sr. Grundig (da firma SGO) montou um estúdio improvisado, com insonorização total a esfervite e começámos a gravar programas com a ajuda do António Figueiredo (atual professor universitário e ilustre economista da Banca). Eu escrevera a estações piratas (Radio Caroline e Radio Luxembourg) a pedir discos e outro material.*

*Preparávamos os nossos textos e fazíamos a gravação, montagem e todos os arranjos para um programa semanal de uma hora que era transmitido (se a memória me não falha) aos sábados. Transmitíamos assim músicas que raramente se ouviam nas rádios comerciais portuguesas acompanhadas de textos esclarecedores sobre as grandes correntes musicais.*

*Isto foi pouco antes de Woodstock e estávamos profundamente influenciados pela cultura musical norte-americana e inglesa. Nunca cheguei a ir à Régua ver os estúdios do programa que se chamava “Estúdio-2”. Era um programa patrocinado pela estação, sem intervalos publicitários, e com bastante audição na região. Ainda existe uma cópia em mau estado de um dos que emitimos em maio 1967.*

### **31.5. A TRETA E INVERDADE**

Hoje, estamos a viver obviamente numa sociedade de treta ou parafraseando Harry G. Frankfurt “*On bullshit*”. Esta é a mais nova adjetivação da sociedade atual. A treta (*bullshit*) é mais perigosa e insidiosa do que as mentiras pois está-se nas tintas para a verdade, e de tal modo generalizada e entrenchada nos discursos dos políticos e dos fazedores de ideias que dificilmente a extirparão. Trata-se duma regra socialmente aceite por todos, escondendo dos destinatários aquilo que o autor ambiciona. Inicialmente utilizada pelos responsáveis de marketing e de relações públicas para vender, passou a ser utilizada por toda a gente mesmo sem intenções de vendas.

Toda a gente tem opinião esclarecida sobre tudo, mesmo que nada saiba sobre o assunto. Agora em todos os jornais e telejornais todos são comentadores e opinam sobre tudo e mais alguma coisa, mesmo que não detenham nenhuma formação específica sobre os assuntos. Começam por serem comentadores desportivos e acabam como comentadores políticos ou vice-versa, mas falam de defesa nacional, relações internacionais, terrorismo, gastronomia e o mais que for necessário. A hipocrisia passou a substituir a busca da verdade e a defesa dos interesses de Estado.

*Já não se ouvem ministros dizerem o que é melhor para o país, mas apenas o que pode servir os seus interesses e dos grupos que os alimentam. A verdade deixou de ser importante e foi substituída pela inverdade, para não lhe chamarmos abertamente, mentira. Cada vez mais o que se lê nos jornais tem de ser posto em causa, temos, como no tempo da Ditadura, de buscar fontes alternativas ou subterrâneas. Assiste-se em todos os jogos de futebol televisionados a comentadores que não sabem disfarçar o seu sectarismo clubístico e interrogámo-nos sobre se estão a ver o mesmo jogo que nós.*

*Num país onde a responsabilidade morreu solteira, ouvimos dizer que se vai fazer um estudo, uma investigação, seja lá o que for para apurar responsabilidades que nunca serão apuradas, em vez de os ouvirmos dizer a culpa é minha, a incompetência foi nossa, ou coisa desse jaez. É a regra da treta aplicada a tudo, desde os professores doutores sem cursos que são apanhados a lecionar, sem quaisquer pruridos, em instituições do ensino universitário, a ministros corruptos envolvidos em negociações resultantes dos anteriores postos políticos.*

*A vergonha parece ter desaparecido da face da terra ou então os valores educacionais que tenho foram deitados fora. Ministros a empregarem mulheres, filhos, cunhados, sobrinhos, primos, descaradamente sem concurso porque essas são as pessoas da sua confiança. Até que nem acho mal empregarem pessoas de confiança desde que tenham mérito, mas essa seria a exceção à regra...*

91 a melhor descrição de Espinho é de José Pacheco Pereira em 5/12/2009 no jornal Público

92 junto com a Rádio Graça; Emissora Nacional; Rádio Clube Português; Rádio Voz de Lisboa; Rádio Peninsular; Rádio Ribatejo; Rádio Alfabeta

Devemos fazer o mesmo com o nosso voto e só o darmos a pessoas da nossa inteira confiança e da família... é a descrença total no sistema político, da saúde, da justiça, da educação, eu sei lá.

Os alunos não passam e a taxa ou o *PISA* indicam que Portugal está atrasado?  
Então vamos passar os alunos todos e a taxa melhorará...

Os alunos não aprendem? Vamos reduzir e simplificar os cursos ao denominador mínimo comum para que todos passem e possam ser doutores.

Que interessa que os nossos licenciados não se empreguem nas áreas da especialidade, que os cursos nada tenham a ver com a realidade e com o mundo do emprego?

Criem-se mais cursos, novos diplomas e façamos disto um país de doutores que a taxa ainda está baixa.

Mais regra da treta.

*A vida está cara?*

*Para quem?*

*Para o professor Cavaco antes da reforma, ou depois de ser Presidente da República que mal pode viver com doze mil euros e tudo pago...?*

*Para aqueles que fruto de arranjinhas vários depois de trabalharem x tempo no lugar y recebem compensações, pagamentos ou rendas vitalícias que podem acumular livremente com qualquer outro emprego sem jamais perderem as reformas anteriores?*

*Ou como aquele senhor que se reformou por incapacidade aos 45 anos e recebe salários de milhares?*

Mas se pensam que isto está pior do que há 25 ou 50 anos, fiquem por cá mais uns 25 ou 50 anos e vamos a ver se há reformas para alguém.

Claro que o que me move é a inveja de não ter uma Fundação Soares ou outra qualquer a receber subsídios do Estado, inveja de já não ter ninguém da família no Governo ou no Parlamento, de não pertencer ao bando dos que perpetuam a regra da treta.

Ainda sou do tempo em que a verdade bem contada podia arruinar a carreira de qualquer pessoa, hoje nem uma mentira bem contada afeta quem for...





## CRÓNICA 32. DO PAÍS QUE ÉRAMOS, EXPULSÃO DOS JUDEUS, IBERISMO 27 novº 2006

### 32.1. DO PAÍS QUE ÉRAMOS...SOMOS.

Nos primórdios do século passado, no jornal *O Norte*, em 1908, o médico e escritor Manuel Laranjeira<sup>93</sup> lamentava que Portugal fosse “*um país onde a inteligência não é um capital e onde o único capital deveras produtivo é a falta de vergonha e a falta de escrúpulos*”. Republicano, médico, poeta, escritor e filósofo, foi o retrato fiel do português pessimista e do pessimista português. Merecia realmente outra sorte, por exemplo, que pelo menos na escola a que empresta, sem saber, o nome, alguém soubesse quem foi. Pois a maioria não sabe, ninguém explicou.

“Ando na ‘Manuel Laranjeira’!”

“Quem é esse?”

“Um poeta qualquer de Espinho...”<sup>94</sup>”

Miguel de Unamuno, com quem conviveu em Espinho, escreveu em 1913, no prefácio ao volume de cartas organizado por Ramiro Mourão, que Laranjeira era *um grande pensador, mas era um sentidor maior ainda*. O artista sobrepujava o filósofo, o docente. Desde cedo, Manuel Laranjeira, médico no Porto, exerceu grande influência, no plano intelectual e humano, na evolução do jovem Amadeo, a quem via nos verões da praia de Espinho, onde seus pais tinham casa. As tertúlias no Café Chinês, os passeios e a troca de correspondência, tornariam Amadeo seu confidente.

Laranjeira tinha perante a arte um sentimento de raiz literária da Renascença Portuguesa, entre névoas e saudades. Esta melancolia não afetava Amadeo, antes lhe provocava desgosto pela futilidade da vida que levava; O tédio das cópias a carvão no casarão do Largo da Biblioteca, as caricaturas de professores e colegas, fraca compensação da mediocridade que deixara em Lisboa e Porto. Fernando Pessoa chegava a Portugal e Almada Negreiros tinha dez anos. Amadeo, a quem Manuel Laranjeira vaticinara que «haveria de vencer, haveria de triunfar», desenhou o corpo do amigo enrodilhado numa cadeira de café, abandonado, escorregando, um braço estirado sobre o tampo, outro torcido para as costas da cadeira, as pernas magras torcidas e a trunfa negra saindo do chapeirão enfiado pela cabeça abaixo, boneco desarticulado, só de costas e à deriva do destino... Que diria hoje, Manuel Laranjeira deste país? Provavelmente concordaria que isto é um país de fachadas, de novo-riquismo republicano a imitar os fidalgos de antanho, falidos, mas vestidos com as suas melhores roupas a passearem na Baixa para inveja do povo. O país assiste, impávido e sereno a uma procissão de ministros com motoristas, batedores da PSP, uma grande parafernália e aparato de segurança, como se as ameaças aqui fossem as do dia-a-dia iraquiano.

Um excesso de funcionários dirigentes cuja missão nunca se descortina bem para além de assegurarem os “tachos” e os dos seus e usufruir de chorudas reformas, conseguidas instantaneamente, em tempo recorde, sem esforço nem dedicação à “*res publica*”, à gleba pedem sacrifícios, e impõem mais cortes na segurança social, na saúde, aumentos nos impostos, nos transportes, no gás e gasolina, e mais esforços para o bem da nação. Simultaneamente, os noticiários televisivos avisavam em outubro que as excursões de férias exóticas no estrangeiro, em paragens paradisíacas, se haviam esgotado para o Natal de 2006... algo está mal e ninguém tem a coragem de dizer que o exemplo deve vir do topo, da hierarquia. Povo de brandos costumes, come e cala, porque quem cala consente, sempre assim foi e neste país e continuará a ser. A revolução que falta fazer nunca mais chega.

93 Manuel Laranjeira (1877-1912) nasceu em São Martinho de Moselos, conselho de Vila da Feira, de uma família modesta. É graças à herança recebida depois da morte de um tio brasileiro que Manuel Laranjeira prossegue estudos e consegue formar-se em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Dedicava-se desde novo à poesia e ao teatro, colaborando em diversas publicações periódicas, como a Revista Nova, A Arte e O Norte. Viaja, entretanto, até Madrid, visitando o Museu do Prado e mostra interesse em fixar-se em Paris onde se encontrava o pintor Amadeo de Souza-Cardoso, seu amigo. Em 1908 conhece Miguel de Unamuno na cidade de Espinho, trocando correspondência. Troca também correspondência com João de Barros, António Patrício, Afonso Lopes Vieira, entre outros. Em 1912, desesperado com a doença (uma sífilis nervosa), suicida-se com um tiro na cabeça. Obras: “Amanhã. (Prólogo Dramático), A Doença da Santidade (1907), Comigo. Versos dum Solitário (1912), Naquele Engano d’Alma, Cartas (1943), Diário Íntimo (1952), A Cartilha Maternal e a Fisiologia, Dor Surda (novela, 1957), Prosas Perdidas (1958), etc.

94 <http://boblog.adrianoacastro.net/archives/2005/03/02/42/>

*O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação. Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor a fazer é cortar essas disciplinas e seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem. Depois, em vez de porem as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS, coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua. Vai haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavrões porque essas línguas se esqueceram de adotar a TLEBS, claro está que a França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.*

*Depois da caça ao funcionário público, que é uma figura muito odiada na sociedade, não pelas suas funções, mas pela inutilidade das mesmas, como sempre foi apanágio de décadas de governação desde o Estado Novo salazarista, surgem umas ameaças veladas de que se irá fazer cumprir a lei fiscal para a banca (que vem acumulando lucros fenomenais à custa de todos nós) mas acaba tudo em águas de bacalhau, como convém a um país que vai ter de deixar de o comer, agora em vias de extinção como ovas de esturjão, ou o caviar servido nos banquetes oficiais, em vez dos bem típicos e portugueses bolos de bacalhau.*

*No estrangeiro os nossos governantes impressionam todos com a fluência linguística em vez de falarem bom português. Os líderes franceses e ingleses promovem respetivamente a Francofonia e a Anglofonia e nós tememos nesta pequenez mental que se assemelha ao tamanho do país lutar pela Lusofonia pois as ex-colónias podem ofender-se... Ninguém faz nada com o facto de o português ser a sexta língua mais falada no mundo. A figura do Zé-Povinho aplica-se agora ao pacóvio do governante português quando vai à estranja. E de sabujice estamos ditos.*

Ainda assim, temos um país que se pensa sempre ser pequeno, mas não se mede pelo seu tamanho territorial terrestre, pois é dos maiores se considerarmos a plataforma marinha das ilhas, dantes adjacentes e hoje regiões autónomas da Madeira e Açores. Além do mais já temos as maiores pontes, os melhores estádios de futebol, a maior pizza, a maior panela de assar castanhas, o maior bolo-rei e tanta outra coisa enorme, maravilhosamente grande, cara e inútil.

No verão, por seu turno, chegam os incêndios porque não houve dinheiro para cortar o mato e desbravar caminhos corta-fogo, porque a mata cresceu incontrolavelmente, porque os velhos já não desmatam e os novos emigraram todos e ninguém se deu ao trabalho de tomar as precauções devidas. ano após ano. Depois, quando chove um pouco mais, o continente alaga-se e as pessoas perdem os seus haveres, porque se esqueceram de manter os níveis seguros das albufeiras, de limpar os esgotos pluviais, porque se emparedaram ribeiras, porque os patos-bravos construíram e os terrenos passaram a estar impermeáveis. Um país de extremos e nenhum deles aconselhável. Mudemos agora de assunto.

## **32.2. EXPULSÃO DOS JUDEUS.**

### **32.2.1. HISTÓRIA**

Mudemos de tema e de desgraças minorcas de viver na aldeia. A investigação em Portugal não é deficitária e existem estudos sobre determinadas épocas que permitem avaliações satisfatórias, a quem gosta de perceber melhor o passado, mas poucos os conhecem ou não estão ao alcance de quem deles necessita. Não sendo precisamente o caso vertente, pois aqui o que falta é o ensino destas matérias, sabemos pouco e mal sobre a importância dos judeus na nossa história (esses mesmos que fazem parte integrante da nossa herança genética (sabe-se que raro era o membro da Inquisição que não tinha sangue judaico).

*Uma das questões que sempre me atraiu e quis entender melhor foi a verdadeira razão para a expulsão dos judeus, que*

*1º eram uma “mina” de ouro para a Coroa portuguesa em especial para D. João II,*

*2º eram fundamentais para a economia portuguesa. O Rei D. Manuel I<sup>95</sup> não queria, tentou tudo para o evitar, cometeu atrocidades ao que julgo saber contra o seu caráter e acabou por fazê-lo. Porquê?*

E como andam todos a celebrar o desastre de 1 de dezembro de 1640, resolvi recordar que o jovem Miguel da Paz nascido em 1499 seria Rei de Portugal e de Espanha se não morresse aos dois anos. Como são interessantes os “pequenos detalhes” da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão, o cardeal D. Henrique de 68 anos, 9º filho de D. Manuel I.

A candidatura de Filipe é praticamente indiscutível, e resulta do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais do “nosso” Filipe. Paradoxalmente antes desse acontecimento a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas “para o nosso lado”, pois em 1499 um menino chamado Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, mas morreu com 2 anos.

*Quem me garante que éramos melhor como província espanhola do que independentes?  
Quem me garante que não seríamos hoje uma célula independentista como as da ETA?  
Quem me garante que teríamos aqueles magníficos jogadores de futebol? Eusébio nunca teria existido...Figo não era um “pesetero” e Deco não tinha necessidade de arranjar outra nacionalidade porque como o Brasil era espanhol ia jogar pela Argentina...*

E ao contrário se a Espanha fosse província de Portugal? Que aconteceria aos Bourbon?

*Só tinham utilidade nos EUA onde eles bebem os Bourbon todos que podem e lhes chamam um figo, enquanto aqui no país ao lado entronam-nos e chamam-lhes Reis.*

São conjecturas apropriadas num dia destes, mas os jornais não especulam sobre coisas sérias, antes se comprazem em ridicularizar os candidatos à Presidência: um *Levanta-se e Não Ri* e o outro *Ri, mas já não se levanta!* (passados uns anos nem do nome deles me lembro)

*Com o advento do Cristianismo, foram aprovadas leis discriminatórias contra os judeus: primeiro, pelos Romanos, e depois pelos Visigodos que invadiram a península em 409 d.C... Foram proibidos os casamentos mistos entre judeus e cristãos e instituída uma conversão forçada ao Cristianismo (não parece ter surtido grande efeito, visto que outras conversões em massa se sucederam). Em 711 d.C., tropas mouras invadem a Península e derrotam os Visigodos.*

*Os mouros foram inicialmente encarados como libertadores pelos judeus, uma visão até certo ponto correta, visto que Cristãos, Judeus e Sabeus<sup>96</sup> eram incluídos pelos muçulmanos no grupo dos "Povos do Livro" (Bíblia, Torá, etc.). Os que professavam tais crenças podiam continuar a praticá-las, desde que pagassem uma taxa (a jizya) aos governantes e respeitassem as leis islâmicas.*

*Com a Reconquista cristã, os judeus passaram, novamente, a temer pela sua sorte. Em Portugal gozavam de relativa liberdade e tinham grande destaque na vida pública, como diplomatas, conselheiros reais, administradores, médicos<sup>97</sup>.*

95 Para os açorianos, D. Manuel foi um divisor de águas. Como Donatário, criou os senhorios (ou capitães) que dirigiam as ilhas, resguardando os direitos da Coroa (de vida ou morte sobre as pessoas) e da Ordem de Cristo (a jurisdição espiritual), fundou as vilas de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Água de Pau (São Miguel) e a vila de São Sebastião (na Terceira), organizou o foral alfandegário, criou Misericórdias no arquipélago, além de vários melhoramentos que alavancaram a economia das ilhas atlânticas.

96 (uma categoria nebulosa que incluía os hindus, por exemplo)

97 Abraão Zacuto, médico do rei D. João II, astrónomo, matemático escreveu o "Almanach Perpetuum" e fez as Tábuas de Navegação que foram usadas por outro sefardita português, Cristóvão Colombo na viagem às Caraíbas em 1492 e por Vasco da Gama. Foi durante a estadia de Zacuto em Tomar - nome judaico que quer dizer montanha - que se construiu a Sinagoga do Arco ou do Zarco. Outro que fez parte da armada de Cristóvão Colombo / Cólón chamava-se Luís de Torres, poliglota sefardita português. Isaac Abravanel foi médico do Conde de Bragança, mas como o Conde foi condenado à morte por conspiração contra o Rei D. João II, fugiu para a Turquia sendo médico do Sultão Mahmud II, o Grande. José Vezinho (de Viseu) sefardita português foi médico do rei, matemático e astrónomo e trabalhou nos projetos de navegação da Escola de Sagres, foi membro da Comissão que reviu o plano de Cristóvão Colombo para chegar à Índia pelo ocidente. Até à Inquisição (1497) TODOS os reis de Portugal foram tratados por médicos sefarditas portugueses! Duma maneira geral todos os reis trataram bem os sefarditas porque lhes reconheciam capacidade profissional, não só no campo da medicina e da cirurgia, mas na matemática, nas finanças como banqueiros e no artesanato

*Eram eles os mais importantes matemáticos<sup>98</sup>, astrónomos<sup>99</sup>, comerciantes e banqueiros<sup>100</sup>.*

*Isto criou descontentamento entre o povo, que sentia "a Cristandade submetida à jurisdição judaica". A insatisfação generalizou-se e os judeus começaram a ser vítimas de perseguições e violência pelos populares<sup>101</sup>.*

*Afonso Henriques quando conquista Santarém, 1147, serve-se (fazem sempre isso quando lhes convém) da comunidade judaica que aí vivia, como colonizadora e povoadora do novo reino. O conselheiro do Rei<sup>102</sup> era Egas Moniz, um judeu sefardita português. O Rei quando entrega a Yahia Aben-Yaisch o controlo e arrecadação das rendas públicas, enceta a política protecionista que continuará até D. Manuel I. Os monarcas precisavam dos judeus, por razões económicas, pois as suas largas fortunas ajudavam a corte a sobreviver, estavam obrigados a pagar pesadíssimos impostos e tributos e ocupavam altos cargos públicos (normalmente associados a assuntos do Tesouro).*

*D. Diniz, envolvido em questões com o clero ambicioso, em nada modificou a posição favorável em que se encontravam os judeus e na qual se mantiveram até D. Duarte. Não só os dispensou do uso dos distintivos e do pagamento da dízima à Igreja, como concedeu privilégios especiais. Com os judeus de Bragança, naquele tempo em número de 19, assinou D. Diniz um tratado logo após a sua ascensão ao poder em 1279.*

*Bragança tornou-se posteriormente um dos centros de maior efervescência judaica. Através desta cidade entraram, em 1492, muitos fugitivos de Castela. Depois da conversão forçada em Portugal em 1497, aí predominaram os marranos, ou Cristãos-Novos.*

*Infelizmente, a fanática pressão dos Reis Católicos junto de D. Manuel I (futuro genro) levou-o a decretar a expulsão ou a conversão forçada dos judeus, em 1496. Na época da expansão marítima, a judiaria da Guarda, uma das mais abastadas, graças ao labor artesanal e mercantil dos seus membros, foi das mais causticadas e das que mais contribuíram para o espírito de cruzada das expedições e também para a defesa do Reino. Para se fazer uma ideia das recolhas de dinheiro da comunidade dos judeus na Guarda, num período de 40 anos, basta referir:*

*Em 1438, a judiaria da Guarda pagou 30700 reais a D. Duarte para a expedição militar a Tânger. Em 1440, a comuna da Guarda emprestava 97600 reais ao regente D. Pedro (irmão do Infante D. Henrique), para a expedição de D. Pedro de Castro às Canárias, disputadas pelos castelhanos. Em 1479 os judeus da Guarda contribuíram para a defesa do reino com 170715 reais, emprestando ainda à Coroa, 80000 reais. A Guarda conserva um bairro que mantém o aspeto da judiaria, arruamentos e casas. Desde o repovoamento de D. Sancho I até à expulsão e conversão forçada sempre aqui houve judeus. Sabemo-lo pelo foral sanchino, pelos costumes e pelo foral novo de D. Manuel I, de 1 junho 1510. As casas são baixas, térreas ou de um só andar. As casas sobradadas do povo eram raras até ao séc. XIV. As moradias dos mercadores apresentam, normalmente, uma porta estreita e uma larga que abria para a loja, para o estabelecimento comercial. A estreita dava para as escadas para a residência assoalhada sobre a loja. Curiosamente, muitas têm as ombreiras e torsa trabalhadas em bisel, quer na porta de entrada da habitação, quer na do comércio. O largo da judiaria, apesar das adulterações, é um dos recantos mais castiços da Guarda primitiva, na modestia dos seus edifícios.*

*O comércio e o desenvolvimento agrícola incrementado nos sécs. XVI e XVII, introduziram na Guarda a arquitetura pesada quinhentista a que se seguiu a filipina, com cornijas salientes, gárgulas de canhão, pátios e amplas salas. Havia um arrai-menor, o qual determinava os tributos que deveriam pagar os judeus da comarca. Os judeus tinham Sinagoga e regista-se a presença dos nomes mais clássicos (embora não-exclusivos) de origem cristã-nova em muitos dos habitantes (ex.: Mendes, Cardoso, Costa, Pereira, Henriques, Cruz, Dias, Baltazar, Vizinho, Gomes, Ramalho, Nunes, Flores, Franco, Vaz, Pinho, Teles, Faleiro, Elias, Mesquita, Oliveira, Ranito, Benjamim etc.).*

98 Pedro Nunes (1492-1577) marrano sefardita foi cosmógrafo, matemático e um dos mais destacados astrónomos náuticos portugueses. Foi professor do jovem D. Luís. Escreveu: a) "Tratado sobre a Esfera" (1537), da moderna cartografia, b) "Tratado sobre a Carta de Marear", c) "De arte atque rationale navigandi" - Tratado sobre Dúvidas de Navegação - e d) "Annotationes", sobre a teoria planetária de Purbachio. Foi o primeiro observador do "Coração do Escorpião" em 1541 e o primeiro a traduzir parte do "Tratado de Geografia" de Ptolomeu, do latim para o português. Viveu no auge da inquisição, e conservou-se secretamente ligado ao judaísmo.

99 Abraão Cresques (? — 1387) nasceu em Palma de Maiorca. Foi um dos maiores cartógrafos, de uma família antiga das Baleares (Maiorca). Recebeu do rei de Aragão o título de "Mestre dos Compassos e dos Mapas". Pode-se encontrar na Biblioteca Nacional de Paris, doado ao rei da França pelo de Portugal, o famoso "Atlas Catalão". Mais tarde ao serviço do rei de Portugal, o filho Judá Cresques, auxiliou no desenvolvimento da ciência cartográfica como chefe do Observatório Náutico de Sagres com o nome de Jácome de Maiorca.

100 (embora a maioria da população judaica fosse composta de pessoas com profissões bem mais modestas: alfaiates, sapateiros, tecelões, pastores e pequenos comerciantes)

101 Mais ou menos como a situação de destaque económico (antes de 1975) dos chineses na sociedade timorense, ressalvadas as devidas proporções.

102 (no tempo de Salazar era denominado apenas aio para não dar demasiada importância aos subalternos)



*A Inquisição data de 1478. 12 mil judeus morreram vítimas de perseguição religiosa em Toledo (1355) e 50 mil em Palma de Maiorca (1391). Milhares converteram-se e outros procuraram refúgio em Portugal. 170 mil foram expulsos em 1492 e desses, 120 mil refugiaram-se em Portugal. Historiadores dizem que os judeus constituíam ¼ da população portuguesa. D. João II instituiu a cobrança de dois Escudos por cada imigrante, para permanecer em Portugal por oito meses. Ao fim do prazo, os judeus não conseguiram sair de Portugal (disse-se que não havia navios suficientes para transportá-los), e o Rei ordenou que fossem vendidos como escravos. As crianças entre dois e dez anos foram tiradas aos pais, batizadas e levadas para colonizar S. Tomé e Príncipe (os descendentes, com extrema resistência cultural, conservam alguns costumes judaicos).*

*Antes da conversão forçada, são bem identificáveis os judeus portugueses, pelo estatuto jurídico e fiscal distinto e aparecem na documentação do reino, com a indicação de judeus ou da nação judaica. São várias as cartas de privilégio passadas pelo Rei a judeus, escusando-os de usar o sambenito (sinal), podendo pernoitar nas judiarias, permitindo-lhes andar por todo o reino, nalguns casos montados e armados. Podiam até ter a qualidade de vizinhos, como Isaque Abravanel, judeu, mercador, morador em Lisboa, que a 7/10/1472 o Rei recebeu por vizinho, com todos os privilégios, liberdades e franquezas, como têm os cristãos vizinhos e moradores.*

*O casamento entre judeus e cristãos estava proibido, bem como as relações carnais, havendo alguns casos de condenação. Na sua maioria, os judeus eram mercadores, médicos (físicos e cirurgiões) e ourives. Desempenhavam ofícios variados, ferreiros, alfaiates e gibeteiros além de tecelões, muitos eram rendeiros, alguns da criação do Rei, tendo participado nas conquistas de Ceuta e Tânger. Muitos desempenhavam funções nas judiarias e respeitvas câmaras, como vereadores, escrivães, ouvidores, etc. Globalmente pode dizer-se que a comunidade judaica era mais rica do que o povo e até do que muita nobreza. Sobretudo após o êxodo de Castela...*

*O estatuto social e económico de algumas famílias judias era muito alto. Nestes casos, os homens chegavam a ter o tratamento de Dom e as mulheres de Dona. E podiam instituir e possuir morgadios, como é o caso, por exemplo, de Gabriel ben Crespo, de Lisboa, que a 24/9/1450 teve confirmação real da doação de um morgadio, com todos os privilégios, honras, graças, mercês, liberdades, usos e costumes, feita a 31/1/1436 por Abraão Romeiro e Lidiça, sua mulher, que o haviam recebido por morte de D. Mousen Navarro, rabino-mor, que morrera sem herdeiros.*

*Já D. Pedro I tinha confirmado a Isaac Navarro a administração do morgado de Mousen Navarro e sua mulher, onde se transcreve a carta de instituição. Certos judeus ou Cristãos-Novos conseguiram chegar à nobreza portuguesa, como os Castro do Rio. É o caso do rico mercador judeu Jacob Baru, falecido em 1471, cujo filho foi primeiro para a Holanda e depois para Inglaterra, onde o Rei Edward IV o batizou de pé com o nome de Edward Brampton, o armou cavaleiro (documenta-se como Sir) e lhe deu o governo da ilha de Guernsey. Com a morte do Rei, voltou a Portugal, adotando o nome de Duarte Brandão, tendo comprado a lezíria da Corte dos Cavalos, no termo de Azambuja, a D. João de Almeida, e a vila de Buarcos, com as marinas de Tavadere e a dizima nova de Montemor, a Martim de Sepúlveda, indo bens da Coroa que D. João II lhe doou de juro e herdade em 1487, sendo então já do Conselho deste Rei e continuando a sê-lo com D. Manuel.*

*Paradigmático também é o caso dos Espargosa e dos Alte, que foram nobilitados, não só eles, mas retroativamente os seus ascendentes. O doutor Cristóvão Esteves de Espargosa, desembargador dos feitos da fazenda de D. João III, e sua mulher Isabel da Pinta, foram senhores da quinta de Espargosa, no termo de Mértola, que instituíram em morgadio (7/6/1543), vinculando-lhe ainda a quinta de Vale da Pinta, no termo de Santarém, a herdade do Moutinho, no termo de Mértola, e casas e a quinta da Silveira, no termo de Évora. Cristóvão Esteves foi nobilitado, adotando no nome da sua quinta (Espargosa), que D. João III privilegiou como Solar da família e a quem deu carta de armas novas. Era judeu e fora batizado de pé, sendo filho de Mestre Estêvão (Isaac antes do batismo), boticário em Beja, e sua mulher Branca Esteves. O Doutor Cristóvão Esteves, que a 29/8/1533 teve de D. João III carta de privilégio que supria o seu «defeito de nascimento», foi primeiro procurador dos feitos da fazenda, pelo menos desde 1518 até 14/9/1521. Seu irmão o licenciado Bernardim Esteves de Alte, foi desembargador do Paço, senhor da herdade de Alte, no termo de Serpa, foi nobilitado por D. João III e confirmado por D. Filipe I em 1583, sendo pai do doutor Cristóvão Esteves de Alte, nascido na corte de Lisboa, doutorado em Leis pela Universidade de Coimbra a 9/6/1553, onde foi lente (1551), sendo também Chanceler e desembargador da Casa da Suplicação, e pai do doutor Bernardim Esteves de Alte, lente de Vocações (1553) da Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, desembargador da Casa da Suplicação e do Paço, etc.*

*O Rei fez o licenciado Bernardim Esteves «Fidalgo, e nobre como se toda sua avoenga o fora», e como «se o dito sollar fora antigo, e os Pays, Avós, bisavós, e tresavós dos ditos L.dos Bernardim Esteves e Simão Gonçalves (Simão Gonçalves Preto, genro) fossem Fidalgos de sollar conhecido».*



### 32.2.2. OS NOMES.<sup>103</sup>

Nomes de família de “cripto-judeus”, prevaletentes, mas não de forma exclusiva, nas regiões da Beira-Baixa, Trás-os-Montes e Alentejo<sup>104</sup>:

*Amorim; Azevedo; Alvares; Avelar; Almeida; Barros; Basto; Belmonte; Bravo; Cáceres; Caetano; Campos; Carneiro; Carvalho; Crespo; Cruz; Dias; Duarte; Elias; Estrela; Ferreira; Franco; Gaiola; Gonçalves; Guerreiro; Henriques; Josué; Leão; Lemos; Lobo; Lombroso; Lopes; Lousada; Macias; Machado; Martins; Mascarenhas; Mattos; Meira; Mello e Canto; Mendes da Costa; Miranda; Montesino; Morão; Moreno; Morões; Mota; Moucada; Negro; Nunes; Oliveira; Ozório; Paiva; Pardo; Pilão; Pina; Pinto; Pessoa; Preto; Pizarro; Ribeiro; Robles; Rodrigues; Rosa; Salvador; Souza; Torres; Vaz; Viana e Vargas.*

Nomes de famílias judaicas na Diáspora (Holanda, Reino Unido e Américas)<sup>105</sup>

*Abrantes; Aguilar; Andrade; Brandão; Brito; Bueno; Cardoso; Carvalho; Castro; Costa; Coutinho; Dourado; Fonseca; Furtado; Gomes; Gouveia; Granjo; Henriques; Lara; Marques; Melo e Prado; Mesquita; Mendes; Neto; Nunes; Pereira; Pinheiro; Rodrigues; Rosa; Sarmento; Silva; Soares; Teixeira e Teles (e muitos outros).*

Sobrenomes judaicos de origem portuguesa na América Latina<sup>106</sup>:

*Almeida; Avelar; Bravo; Carvajal; Crespo; Duarte; Ferreira; Franco; Gato; Gonçalves; Guerreiro; Léon; Leão; Lopes; Leiria; Lobo; Lousada; Machorro; Martins; Montesino; Moreno; Mota; Macias; Miranda; Oliveira; Osório; Pardo; Pina; Pinto; Pimentel; Pizarro; Querido; Rei; Ribeiro; Robles; Salvador; Solva; Torres e Viana.*

**Adenda:** Nomes de família citados com maior frequência nos documentos da Inquisição, relativos a “relapsos” condenados pelo “crime de judaísmo”.<sup>107</sup>

Os judeus anteriores à conversão forçada são facilmente reconhecíveis, não só pelos nomes próprios, mas pelos nomes de família. Percorrendo a Chancelaria de D. Afonso V (1438-1481) é possível recolher um vasto conjunto de nomes de família tipicamente judeus, se bem que muitos deles só se documentem com os nomes próprios, geralmente anteceditos da designação *mosse* ou mestre.

Outros nomes usados por judeus têm a aparência de alcunhas, como Crespo, Dourado, Querido, Parente e Ruivo (usado por vários judeus de Évora), podendo também ser o caso de Branco e Preto, nomes que também se documentam em judeus, este último de uma importante família de mercadores de Lisboa. Mas Crespo, que também aparece antecedido da partícula *ben*, seria por isso um nome próprio. Documentam-se famílias judias com nomes claramente tirados de cidades ou vilas portuguesas: Murça, Faro, Leiria, Coimbra, Lamego, Tomar, Penafiel, Cea / Seia, Vitória (uma família do Porto) e Cascais, se bem que, quando se documentam, estas famílias vivessem em terras completamente distintas das que ostentavam no nome.

*Como característica geral, os nomes judeus nunca têm patronímicos à portuguesa, se bem que pelo menos os nomes anteceditos por ben o pareçam ser. É o caso, de Ben Afaçom, que*

103 Genealogia Judaica Portuguesa, Nuno Guerreiro Josué, at 11/12/2003 in *Judeus Portugueses e História*. Por vezes os nomes de família e as terras de origem dizem tudo, e basta uma consulta rápida em dois ou três livros de história ou genealogia sefardita para confirmar uma conversão forçada ao catolicismo ou um julgamento perante os tribunais da Inquisição. Outras vezes é preciso trabalhar mais para conseguir desenterrar o que em muitas famílias portuguesas é o mais bem guardado dos segredos. Há uma extensa bibliografia e livros que considero fundamentais: “A History of the Marranos”, Cecil Roth; “Sangre Judia”, Pere Bonnin; “Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto-Jews”, David Gitlitz; “Os Marranos em Portugal”, Arnold Diensendruck; “A Origem Judaica dos Brasileiros”, José Geraldo Rodrigues de Alekmin Filho; “Dicionário Sefaradi de Sobrenomes”, Guilherme Faiguenboim, Anna Rosa Campagnano e Paulo Valadares (ver Folha Online - Dicionário viaja ao passado dos Sefaradi - 06/01/2004)

104 in “Os Marranos em Portugal”, Arnold Diensendruck

105 in “Raízes Judaicas no Brasil”, Flávio Mendes de Carvalho

106 in “Os Nomes de Família dos Judeus Crioulos”, estudo de Arturo Rab, publicado na revista “Juedische Familien Forschung”, Berlim, 1933

<sup>107</sup> **Adenda:** Nomes de família citados com maior frequência nos documentos da Inquisição, relativos a “relapsos” condenados pelo “crime de judaísmo”:

Rodrigues 453 pessoas; Nunes 229; Mendes 224; Lopes 282; Miranda 190; Gomes 184; Henriques 174; Costa 138; Fernandes 132; Pereira 124; Dias 124

*significaria filho de Afaçom. Na verdade, só se encontram três judeus com nomes de família que podem ser patronímicos à portuguesa: Marcos, Vicente e Manuel, se bem que este último nome também apareça como Manueell.*

Claramente patronímico português só um, associado a um primeiro nome cristão. Trata-se de Álvaro Gonçalves, judeu, morador em Évora, que a 15/10/1454 teve perdão da justiça régia pela fuga da prisão. Tratar-se-ia de um converso (um dos que foram obrigados a converter-se), ou então um descendente de judeus de Castela, onde as conversões forçadas começaram em 1391 e desde 1449 estavam em vigor os estatutos de pureza de sangue. Alguns documentos mantêm registados os nomes originais dos judeus que, ao serem batizados, assumiram nomes tipicamente portugueses.

Costuma-se dizer que os judeus tomavam como apelidos nomes de árvores e animais. Mas esses apelidos já apareciam na antroponímia portuguesa desde que se tornou usual a adoção de um nome de família, não sendo, portanto, exclusivos de hebreus. Muitos judeus, descendentes dos expulsos da Espanha e Portugal, que vivem na Holanda, Itália, EUA e Israel, preservam apelidos portugueses, às vezes com grafia já deturpada.

*A verdade é que vários judeus se converteram ao Cristianismo antes da conversão obrigatória. E este batismo obrigou ao abandono do nome judeu e à adoção de um outro, normalmente o do padrinho. É o caso de Simão Homem, judeu, convertido, que a 27/4/1473 teve perdão da justiça régia por ter ferido Yuda, e pela fuga da prisão, mediante o perdão das partes e tendo pago 400 reais para a Piedade. Isto leva à questão dos judeus, anteriores à conversão forçada, que ostentam nomes de famílias da nobreza portuguesa. Não são muitos, mas são alguns, sendo que esta adoção não pode estar relacionada com a conversão, pois usavam esses nomes como judeus.*

*É o caso típico de uma das mais importantes famílias judias de Portugal, os Navarro. No séc. XV existia o nome Navarro em cristãos, como Gomes Martins Navarro, morador em Altares, que esteve em Alfarrobeira pelo Infante D. Pedro, bem como uma importante família de judeus alentejanos que usava o nome Pinto.*

*Documentam-se ainda judeus com os nomes Crasto / Castro, Lobo, Marinho, Caldeira, Caldas, Sá, Amado e Pereira. Em alguns destes casos apenas se encontrou um indivíduo com este nome, como é o caso de Isaque Pereira, judeu, morador na cidade de Évora, servidor de D. Afonso V, que a 9/7/1439 lhe confirma um privilégio D. Duarte de 9/4/1434 que o isentava do pagamento de qualquer imposto régio e concelhio, de qualquer encargo e servidões régias e concelhias, de pagar o serviço real novo em cabeças, do direito das sisas, de nenhum encargo na comuna dos judeus, bem como de trazer na roupa o sinal no peito, concedendo-lhe ainda licença para andar em besta muar de sela e freio.*

### **32.2.3. D. MANUEL I, E OS JUDEUS.**

Com a ascensão de D. Manuel I ao trono, em 1495, os castelhanos escravizados foram libertados. Todavia, o casamento anunciado do Rei com a princesa Isabel da Espanha colocou os judeus novamente em tensão. Isto porque o contrato de casamento exigia a expulsão dos hereges (mourous e judeus) do território português. O Rei tentou que a princesa reconsiderasse (pois precisava dos capitais e do conhecimento técnico dos judeus para o seu projeto de desenvolvimento de Portugal), mas foi em vão. Em 5 dezembro 1496 assinou o decreto de expulsão dos hereges, concedendo-lhes até 31 outubro 1497 para deixarem Portugal. Aos judeus, o Rei permitiu que optassem pela conversão ou desterro, esperando que muitos se batizassem.

Durante esse tempo, D. Manuel não faz preparativos para o embarque dos judeus; manda retirar as crianças judias às famílias e educá-las em famílias cristãs; isenta de inquérito ou perseguição religiosa todos os Cristãos-Novos durante vinte anos, o que na prática significava que mesmo depois de batizados poderiam continuar a ser judeus; e, finalmente, no momento do embarque, manda batizar à força os últimos renitentes. Assim, a maior parte dos judeus fica em Portugal como Cristãos-Novos. A comunidade judaica desaparece, enquanto entidade autónoma, mas os judeus, suas fortunas e suas capacidades de trabalho, permanecem no país, ao serviço do reino. D. Manuel pode proclamar a "limpeza" de Portugal e ao mesmo tempo desfrutar do que sempre possuiu.

*Os judeus resolvem abandonar o país. O Rei, ao ver falhar a sua estratégia, manda fechar todos os portos - menos o de Lisboa - para impedir a fuga. Ali se concentraram 20 mil judeus, que esperavam transporte.*

*Em abril de 1497, o Rei manda sequestrar as crianças judias menores de 14 anos, para serem criadas por famílias cristãs, o que foi feito com grande violência. Em outubro desse ano, os que ainda assim resistiram à conversão, foram arrastados à pia batismal pelo populacho, incitado por clérigos fanáticos com a complacência das forças policiais.*

*D. Manuel, assustado com a ideia de que os judeus pudessem esconder as crianças e que a sua decisão tomada em Estremoz viesse a extravasar, determinou que a ação fosse executada no domingo de Páscoa.*

*O país viu-se palco de grandes tragédias. Filhos arrancados aos pais, arrastados com violência, inúmeras mortes e suicídios.*

*É de notar a desigualdade da ação, pois os mouros, como os judeus, eram passíveis do decreto de expulsão. Não lhes tiravam, porém, os filhos. Por que razão foram poupados?*

*A resposta encontra-se no comentário feito pelo cronista Damião de Góes a respeito do assunto, na obra *Crônica de Dom Manuel*:*

*"A causa foi porque de tomarem os filhos aos judeus, se não podia recrescer nenhum dano aos cristãos, que andam espalhados pelo mundo, no qual os judeus por seus peccados não tem reinos, nem senhorios, cidades nem villas, mas antes em toda a parte onde vivem são peregrinos e tributários, sem terem poder nem authority para executar suas vontades contra as injurias e mal que lhes fazem. Mas aos mouros por nossos peccados e castigo permite Deus ter occupada a mór parte da Asia e Africa e boa da Europa, onde tem impérios e reinos e grandes senhorios, nos quaes vivem muitos christãos debaixo de seus tributos, além dos que muitos tem captivos e a todos estes fora mui prejudicial tomarem-se os filhos dos mouros porque aos que se este agravo fizera, é claro que se não houveram de esquecer de pedir vingança dos christãos... e sobretudo dos portugueses."*

Os judeus não tinham quem os protegesse, e os árabes possuíam príncipes e reinos poderosos que poderiam pôr em perigo a estabilidade portuguesa e vingar-se em súbditos do país que vivessem nos seus territórios. Damião de Góes, dentro da concepção, universal, de que os judeus constituíam uma nação, e sempre foram chamados "os da nação" ou "gente da nação", compreendeu que sem impérios, reinos, vilas ou poderosos príncipes que os defendessem, os judeus estariam à mercê dos perseguidores. No séc. XVI, a visão de Damião de Góes já tornava clara a necessidade de que os judeus tivessem um estado ou um reino constituído. Através da sua sensibilidade, talvez tenha sido um dos primeiros europeus com a visão do que seria o fulcro do movimento sionista.

*Desses batismos, em massa e à força, surgiram os marranos, ou criptojudeus, que praticavam o judaísmo em segredo, mas professavam publicamente a fé católica. Os "Cristãos-Novos" nunca foram aceites pela população "cristã velha", que desconfiava (justificadamente) da sinceridade da fé dos conversos. Essa desconfiança evoluiu para a violência explícita: o Pogrom de Lisboa ocorreu em 1506. A peste grassava na cidade desde janeiro, fazendo dezenas de vítimas por dia, e em abril, insuflados por clérigos fanáticos que culpavam os "Cristãos-Novos" pela calamidade, o populacho investiu contra eles, matando mais de dois mil, homens, mulheres e crianças.*

*Assim se iniciava nova diáspora judaica, rumando ao norte da Europa, onde fundaram comunidades nos Países Baixos, sul de França, e Médio Oriente. Após a expulsão dos judeus da Espanha, o mundo árabe acolheu parte deles e deu-lhes - tal como aos cristãos - o estatuto de dhimmi, inferior ao dos muçulmanos, claramente mais favorável que o de seus correligionários na Europa, preservando-os das perseguições que sofreram na Europa. Judeus portugueses seguiram com holandeses para Nova Amsterdão (posteriormente Nova Iorque), onde fundaram uma das mais antigas comunidades judaicas.*

*No Brasil, chegaram juntamente com os holandeses a Belém do Pará, embora houvesse judeus convertidos na expedição de (Pedro Álvares) Cabral que "descobriu" o Brasil em 22 abril de 1500. Muitos dos judeus sefarditas portugueses fugiram para a Beira Alta e Beira-Baixa tornando-se criptojudeus. Os que se converteram passaram a ser chamados "marranos" (de porcos), "conversos" ou Cristãos-Novos.*

Só por ironia do destino, os Cristãos-Novos portugueses, que se estabeleceram no sul da França nos sécs. XVII e XVIII eram conhecidos por "*Messieurs les portugais*". Português era sinónimo de judeu. Com a expulsão dos médicos sefarditas portugueses assim como dos vários eruditos judaicos, Portugal sofreu uma perda terrível de valores intelectuais e até hoje não conseguiu recuperar.

Portugal arruinou-se (e muito) com a Inquisição, e as outras nações ganharam com a inteligência e qualidades profissionais dos judeus sefarditas portugueses. É depois da Inquisição que passamos a ver nomes famosos de médicos sefarditas portugueses em todos os países da Europa, não só como professores das faculdades de medicina, mas médicos privados dos reis e rainhas. Assim há nomes de médicos portugueses em lugares de destaque: Costa, Bueno, Cardoso, De Castro, Da Silva, Fonseca e Nunes.

*João Rodrigues Castelo Branco, ou Amato Lusitano (Amatus Lusitanus) além de bom médico foi botânico em Antuérpia e professor de medicina em Ferrara, sendo o médico que tratou o Papa Julius III.*

*Daniel Fonseca fugiu para França e foi médico do Príncipe de Budapeste.*

*Judah Abravanel foi para Nápoles, Génova e Veneza tornando-se um médico famoso.*

*Filoteu Montalto foi para Florença sendo médico particular do Duque Frederico. Depois foi tratar da Rainha Catarina de Médicis, em Paris, França, que sofria de enxaquecas e receitou-lhe pó de tabaco que naquele tempo "era a erva milagrosa".*

*Jacob Martinho foi para a Itália onde chegou a professor de medicina na Universidade de Roma e médico do Papa Paulo III.*

*Rodrigues da Fonseca foi professor de Medicina em Pisa e Pádua.*

*Fabrizio de Água Pendente foi professor de anatomia em Bolonha e descobriu as válvulas nas veias profundas das nossas pernas e coxas.*

*Rodrigo de Castro foi para Hamburgo e tratou da Rainha Cristina da Suécia.*

Uma grande parte dos judeus sefarditas portugueses fugiu para Amsterdão indo depois para Curaçau e Nova Amsterdão que, mais tarde, mudou o nome para Nova Iorque, quando os ingleses a conquistaram. Em Amsterdão construíram a maior Sinagoga do mundo. É nesta cidade que encontramos nomes de médicos sefarditas portugueses como Fernando Mendes, que foi para Londres sendo médico particular da Rainha Catarina de Bragança, mulher do Rei Carlos II, que sofria de gota. Este médico judaico-sefardita português receitou-lhe, pela primeira vez, a colúscina, medicamento que se usa hoje para o tratamento do ataque de gota! Foram os sefarditas portugueses que ensinaram os ingleses a fritar peixe, pois levaram com eles o azeite português!

A Rainha Catarina de Bragança ensinou os ingleses a beberem o "chá das cinco," levou o uso do garfo para a Casa Real Inglesa, e as tangerinas! Foi esta Rainha que deu o nome ao maior bairro de Nova Iorque, hoje "Queens" em sua honra! A Primeira Rainha de Bristol era 100 % Portuguesa e no primeiro mapa das ruas de Bristol (1680) aparecem ruas com o nome de "King" (em honra de Carlos II) e "Queen" (em honra de Catarina de Bragança) e outra rua que dá seguimento a esta com o nome de "Catherine Street". Os sefarditas portugueses emigraram também para os Açores, Madeira, Cabo Verde, Guiné e Brasil, envolvendo-se na indústria do açúcar e outras profissões incluindo a medicina.

*Nas listas de processados pelo Santo Ofício, por serem judeus ou Cristãos-Novos, encontram-se milhares de nomes e apelidos genuinamente portugueses, causando estranheza que nomes hebraicos raramente sejam mencionados. Analisando essas listas, nota-se que qualquer apelido português poderá ter sido, em algum tempo ou lugar, usado por um judeu ou cristão-novo. Não escaparam ao uso apelidos bem cristãos, tais como "dos Santos", "de Jesus", "Santiago", etc. Certos apelidos, porém, aparecem com maior frequência, tais como "Mendes", "Pinheiro", "Cardoso", "Paredes", "Costa", "Pereira", "Henriques", etc. O de maior incidência, no entanto, foi "Rodrigues."*

Os historiadores sempre assinalaram a nítida diferença com que a Inquisição tratava muçulmanos e judeus. Na verdade, o número de processos por conta de seguidores da religião de Maomé é diminuto e desproporcional ao do julgamento dos criptojudeus considerados apóstatas da Igreja católica por retornarem à prática judaizante.

A maior comunidade judaica encontrava-se em Lisboa, onde havia judiarias. A mais antiga situava-se no bairro da Pedreira, entre os conventos do Carmo e Santa Trindade, e uma mais nova no bairro da Conceição. Desde 1457 existiu uma terceira judiaria perto do Portão de Pedro, chamada judiaria da Alfama. Depois de Lisboa, as maiores eram em Santarém, Lamego, Bragança, Guimarães, Évora, Alcácer, Coimbra, Viseu, Porto, Chaves, Leiria, Trancoso, Alvito, Guarda, Alenquer, Elvas, Estremoz, Faro,



Covilhã, Beja, Penamacor, Vila Marim, Castro Marim, Miranda, Porches, Cacilhas, Mesão Frio, Barcelos e Vila Viçosa.

*Além disso, parte dos judeus viviam dispersos em localidades, faltando-lhes os dez adultos necessários para o serviço divino regular. Isto explica a pergunta de judeus portugueses ao rabino de Barcelona, Salomon Adreth, sobre se dois meninos de 13 anos podiam completar o número de adultos para o serviço divino. A resposta do rabino foi negativa. Os judeus em Portugal pagavam muitos impostos ao Estado. O mais antigo foi a juderenga, capitação de 30 dinheiros, como em Castela, onde fora introduzida por Sancho II (1295), cobrada pelo facto de Judas ter denunciado Jesus aos Romanos pela mesma soma. Na mesma época, talvez simultaneamente com a introdução do rabinato, estabeleceu-se, sobre este uma taxa que revertia para a Coroa. A taxa corporal não era desconhecida em Portugal. Em Beja, cada judeu pagava um maravedi como tributo corporal. Além disso, estava sujeito a um tributo para o incremento da marinha. Desde o reinado de Sancho II, que fora o primeiro a favorecê-la, tiveram os judeus que fornecer, para cada nau que o Rei equipasse, uma âncora e uma amarra com comprimento de 60 côvados ou pagar a soma equivalente de 60 libras.*

*Cada judeu ou judia recolhia anualmente um "serviço real". O rapaz de sete a 14 anos, cinco soldos. A menina de sete a 12 anos, dois soldos e meio. As moças maiores de 12 anos, enquanto fossem solteiras, pagavam meio maravedi. O dobro pagava o solteiro que vivesse na casa paterna. O homem ou a mulher, solteiros ou casados, eram taxados respectivamente em 20 e dez soldos. Colheitas agrícolas e transações comerciais também estavam sujeitas a taxações.*

*No reinado de Afonso V, a situação dos judeus era extremamente favorável. Nenhum dos monarcas anteriores tanto os protegera, parecendo que as leis canônicas e restrições vigentes tinham sido suspensas. Viviam fora das judiarias, não usavam distintivos, pavoneavam-se sobre cavalos ricamente enfeitados com custosos arreios, envergando longas túnicas e finos capuzes, com coletes de seda e espadas douradas.*

*Exerciam cargos públicos e como burgueses livres, também negligenciavam muitos de seus deveres religiosos. As liberdades que Afonso V concedeu aos judeus nunca foram bem vistas pela massa ignorante da população e pelo clero corrupto. Isso estimulou novamente, e agora em grau mais intenso, o ódio da plebe.*

*Mais tarde, num Auto-de-fé em Coimbra (1718) saíram mais de 50 nativos de Bragança, continuando esta cidade a prover, nos anos seguintes, nove décimos do total das vítimas do Tribunal da Inquisição. Nos registos publicados do Santo Ofício, figuram 805 pessoas de Bragança.*

*Para Eduardo Mayonne Dias (Universidade of Califórnia, Los Angeles, na obra "Os cripto-judeus da Faixa Fronteiriça Portuguesa") na realidade D. Manuel não tinha interesse em expulsar a comunidade, destacado elemento de progresso na economia e profissões liberais. A sua esperança era que, retendo os judeus no país, os descendentes pudessem eventualmente, como cristãos, atingir um maior grau de aculturação.*

#### **32.2.4. JUDEUS NO BRASIL**

Quem interroga quais foram os portugueses que vieram colonizar o Brasil inquirir se viriam atraídos pelas riquezas e maravilhas do Pau-Brasil? A verdade é que muitos historiadores do Brasil colonial ocultaram a casta étnica de Portugal, os Cristãos-Novos. Em 1499, não havia judeus em Portugal só Cristãos-Novos. Naquele momento de crise, perseguição e desespero, uma porta se abriu quando a esquadra descobre o Brasil em abril 1500.

*O judeu Fernando de Noronha, primeiro arrendatário do Brasil, demanda trazer mão de obra para explorar seiscentas milhas da costa, construindo e guarnecendo fortalezas na obrigação de pagar uma taxa de arrendamento à coroa portuguesa a partir do terceiro ano. Assim, milhares de judeus fugindo da chamada "Santa Inquisição" e das perseguições do "Santo Ofício" começaram a colonizar o novo país. Em 1531, Portugal obteve de Roma a indicação de um Inquisidor Oficial para o Reino, e em 1540, Lisboa promulgou o primeiro Auto-de-fé. Daí em diante o Brasil passou a ser terra de exílio, dos réus de crimes comuns, bem como dos que se diziam Cristãos-Novos, mas continuavam a professar a fé judaica. Em 1591 um oficial da Inquisição foi designado para a Bahia, então capital do Brasil. Em 1624, a Santa Inquisição processava 25 judaizantes brasileiros.*

Todos esses judeus brasileiros, foram julgados e condenados pela Inquisição, sendo alguns deportados para Portugal e queimados, como António Félix de Miranda, o primeiro judeu a ser deportado do



Brasil. Outros foram condenados a cárcere e hábito perpétuo. os judeus desembarcavam na maioria das vezes na Bahia, por ser o principal porto. Grande parte deles dirigia-se para sul, fixando residência no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Outros preferiam Pernambuco e Pará. A influência histórica judaico-sefardita é inegável.<sup>108</sup>

### **32.2.5. DOS JUDEUS DE VIMIOSO, ARGOZELO, BRAGANÇA.**

*Com cerca de mil habitantes, a Freguesia de Argozelo pertence ao Concelho de Vimioso, Distrito de Bragança. Presume-se que tenha sido criada antes de 1187. A origem da vila teve a sua génese numa troca entre os monges de Castro de Avelãs, que deram ao Rei a sua herdade de Benquerença, no local que é atualmente Bragança e em troca a Coroa dava aos referidos monges a Igreja de S. Mamede e as vilas de Santulhão, Pinelo e Argozelo, na época chamada Uçusello. Com anos depois, ainda os Frades de Castro de Avelãs e o arcebispo de Braga andavam às voltas sobre a real posse daqueles territórios. Em 1290, D. Dinis dava carta de foro à Freguesia, que a partir daí ganhava independência administrativa relativa. Em 1319 um despacho de D. Dinis viria sanar o conflito e determinava os verdadeiros direitos sobre a posse da atual Freguesia, integrando-a no Concelho de Miranda do Douro. A nível populacional, o crescimento maior deu-se, no entanto, a partir do séc. XVI.*

Com a expulsão dos Judeus de Espanha, e com Argozelo perto da fronteira, centenas de pessoas acorreram à freguesia, aumentando o número de habitantes. O traçado atual da povoação apresenta características nitidamente judaicas, ruas muito estreitas e becos sem saída. Este facto comprova bem a sua importância no desenvolvimento da terra. Na Igreja ainda hoje se mantêm os lugares fixos das famílias, alguns referidos como Cristãos-Novos.

Contou-nos alguém que a avó, muito em segredo, tão em segredo que nem sabia já porquê, dizia umas rezas diferentes que rezava também em segredo....

A importância do legado judaico revela-se no símbolo da Junta de Freguesia de Carção que tem no brasão um mezuzá<sup>109</sup> e uma menorá, o candelabro de sete braços, um dos mais antigos símbolos judaicos. Em Argozelo é comum dizer-se que foram os Judeus, “finos” para o negócio e com tradições de comerciantes, quem por aquelas bandas deixou a “semente” dos peliqueiros. Na verdade, na região, a compra de peles (bovinas, ovinas e caprinas) está estritamente ligada a Argozelo, daí que os seus habitantes tenham sido apelidados de peliqueiros.

Mas, para além dos relatos populares, o Abade de Baçal escreveu<sup>110</sup> que “esses emigrantes<sup>111</sup> se estabeleceram em Vimioso, Argozelo, Carção, Azinhoso, Chacim, Lagoaça e Moncorvo”, acrescentando “em Argozelo e Carção exercem a indústria de surradores de peles”<sup>112</sup>.

*Chamam peliqueiro àquele que prepara ou vende pelicas (peles, especialmente de cabrito, curtidas e preparadas). Peliqueiros são os habitantes de Argozelo, localidade do Concelho de Vimioso, no Distrito de Bragança. Ao que tudo indica, a tradição do negócio das pelicas em Argozelo tem raízes judaicas. Assim o fazem crer os relatos dos antigos e os vários documentos históricos escritos sobre as origens daquela terra.*

Luís (Francisco de Paula) Mina é um profundo conhecedor dos usos e costumes de Carção, Concelho de Vimioso, Distrito de Bragança, onde se abrigaram muitos judeus perseguidos pelos reis

108 (Fontes Bibliográficas: Os Judeus no Brasil Colonial - Arnold Wiznitzer – Ed. Pioneira - SP – 1996, Raízes judaicas no Brasil - Flávio Mendes Carvalho – Ed. Nova Arcádia - SP – 1992, Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil - Nachman Falbel Fisesp - SP. Judaizantes e judeus no Brasil - Egon e Frieda Wolff - RJ.)

109 Mezuzá (do hebraico מְזוּזָה "umbral") é o nome de um mandamento da Torá que ordena que seja afixado no umbral das portas um pequeno rolo de pergaminho (klaf) com as duas passagens da Torá que ordenam este mandamento, "Shemá" e "Vehaiá" (Deuteronomio 6:4-9 e 11:13-21). O mezuzá deve ser afixado no umbral direito de cada dependência do lar, sinagoga ou estabelecimento judaico como lembrança do criador. Deve ficar a sete palmos de altura do chão, apontando para dentro do estabelecimento com a extremidade de cima. Os judeus costumam beijar a mezuzá toda a vez que se passa pela porta, para lembrar as orações que ali estão contidas e os princípios do judaísmo que carregam. As mezuzot (plural de mezuzá) dos asquenaze são posicionadas em ângulo, e os sefarditas posicionam as suas verticalmente

110 [no Tomo V da Enciclopédia “Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança”, dedicado à presença dos Judeus na região]

111 [Judeus que no séc. XV vieram para o Nordeste de Portugal]

112 Fátima Garcia in ST, 2005-05-11 <http://www.diariodetrasmontes.com/noticias/complexa.php?id=7006>

portugueses e espanhóis do período da Inquisição. A aldeia esteve dividida, ao longo dos anos, em dois grupos étnicos diferenciados: os judeus, de um lado, e os chamados “cabrões”, do outro, sem que as alcunhas tivessem a conotação negativa de hoje. Os primeiros, foram abrigar-se das investidas inquisitoriais, dedicando-se sobretudo a negócio e atividades de artífices. Os segundos dedicavam-se sobretudo à lavoura.

*Apesar de viverem lado a lado, estes grupos não se misturavam no convívio nem no casamento, preservando a pureza da identidade original. Muitos usos e costumes relatados na obra do Sr. Francisco Rodrigues já se foram perdendo, sobretudo a partir da segunda metade do séc. XX.*

*Este livro tem a virtude de ajudar a preservar nos mais novos e gerações futuras os usos e costumes dos seus antepassados. As fontes do autor foram a sua memória, porque nalguns casos ainda foi testemunha viva dos usos descritos, e o que ouviu aos avós, que contaram muitas outras tradições que ele não pôde testemunhar<sup>113</sup>.*

*Em 1497 em Bragança, predominam os Cristãos-Novos.*

*A Sinagoga existia no início do séc. XX como se lia na descrição duma procissão católica “ao subir a Rua Direita os meus olhos fixavam uma “lata” enrugada, dona de verde, estampada na fachada de um prédio, no qual uma médica-dentista chumbava e arrancava dentes. A dita “lata” em tempo menos abafado e mais livre, indicava existir uma Sinagoga”.*

Ou então como se lê na página da Câmara Municipal de Bragança (nesta data):

*Com a expulsão dos judeus pelos Reis Católicos em finais do séc. XV entra um grande contingente na região, calculando o Abade de Baçal<sup>114</sup> em três mil os que deram entrada em Bragança. Foi, após esta entrada que o ritmo de desenvolvimento da cidade aumentou, alargando-se o leque das atividades. O nome mais antigo para a ponte d'Além do Rio é Ponte das Tinarias ou Tenarias. Efetivamente, deve datar ainda do séc. XV ou inícios do seguinte o monopólio dos judeus sobre os curtumes, situando-se as várias unidades que existiam em Bragança ao longo do Fervença, chamadas de Tinarias ou pelames. Diz-nos Bivar Guerra que envolviam «... Muito pessoal dado que as peles para serem curtidas tinham de passar por uma grande variedade de tratamentos oficinais que se praticavam em locais separados e por operários especializados em cada uma» (1975: 480). O tratamento implicava operações de manusear excrementos canídeos, apanhados nas ruas por um operário, em operação pouco cobiçada. As tinarias tinham de se situar obrigatoriamente à beira-rio, de maneira a poderem esvaziar-se e encher-se regularmente sem incomodar a cidade com maus cheiros.*

*Este «bairro» forma-se no local, associado a um tipo de profissão ou atividade, e não porque os judeus fossem empurrados para fora da cidade. À volta da operação floresceram a do calçado, a da selaria e a das solas, dando origem a uma atividade comercial assinalável, tanto nas oficinas como nas feiras, tendente a fornecer a região de produtos acabados. Estas unidades serão arruinadas a partir de meados do séc. XIX, após a industrialização do setor verificada no Porto e em Guimarães.*

*A Sinagoga, pelo menos até finais do séc. XV, situava-se no interior da Cidadela e aí se deve ter conservado durante muito tempo, mudando de edifício, até que se lhe perde a pista já no reinado de D. Manuel, com certeza devido à proibição da religião e culto, e as referências que, por vezes, aparecem aludem à «antiga casa da Sinagoga». Já no primeiro quartel de Setecentos, José Cardoso Borges, no seu manuscrito, faz-lhes uma única referência dizendo que «em esta cidade havia antigamente judeus...<sup>115</sup>» Durante quanto tempo esteve Bragança sem Sinagoga? Sabemos que no primeiro quartel do séc. XX recrudescer a atividade judaica, sendo instalada uma escola judaica onde se ensinava hebraico em 1923<sup>116</sup>. A 22 de junho de 1928, foi inaugurada a nova Sinagoga na atual Avenida João da Cruz até à transferência para um segundo andar na Rua Direita, n.º 23, após a vinda de um rabino do Porto. A este sucedeu outro de origem inglesa, mas a morte prematura do filho que o acompanhava, na década de 30, leva-o a afastar-se de Bragança. Julga-se ter sido o último a officiar. Os judeus passam a controlar grande parte do comércio, das finanças (usura) e da indústria da região. As listas inquisitoriais são elucidativas: segundo o Rol dos Confessados de Sta. Maria, de 1737, havia 21 penitenciados pela Inquisição, 2 intramuros, 5 na Rua dos Oleiros (antiga Rua da Mesquita) e 14 na Rua Direita. Por outro rol da Freguesia de 1744 ficamos a saber que existiam 13 penitenciados na cidade e, salvo dois ou três que não indicam a profissão, eram todos*

113 (in Carção, suas gentes, usos e tradições Francisco Rodrigues, ed. CM Vimioso Abril 2001).

114 (Abade Baçal, 1975 -1989: XI,

115 (op. cit.: fl. 208v).

116 (Alves, 1975 -1989: XI, 348).

comerciantes ou industriais, descendentes de Cristãos-Novos, morando um na Rua dos Oleiros, onze na Rua Direita e um no interior da Vila<sup>117</sup>. A Rua Direita era a rua comercialmente mais dinâmica.

Segundo o Abade Baçal, S. Joanico teve o seu princípio numa quinta que daquele lado da Ribeira “houve” a que se lhe deu o nome de S. Joane, a propagação de vizinhos a aumentou de “hua e outra parte, que chegou a ter Igreja Matriz e a poucos anos sacrário”<sup>118</sup>.

Faz parte da história de S. Joanico<sup>119</sup>, ignorada e, talvez dos seus factos mais importantes - a presença dos Judeus em Cabanas “onde assentaram arraiais, durante três anos, aquando da expulsão de Espanha, até obterem autorização de El-Rei para se fixarem em Portugal”. Teria sido aqui no distrito, perto de Vimioso que teriam nascido as alheiras? As “tabafeias” (alheiras) fazem o cartaz turístico e económico de Mirandela; mas, não teriam nos freixos de Cabanas as suas primeiras origens<sup>120</sup>?

### **32.2.6. O FERIADO DE 1 DE DEZEMBRO.**

A terminar, passemos à data (que não tem a ver com judeus) celebrada esta semana, sem que a maioria da população se dê conta dela ou do seu significado. O 1º de dezembro Restauração da independência de Portugal

... “arreatados do generoso impulso, saíram das carroças e avançaram ao Paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!”<sup>121</sup>

Parece não haver dúvida de que a ideia de nacionalidade esteve por trás da Restauração após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, fortalecendo-a ao ponto de rejeitar qualquer união com o país vizinho. A independência fora sempre um desafio a Castela e uma vontade de não ser confundido com ela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa. Para a maioria dos Portugueses, os Habsburgo não eram mais do que usurpadores, os Espanhóis, inimigos, e os seus partidários, traidores. Mas a Restauração carece de ser explicada por outros elementos.

Por quase todo o Portugal metropolitano e ultramarino as notícias da mudança do regime e do juramento de fidelidade ao Bragança foram recebidas e obedecidas sem dúvida. Apenas Ceuta permaneceu fiel a Filipe IV.

Como “governadores”, para gerirem os negócios públicos até à chegada do novo Rei, foram escolhidos o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, o de Braga, D. Sebastião de Matos de Noronha, e o visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Lourenço de Lima. D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro, cessando nesta data as funções dos “governadores”.

Proclamar a separação fora relativamente fácil. Mais difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, os portugueses de 1640 estavam longe de unidos. Se as classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista e aderiram a D. João IV sem dúvidas, a nobreza, muitas vezes com laços familiares em Espanha, hesitou e só parte alinhou com o Duque de Bragança. O mesmo se poderia afirmar em relação ao clero. O novo monarca português não gozava por certo de uma posição invejável.

Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão: o novo monarca, longe de figurar como usurpador, reaveria simplesmente aquilo que por direito legítimo lhe pertencia. Abundante bibliografia produzida em Portugal e fora dele a partir de 1640 procurou demonstrar os direitos reais do Duque de Bragança.

Se o trono jamais estivera vago de direito, tanto em 1580 como em 1640, não havia razões para qualquer tipo de eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que ele porventura teria, fosse o trono declarado vacante. Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades.

Primeiro, a reorganização do aparelho militar, reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro.

117 (Alves, 1975-1989: X, 338-340).

118 (Abade Baçal p. 537).

119 O sufixo “ico” e não em “inho”, aparece na região, por influência remota do mirandês como se nota em outras palavras toponímicas, por exemplo: Lagonica (Lhagonica), Colmenica... Todavia, antes teve o seu nome de S. Joane. Observação que levou Leite da Vasconcelos a concluir que “em S. Joanico, bem como em Serápicos, Avelanoso e Campo de Viboras se tenha falado o mirandês.”

<sup>120</sup> O termo tabafeia, árabe, pode ter sido trazido pelos judeus, quando são expulsos de Espanha. Remonta a essa época a entrada em Portugal de certas comidas.” A “tabafeia” - a alheira - nasceu em Cabanas (?), como alternativa ao fumeiro de carne de porco que os judeus não faziam nem comiam porque tal os denunciava como judeus, perante a Inquisição e inventaram o fumeiro de todas as carnes, menos de porco.

121 D. Luís de Meneses em História de Portugal Restaurado

*Paralelamente, intensa atividade diplomática junto das cortes da Europa – para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e obter o reconhecimento da Restauração – e a reconquista do império ultramarino.*

*A nível interno, a estabilidade do regime dependeu do aniquilamento da dissensão a favor de Espanha.*

*A Restauração mobilizou todos os esforços e absorveu enormes somas de dinheiro. Pior do que isso, impediu o governo de conceder ajuda às frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, pelo menos na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou pelo menos a Metrópole de uma ocupação pelas forças espanholas.*

*Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças eram escassas – sobretudo na fronteira terrestre –, as coudelarias haviam sido extintas, os seus melhores generais lutavam pela Espanha algures na Europa. Do lado português, isto explica por que motivo a guerra se limitou a operações fronteiriças de pouca envergadura. Do lado espanhol, é preciso lembrar que a Guerra dos Trinta Anos (prolongada em Espanha até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) demoraram quaisquer ofensivas de vulto.*

*Regra geral, a guerra, que se prolongou por 28 anos, teve os seus altos e baixos para os dois contendores até ser assinado o Tratado de Lisboa, em 13 de fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este último reconhece a independência do nosso país<sup>122</sup>.*

As páginas anteriores serviram para lembrar algo que devem ter aprendido nos bancos de escola, mas que se foi esbatendo. Poucos celebram o 1º de dezembro de 1640, mas recordo um personagem especial de quem muitos nunca ouviram falar.

Em 24/8/1499 Miguel da Paz, primogénito de D. Manuel I e Isabel de Castela, filha dos Reis Católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, mas morreu com 2 anos.

*D. Miguel da Paz de Trastâmara e Avis (Saragoça, 24 de agosto de 1498 - Granada, 19 de julho de 1500) foi um Infante de Portugal, Castela e Aragão, filho do primeiro casamento do Rei D. Manuel I com a infanta Isabel de Aragão, Princesa das Astúrias e presumível herdeira das coroas de Castela e Aragão.*

*Após a morte da mãe no parto, Miguel da Paz (como foi batizado, para selar a paz existente entre as três coroas peninsulares) tornou-se o herdeiro conjunto de Castela (onde foi de imediato reconhecido como Príncipe das Astúrias), de Aragão (e como tal jurado herdeiro nas Cortes reunidas em Saragoça) e de Portugal.*

*Permaneceu em Castela, em Granada, onde foi educado pelos avós maternos (os Reis Católicos) até atingir a idade de dois anos, data da sua morte precoce, que pôs fim ao sonho da União Ibérica na sua pessoa. Foi enterrado no Convento de Sta. Isabel, em Toledo.*

*Tornou-se herdeira das coroas de Castela e Aragão a irmã mais nova da sua mãe, Joana, a qual, pelo casamento com Filipe, Duque da Borgonha, traria a Espanha para a alçada dos Habsburgos.*

*Em Portugal, o sucessor como herdeiro presuntivo seria o filho que D. Manuel teve de outra irmã mais nova de Isabel, Maria, e que seria o futuro D. João III. Interessantes estes “pequenos detalhes” da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão, o cardeal D. Henrique com 68 anos, 9º filho do Rei D. Manuel I.*

*A candidatura de Filipe é fortíssima e indiscutível, resultante do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais do “nosso” Filipe.*

*A situação poderia ter sido de certo modo invertida, unificando as coroas ibéricas “para o nosso lado, se Miguel da Paz tivesse sobrevivido.*

---

122 Adaptado de A. H. de Oliveira Marques, “A Restauração e suas Consequências”, in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 176-201.



## **CRÓNICA 33 DINAMARCA. TORNADOS E POLÍTICOS.**

### **33.1. ALGO ESTÁ PODRE NO REINO DA DINAMARCA. 19 dezº 2006**

Copenhaga foi palco de confrontos entre a polícia e jovens em protesto. A manifestação ocorreu dia 16 dezº e originou mais de 300 detenções. Os jovens foram expulsos duma casa que ocupavam ilegalmente. Trata-se duma herança da era pós-maio 1968 quando houve um bairro reservado a jovens (já entradotes hoje). A casa era um centro juvenil, situado no centro.

*A Polícia carregou e lançou gás lacrimogéneo contra os manifestantes e estes, na maioria jovens, lançaram pedras e petardos contra os agentes, convertendo a zona envolvente numa batalha campal. A manifestação, não-autorizada, convocou centenas de pessoas, muitas delas vindas de fora de Noerrebro (bairro multicultural da capital dinamarquesa) e do próprio país.*

*Duas centenas de jovens permaneceram encerrados na casa, rodeada de forte dispositivo da Polícia, que pretendia desalojá-los. Os ocupantes pertencem ao grupo "Ungdomshuset", que nasceu em 1982, quando a autarquia de Copenhaga cedeu uma casa aos jovens para usarem como centro cultural e social. As autoridades municipais venderam a casa a uma comunidade religiosa há três anos, o que originou que os utilizadores do centro iniciassem uma luta pela sobrevivência, com um fracassado processo judicial, intenções de comprá-la e diversas iniciativas apoiadas por personalidades do mundo cultural dinamarquês.*

Mas se estas notícias trouxeram aquele país à ribalta dos nossos pobres telejornais em todos os canais, sempre ávidos e mórbidos por tudo que seja desastre, acidente, morte, guerra, ou qualquer tipo de violência, não era por isso que vos queria falar da Dinamarca.

Uma notícia em letra pequena que passou despercebida dos telejornais e demais fazedores de notícias anunciava que os doentes com cancro na Dinamarca, que não tenham sido tratados no prazo máximo definido por lei, irão ser indemnizados. Aos atrasos que podem ter custado a vida a algumas pessoas se irá dedicar agora uma comissão de investigação para definir tais indemnizações, fruto das falhas do sistema de saúde dinamarquês. O mínimo previsto é equivalente a quatro mil euros. O período de tratamento para os doentes com cancro é de quatro semanas, mas registaram-se atrasos até dez semanas.

Estando Portugal ávido de copiar tudo o que lá fora se faz, interrogo-me para quando a introdução desta medida?

### **33.2. TORNADO NA LAGOA. ATÉ OS TORNADOS ANDAM LOUCOS E DESV(AIR)IADOS.**

Houve, ontem, um pequeno tornado na Vila de Lagoa, na costa sul de S. Miguel, causando inúmeros danos e espanto aos residentes mais habituados a verem estas coisas na televisão norte-americana. Prontamente, como é costume, a Proteção Civil e diversas entidades regionais puseram mãos à obra e a reparar os estragos.

Há três dias, houve outro temporal e chuvas inclementes, que causaram aluimentos de terras e bloqueio da estrada regional que aqui passa, entre a Ribeira Grande e o Nordeste. Saímos ao entardecer, e pudemos constatar como trabalham. Tinha acabado de aluir um talude, mesmo à saída da Lomba da Maia, e um camião dos bombeiros alertava para o perigo. Passado meia hora, ao regressar, estava um carro da polícia e um caterpillar da Proteção Civil a tirar a terra e pedras que bloqueavam a estrada. As equipas de manutenção estão sempre prontas a atuar, de dia ou de noite, para além do trabalho que, regularmente fazem de podar árvores, desbastar canaviais, renques de hortênsias e outras plantas que orlam as estradas ou meramente a consolidar taludes em perigo de desabamento. Se aqui nos Açores (pelo menos na costa norte) isto é possível, uma pessoa interroga-se quanto à demora que ocorrências similares sofrem (no Continente) até serem objeto de intervenção das autoridades.

Entretanto na Austrália continuam a arder casas, em fogos nos estados de Vitória e Tasmânia. Enquanto numa ponta da terra, a seca mais prolongada da história australiana se mantém, na outra



inúmeras inundações e chuvadas continuam a fazer estragos em Portugal. Assim vai este mundo sem estações do ano, fixas ou previsíveis, cobrando a fatura da construção e destruição que os humanos impuseram a ritmo acelerado nestes últimos cem anos.

#### 33.4. DA ECONOMIA E DA POLÍTICA.

Sou otimista e gostava de vos contar algo sobre o que corre bem neste país, mas raramente leio notícias dessas para as reportar. Há uns cientistas aclamados internacionalmente, mas não estão cá, uma ou outra firma com contratos para a *NASA*, um ou outro personagem reconhecido mundialmente, mas são a exceção e não a norma, que esta é o compadrio, o facilitismo, a cunha, o nepotismo, os “*jobs for the boys*” (isto ainda é machista e não há lugares para as “*girls*”), as reformas milionárias daqueles que exortam o povo a apertar mais o cinto.

Entretanto as fábricas que se vinham aproveitando, há décadas, da mão de obra barata e não-qualificada, fecham pois já se esgotaram os subsídios a fundo perdido. Em vez de usarem esses fundos para requalificarem pessoal aumentaram a frota de carros de topo de gama para os patrões.

Diariamente centenas de pessoas, vão para a rua e perdem os empregos, condenadas a viverem de expedientes, dado não haver programas de reabilitação profissional para elas. O cinto aperta-se e Portugal fica melhor e mais esbelto, sem gorduras desnecessárias, dirão os políticos, mas apenas se assiste ao aumento do fosso entre muito ricos e os outros, ficando o país com contrastes que ameaçam assemelhar-se ao Brasil e suas desigualdades. Alguns dos países da “Europa a 25” ultrapassaram Portugal nalguns indicadores económicos.

Queria falar-vos de algo positivo, mas temo o que se venha a descobrir nos ossos de Afonso Henriques, primeiro Rei do país, ou naquilo que pode vir a acontecer se autorizarem os exames de ADN aos restos alegadamente pertencentes ao Sebastião I.

Há um livro maravilhoso “*Império à deriva*” de *Patrick Wilken* editado pela *Civilização* que retrata bem as venturas e desventuras da Casa Real nas suas perambulações pelo Rio de Janeiro antes do grito do Ipiranga. Devia fazer parte dos programas de História a todos os níveis liceais, mas infelizmente quem quer saber dela? Está condenada (tal como a Filosofia a desaparecer dos programas oficiais). Ali se pode apreciar bem o espírito português, e se nos nobres da época era assim, imagine-se nos plebeus. Como esperar que as coisas melhorassem em cento e oitenta anos? Leiam o livro que vale a pena. Pena ter sido um estrangeiro a escrever, porque um português dificilmente se desinibiria o suficiente para o fazer.

Continuo a tentar encontrar coisas positivas além do clima, paisagens, bons petiscos, e hospitalidade nalgumas regiões. Ainda há sapatos bons e baratos e há sempre as feiras (embora estejam na mira dos invejosos da ASAE ou lá como se chama a Inspeção das Atividades Económicas, que resolveu começar a fechar uns restaurantes chineses e depois descobriu que tinha de fechar quase todos os restaurantes portugueses, incluindo o célebre Galeto).

Bom, pessoalmente não me posso queixar, vivo numa aldeia pacata onde a droga ainda não é a palavra de ordem nas conversas de café (só no largo do coreto da Igreja e entre meia dúzia de janados), mas há outras coisas e a pedofilia é, muitas vezes, atirada para debaixo do tapete.

A segurança ainda não me levou a reforçar os cuidados que por exemplo tinha em Macau, onde, apesar de viver num 10º andar e haver dois portões de ferro com guarda, havia assaltos efetuados pelos algerozes e caleiras até ao 15º andar onde os assaltantes punham um “spray” para as pessoas não se incomodarem enquanto lhes limpavam a casa de aparelhagens, joias e outros bens. Aqui ainda posso deixar o carro aberto que está seguro. Já o mesmo se não pode fazer em Ponta Delgada, dizem que por culpa dos repatriados dos EUA e do Canadá. Como se diz em Bragança “e eu que lá sei?”

Como é natal e já falei de futebol, vou tagarelar sobre política. Quero apenas lembrar alguns factos importantes da governação<sup>123</sup>, que antes das eleições prometeu criar 150 mil novos empregos, não subir o IVA, não se pagarem as SCUT, não haver cortes na saúde, educação ou cultura. Vejamos o que as promessas nos trouxeram:

*O IVA subiu.*

*Os idosos (bandeira pré-eleitoral) vão pagar mais IRS, são quatrocentos mil reformados, mas francamente...*

*Depois as SCUT (sem custos para o utilizador) foram recalculadas e algumas (vá lá, podia ser pior e serem todas) irão pagar taxas de utilização pelo utilizador e espera-se que mudem de nome ...*

*Os desempregados que sonhavam com os 150 mil empregozitos aumentaram de 4,2 para 6,8%.*

*A cultura a quem tinha sido prometido um orçamento de 1% baixou para uns notáveis 0,1% do PIB, com a ajuda de Rui Rio no Porto...sem Festa da Música e sem mais nada.*

*Claro que se tem de pagar a coleção Berardo que, ao contrário do que muitos pensam, não foi dada, mas emprestada a Portugal...*

*A educação assistiu impávida ao massacre desses párias da sociedade, os professores, e por isso o orçamento baixou mais de 4% na secundária e básica e mais de 8% na terciária.*

*Os professores qualquer dia passam a acampar na escola para fazerem o que os pais não fazem e deixarem de ser uns malandros, pois eram os únicos privilegiados, no resto da função pública ninguém se lhes iguala.*

*A censura que se pensava estar encarcerada depois do 25 de abril voltou dissimulada pela entidade reguladora que se estreou em beleza contra um jornal e um dos seus articulistas com admoestações ao seu Diretor. Salazar aplaude...*

*Numa altura em que há falências em massa, em que todos apertam o cinto, os bancos batem os recordes de lucros e o governo apenas ameaça aumentar os seus impostos...*

*Esqueci, obviamente, de enumerar as medidas renovadoras revolucionárias deste governo que iriam tornar este país num país civilizado, mas nem uma ocorria à mente. Para isso bastava ouvir a RTP e ler os jornais diários dedicando grandes parangonas aos seus sucessos.*

*Com uma 3ª República destas, qualquer democrata anseia a monarquia. Quando não há democracia há Ditadura!*

*Lutou-se pela democratização e ganhou-se uma Ditadura do capital sobre o trabalho.*

*Dizem que a democracia é burguesa. Não pode ser conjuntamente um governo do povo e de uma elite privilegiada economicamente, que explora a classe trabalhadora.*

*É a Ditadura ideológica.*

*Não há liberdade de expressão! ~*

*Não há liberdade para dizer a verdade!*

*Há uma Ditadura da classe economicamente dominante, que privatiza o Estado para extorquir impostos dos pobres, depois usados para defender os interesses dos lóbis que elegeram os políticos.*

*O restante, a maioria, fica mais pobre, sem serviços de qualidade na educação, saúde, justiça, transporte, habitação, etc.,*

*Direitos garantidos constitucionalmente, mas que na prática, nada significam. Obedientes, todos comem e calam sem nada dizerem, com o medo implantado desde há séculos na sociedade portuguesa.*

*Já a Santa Inquisição fizera um bom trabalho na perpetuação desse temor, a que acrescentaram a delação como característica a preservar pelos bons cristãos. São estes traços o que distinguem os portugueses dos restantes europeus: a mediocridade, a delação e o medo, não por esta ordem hierárquica, mas como alicerces da sociedade.*

Claro que vos ia falar do natal, da paz e das coisas que as pessoas falam nesta época, porque no resto do ano andam muito deprimidos ou muito atarefados a tentar sobreviver para se lembrarem delas. Ia falar-vos do amor ao próximo e da necessidade de fazermos algo, mas como já não tenho 20 anos e os sonhos se esvaem deixo-vos o meu cinismo envelhecido.

Afinal o natal que recordo não é do Pai Natal ou de Santa Klaus, mas do Menino Jesus e das prendas no sapatinho. Agora é demasiado consumista. Li hoje que em cada intervalo nos canais infantis há dez minutos de publicidade a lavarem o cérebro aos jovens e levá-los a desejar mais esta e aquela prenda, obviamente eletrónica, moderna, cara. Ia falar de natal, mas prefiro fazê-lo à minha moda, em silêncio pelo que se passa em volta de nós.

*Para quê todo este desperdício de dinheiro em coisas maioritariamente inúteis, quando seria bem mais salutar promover valores imateriais. Sei bem que estou a ficar aquilo que na minha juventude se chamava de bota-de-elástico, mas ainda creio nos valores da família e estes não se devem revelar apenas uma vez por ano na consoada. Devem ser alimentados e nutridos ao longo do ano, sem prendas nem comida especial apenas pela mera fruição da companhia, com a televisão (esse invasor alienígena) desligada e quando, no fim das refeições as pessoas ainda tinham tempo para falar, para sonhar, para trocar impressões e fazer correções ao seu percurso de vida.*

*Devo estar a ficar senil saudosista, mas é disso que tenho saudades neste natal. As pessoas hoje andam demasiado ocupadas e quando falam é para comentar uma telenovela da TV, um escândalo público, ou qualquer outra trivialidade. Ou então andam tão deprimidas com a sua situação pessoal, profissional ou a do país nem sequer têm tempo para pararem e pensarem, onde estão, donde vieram e NÃO PARA ONDE VÃO, mas PARA ONDE QUEREM IR.*

*Claro que há as mensalidades por pagar, os estudos dos filhos, e outras preocupações que, quando o cansaço se instala e já deitadas, mal lhes sobram energia para conversarem.*

*É isto o ideal de vida que nos reservam os tempos atuais e – será pior daqui por diante – e não gosto dele, nem foi para isto que lutei na juventude em inúmeras discussões filosóficas que se prolongavam pela noite dentro.*

Ainda mantenho sonhos e quero realizá-los partilhados, sem ser com uma série televisiva que nos anestesia e deixa num torpor onde não resta lugar para a inteligência ou para o pensamento crítico. Ainda não será neste natal que vou ter hipóteses de revisitar este passado, embora se prepare uma reunião de família (redescoberta aquando da minha chegada aos Açores em agosto de 2005) e amigos com cerca de quarenta pessoas. Tenho a certeza de que algo mais produtivo que uma telenovela ou quejandos terá lugar nessa consoada que se avizinha e por isso me sinto satisfeito por não ir ao Continente passar a noite com a restante família. É que esta já há muito se deixou adormecer nessa modorra entediante televisiva e deixou de questionar o porquê de estarmos aqui neste mundo. Falta-lhe uma centelha de inconformismo otimista, capaz de a arrebatam e pensar que a vida vale a pena. Se não for isso então para quê andar aqui?

Se não inventamos uma desculpa para este curto percurso terreno não temos sequer a utilidade de qualquer outro animal insignificante ou inseto. Quero acreditar que os meus sonhos, suores e lágrimas valeram a pena. Por isso, ainda hoje creio que devo dar graças por estar aqui e ter sido um privilegiado por ter vivido a minha vida nos quatro cantos do mundo, ter aprendido o que aprendi com familiares, amigos e desconhecidos, de línguas e culturas diferentes desde a juventude recatada aos meus anos “hippies” a uma falta de maturidade notória na idade do meio e uma certa tranquilidade nesta opção de assentar aos 45 anos e concentrar-me apenas em coisas que são de valor para os outros e me dão prazer imaterial.

Sinto-me feliz e orgulhoso dos Colóquios Anuais da Lusofonia, a que dedico meses de trabalho todos os anos e, que são a minha forma de dar de volta algo a essa comunidade abstrata em que estou integrado e que nada me deu de palpável. Essa intangibilidade da minha dádiva permite-me por outro lado uma satisfação pessoal que não tem eco em mordomias ou benfeitorias materiais.

*Esta era afinal a minha mensagem de natal, para que todos, novos ou menos novos, disponham dumhas horas do seu tempo neste percurso terreno para dar de volta à sociedade algo que tenham aprendido e se possa transmitir aos outros, sem ser por dinheiro, ou fama ou outro atributo egoísta ou materialista. Espero haver quem me ouça neste natal e faça suas as minhas palavras pois este era o presente que eu queria no meu sapatinho, mas esqueci-me de escrever a tempo ao Menino Jesus, pois nos CTT só sabiam o endereço do Pai Natal e esse eu não queria.*

*PS: continuo ateu, apesar de tudo. Graças a deus...*



## **CRÓNICA 34. DO PRESTE JOÃO E DA ABISSÍNIA AOS PORTUGUESES NA TAILÂNDIA, dezº 2006**

Mais um ano e pouco do que é verdadeiramente importante e vital, mudou. Num país de sebastiânistas e sonhadores convém recuperar a História de Portugal. Por isso viajo até ao Preste João, figura imaginária que encheu de sonhos jovens como eu. Neste sebastiânico país, há séculos à espera do “De-sejado”, em manhã de nevoeiro, precisamos de acreditar num novo dia em que o sol volte a raiar por entre as nuvens e as brumas da memória e surja um novo Preste João, que nos apoie na reconquista do país, minado por líderes corruptos, incapazes de pensarem naquilo de que realmente o povo necessita. É disso que as novas gerações precisam, impossibilitadas como estão de acreditar que elas mesmas são o Preste João do séc. XXI. E se o conseguem ser quando emigram para outros países também podem mudar este país anémico e acéfalo, sem Rei nem roque, onde todos se abotoam e se locupletam com o que podem enquanto detêm a minúscula parcela de poder que liderar o país lhes concede.

### **34.1.1. DO PRESTE JOÃO**

A Abissínia do Preste João, suposto Rei católico que ali vivia, na zona alegada como território da Rainha do Sabá... As primeiras notícias chegaram à Europa em 1145, quando Hugo de Gebel, Bispo da colónia cristã do Líbano, informou o Papa de um reino cristão "para lá da Pérsia e da Arménia", governado por um rei-sacerdote denominado Iohannes Presbyter<sup>124</sup>.

A Etiópia (antes Abissínia, pelas regiões montanhosas) foi uma grande potência na África subsariana. Um grande contingente de judeus existiu ali desde o séc. VIII a.C., depois de ter emigrado do Egito ou depois de cruzar o Mar Vermelho vindos da península Arábica. Após a conversão, a Igreja Etíope ficou sob a autoridade da Igreja Copta do Egito com um Prelado nomeado pelo Patriarca do Cairo. Mais tarde, tornou-se na principal religião. O avanço dos conquistadores islâmicos, sécs. VII e VIII, isolou a Etiópia do resto da Cristandade. As Legiões do Profeta estenderam-se ao Egito e à Núbia (atual Sudão) mas a escalada islâmica esbarrou com as altas montanhas da Abissínia. Ao findar a era medieval os marinheiros portugueses navegavam por África e pelo Índico, em busca do fabuloso reino do Preste João.

Ao descobrirem os cristãos Etíopes, pensaram que o tinham encontrado, pois estavam sob a constante ameaça das Legiões do Profeta, comandadas pelo Sultão do Império Otomano. Os Etíopes pediram ajuda aos Portugueses que, em aliança com forças europeias e africanas entraram em batalha que perderam contra os turcos (1542). No ano seguinte, venceram a batalha decisiva e os islâmicos bateram em retirada.

*“Se abriram as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha em sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Uma das mãos apoiava uma cruz de prata (...). À direita, um pajem apoiava uma cruz de prata bordada em forma de pétalas (...) O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e uma camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante a uma batina de um bispo, e ia de seus joelhos até o chão (...)”<sup>125</sup>.*

Do ponto de vista português, os abissínios praticavam uma forma aberrante de Cristianismo, e havia que trazê-los de volta à autoridade papal de Roma. Os Etíopes não estavam interessados, as relações deterioraram-se, os Jesuítas permaneceram, primeiro tolerados, depois indesejados e, por fim, expulsos.

*A Etiópia permaneceu isolada do resto do mundo cristão até ao avanço das forças coloniais europeias nos finais do séc. XIX: franceses, italianos e britânicos tentaram colonizar o país sem o conseguirem. Os ingleses invadiram e derrotaram a Abissínia em 1868, sem a ocuparem. Os italianos lutaram em Adowa (1896), foram derrotados por um exército predominantemente nativo com equipamento bélico francês. Mussolini vingou-se da derrota militar e da afronta à dignidade italiana*

124 (João, o Presbítero, i.e., sacerdote ou ancião) e que seria descendente de um dos Reis Magos

125 (Francisco Alves, embaixador português enviado à Etiópia, século XVI)

quando invadiu, ocupou e anexou a Etiópia em 1936. Este período 1936-41 foi o único em que a Etiópia esteve sob o jugo duma potência estrangeira. O vírus comunista acabaria por infetar a Etiópia em 1974 quando o Imperador Hailé Selassié foi derrubado e substituído por uma Ditadura marxista. Durante dezassete anos de jugo comunista a economia etíope foi destruída, a fome devastou toda a terra e os conflitos fronteiriços alastraram à Eritreia e Somália. A Igreja sofreu perseguições sem conta durante o regime comunista - o Patriarca foi assassinado em 1974 - mas recuperou depois do governo representativo em 1991. A Etiópia é predominantemente cristã.

### **34.1.2. PONTES PORTUGUESAS**

Uma Ponte Portuguesa ali construída há séculos foi recentemente reconstruída.

*Durante a II Guerra Mundial, a Ponte Portuguesa na Etiópia, com 295 anos de idade - uma das quatro sobre o Nilo - foi seriamente danificada. Nas seis décadas seguintes, os esforços de reconstrução foram em vão. Em consequência, quem quisesse ir da província de Gojam até à de Gondar, tinha de atravessar suspenso por uma corda. Perdiam-se cinco vidas, por ano. Inspirado pela fotografia de um homem na perigosa travessia, Ken Frantz<sup>126</sup>, proprietário de uma empresa de construção, criou a "Pontes para a Prosperidade" para ajudar os 375 mil habitantes que viviam nos dois lados da Ponte Portuguesa e contou com o apoio financeiro dos rotários de Gloucester, dos de Adis-Abeba, e de sete voluntários dos EUA e da Etiópia.*

A empreitada foi muito mais difícil do que o esperado. O vão da ponte, com 1 km de extensão, a 40 km da cidade mais próxima, requeria 12 toneladas de aço, cimento e equipamento e tudo foi transportado no lombo de 350 burros. Durante duas semanas (fev 2002), os voluntários e 250 residentes, conseguiram reparar a ponte. Todo o trabalho foi executado à mão, e a maior ferramenta usada foi um martelo de pedra. Mais de mil residentes e autoridades estiveram na reinauguração. A Ponte Portuguesa em *Debre Libanos* a 100 km, norte de *Adis-Abeba*, foi construída no séc. XVI ou XVII. Há quem defenda que é mais recente. Esta Ponte fica em frente à Garganta de *Jemma*, sobre um pequeno tributário do Nilo Azul, perto do Mosteiro ortodoxo de *Debre Libanos*<sup>127</sup>.

*A segunda Ponte Portuguesa fica sobre o Nilo Azul - os Etiopes chamam-lhe *Abbay* -, a cerca de 35 km da cidade de *Bahar Dar*, 400 km a norte de *Adis-Abeba*. Foi construída no séc. XVII a curta distância da Cascata de *Tississat* (literalmente «A água que fumega»), que forma uma cortina de 400 m. de comprimento e 35 de altura.*

*Este espetáculo natural ficou seriamente comprometido com a construção de uma hidroelétrica. Os Chineses desviaram o rio para alimentar a nova central...<sup>128</sup>*

### **34.1.3. A ARQUITETURA DE PEDRA NA ETIÓPIA**

*De acordo com a lenda da fundação de Gondar pelo Rei Fasiladas, uma velha profecia proclamava que uma nova era para o Cristianismo na Etiópia se iniciaria quando um Rei justo estabelecesse a corte régia num local começado pela letra G. Os reis que precederam Fasiladas construíram castelos de pedra em *Gorgora*, *Gomangué*, *Guzara* e *Gânâtâ Iéssusse*. O conceito de acampamento real como centro político e cosmológico e o conceito de vida urbana na Etiópia alterou-se com a substituição de tendas semi-itinerantes por castelos em pedra e argamassa. Os primeiros castelos em pedra aparelhada foram construídos em *Dambiá* e no *Gôdjame*, após o estabelecimento dos portugueses (depois de 1543), e a simultânea ocupação da costa da Eritreia pelos turcos (1557).*

As residências reais são castelos quadrados em pedra ou argamassa, com cisternas adjacentes, com um suplemento permanente de água, rodeados por complexos de paredes circulares encimados por torres cilíndricas.

É provável que a arquitetura defensiva portuguesa e turca tenham tido uma especial influência na arquitetura militar etíope. A torre central do castelo de Fasiladas em Gondar (meados do séc. XVII) evoca as torres telescópicas da arquitetura militar portuguesa do início do séc. XVI. Outra influência é

126 um ex-rotário do RC (Rotary Club) de Gloucester-Point D.7610, EUA,

127 (Monte Libano).

128 <http://thumbs.dreamstime.com/x/ponte-portuguesa-50747823.jp>



detetada num pavilhão real no centro de um tanque em Âzâzô, inspirado na arquitetura dos pavilhões de lazer indianos: condutas levavam a água até ao telhado, e daí descia como ecrã pelas paredes, refrescando o pavilhão. O desenho das igrejas e residências católicas Etíopes do séc. XVII surge associado à presença no país, de missionários Jesuítas portugueses de Goa e Diu e resultaram possivelmente, de influências e trocas de saberes técnicos entre Etíopes, turcos, indianos e portugueses.

Para construírem as suas igrejas, os padres católicos recorriam a dois tipos alternativos de planta desenvolvidos pela Sociedade de Jesus na Europa:

- *O modelo da Igreja-salão (em Gorgora Nova e em Âzâzô), que responde a um conceito congregacional da comunidade religiosa;*

- *A Igreja cruciforme latina, onde o espaço interior é organizado com regras estritas codificadas no Concílio de Trento, iluminado por grandes janelas (a Catedral de Dancaze segue o mesmo projeto que a Igreja de Jesus em Roma, do arquiteto Vignola). A planta arquitetónica favorece a decoração das paredes interiores e arcos, tal como em Mertula Mariame.*

#### **34.1.4. QUEM ERA O PRESTE JOÃO?**

A lenda do Preste João foi alimentada por dois grandes grupos cristãos primitivos isolados da Cristandade ocidental e jamais submetidos à autoridade papal: os coptas, na Abissínia<sup>129</sup> e os nestorianos na Ásia, atingindo zonas da Índia<sup>130</sup>. Em todas as regiões o lendário Rei foi procurado, tendo sido encontrado um pouco por todas elas. À data das primeiras notícias do Preste, uma tribo turco-mongólica - Kara Kitai - conquistou Samarcanda (1137) e obteve grande vitória sobre o Sultão seljúcida do Irão Ocidental (1141). A notícia das vitórias destes inimigos<sup>131</sup> do Islão poderia levar a serem confundidos com um povo cristão, e é provável que estivessem aliados a tribos cristianizadas.

Outra teoria refere que João derive de Zan-hoy (meu senhor), tratamento do Imperador da Etiópia. Sob o domínio muçulmano, a região, que mantivera o contacto com o restante mundo cristão, encontrava-se isolada da Europa desde o séc. XI. O mito surgiu quando a Europa estava sitiada pelas forças do Islão (da Ásia Menor ao Norte de África) e com parte da Península Ibérica a servir de "ponta de lança" a um possível avanço dos "infiéis", pelo que se desejava um aliado poderoso que atacasse o inimigo pela retaguarda. A pretensa carta do Preste (1165) era uma mistificação, de caráter fantasioso. Não se sabe se era um embuste consciente para levantar o moral cristão, mas alargava a localização do mítico rei-sacerdote, ao mencionar "Três Índias".

*Talvez por, numa peregrinação à Terra Santa, ter encontrado peregrinos abexins (Etíopes) que lhe comunicaram o interesse do Imperador em instruir-se no catolicismo romano, foi, provavelmente, à Abissínia que Mestre Filipe se dirigiu, em 1177 com a resposta do Papa. Mas vieram da Ásia notícias relacionadas com um suposto descendente do Preste, o Rei David que, de acordo com a carta do bispo de Acre (1221) "... tinha três exércitos. Um deles mandado para a região do irmão do Sultão do Egito, o outro contra Bagdade e o terceiro contra Mossul.*

*E o Rei (...) apressa-se a alcançar a Terra Prometida, para visitar o sepulcro de Nosso Senhor e reconstruir a Cidade Santa. Mas é sua intenção (...) subjugar a terra do Sultão de Iconio, Caláfia e Damasco..."*

*Estava-se em presença de um terrível flagelo dos "infiéis". Se não era o Preste João, só poderia ser alguém com uma grandeza equivalente! ... as tropas do Oriente eram conduzidas por outro inimigo do Islão - Gêngis Khan, o conquistador mongol cujos domínios acabariam por se estender à Europa.*

*Durante as suas viagens (1271-1295), o explorador Marco Polo viria a identificar os tártaros como o povo do Preste João, embora em franca decadência, pois as reminiscências do antigo esplendor eram claramente ofuscadas pelo brilho da corte de Kublai Khan, a quem prestavam vassalagem.*

129 (atual Etiópia, cristianizada desde o séc. IV)

130 (os famosos "cristãos de S. Tomé", da costa do Malabar, cujas comunidades teriam, segundo a lenda, sido fundadas por aquele apóstolo, e da Tartária, onde foram convertidos os turcos Kereitas e tribos mongóis)

131 Ye-liu Ta-che usou o título Gur-Khan, em árabe Yuhanan, latinizado para Johannes. Khan, além de Yuhanan, pode ser confundido com Kham (sacerdote).

### **34.1.5. PRESTE JOÃO NA ABISSÍNIA**

Sendo infrutíferas as buscas pela Ásia, a Europa volta-se para a Abissínia (a "Média Índia"). Evangelizada no séc. IV, manteve-se cristã após as invasões árabes (séc. VII) e acabou isolada do mundo cristão ocidental.

*Segundo uma lenda, talvez forjada pelos próprios, com o intuito de convencer os súbditos da nobreza da sua linhagem, os imperadores da dinastia a partir de 1270 eram descendentes do Rei Salomão e da Rainha de Sabá<sup>132</sup> e usavam o título de Leão de Judá. É possível que, na Europa, a lenda acabasse distorcida e a salomónica ascendência transferida para um Rei Mago, adaptando-se à mítica origem do Preste<sup>133</sup>.*

*O isolamento da Abissínia até se libertar do domínio muçulmano, nos finais do séc. XIII, terá alimentado fantasiosas especulações sobre o país misterioso nos confins do mundo. Tal não impediu contactos pontuais entre peregrinos europeus e Etiópes, que os árabes ocasionalmente autorizavam a deslocar-se à Terra Santa, e esporádicas visitas de missionários católicos à Abissínia<sup>134</sup>.*

*Chegaram, a partir do séc. XIV, relatos fascinantes da região, "a terra do Preste João". Falavam de impressionantes basílicas chapeadas a ouro e do túmulo do apóstolo Tomé<sup>135</sup>, assinado na "Média Índia".*

*Se tivermos em conta que a cartografia medieval não dispunha da capacidade de representar o Mundo como um todo, recorrendo à justaposição de levantamentos parciais, distorcidos (era frequente o engano dos pontos cardeais), verificamos que a confusão tinha nexos. Ambas ficavam "para Oriente", onde se situava o paraíso terreal, e era necessário atravessar um "grande deserto arenoso", o Saara, o Árábico, o Negueve ou as grandes estepes asiáticas.*

*Na primeira metade do séc. XV o Imperador Yechak estabeleceu relações diplomáticas com soberanos europeus, como Afonso V de Aragão, propondo alianças contra os árabes, mas o interesse da Europa havia esmorecido, por se verificar um acentuado alívio da ameaça islâmica. Seria outro pequeno país, no extremo sudoeste do Continente europeu, a reacender o interesse na demanda do Preste João: Portugal.*

### **34.1.6. OS PORTUGUESES E PRESTE JOÃO**

Embora sem referência direta ao rei-sacerdote, Gomes Eanes de Zurara refere, na Crónica da Guiné, que um dos objetivos da exploração da costa africana foi procurar reinos cristãos. É natural que, durante a infância, o Infante D. Henrique escutasse narrativas sobre o Preste João (localizadas na Abissínia), reavivadas, na conquista de Ceuta (1415) em relatos de mercadores e prisioneiros, sobre grandes reinos a Sul do Grande deserto.

*A riqueza da costa ocidental africana e as teorias geográficas, que davam aquele Continente menos extenso em longitude do que realmente era, criaram a esperança de se poder atingir o reino do Preste por via fluvial, subindo os grandes rios que fluíam de Leste, dando a possibilidade aos navios portugueses de navegarem diretamente para a Índia e participarem no lucrativo comércio das especiarias.*

*Era uma das ideias de D. João II quando, em 1482, enviou Diogo Cão à foz do Congo. Tendo subido o rio, o navegador encontrou nativos amigáveis e permeáveis à fé cristã que lhe disseram serem governados por um poderoso Rei que residia longe, numa cidade real no interior e podia ser alcançada navegando ao longo daquele rio.*

*Tendo navegado mais para sul, Diogo Cão acabou por dar mais importância ao facto de atingir aquilo que julgou ser o extremo meridional de África (um erro que lhe valeria, mais tarde, cair em desgraça), mas durante as suas viagens um tal João Afonso de Aveiro regressou de Benim, onde estabelecera uma feitoria comercial e encontrara pimenta de boa qualidade, e relatou que "a vinte meses de jornada a partir da costa vive um Rei venerado pela sua gente de maneira igual àquela como o Papa é venerado pelos católicos".*

*Esta jornada de 1800 km conduzia diretamente à Abissínia. Mas D. João II pretendia saber mais do poderio do rei-presbítero e aprender sobre a Índia propriamente dita. Queria saber se o mar da Índia era rodeado de terra, como julgava Ptolomeu, ou ligado ao Atlântico. Desejava saber*

132 (a Sabá bíblica situar-se-ia no território do Iémen, do outro lado do Mar Vermelho)

133 (o nome pode provir do tratamento Zan-hoy dos soberanos Etiópes)

134 (a primeira embaixada oficial, enviada pelo Papa João XXII, chegaria em 1316)

135 tradicionalmente localizado em Meliapor, na Índia,

onde terminava a África. Enviou vários "espíões", entre eles seguiram, em 1490, Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã.

Tendo chegado juntos a Adén, no Iémen, dali partiu Afonso de Paiva, com o objetivo de visitar o Preste João, enquanto Pêro da Covilhã seguiu para a Índia. Visitou Cananor, Calecut e Goa e, cumprida a missão regressou ao Cairo onde os dois exploradores tinham combinado encontrar-se. Ali soube, por dois mensageiros de D. João II, que Afonso de Paiva tinha morrido antes de atingir o objetivo, sendo sua a missão de visitar o Preste na Abissínia.

Atingiu aquele reino em 1493, ficou, à semelhança com o que antes sucedera com vários emissários europeus, detido pelo Negus (o soberano), impedido de enviar relatórios (o Preste João temia que na Europa se soubesse que o reino não era, afinal, tão esplendoroso como se especulava). Não obstante, foi cumulado de honrarias e gozou de grande influência na corte abissínia, sendo encontrado vivo pela primeira embaixada oficial portuguesa a chegar em 1520.

Entretanto, o caminho marítimo para a Índia era finalmente descoberto por Vasco da Gama. Numa providencial escala em Melinde, na costa oriental africana, os portugueses foram muito bem-recebidos pelo Sultão local, cujo porte imponente os impressionou. Quando os indígenas se inclinaram e rezaram perante um altar num dos navios, os marinheiros concluíram que se encontravam perante um povo cristão (e os indígenas, por sua vez, devem ter julgado que os portugueses eram hindus). O entusiasmo cresceu quando Vasco da Gama foi saudado com os gritos "Krishna! Krishna!", que deve ter soado como "Cristo!"

Mais uma vez se encontravam sinais do Preste João, agora a sul. Seria o Rei de Melinde um vassalo do rei-sacerdote? As especulações terminam quando, em 1520, a embaixada chefiada por D. Rodrigo de Lima (que incluía o Padre Francisco Álvares, o cronista da missão), chegou à corte Etíope.

Era o fim da lenda e o início das relações diplomáticas com o país, sempre acompanhadas de uma forte ação missionária destinada a trazer aquele povo de volta ao seio do catolicismo.

Perante o ataque do Chefe somali Ahmad Al-Ghazi, aliado aos turcos, o Negus solicitou auxílio militar aos portugueses, que seria prontamente prestado por D. Estêvão da Gama, filho de Vasco da Gama e Governador da Índia. Ao contrário do esperado pelos monarcas europeus, era o Preste João a pedir ajuda.

#### **34.1.7. MITO CHEGA AOS NOSSOS DIAS**

No início do séc. XX missionários portugueses na Etiópia encontraram antigas espadas e bandeiras cristãs, transmitidas de geração em geração, com a lenda de pertencerem a um rei cristão de aparência divina. Seriam os mais recentes indícios da existência do Preste.

Em 1935 o Imperador Hailé Selassié (que, como os antecessores, usava o título de Leão de Judá) encabeçou a resistência etíope contra os invasores de Mussolini, sendo reinstalado no trono com auxílio britânico. No seu reinado a Etiópia afirmou-se, 1950-60, como estado neutral.

Devido aos problemas sociais, aos quais não deu resposta, foi deposto por um golpe militar (1974) e em 1975 morria o último descendente do Preste João.

A crença que o considerava uma espécie de messias deu origem ao movimento pan-africanista rastafári<sup>136</sup> que influenciou muitos descendentes de africanos e jamaicanos (de que o cantor Bob Marley foi um exemplo), na Grã-Bretanha e nos EUA. Real ou produto da imaginação medieval, o rei-sacerdote acabou por ser um verdadeiro aliado da Cristandade, pois a "busca do seu reino foi, sem dúvida, um incentivo e um catalisador da expansão europeia para Oriente".<sup>137</sup>

136 (do título Ras Tafari Makonnen atribuído em 1916 a Hailé Selassié),

137 BIBLIOGRAFIA:

- Albuquerque, Luís de. Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses – sécs. XV e XVI, Editorial Caminho, 1987
- Ao encontro do passado, 1ª edição, s.l., Seleções do Reader's Digest, setembro 1985
- Atlas do mundo e dos descobrimentos, s.l., Ediclube, 1992
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d.
- História do mundo - Rumo a um mundo novo (vol. VII) - 1ª edição, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, agosto de 1997
- Landström, Björn, A Caminho da Índia, 1ª edição, s.l., Publicações Europa-América, 1964
- Marques, António Gromicho P., Os Grandes Profetas, Almada, Gromicho, s.d.
- Mendanha, Victor, História Misteriosa de Portugal, 2ª edição, s.l., Editora Pergaminho, agosto de 1995
- O grande livro do maravilhoso e do fantástico, 2ª edição, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, dezembro 1979
- Os grandes exploradores de todos os tempos, 1ª edição, s.l., Seleções do Reader's Digest, maio 1980
- Santos, Frei João dos, Etiópia Oriental, Lisboa, Publicações Alfa, 1989

### **34.1.8. O NASCIMENTO DO MITO**

*A queda da cidade de Edessa, na Palestina (1144), após um cerco de vinte e oito dias por Imad ed-Din Zengi (general do Sultão Mahmud), foi o motivo da 2ª Cruzada. O banho de sangue que se seguiu à conquista causou comoção nos líderes europeus, como o cronista árabe Ibn al-Qalânisi relata: “Começaram o saque e a matança, a captura e a pilhagem. As mãos dos vitoriosos se encheram de dinheiro e tesouro, cavalos e presas de guerra o suficiente para alegrar e fazer com que as almas se regozijassem”<sup>138</sup>.*

Hugo, bispo de Jabala, foi enviado como embaixador do reino de Jerusalém e do principado de Antioquia para tratar com o Papa Eugénio III<sup>139</sup> em Viterbo<sup>140</sup> a possibilidade de nova cruzada. Ali se encontrava Oto Babenberger, alemão, bispo de Freising e tio de Frederico I, Barba-Ruiva, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico<sup>141</sup>. Oto registou na sua Crónica a notícia, mas estava na cúria papal com o objetivo de notificar Eugénio III da existência de um potentado cristão na Ásia, na fronteira com a Pérsia, que fazia uma guerra vitoriosa contra o mundo árabe<sup>142</sup>.

*O Rei que triunfava numa segunda frente de batalha contra o Islão num momento em que todos fracassavam, chamava-se Preste (padre) João. Era nestoriano, portanto herético.*

Mas que importava? Um aliado, herético, cristão, vencendo outra frente de batalha, minando o inimigo, o “outro”, alimentando esperanças de uma vitória final da verdadeira fé.

*“Seu exército era imenso: sua carta, destinada apenas a “Nossa Majestade”, afirma que sua milícia levava “treze grandes e altas cruzes, feitas de ouro e de pedras preciosas (...) e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados”<sup>143</sup>. Com este poderoso exército, Preste João teria conquistado Ectabana, capital persa, dirigindo-se para o norte.*

Foi assim que o mito de Preste João “entrou” na História, pelas mãos de *Oto de Freising*. O bispo, já na corte de Frederico I, Barba-Ruiva, provavelmente falsificou a carta, enviada em 1150 por Preste João ao Imperador bizantino *Manuel I Comneno*<sup>144</sup>, ao Papa e ao próprio Frederico. A carta contava as maravilhas do reino e espalhou-se pela Europa. Até ao séc. XV foram feitas traduções. As diferentes versões descrevem as maravilhas do reino.

*“As joias corriam nos rios, o Palácio do Preste João abrigava 30.000 pessoas à mesa, todos os dias... não contando com os forasteiros que chegam ou partem. E todos recebem ajudas de custo quer em cavalos quer em outras espécies”<sup>145</sup>.*

*“O Palácio era ricamente decorado. Tetos de cedro, cobertura de ébano, em seu cume dois pomos de ouro, portas de [pedra] sardónica, janelas de cristal, mesas de ouro e ametista com colunas de marfim.*

*Além disso, existiam seres fantásticos: “bois selvagens, sagitários, homens selvagens, homens com cornos, faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes, cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes e uma ave Fénix e todo o género de animais debaixo do céu.”<sup>146</sup>*

- Serrão, Joel, Dicionário da História de Portugal, Porto, Livraria Figueirinhas, 1990

- Teles, Pe. Baltazar, História da Etiópia, Lisboa, Publicações Alfa, 1989

- Velho, Álvaro, Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama, edição 149501/4337, s.l., Publicações Europa-América, s.d.

- Zurara, Gomes Eanes de. Crónica da Guiné, s.l., Livraria Civilização, 20 de janeiro 1973

In Jorge Manuel Moreira Silva 137. Primeiro-Tenente

138 (al-Qalânisi, 279-80) (Gabrielli, 1984: p. 50).

139 (Pisano, 1145-1153)

140 (Roma estava em poder de um grupo hostil ao Papa)

141 (1152-1190)

142 (in Runciman, The Orthodox Churches and the Secular State. By Steven Runciman. Auckland, New Zealand: Auckland University Press; New York: Oxford University Press, 1973: p. 229).

143 (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82)

144 (1143-1180)

145 (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82)

146 (Carta do Preste João das Índias, p. 56).

*“Entre nós não existem pobres. Não existe nem roubo nem rapina, nem o adulator ou o avaro têm lugar aqui. Não há disputa entre nós. Os nossos homens abundam em todas as riquezas.”<sup>147</sup>*

*Os súbditos eram abençoados por terem um Rei tão maravilhoso. A similitude com Salomão é clara: “A população de Judá e de Israel (...); comiam, bebiam e viviam felizes”<sup>148</sup>*. Preste João proclamava-se Imperador de 72 reis na Ásia - o número 72 era uma analogia a Isidoro de Sevilha:

*“De facto, segundo Isidoro de Sevilha, o mundo é formado por 72 povos (44: IX, 2, 2), e Preste João afirma na sua carta governar 72 províncias, cada uma delas tendo um Rei que lhe é tributário”<sup>149</sup>*.

*“Dessa maneira, não é de surpreender que, em 1177, o Papa Alexandre III<sup>150</sup> tenha enviado como embaixador para o reino de Preste João o seu médico particular, Felipe, solicitando ajuda contra os muçulmanos. A Igreja já nesse momento, também enxergava a possibilidade de se apropriar do mito. Ao que parece, Felipe terminou a missão na Abissínia sem nenhum resultado”<sup>151</sup>*.

Mas qual o interesse do bispo Oto de Freising em divulgar um Rei lendário, um reino fantástico e falsificar a carta? Devemos buscar no contexto político germânico as causas da atitude do bispo. Em primeiro lugar, as lutas internas no Império entre guelfos e gibelinos - guelfo<sup>152</sup>, tio do Duque Henrique da Baviera, que se opôs à eleição de Conrado III da Suábia, o primeiro da dinastia dos *Hohenstaufen*; gibelino<sup>153</sup>.

Outra questão era a disputa entre Frederico e o Papa Alexandre III<sup>154</sup> - com origem na Questão das Investiduras<sup>155</sup> - crise que assolou as relações entre o Império e o Papado, e a Igreja e as Monarquias europeias, de 1075 a 1122.

*Estas questões faziam do mito de Preste João um instrumento político nas mãos de Frederico<sup>156</sup> que, como Imperador, detinha o título de Rei da Lombardia e resolvendo assumi-lo, enviou a cada cidade lombarda um podestà - representante imperial - para governar em seu nome. O Papa Alexandre III, excomungou-o (1160).*

*A Liga Lombarda<sup>157</sup> venceu o exército germânico em Legnano (1176), obrigando-o a reconciliar-se com o Papa e a assinar um tratado restituindo o governo próprio às cidades italianas<sup>158</sup>.*

*O Imperador necessitava de apoio espiritual superior ao Papa, que desse legitimidade às pretensões de um grande Império contra o poder papal<sup>159</sup>.*

*Através de confluências mitológicas, o Imperador construiu a “ponte” com o Preste João que tinha elementos que o projetavam até ao nascimento de Cristo, na figura dos Reis Magos, que, na tradição oriental, seriam os ascendentes diretos<sup>160</sup>.*

#### **34.1.10. MARCO POLO E O PRESTE JOÃO**

*No séc. IV o reino etíope de Aksum converteu-se ao Cristianismo pelas mãos de Fromentius, monge sírio, sagrado bispo e Chefe espiritual da Etiópia por Sto. Atanásio, Patriarca de Alexandria<sup>161</sup>.*

*A Igreja etíope é, portanto, herética e cismática, seguindo o rito litúrgico e o calendário copta egípcio, além de costumes sincréticos, “danças arrebatadas, tambores, sacrifícios de cabras (...) interdição de entrar na Igreja no dia seguinte a relações sexuais e a observação do sábado em vez do domingo, da prática judaica”<sup>162</sup>*

147 (Carta do Preste João das Índias, p. 76).

148 (I Rs, 4,20)

149 (Franco JR., 1992: p. 39-40)

150 (nascido em Siena, 1159-1181)

151 (Runciman, 1973: p. 382).

152 de Welf ou Guelf. Mais tarde, na Itália, com as campanhas de Frederico contra a Liga Lombarda, guelfo passou a designar os partidários do Papa, e gibelino os partidários do Imperador.

153 de Waiblingen, aldeia pertencente aos Hohenstaufen

154 (poder temporal vs poder espiritual)

155 (ato físico de investir um clérigo com as insígnias do cargo)

156 (Franco JR., 1994).

157 cidades de Verona, Bolonha, Milão, Vicenza, Treviso, Pádua, Mântua, Bréscia, Cremona, Ferrara, Bérghamo, Parma, Módena e Piacenza.

A Liga Lombarda foi criada em 1167 após a tomada de Milão por Frederico (o Imperador arrasou a cidade, incendiando-a totalmente),

158 (Tratado de Constança, de 1183).

159 (Duffy, 1998: p. 108-109).

160 (Franco JR., 1994).

161 (Ki-Zerbo, sd: p. 118).

162 (Ki-Zerbo, sd: p. 118).



Antes de passar da Ásia para a África, é necessário mostrar que o mito mudou geograficamente de posição. Consideramos o testemunho de Marco Polo essencial para definir esse limite quando confirma a existência de Preste João na Ásia. Chegando a *Karakorum*, “cidade de três milhas de circunferência” na planície de *Tangut*, Polo relata que os tártaros, não tinham Rei, mas pagavam tributo ao Preste João, de que falavam todos, no Grande Império.

*“Os tártaros davam-lhe uma renda de dez cabeças de gado (o dízimo), mas o povo multiplicou-se, e, o Preste João decidiu dividi-lo por várias regiões, e enviar, para governá-las, alguns dos seus barões<sup>163</sup>.”*

Preste João governava um império de muitos povos. Os tártaros recusaram-se a obedecer; declararam-se revoltados, emigraram “para outro deserto” e elegeram *Gêngis Khan*. Quando se sentiu suficientemente fortalecido, *Gêngis* enviou emissários a Preste João, pedindo-lhe a filha para mulher. Este, ofendido, expulsou os mensageiros:

*“Dizei-lhe que o condeno à morte por ser traidor e desleal, e por ter a audácia de pedir a filha do seu senhor para mulher, e que eu o farei morrer de morte afrontosa<sup>164</sup>.”*

Preste João considerava *Gêngis Khan* um vassalo e, portanto, indigno de ser seu genro. *Gêngis* organizou um exército para o combater:

*“...na grande planície, Tangut, que pertencia ao Preste João, aparelhou os cavalos, e eram tantos os homens que não podiam contá-los<sup>165</sup>.  
Após consulta astrológica com dois cristãos - onde Gêngis soube da vitória - deu-se o combate durante dois dias. Foi a batalha maior e mais encarniçada que jamais viu o gênero humano.  
Houve grandes perdas duma parte e doutra, mas venceu Gêngis Khan a batalha, na qual morreu Preste João. Conteí-vos como os tártaros elegeram o primeiro grão-senhor e como venceram Preste João. Agora falarei dos usos e costumes<sup>166</sup>.”*

Sem dor, sem lamentação, Polo narrou a morte do mito, esperança última da Cristandade contra o Islão. Por quê? Polo é um homem novo num tempo antigo, colocado na curva de um tipo de mentalidade. Os seus olhos estão direcionados para a frente, para a troca, o comércio. O mito faz parte do passado, é intransigente e unilateral. Polo representa a multiplicidade, os dois mundos interagindo: a alavanca para o desenvolvimento, é veneziano...

Quando Polo “mata” o mito, contribuiu para a transposição geográfica: desejavam que Preste João existisse, o Ocidente tinha como sinal paradigmático a cruzada.

A Europa estava pressionada militarmente pelo Islão: o Império Bizantino e a Península Ibérica (no auge da Reconquista). Preste João era a esperança da abertura de uma segunda frente. Segundo Molat (1990, p. 35), o primeiro a situar o reino “ao sul do Egito” foi o cartógrafo genovês Angelino Dulcert.

O desconhecimento europeu em relação ao reino etíope, devido ao não-mapeamento das fontes do Nilo<sup>167</sup> criava um clima propício ao desenvolvimento de lendas maravilhosas. Conta uma delas que Makeda era a Rainha de Sabá (Etiópia) que seria o Reino de Aksum, mais tarde Império da Etiópia, que ocupava o sudoeste da península arábica<sup>168</sup>.

No entanto, a Rainha de Sabá foi provavelmente a soberana de uma das colônias Sabeias existentes na Arábia do Norte<sup>169</sup> e não se considera que Sabá correspondesse a Aksum. O Rei Salomão

163 (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 92).

164 (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 93).

165 (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 94).

166 (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 95).

167 (por terra havia o Deserto do Sudão e o Maciço Etíope)

168 (Ki-Zerbo, sd: p. 116).

169 (A Bíblia de Jerusalém, p. 525).

ofereceu à Rainha de Sabá tudo o que desejou e pediu, além dos presentes que lhe deu com munificência digna de Salomão. Depois ela partiu com os seus servos<sup>170</sup>.”

*O final da passagem bíblica permite a aproximação à tradição apócrifa: Makeda é seduzida por Salomão, dá à luz um filho chamado Menelike, sagrado Rei por Salomão “e voltará com um grupo de jovens notáveis à Etiópia, não sem terem subtraído a arca da Santa Aliança, para a honrarem em África”<sup>171</sup>.*

*Assim se inicia a dinastia salomónica na Etiópia, conferindo-lhe a condição mítica que desembocará na lenda de Preste João no séc. XIV.*

### **34.1.11. PRESTE JOÃO NA ÁFRICA**

O avanço do Islão chegou à Etiópia. Companheiros de Maomé, fugindo da aristocracia coraixita<sup>172</sup> refugiaram-se em Aksum (615), instigados pelo Profeta, que assegurara “*Se fordes para a Abissínia (...) encontrareis um Rei sob o qual ninguém é perseguido. É uma terra de justiça, onde Deus trará o repouso às vossas tribulações*”<sup>173</sup>.”

A Etiópia também é a terra das maravilhas. Mas a pirataria etíope no Mar Vermelho e razias nas costas árabes<sup>174</sup> levaram o Profeta, segundo outra tradição, a dizer: “*Evitai toda a querela com os Etíopes, porque receberam em herança nove décimos da coragem da humanidade*”<sup>175</sup>.” Agora, os Etíopes são inimigos dos árabes, portanto, amigos da Cristandade.

O início da dinastia Zagwés no século XII não interromperia o carácter maravilhoso da Etiópia iniciado na visita da Rainha de Sabá a Salomão<sup>176</sup>.

A Etiópia já possuía o seu santo católico: Lalibela, da dinastia Zagwés, rei piedoso que fundou inúmeras igrejas e mosteiros<sup>177</sup>.

Após a geografação feita pelo cartógrafo genovês Angelino Dulcert, temos o encontro em Nápoles de um dominicano siciliano, Pedro Ranzano, com um embaixador do soberano etíope Negus, Pedro Rambulo. O título oficial do Imperador era Rei dos Reis, que se explicava pelo grande número de príncipes da periferia do império que lhe reconheciam laços de vassalagem.

Tais laços eram consagrados através do casamento do Rei etíope com princesas árabes, em detrimento da monogamia cristã. Embora as princesas fossem obrigadas a converter-se, aconteciam casos de regentes filhas de príncipes muçulmanos, como, Helena, princesa que recebeu uma delegação portuguesa em 1520.

*A parte central do império estava sob a autoridade absoluta dos Negus*<sup>178</sup>. *O embaixador estava em missão junto ao Rei de Aragão, em 1450 e afirmou que o seu Rei era o verdadeiro Preste João, descendente direto da Rainha de Sabá, e o reino evangelizado pelo apóstolo Tomás*<sup>179</sup>.

*Além de transferência geográfica, percebe-se aqui outro elemento mítico: o Preste João começa a ser um título, intemporal.*<sup>180</sup>”

*A Europa receberia muitos embaixadores Etíopes a partir de então. As relações tornaram-se mais sólidas com a fundação do Colégio Etíope em 1474, pelo Papa Sixto IV (Savona, 1471-1484) e duas missões de Battista d’Imola (em 1482 e 1484)*<sup>181</sup>

170 (1 Rs, 10, 1-13).

171 (Ki-Zerbo, sd: p. 116).

172 (originalmente da tribo dos Quraish, do norte da Arábia, uma importante comunidade comercial de Meca. Lewis, 1990: p. 40-41),

173 (Ki-Zerbo, sd: p. 152).

174 (os Etíopes pilharam Jeddah, porto de Meca, em 702)

175 (Ki-Zerbo, sd: p. 153).

176 (Ki-Zerbo, sd: p. 155).

177 (Ki-Zerbo, sd: p. 153).

178 (Ki-Zerbo, sd: p. 229).

179 (Mollat, 1990: p. 37).

<sup>180</sup> (Braga JR., 1994: p. 20).

181 (Mollat, 1990: p. 37).

### 34.1.12. A “MORTE” DO MITO

No tempo do Rei Lebna Denguel<sup>182</sup> a regente Helena, princesa muçulmana convertida, mandou um mensageiro a Portugal, Mateo, o Arménio, durante escaramuças do reino etíope com as potências islâmicas da costa. Uma embaixada portuguesa foi enviada em 1520.

No entanto, os portugueses foram acolhidos sem entusiasmo, pois Lebna Denguel teria ficado decepcionado com os magros presentes. Quando lhe mostraram num mapa o pequeno Portugal em comparação com o seu reino (cuja extensão era exagerada por causa das técnicas de representação cartográfica), Lebna Denguel encheu-se de orgulho e ficou consternado com o fato dos reinos cristãos recorrerem às armas. Aceitou ceder Massawa como base naval a Portugal e prometeu a sua aliança contra os Muçulmanos. Por sua parte, pediu artesãos e médicos<sup>183</sup>

Na embaixada portuguesa encontrava-se Francisco Alves, padre e capelão.

*Devemos-lhe a primeira descrição do Preste João, foi o primeiro cristão a "ver", e, por conseguinte, "matar" o mito:*

*“Se abriram as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha na cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Uma das mãos apoiava-se numa cruz de prata (...)*

*O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante à batina de um bispo, e ia dos joelhos ao chão (...)*

*A sua postura e modos são inteiramente dignos do poderoso personagem que é<sup>184</sup>. O mito é uma das formas da consciência humana, “o exame dos mitos ilumina a estrutura dessa consciência.<sup>185</sup>”*

*A sua inexistência física amenizava os desgastes dos personagens concretos, talvez por isso “seu conteúdo mítico e sua longa duração.<sup>186</sup>”*

Acreditar no Preste João foi, para o homem dos sécs. XII-XV, a esperança da cruzada, um motivo para permanecer lutando, reconquistando. É esse espírito belicoso que insiste em renascer, mesmo com o racionalismo delirante que cresce, século após século.<sup>187</sup>

### 34.2. PORTUGUESES NA BIRMÂNIA

Da Abissínia vamos à Birmânia<sup>188</sup> onde os Portugueses andaram (facto igualmente esquecido hoje).

182 Incenso da Virgem 1508-1540 (Ki-Zerbo, sd: p. 57),

183 (Ki-Zerbo, sd: p. 57).

184 (Mollat, 1990: p. 39).

185 (Mora, 1982: p. 266).

186 (Franco JR., 1994).

187 Fontes: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Gabrieli, Francesco (selected and translated). Arab historians of the crusades. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.

Marco Polo. O Livro das Maravilhas. Porto Alegre: L & PM, 1994.

Braga Jr. Elói. "Introdução". In: Marco Polo. O Livro das Maravilhas. Porto Alegre: L & PM, 1994.

Cahen, Claude. Oriente Y Occidente en tiempos de las cruzadas. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989.

Duffy, Eamon. Santos & Pecadores. História dos Papas. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.

Franco Jr., Hilário. As utopias medievais. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

Franco Jr., Hilário. A construção de uma utopia: o império de Preste João. Conferência proferida em 12-10-94 durante o I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval e VI Simpósio de História Antiga, 10 a 14 de outubro de 1994, Porto Alegre (notas pessoais).

Ki-Zerbo, Joseph. História da África Negra I. Viseu: Publicações Europa-América, sd.

Lewis, Bernard. Os Árabes na História. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

Loyn, Henry R. (org.). Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Meier, John P. Um judeu marginal — repensando o JESUS histórico. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

Mollat, Michel. Los Exploradores del siglo XIII al XVI, primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Mora, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

Runciman, Steven. Historia de las Cruzadas II. Madrid: Alianza Universidad, 1973.

188 Myanmar

*Fernão Mendes Pinto voltou a Malaca, onde estava o seu Capitão e ao serviço dele, começou nova aventura. Tantos caminhos fez, tantas guerras viu e tantos países, que é impossível contá-lo.*

*O seu Capitão enviara-o à cidade do Martavão no golfo de Bengala. Ali foi aprisionado e feito escravo com os seus companheiros por um general do Rei da Birmânia.*

*Subindo o Ganges e o Bramaputra acompanharam o general até à capital do Calaminhão (Tibete?), observando as extraordinárias práticas religiosas.*

*Sucedem-se batalhas, cercos, marchas de exércitos de centenas de milhar de soldados, revoltas, traições, suplicios, no país devastado pela Guerra.*

*Aproveitando a confusão da batalha, os Portugueses escapam-se numa jangada nos rios que correm para o golfo de Bengala, e arranjam transporte para Goa.*

*As armas, as especiarias, a cruz e o amor são importantes para a fixação do homem luso.*

*Assimilou-se a outras etnias sem abandonar os filhos e casaram nos preceitos da Igreja Católica.*

*Formaram comunidades em Malaca e Singapura, adaptaram-se ao meio, foram amados pela magia da submissa mulher oriental.*

José Gomes Martins escreveu:

*O homem português na Ásia nunca esqueceu a pátria que o viu nascer. ... a migração continuou por séculos, mas fica-lhe para sempre na mente e no coração o amor pátrio.*

*Transmitiu Portugal à família constituída no sudeste asiático ou no Japão.*

*Podemos tomar o exemplo de Venceslau Morais, no exílio nipónico que embora escrevesse e enviasse dezenas de cartas e postais ilustrados a Francisca Paul, para Nelas, nunca referiu a intenção de regressar.*

*A memória do Cônsul de Portugal em Kobe, no Sol Nascente, ficou nos anais das relações entre Portugal e o Japão.*

*Fernão Mendes Pinto, regressou, pobre como Job, apelidado de mentiroso. Quando apoucado pela nostalgia, sentava-se na margem do Tejo, esperando as caravelas de velas desfraldadas, com a Cruz de Cristo, para saber novas.*

*O imaginário, "aldrabão" na mentalidade da época e acochado pela "gadanha" da censura da Santa Inquisição, reportou as realidades do Oriente como nenhum português na Obra, em dois volumes a "Peregrinação".*

*Os portugueses no sudeste asiático, são humildes, ordeiros, fiéis aos Reis que servem, como mercenários, do Sião ou Pegú (Birmânia).*

*Lutaram homens lusos, irmãos de sangue, em campos adversos, embrenhados na poeira provocada pelas patas, as bestas de guerra, dos elefantes. Milhares envolvidos como se fossem tanques nas guerras contemporâneas...*

*A 600 km de Bangucoque, os canhões portugueses, estão expostos num jardim público na cidade de Lampang, no norte da Tailândia, num fortim, no Templo Budista "Prakaew Dao Tao".*

*No museu, estão duas armas ligeiras da grande peleja...*

*O templo foi murado e no cimo foram montadas as tradicionais ameias portuguesas que trazidas para o Bangucoque moderno, foram imortalizadas no Grand Palace, na Montanha Dourada, e em outros sítios que ficam para sempre: Monumentos de Portugal na Tailândia.*

©José Gomes Martins

Miguel Castelo Branco escreveu:

*Se das colonizações britânica e holandesa nasceram estados, da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Em primeiro lugar, posto não existir correspondência direta entre o "Estado Português da Índia" e a presença portuguesa, podemos falar da presença multimodal, fluida, quase informal, tão diferente da praticada pelas companhias dos povos comerciantes, que usam o monopólio tentando destruir a concorrência. ... contávamos com fidelidades regionais que extravasavam largamente o interesse diplomático, comercial e político da Coroa.*

*A Língua Portuguesa era língua franca, "portugueses" eram todos os que professassem a fé católica, amigos e aliados, todos os que aceitassem, essa comunidade continental de comércio, favores, acolhimento e proteção.*

*As "lusotopias" não eram da Coroa: mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam na liberdade dos concelhos, na unidade religiosa das igrejas e na entreatajuda das Misericórdias.*

*Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem, na Birmânia, Sião, Malásia e na Indonésia há populações que orgulhosamente afivelam o nome de Portugal.*

*Os outros passaram. Nós ficámos, sem subsídios, sem apoios e sem estímulo do Portugal distante, abúlico e “europeu” que regrediu para a visão tardo-medieval dos contactos internacionais: Antuérpia e Bruxelas, a costa da Guiné e pouco mais.*

*Felizmente, a “Ásia Portuguesa” está para além das Portas do Cerco, do bazar de Dili e dos ananizados limites de Goa.*

*Pede-se hoje, no limiar de um século que será o século chinês, que os decisores de Lisboa abram os olhos e tirem partido da imensa vantagem que foi, é e será se o quisermos, a grandeza do nome de Portugal em terras da Ásia.*

© Miguel Castelo Branco<sup>189</sup>

Carlos Fontes escreveu:

*Em 1511 Malaca era um centro económico transbordante de riqueza. O Sultão foi mandado para o exílio depois de Albuquerque a conquistar. O talentoso e ilustre diplomata, conquista Ormuz (1507) e Goa (1510).*

*O Mar Vermelho, está na posse da navegação portuguesa com o controlo marítimo em direcção ao Mediterrâneo. As embarcações do Império Otomano depois de vários embates com os lusos, já não assustam Albuquerque.*

*Pretende ir mais além: o senhorio absoluto do comércio da Costa do Coramandel na Baía de Bengala, Pegú (Birmânia), Malaca, Samatra e Sião (Tailândia), estendendo-se ao Japão.*

*Albuquerque não é apenas um guerreiro indomável. É um diplomata, negociador inteligente, que prefere tratar dos assuntos pacificamente que o servir-se das armas. Não pretende conquistar países, deseja, apoderar-se dos grandes pontos estratégicos de permutas e comércio.*

*De forma alguma quer perder embarcações e homens em lutas desnecessárias. Faz-lhe falta, a administração do empório de Malaca onde chegam têxteis da Índia, sedas e cerâmicas da China, cravo das Molucas, noz-moscada de Banda, papel de arroz de Samatra, cânfora do Brunei, sândalo de Timor, pau-santo, benjoim, chifres de rinoceronte, marfim, pérolas, carpetes, adagas, batiques de Java.*

*Os mercadores do Cairo, Meca, Adén, Ormuz e da África Oriental, chegam a Malaca com embarcações carregadas de armas, tapeçarias, talheres de cobre, ópio, água de rosas, estoraques e incenso.*

*Juncos chineses aportavam com seda em bruto para manufaturar em vestidos brocados em relevo, drogas aromáticas, coralina e marfim.*

*Do Sião barcos com carregamentos de laca, madeira de teca, pedras preciosas, roupas siamesas, pimenta, metais diversos que permutam por escravos ou mercadorias.*

*Da Birmânia arroz, produtos agrícolas, rubis, estanho e prata.*

*De Palembang, Samatra, escravos, ervas medicinais e produtos alimentares conservados. A presença portuguesa foi particularmente forte nos sécs. XVI e XVII, sobretudo em Pegú.*

*Entre as grandes feitorias portuguesas destaca-se Serião (1599-1613).*

*Muitas palavras birmanesas são de origem portuguesa: Lelain - Leilão; Tauliya - Toalha; Natatu - Natal; Balon - Bola, Balão, Waranta - Varanda.*

*In Carlos Fontes<sup>190</sup>*

*Num interessante guia para a Birmânia<sup>191</sup> Further India de Hugh Clifford<sup>192</sup> publicado em 1904, o autor, acérrimo defensor do sistema colonial britânico, descreve de modo isento para a época, a epopeia do desbravamento dos territórios pelos ocidentais, desde os árabes, aos primeiros portugueses, como Albuquerque e outros (the Filibusters), com nomes desconhecidos para a maioria: António de Faria, António de Miranda, Duarte Fernandes, Ruy de Araújo, Francisco Serrano, António de Abreu, Pedro Afonso de Loroso, e o conhecido Fernão Mendes Pinto, os exploradores franceses Mouhot e o famoso Francis Garnier a quem se atribui erradamente a descoberta de Angkor Vat, os holandeses e finalmente os inúmeros ingleses.*

189 [http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses\\_oriental.php](http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses_oriental.php)

190 <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexOP.html>

191 além do sempre útil Lonely Planet Myanmar - Burma, edição de 2005), e do Guide du Routard

192 (edição White Lotus Co., Banguetcoque 1990, 378 páginas).



*O termo de flibusteiros aplicado aos primeiros exploradores portugueses, deve-se a, de todos os povos que exploraram o sueste asiático, serem os únicos que construíram fortes, impuseram a religião, e comercializaram pela força. Até então, eram os árabes os únicos cuja influência se alastrava até oriente, e nunca se imiscuíam na política local.*

*O sucesso dos holandeses e ingleses deveu-se a só quererem o comércio, nunca as terras nem as almas. A colonização veio depois...*

*Essa perspectiva é nova, para os que cresceram no mundo paroquial da epopeia quinhentista da História do Adolfo Simões Müller.*

*Muitos sentem-se afrontados ao lerem opiniões sobre Vasco da Gama diferentes das que o ensino oficial da Ditadura inculcou.*

Como acontece com a Birmânia, a religião predominante e o alfabeto tailandês<sup>193</sup> servem de prova da influência cultural indiana durante o primeiro milênio, embora os primeiros relatos históricos só comecem no séc. X.

Tal como os magiares na Hungria vão buscar as origens às estepes asiáticas, também o santuário original dos *Thais* fica na China, na província de *Iunão*, de onde se deslocaram para sul entre os sécs. X e XII desalojando e pressionando o reino *khmer* para sudeste e para o atual Camboja.

*No ano de 849 d. C. criaram um reino cuja capital era Pagan (Bagan), liderado por Anawrahta que atacou a cidade Mon de Thaton em 1057. Myanmar está unificado.*

*Em 1277 o último governante, Narathihapate, atacou os mongóis na batalha de Ngasaunggyan, mas acabou derrotado e o reino acabaria por se desintegrar no reinado do filho na batalha de Pagan (1287) sendo administrado por um mongol...*

*Os europeus tinham chegado transformando a região num importante centro comercial. Tabinshwehti reunificou o que agora é Myanmar e o cunhado Bayinnaung (1551-81) conseguiu grandes conquistas, incluindo Ayutthaya, mas as rebeliões e as incursões portuguesas levariam a que a dinastia, sediada em Pegú se movesse para o norte e fundasse uma segunda dinastia Ava ou Dinastia Restaurada Toungoo (1597-1752).*

*O fim desta chegou em 1752, após rebeliões dos Pegú, expulsos em 1753 na dinastia Konbaung formada por birmanes (aparentados com os Ava), reconquistando enormes territórios e aniquilando os Mon enquanto repeliam os Chineses.*

*Em 1824 o Rei Bagyidaw conquistou Assam despertando a inimizade dos hindus e dos britânicos, que após várias guerras proclamavam um Protetorado Britânico em 1886 com capital em Rangum. Naquilo que hoje é a Tailândia e se chamava Sião, em 1350 surge um príncipe que funda a capital central em Ayuthia.*

*Tornou-se um reino com um elevado grau de sofisticação, como os portugueses vieram a descobrir quando se tornaram potência vizinha, ao conquistarem Malaca em 1511, e o Sião esteve envolvido numa luta épica com os birmaneses que venceriam nos finais do séc. XVI. Mas a infiltração europeia acabou por ser bloqueada com a expulsão de todos os comerciantes europeus da capital e o fecho das feitorias em 1688. Do contacto ficou a norma, que perdurou por mais de 300 anos, da corte siamesa empregar o português como idioma diplomático, para desconcerto do embaixador norte-americano que ali apresentou credenciais no séc. XIX.*

*Os conflitos entre tailandeses e birmaneses reacenderam-se no séc. XVIII, com vantagem para os segundos que conquistaram e destruíram a capital siamesa em 1767. Mas o estado veio a recompor-se em 1782 com um general que se veio a coroar (fundador da dinastia atual) e fundou Banguecoque, atual capital, a pouca distância da anterior.*

*Expulsos os birmaneses para Oeste e dada a fraqueza dos Khmers, o Sião acabou por descobrir novo inimigo histórico nos vietnamitas com quem houve choques durante a primeira metade do séc. XIX. No entanto a influência siamesa recuou substancialmente com a chegada dos franceses à Indochina (1859), com as suas fronteiras orientais a só ficarem definidas em 1910.*

Jorge Morbey escreveu ao Presidente da República (Cavaco Silva) uma longa missiva da qual extraio excertos:

---

193 (embora a religião seja a mesma, os alfabetos são distintos, mas de inspiração comum)

“... Como referiu o Arcebispo Emérito de Mandalay, na Birmânia, U Than Aung - descendente de portugueses - onde a maioria do clero católico é de origem portuguesa e cuja Comunidade tem as suas origens na cidade de Pegú no ano de 1600, quem nunca recebeu a mais tênue manifestação de solidariedade de Portugal nada tem a esperar daí.

Na verdade, o que poderão as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente esperar de Portugal? A incapacidade de Portugal nesta matéria tem sido uma evidência secular, filha da ignorância e do preconceito.

A pequena Cristandade Crioula Lusófona de Korlai [Chaul], na Índia, somente em 1982 seria revelada ao Mundo pelo etnólogo romeno Laurentiu Theban. O seu crioulo é designado por Kristi.

A Cristandade Crioula Lusófona da Birmânia – Myanmar – já não usa a língua crioula e, ao contrário das demais, perdeu os nomes e apelidos cristãos, apesar de fiel à religião católica.

As Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente - gente simples e temente a Deus - na ignorância dos conflitos entre Portugal e a Santa Sé, lutaram anos sem fim contra as novas autoridades eclesiásticas.

Durante décadas pagaram o elevado preço de lhes serem recusados os sacramentos a que só esporadicamente tinham acesso quando aportava um navio com um sacerdote. Clamaram pelo envio de clero. De Portugal, de Goa ou de Macau. Em vão.

A firme identidade das Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente, ainda hoje, evita o casamento dos seus membros com indivíduos exteriores a elas e prefere que os futuros cônjuges provenham do seu seio ou de outras Cristandades, ainda que distantes.

Quando assim não acontece e o casamento une um membro da Comunidade a alguém que a ela não pertence, a regra é a conversão deste à religião católica e a aprendizagem da língua crioula.

Algumas dessas comunidades desfrutam de um status social positivo nos países onde vivem.

Outras são socialmente desqualificadas e os seus membros são depreciativamente designados por “negros”, apesar da cor mais clara - da pele, do cabelo e dos olhos - relativamente aos naturais com outras origens.

Onde se verifique a existência de uma significativa percentagem de membros destas comunidades no clero católico, isso parece resultar da intensa discriminação de que são objeto no acesso ao ensino público e ao mercado de trabalho - público e privado.

A abertura dos mares à navegação de outros países, além de Portugal e de Espanha, foi o resultado da perda do exercício do poder central europeu pela autoridade pontifícia - que vigorava desde a queda do Império Romano - por ação da Reforma iniciada com Martim Lutero.

A transferência de domínios entre países europeus - de Portugal católico para a Holanda protestante, principalmente - constituiu o pano de fundo em que emergiram as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente.

Com a substituição da dominação portuguesa pela holandesa, permanecendo nas terras que as viram nascer, deportadas para outras paragens ou forçadas à emigração, essas comunidades mestiças talharam identidade que perdurou até hoje, assente em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula. A religião católica fora trazida pelos portugueses, diretamente de Portugal ou através de Goa - a Roma do Oriente.

Convertidos ou nascidos nela, com ela haveriam de morrer, geração após geração. A sua língua - o crioulo - era a Língua Portuguesa na formulação que lhe garantia o estatuto de língua franca no litoral da Ásia e da Oceânia, desde o séc. XVI até à substituição pelo inglês, no séc. XIX.

Holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses não podiam prescindir de um “língua” [intérprete] a bordo para poderem comerciar nos portos do Oriente, na língua que era - nada mais, nada menos - aquela que as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente falavam e, muitas delas, ainda falam.

Tratados, entre esses países europeus e poderes locais, foram firmados nessa língua, por ser a única a que os europeus podiam recorrer para comunicar no Oriente, ainda que contra os interesses portugueses. Ainda hoje, em muitas partes “Cristão” [Kristang] e “Português” [Portugis] são sinónimos. Tais irmandades permaneceram até aos nossos dias e conservam prerrogativas que limitam a autoridade dos párocos, o que é visível em celebrações onde os sacerdotes se limitam à Eucaristia e à Confissão dos fiéis porque, em tudo o mais, quem manda é a Irmandade.

Perdida a confiança que a Santa Sé depositara desde o séc. XV em Sua Majestade Fidelíssima o Rei de Portugal, na sequência do corte de relações diplomáticas por iniciativa do Governo liberal em 1833 e a extinção das ordens religiosas por decreto de maio de 1834, o Padroado Português do Oriente sofreu um golpe mortal, na Índia, no Ceilão - hoje Sri-Lanka -, no sudeste asiático, na China e na Oceânia. Permanecendo, aqueles que podiam, nas missões, os missionários religiosos do Padroado não seriam substituídos pelos seus confrades.

*O clero secular de Goa, numeroso e bem preparado, acorria em socorro das Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente que iam ficando sem religiosos. Quase sempre em vão.*

*Mas a língua crioula falou-se também nas Cristandades Crioulas Lusófonas da Tailândia - Ayuthia ou Ayutthaya e, posteriormente, Bangucoque - até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos de uso corrente no relacionamento familiar e nas práticas da religião católica.*

*Na Indonésia, além de Java, na ilha das Flores [Larantuka e Sikka], nas ilhas de Ternate e Tidore e em Bali. Em Timor [Lifau e Bidau].*

*No Bangladeche - Chittagong e Dacca - até aos anos 20 do séc. XX era muito viva a presença da língua crioula nas Cristandades locais.*

*Em Dacca existe ainda vocabulário crioulo entre os católicos locais.*

© Jorge Morbey ex-adido cultural na Embaixada de Portugal na China<sup>194</sup>

Por isso tudo recordo um grande universalista português. No último canto de “Os Lusíadas”, o décimo, Vasco da Gama, o almirante herói, é recebido pela deusa Tétis na Ilha dos Amores.

Lá, naquele espaço encantado, ela descortinou a Máquina do Mundo, a visão do Cosmo e dos continentes da terra recém-descoberta pelos feitos dos lusos, cena que coloca o poeta português como quem por primeiro, no campo das letras europeias, percebeu os efeitos irreversíveis da globalização que então dava os seus primeiros passos.

*"Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea elemental, que fabricada  
Assim foi do Saber, alto e profundo,  
Quem é sem principio e mete limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e superfície tão limada,  
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende"  
(Canto X, 80)*

*“É então que a deusa, abrindo os braços para enfatizar a amplidão de tudo aquilo, a magnitude do reino augusto, aponta ao Gama as mais diversas regiões do mundo. Povoam-na “gente sem lei”, a bruta multidão, “bando espesso e negro de estorninhos”, do império do Benomotapa (Zimbábue) à Taprobana (Sri-Lanka)”.*

*Todos eles estão à espera da chegada da cruz, desenhada na vela principal da nau dos argonautas Lusitanos. Mostra-lhe então o Mar Vermelho, o Monte Sinai, a secura dura e arenosa da Arábia, o Rio Tigre e Eufrates, o planalto dos cavaleiros da Pérsia, o estreito de Ormuz, o Sind, a terra dos Brâmanes onde S. Tomé tentara a conversão dos gentios, o Rio Ganges e o Indo, a terra da Birmânia, o império do Sião, a Ilha de Sumatra, a ponta estreita de Singapura, o Camboja e o rio Mekong. Em seguida, margeando a costa da Cochinchina (o Vietname hoje), mostrou-lhe a China e mais longe o Japão, regiões de onde vinha a maravilhosa seda e o ouro fino. De tudo aquilo desprendiam-se o aroma do cravo, da noz-moscada, do licor perfumado do benjoim, do coco do mar, do incenso da mirra e do precioso âmbar, de onde se extraem fragrâncias mil.*

*Tétis voltando-se para o outro lado da Terra, apontou para as partes recentemente conquistadas pelos castelhanos, que lançaram o seu rude colar sobre as gentes cativas do Novo Mundo. Enquanto isso, da Terra de Sta. Cruz, do litoral do Brasil, o braço lusitano já carregava o tronco vermelho, o Ibirapitanga dos nativos, para dele extrair as tintas para os panos de todos.*

*Reembarcados os portugueses, partindo da Ilha dos Amores, aos adeuses no convés, velas soltas ao vento em mar tranquilo, manso, carregados de refrescos e iguarias deliciosas, navegaram então de volta à boca do Tejo. Todos eles estavam convencidos de que os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam a um só reino, nação ou sequer a um hemisfério.*

Somente gente surda e endurecida, não reconheceria que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçado para sempre povos e continentes num destino em comum. Ainda hoje estou rodeado dessa gente surda e endurecida.

## CRÓNICA 35 DO NATAL, 30 dezº 2006

Já o disse e torno a repetir, o Natal da minha infância é diferente dos atuais e nunca mais será mágico como dantes. Era a festa dos bolos e doces minhotos e transmontanos (aletria, sopa dourada, filhós, formigos), do execrável polvo e arroz e dum segundo prato de bacalhau com todos, cozido na noite de consoada, acompanhado dos típicos vegetais (pelo menos dois tipos de couves) e batatas, cenoura, cebola e ovo.

Era o tempo dos presentes no sapatinho, um presépio com musgo autêntico (agora é proibido apanhar musgo, dá multa e tudo), um pinheiro que se ia buscar nem eu sei onde, mas que era autêntico (ainda não havia movimentos ecologistas na época) e que, uma vez bem me recordo, veio de Sto. Tirso (Negrelos). As velas eram verdadeiras e as bolas da árvore eram poucas e caras.

Era a festa do nascimento do Menino Jesus, Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade. Era também a festa dos pobres pois vivia-se na era da caridadezinha cristã que o Estado Novo incentivava. Eles até nem faziam grande festa, mas os ricos e os remediados, como nós, dedicavam alguns minutos do seu precioso tempo a pensar neles e a dar-lhes alguma atenção, nuns mimos que a criada ia entregar (ainda se não chamavam empregadas domésticas na época) com uns tostões mais do que era habitual.

Lembro que já devia haver muitos pobres pois era um constante rodopio de gente a bater à porta, pela hora do jantar, *“desejando a Bossência e excentíssima família Boas-Festas e um Próspero Ano Novo”*.

Havia muitos com cartões de Natal, impressos propositadamente para a ocasião, que depois se juntavam num monte para ver quem tínhamos ajudado: o carteiro, os homens do lixo (então chamados lixeiros), os cantoneiros, o guarda-noturno, os homens da água e saneamento (eram os *SMAS* na época), da eletricidade (pré-*EDP*), dos jardineiros da Câmara, dos bombeiros, dos limpa-chaminés, dos varredores de rua e o mais que me não lembro.

Esses desprotegidos ainda não tinham direito a subsídio de Natal e dependiam da bondade alheia para se darem ao luxo de celebrar o Santo Natal. Havia também os *“habitués”*, os pobres de pedir, regulares visitantes da nossa aldraba de porta, que na época tinham também um *“mimo”* extra, fosse uma *“rabanada”* ou uma sopa quentinha.

Nessa época abria-se a porta quando alguém tocava, pois não se tinham inventado os olhos mágicos que deixam fora de portas quem se não quer receber. Os *“nossos”* pobres tinham dias certos para a esmola, quase como quem vai receber o soldo ao fim da semana de labuta. As criadas impantes (na sua superioridade de assalariadas sob um teto confortável) desprezavam estas criaturas, por temor de um dia se inverterem os papéis.

Era importante para nós, crianças, vermos que havia desprotegidos, a quem a sorte não tocou, e para quem, estranhamente, ou, melhor dizendo, infantilmente, nos interrogávamos porque é que a sorte lhes era madrastra. Eram todos servilmente submissos e atenciosos, de chapéu na mão (ainda se usava) a pedir *“por alminha de quem lá tem, meu rico menino”* ou outra frase do género, que sempre me impressionava. Sentia-me feliz quando entregava a oferenda minúscula dumas moedas que faziam sorrir essa velha cara, a retirar-se às arrecuas, de chapéu na mão, dizendo *“Bem-haja, muita saudinha para si e para os seus”*.

*Isto tudo vem à lembrança porque – tal como em anos anteriores - no Natal chamo o meu filho mais novo e digo-lhe para fazer uma seleção dos jogos e brinquedos, menos utilizados ou que já perderam a atração, para os dar a outros mais necessitados.*

*Já o fazia em Sydney na Austrália com a minha filha, e depois com o mais novo, em Bragança e no Porto, mas aqui nos Açores este foi o primeiro Natal e embora haja pessoas mais carenciadas não me batem os pobres à porta nem os conheço.*

*Bêbedos há muitos, mas pobres só os vi em Ponta Delgada e na Ribeira Grande.*

*De qualquer forma juntou tudo num saco, e acabou por decidir oferecer a um dos amigos locais mais necessitados (dez filhos, espalhados por várias casas, dado que os pais não os podem ter a todos numa só).*

Mas o que não esqueço este ano, é o olhar dum desses miúdos mais desfavorecidos ao entrar no café da esquina, dia 25, com uma guitarra de plástico, das que custam um euro ou dois nas lojas dos chineses, com o ar de quem tinha acabado de adquirir o último modelo *Porsche Carrera*. Era o miúdo mais feliz do mundo, mais orgulhoso e rico de toda a aldeia. Queria mostrar a sua guitarra e felicidade a todos, para ele o Natal valeu a pena.

*Nós repetimos um Natal em família com a qual os laços se haviam entrecortado pela distância e pelo tempo nos idos de 1960. Com efeito, estes meus primos emigraram para aqui, um deles, o médico radiologista, em meados da década de 60 do século passado e o outro após a Revolução dos Cravos em virtude desta lhe ter trazido mais espinhos que flores. A nova geração e o filho desse primo<sup>195</sup> (trinta e poucos anos) consegue ter uma casa suficientemente grande para albergar quatro dezenas de pessoas (5 ou 6 crianças) e permite este franco convívio que tanto me faz lembrar Páscoas antigas e Natais doutros tempos em que nos juntávamos com os tios direitos e primos direitos (éramos então 21). Foi interessante falar com os mais velhos e trocar impressões com os mais novos. É isto que há muito se está a perder em troca da televisão de gosto duvidoso: a perda dos laços familiares, das conversas, das trocas de experiências intergerações.*

Os pais dificilmente têm tempo ou espaço para dialogar com os filhos e noutros casos apenas encontram os netos mais novos como interlocutores. Os jovens deixam de conhecer a família, para além da que lhe é imediata e mais chegada, perdem-se o contacto com tos, tios-avós, primos direitos, segundos e terceiros. Os da minha geração, se se esforçarem como eu tento, podem ainda manter o contacto com os primos segundos e terceiros, mas os meus filhos já não sabem quem são esses, e muito menos os filhos e netos deles.

Nalguns casos podemos todos ostentar o mesmo apelido sem sabermos que somos da família. Felizmente com o sobrenome *Chrystello*, sempre que aparece um vou logo perguntar de quem é filho ou neto.... e já conheço via internet uma mão cheia de filhos primeiros e segundos em Portugal e no Brasil e até mesmo na Austrália para uns primos mais afastados. Há experiências de vida que seria útil partilhar e trazê-los de volta a um tempo em que a família era alargada, mas convivia, nas festas de natal e Páscoa.

Lembro-me da série *Família Forsyth* e creio que aquilo que se passou na mudança do século XIX para o XX está a suceder a um ritmo bem mais acelerado. Qualquer dia só nos conhecemos virtualmente através do *Facebook* ou qualquer outro instrumento virtual. Talvez seja melhor e assim haja menos intrigas e desavenças familiares. É mais difícil brigar com estranhos, em especial se não soubermos que são da mesma família...

*Bem, resumindo foi um Natal à moda antiga. Para a Passagem de Ano recusamos convites e decidimos passar só os três aqui no conforto da nossa casinha, vendo na TV fogos-de-artifício alheios (em todo o mundo) e sonhando com os sítios aonde não fomos e recordando aqueles onde já estivemos.*

*Termino com os votos de que 2007 vos traga saúde e mais força de vontade para lutar as pequenas batalhas diárias e que estas nunca se tornem em guerras. Dinheiro apenas vos desejo suficiente para sobreviverem porque mais do que isso traz vícios. Já pude comprovar que o dinheiro não traz felicidade a ninguém, ao contrário do que as revistas cor-de-rosa indiciam.*

---

<sup>195</sup> [Curiosamente depois da morte do pai desse primo em 2013, nunca mais os filhos fizeram convívios nem connosco com o outro tio e primos...]



## **CRÓNICA 37. *I HAD A DREAM*<sup>196</sup>, DOS FILHOS E DOS PAIS. 18 fevº 2007.**

### **37.1. *I HAD A DREAM...***

*Uma certa madrugada, quando a Lomba da Maia (fevereiro 2007) e mais de 99,9% da população do arquipélago dormia, deliciava-me com um espetacular concerto de André Rieu no Radio City Music Hall em Nova Iorque e sonhei que com o dinheiro necessário para trazer os mais de cem elementos do grupo Johann Strauss, que acompanha André, se obtinham melhores resultados para a educação musical das massas do que todos os orçamentos dos Ministérios da Cultura desde 1975.*

*Era bonito ver as crianças e os adultos impelidos por aquela explosão musical saltarem a dançar para as coxias daquele espaço, com capacidade para mais de 10 mil pessoas.*

*Era belo ver as lágrimas comovidas dos espetadores ao ouvirem óperas célebres ou a mais mundana Amazing Grace naquela partilha completa entre a orquestra, cantores, músicos e população.*

*Sonhei que era possível colocar as crianças açorianas a gostarem de música, dita clássica, e a ouvirem peças de Strauss a Mozart e outros sem as associarem a jogos de PlayStation.*

*Então, acordei e vi que a RTP só dava programas com interesse a partir das 3 da manhã, porque o que o povo gosta é de telenovelas...*

### **37. 2. O DESAFIO DO SÉCULO XXI.**

*O governo central em Lisboa esvazia de serviços o interior profundo e as pessoas são forçadas a buscar oportunidades na costa, junto das metrópoles Lisboa e Porto. À medida que esvaziam as escolas, os politécnicos e universidades do interior, ficarão, apenas, os velhos abandonados.*

*Dantes, havia o prestígio dos filhos estudarem cursos superiores, mas o desemprego dos licenciados vai aumentar; quando os cursos superiores deixarem de equivaler a empregos e respeitabilidade, irá acentuar-se o fosso entre a cidade e as vilas e aldeias.*

*Os jovens raramente regressarão aos locais de origem, que, sem importância ficarão - cada vez mais - desertos.*

*Mesmo que houvesse emprego, não haveria escolas, hospitais ou outros serviços nos locais de origem. Será o continuar da agonia dos mais velhos e das pessoas do interior, que se recusam a abandonar as suas terras e a sua herança patrimonial.*

*Assim, enquanto caem pontes em Entre-os-Rios e comboios no Tua, as faraónicas obras e elefantes brancos do TGV e Ota só servem para mascarar o país que somos.*

### **37. 3. O SILÊNCIO DOS BONS.**

*"O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-carácter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons"*

*Martin Luther King*

*"... O que podes fazer pelo teu país"*

*perguntou J. F. Kennedy.*

Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção. Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos.

Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas.

Quero políticos a pensarem no país, a congelarem 150 deputados inúteis, a desburocratizarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão.

Quero-os num Hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o seu número na fila sem privilégios nem mordomias, sem um médico de família como milhões de portugueses. Sonhei que o país tinha deixado de ser Lisboa.

Sonhei com aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados, e os mais idosos a usufruírem boas reformas.

Não posso continuar silente e tenho de erguer o meu grito de revolta porque aquilo que todos ouvimos é apenas o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética.

#### **37. 4. DOS FILHOS E DOS PAIS.**

Ando há meses a matutar neste tema. No princípio do ano nada há a assinalar, a não ser a repetição de tradições: o dia dos amigos, uma semana depois o das amigas, ora deturpados das origens e uma mera desculpa para umas jantaradas e sessões de *strip*. Entretanto começaram também quarta-feira de cinzas (na ilha de S. Miguel Arcanjo) as romagens dos Romeiros que durante as próximas semanas irão encher as nossas estreitas estradas regionais com o seu colorido e cânticos nesta manifestação de fé ancestral mesclada de paganismo religioso.

*O que se passa é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes mantida através da “compra” da sua presença por viagens e estadias. Tenho observado o fenómeno no seio da família alargada, em famílias que me rodeiam e em todas se verifica o mesmo.*

*Lembro-me de durante as duas décadas e meia em que estive expatriado sempre vir a Portugal ver pais e filhos.*

*Hoje quase deploro, lastimo, que em vez dessas viagens tivesse aproveitado para viajar pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas a que não fui.*

*Não eram saudades, mas entendia ter a obrigação de vir pois os de cá jamais iriam lá... por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse. Assim fiz e apesar de não ter ido a outras terras, vim para estar com a família, alargada a primos e descendentes, e mantive sempre a ligação a um passado mítico que só muito mais tarde viria a desmistificar.*

*Enquanto o João (tem agora dez anos) crescia com o pai e a mãe, a filha na Austrália há seis anos que não vinha cá, depois duma série de visitas entre os 8 e os 13 anos.*

*Qual não foi o espanto quando em fevereiro 2006 decidiu juntar dinheiro para vir cá ver o pai e família...e muita alegria me deu.*

*Dos outros filhos (da minha mulher), tivemos cá a mais nova quando chegámos (agosto 2005) pois pagamos a viagem e estadia aos três (ela, marido e a pequena neta agora com 4 anos) e o irmão veio cá em julho 2006 porque a viagem nada lhe custou.*

*Em dezembro 2005 voamos pelo Atlântico para passar o Natal com a minha mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação. Julgava que os filhos tinham esse dever. Esperava que os meus e os dela fizessem o mesmo, mas não tivemos essa sorte.*

*Há um primo nosso em Ponta Delgada com uma filha em Lisboa e outra em Angola e regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá). Também ele apostou nos incentivos económicos a vinda delas.*

*Temos outro casal amigo cujos filhos únicos estão aqui noutras ilhas e são os pais que cá vêm se não querem passar a vida a enviar bilhetes para os filhos os visitarem. Discordo veementemente deste método e a partir de agora quem vier cá virá à sua custa sem subsídios.*

*Estive [e estou] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos meus pais e sonhei durante anos que isso se repetiria comigo, mas já tirei o cavalinho da chuva.*

*Que se passou?*

*Erramos na educação dada aos filhos, não lhes inculcámos valores pelos quais nos guiámos durante as nossas vidas? Não soubemos transmitir esses laços?*

*Algo fizemos, mas a sociedade em que vivem nada tem a ver com a nossa ou a sociedade mudou os paradigmas em que nós assentávamos.*

*O casamento deixou de ser uma meta na vida, os jovens agora amancebam-se para ver se dá e para pagarem menos impostos, se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida.*

*Os filhos não-programados vêm quando vêm e depois logo se vê, porque, entretanto, aproveitam os pais à moda antiga e sempre vão entrando com o que for preciso para terem a alegria de verem os netos.*

*Uma palavra que se usava na minha infância define-nos como pais: somos uns palonços.... Irão aprender à custa própria, como nós o fizemos, e antes de nós tantos outros.*

*Esta é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal que ocorre e para a qual não estávamos preparados.*

*Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para enfrentarem as diferenças e prosseguir. Quando aprenderem é bem provável que nos telefonem a solicitar comiseração e talvez um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades.*

*Estou céptico e negativista pois a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles, incapazes de nos verem envelhecer como vi e soube aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos meus pais. Sei que os desiludi durante décadas que quieram fazer de mim uma imagem outra dum espelho em que não estava, mas nada disso peço aos meus filhos.*

Vou tentar concentrar-me no mais novo e dar-lhe o mais que puder da minha geração em termos de experiência e de conselhos ÚTEIS, pois para já beneficiou de ter vivido mais tempo com o pai do que qualquer outro e isso para mim foi ótimo embora não saiba se para ele também o foi.

Quanto ao resto forçosamente irei fazer os telefonemas que faço para a minha mãe, sem me lembrar de que raramente recebemos um telefonema dos filhos e se queremos saber deles somos nós a tomar a iniciativa.

Assim correm as modas neste fim de fevereiro de 2007.



AMOS STRA

## **CRÓNICA 38. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU À ISLAMIZAÇÃO, 24 março 2007**

### **38.1. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU**

Vem tudo a propósito de a minha mãe ter completado 84 anos saudáveis e rijos anos esta semana, mantendo a tradição octogenária e nonagenária daquele ramo familiar. O envelhecimento da população significa um aumento da dependência e um eventual decréscimo do potencial crescimento.

Segundo a ONU, do total de países da esfera europeia, apenas um apresenta uma taxa de fecundidade acima da média - a pobre e pequena Albânia. Os restantes, da Rússia à Irlanda, evidenciam taxas de fecundidade entre uma taxa bastante baixa ou quase inexistente. A Europa está na iminência de se tornar num lar da Terceira-Idade, ela que foi, em tempos, pioneira da modernidade. A ONU estima que a população europeia decresça 13% entre 2000 e 2050 e que a média etária aumente dez anos, passando então para os 48 anos.

*A baixa fecundidade e o aumento da esperança de vida são os pilares destas mudanças. Ambos resultam de situações benignas: o controlo da fertilidade por parte das mulheres e o crescente bem-estar das sociedades. Estas alterações demográficas implicam um decréscimo do potencial crescimento económico.*

*Segundo a Comissão Europeia, a Europa - encarada como um todo - poderá assistir a uma acentuada quebra da taxa de crescimento, que pode descer dos 2-2,25% ao ano para 1,25%. O envelhecimento da população impede o crescimento da produtividade.*

*Como fazer frente a estes desafios? Uma sociedade onde mais de 40% da população se situe acima dos 60 anos e apenas 13% esteja abaixo dos 14 anos - cenário previsto para Espanha e Itália, é uma situação sem precedentes, preocupante.*

Com taxas de fecundidade de 1%, a população nativa fica reduzida a metade a cada nova geração. A ONU estima que em 2050, mais de 10% da população da Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Noruega, Eslovénia, Espanha, Suécia e Suíça terá mais de 80 anos - serão eles a Terceira-Idade.

A maioria dos cidadãos, entre os 60 e os 80 anos, constituindo 20% a 30% da população em 2050, deverá sustentar-se a si mesma. É aqui que entra a imigração. As pressões vão acentuar-se devido às baixas taxas de crescimento populacional e à elevada taxa de natalidade registada nos países vizinhos. Este tipo de imigração deve ser planeado de forma a minimizar atritos, capitalizando os benefícios.

Será uma árdua tarefa para os países ricos da Europa Ocidental e, mais espinhosa para a Europa Central e de Leste que tem de fazer face aos mesmos desafios, com salários inferiores. Devem aproveitar os próximos dez a vinte anos para crescer, para que as suas economias possam alcançar os padrões de vida dos seus vizinhos ricos.

*No sul da Europa o declínio da taxa de natalidade é o mais acentuado: 1,45 em Portugal, 1,27 na Grécia, 1,23 em Itália e 1,15 em Espanha. Em 2050, prevê-se que a média etária oscile entre os 49 anos, em Portugal, e os 52 anos, em Itália e que a população decresça entre os 8% em Espanha e os 22% em Itália. Os três países mais ricos do centro da Europa, Alemanha, Áustria e Suíça, registam igualmente baixas taxas: Áustria (1,28), Alemanha (1,35) e Suíça (1,41).*

*Nos países do norte e leste da Europa, regista-se uma taxa relativamente alta que oscila entre a mais elevada na Irlanda - 1,9 nascimentos - e a mais baixa, no Reino Unido - 1,6 nascimentos. Os restantes encontram-se no meio da tabela: França (1,89), Noruega (1,8), Dinamarca (1,77), Finlândia (1,73), Luxemburgo (1,73), Holanda (1,72), Bélgica (1,66) e, a Suécia (1,64). A população do Reino Unido deverá crescer 13% devido à imigração.*

*Os mais recentes países na União Europeia - incluindo a Bulgária e a Roménia -, registam baixas taxas de natalidade entre os 1,1 na Letónia e os 1,32 na Roménia, e a Polónia, 1,26. Estes países sofrerão grandes quebras populacionais nos próximos cinquenta anos, entre uma pequena descida de 8% na Eslováquia e uma acentuada de 52% na Estónia.*

*O maior abrandamento de crescimento de população deverá verificar-se mais a Leste. Estima-se que a população russa decresça em 30%, acompanhada pela Ucrânia, com uma descida de 36% entre 2000 e 2050.*

### **38.2. A TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL BAIXOU PARA METADE**

A taxa de natalidade em Portugal baixou para metade em 40 anos, segundo recentes estudos da UE, que recomenda um aumento da imigração para assegurar o crescimento da população. De acordo com o estudo «*Confrontando a alteração demográfica: uma nova solidariedade entre as gerações*», um casal português tinha em média três filhos em 1960, mas em 2003 a média baixou para 1.5.

O relatório, alerta para o facto de os europeus terem uma taxa de «*fertilidade insuficiente para a substituição da população*», indica que em todos os países europeus a taxa de natalidade está abaixo do valor mínimo para a renovação da população (cerca de 2.1 por casal), tendo caído para 1.5 filhos por casal em muitos Estados-membros.

Desta forma, o relatório da Comissão Europeia sugere «*maiores fluxos de migrações para satisfazer as necessidades de trabalho e salvaguardar a prosperidade europeia*». Segundo o estudo, a imigração nalguns países tornou-se «vital» para assegurar o crescimento populacional. O Público tratava deste assunto<sup>197</sup>:

*A imigração diminuiu na Europa, em 2005, mas foi responsável por 84 por cento do aumento da população. Um balanço demográfico divulgado pelo Eurostat – a agência de estatísticas da União Europeia (UE) – indica que os 25 Estados-membros, somados, aumentaram a população em cerca de dois milhões de pessoas no ano passado.*

*Mais de um milhão e meio<sup>198</sup> são novos imigrantes. Houve um decréscimo em relação a 2004. Não fosse a imigração, a população europeia teria aumentado apenas 0,07 por cento. O número de nascimentos cresceu ligeiramente, mas o número de mortes subiu ainda mais.*

*Na prática, o crescimento natural da população foi mais lento. Em média, em cada semana de 2005 nasceram 92 mil europeus, morreram 86 mil e entraram 32 mil imigrantes.*

*A Espanha responde por 38 por cento de toda a imigração europeia, com 652 mil novos estrangeiros registados. A seguir está a Itália (338 mil novos imigrantes). Sem a imigração, a população italiana teria decrescido.*

*Nas últimas quatro décadas, o número de filhos por mulher tem caído ano após ano. Na década de 1960 – quando a população mundial registou as mais altas taxas de crescimento de sempre – nasciam por ano mais de sete milhões de crianças na Europa.*

*O número atingiu o ponto mais baixo em 2002. Hoje, há menos de cinco milhões de nascimentos por ano. Com poucas crianças e cada vez mais idosos, a Europa enfrentará sérias dificuldades na segurança social.*

*O Ministro das Finanças português, disse que, com a atual tendência de envelhecimento da população, dentro de dez anos o Estado português não terá dinheiro para pagar reformas.*

*De acordo com um estudo realizado pela ONU em 2000, os 15 Estados-membros mais antigos da UE precisariam de receber 674 milhões de imigrantes, até 2050, para poder equilibrar a conta entre os contribuintes e os beneficiários da segurança social.*

*Segundo o INE, no ano passado houve uma quebra de 2,9 por cento no número de nascimentos, em relação a 2004. Mas os óbitos também caíram 6,2 por cento.*

*O crescimento natural da população portuguesa em 2005 foi o mesmo da média europeia: apenas 0,07 por cento.*

*Em números absolutos, entre nascidos e mortos o país ganhou sete mil habitantes. Assim como no resto da Europa, o aumento da população esteve por conta dos imigrantes – 41 mil novos estrangeiros, segundo o Eurostat<sup>199</sup>*

A Alemanha regista a menor taxa de natalidade da União Europeia (UE) e, se a situação se mantiver, em 2050 haverá menos 32 milhões de alemães. No Reino Unido já se fazem contas à crescente islamização da população e às projeções num futuro que é já daqui a cem anos, também seria importante saber em Portugal qual a taxa de crescimento das populações não-europeias. Estes números não são divulgados, ou por não existirem, ou por se temer a divulgação.

197 Ricardo Garcia 23 de janeiro de 2006, Público

198 (mais de um milhão e meio)

199 Artigo <http://www.oi.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=813>



*Admitamos que a taxa de crescimento populacional dos não-europeus é a dos países de origem e que a taxa de mortalidade infantil nos PALOP é de 93 por mil.*

*Em Portugal é de apenas 7/1000 nascimentos.*

*Outro fator é a taxa de fertilidade. Nos PALOP cada mulher tem 5,74 filhos enquanto em Portugal é de 1,35.*

*Os imigrantes africanos trazem consigo uma mentalidade típica como por exemplo o de que o "valor" de um homem se mede pelo número de filhos que tem.*

*Quantos não-europeus, legais, ilegais e nascidos cá, são residentes no nosso país ninguém sabe, mas vamos admitir um valor entre 100 000 (1% da população) e 1 milhão (10%).*

*Considerem-se as hipóteses de imigração:*

*Portas fechadas: não entram mais imigrantes.*

*Portas abertas: entram à razão de 10-20 000 por ano.<sup>200</sup>*

<i>% população total</i>	<i>2,8</i>	<i>4,6</i>	<i>6,4</i>	<i>8,2</i>	<i>10</i>
<i>N.º descendentes de Imigrantes</i>	<i>280 000</i>	<i>460 000</i>	<i>640 000</i>	<i>820 000</i>	<i>1 milhão</i>

*Se admitirmos que o total de não-europeus é de 460 mil pessoas, ou 4,6% da população, na situação de portas fechadas a maioria negra é atingida no ano 2200, com as portas abertas até 2100-2130.*

*Não se confundam os dados com desejos artanos, mas com a provável evolução demográfica dos dados atuais.*

### **38.3. MAIS DE 65 MIL EMPRESAS FECHARAM NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.**

A legião dos desempregados continua a crescer na União Europeia e não há política, recomendação ou iniciativa que lhe ponha um travão. Em novembro 1997 na UE (15 países), 18 dos 385 milhões de cidadãos, 10,8% da população ativa europeia estava desempregada. Agora há já 36-39 milhões de desempregados, dispersos por 25 países, sequiosos de dias de trabalho para alimentar a esperança.

Ninguém acredita que saiam à rua para se manifestarem. Contudo, pode haver um dia; pode sempre haver um dia, em que as manifestações de desagrado num Estado encontrem eco noutra. A estabilidade de que todos gozamos poderia ficar ameaçada pelos terroristas desempregados. Mas para isso temos aí a polícia, cada vez mais eficiente, mais forte e bem equipada.

*Mesmo que as Escolas fechem e o Ensino se degrade; que os Hospitais e Centros de Saúde sejam sacrificados no altar do défice; há sempre a medicina convencional. Pensar livremente a Europa devia ser prioritário.*

*O Velho Continente está moribundo. Estamos na Era da Ásia, mas isso não implica a demissão europeia. Vejamos a situação concreta portuguesa quanto a pensões e reformas.*

*Existem em Portugal 2,2 milhões de pessoas com pensões do regime geral da DSS, dos quais 85% (mais de 1,8 milhões) são inferiores a 380 euros (salário mínimo nacional).*

*As pessoas que saem do sistema (um eufemismo para designar os que morrem) têm, em média, pensões muito mais baixas do que as que entram diariamente. Basta pensar nos que se reformaram "à pressa" nos últimos anos: o número de reformados com pensões acima dos 4 mil euros duplicou em 2006; só as 1500 pessoas que, no primeiro trimestre de 2006, se aposentaram com pensões médias de 5.000,00 euros vão-nos custar 105 milhões de euros por ano! E a situação tende a piorar.*

*A única maneira de os jovens atuais terem uma pensão justa, é acabar já com todas as pensões injustas, mordomias e regimes de exceção que se implementaram, para políticos, gestores públicos e funcionários públicos, a começar pelas reformas mais altas.*

*Refazer o cálculo das pensões destes aposentados tendo em conta toda a carreira contributiva - com as mesmas regras aplicadas aos atuais jovens - para que recebam a quantia a que têm verdadeiramente direito, e quiçá impor um teto máximo por cada pensão paga pela DSS.*

*Atualmente há 2,6 trabalhadores ativos por cada reformado. Há 20 anos, havia 3,8 trabalhadores ativos por cada pensionista. Segundo o governo: ou os portugueses trabalham mais anos, ou descontam mais, ou recebem reformas menores.*

*Trabalhar mais é, na verdade, impensável. Além disso, o patronato também não gosta da ideia, porque a partir dos 65 anos os trabalhadores são menos produtivos e é por isso que não querem contratar ninguém com mais de 35 anos.*

*Descontar mais? Ainda se ao menos o dinheiro fosse para alguma coisa útil, mas boa parte dele vai parar aos bolsos dos ditos cujos. Receber reformas menores ainda é capaz de ser o que seja mais aceitável.*

*Chega-se facilmente à conclusão de que existem 5,7 milhões de trabalhadores ativos e, para termos uma proporção entre ativos e aposentados semelhante à que existia nos anos 80, deviam existir 8,4 milhões de trabalhadores ativos.*

*Ou seja, faltam-nos 2,7 milhões de trabalhadores!*

*Daqui a 40 anos, quando todos estivessem reformados, precisávamos de 32 milhões de trabalhadores para garantir as respetivas pensões. Passados 40 anos seriam precisos 120 milhões de trabalhadores para garantir as pensões dos anteriores...e assim sucessivamente. Se de facto precisamos de 2,7 milhões de trabalhadores para agora, há uma solução imediata: abrir as portas à imigração.*

*Certamente que iam sobrar candidatos brasileiros, ucranianos, asiáticos ou africanos, atraídos pela miragem europeia, e o problema resolvia-se. Creio que será a única solução viável a curto prazo para a perpetuação da Europa, mas implicará a longo prazo a sua aniquilação, no formato e contexto em que a conhecemos.*

*Quando isso acontecer a civilização ocidental, como a conhecemos nestes últimos cinco séculos, terá seguido o destino das velhas civilizações da Grécia Antiga, Império Romano, Faraós, ou Império Otomano. Assim como a grande civilização grega nada tem a ver com a Grécia atual, assim a Europa seguirá os seus passos; assim como a Itália atual nada tem a ver com o Império Romano, ou o Egito com a Terra dos Faraós. Enquanto a Europa se islamiza, a China e a Índia continuarão a progredir economicamente sem interesse nestas regiões periféricas dos seus futuros impérios a não ser como entrepostos comerciais. Os EUA irão rapidamente cair em declínio e aproximar-se da situação dos vizinhos da América do Sul. A África continuará, como até agora, irrelevante. Tudo isto será entremeado por umas quantas guerras em vários pontos de leste a oeste, umas com conotações religiosas, outras nem por isso, mas o grande reinado da Europa que da Idade Média até aos nossos dias foi o poder dominante está prestes a acabar.*

Leonardo Boff, Teólogo escrevia em setembro de 2009 matéria para refletirmos:

*O Tao vê a história como um jogo dialético e complementar de dois princípios: yin e yang, forças subjacentes a todos os fenômenos humanos e cósmicos. A figura de referência para estes dois princípios é a montanha. O lado norte, coberto pela sombra, é o yin, que quer dizer sombreamento e corresponde à dimensão Terra. Expressa-se pelas qualidades da alma, do feminino nos homens e nas mulheres: o cuidado, a ternura, a acolhida, a cooperação, a intuição e a sensibilidade pelos mistérios da vida. O yang significa a luminosidade do lado sul e corresponde à dimensão Céu. Ganha corpo no animus, as qualidades masculinas no homem e na mulher como o trabalho, a competição, o uso da força, a objetivação do mundo, a análise e a racionalidade discursiva e técnica.*

*O milenar Taoísmo ensina que as duas forças devem ser balanceadas para que o caminhar se faça dinâmica e harmonicamente. Se uma predomina sobre a outra, importa buscar o equilíbrio difícil entre elas.*

*O yin e o yang remetem a um círculo que contém ambos: o Shi. Os cristãos falam do Spiritus Creator, ou Sopro cósmico, que enche e dinamiza toda a criação. Os modernos cosmólogos referem a constante que é a Energia que produziu aquele minúsculo ponto que se inflacionou e depois explodiu dando origem ao universo. Após esta incomensurável explosão, a Energia desdobrou-se nas quatro forças fundamentais que atuam sempre juntas e que subjazem a todos os eventos – a energia gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e forte – para as quais não existe, na verdade, nenhuma teoria explicativa.*

*A cultura ocidental, globalizada, rompeu com a visão integradora e dinâmica. Enfatizou tanto o yang que tornou anêmico o yin. Permitiu que o racional recalçasse o emocional, que a ciência se inimizasse com a espiritualidade, que o poder negasse o carisma, que a concorrência prevalecesse sobre a cooperação e a exploração da natureza descuidasse o cuidado e o respeito devidos.*

*Este desequilíbrio originou o antropocentrismo, o patriarcalismo, a pobreza espiritual, a cultura materialista e predadora e a atual crise ecológica. Só com a integração da força do yin, da*

*anima, da logique du coeur (Pascal), do mundo dos valores, corrigindo a exacerbação do yang, do animus, do espírito de dominação, podemos proceder às correções necessárias e dar novo rumo ao nosso projeto. Se não encontrarmos um equilíbrio tudo pode acontecer, até um flagelo antropológico. Precisamos de uma loucura sábia que faculte uma nova síntese entre os dois polos para reinventar um caminho que nos garanta o futuro.*

#### **38.4. DOS FARAÓS**

Num estudo sobre 21 civilizações extintas, o historiador inglês Arnold Toynbee, descobriu dois fatores comuns a todas: *“a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias antes de sua extinção. O mesmo acontece hoje. O mundo está doente, precisa de líderes corajosos e sábios”*. Consultemos a história e o fim das civilizações<sup>201</sup>.

*Desde 5000 a.C. que as margens do Nilo servem de suporte a comunidades agrícolas. O Rei Menes unificou os reinos do Baixo Egito, no Delta, e do Alto Egito o Sul, e, deu início a 31 dinastias de Faraós, o Império mais longo. Tempo para construir mais de 700 templos, 80 pirâmides, criar o primeiro calendário - com 365 dias - e inventar a escrita hieroglífica, base do alfabeto.*

*Tudo graças ao Nilo. Sem o rio servindo de artéria única e permitindo o cultivo das margens, o Egito jamais teria acontecido. Os egípcios fizeram do grande rio a despensa, a estrada e uma eficaz via de comunicação.*

*Quem tinha o Nilo nunca precisou inventar a roda. Até as múmias se valiam do Nilo. Depois da vazante, uma das substâncias no solo é o natrão (carbonato de sódio hidratado), cuja característica é a formidável capacidade de absorver a humidade do ar - e, assim, retardar a decomposição orgânica. Durante o processo de mumificação, o cadáver era conservado numa solução de natrão por dias, até ficar desidratado. Assim, o corpo era mantido, e assegurava-se uma viagem tranquila ao mundo dos mortos.*

*O Egito deixou de ser faraónico em 332 a.C., ano da invasão de Alexandre, o Grande. Depois vieram os Romanos e os árabes.*

*Originalmente um golfo do Mediterrâneo, o Delta do Nilo foi preenchido durante milénios pelo aluvião, solo rico em nutrientes, bom para as plantações de citrinos, trigo, algodão e hortaliças. E ganhou uma das cidades mais importantes.*

*Alexandria nasceu grega, decretando o fim dos Faraós, e dela os patricios de Platão fizeram-na depositária de séculos de conhecimento, guardados dentro da célebre Biblioteca, no Vale do Nilo, ao sul do Cairo, o rio é uma via de tráfego intenso.*

#### **38.5. GRÉCIA**

*A antiga Grécia Continental estava confinada com a Ilíria a norte, a leste com o mar Egeu, a oeste com o Jónico, e a sul com o Mediterrâneo. Tinha mais de 100 000 km<sup>2</sup>. As montanhas, céu quase sempre azul e clima suave faziam da Grécia um dos mais maravilhosos e melhores países. Foi ali que a civilização ocidental começou há 2800 anos.*

*A civilização grega estava dividida em cidades-estado que dominavam as margens do Mediterrâneo e do mar Negro. Há milhares de anos, os gregos estabeleceram tradições de justiça e liberdade individual que são as bases da democracia e da economia de mercado. A arte, filosofia e ciência tornaram-se fundamentos do pensamento e da cultura ocidentais.*

*Os gregos ou Helenos (os que falavam o grego, mesmo que não vivessem na Grécia Continental) davam o nome de Hélade à sua terra. Nunca formaram um governo central, mas estavam unidos pela mesma cultura, religião e língua.*

#### **38.6. IMPÉRIO ROMANO**

*O Império Romano nasce da expansão de Roma nos séculos III e II a.C., a população aumentou de 4 milhões em 250 a.C. para 60 milhões em 30 a.C., 25% da população mundial.*

*No séc. II a.C., Gaius Marius transforma o Exército Romano num exército profissional, e a lealdade dos soldados de uma legião é declarada ao general que a lidera e não à pátria. Isto, com as guerras que Roma travou nos finais da República<sup>202</sup> favoreceu o surgimento de líderes militares (Sulla, Pompeu, Júlio César).*

201 Dados trabalhados a partir de diversas fontes na internet incl. Wikipédia

202 (Invasão dos Cimbros e Teutões, Guerras contra Mitridates, rei do Ponto, a culminar nas guerras civis do tempo de César e Augusto)

*As instituições republicanas encontravam-se em crise desde o séc. I a.C., quando Lucius Cornelius Sulla quebrou as regras ao tomar Roma com o exército (82 a.C.), para se tornar ditador vitalício antes de resignar e devolver o poder ao senado.*

*O primeiro Imperador, César Augusto, recusou admitir-se como tal, pelo que se coloca o fim da República em 27 a.C., data em que César Augusto adquire este cognome e em que começa, oficialmente, a governar sem parceiros.*

*Com a esperança de vida média em quarenta e cinco anos, o cidadão romano médio não conhecia outra forma de governação.*

*Augusto era comandante-chefe do exército e automeou-se tribuno por toda a vida. Embora não sendo dotado para a estratégia, tinha bons generais e de confiança, como Agripa, que anexou o Egito, sob domínio romano há 40 anos, a península Ibérica, a Panónia, a Judeia, a Germânia Inferior e Superior e colocou as fronteiras nos rios Danúbio e Reno, onde permaneceram 400 anos.*

*O Império era vasto e heterogéneo, com várias línguas e povos.*

*O grego era a língua mais falada nos territórios orientais, e o latim nos ocidentais. Augusto tratou todos os habitantes do Império como iguais e visitou várias zonas para verificar quais os problemas de cada província, o que levou a que estas florescessem e atingissem o máximo do seu desenvolvimento.*

*Tal como na dinastia Julio-Claudiana, um período de prosperidade, depressa se transformou em instabilidade política.*

*Domiciano revelou-se tão paranoico como Calígula ou Nero e as atrocidades valeram-lhe o epíteto de pior Imperador. Quando foi assassinado em 96, Roma encontra-se bastante cética quanto à validade do modelo dinástico e nomeia Nerva como Imperador.*

*De meia-idade e sem descendentes, era capaz, do ponto de vista militar e administrativo, racional e confiável. Trajano, Adriano e Antonino Pio seguiram a política de nomear o sucessor mais apto, o que resultou num período de estabilidade conhecido como os cinco bons imperadores.*

*Roma prosperou e atingiu o seu pico civilizacional, e esse nível só foi novamente alcançado na Inglaterra do séc. XVIII.*

*Trajano teve a extensão máxima do Império em 117, com a fronteira oriental a incluir a Mesopotâmia.*

*O sucessor, Adriano, deu as conquistas por terminadas e construiu a muralha no norte de Inglaterra como símbolo do fim do Império. Período conhecido como a Pax Romana.*

*Seguiu-se uma situação caricata, em que a Guarda Pretoriana pôs o Império em leilão. Septímio Severo acabou por assegurar a coroa imperial e levar o Império para um período de estabilidade. Entre a sua morte em 211 e o início da Tetrarquia em 285, o Império teve 28 imperadores, só 2 faleceram por causas naturais (peste). Houve 38 usurpadores romanos.*

*Surgiu o Dominato absolutista. Diocleciano (285) cria a Tetrarquia para resolver os problemas militares e económicos do Império. Dividiu o poder entre os setores orientais e ocidentais. Manteve o controlo do leste e Maximiano o ocidente.*

*A partir daí, o Império teve dois Augustos, com exército, administração e capital próprios, embora Diocleciano continuasse a ser o Chefe do Estado, representando a unidade do mundo romano que passou a tolerar o cristianismo a partir de 313 d.C., com o Édito de Milão, assinado no Império de Constantino I (do Ocidente) e Licínio (do Oriente).*

*Com este édito, o cristianismo deixou de ser proibido e passou a ser religião oficial. Tornou-se única sob Teodósio I (379-395 d.C.).*

*O Imperador detinha o controlo da Igreja, mas o paganismo tinha um número significativo de adeptos. Uma das medidas para que sua decisão fosse ratificada foi tratar com rigidez aqueles que se opuseram.*

*O massacre de Tessalónica devido à rebelião pagã deixa clara a posição do Imperador. Um dos conflitos entre a nova religião do Império e a tradição pagã foi a condenação da homossexualidade, comum na Grécia.*

*Depois da morte de Teodósio, o Império dividiu-se em dois. O Ocidental invadido pelos bárbaros<sup>203</sup> tinha como capital Roma, depois transferida para Constantinopla.*

*Com a conversão do Imperador bizantino Constantino, Jerusalém recuperou o nome, tornou-se o maior centro de peregrinação do Império Romano e em 335, com 300 bispos, a basílica do Santo Sepulcro foi inaugurada.*

*Em 514, os Persas invadem a cidade e roubam a Cruz Santa.*

*Tudo volta ao normal com Heráclio, o Bizantino, em 630, por oito anos, quando surgem os cavaleiros de Maomé. Yerushalaïm, a "Cidade da Paz", agora é Al Khuds, "A Santa".*

203 (qualquer povo não-romano ou não-dominado pelos romanos)

*Os islamitas já se voltavam para Jerusalém, depois de Meca e Medina. O califa Abdel Malek, em 685 ergueu o Domo da Rocha, a mesquita de Omar e ainda Al Aksa.*

*Por 400 anos, Al Khuds passou da dinastia omíada de Damasco para a dos abássidas, de Bagdade. Foi governada pelo "califa doido" al-Hakim.*

*Os cruzados surgiram em 1099, massacraram árabes e judeus. Lavavam-se do sangue nas fontes do antigo templo e mesquitas e iam rezar no Santo Sepulcro.*

*O conquistador de Jerusalém, Saladino, o Curdo, restabeleceria o islamismo por nove séculos. Vieram os mamelucos, a aristocracia feudal militar do Egito e os turcos otomanos, em 1517, Suleimão, o Magnífico, devolveu fulgor à cidade, reconstruindo as muralhas e portões, conservados até hoje.*

### **38.7. IMPÉRIO OTOMANO**

*A Turquia entrou na Guerra Mundial com a Alemanha, em 1914. Foi o fim do Império Otomano. Tropas inglesas, comandadas pelo general Allenby, ocuparam a Palestina em 1917. Ao terminar o Mandato Britânico, maio de 1948, Israel proclamou a independência, decidida pelas Nações Unidas novembro de 1947. Os países árabes atacaram.*

*O armistício de 1949 criou duas Jerusalém, a cidade velha, sob o domínio da Jordânia, e a nova, a sudoeste e ocidental, com os israelitas. Tornaram-se uma, outra vez, com a Guerra dos Seis Dias, em 1967.*

*Al Khuds Yerushalaïm, "A Santa Cidade da Paz". Seriam nome e sobrenome se árabes e judeus se unissem para compartilhá-la. A cidade saturada de fé e religião também se tornou uma metrópole moderna. Onde pastavam rebanhos de cabras e camelos, brota o Vale do silício israelita, as oliveiras dão chips. Palestínianos e israelitas reclamam o direito a Al Khuds e a Yerushalaïm.*

*O Vaticano propõe a internacionalização de Jerusalém. Existem 56 diferentes propostas sobre como governá-la. Israel unificou-a por lei constitucional de 30 de julho 1980, mas, ganhou um novo destino com o aperto de mãos entre o primeiro-ministro Yitzhak Rabin e Yasser Arafat, líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), em 1993.*

*De nada serviu como se viu pela autofágica governação palestíniana.*

### **38.8. CONCLUINDO**

*Podia falar do fim da grande civilização chinesa (ainda sem a relevância de há 4 mil anos), ou dos Hunos, de Alexandre o Grande, do Grande Império Persa, de Incas a Astecas, ou tantas outras civilizações aniquiladas por outras mais fortes, ou conquistadas, ou autodestruídas no nadir pela sua inépcia depois de atingirem o seu zénite.*

*Mas não vou enumerar civilizações de que já ninguém se lembra e mal se fala nos livros de História pois esse é o inexorável destino dos EUA e da Europa que nos deu a Renascença e a Inquisição... a menos que algum líder iluminado faça como Nero e carregue no botão atômico ...*





## **CRÓNICA 40 DA EDUCAÇÃO, DA RELIGIÃO, DO 10 DE JUNHO. 9 junho 2007**

### **40.1. INDUCANDO**

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Há um número crescente de docentes imprevistos. Por aquilo que já observara nos alunos da minha mulher enquanto habilitara professores, no triénio que lecionara na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.

O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, mas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam.

Hoje, o ensino primário e secundário é demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças... A tabuada era fascista? A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese de mestrado para preenchimento de relatórios....

Isto vai permitir que personagens iletradas, analfabetas cheguem à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos. Assim se formara um primeiro-ministro no jardim à beira-mar plantado. E a Ministra da educação também? Tantos do governo e da oposição obtiveram assim os “canudos”.

Ninguém lhes dissera que poderiam ter tanto ou mais valor, mesmo sem “canudo”?

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos... afinal estamos na era SMS, mensagens de texto incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia já aceitam respostas a testes em linguagem textual... em Portugal há demasiados professores avessos a novas tecnologias.

Grassa também uma total falta de respeito pelos professores, a que muito ajudou o governo e a sua campanha de denegri-los como bode expiatório. Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas.

No jornal Público<sup>204</sup> a 5 de junho 2007 surgiu uma carta ao editor do escritor micalense Daniel de Sá, da vizinha Maia:

*Assinar de cruz*

*Como se prepara um aluno de Língua Portuguesa para exames em que terá de fazer apenas umas cruzinhas? Com testes do mesmo modelo? Poderá assinar de cruz, caso não saiba escrever o seu nome?*

*Nunca vi nenhuma dessas famosas provas, mas gostava de saber como são. Arrisco uma hipótese, a propósito daquele soneto de Camões que acaba assim: "e eu, gritando: Dina.../ antes que diga Mene, acordo e vejo / que nem um breve engano posso ter." (Nem nós. Mas o ministério parece que sim.)*

*Será talvez da seguinte maneira, por exemplo.*

*Pergunta: "Como se chamava a amada de Camões?" Resposta múltipla: "1) Dina; 2) Mene; 3) Dinamene".*

---

204 de que me não canso de dizer fui um dos fundadores e se bem que me não reveja nele atualmente, continuo a rotina diária de o ler

*Ou então, como interpretação do que acabara de fazer D. João V no lançamento da primeira pedra do Convento de Mafra, segundo José Saramago. Lembra-se? ("pode vossa majestade subir, cuidado não caia, que o resto do Convento nós o construiremos, e agora podem ser postas as outras pedras"). Do possível teste: "Que pôs D. João V para início do Convento?" Resposta múltipla: "1) uma luva; 2) A mão da Rainha; 3) uma pedra."*

*O atual sistema de ensino deixa cada vez mais Convento para construir. Há um ror de anos, um rapaz da minha ilha, praticante de halterofilia, estava muito próximo de conseguir os mínimos olímpicos. O peso que ele levantava correspondia à categoria imediatamente inferior àquela a que pertencia. Por isso não treinou para se tornar mais forte, mas fez dieta para emagrecer. O caso é real e o atleta acabou por não ir ao Oriente. Portugal irá a algum lado com tanto faz-de-conta? - Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores*

Logo, [num fórum privado], uma professora jovem com poucos anos de tarimba, declarou em tom magistral:

*Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, mas não me parece ser através do sistema de ensino atual....*

*Este tipo de provas de que fala só tem servido para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa. Em meu nome pessoal e das centenas de professores desiludidos com o sistema, agradeço ter dado voz à nossa voz através da carta que escreveu. - Assinado CCC*

A seguir, outra escrevia:

*Está uma delícia essa carta! Eu ainda cheguei a escrever bastantes testes destes no Canadá. Aprendia-se depressa a reconhecer a resposta certa: era geralmente a opção mais comprida ou a última, portanto me atrevo a dizer as respostas me parecem ser: Dinamene e pedra. Estarei certa? -)*

*-Um abraço, IJ*

Foi então que não resisti e dei voz à minha indignação pela prática recorrente em Portugal de todos criticarem, sempre *ex-cathedra* sem, no entanto, se aperceberem de que a culpa muitas vezes assenta que nem uma luva nos que criticam. Aqui vai a minha resposta:

*Portugal pode um dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual....o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras, será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser. Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar.*

*Há outros, porém, que agem contra as normativas ministeriais portuguesas porque lhes retiram "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que todos detestam, esquecendo-se de que em países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha pátria australiana, mas de outros países).*

*Claro que nem toda a formação será a que mais interessa, mas há sempre a que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério. Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a formação ou investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou interesses pecuniários).*

*Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do primário, secundário ou terciário, fossem da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia. Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda, pois, a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério...caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação.*

*Assim como nem todos podem / devem ser pais / mães, nem todos deviam / podiam ser professores... Este tipo de provas de que falam para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos...*

*Estamos todos desiludidos com o "sistema" (aliás a palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem além de se queixarem. Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem*

*contra tudo e todos... Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos nossos iletrados e incultos políticos que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros. (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros).*

*Falemos agora das provas de escolha-múltipla: Uma decisão necessária, em qualquer tipo de teste, refere-se aos tipos de pergunta (ou item) a utilizar. A escolha não é arbitrária, dado que cada tipo apresenta vantagens e desvantagens. Deve o professor na elaboração de testes de conhecimento selecionar criteriosamente o tipo de pergunta a utilizar, consciente das implicações da escolha feita, em termos de adequação aos fins em vista, vantagens comparadas com outros tipos de pergunta.*

*Quanto ao tipo de item: escolha-múltipla - permite avaliar comportamentos situados em todos os níveis das taxonomias de objetivos educacionais. Sendo, entre os itens de tipo objetivo, o único que permite avaliar aprendizagens complexas, é o tipo de pergunta objetiva mais conhecido e utilizado em toda a parte.*

*E cito: "Pela mão de especialistas é possível elaborar perguntas de escolha-múltipla que requerem processos mentais sofisticados de vária ordem" (Gage e Berliner, 1975: 800) e volto a citar: "Muitos críticos do tipo de item "escolha-múltipla" sublinharam que apenas requer do aluno o reconhecimento e não o conhecimento ou a construção da resposta correta.*

*Sugerem que o reconhecimento é uma forma elementar de comportamento e que muitos alunos capazes de reconhecer as respostas curtas num teste não saberiam aplicar, na prática, o que aprenderam.*

*De um modo geral, os resultados da investigação não confirmam esta afirmação.*

~

*Vários estudos em que foram comparados testes objetivos e testes de composição mostraram que os testes objetivos conseguiam prever o desempenho geral do aluno na composição, aproximadamente tão bem quanto a pouco fiável classificação de um teste de composição o permitiria" (Choppin, 1988: 357).*

*Ora vamos lá ver se será assim tão fácil:*

*A determinação dos contextos em que se desenvolve o ato educativo resulta (indique a resposta FALSA)*

*A. da influência da instituição escolar na definição dos papéis sociais dos alunos e professores.*

*B. da imposição de normas decorrentes da organização do sistema educativo.*

*C. do controle das representações sociais exercido pelos órgãos de gestão.*

*D. dos modelos de gestão assumidos pelos responsáveis escolares.*

*Entretenham-se que eu prometo dar a solução...Chrys,*

A Ministra pode de facto ser a besta-quadrada que muitos dizem que é, mas conheço professores que precisavam deste tratamento, ou seja, o mal é que muita gente entrou na profissão porque não sabia fazer mais nada e não tinham emprego em sítio algum, ergo, foram para professores. Coitados dos alunos e dos pais. Muitas almas continuam a questionar por que razão anda pelas ruas da amargura o ensino em Portugal (anda assim nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, e em outros países). Os problemas já vêm dos meus tempos de escola:

*Programas extensos, maus, e impreparados pedagogicamente para a sociedade em que se inserem. Manuais desprezíveis, alterados ciclicamente para manterem o lóbi dos seus editores.*

*Disciplinas a mais e a menos, com cargas horárias erradas. O crime de retirar a Filosofia, a despromoção da História, a falta de ênfase no Português e na Matemática como cadeiras nucleares de todo e qualquer ensino.*

*Um número crescente de professores mal-preparados e por aquilo que observei nos alunos da minha mulher enquanto ela preparava professores no triénio em que estive na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.*

*Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência.*

*O ensino primário e secundário demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...*

*A obsessão com as más notas da OCDE e da UE e a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los e se*

*deparam com um mestrado em preenchimento de relatórios.... Isto permite que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à Universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos ou escrever uma composição daquelas que eu escrevia na minha velhinha terceira classe.*

*A predominância no Ministério da Educação de “mentes brilhantes” formadas na linguagem a que se chama “eduquês” e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico “pour épater le bourgeois,” que é aquilo porque todos aspiram “serem bourgeois”, mais prosaicamente “para inglês ver” que nisto de impressionar os estrangeiros é conosco...*

*Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa vida inteira (mas isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas).*

Pelo que atrás resumi, e por tanto que poderia acrescentar, afirmo que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram mais competentes (mesmo amordaçados pela censura), habilitados a desempenhar as funções sem alguém duvidar do seu percurso e preparação científica, técnica e intelectual.

Bem sei que então um exame de Inglês (técnico ou não-técnico) não se fazia por fax, nem com aulas privativas de reitores nominais, nem ao domingo em universidades de “faz-de-conta” que depois de graduarem os alunos, encerram-se por decreto. Não se cancelam os títulos de “faz-de-conta” que já emitiram, a ministros, membros do governo e da oposição. Será que alguém sugeriu ao primeiro-ministro que se fosse bom e competente não precisava de “canudo”?

Naquele tempo, os que não estudavam eram excluídos do sistema escolar e iam mais cedo para a tropa e guerra colonial. Hoje arrastam-se pelas salas de aula para maltratarem professores, para não estudarem nem deixarem estudar, pois há de haver sempre um programa profissionalizante ou similar para lhe dar umas luzes e que pomposamente o habilitam a estragar a nossa canalização, a não saberem servirem num café, ou em qualquer outra das atividades a que se dedicarão.

Mas não me digam que um bom professor não consegue - mesmo contra estas adversidades - fazer algo dos alunos, porque casei com uma professora que o consegue. Não quero acreditar que seja a única, nem que seja a exceção (sei que não será a regra) e assim como ela consegue outros poderiam se dessem ao trabalho de tentar.

No dia 8 de agosto de 2008, na cerimónia de inauguração das Olimpíadas, todos tinham os olhos grudados na TV. Um momento inesquecível. Os chineses capricharam na solenidade e mostraram toda a pujança do seu povo.

*Esqueçamos, por instantes, os direitos humanos. Eles mostraram os grandes inventos que legaram à humanidade. Não mostraram a repressão violenta, a brutalidade e o “esquecimento” dos direitos humanos e não só no Tibete.*

*A contribuição, como povo, ao desenvolvimento da raça humana, e, o que está sendo feito agora. A busca incessante para sair do atraso e mostrar-se como a nova potência do mundo.*

Mas o recado foi dado com grande precisão e beleza.

*Chamou a atenção e despertou uma enorme emoção, a passagem em que os chineses mostraram uma professora e seus alunos....*

*Poderiam ter destacado o peso de sua arquitetura, antiga e moderna.*

*Poderiam ter feito apelo aos profetas e filósofos de todos os tempos.*

*Poderiam ter insistido mais no ballet, na dança, na cultura oriental, riquíssima e milenar.*

*Não.*

*Esses chineses são malucos!*

*Foram mostrar uma professora e seus alunos!*

*Estava aí a chave para compreensão da "coisa".*

*Ninguém consegue desenvolver um país sem investir maciçamente em educação. Não é apenas uma questão de mais recursos.*

*Não são precisos discursos, decretos e leis, insistindo que acreditamos no futuro de nossa juventude. Se calhar ainda aprendem a tabuada em voz alta e memorizam as coisas para nunca as mais esquecerem. Nada do "faz-de-conta" português, com muitos programas, muitos nomes e abreviaturas sonantes, cheios de regulamentos e normas que ninguém lerá.*

Na China aprendem pintura. Levam cinco anos na alfabetização. Tocam piano. Jogam xadrez. Fazem da escola um lugar de amizade e vida...

Os chineses têm razão. Há lugar para a professora e seus alunos nesta festa das Olimpíadas. Como pensar o futuro da humanidade, sem escola, sem professora?

*Elementary... e simples, my dear Watson.*

#### **40.2. CONVERSÃO RELIGIOSA**

*O casamento é o triunfo da imaginação sobre a inteligência."*

*Óscar Wilde [1854-1890]*

Li há semanas na Newsweek e, posteriormente, vi um debate no canal da *Al Jazeera* que me preocupou: na Malásia, uma mulher, de seu nome *Lina Joy* (a propósito a "Lina Alegria" não poderia mudar o nome para "*Bonjour tristesse*"?) anda há oito (8) anos em guerra com os tribunais para mudar de religião e não consegue.

Em 1990 começou a ir à Igreja e foi batizada em 1998, mas o Supremo Tribunal da Malásia (fazendo tábua rasa da Constituição que dá a liberdade de todos os cidadãos terem a religião que entenderem sem serem discriminados) bloqueou a autorização para que a sua conversão do islamismo ao cristianismo fosse final.

A lei geral (civil) na Malásia proíbe (em deferência para com a maioria muçulmana) o casamento inter-fés (entre Muçulmanos, Cristãos, Budistas, Hindus e outros) pelo que *Lina Joy* não poderá desposar o noivo cristão no seu país. Sendo uma nação, alegadamente, moderada no seu islamismo esta decisão prova o oposto.

A maioria muçulmana aplaudiu nas ruas esta decisão, mas os que propugnam uma separação entre Estado e Igreja mostram-se preocupados, pelo efeito que isto pode ter na deconstrução do tecido multi-étnico, multicultural, multireligioso do país.

*Na Malásia todos os que professam a fé muçulmana estão, primeiramente, sujeitos à "sharia" nas áreas de matrimónio, divórcio e bens.*

*Segundo esta lei religiosa, é um crime abandonar a fé muçulmana, pelo que a requerente ainda é considerada muçulmana, e assim sendo não pode recorrer aos tribunais civis para que lhe confirmem a sua conversão ao catolicismo.*

*Nada mais lhe resta se não voltar ao seio do islamismo ou mudar de país.*

*Isto passa-se num país em que para o divórcio basta o marido enviar uma mensagem de texto, SMS, três vezes, à mulher dizendo "divorcio-te..."*

E há quem se queixe da falta de liberdade em Portugal...Pena não podermos enviar um SMS ao governo com idêntica mensagem. Por mais tolerante e multicultural que possa ser, o mundo que me rodeia não o é. Existem tabus, mitos e tradições que urgem cumprir.

O Cardeal Patriarca Dom José Policarpo advertiu as jovens portuguesas que "*casar com muçulmanos pode causar uma carga de sarilhos*".



O líder da União Budista considera que o casamento entre religiões é positivo.

Já o líder da comunidade judaica sublinha que as declarações do Patriarca, não se referem aos muçulmanos em Portugal, mas em todo o mundo. ...

#### **40.4. O 10 DE JUNHO - VIDA CULTURAL NA AUSTRÁLIA**

Durante décadas<sup>205</sup> assisti a manifestações, que os políticos apodam de ‘portuguesismo’. Recordarei uma no já longínquo ano de 1984, em *Marrickville*, subúrbio de Sydney com vasta população de imigrantes (16 mil Gregos, 10 mil Indochineses e 5 mil Portugueses).

*Domingo à noite, 19:30, temperatura a convidar abafado neste inverno (sim, aqui junho é como dezembro em Portugal). Local: Salão da Câmara Municipal de Marrickville.*

*Audiência: mil pessoas.*

*O palco engalanado com a bandeira das cinco quinas lusitanas e os castelos de Afonso IV a provar a ligação real ao reino de Castela, ladeada pelo estandarte australiano que incorpora no quarto superior esquerdo a britânica Cruz de S. Jorge em branco e encarnado, em fundo azul com estrelas brancas. Uma grande estrela com sete pontas, um conto de cinco estrelas, o Cruzeiro do Sul, e uma pequena bandeira do Reino Unido. A estrela de sete pontas é conhecida como Estrela Federação, pois cada extremidade representa um dos seis estados e os territórios do país. Uma bandeira monárquica de 1901 ao lado da representante da nação que em 1143 se chamou de Portugal. Atmosfera de festa, crianças a brincar no chão encerado.*

*As mesas pejudadas de gente de caras bem típicas da mescla lusitana oriunda das sete partidas do mundo. As bebidas circulam e as preferências públicas, revelam como vencedora a cerveja enlatada, seguida de perto pelo vinho português, com predominância para o verde sobre o tinto. A mesa de honra situada no canto da sala, em forma de U, ainda vazia, decorada com os tradicionais adornos. As restantes mesas cobertas por toalhas de papel, sem pratos, talheres ou copos.*

*As luzes e os focos experimentais sobre o palco ainda deserto, orlado de taças e medalhas. Nas paredes cartazes alusivos a Luís Vaz de Camões, o poeta e o português que é louvaminhado nesta data, para, depois recolher aos sótãos da memória e às mansardas do esquecimento durante o resto do ano. Por sobre o burburinho do falatório tipicamente português, ornado de diferentes tonalidades e dialetos, algumas pessoas entram na sala e dirigem-se para a mesa de honra.*

#### **A CERIMÓNIA VAI COMEÇAR.**

*As luzes apagam-se e recobram vida os focos. As câmaras de vídeo aprontadas. Os fotógrafos em posição. Duas jovens aos microfones esforçam-se por sobressair ao zumbido que ecoa nos altos tetos trabalhados deste município onde tantos portugueses vivem e labutam (5 mil dos cerca de 35 mil portugueses do Estado de Nova Gales do Sul).*

*Marrickville é um subúrbio interior de Sydney, povoada por inúmeras nacionalidades, a 12 km do centro da cidade (‘A Baixa’, CBD ou ‘The City’), sendo os portugueses a sua 3ª nacionalidade predominante.*

*Finalmente, abafado o ruído, as vozes femininas anunciam o início da confraternização mais esperada do ano para a comunidade: o 10 de junho. Anunciado, ou antes, lido, o programa das celebrações, é chamado ao palco o Embaixador de Portugal<sup>206</sup> em Camberra, que, numa breve alocução explica o significado da data e da reunião, lamentando o facto de, nem sempre poder estar em Sydney nesta data, face à diversidade geográfica pela qual a comunidade se dispersa.*

*Uma gravação sonora transmite a alocução de S.Ex.<sup>ª</sup>, o Presidente da República<sup>207</sup>. As crianças continuam a brincar e a pular alheias ao significado e desenrolar dos discursos, que nem entendem. Antes da alocução, todos se ergueram para os hinos dos dois países<sup>208</sup>.*

*O espetáculo começa com um grupo timorense em boa toada reminescente das mornas cabo-verdianas.*

*Depois, em traje de gala, guerreiros Mauberes (Timor-Leste) do grupo ‘Loro Sae’ numa excepcional demonstração das danças de Timor, encantando e aquecendo o público presente, ainda*

205 Trabalho originalmente publicado na revista *Nam Van*, Macau, #3 de 1 de agosto de 1984.

206 à data era o Dr. Rebello de Andrade.

207 à data o General Ramalho Eanes.

208 A Austrália tem um hino oficial datando de 1984 “Advance Australia Fair”.

*pouco habituado ao exotismo oriental, mas ocorrendo em doses maciças ao setor dedicado às bebidas.*

*Vieram, a seguir, as danças regionais folclóricas portuguesas pelo grupo 'Aldeias de Portugal' (o mais antigo da Austrália), de fama bem reconhecida na comunidade, constituído por jovens dos 5 aos 20 anos, desempenhando vários números do seu repertório continental e insular (convém não esquecer que uma grande parte da comunidade aqui residente é originária da Madeira).*

*Mais algumas baladas e canções timorenses lançam definitivamente a favor da comunidade maubere o ónus de manter a festa animada e a audiência entretida.*

*Seguiu-se um momento alusivo a Camões, com uma pequena aluna de um dos 'Cursos de Língua e História Portuguesas' recitando passagens célebres de "Os Lusíadas", infelizmente em fracas condições sonoras e com alterações ao texto vernacular.*

*Outras participações idênticas estavam previstas por parte de escolas portuguesas deste Estado, mas foram boicotadas pelos docentes, numa manifestação clara de que nem o 10 de junho acaba com as quezílias e guerrilhas do quotidiano da comunidade.*

*A primeira parte do dia de Camões e das Comunidades teria ainda mais danças guerreiras de Timor.*

*Entretanto, a mesa de honra estava a ser servida dos aperitivos típicos: rojões, pastéis de carne, rissóis, carne assada, pão, vinho verde e maduro. O remanescente dos convidados e o Zé Pagante satisfazia-se com a possibilidade de comprar bebidas no bar.*

*Chegados ao intervalo foi-nos servida (haviam-nos convidado para a mesa de honra) uma feijoada à portuguesa.*

*A segunda parte do espetáculo trouxe mais danças timorenses e folclore, tendo culminado com a atribuição de medalhas e troféus a membros da comunidade.*

*Além do embaixador estavam presentes em representação de Portugal, um Vice-cônsul, um Chanceler e dois Secretários Consulares.*

*A festa teria o seu encerramento depois de um baile típico à antiga portuguesa.*

Esta foi das melhores festas de 10 de junho que recordo pelo portuguesismo dos Timorenses. A comunidade aliou-se às comemorações, mas não cooperou.

Dir-se-ia que Camões no ano de 1984, era Timorense na Austrália de contrastes e nacionalidades distintas.



**AMOR**

## **CRÓNICA 42 DOS AÇORES A BRAGANÇA VAI O VOO DUMA SATA, julho 3-9 2007**

Há dias assim, uma pessoa levanta-se e é noite cerrada. Lembro-me (num passado não muito distante) de quando isto era a regra. Trabalhar das 8 e meia às cinco, mudar de emprego e de chapéu até à hora de jantar e depois trabalhar até às duas ou três da manhã para, logo a seguir, lá pelas sete estar, de novo, a pé... Na época era um mero escravo do trabalho, ou como sói dizer-se em português politicamente correto, um trabalhólico.

Desta feita, acordar de noite deve-se a uma circunstância única, a de acompanhar os alunos da minha mulher numa visita de estudo, mais propriamente à minha benquista Bragança. Nunca crianças, que não as minhas, me haviam obrigado a este toque de alvorada, tão a despropósito que não sou cuidador de vacas como os meus vizinhos.

### *Itinerário dia 20 junho*

*06.30 h - Lomba de S. Pedro - Ponta Delgada (aeroporto)  
12.15 h - (Locais) - Chegada ao Porto  
12.30 h - Partida para Bragança em Autocarro  
13.10 h - Paragem almoço em Penafiel - a cargo dos alunos ou levam o almoço  
16.00 h - Chegada a Bragança, paragem na Residencial  
17.00 h - Visita ao Mercado Municipal e ao Cibercentro*

Cheguei ao aeroporto João Paulo II, ou da Nordela, em Ponta Delgada, já a minha mulher estava à frente da fila de crianças impacientes, irrequietas e palradoras, aguardando a vez. Coloquei-me, com o meu filho mais novo, noutra fila, pois sabia que a demora ia ser grande a processar bilhetes de identidade e cartões de contribuinte de 21 crianças e três adultos.

Dentro do avião, eram 09:10, algazarra enorme, confusão maior ainda, perante o sorriso condescendente dos comissários de bordo. Fez-se silêncio ao levantar voo, logo acompanhado de ais e uis quando o aparelho se inclinou após ter deixado o solo. Para muitos, esta não só era a primeira viagem de avião, como a primeira saída da ilha que os viu nascer. Para a maioria, a viagem (quicá única) será um marco nas memórias que tempo algum jamais obnubilará, pois estão condenados a ficar na ilha, a casar, ter filhos e a tratar de vacas para o resto das vidas, logo que acabem os estudos a que os forçam.

Ao aterrar, pelas 12:10, verificou-se a usual salva de palmas para o piloto, este é um costume açoriano muito peculiar, mas que, no caso vertente, nem teve razão de ser pois foi uma das piores aterragens que já fiz .... Seguiu-se a corrida e o espanto ao longo dos metálicos corredores do futurista aeroporto Sá-Carneiro no Porto. Não pude deixar de esboçar um sorriso quando os vi, parados e embasbacados junto à área que ostentava no ecrã a indicação de Bordéus... Alguém os redirecionou para a correta, a correrem para o carrossel de bagagens.

*Saíram, pelas 13:00 horas, para o autocarro da autarquia, o vozear ensurdecedor, e milhentos toques de telemóvel a avisar as famílias que tinham aterrado em segurança, como decerto Vasco da Gama gostaria de ter feito ao desembarcar em Cochim nos idos de 1498.*

*A autoestrada não prestaram grande atenção, mas admiraram-se dos prédios que circundavam a rodovia na saída do Porto. Passados quarenta minutos, que pareceram uma eternidade, paragem para um almoço volante na área de serviço de Penafiel, onde compravam tudo o que podiam na loja de conveniência e gastavam dinheiro nas inúmeras maquinetas de jogos que ali existem...o tormento da viagem feita, ora sob calor ora sob céu encoberto e chuviscos, ia durar até Vila Real onde se aperceberam de que a distância de Bragança ao Porto é quatro vezes o comprimento da maior ilha açoriana, S. Miguel.*

*Seguiam-se as incessantes perguntas sobre quanto tempo falta, a uma cadência de dez em dez minutos. Eram 16:20 ao chegar a Bragança num dia semiencoberto, mas sem frio. Lá descarregaram as bagagens para os quartos e começou o tormento do velho elevador da residencial, acabado de descobrir por crianças que raríssimas vezes terão visto semelhante endrómia.*

*Depois de acomodados, os professores (três) que os acompanhavam levaram-nos ao Mercado Municipal e ao Cibercentro. Após o obrigatório banho (muitos desconheciam ser uma rotina*

*diária) iam os jovens bem cheirosos (como se fosse dia de festa) a caminho do restaurante, onde iriam deparar com comida que nunca tinham visto e sabores desconhecidos sem a habitual pasta de pimentão e outros temperos típicos de S. Miguel.*

A algazarra durou todo o jantar e - duma forma ou doutra - acabaram por fingir comer a sopa de legumes, o prato e a sobremesa que lhes caíra na rifa. Eu aproveitei para ser visitado por alguns amigos que aproveitaram a pausa do jantar para trocarmos curtas palavras. Acabado o jantar, os professores levaram-nos ao Centro Comercial o que para muitos foi uma experiência rara, dado que ainda raramente se deslocam da sua residência a Ponta Delgada, onde existe o maior Centro Comercial da Ilha de S. Miguel. Embora o Centro Comercial do Nordeste Transmontano seja mais pequeno, que o seu congénere micaelense, fez as delícias de todos até à hora do fecho.

*Recolhidos aos quartos, a agitação parecia não ter fim, com portas a abrirem e a fecharem, os conluos noturnos da primeira noite fora da alçada paterna, a motivarem intervenção mais enérgica dos professores a fim de não incomodarem os restantes habitantes da residencial que também tinham direito a descanso.*

*dia 21 junho*

*09.00 h – Comboio turístico*

*10.00 h - Visita à Sta. Casa da Misericórdia, Escola Dr. Diogo Albino de Sá Vargas, Lar 3ª Idade*

*11.00 h - Visita à Feira Municipal*

*12.30 h – Receção pelo Sr. Presidente da Câmara*

*13.00 h - Almoço (Sta. Casa da Misericórdia)*

*14.30 h - Parque Natural de Montesinho. Visita a Rio de Onor e à aldeia preservada de Montesinho*

Na manhã seguinte, ainda a sala dos pequenos-almoços não tinha aberto e já lá estava a maioria dos 22 jovens ávidos de saírem. Primeiro foi um passeio no comboio turístico pela cidade, cerca duma hora, e curta deslocação (cerca de dez minutos a pé) até ao complexo da Sta. Casa da Misericórdia de Bragança, onde após visita às instalações, lhes foi proporcionado um pequeno concerto coral pelos alunos da escola de música da Misericórdia, gravado pela RTP local. A excitação de fazerem parte dum programa televisivo aumentou nalguns decibéis a agitação geral, a que se seguiu depois duma passagem pelas cinco salas de aula do 1º ao 4º ano uma visita ao Museu Etnográfico *Dr Belarmino Afonso*, onde se depararam com utensílios agrícolas distintos dos existentes nos Açores.

*Na sala da esquerda podia ver-se como se fazia o pão, fotografias mostravam o ciclo do pão e algumas peças que se usavam para fazer este alimento. Uma funcionária explicava as máquinas antigas que moíam a farinha e que era o processo de fabrico mais demorado do “Ciclo do Pão”.*

*De seguida viram como se fazia a massa do pão e os fornos e desenhos das crianças sobre o ciclo do pão. Na sala do centro via-se um carro de bois ao lado da estátua do fundador.*

*Lindas antiguidades, como o tear onde se faziam tapeçarias de linho e algodão. Apreciada igualmente a mosqueira, onde se guardava a comida, protegendo-a dos insetos. Viu-se também uma casa velha, com um baú com vestidos antigos e outras roupas, carteiras de pele antigas, bancos e escanos. Também se observou a planta do linho e o que se podia fazer com este material: toalhas, camisas de dormir e lençóis já colocados numa cama. Ali perto estavam umas cântaras de barro que serviam para ir buscar água ao poço.*

Para muitos foi a primeira visita a um Museu, a que se seguiu a ida à feira municipal (que se desloca a Bragança três vezes ao mês, a 3, 11 e 22). Durante hora e meia os sacos acumulavam-se nas compras desenfreadas. Depois numa correria para os Paços do Concelho onde o Presidente da Câmara aguardava a oportunidade de dar as boas-vindas aos jovens, na primeira visita oficial duma delegação açoriana ao município bragançano. Foi passado um vídeo sobre o distrito, oferecidos livros de banda desenhada sobre Bragança e os mais novos puderam fazer perguntas ao edil.

Após este ato solene, seguiu-se o almoço, com os alunos da primária da escola da Misericórdia. A maioria estranhou a comida e comeu mal, mas alegremente. Seguiram para um autocarro dos *STUB*

(transportes públicos urbanos da Câmara) que os levou à extremidade oriental do Parque de Montesinho.<sup>209</sup>.

*O que dá a este Parque características únicas no país é a forma como ao longo dos séculos as populações souberam integrar-se harmoniosamente na paisagem, apesar das peculiaridades geoclimáticas<sup>210</sup>.*

Passado Guadramil chegaram a Rio de Onor, onde se divertiram com o falar dialetal local, a diferença nas pessoas, casas, usos e costumes e a excitação de passarem a fronteira para o Reino de Espanha. Mais compras, e centenas de fotos depois, regressaram à estrada com paragem na aldeia preservada de Montesinho, terra de ótimo mel e belezas naturais com inúmeras casas de Turismo Rural. Já no regresso a Bragança uma paragem em França. Um dos alunos, já farto de tanto andar de autocarro, que as distâncias aqui não se assemelham às da ilha micalense, quando lhe disseram que ia a França perguntou “depois de tantas horas a andar de autocarro ainda vamos a França? E a que horas vamos regressar?”

Esta paragem motivou inúmeras fotografias e várias cenas cómicas, como a da mãe duma aluna ao telefone a perorar que não tinha autorizado a filha a deslocar-se a tantos países...quando recebeu MMS da filha fotografada na placa da pequena aldeia transmontana.



[e quem te autorizou a ir a França?](#)

*Divertiram-se imenso e aprenderam que não é apenas na Sibéria que há estepes pois na zona de Montesinho ela existe, pois, este Parque Natural reúne três tipos distintos de vegetação e de geografia que vão do extremo do planalto mirandense aos montes e vales mais profundos das serras de Montesinho e Coroa. Foram vários os rios atravessados e lembre-se que não há rios nos Açores...tudo era novidade, ávida e sofregamente digerido pelos jovens.*

*Após o regresso, o banho e o jantar seguido de nova incursão ao “shopping”. As cenas habituais da demora em adormecerem e acalmarem, as trocas de quarto e as habituais provocações intersexos próprias da idade.*

*dia 22 junho*

*08.45 h - Visita à Cidadela, ao Castelo e Museu Militar*

*11.30 h - Museu da Máscara*

*13.00 h - Almoço (Sta. Casa da Misericórdia)*

*16.00 h - Partida rumo a Macedo de Cavaleiros – Lago e Barragem do Azibo e Porto*

*20.00 h - Chegada aeroporto Porto (jantar bar aeroporto ou avião)*

209 Com uma superfície de 75 000 ha, 9 000 habitantes distribuídos por 92 aldeias, tem elevações arredondadas e vales profundamente encaixados, com altitudes entre os 438 e os 1481 m onde as aldeias, aninhadas em pontos abrigados e discretos, passam despercebidas aos olhos do visitante ocasional. Povoada há milénios, conserva vestígios arqueológicos em aldeias com toponímia de antigos nomes de fortificações castrejas; outras, antigas propriedades rurais, exibem nomes de origem germânica, atribuídos pelos Visigodos, que conservavam o costume romano de dar às "villas" o nome do "dominus" ou proprietário. Após a formação da nacionalidade, uma das primeiras preocupações dos soberanos foi povoar o reino, através da distribuição de terras a fidalgos e à Igreja, e criarem um sistema de "forais" coletivos, já que as rudes condições geográficas e sociais desses tempos exigiam que toda a organização do espaço dependesse da vida em grupo. Ainda hoje, as estruturas económicas e sociais das aldeias conservam hábitos comunitários. A área das serras de Montesinho e Coroa foi escolhida para Parque Natural em 1979 por reunir condições em que é visível a integração harmoniosa do homem com o meio-ambiente, sendo das maiores áreas protegidas de Portugal

<sup>210</sup> [http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS\\_PAGE\\_ID=496563](http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS_PAGE_ID=496563)



00.30 h - Chegada à Maia

O dia amanheceu mais quente e lá estava o autocarro da Câmara à espera dos jovens para os levar ao Castelo, onde se deliciaram com outras eras, no magnífico Museu Militar<sup>211</sup>.

*E provável que, tão próximo da fronteira, se tenha construído uma linha defensiva, no reinado de D. Sancho I (dador do 1º foral em 1187).*

*D. Dinis, nos fins do séc. XIII, teria mandado construir o primeiro castelo (mais um "castelo novo" dos muitos edificados no seu tempo).*

*Em 1377, reinava D. Fernando, a "Vila" já estava totalmente cercada. A fonte ou "poço do Rei" e os panos de muralha devem datar do séc. XV, reinado de D. Afonso V. É sobre este castelo que se constrói o que hoje podemos ver (as obras, iniciadas em 1409, com D. João I, só terminam 40 anos depois).*

*Seguiu-se uma curta passagem pela Igreja de Sta. Maria, pela Domus Municipalis e a visita ao recém-inaugurado Museu Ibérico da Máscara e do Traje instalado na Cidadela.*

*No acervo estão objetos de 29 localidades, 18 de Trás-os-Montes e 11 da província de Zamora. Em exposição permanente 60 máscaras, 45 trajes e um percurso da máscara em Portugal e Espanha, com 46 artesãos.<sup>212</sup>*

Este era já o terceiro Museu em dois dias e provavelmente mais do que irão ver no resto das vidas, condenados que estão a seguirem as pisadas ancestrais de cuidadores de vacas e de domésticas mães de filhos destinados à lavoura.

Esta foi decerto uma viagem que lhes irá ocupar as mentes por tempos infintos abrindo novos horizontes e quiçá levando-os a almejar por voos mais altos. Depois do almoço, foi o regresso com a paragem obrigatória na Catedral do Dragão para os amantes do F. C. do Porto e a descoberta do trânsito em hora de ponta na VCI rumo ao aeroporto. O regresso ao torrão natal fez-se sem sobressaltos com um grande número de pais esperando os filhos à chegada já pela meia-noite para as horas de narrativas sem pausa que se iriam seguir.

Curiosamente eram 22 os jovens à partida e 23 à chegada, porque o meu filho resolveu trazer de lá o amigo dos tempos de Bragança, Stefan Pais, para aqui passar uns dias. Ele lá veio, temeroso com a sua primeira saída do seio materno e paterno, restritivo. Educado e nascido na Suíça, viveu metade da sua vida de 12 anos em Bragança. Fez a primeira viagem de avião e portou-se bem sem grandes medos.

Deveria ter ficado até dia 6 de julho, mas acabou por permanecer até 17, tendo ido a todos os principais locais dos percursos turísticos da ilha, e várias vezes à praia, era sempre aí que queria ir, dada a ausência de praia no nordeste transmontano... aguentou-se bem e satisfeito, embora nos últimos dias estivesse com saudades dos pais e irmã. Foi o feliz contemplado com umas férias de Bragança aos Açores, que jamais esquecerá, assim como em sentido contrário, os restantes 22 jovens.

Ficamos satisfeitos por termos proporcionado estas alegrias aos jovens. Esperemos que as preservem e cuidem delas.

---

<sup>211</sup> Não há certeza concreta, quanto à data da criação do Museu. Contudo julga-se que terá ocorrido entre 1928 e 1933. A 30 de maio 1933, foi um louvor ao então Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, Coronel António José Teixeira, onde lhe era atribuída a "criação e organização do Museu Militar de Bragança como repositório das relíquias gloriosas que dizem respeito ao Exército". Organizou e implantou em três salas do último piso da Torre de Menagem um pequeno Museu. Com a extinção em 1958 do Batalhão de Caçadores n.º 3, junto do Castelo, o espólio foi transferido para o Museu Militar de Lisboa. Em 1979, deu-se a extinção da última Unidade militar sediada em Bragança. Em 1981, o CEMGFA, General Ramalho Eanes, encarregou o Diretor do Museu Militar de Lisboa de proceder à reinstalação do antigo Museu Militar de Bragança. O antigo acervo existente foi significativamente ampliado, ficando constituído por um total de 14 salas de exposição, inaugurado em 22 de agosto de 1983. Atualmente o Museu ocupa 16 salas, distribuídas pela cripta e quatro pisos. Do terraço pode desfrutar-se de uma vista deslumbrante, podendo observar-se Bragança, grande parte do Parque Natural de Montesinho e algumas serranias espanholas, cobertas de neve, durante meses ao longo do ano. Os expositores apresentam a evolução do armamento, desde a armaria dos séculos XIV, XV, XVI, ao armamento ligeiro dos sécs. XVI ao XX. É dado relevo às ações militares relevantes dos Bragançanos, nas Invasões Francesa, Campanhas de 1895/96 em Moçambique e 1ª Grande Guerra 1917-1918/21. As ameias, os torreões e as altas escadarias tudo despertava o interesse, inicialmente centrado nas lendas da Torre da Princesa a que não podiam aceder.

<sup>212</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_Ib%C3%A9rico\\_da\\_M%C3%A1scara\\_e\\_do\\_Traje](http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Ib%C3%A9rico_da_M%C3%A1scara_e_do_Traje) museu inaugurado em 2007

## CRÓNICA 43 - OS 500 ANOS DA RIBEIRA GRANDE, 3 agosto 07

A Ribeira Grande recebeu milhares de pessoas nos seus 500 anos, (celebrados com festividades que eu sugerira embora de forma diferente (ver [crónica 6](#)) incluindo uma bem elaborada recriação medieval, com torneios a cavalo, e outras atividades. A animação prolongou-se até altas horas, numa cidade onde à noite o movimento é, normalmente, escasso e a participação popular não costuma ser tão abrangente. Pena é que as lições medievais ali representadas nunca tivessem ocorrido nos Açores, mas em Portugal e provavelmente um ou dois séculos antes....

*Melhor fora recriar o foral da cidade, ou a vida difícil naqueles tempos antes das terríveis catástrofes que se haviam de suceder à formação do burgo. A verdade histórica foi adulterada e as pessoas vão pensar que havia cavaleiros, em torneios medievais disputados entre as casas da Ribeira Grande e de Vila Franca...O período da Idade Média iniciou-se com a desintegração do Império Romano do Ocidente, no séc. V (476 d.C.), e terminado com o fim do Império Romano do Oriente, a Queda de Constantinopla, no séc. XV (1453 d.C.). A Era Medieval pode também ser subdividida em períodos menores: Alta Idade Média do séc. V ao X; Baixa, do séc. XI ao XV<sup>213</sup>.*

*A Ribeira Grande fundada em meados do séc. XV na “margem direita da foz da ribeira que lhe deu o nome...sufragânea de Vila Franca, onde mais eram os casebres de “pau-a-pique”, cobertos de colmo, onde se abrigavam os pobres, do que as casas de pedra e telha onde habitavam no largo de Sto. André, alguns mais abastados ou nobres.” É ali a rua “dos Fundadores da Vila” onde foi edificada a mais antiga Ermida a Sto André. “Durante os primeiros cinquenta anos de existência, este isolado aglomerado nem uma Ermida tinha onde pudessem orar... construíram a primeira, em evocação de N. Sra. do Loreto, no sítio onde hoje se encontra a Matriz, um pequeno templo coberto de palha e com ingénuo painel pintado por cima do altar.”<sup>214</sup> Só mais tarde a Ribeira Grande se expande para a margem esquerda, tendo sido seu primeiro habitante João do Outeiro, cuja casa viria a ser comprada para a construção do Teatro Ribeiragrandense. “Em 1507 muitas dificuldades e carências fundamentais tinham já sido resolvidas. As terras que tanto haviam custado a desbravar, já se desentranhavam em fartas produções de géneros e as águas impetuosas da ribeira, emprestavam parte da sua força às pedras dos moinhos. Estavam criadas as condições mínimas para a efetiva e duradoura sobrevivência. E os heroicos que aqui chegaram e se fixaram em obediência às ordens do Infante de Sagres aqui cresceram e se multiplicaram. Na alma forte destes homens havia uma excecional capacidade de fê e de resignação, provinda da Idade Média. Mas havia também uma enorme ânsia de melhor vida gerada pela Renascença. E esta ânsia levou-os a solicitar ao Rei um diploma que lhes abrisse, mais amplamente, as portas do seu destino.” Assim, a Ribeira Grande foi elevada à categoria de Vila por Foral de El-rei D. Manuel I de 4 de agosto de 1507 com uma área de “uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho”. Em 1526-1527 a peste assolou o povoado, com os homens a arrancarem, o teto das casas e delas se afastando durante um ano.” No dia 25 de junho de 1563, houve a erupção vulcânica da Serra de Água de Pau que destruiu Vila Franca, todas as casas, igrejas e ermidas. Três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, seguida de inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé, incluindo os moinhos. No lugar do Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera conhecida como a Lagoa do Fogo. Durante quatro décadas durou a reconstrução, que aqueles homens não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Em 1563 tinha 794 fogos com 2 583 almas...A Igreja Matriz foi construída de 1507 a 1526 por um mestre biscainho, João de la Peña.*

*Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as casas e repararam os templos, erguendo a nova Ermida de N. Sra. de Guadalupe, depois incluída na Igreja de S. Francisco onde hoje forma a Capela do Senhor Santo Cristo da Coluna. Nos alvares do séc. XVII uma nova Vila cresceu, de ruas mais largas e mais direitas, com casas e templos mais vastos e sólidos. Flagelada, ao longo dos tempos, por calamidades naturais sobreviveu a todas e tem vindo a crescer para as povoações vizinhas. Foi pioneira da indústria têxtil na região e sede da primeira central geotérmica e a 29 junho 1981 foi elevada a cidade.<sup>215</sup>*

Isto tudo a propósito da festa que ontem se iniciou.

213 [http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade\\_M%C3%A9dia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia)

214 (Vasconcelos, J. G. op. cit.).

215 (Vasconcelos, J. G. op. cit. e Moreira da Silva, Armindo de Melo)

## CRÓNICA 45 FÉRIAS NO FAIAL, 6 setº. 07

Não é fácil dizer a quem trabalhou no duro durante um ano que não se podem tirar férias e assim começa esta história a 22 de agosto, data da partida para uns curtos nove dias de relaxamento e de conquista do desconhecido nas ilhas do meio ou do triângulo. Trata-se (para os menos versados em geografia) das ilhas do Faial, Pico, S. Jorge.

*Não sei exatamente se era o CS-TKK, ou o CS-TGN, CS-TGY, CS-TGN, CS-TGX, CS-TGL, mas era um deles. A partida prevista para as 10 horas correu anormalmente bem, o check-in em menos de dois minutos, entramos e aguardamos a chamada. Como os lugares nos voos internos não são marcados éramos os primeiros da fila após dois inválidos em cadeiras de rodas. Entramos, o avião fez-se à pista e vira para arrancar rumo a noroeste.*

*Espera aí, que ruído é este? Falta de potência no motor ao lado da minha janela esquerda? Bem me pareceu... o outro motor acelerou bem, mas este parecia um dos antigos corta-corrente que os carros tinham para cortar a gasolina, e fanava-se ao aumentar a rotação do motor...*

*Parámos, olhares entrecruzados dos turistas a bordo, num total de 53 pessoas mais tripulação.*

*Mas que se passa? Os motores pararam e o piloto vai fazer nova tentativa de arranque, isto cheira-me a experiência de motor, 1, 2, 3 senhores passageiros, não se preocupem, vou só ver se estes motores se decidem a arrancar para voarmos duas horas por cima do mar.*

*Não há perigo, as águas nem são frias e não há tubarões por perto... nova tentativa abortada e o avião vai lentamente para o hangar na extremidade sul da pista.*

*Um autocarro leva-nos de novo à gare de embarque com o circunstancial aviso de que “problemas técnicos nos impedem de prosseguir a viagem, por favor aguardem até que lhes seja comunicado...”*

*Na gare, junto ao guichet da SATA, seis pessoas impacientes esperavam a vez de serem atendidas e uma delas deixou escapar o desabafo de estar ali há mais de uma hora... não há crise, como só nos darão mais informações pelas 11 e meia ou meio-dia podemos esperar na fila da SATA.*

*Assim fizemos, eram umas onze e meia (apenas desesperáramos uma hora) quando fomos atendidos. Pretendia que me fizessem marcação para o voo das 15:00, independentemente do que se passasse com o avião ora estabilizado no hangar. A senhora (exasperada com os protestos e as bocas dos que me antecederam, insatisfeitos com o monopólio proporcionado pela SATA) acabou por nada fazer alegando que o voo já estava lotado.*

*Felizmente pelas 13 horas vejo os meus companheiros de voo dirigirem-se para o controlo de passageiros (a instalação sonora do aeroporto João Paulo II deixa muito a desejar, pois ninguém ouve ou entende o que se anuncia). Segui-os, a melhor tática em aeroportos é a do carneiro.*

*Embarcamos e ficamos instalados ao lado do motor, a fim de termos a certeza de que se avariasses saberíamos o motivo ... desta vez, levantamos sem incidentes, com três horas e meia de atraso.*

*Quase no final do voo, sentia-se um cheiro a motor queimado e uma trepidação esquisita nesse mesmo motor. Aterrámos sem problema, e demos graças a quem cuida de nós por nos ter levado a bom porto.*

*Recordarei a viagem como uma das mais esquisitas das centenas que fiz.*

*O mais trepidante dos motores quase fazia esquecer a imagem do Pico, ao lado do avião, imponente nos seus 2351 m.*

*Depois das formalidades levantei o carro e rumei Castelo Branco afora, rumo aos Flamengos onde ficamos na Quinta do Vale<sup>216</sup>.*

Descarregadas as malas, e vistoriado o meio-ambiente, resolvemos ir a essa instituição mundial, o *Peter's*. Mesmo ao lado existe a melhor loja de roupas (e preços) da ilha (e é *Peter's*) ...o resto vem nos livros. Há um cheiro e um ambiente muito peculiar: cheira a *Hemingway*, disse eu..., estava quase sempre cheio a qualquer hora do dia, disso ninguém tem dúvidas.

*Nessa tarde fomos dar umas voltas para conhecer a Horta e áreas adjacentes. A paisagem é bonita, as baías, a da Horta, da Conceição, de Porto Pim são um espanto, de dia ou de noite com*

<sup>216</sup> Um empreendimento rural destruído antes de ser construído, quando ocorreu o grande tremor de 1998 as duas casas rurais estavam a ser arrançadas, mas só se lhes aproveitou a fachada que foi mantida.

*aquela vista deslumbrante sempre à sombra imponente do Pico que, ora se esconde, ora revela, num constante jogo do gato e do rato, que nos entusiasma e nos prende: há aqui sortilégio.*

*Esta terra marca, estou a adorar. Nem demasiado grande, nem demasiado pequena, muito cosmopolita, só no primeiro dia já tinha ouvido espanhol, italiano, holandês, sueco, finlandês, inglês, francês e português de vários quadrantes.*

*Achei a comida cara, a ida ao supermercado Modelo assim o comprovou.*

*Existem poucos minimercados, algumas lojas tradicionais, poucas lojas de roupa e demorou a encontrar um sítio onde um prato de comida rondasse os 5-7€, a média acima dos 10 e dos 15€ por prato principal. Mas acabei por encontrar quase tudo o que precisava para viver ali. Já falarei disso, se me lembrar...*

As pessoas simpáticas, sem serem subservientes. Ninguém perguntou (ao contrário de S. Miguel) se estava a gostar da ilha. As águas eram servidas com copo, sem me perguntarem se o queria ... A falta do sotaque micalense era uma dádiva da qual os locais se orgulhavam, pois, vangloriavam-se de falarem o português mais parecido ao de Portugal. Que diferença do sotaque ininteligível de Rabo de Peixe ou dos Fenais da Ajuda...

Ao fim do segundo dia déramos a volta a toda a ilha, sem ser pelas estradas principais, tendo ido ao incontornável, lunar, estranho e fantasmagórico ponto mais ocidental: o do vulcão dos Capelinhos ... faz arrepiar, em especial depois de ver os filmes, fotos e imagens da época (outº 1957 - novº 1958), a emigração para os EUA depois do *J. F. Kennedy* aprovar uma lei especial para os refugiados dos Capelinhos. Cinza, só cinza e areia, vegetação escassa e a terra cheia de sulcos profundos onde nos enterramos com facilidade.

Dos 2,5 km<sup>2</sup> que o vulcão acrescentou à ilha, a erosão, a ação do mar e outros elementos já desfizeram quase tudo, restando apenas 0,5 km<sup>2</sup>. Obras no local aprontam novo centro de interpretação, com 20 novos formandos prestes a entrar em atividade na altura em que se irão celebrar 50 anos da erupção (seria inaugurado em agosto de 2008).

*Estivemos no Salão, terra simpática na costa norte a pequena distância dos Capelinhos. A história recente da Freguesia fica marcada pelo sismo de 9 de julho de 1998.*

*O Salão encontrava-se relativamente próximo do epicentro, e devido a esse facto, a destruição de grande parte das habitações e lugares da Freguesia foi bastante notória.*

*Pouco passava das cinco horas de manhã, quando um violento sismo destruiu grande parte das casas e infraestruturas da Freguesia:*

- Destruição total da Igreja Paroquial do Salão;
- Destruição significativa do Império do Divino Espírito Santo;
- Destruição completa ou parcial da maior parte das moradias;
- Pontes parcialmente e totalmente destruídas;
- Acesso ao Porto do Salão destruído;
- Snack-Bar (o único) "A Canoa" destruído totalmente.

Esta poderia ter sido a descrição que o senhor José (Sebastião de Freitas<sup>217</sup>) do café local nos deu do violento sismo que se abateu sobre a ilha desde o Salão, à Ribeirinha onde o Farol ficou destruído e a Igreja. Abalou os Flamengos, destruiu a Igreja local (ainda hoje as missas se realizam no pavilhão gimnodesportivo pois o auxílio económico para a reconstrução não dá para repor a Igreja) e chegou a Castelo Branco...

Antes de saber disto, interrogara-me por que é que as igrejas e faróis estavam destruídos nestas ilhas. Seria possível que o povo não gostasse de marinheiros e de clérigos? Não, quem não gosta é a mãe-natureza....

*Mas o que o simpático setuagenário Sr. José, do Salão, nos disse foi que naquela manhã toda a gente se levantara ao primeiro tremor,<sup>218</sup> e saíra para a rua, os que ficaram em casa morreram.*

217 A quem recordei este facto quando ali o reencontrei com 83 anos em dezº 2017

218 No séc. XX foram inúmeras as manifestações sísmicas no arquipélago, a saber



*O picaresco da situação foi a Igreja que caiu de uma só vez, menos o altar onde estava a padroeira da Freguesia (N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Socorro), e quando uns populares a foram buscar foi o altar que acabou por desabar salvando-se a “santa”.*

*No cemitério, os caixões vieram todos à tona, abertos e demorou meses a ser possível reenterrá-los, incluindo o pai do nosso interlocutor que morrera meses antes. As ondas de choque provocadas pelo sismo<sup>219</sup> haviam agitado o terreno do cemitério e desenterrado os mortos.*

*Esta Igreja foi a única que ruiu completamente, as restantes, incluindo as de Pedro Miguel aguentaram-se e não caíram totalmente...*

*O senhor José tinha 21 anos quando ocorreu a erupção dos Capelinhos, estando na tropa e tendo assistido durante treze meses ao horror de destruição que ocorreu, e ao “voyeurismo” das populações que não arredavam pé do local, nem queriam abandonar as casas todas destruídas.*

As descrições que ouvimos ao longo dos 9 dias de estadia na ilha não conseguiram ensombrar a beleza da ilha e um desejo crescente de me mudar para lá.

*Nem mesmo quando, estacionado no parque do hipermercado Modelo, um habitante local me veio chamar alertando-me para o facto de um “pommie” ter machucado o carro de aluguer e pretender alçar.*

*Confrontei o inglês, que tinha paleio de vendedor da banha de cobra adereçando-me por “Esquire” como se estivéssemos em pleno séc. XIX, e acedeu a pagar os danos.*

1907 Erupção submarina - A 1 de abril detetou-se uma erupção a 400 m de profundidade no Banco Mónaco (SSW de S: Miguel). Emitiu cinzas e cortou o cabo submarino S. Miguel - Faial.

1926 Grande sismo - Horta - A ilha foi sacudida por sismos de intensidade variável, a 5 abril, um provocou danos nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos. A 31 agosto, pelas 8:42, a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na Horta, especialmente na Freguesia da Conceição, e no Almoxarife (das 220 casas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona entre a Lomba do Pilar e o Salão. Ao todo ficaram derrubadas, total ou parcialmente, 4138 casas.

1957-1958 Erupção dos Capelinhos, Faial - De 16 a 27 set<sup>o</sup> 1957 sentiram-se mais de 200 abalos de terra, de intensidade fraca. A 27 de set<sup>o</sup> iniciou-se uma erupção submarina a 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos. A erupção evoluiu formando uma ilha que, com um istmo, se ligou a terra. O vulcão manteve-se em atividade até out<sup>o</sup> 1958. O tremor e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada de habitações e campos do oeste do Faial. Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitiu a imigração num êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.

1963 Crise sísmica e erupção submarina St<sup>a</sup>. Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 dez<sup>o</sup>, os sismógrafos no Faial registaram tremor vulcânico ao largo do Cachorro, St<sup>a</sup> Luzia, costa norte do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 dez<sup>o</sup>. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, do Faial e Pico avistaram “bolas ou nuvens de vapor” no mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando danos

1964 Crise sísmica - S. Jorge - abalou a parte oeste, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico e a evacuação para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo dos Rosais.

1973 Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 out<sup>o</sup> foram sentidos numerosos sismos no Pico, Faial e S. Jorge, em especial na Freguesia de S. Mateus e lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 nov<sup>o</sup>, pelas 12 h 36 min., registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Sto. António, Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, St<sup>o</sup> António e S. Roque, na costa norte do Pico, na Freguesia de S. Mateus, na costa sul, e nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, no Faial.

1980 Sismo de 1 de janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa - Pelas 16h42 do dia 1 jan<sup>o</sup> 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km e epicentro no mar cerca de 35 km a SSW de Angra. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra, na Vila de S. Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Sto. Antão, em S. Jorge, e ainda no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e ficaram mais de 400 feridos. Ficaram danificadas mais de 15 500 casas, e 15 000 desalojados.

1981 Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em princípios de julho uma pequena erupção submarina a cerca de 300 m de profundidade foi detetada no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel), com emissão de gases e de material basáltico.

1987 - Escorregamento da Ribeira Quente, S. Miguel - Em 31 out<sup>o</sup> 1997, após mais de uma semana de chuvadas intensas, que culminou com duas horas de precipitação excecional na madrugada, ocorreu um escorregamento de terras na encosta do Outeiro das Freiras, sobranceira à Ribeira Quente, S. Miguel, provocando 29 mortos, 3 feridos graves, o desalojamento de 36 agregados familiares, num total de 114 pessoas. Particularmente afetada foi a Canada da Igreja Velha, onde diversas habitações ficaram soterradas.

1998 - Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada, um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros no Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almoxarife, Faial e várias localidades do Pico. No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas. Leia mais sobre o sismo. 1999-2000 <http://www.minerva.uevora.pt/eschola/acoress/calamidades.htm>

219 No dia 9 de julho de 1998, ocorreu um sismo de magnitude 5,8 (Md) com epicentro a 17 km a NE da Horta, com intensidade máxima de VIII (Escala de Mercalli Modificada). Este sismo provocou, oito mortos e estragos significativos no parque habitacional, na rede viária, nos sistemas de abastecimento de água, energia elétrica e de telecomunicações. Há também a registar avultados estragos no parque habitacional de S. Jorge e do Pico. Há a registar numerosos deslizamentos translacionais superficiais, especialmente nas arribas litorais próximas da zona epicentral (Faial, Pico e S. Jorge) ao longo de várias escarpas de falha e na vertente norte do vulcão central (Faial). Os recuos da linha de costa identificados no Faial, causados pela grande densidade de movimentos de vertente, foram nalguns casos superiores a 10 m. O movimento de vertente com maior expressão, correspondeu a uma escoada de detritos que ocorreu na vertente norte da Caldeira, numa zona conhecida por Alto do Chão ou Risco. Fruto da topografia, o material foi canalizado para a Ribeira do Risco, aonde se encontravam as nascentes captadas pela Câmara Municipal da Horta para abastecimento das populações, ficando soterradas ou parcialmente destruídas.



*Liguei à companhia de aluguer de carros, que chamou a PSP, para tomar parte da ocorrência, fazer um filme, ouvir os intervenientes e depois fomos à seguradora.*

*Foi a manhã toda preenchida com burocracias..., admirei-me de ver dois jovens polícias a falarem inglês com o súbdito britânico que mal balbuciava em português.*

*Tive a sorte da testemunha me ter ido chamar, sem o que teria de pagar pesada multa e reparação ao entregar o carro...*

A visita à Caldeira acabou por se desdobrar em três, duas enevoadas e uma com sol, na última tarde. É bonita, mas perdeu a água no sismo de 1998.

No caminho, acima dos Flamengos a pequena, mas bela Ermida de S. João tinha venda de artesanato local.

Lembro ainda o monumento à N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição que tem belas vistas sobre a baía e o Pico, a marginal da Horta é pequena, para a marina cheia de barcos, com a tradição a ditar que cada tripulação pinte um quadrado nas paredes, no chão, onde calhar, alusiva à sua passagem pela Horta....

Um espetáculo.

Mesmo ao lado, a praia do Almojarife era boa para se viver, mas a casa que estava à venda e fomos espreitar custava 92 mil euros e mal se via o Pico...em breve, voltarei a esta ilha e ao Pico...



AMOSPRETA

## **CRÓNICA 47 DOIDOS. A ASAE VAI BANIR-ME. CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS MANIPULADOS. novembro 2007**

### **47.1. ELLES ESTÃO DOIDOS**

Um artigo de António Barreto<sup>220</sup> sobre o longo braço punitivo da ASAE<sup>221</sup> preocupou-me:

*A máquina de lavar roupa tem mais de 20 anos, está ao ar livre em cima duma palete sem proteção contra os elementos e cheia de ferrugem.*

*A máquina de lavar a louça está cheia de ferrugem, a base onde se colocam os pratos só gira para dentro e fora com buchas de meter na parede, porque as rodas já se foram...*

*Por outro lado, o supergrande frigorífico que já começa a ter paralelo nas lojas, tem uma capacidade de 470 litros, mas veda mal, tem inúmeros pontos de ferrugem, foi pintado e repintado por mim, mal e porcamente, sem obedecer a nenhuma norma aprovada, mas o pior é que obedece a normas australianas, não homologadas em Portugal, e não tenho na minha posse os documentos da sua imigração para a União Europeia nos idos de 1995. Nem o ano sei, mas lembro-me de o ter comprado em fevereiro de 1983.*

*A arca frigorífica é nacional, mas a data perdeu-se e tem sido vítima da minha tinta de spray branco, sem grandes resultados, apresentando sinais notórios de ferrugem.*

*Motivo de preocupação acrescido são as cadeiras da mesa de jantar que vieram da aldeia e foram construídas em data incerta há cerca de cem anos atrás.*

*Igualmente preocupante é a existência cá em casa de um dente de marfim, que a minha mulher herdou, e está na lista de substâncias proibidas.*

*Além disto tenho inúmeras coisas compradas na Austrália, Macau, Timor e Bali, que não estão ao gosto dos senhores da ASAE.*

*A banca da cozinha apresenta defeitos de fabrico nas juntas.*

*O esquentador a gás apenas ontem ficou a funcionar de forma segura, após mais de dois anos de luta contra tudo e todos. Agora deve estar com a emissão de gases regularizada, pois escapavam e desligava automaticamente ao fim de 3 ou 4 minutos, o que tornava cada duche cá em casa numa aventura empolgante até se saber quando o frio se instalava e a água quente voltava.*

*A chaminé foi desfeita há dois anos e os tubos que lá meteram numa placa de cimento não estão em conformidade com nenhuma norma e muito menos as de segurança.*

*Por causa das piratarías dos CD, já pedi n° ISBN para os CD dos Colóquios da Lusofonia, para deixarem de ser ilegais. Já telefonaram a dizer que vão dar os números de série. Ufa! Que alívio.*

*Eu sei lá, são tantas as coisas que a ASAE podia encontrar aqui que acho melhor fechar-me em casa e não sair nem abrir a porta a ninguém, com medo de ser descoberto.*

*Agora o pior vai ser para o azeite e vinagre pois não temos embalagens seladas individuais e toda a gente se serve duma garrafa de groselha que era da minha mãe e data dos anos 50 ou 60 do século passado, e na qual se mete o azeite que se compra na loja em embalagens de 2 ou 4 litros...*

*Também para o café dispomos de recipientes não homologados e por vezes até se misturam marcas.*

*No outro recipiente temos os pacotinhos de açúcar incluindo os que a minha irmã rouba do café (diz que não rouba, pois, paga os pacotinhos, mas não usa para não engordar, método sem resultados visíveis).*

*Depois há ainda as cassetes piratas que comprei em Bali (na Indonésia) quando era hippie em 1974 e que trouxe como recordação. Ainda se ouvem bem apesar de piratas e de terem tocado mais de dois milhões de vezes, e sabe bem ouvi-las pois lembro-me que foi nessa altura que fui até à Austrália e Indonésia.*

*Podia ainda referir mais umas centenas de coisas que estão cá em casa sem ser em conformidade com as normas europeias e da ASAE, mas temo poder vir a ser preso por ser demasiado individualista.*

Este texto, adiante, só serve para eu recordar o George Orwell e a “Vingança dos Porcos” e “1984”.

220 nesta última semana de novembro no jornal Público

221 A ASAE é um órgão de polícia criminal, dependente do Ministério da Economia, autoridade administrativa nacional especializada no âmbito da segurança alimentar e da fiscalização económica. Deste modo, é responsável pela avaliação e comunicação dos riscos na cadeia alimentar, bem como pela disciplina do exercício das atividades económicas nos setores alimentar e não alimentar ...

#### 47.2. A ASAE VAI BANIR-ME

Como muitos o citam sem o terem lido, extraio excertos da obra<sup>222</sup>, de *George Orwell*. A história passa-se no "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, ou *Pista de Pouso Número 1*, parte integrante do megabloco da Oceânia. O megabloco imaginado por *Orwell* congregava países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece hoje tão distante da realidade.

*A transformação da realidade é o tema principal. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob o omnipresente Big Brother. Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do Partido Externo, funcionário do Ministério da Verdade cuja função é reescrever e alterar dados, de acordo com o Partido. Nada muito diferente do que faz hoje qualquer jornalista ou um historiador. Winston questiona a opressão que o Partido exerce nos cidadãos. Se alguém pensa diferente, comete crimeideia (crime de ideia em Novilíngua) e fatalmente será capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia, pura e simplesmente como se nunca tivesse existido. Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelas teletelas e pelas diretrizes do Partido. Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 30 e 40, o livro não se resume a apenas criticar o estalinismo e o nazismo, mas toda a nivelação da sociedade, a redução do indivíduo a peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma.*

*Orwell* escolheu este nome na soma da 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill com o uso do sobrenome mais comum na Inglaterra. Esta obra-prima foi escrita no ano de 1948 e o seu título invertido para 1984 por pressão dos editores. A intenção de *Orwell* era descrever um futuro baseado nos absurdos do presente.

*Todos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o fim. Não era apenas sair de um programa de TV com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Os vizinhos e os filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crimeideia. Algo estava errado, Winston sentia-o e precisava extravasar. Com quem seria seguro comentar as suas angústias? Não tendo respostas satisfatórias, Winston compra clandestinamente um bloco e um lápis (artigos de venda proibida que adquiriu num antiquário). Para verbalizar os sentimentos, Winston atualiza o diário usando o canto "cego" do apartamento. Desta forma não recebia comentários nem era focado pela teletela de seu apartamento. Um membro do Partido (mesmo que externo) tinha de ter um teletela em casa, nem que fosse antiga. A primeira frase que Winston escreve é justificável e atual: Abaixo o Big Brother!*

*A vida de repressão e medo nem sempre fora assim na Oceânia. Antes da Terceira Guerra e do Partido chegar ao poder, Winston desfrutava duma vida normal com os pais. Mesmo ele tinha dificuldade a lembrar o passado e a vida pré-revolucionária. Os esforços da propaganda com números e duplipensamento tornavam a tarefa quase impossível já que o futuro, presente e passado eram controlados pelo Partido. O próprio ofício de Winston era transformar a realidade. No Miniver (Ministério da Verdade), alterava dados de tudo que pudesse contradizer as verdades do Partido e lançava os originais no incinerador (Buraco da Memória).*

*A função de Winston é uma crítica à fabricação da verdade pela mídia e a ascensão e queda de ídolos de acordo com interesses. O Partido informa: a ração de chocolate semanal aumenta para 20 g por cidadão. O trabalho de Winston consistia em coletar os dados que descreviam a ração antiga de 30 g e substituí-los pela versão oficial. A população agradece ao Grande Irmão o aumento devido aos propósitos mediáticos.*

*Winston entendia que adulterava a verdade. Havia muito tempo que encobria a verdade para si, mas, aos poucos, começava, calado e solitariamente, a questionar tudo. O medo de comentar algo era um dos trunfos do Partido para o controlo total da população. Winston tinha esperança na prole. Na sua ingénua visão a prole é a única que pode mudar o status quo. Winston lembra os "Dois minutos de ódio", parte do dia em que todos os membros do partido se reúnem para ver propaganda enaltecendo as conquistas do Grande Irmão e direcionar o ódio contido contra os inimigos (toteísmo usado amplamente pelo ser humano: odeie o inimigo e identifique-se com o seu semelhante).*

*Winston separara-se devido à devoção da esposa ao Partido que seguia as determinações que o sexo deveria ser apenas para procriação de novos cidadãos. O sexo como prazer era crime.*

222 (<http://www.duplipensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>)

*Ao ver uma bela mulher, lembrou-se da última vez que fizera sexo. Havia três anos, com uma prostituta repugnante. Boicotar o sexo, como pretendem os atuais donos do mundo é uma das forças motrizes para dominar a mente.*

*Winston anotava tudo o que se passava pela cabeça. Um exercício proibido, mas necessário. Anotar e lembrar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que o revoltava, era o de Jones, Aaronson and Rutherford, os últimos sobreviventes da Revolução. Presos em 1965, confessaram assassinatos e sabotagens nos julgamentos. Foram perdoados, mas logo após, foram presos e executados.*

*Após um breve período, Winston viu-os no Café Castanheira (local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crime). No ano do julgamento Winston fez a matéria sobre os três 'traidores'. Recebeu a notícia de que estavam na Lestásia, mas sabia que confessaram estar na Eurásia (na época a Eurásia era a inimiga, mas num piscar de olhos, a Lestásia deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga).*

*É uma crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados pelos EUA para combater o avanço do comunismo. Durante o pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para os dois países. Eles não eram amigos, sempre foram amigos! No ano seguinte, rumo ao 'espaço vital alemão', os russos foram sempre inimigos. Sempre tinham sido. Bastante atual se se comparar o apoio logístico e bélico dado pelos estadunidenses a Saddam Hussein e Osama bin Laden para combater o comunismo. Agora, são inimigos eternos.*

*A mentira do Partido era a prova que Winston procurava. Winston, que era curioso, mas não burro, deita o papel que podia incriminá-lo no buraco da memória. Revoltado, escreve no diário que liberdade é poder escrever que dois mais dois são quatro. As fábricas russas ainda contêm placas com o lema: dois mais dois são cinco se o partido quiser.*

*Não era bem-visto que membros do Partido frequentassem o bairro proletário. Winston estivera há dias no local para comprar o diário. Depois de um contumaz bombardeio, Winston entrevista pessoas sobre como era a vida antes da guerra, mas os idosos não lembram mais, apenas futilidades e coisas pessoais.*

*Ao voltar ao antiquário o proprietário tem uma surpresa. Winston esperava ver algum objeto anterior ao Partido, mas o que o Sr. Carrington lhe mostra é um quarto com arrumação, mobílias antigas e sem teletelas. Winston, ao sair do antiquário, vê uma mulher e desconfia que seja espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade, o que aumenta o seu temor em ser denunciado. Ao passar por Winston, ela simula uma dor para desviar a atenção das teletelas, e passar um bilhete escrito: "Eu te amo". As normas do Partido deixavam claro que membros do Partido, principalmente dos sexos opostos, não deveriam comunicar-se a não ser a respeito de trabalho.*

*Passaram semanas em conversas fragmentadas até conseguirem marcar um encontro num lugar secreto longe dos microfones escondidos. Winston descobriu o nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída por Winston e pelo rosto que parecia ir contra o partido. Estava na cara que Winston era perigoso à ordem e ao progresso. Winston surpreende-se ao saber que Júlia se 'apaixonava' com facilidade. O desejo dela era corromper o estado por dentro, literalmente. Para continuar o romance, Winston aluga aquele quarto do antiquário. Winston, impressionado, passou a acreditar que Júlia seria uma ótima companheira de guerra. Por enquanto, era a pessoa com quem podia compartilhar sentimentos e segredos. Apaixonado, recupera peso e saúde. Certo dia, O'Brien, membro do Partido Interno, percebe como Winston é diferente dos outros e convida-o a ir ao apartamento ver a nova edição do dicionário de Novilingua. O convite de O'Brien era incomum e fez Winston animar-se com a possibilidade da insurreição, passa a crer que a Fraternidade não é apenas propaganda. Winston leva Júlia e para espanto de ambos, O'Brien desliga a teletela do luxuoso apartamento. Alguns membros do partido Interno tinham permissão para se desconectar da 'banda larga' por instantes.*

*Winston confessa o desejo de conspirar contra o Partido, pois acreditava na Fraternidade e para tal as suas esperanças estavam depositadas em O'Brien. Os planos eram regados a vinho digno, artigo inviável para os integrantes do Partido Externo, e o brinde destinado ao líder da Fraternidade, Emanuel Goldstein. Dias depois, Winston recebe a obra política de Goldstein. Winston "devora" o livro, mas Júlia não demonstra o mesmo interesse. Winston acredita nas proles, mesmo ao ver uma mulher a cantar uma música prefabricada em máquinas de fazer versos. Nada muito distante da música atual. "Nós somos os mortos" filosofa Winston ao contemplar a vida simples da prole. A ignorância dos menos abastados não era perigo para o Partido e não sofria tanta repressão como os membros, superiores e inferiores do Partido, a classe média.*

*"Nós somos os mortos" repete a voz metálica. Era uma teletela escondida atrás de um quadro. Guardas irrompem no quarto e Winston vai para uma cela no Ministério do Amor. Até as celas tinham teletelas que vigiavam cada passo de um Winston doente e faminto. Ao encontrar O'Brien, Winston que pensara que ele também fora capturado, escuta a frase mais enigmática do livro: "Eles já me agarraram há muito tempo".*

*Winston vai para uma sala e O'Brien torna-se o seu torturador, explica o conceito do duplificar, o funcionamento do Partido e questiona Winston sobre as frases do seu diário sobre a liberdade. O'Brien não esquece o que o Winston escreveu. A liberdade é o tema para que O'Brien explique durante a tortura o controle da realidade. Se necessário deveria haver tantos dedos na sua mão quantos o partido quisesse.*

*A verdade pertence ao Partido que controla a memória das pessoas. Winston, torturado e drogado começa a aceitar o mundo de O'Brien e passa ao estágio seguinte, de adaptação, que consiste em aprender, entender e aceitar. Winston sabia que já se estava a adaptar e a confessar que a Eurásia era inimiga e que nunca tinha visto a foto dos revolucionários. Mas faltava a reintegração e este ritual de passagem só poderia ser concluído no Quarto 101. Segundo O'Brien, o pior lugar do mundo, o 101 é um inferno personalizado. Como Winston tem pavor de roedores, os torturadores colocam uma máscara no rosto com uma abertura para a gaiola cheia de ratos famintos separada por uma portinhola. A única forma de escapar é renegar o perigo maior ao Partido, o amor a outra pessoa acima do Grande Irmão. "Pare. Faça isso com a Júlia" grita Winston. Winston, libertado, termina seus dias tomando Gin Vitória e jogando sozinho xadrez no Castanheira Café. Ao fundo, o seu rosto aparece na teletela confessando os crimes. Foi libertado e foi rebaixado para trabalho ordinário num subcomité. Trajetória de milhares de pessoas de regimes totalitários, como o checo Thomaz de "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera, o caso do médico que vira pintor de paredes ao renegar as ordens do partido não é muito diferente daqueles que não se adaptam em suas profissões no mundo livre S.A. Júlia escapa do Quarto 101. O Partido separou-os e os dois só voltaram a encontrar-se ocasionalmente. Já não eram as mesmas pessoas. Tinham "crescido" e traído. Winston, no Café Castanheira, sorri. Está completamente adaptado ao mundo. Finalmente ama o Grande Irmão."*

Eu adquiri rapidamente pés de galinha, os cabelos e pelos eriçam-se como se tivesse visto um fantasma, isto, claro está, no caso de existirem. Comecei a olhar por sobre o ombro à cata de alguém que me espiolhe ou esquadrinhe as ideias, tão diversas do pensamento "aprovado e oficial". Não me apetecia ser vaporizado pois tinha um legado que queria imune à ação de um qualquer ministério da verdade. A privacidade de há 10, 15, 20 anos ou mais, seria impensável hoje. Tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental. Da luta contra o terrorismo. Doutra qualquer peleja que os líderes hão de inventar. Como as armas químicas que o velhaco genocida do *Saddam Hussein* afinal não tinha. O mesmo que os EUA forjaram com *bin Laden*. Desde há um século que "inventam" personalidades destas para fazerem o que lhes convém, lembremo-nos do Xá da Pérsia, ou do Panamá e de mais umas centenas de golpes falhados e aqueles que fizeram ricochete como no atual Irão...

Tudo isto acontece já, hoje e aqui, e só vai piorar. O Big Brother está nas nossas vidas e nós aceitamo-lo sem pruridos. É fácil saber o que fazemos, onde estamos e o que compramos, através dos cartões de crédito e débito, do novo cartão de cidadão, da passagem pelas portagens numa qualquer estrada, pelo Metro e seu "Cartão Andante", pelas câmaras nos centros comerciais e em toda a parte. Não se admirem se, qualquer dia, com a nossa inconformidade e individualismo pudermos ser privados da nossa pseudo-liberdade, por não termos cumprido as normas de higiene e de saúde que "eles" determinaram serem obrigatórias. Cada vez há menos espaço para seres pensantes e questionadores como eu. Só espero que isto não acelere demasiado para os anos de vida que ainda tenho. Não se preocupem demasiado, eu sou assim e esta fobia excessiva que tenho contra as bases de dados, é um sinal evidente da minha hipocondria e da necessidade absoluta que existe de me internarem como um perigo para a sociedade uniforme e cinzenta que me querem impor. Ah! Se eu ao menos tivesse cá a cicuta.

Aprovada pela maioria socialista na Assembleia da República uma conquista inolvidável de todos os "esquerdistas" traumatizados (ler adiante). Alguns ficaram com pena de se não ir mais além. De não ter havido coragem para desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas. Reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários no caso extremo e anormal de exames ou provas de avaliação. As famílias felizes com os filhos de excelente aproveitamento escolar, até



podiam ser doutores, o governo exultava com as estatísticas para Bruxelas ver e acabava-se com a fascista prática de obrigar crianças e adolescentes a aprenderem matéria que não serve para nada.

*Jornal Público Notícia 2008-01-18 11:09:00*

*O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. O prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.*

Mas os desígnios do governo eram mais avançados (como escrevi, ver [14.4. DESERTIFICAÇÃO](#)): fechar o interior para ficar como coutada de ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Deveriam ter encerrado todo o país. Com a nação fechada era mais fácil governá-la. Gastava-se menos dinheiro e resolvia-se o problema do défice. Os espanhóis vinham e plantavam tudo o que os portugueses não plantam, porque não dá, ou não vale a pena, dizem os lusos. Faziam disto uma quinta espanhola, à moda dos do Faial que entendiam o Pico como colónia privativa de férias. Só havia um problema, os tugas têm uma produtividade elevada quando trabalham no estrangeiro. Aí era uma chatice. Se comessem a trabalhar nas hortas espanholas, que dantes eram portuguesas, podiam habituar-se a trabalhar no duro e tornavam o país rentável...

Podia continuar a Crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo, à marretada e à força bruta de retroescavadora, a centenária casa ao lado, que em ruínas nos acompanhou nos últimos dois anos. O som de constantes tremores de terra, abanava a estrutura centenária que habito, em especial a falsa (sótão) em madeira... Se não soubesse como era sentir um terramoto esta era a oportunidade de o experimentar entre as oito da manhã e as cinco da tarde. Dias e dias, de fio a pavio, sempre a tremer. Pior que a doença de *Parkinson*. Sem sequer poder abrir a janela devido às toneladas de pó que se iam acumulando pela casa toda. Era como se o mundo real lá fora estivesse a conspirar contra mim, e estava, mas a maior parte das pessoas nem se apercebia e vivia tranquila na morrinha da lufa diária pela sobrevivência, que a mais não podiam aspirar.

Podia ainda falar-vos das chuvas torrenciais dos últimos dias. Como é habitual, levaram nas suas enxurradas umas terras desabadas, estrada dentro, e obrigaram à intervenção das solícitas equipas da Proteção Civil açoriana, mas tudisto era habitual e já ninguém estranhava. Vários os começos idealizados, mas todos esquecidos. Sintoma do avançar da idade.

#### **47.3. DO ENSINO AO JORNALISMO, CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS AMESTRADOS**

É importante, e há muito que o ando a dizer nos labirintos esconsos das minhas conversas (se bem que ninguém me leia e ninguém me ouça): o ensino em Portugal (tal como a democracia) segue um rumo globalizado de privatização. No futuro, haverá um acesso universal ao ensino, de má qualidade e sem grande futuro. Em alternativa o ensino privado, levando algumas pessoas a engrenagens de dívidas perenes e endividamento sem hipótese de sair desse círculo vicioso. Entretanto, as elites com poder de compra irão optar por escolas privadas, donde sairão os futuros dirigentes da nação que optem por não irem para o estrangeiro. Ter-se-á assim um país, e um mundo, a duas velocidades. A das massas, antigo proletariado, com melhores condições que na Ditadura, ostentando títulos académicos sem que isso represente emprego ou profissão duradoura. A das elites (à semelhança dos tempos da outra senhora) terá o privilégio de nomear os seus eleitos para todos os níveis de chefia a partir do intermédio.

Mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, e com o programa “Novas Oportunidades” vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que pensam, não vai deixar de os ter, vai ter analfabetos com diplomas. Nada disto é à toa, nem birra.... Já acontece nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas.... Teremos um país dos que têm e dos que não têm. Ninguém se preocupa com os desempregados vitalícios que começaram a surgir

(no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém perde o sono ou o apetite, pelos sem-abrigo, que se propagam mais depressa que coelhos, nas ruas das cidades esvaziadas de Humanidade, autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser “gentrificadas” para dar origem a condóminos de luxo. Os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino será a coutada de férias dos ricos e poderosos.

*Decidi não mais comprar a habitual dose de livros de ficção. A realidade excede-se e torna-se mais inverosímil que a ficção. No pequeno jardim à beira-mar plantado, as liberdadinhas vão sendo ameaçadas e cidadania é sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições que ninguém ousará negar. A própria democracia do 25 de abril resvalou para a pura demagogia. É encabeçada pelos discursos gloriosos do onnipotente e intocável líder. O tal que fez um curso universitário por faxe num domingo. E assinou projetos de casas de emigrantes construídas em cima de pocilgas de porcos, sem saneamento. Nenhum mal veio ao mundo pois nem era proibido nem ilegal. Os representantes eleitos estão, sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores. Esta teia intrincada de corrupção e nepotismo coloca em causa a democracia. Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura, imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. Depois, seguindo um processo a nível mundial, centrado no politicamente correto, assiste-se à criação artificial do ser imperfeito: agora é o fumador, daqui a uns tempos serão os obesos e depois os carnívoros.*

Tudo isso será tão grave como não pagar impostos. As represálias irão sentir-se sobre os que exercem um mero ato de cidadania. Os jornalistas não ousam criticar ninguém a menos que “mandados”. Já não há espírito de missão nem a profissão pode ser levada a sério. Portugal nunca foi um país de “jornalismo de investigação,” agora ainda menos. A sociedade civil não se pronuncia e os jornalistas raramente o fazem. Os que querem ser esclarecidos contentam-se com o mundo “underground” dos blogues. O progresso tecnológico galopante, nas últimas décadas, permitiu a todos um acesso alargado à informação, mas estão menos informados e - na maior parte dos casos - incapazes de decifrar as torrentes de informação debitadas. Vive-se a miragem da multiplicidade de jornais e de canais. Os telejornais são decalcados uns dos outros, apenas os apresentadores e a ordem das notícias muda.

Os grupos económicos que dominam os meios de comunicação (e os meios livreiros) promovem um cartel monopolizador da “verdade”, onde a independência e isenção são palavras vãs que se arriscam - em qualquer momento - a serem trucidadas. Os assalariados (leia-se jornalistas) se bem que hipoteticamente livres para escreverem sobre qualquer assunto, de qualquer forma ou feitio, só serão publicados se o conteúdo for conveniente aos interesses dos donos (leia-se patrões). Este tipo de censura é a pior. Cresceu incomensuravelmente nas últimas décadas e já me preocupava em meados de 80 na Austrália. É quase invisível. Mais brutal que o velho sistema do “lápiz azul” do SNI que eliminou 64 das 100 páginas do meu primeiro livro de poesia em 1972 (Crónica do Quotidiano Inútil) para ficar elegantemente reduzido a 32.

Agora, o quarto poder, a imprensa (escrita e audiovisual), na sequência do caso Watergate, deixou de defender as liberdades e direitos dos cidadãos. Já não faz denúncias, pactua e esconde-se sob a ameaça velada das leis que obrigam um jornalista a indicar fontes sob pena de ir para a cadeia. Os grandes grupos gabam-se de conseguirem eleger governos e presidentes e quando não o conseguem vale sempre a ajudinha da batota, como aconteceu com a eleição de George W. Bush graças aos votos da Florida (onde o irmão mandava). O homem que perdeu as eleições e teve menos votos, foi eleito para aquilo que se assistiu nos últimos oito anos. Ninguém sabe quantas guerras e milhares de mortos por causa dessas eleições. Em simultâneo, os grupos económicos que o apoiavam aumentaram desmesuradamente a influência, poder e lucros. Nem só de petróleo viveu a administração Bush.

Aqui vos deixo um alerta para a necessidade de acordarem. Todos. Mesmo os que têm a consciência escondida ou pesada, pelas atoardas com que diariamente vos metralham na comunicação social. É preciso haver jornalistas. Daqueles que nunca se calaram nem se vergaram ao peso do que era conveniente ou não dizer, sem olhar a atenuantes ou consequências. Têm - mais do que nunca - que ser arautos dos que não têm voz. Cada vez é maior o número dos desprovidos. Terão que ter uma probidade e ética

inultrapassável para afrontar tudo e todos, sem encolher os ombros cómodos. Assim surgiu o deflagrar da Grande Guerra.

Durante mais de vinte anos, fui um paladino internacional da causa de Timor e que ninguém acreditava. Era sistematicamente ridicularizado pela direção da LUSA, RDP, RTP ou Público (do qual fui um dos fundadores) por escrever demasiado sobre a “*guerra perdida dos timorenses*”. Arquei com o peso e consequências, na sanidade mental, durante 24 anos. Em 1999 consegui publicar o 1º volume da trilogia da história (Timor-Leste: o dossier secreto 1973-1975) com documentos secretos. Este facto é relevante por ter sido, originalmente, escrito na semana em que o ditador indonésio, o genocida Suharto faleceu. Foi considerado o maior cleptocrata de sempre ao longo de 32 anos de reinado tendo acumulado 53 biliões de dólares. No prefácio autoral escrevi então:

*Este trabalho mostra a atitude lânguida dos colonizadores portugueses, os primeiros europeus a “descobrir” Timor e Austrália, que descartaram a Austrália e preferiram Timor devido à madeira de sândalo. A expansão holandesa forçou os Portugueses a colonizar Timor e a “pacificar” a rebelde população. Este diário de acontecimentos, até à sangrenta anexação de Timor, pretende mostrar como Portugal lidou incompetente e apressadamente com a retardada descolonização. conclui-se que Timor não estava preparado, nem os Portugueses tiveram tempo de os preparar, e, os EUA, Austrália e Indonésia estavam ansiosos para se verem livres do problema.*

*O Timor Português era um atraso, sem educação, nem infraestruturas. A Austrália competia pelo petróleo em plena crise energética de 1973, e Portugal estava a aprender a tornar-se numa democracia depois de 48 anos de Ditadura, à medida que tentava evitar a sua própria quase guerra civil. Quando a descolonização se inicia em 1974, a Administração Portuguesa introduz medidas aceleradas para a preparação de quadros com vista à passagem de poderes e autodeterminação. A Indonésia estava adiantada a falsificar a escrita apoiada pela histeria anticomunista dos EUA devido à queda de Saigão, à “Teoria do Dominó” do Dr. Kissinger e incentivada pela pragmática ingenuidade da diplomacia petrolífera australiana. Para Portugal, Timor ainda é, demasiado longe, pobre e demasiado pequeno para ter alguma importância. Deficientemente preparados, os Timorenses esperavam, por qualquer razão desconhecida, que o mundo escutasse os seus pedidos de SOS, depois da curta guerra civil e breve declaração unilateral de independência. Mas, quando os abutres Indonésios descem a pique, o mais abafado genocídio secreto do século ocorre fora dos olhos e ouvidos do mundo.*

*Apesar dos duzentos mil mortos (um terço da população), sabemos que Timor não era o Kuwait, e ninguém escutava os apelos. A luta prossegue após a queda de Suharto. Ao invés da invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, os EUA, Reino Unido e outras potências não fizeram uma campanha unida contra a brutal agressão da Indonésia. Ninguém se importou então e poucos querem saber disso agora. Esta é a razão principal desta tese.*

*Dedico-a à memória de todos os que lutaram de armas na mão, ou doutras formas, e que ainda lutam pelo direito do povo Maubere à autodeterminação, que com pleno direito eles têm tentado afirmar ao longo de 23 anos. Este trabalho acompanha a bibliografia disponível para o período 1973-1975: artigos de jornal, entrevistas, a minha vivência real de Timor, e mais de vinte anos de pesquisas. As suas conclusões tornam-se óbvias ao adicionarmos os cabogramas SECRETOS de países ocidentais. A tese, baseada em documentação da época, pretende demonstrar que embora desejada, a independência não teria sido viável então, mas é mais do que merecida hoje.*

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia “guiada”. Este cinzentismo acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada “imprensa cor-de-rosa”. É soporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legisla-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo subterrâneo para saber o que é importante. Quando os políticos falam não são eles, mas as agências de comunicação e os grandes grupos. Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em uma fraude democrática. São esses os idiotas que votaram Sócrates, antecessores e sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês “*read my lips*” ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum pseudojetset e duma pseudonobreza sem sangue-azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes, violações, abusos,

desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, em imagens ainda atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua, “*é disto que o meu povo gosta*” como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontre desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o telejornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congêneres norte-americanos. Não se escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

Uma idosa que roubou uma peça avaliada em menos de quatro euros foi levada a tribunal pelo supermercado, e o filho do banqueiro Jardim Gonçalves (entre outros ladrõezinhos que existem por aí) nem sequer a tribunal vai? Claro, que o roubo de muitos milhões é investimento falhado e o de uns centimos é um crime de lesa-majestade. Gosto de escrever a palavra REVOLTEM-SE, mas podia ser considerado um crime de traição ou de apelo ao terrorismo, face às novas leis, pelo que me coíbo de o fazer.

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá lestantemente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "*Um povo culto é um povo infeliz.*" Sejamos felizes, sejamos incultos. A razão de todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente novas castas (este país sempre foi um país de castas).

*Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não-comunicantes e estanques. Depois passaram os primários para professores do básico. Não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades. Como não deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de Liceu continuavam com a velha mentalidade, impedindo o sistema de seguir e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e no ativo que me perdoem este desabafo). Sentem-se atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam e, no entanto, eram professores primários capazes, mais que os atuais.*

A ignorância e a falta de preparação dos professores atuais até doem. Já basta os programas que pouco ou nada ensinam (cada vez mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no meu tempo de que aprendíamos coisas que não serviriam para nada). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada na educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Quanto a estruturas, o país tem demasiadas leis e incumprimentos a mais...para quê tantas leis se ninguém as cumpre? Quando as tentam impor, é duma forma arbitrária, bruta e cega de aderência à letra da lei e não ao seu espírito, ou então limita-se a uma mera caça à multa. Uma coisa é ter regras e normas. Outra é tentar impor leis a uma população impreparada e ignorante pela força bruta. Há ainda os lóbis fortíssimos dos médicos, farmacêuticos, advogados, desporto, etc. em quem ninguém toca e são responsáveis pela má saúde do país.



O que é preciso é primeiro civilizar [**leia-se DOMESTICAR**] o povo para se poderem impor regras e normas em vez de as impor à bruta sem se educar o povo, o resultado está à vista...vive-se numa Ditadura republicana, de esgares monárquicos, disfarçada de democracia. Tal como no tempo do *Hitler* só quando chegar à nossa porta é que nos daremos conta por onde nos levaram... As democracias só podem funcionar com gente culta e preparada e não com quase dez milhões de analfabetos.... Noutros países (na Austrália vi isso) fazem-se sacrifícios e o país avança e progride, aqui obrigam-se a sacrifícios e o país fica na mesma, só se trabalhou para a estatística europeia e não para criar riqueza. É o que acontece com a maioria dos empresários portugueses. Como escrevia *Mendo Henriques* (agosto 2008): “*é altura de fazer a revolução e dar o poder a quem tem cultura e não a quem tem dinheiro*”.

É tudo uma questão de visão, os portugueses têm-na tipo túnel (quando a têm). Outros veem mais longe e preocupam-se com o futuro. Aprendi imenso com os chineses. Foi a lição mais importante. Nunca me esqueço também do que mais me impressionara na aprendizagem com os aborígenes australianos: como sobreviver milhares de anos com uma cultura oral, sem escrita, sem posse de terras, sem matar (a não ser o que é necessário para a alimentação frugal, para preservar o meio-ambiente). Assim foram capazes de manter um segredo durante séculos (o crioulo de português que uma tribo manteve durante mais de quatrocentos anos).

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país continua diariamente a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

Os portugueses habituaram-se a ir de férias, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito. Goze agora e pague depois, se não morrer antes. Não se importem com os que roubam à sua volta, sejam do governo ou da privada, pode ser que os invejem e gostassem de poder fazer o mesmo. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e os que orbitam nessas esferas continuam a ir aos stands de automóveis de desporto comprar Ferrari, Porsche etc. A maioria dos habitantes, da Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios. Abomina quem os tem. Se bem que poucos, existem alguns, que os preservam e perseveram. Se não são mais ouvidos, quando têm tempo de antena nas rádios e televisões, é porque os programas só são transmitidos quando todos dormem e apenas alcoólicos com insónia estão despertos.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é o desemprego, que já levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Nem os pobres imigrantes da África subsaariana querem vir para cá. Preferem qualquer outro país. Para onde imigrar? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem dos portugueses escravos numa qualquer poçilga agrícola. O subsídio de desemprego e o rendimento de reinserção social são meros paliativos, desincentivos ao emprego e servem para atrasar mais a miséria profunda que afeta mais de dois milhões de portugueses. Isto significa que 20% do país já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, esses já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles.

De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que soubessem rabiscar umas ideias e quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa Ditadura dissimulada em que 200 mil pessoas em manifestações de rua nada conseguem. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam.

Para quê denunciar escândalos? Raro é o dia em que não são denunciados nas redes da internet, na rádio e TV. A justiça, sempre ao lado dos poderosos, agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país.



Apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quisesse tomar conta desta província ingovernável. Já a dominam economicamente e não estão interessados em pagar as contas. Que se desiluda o primeiro-ministro e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

*Para se pensar!*

*Quando vieram ....*

*Quando vieram contra os negros,  
eu não era negro e não fiz nada.*

*Quando vieram contra os favelados,  
eu não era favelado, não fiz nada.*

*Quando vieram contra os homossexuais,  
eu não era homossexual e não fiz nada.*

*Quando vieram contra as mulheres,  
eu não era mulher e não fiz nada.*

*Quando vieram contra os analfabetos,  
eu não era analfabeto, não fiz nada.*

*Quando vieram contra os pobres,  
eu não era pobre e não fiz nada.*

*Quando vieram contra os aleijados,  
eu não era aleijado e não fiz nada.*

*Quando vieram contra os outros,  
o assunto não me dizia respeito e  
não fiz nada.*

*Quando vieram contra mim,  
ninguém me defendeu.*

*Quem não é vítima de discriminação e abuso  
sempre pensará que o sofrimento do outro não é  
grande coisa, que é exagero.*

*Alguns acham que discriminação  
nem existe, que não existe discriminação contra  
negros, contra mulheres, contra homossexuais,  
aleijados, favelados, pobres...*

*Assim seguimos e fazemos todos os dias,  
desprezamos ou diminuimos  
o sofrimento alheio.*

*Não dando atenção à dor do outro nos  
condenamos a sofrermos em silêncio, a  
sofrermos sozinhos a nossa própria dor.  
O preconceito só existe porque o silêncio  
favorece os opressores.*

*Quem, acovardado, se omite,  
concorda com o abuso.*

*Quem concorda com o abuso,  
será abusado ouvindo o silêncio cúmplice dos  
outros.*

*E tudo parece muito normal,  
tão normal quanto sofrido e solitário.  
Aqueles frases acima poderiam ser  
reescritas assim?*

*Quando vieram contra os negros,  
eu não era negro e não fiz nada e,  
calado, também eu era contra os negros.*

*Quando vieram contra os homossexuais,  
eu não era homossexual e não fiz nada e, calado,  
também eu era contra os homossexuais.*

*Quando vieram contra as mulheres,*

*eu não era mulher e não fiz nada e,  
calado, também eu era contra as mulheres.  
Quando vieram contra os analfabetos, eu não era  
analfabeto, não fiz nada e, calado, também eu era  
contra os analfabetos.*

*Quando vieram contra os favelados, eu não era  
favelado, não fiz nada e, calado, também eu era contra  
os favelados.*

*Quando vieram contra os pobres, eu não era pobre  
e não fiz nada e, calado, também eu era contra os  
pobres.*

*Quando vieram contra os aleijados,  
eu não era aleijado e não fiz nada e,  
calado, também eu era contra os aleijados.*

*Quando vieram contra mim, ninguém me  
defendeu, usaram o silêncio e a indiferença  
para apoiar meus inimigos.*

*Uma lição a ser aprendida:  
o que nos faz iguais é que somos, todos,  
diferentes uns dos outros.*

*De onde vem o medo de ser diferente?  
Do silêncio?*

*Inspirado no documentário "Olhos azuis" de Jane Elliott*

Porquê? Pense nisso.

#### **47.4. AS 10 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO MEDIÁTICA**

O linguista estadunidense *Noam Chomsky* elaborou a lista das “10 estratégias de manipulação” através da mídia:

##### **47.4.1. A ESTRATÉGIA DA DISTRACÇÃO.**

*O elemento primordial do controlo social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e económicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes. A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir o público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernética.*

*“Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público ocupado, ocupado, ocupado, sem nenhum tempo para pensar; de volta à granja como os outros animais. (citação do texto 'Armas silenciosas para guerras tranquilas')”.*

##### **47.4.2. CRIAR PROBLEMAS, DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES.**

*Este método é chamado “problema-reação-solução”. Cria-se um problema, uma “situação” para causar certa reação no público, a fim de que este seja o mandante das medidas que se deseja fazer aceitar.*

*Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja o mandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da liberdade. Ou criar uma crise económica para fazer aceitar como um mal necessário o retrocesso dos direitos sociais e o desmantelamento dos serviços.*

##### **47.4.3- A ESTRATÉGIA DA GRADAÇÃO.**

*Para fazer com que se aceite uma medida inaceitável, basta aplicá-la gradativamente, a conta-gotas, por anos consecutivos. É dessa maneira que condições socioeconómicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 e 1990: Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram*

*rendimentos decentes, mudanças que haveriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.*

#### 47.4.4- A ESTRATÉGIA DO DIFERIDO.

*Outra maneira de se fazer aceitar uma decisão impopular é a de apresentá-la como sendo “dolorosa e necessária”, obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Em seguida, porque o público, a massa, tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que “tudo irá melhorar amanhã” e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isto dá mais tempo ao público para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la com resignação quando chegar o momento.*

#### 47.4.5- DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO A CRIANÇAS DE TENRA IDADE.

*A maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discurso, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade, como se o espectador fosse uma criança de tenra idade ou deficiente mental. Quanto mais se busca enganar o espectador, mais se tende a adotar um tom infantilizante. Por quê? “Se se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos ou menos, então, em razão da sugestibilidade, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade (ver “Armas silenciosas para guerras tranquilas”)”.*

#### 47.4.6. UTILIZAR O ASPETO EMOCIONAL MUITO MAIS DO QUE A REFLEXÃO.

*Fazer uso do aspeto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise racional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registo emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões, ou induzir comportamentos...*

#### 47.4.7. - MANTER O PÚBLICO NA IGNORÂNCIA E NA MEDIOCRIDADE.

*Manter o público incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para o seu controle e escravidão. “A qualidade da educação dada as classes sociais inferiores deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores (ver ‘Armas silenciosas para guerras tranquilas’)”.*

#### 47.4.8- ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE NA MEDIOCRIDADE.

*Promover o público a achar que é moda o fato de ser estúpido, vulgar e inculto*

#### 47.4.9- REFORÇAR A REVOLTA PELA AUTOCULPABILIDADE.

*Fazer o indivíduo acreditar que é somente ele o culpado pela sua própria desgraça, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades, ou de seus esforços. Assim, ao invés de rebelar-se contra o sistema, o indivíduo se autodesvalida e culpa-se, o que gera um estado depressivo do qual um dos seus efeitos é a inibição da sua ação. E, sem ação, não há revolução!*

#### 47.4.10- CONHECER MELHOR OS INDIVÍDUOS DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM.

*No decurso dos últimos 50 anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado crescente brecha entre os conhecimentos do público e aquelas possuídas e utilizadas pelas elites dominantes. Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o “sistema” tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto de forma física como psicologicamente. O sistema tem conseguido conhecer melhor o indivíduo comum do que ele se conhece a si mesmo. Isto significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior e um grande poder sobre os indivíduos do que os indivíduos a si mesmos.*



## **CRÓNICA 49, PICO, 13 janº 2008**

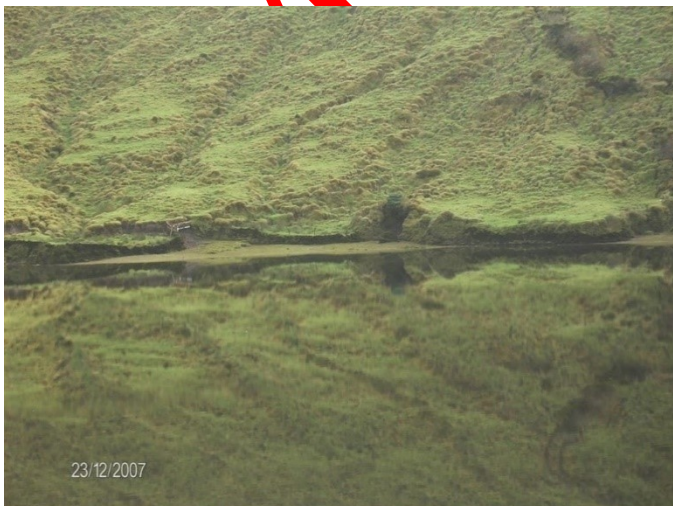
Ia começar as Crónicas deste ano a falar-vos outra vez da magia do Pico pelos olhos de quem está no Faial, Horta. Tentar transmitir-vos a atração irreprimível que as duas ilhas exercem sobre mim e que me desejam levar a empacotar a casa e mudar-me para lá, não obstante as mil e uma ameaças de tremores de terra catastróficos e de vulcões semiadormecidos.

Chegamos dia 23 de dezembro. Levantamo-nos pelas seis da manhã pois o barco arrancava pelas 07.40 da manhã, que ainda não nascera, armados com o farnel e a máquina fotográfica. Levantámos o carro de aluguer, e mal entrámos, a chuva começou a cair, a princípio hesitante e depois assertiva, de forma continuada e sem desfalecimentos. Não me amedrontei, pois, nestas ilhas chove, chove, e depois brilha o sol outra vez.... Só que no Pico quando chove assim, nunca mais para e andamos duas horas em sinuosas estradas, estreitas, cobertas de água, com visibilidade reduzida a 20 ou 30 m., sem sabermos para onde ir e sem nada ver.

Houve um momento, o ponto decisivo, em que estávamos a uma altitude considerável já nas faldas sul da cordilheira central, em que o vento abanava de forma ameaçadora o pequeno carro. Havia mais estrada de montanha, pela frente e a chuva impiedosa nada nos deixava ver. Indecisos e a medo, retrocedemos, convencidos de que seria melhor voltar à Madalena do Pico e apanhar o barco das 13 horas de regresso à Horta.

Descemos, devagarosamente que a visibilidade era nula, até Sto Amaro, e fomos redescobrir os locais por onde andáramos em agosto. Parou-se para uma italiana (bica muito curta) no Café Rego em S. Roque e a chuva abrandou, o nevoeiro levantou e a esperança de descobrirmos o que nos faltava conhecer surgiu.

Acabámos por voltar à estrada que atravessa o Pico transversalmente. Nos sítios por onde andáramos havia lagoas que não tínhamos visto, a escassos metros da estrada. Estivéramos no sopé do Pico sem o vislumbrarmos. Recuperamos o sorriso e fomos mostrar ao filhote o resto da ilha que sabíamos iria gostar, nomeadamente o Lajido do Verdelho com as veredas estreitas a lembrar o labirinto de Creta ou Micenos. Regressámos à Horta pelas 18 horas com 300 km de estrada feita. A promessa de voltarmos ficava desde então lavrada na lava vulcânica que a todo o passo encontrávamos.



Ia falar-vos de como era o Pico com neve em pleno natal e como era difícil arranjar onde jantar na consoada, dia de Natal e seguinte (a que os anglófonos chamam de Boxing Day ou para nós prosaicos, dia 26 de dezembro).

La contar-vos como era o vento nos Capelinhos a fazer lembrar o frio que os termómetros não marcavam, pois assinalavam sempre entre 14 e 17 °C. Dizer-vos que o meu filho João, adorou esta visita já que ali não fora em agosto connosco.

La dizer-vos que descobrimos cento e uma crateras no Pico e vimos as lagoas nas caldeiras de vulcões há muito extintos (dizem que há 440 mil anos, mas podem ser menos...), houve uma paisagem que não esqueço, bucólica e mágica, encantada mesmo, dava uma paz interior que fez desejar construir uma cabana ali no sopé do Pico, voltado a norte.

La falar-vos do jantar de consoada, a 24 de dezembro, no Hotel Canal, a única unidade hoteleira aberta nesses dias, na sala de jantar imensa apenas nós três e a funcionária. La quase pedir-lhe desculpa de a ter obrigado a estar ali na noite santa, quando um grupo de 7 alemães, e outro de 5 espanhóis entrou e deixei de me sentir responsável pela reserva efetuada em outubro.

Dia de natal cozinhou-se na pequena kitchenette que tínhamos na habitação (“Estrela do Atlântico” da alemã Ruth Bartenschlager) e ainda conseguimos tomar um café. Rapidamente se passou a semana que decidíamos passar ali e tivemos de regressar ao rural meio onde vivemos o resto do ano.

La falar-vos disto tudo e dar-vos mais imagens e detalhes, mas mal o ano começou, fui confrontado com a morte do Miguel, duma “irmandade” de verdadeiros amigos que tenho, mais jovem do que eu, com um ataque cardíaco fulminante quando se encontrava em Cabo Verde. Fiquei (e ainda estou) transtornado. Há poucos meses, agosto 2007, faleceu o Cristóvão Santos, assessor do Ramos-Horta, que fora, em Timor Português, um (colega e amigo) jornalista das minhas primeiras lides de jornalismo político e com o qual combati a ausência do 25 de abril.

Isto veio trazer-me de volta à realidade nua e crua. A passagem terrena é curta e o melhor a fazer é aproveitá-la bem, enquanto cá andamos, pois nunca se sabe quando chega o prazo de validade de cada um. As horas desperdiçadas em guerras, desentendimentos, amuços, é enorme considerando o tempo desperdiçado a dormir e noutras atividades sem impacto na nossa marca terrena, mas é assim a matéria humana e quem sou eu para endireitar este mundo? Já o deixei de fazer há mais de uma década.

A morte, como já escrevi, é tabu na sociedade ocidental que não se prepara para ela nem a aceita livremente quando chega. Prefiro a maneira de ser oriental, em que a vida é vivida tendo em mente que a morte é o fim de cada vida, o objetivo primário. A vida é uma fase transiente e passageira, e não um fim em si, curta etapa da passagem por esta orbe que diariamente destruímos.

*A morte da minha avó materna em 1966, do meu melhor amigo em 1976, do meu pai em 1992, dos meus tios em 2000, da minha sogra especial em 2005, além de outros nestes últimos anos são as que mais me marcaram e a ausência dessas pessoas pesa na minha forma de estar na vida, pois existem pequenas conquistas e alegrias que gostaria de partilhar com elas e já o não posso fazer da forma mais direta.*

Costumo dizer que (no máximo) terei uns 20 anos à minha frente se repetir a durabilidade do fumador inveterado que o meu pai era, ainda há tanto por fazer e tão pouco tempo para o concretizar. Para nos dedicarmos ao que é verdadeiramente importante. Quando comecei a escrever as Crónicas para incluir numa espécie de livro autobiográfico era para deixar alguns apontamentos sobre o que penso e sinto, mas falta-me muito engenho e imensa arte, além de que tenho a certeza (talvez infundada) de que nenhum dos meus “rebentos” a vá ler ou dela retirar os ensinamentos que colhi dos ensinamentos dos meus pais.

Tenho saudades da Austrália, de Bragança e já morro de amores pelo Faial e por todas as ilhas açorianas que já conheço, mas tenho a certeza de ter ficado aqui preso e amarrado e dificilmente sairei desta terra, bem verde e bonita é verdade, mas, por vezes, tão ou mais deserta que o Saara. Estes silêncios enormes que partilho comigo mesmo estão a tornar-me - cada vez mais – árido.



Como esta sociedade conformista e carneirista em que vivemos, com a ASAE a assumir o papel de controladora da vida privada e pública, na caça às bruxas que ora se chamam fumadores. Há artigos de opinião escritos por fanáticos “aiatolas” a exigirem que o SNS (Serviço Nacional de Saúde) não pague tratamentos aos fumadores, mas eles pagam os seus impostos, descontam para o SNS, e veem o Estado arrecadar milhões em taxas sobre o tabaco e não têm o apoio do Estado se quiserem deixar de fumar.

Mais hipocrisia que esta não imagino. Ao menos proibam-no, como se fosse uma droga dura, deixem de arrecadar milhões e tratem-nos a nós, fumadores, como drogados. Depois prendam-nos, pois dentro das prisões podemos fumar à-vontade. Pouco tempo falta para chegarmos ao ponto em que estávamos em 1989, na Austrália, em que se tornava quase missão impossível alugar uma casa sendo-se fumador, e nos poucos casos em que se conseguia era-se obrigado a fazer uma desinfestação e uma pintura geral ao largarmos a casa.

Se começamos a usar os estilos de vida para proibir o acesso ao SNS daqui a pouco vem a vez dos obesos, dos diabéticos ou doutros para se poupar e excluí-los da sociedade. Podemos começar já com os STD (doenças sexualmente transmissíveis), toxicodependentes e alcoólicos que nem gerem grandes receitas para o fisco, mas são um enorme peso social e económico para o Estado e a família. Depois vamos incluir os que não fazem ginástica, alargando-se depois (através de um qualquer estudo) para provar uma relação causa-efeito.

O *Hitler* começou com os judeus...podemos começar com isto. Na China apenas executaram 1010 pessoas em 2006, por crimes violentos (assassinio, violação e roubo) e crimes não-violentos como a fraude fiscal e o desfalque, podíamos começar com os políticos que mentem, roubam e acumulam mordomias. Isto recorda-me *Milan Kundera* (n. 1929) “*Nada há de mais inútil do que querer provar alguma coisa a um imbecil*” embora acrescentasse, a menos que ele tenha frequentado e terminado a sua graduação na Universidade Independente.. Ou como escreve hoje 16 janeiro de 2008 no Público, Catarina Almeida:

*Enquanto o Governo proíbe o cigarro, permite e paga o aborto. Desde 2008, conhecem-se 130 processos terminados, com 344 arguidos (todos de baixos rendimentos) e 103 condenações.*

*Segundo a análise feita pelos deputados que requereram o referendo, a maioria dos fumadores julgados tinha entre 35 e 50 anos e fumava por prazer. Conhece-se agora o primeiro movimento a favor da despenalização. Sim, Fumamos!*

*No documento constitutivo do movimento, que reúne fumadores de vários quadrantes políticos, partidários e culturais, lê-se: “Os julgamentos de Lisboa, Coimbra e Braga são exemplos da ineficácia da atual lei - não evita que se fume e coloca os fumadores numa posição desumana de penalização e humilhação.”*

*Aquando da elaboração da lei, o Governo afirmou ter em conta sobretudo a prevenção do tabagismo, proibindo-o, protegendo assim a sociedade, principalmente os cidadãos mais vulneráveis.*

*“É vergonhosa a condição a que nós, fumadores, somos remetidos. Empurram-nos para a barra do tribunal, abrindo espaço a que se criem espaços privados de higiene e condições. Somos vítimas do fumo do vão de escada e sentimo-nos verdadeiros criminosos. No entanto, aqueles que têm posses conseguem fumar sem ser importunados.”*

*Enquanto a atual lei se mantiver, acontecerão as denúncias e, como consequência, a investigação policial sobre fumadores e famílias. O tabagismo clandestino é um flagelo e um problema de saúde pública. A atual política de proibição impede o SNS de ajudar os fumadores, prevenindo os riscos através da educação para a saúde. Talvez não cheguemos a ler esta notícia no ano de 2028. É, claro está, uma analogia aparentemente exagerada e desproporcionada entre o aborto e a caça aos fumadores.*

*Independente sempre fui, desde que me rebelei contra a tirania paternal, seguida da rebelião contra o Exército Colonial Português (o SMO<sup>223</sup>) e que me levaria a desertar em janeiro de 1974 para a Austrália.*

*Não será agora com esta lei antitabágica que serei mais racional e conformista. Concordo com a lei em termos gerais, e como tal, os filhos mais novos são incentivados a adotarem (e adotam)*

*uma postura contra o tabaco, mas este macaco velho precisa de incentivos fiscais e estatais para deixar de fumar.*

Deixei de beber e outros prazeres da vida têm-se extinguido com o passar dos anos, resta-me este vício, esta droga, esta doença, mas quero que me seja permitido fumar sem ter de me esconder ou de fugir para a rua para poder desfrutar duma baforada de nicotina. Não quero que façam de mim mais pária do que já sou pelas minhas ideias e atos.

Moderado, sempre acreditei que era possível a coexistência pacífica ou coabitação e é isso que os não-fumadores deviam tolerar. Já basta ter a ASAE a proibir os sabores tradicionais...

Ainda não os vi proibir o pisar do vinho que enche a minha memória e que ainda ocorre nalguns locais. Aqui na Freguesia, apesar de proibido há quem mate o porco em casa. Se a ASAE descobre lá vão as tradições mais sagradas. Depois restarão as procissões, e isto enquanto a ASAE não fiscaliza as hóstias e a higiene do vinho da missa...

*Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (brutos) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e até das próprias tragédias.*

*O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação.*

*O humor é libertador, sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor.*

*O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um conservador cristão esboçar um sorriso.*

*Geralmente são tão tristes como no seu próprio enterro.*

*Basta ver os seus rostos crispados.*

*Como afirmava Nietzsche, "festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas". Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façamos uma festa enquanto me despeço daqui com uma baforada tabágica.*



## **CRÓNICA 50. O DESENSINO. 18-31 janº 2008**

Podia começar esta Crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo a casa centenária em ruínas aqui ao lado. Podia começar com a remodelação governamental, mas não me apetece falar da política do jardim à beira-mar prantado pois teria de mencionar a mais ridícula de todas as deliberações legais levada a cabo pela zelosa ASAE:

*O milho para os pardais (ou galinhas) só pode ser vendido em sacos de 5 kg, nem mais nem menos...isto mesmo que para as velhinhas que só podem levantar 2 kg de cada vez, para darem às galinhas no pátio enquanto não são comidas na consoada em memória dos perus que já não comem. Um cronista da nossa praça dizia com razão que, a continuar assim, mais valera a ASAE acabar com as velhinhas...*

Mas a razão por que não queria falar de política é que o Ministro Correia de Campos da Saúde (ou falta dela) ora demissionário (será o nome que dão aos despedidos ou demitidos?) andava a tentar rapidamente fechar o interior: começara pelas urgências e coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR. Mas os desígnios eram mesmo fechar o interior para ficar como coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias.

Eram vários os começos que idealizei, mas acabei por esquecê-los. Neste interior pacato de S. Miguel, na costa norte com chilrear de passarinhos, vaquinhas a pastar nos campos verdes, ar puro, a luz falha frequentemente, mas quem precisa de Internet?

Penso mandar cortar a luz e comprar candeeiros a azeite, a electricidade é uma modernice desnecessária...

*in Informativo-Notícia 2008-01-18 11:09:00 publicadas alterações ao Estatuto do Aluno em Diário da República*

*As alterações ao estatuto do aluno, de 2002, foram aprovadas com os votos contra de toda a oposição.*

*O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário.*

*Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.*

*O estatuto do aluno, introduzido em 2002 no Governo PSD - CDS/PP, previa a retenção automática de um aluno do Básico que excedesse o limite de faltas injustificadas ou a sua imediata exclusão da frequência de uma disciplina, no caso de estar no secundário.*

Foi pena não ter havido coragem para também desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas, pois reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários para exames ou provas de avaliação.

Qualquer dia os ladrões vão todos dar aulas para saberem como é. O que é preciso é estar nas boas graças do Chefe, ser mais papista que o Papa, e o futuro está garantido com a promessa dum lugar executivo numa qualquer empresa do Estado ou naquelas privadas onde o Estado é que manda...

*Adiante, começaram em janeiro as quatro semanas de celebração do carnaval com a passagem ritual na noite da quinta-feira do Jantar dos Amigos, cena curiosa pois as mulheres ficam em casa e os homens reúnem-se.*

*Depois do jantar há sessões de striptease que ajudam o ego frustrado de tanto macho latino reprimido que deve haver.*

*Na semana seguinte foi a Noite das Amigas em que elas fizeram o mesmo, com striptease masculino para se vingarem dos machos que têm.*

*Depois foi a Noite dos Compadres e das Comadres que antecederam o Carnaval e o S. Valentim dos Namorados.*

*Digo e repito: são curiosos estes hábitos - a que chamam tradições embora relativamente recentes - da ilha de S. Miguel com direito a espaço informativo nas televisões do continente. Assim se vê de que é feita a massa cinzenta (e menos cinzenta) destas gentes.*

*Era vê-los em frente às câmaras de televisão todos lampeiros, satisfeitos depois de se alambazarem com imensa comida e bebida à espera da “sobremesa”.*

*Só estou a falar disto porque segundo me parece não estou ainda integrado na sociedade local, dado que ninguém me convidou ainda a ir a uma destas noites.*



**AMOSTRA**

## CRÓNICA 51. REVISITANDO 1984 DE GEORGE ORWELL. 24 fev.º 2008.

Vou deixar de comprar a minha habitual dose de livros de ficção, pois a realidade não para de se exceder e ser mais inverosímil que a ficção como li esta semana. Se não, vejamos:

*Mohamed al-Fayed sublinhou que o provável assassino do casal foi o paparazzo James Anderson, que constava da folha de pagamentos dos serviços secretos (britânicos) e terá sido morto por aqueles serviços, segundo afirmou.*

*Outra acusação foi de que a tripulação da ambulância que levou Diana era constituída por membros dos serviços de segurança (franceses e britânicos), para se certificarem que a princesa chegava sem vida ao Hospital.*

*O milionário declarou que a ambulância demorou uma hora a chegar ao Hospital Pitié Salpêtrière, quando o trajeto entre o túnel de Alma e o Hospital demorava dez minutos a ser percorrido.*

*Sobre o mordomo de Diana, Paul Burrell, e a recente descoberta de que poderá ter cometido perjúrio, al-Fayed disse, citado pela Sky News: “Ele tem estado sentado no banco das testemunhas a dizer aldrabices. É importante trazê-lo de volta”.*

*O egípcio acusou Tony Blair, o MI-5, o MI-6 e o embaixador britânico em França de fazerem parte da conspiração que matou Diana e o seu filho, mencionando a chamada “nota Michand”, escrita pelo advogado de Diana em 1995, expressando os receios da princesa sobre o plano para a assassinar num acidente de automóvel.*

*A nota foi entregue ao comissário da Polícia de Londres após a morte da princesa de Gales, mas nunca chegou às mãos dos investigadores.”*

O pior disto é que é altamente possível que tenha acontecido, mas que só se venha a saber daqui a 50 anos...tal como no caso Camarate, no assassinato de *J. F. Kennedy* e tantos outros de gente suicidada.

*Aqui no pequeno jardim à beira-mar plantado as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas.*

*Há uma crise das instituições democráticas que ninguém ousará negar, a democracia saída do 25 de abril resvalou para a pura demagogia.*

*Os nossos representantes eleitos estão - cada vez mais - sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores numa teia de corrupção e nepotismo que põe em causa a própria democracia.*

*Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. As represálias ocorrerão sobre os que exercem um mero ato de cidadania.*

*Já há escutas telefónicas, câmaras de videovigilância (em todas as esquinas de Londres e em breve num bairro perto de si), existem ficheiros sobre cada um de nós que convenientemente (e em nome do antiterrorismo global) se fundiram num documento único de cidadania, tal como constava das previsões de George Orwell<sup>224</sup>. ([LER CRÓNICA 47.2](#))*

Esta realidade virtual que temos onde a privacidade de há 10 ou 15 anos é impensável, tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental e da luta contra o terrorismo ou outra que hão de inventar, como a das armas químicas que o malandro do genocida do *Saddam Hussein* não tinha.

*Nem imaginem fugir ao pesadelo de vigilância sobre os movimentos das nossas vidas: fugir às portagens, fugir do multibanco, da internet que traça todos os nossos movimentos virtuais cibernéticos, tudo vigiado por câmaras em bancos, supermercados, centros comerciais, repartições, tribunais.*

*Se fugir, isso chamará a atenção de um qualquer bufo de serviço e as autoridades vigiarão ainda mais o comportamento antissocial e instaurar o respetivo inquérito de averiguações.*

*Quem foge é suspeito de esconder algo de muito grave.*

*No tempo do Salazar a PIDE podia torturar, mas os EUA levaram mais longe a prática e pediram a “países amigos” que fizessem os interrogatórios e torturas por eles, além de criarem esse Gulag que é Guantánamo, de fazer inveja aos estalinistas mais ferrenhos.*

*Tudo em nome da liberdade e sua defesa em estados de Direito.*

*Tudo legal.*

224 Eric Arthur Blair, n. Bengala, 25 de junho de 1903 — m. Londres, 21 de janeiro de 1950



*Isto ameaça colocar na reforma todos os terroristas pois os Estados de Direito efetuarão o seu (deles, terroristas) trabalho sujo.*

*O abismo está ao virar da esquina em nome dum pragmatismo qualquer. Ninguém nota, pois, os que votam neles são irresponsavelmente ignorantes*

*Vai ser difícil concorrer a um emprego, dado o excesso de qualificações dos candidatos formados por uma qualquer fábrica universitária que produz “canudos de Bolonha” que para nada servem, exceto para enganar as estatísticas de Bruxelas.*

*Mas ficamos bem na fotografia com esse nível de qualificações elevado face ao resto do mundo. Isto é o que espera os nossos filhos e netos que, entretanto, se vão deparar com um país e uma Europa demasiado envelhecidos para pagarem as reformas das gerações anteriores.*

*Com a dívida que herdarão da “baby-boom generation” ficarão também para eles resolverem problemas como o das autoestradas sem custo para nós que terão de pagar com juros e dividendos e as obras faraonicamente desnecessárias que os seus antepassados foram construindo para deixarem o “legado” às gerações vindouras.*

*Dá que pensar e é o que pretendo com esta Crónica.*



**AMOSTRA**

**CRÓNICA 52. 9º COLÓQUIO (3º ENCONTRO AÇORIANO) DA LUSOFONIA maio 2008**  
**52.1. PROJETO DE ESTUDOS AÇORIANOS 2008-2012**

*A vida sem provações não vale a pena ser vivida.*  
– Sócrates, *Apologia*, 38

Tudo começou no dia em que comecei a traduzir autores açorianos e descobri neles a vida e a imortalidade que julgava inexequíveis. Não era um trabalho fácil pois um bom escritor raramente se alcandora à fama dos efémeros jogadores de futebol que, de quatro em quatro anos, arrebatam as multidões, como os velhos deuses gregos descidos do Olimpo. Eram a antítese, com a sua sobriedade, honestidade, integridade e humildade. Não se julgavam salvadores do mundo, nem tampouco enviados por uma qualquer divindade para gravarem palavras na rocha sagrada que iria perpetuar a civilização.

Não se tratava dum retângulo de 120 m. e vinte e duas pessoas a correrem atrás dum esférico para o enfiarem numa rede. Era um espaço sem delimitações onde se traçavam no alvo papel os hieróglifos, no fluir ritmado das palavras ao som das ondas destes mares, entremeadas pelo cíclico estremecer dos solos numa lembrança de *Hefesto*, Deus do fogo, dos metais e da metalurgia, filho de *Zeus* e *Hera*.

*Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Posêidon? Enquanto o primeiro detém os Céus e o segundo os Mares, Hades é o senhor do mundo subterrâneo, o Inferno local para a moradia dos mortos.*

A escrita dos autores açorianos fluía como lava incandescente, como magma descendo a 25 de junho de 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo, todas as casas, igrejas e ermidas. E, como sabemos, três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, seguida de inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os moinhos. No Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera hoje conhecida como a Lagoa do Fogo.

*Nada parecia ter paralelo na, enormemente rica e diversa, literatura açoriana que lentamente ia conhecendo com cada livro que traduzia. Esses autores eram tão persistentes como tenazes foram os habitantes da Ribeira Grande durante quatro décadas labutando na sua reconstrução.*

*Embora os autores açorianos tenham os seus livros lidos apenas por umas, bem poucas, centenas de pessoas no arquipélago e na diáspora, continuavam, ano após ano, a arar as palavras como se fossem terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito que os terrenos do Pico.*

*Estavam esses autores tão olvidados como a população esquecera já as erupções mais célebres do arquipélago.*

A Erupção da Lagoa do Fogo: (um vulcão que pode estar sempre prestes a despertar) - Em 1563, a erupção do vulcão onde hoje é a Lagoa do Fogo, causa novo cataclismo maior que a Subversão de Vila Franca.

O Dr. Caspar Frutuoso, fixou residência na Ribeira Grande, dois anos depois.

*“Já o Nordeste se encontrava devastado e ninguém sabia a origem do que estava a suceder. O povo entregava-se à proteção da Virgem, implorando a misericórdia divina.*

*Terra farta e de excelentes criações, via toda a riqueza desfeita e imaginava o fim dos dias. Com o dilúvio desta chuva de pedras de várias "granduras" e de cinza fina e branca, que havia de petrificar, transformando-as, morreram todos os pássaros.*

*Os povos, cheios de pavor, abandonaram casas e saíram para as ruas e praças, os lamentos e preces misturaram-se, os abalos seguiram-se, a pequenos intervalos, toda a noite...a terra tremeu quarenta vezes.*

*Os habitantes do Nordeste, da Ribeira Grande, de Vila Franca, não cessaram de implorar a clemência divina. E parecia que as preces tinham sido ouvidas, porque durante domingo, 28 de julho, nenhum abalo se sentiu.*

*Porém na segunda-feira começou outra vez a tremer, ao anoitecer, notou-se uma densa e grande nuvem sobre a serra de Água de Pau.*

*Os povos olhavam-na estarecidos e no seu ânimo abalado e supersticioso não lhes parecia já uma nuvem, dando de si mostras de aparências mui espantosas, variando-se com a sua feia escuridão em diversas figuras e mui horrendas.*

*E o monstro aéreo, que assim parecia aos ânimos espavoridos, abriu grandes bocas e vomitou línguas de fogo que iluminaram o horizonte, caminhando negro e pavoroso sobre Vila Franca.*

*Vendo-a (a nuvem) todos se puseram de joelhos, pedindo misericórdia. ... enquanto se poderiam dizer quatro credos de vagar, e em todo este tempo a nuvem não descansou de botar de si fuziladas, sem estrondo que parecia que se abria o céu com fogo, chegando com a ladainha a dizer-se: Santa Maria, ora pro nobis, se abalou a esta palavra a nuvem de cima da gente e se tornou ao norte com as três bocas diante, porque deu uma volta, como um navio e virou as bocas, como proa a caminho do norte. ... depois começou a sair do alto da serra, donde viera a nuvem, um sopro grande, branco, sem trovoadas, e a terra a tremer muito, seguido de uma densa chuva de cinzas e pedras em tal quantidade que as pessoas ficaram cobertas e barradas como se em caldeiras de cinzas delidas fossem metidas...o pânico apossou-se da multidão que fugiu desordenadamente para os campos, para os montes, para Ponta Garça, para a Ribeira das Tainhas, para o mar.*

*O vulcão rebentara no mais alto da Serra de Água de Pau, junto dos picos das Berlengas e das Mesas, entre os quais ficava uma pequena lagoa ... naquele dia 28 de junho, o pico diante a vomitar torrentes de lava ardente, corriam pelas vertentes norte da serra, como ribeiras caudalosas, abrindo sulcos nos terrenos.*

*Submergiram-se... alastrando em pastosos lagos sobre as terras lavradas.*

*Formaram-se vastos espaços de rugosas pedreiras que chamam biscoutos e mancham de negro e de infecundidade a terra arável.*

*No dia 2 de julho a erupção, no Pico do Sapateiro, próximo da Ribeira Grande, veio juntar-se àquela na sua fúria destruidora.*

*E as duas crateras, ao desafio, expulsavam das entranhas as lavas candentes que, correndo, como ribeiras, por colinas, campos e vales, tudo assolavam, e, com violento ímpeto, arremessavam para o ar, a alturas inauditas, massas ígneas e pedras, algumas da grandura de bois, que ao caírem se fragmentavam, juncando os terrenos, com pedras-pomes que, por mais leves, iam a maior distância, flutuando as que caíam no mar.*

*Foram as piores erupções em S. Miguel.”*

A erupção do vulcão das Furnas: (o mais perigoso dos Açores).

*Erupção ou Ano do Cinzeiro, ou simplesmente Cinzeiro, é o nome porque ficou conhecida a grande erupção do Vulcão das Furnas de 3 de setembro de 1630.*

*Foi a maior erupção registada após a colonização dos Açores, do tipo pliniano, com grande explosividade, emitindo um gigantesco volume de pedra-pomes e de material pomítico pulverizado para a atmosfera.*

*A nuvem obscureceu o Sol por três dias e cobriu a ilha com uma camada de cinzas que nalgumas zonas distantes excedeu 1,5 m de espessura.*

*A erupção atirou cinzas para a alta atmosfera que se depositaram na ilha das Flores, 360 km para oeste. A camada de pedra-pomes flutuante impedia a navegação nas proximidades da ilha.*

*Causou centenas de mortos.*

*Terminou a 2 de novembro de 1630, 61 dias depois do seu início.*

Mas quem quereria saber disto ou de tudo o que mais rico existe neste arquipélago esquecido e distante das mentes e vontades dos governantes de Lisboa desde o Terreiro do Paço aos nossos dias?

E se os governantes se descuidam há séculos em cuidar dos açorianos que dizer dos que mal sabem da nossa existência? Nem sempre assim é.

De quando em vez, surge uma exceção, como foi o caso (10 junho 2008) quando o escritor Daniel de Sá foi merecidamente agraciado com o grau de oficial da ordem do Infante D. Henrique. Um grupo de amigos homenageou-o num jantar a 13 de junho e em nome dos Colóquios da Lusofonia apresentei a proposta da criação dos Estudos Açorianos.

*“É um privilégio estar nesta sentida homenagem a um ser muito especial, que noutra país, noutra continente, certamente seria convidado a representar a cultura. Felizmente novas vozes se fazem ouvir para o reconhecimento mais do que merecido a este homem das letras e da cultura.*

*Resta-me esperar que a sua obra seja editada, reeditada, traduzida e divulgada nos quatro cantos do mundo, como representante desta açorianidade micalense e universal que tanto orgulho devia incutir em todos os que aqui habitam. Infelizmente a Universidade dos Açores carece de um curso de literatura e cultura açorianas onde esta e outras vozes se possam fazer ouvir.*

*A Universidade de Brown tem há anos uma cadeira chamada Literatura Açoriana – e na Universidade dos Açores, Urbano Bettencourt ministrou desde 1990 o curso de literatura açoriana (unidade curricular das licenciaturas) em dois semestres; havendo outro curso, "Portugal atlântico e a açorianidade" como módulo de 10 horas nos Cursos de verão.*

*O próprio Urbano declarou, que, não sabe se, "para lá do que o Onésimo leciona na Brown existem outros cursos de iniciação à Literatura açoriana; embora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil oriente um curso de literatura açoriana, em pós-graduação."*

*Considero que é indecoroso não haver esta disciplina nos Açores.*

*Chegou a altura de criar os Estudos Açorianos e Daniel de Sá a liderá-los com o apoio de nomes como Urbano Bettencourt."*

Posteriormente, avançou uma proposta mais ambiciosa para concretizar este desiderato, dentro ou fora do seio da universidade [dos Açores], entidade estática e formal a quem desafiamos, diversas vezes, a aceitar o repto. Podemos criar os estudos e literatura açorianos, em educação à distância com uma instituição, fundação, etc., mesmo que não seja num programa curricular de licenciatura ou mestrado.

São precisas vontades férreas e abnegadas para levar este projeto avante, como se se sentisse em toda a ilha "um grandíssimo e espantoso tremor de terra, durando por espaço d'um credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro d'ela, fazendo-a dar grandes abalos, com rancos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores, que se virava o centro d'ela para cima e que o céu caía, e acabando o espaço do Credo ou de um Pater-Noster e Ave-maria, e tornou outra vez a tremer mais brandamente e sendo dia claro, se ajuntaram pessoas, nos montes e quintas, e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos tremores e estrondos que ouviram; e vendo a terra no estado em que se encontrava pasmavam da enorme força" desta ideia.

## **52.2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO MANIFESTO-PETIÇÃO CONTRA O NOVO AO 1990**

*Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao Senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o novo Acordo Ortográfico de 1990.*

*O noticiário da imprensa portuguesa veicula as razões que levaram numerosas personalidades da cultura do país a assinar o Manifesto-Petição contra o Acordo Ortográfico de 1990, a ser examinado pela Assembleia da República, provavelmente no próximo dia 15.*

*No Acordo se propõe a unificação ortográfica nos países de expressão oficial de Língua Portuguesa.*

*É incontestável o peso e o prestígio, justamente alcançados, dos signatários do Manifesto-Petição; o que vamos tentar mostrar é o peso e autenticidade das críticas feitas ao texto do Acordo em discussão, segundo as declarações que se dizem extraídas do referido Manifesto-Petição e divulgadas pela imprensa.*

*O primeiro conjunto de críticas atribuídas à proposta de reforma ortográfica diz que ela é "mal concebida" e "desconchavada".*

*Ora, quem faz a história crítica das diversas propostas de reforma ortográfica em Portugal, percebe claramente que elas constituem um texto matriz a partir do estudo inicial de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu, entre 1885 e 1886, passando pelo livro seminal Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, saído em 1904 e, finalmente, consubstanciadas as ideias fundamentais na reforma oficial de 1911, referendada pelo Governo português, consoante proposta assinada por um grupo dos mais conceituados filólogos da época, onde luziam os nomes de J. Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, J. J. Nunes, Gonçalves Guimarães, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, A.G. Ribeiro de Vasconcelos, entre outros.*

*De então a esta parte, as bases das reformas ortográficas que se sucederam, independentemente ou em conjunto, em Portugal e no Brasil, vieram tecendo esse texto matriz, ora reduzido, ora ampliado em aspetos secundários; mas, na essência, as linhas mestras garantiam o ideário e a conceção dos ortógrafos que, a partir de 1911, puseram o problema da reforma ortográfica no trilho da ciência linguístico-filológica.*

*As bases que orientam a proposta de 1943 e, principalmente, de 1945 são filhas diletas dessa tradição do texto matriz. Nesta última, ressalte-se a erudição e a competência do saudoso ortógrafo*

*Rebello Gonçalves; na proposta de 1986, a participação desse mestre incomparável que foi L. F. Lindley Cintra. O Acordo Ortográfico de 1986, retocado na proposta de 1990, graças às críticas e sugestões recebidas, pertence, inexoravelmente, a essa tradição científica, e, portanto, custa atribuir a ambos os textos qualificativos de “mal concebida” e “desconchavada”. Aceitá-los, sem um exame acurado, como está a exigir um Manifesto-Petição da natureza e propósito dirigido à Assembleia da República, representa, no mínimo, desmerecer o trabalho dos que, em Portugal, melhor fizeram para o estabelecimento e progresso das ciências da linguagem. Pelas mesmas razões até aqui exaradas, não se há de aceitar a crítica, segundo a qual a reforma peca por apresentar-se “sem critério de rigor”. Pode-se dizer, em sã consciência, de uma reforma que não se caracteriza pelo critério de rigor, quando essa mesma reforma, publicado o texto de 1986, acolhe as críticas e sugestões que lhe chegam ao conhecimento, e os incorpora, quando possíveis, à nova redação de 1990?*

*Diz também o Manifesto-Petição que a proposta é “perniciosa, e de custos financeiros não calculados”. Ora, a crítica não se aplica, em rigor, só à reforma em discussão, mas a toda a série de reformas que se propuseram - e não foram poucas! - desde 1911 até nossos dias.*

*Um inteligente e razoável prazo fixado pelas autoridades e editoras tem minorado os custos financeiros de quem se considerou prejudicado.*

*Toda a motivação que tem justificado as sucessivas reformas ortográficas insiste em que elas pretendem garantir a defesa da língua e facilitar o estudo e ensino do idioma.*

*Por isso, também parece não caber à presente proposta a declaração exarada no Manifesto-Petição de que ela é, “nas suas prescrições, atentatória da defesa da língua”.*

*Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição, quando declara que o Acordo, para servir de base a uma proposta normativa, contém “imprecisões, erros e ambiguidades”.*

*Os doutos linguistas da Universidade de Lisboa, professores de ambas as margens do Atlântico e especialistas de línguas africanas já apontaram nele falhas e sugestões.*

*Mas isso tem ocorrido com todas as propostas de reforma, e elas têm sido aceitas e adotadas mesmo assim, com promessas de melhorias no futuro.*

*A mesma reforma de 1911, que tem sido considerada a mais feliz de todas, tão logo foi oficialmente aprovada, mereceu palavras de elogio, mas também de receio da boa solução para alguns problemas da nossa rica fonologia das vogais e da flexão verbal.*

*Essas apreensões partiam do alto saber de D. Carolina Michaëlis, signatária do texto da referida reforma.*

*As falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, difusão e ilustração da língua da Lusofonia.*

*A necessidade de ações que melhorem a competência efetiva e reflexiva dos utentes do idioma não está, em rigor, na dependência direta de uma proposta de unificação ortográfica, mas sim de uma efetiva e inteligente vontade política dos órgãos governamentais, a que deve-se juntar a colaboração das agências culturais de que dispõe a sociedade.*

*Ass.) Evanildo Cavalcante Bechara,  
Lagoa, S. Miguel, Açores,  
9º colóquio da lusofonia, 8 a 11 de maio de 2008,  
(seguem-se 34 Assinaturas)*





## **CRÓNICA 53. NOVA JUNTA NA LOMBA DA MAIA, julho-agosto 08**

### **53.1. NOVA SEDE DA JUNTA**

O lugar da Lomba da Maia deve o seu nome a um dorso geográfico, o que a caracteriza como Lomba. Esta Freguesia, com importante atividade pecuária, foi povoada, provavelmente, no primeiro quarto do séc. XVI. Situa-se na costa norte da ilha de S. Miguel ocupando uma área de 20,5 km<sup>2</sup> a cerca de 21 km de distância da cidade da Ribeira Grande, a sede do Concelho a que pertence.

*Foi a partir da Maia, onde era relativamente fácil o desembarque, que o povoamento se foi estendendo para leste, com as habitações a localizarem-se sobre as lombas sobranceiras às principais ribeiras, a partir das quais era fácil o abastecimento de água.*

*Em consequência, o território da Freguesia da Maia, nele se incluindo a Lomba da Maia, ocupava inicialmente toda a faixa costeira desde a ponta onde foi fundada até à Ribeira da Salga, já para além dos Fenais da Ajuda (então chamados Fenais da Maia).*

*Para o interior da ilha, o território da Maia chegava até ao vale das Furnas.*

*É uma Freguesia virada para o mar. Localiza-se a uma latitude 37.833 (37°44') norte e a uma longitude 25.35 (25°21') Oeste, estando a uma altitude de 339 metros.*

*A região onde se localiza a Freguesia, com uma importante atividade pecuária, foi provavelmente povoada no primeiro quartel do séc. XVI a partir da Maia, cuja existência é anterior a 1522, ano em que a Maia já tinha um desenvolvimento considerável.*

*Inicialmente o território da Maia, aqui entendido na aceção mais geral da faixa norte da ilha entre a Ponta da Maia e a Ponta da Ajuda, pertencia ao Concelho de Vila Franca do Campo.*

*Com a elevação da Ribeira Grande à categoria de vila, a 4 de agosto de 1507, aquela situação manteve-se, pois, o território do novo Concelho foi então definido como sendo o que se situava até à distância de uma légua do seu pelourinho, o que excluía a Maia.*

*Assim, a Maia (e por consequência a Lomba da Maia) continuou a pertencer a Vila Franca do Campo até 1820, ano em que o território vilafranquense da costa norte foi incorporado no Concelho da Ribeira Grande.*

*A partir de 1916 a Lomba da Maia passou a fazer parte da Ouvidoria católica de Fenais de Vera Cruz (Fenais da Ajuda), o que alimentou por muitos anos o desejo de autonomização da parte oriental do Concelho da Ribeira Grande como um novo Concelho, com sede na Maia.*

*Com o crescimento da população, as diversas localidades foram inicialmente transformadas em curatos sufragâneos da Igreja Paroquial do Espírito Sto. da Maia e depois progressivamente transformados em freguesias autónomas, num processo que prosseguiu até ao séc. XX e que ainda não se completou, como o prova a discussão em torno da possível elevação a Freguesia do lugar da Lombinha da Maia.*

O lugar da Lomba da Maia foi elevado à categoria de paróquia autónoma em 1876. No território da paróquia ficou incorporado o Burguete, até ali também da Maia. A elevação do lugar a Freguesia ocorreu por decreto de 7 de novembro de 1907, o qual fixou a atual configuração territorial das freguesias da Lomba da Maia e da Maia.

*A igreja paroquial da Lomba da Maia, construída em 1877, é dedicada a N. Sra. do Rosário, orago da paróquia.*

*O interior, com três naves separadas por esbeltas colunas talhadas em basalto, é decorado com altares em talha dourada.*

*Em dias de festa, as pessoas empenham-se em embelezar as casas bem como as ruas por onde passa a procissão são decoradas com magníficos tapetes de flores.*

*Um dos vários orgulhos da Freguesia é a praia da Viola que encanta e possibilita sossego e relaxamento.*

*A água é uma delícia. Os acessos à praia são vários, quer de carro quer de pé. De carro basta descer a rua da Igreja e seguir até ao fim da Lomba.*

*No percurso da descida encontra-se o Miradouro do Ti Domingos concluído em agosto de 2008.*

*Sugere-se uma descida a pé pelos trilhos criados aquando do funcionamento dos moinhos que junto à praia moíam o milho que servia de sustento a toda a população da Freguesia e até de freguesias vizinhas.*

*Esta Freguesia foi durante muitos anos uma fonte de emigração principalmente para os Estados Unidos da América e Canadá.*

### **53.3. BENEMÉRITOS E FILHOS ILUSTRES DA LOMBA DA MAIA**

#### **53.3.1.**

*João Augusto Soares Brandão (1844-1921), aos 11 anos rumou ao Brasil, onde se tornou num ator de comédia, conhecido como Brandão, o Popularíssimo. João desembarcou da sua supliciada viagem em 1855, no cais Pharoux, atual Praça 15 de Novembro no Rio de Janeiro...em 1860 resolveu ser ator...contava 16 anos quando entrou para um grémio amador....*

*Em 1983, os conterrâneos fizeram uma homenagem, na Lomba da Maia, indicando 1845 no monumento como data de nascimento.*

*O filho, o também comediante Brandão Filho também atingiu notoriedade, e garantia 19 junho 1844 como data de nascimento, data que surge na certidão de batismo de Brandão como sendo 27 setembro 1844.*

*“João, filho de José Soares Brandão, casado, e de Francisca Carreira, solteira sui juris, naturais da Paróquia da Sra. Mãe de Deus da vila da Povoação, nasceu em vinte e sete de setembro de mil oitocentos e quarenta e quatro e foi batizado em cinco de outubro da dita era por mim, José Ignácio Moniz, cura, e foi padrinho José Jacintho de Medeiros, tesoureiro paroquial do Divino Espírito Sto. da Maia e testemunhas o sacristão João Muniz e seu filho Venâncio Muniz que comigo assinarão este termo em dia, mês e ano ut supra.”*

*Na Freguesia há um monumento, em baixo-relevo, homenageando o grande ator.*

*O livro “Popularíssimo, o ator Brandão e seu tempo” de Marco Samos, publicado em 2007, foi apresentado em 2010 no 13º Colóquio da Lusofonia em Sta. Catarina, Brasil.*

#### **53.3.2.**

*Amâncio da Câmara Leite, professor de primeiras letras, muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da localidade, no ensino da música, do teatro e no apoio à criação de grupos de jovens vocacionados para o efeito.*

*Foi durante vários mandatos Presidente da Junta de Freguesia. É patrono da escola do primeiro ciclo designada Escola Básica Professor Amâncio da Câmara Leite.*

#### **53.3.3.**

*Jonas de Amaral Medeiros Negalha (1933-2007), professor, poeta, escritor, filósofo, diplomado em literatura (1972) e filosofia (1976), membro da União Brasileira de Escritores viveu no Brasil e faleceu em S. Paulo em 2007. Autor de “Os Meninos da Rua”, obra, considerada pelos entendidos de elevado mérito pedagógico, mas a sua obra é contestada por vários intelectuais.*

#### **53.3.4.**

*Elias de Medeiros Negalha, radicado em Lisboa e autor de Os Meninos da Rua: Prevenção da Delinquência Juvenil (S. Paulo, 1993) obra considerada de elevado mérito pedagógico.*

#### **53.3.5.**

*Agnelo Clementino serviu o Exército Português e fundou um grupo de Escuteiros. Em 1940 emigrou para Sto. Domingo, malograda experiência para centenas de micaelenses com contratos de trabalho. Um ano depois, estavam cheios de fome, maltratados e abandonados pelo Governo Português. Escreveu uma carta aberta ao Diário de Notícias de Nova Bedford, apelando à ajuda para emigrarem. Alguns regressam à terra natal e Agnelo emigra para a Venezuela onde trabalha como empregado doméstico.*

*Por intermédio do irmão Manuel, consegue carta de chamada para a Califórnia onde inicia lides radiofónicas na KTIM de San Rafael (1947). Fadista amador e tocador da guitarra, Agnelo supera a falta de discos e preenche o programa com originalidade.*

*Durante 30 anos dirigiu um programa diário em Língua Portuguesa com mais de cem mil ouvintes. Importou filmes portugueses, projetados em mais de 12 cidades e contratou artistas portugueses como Amália Rodrigues. Angariou centenas de milhares de dólares para as mais diferentes causas. Faleceu em San Rafael em 1977.*

#### **53.3.6.**

*Serafim Clementino de Medeiros emigrou muito novo para as Bermudas. Na cidade de Hamilton, alia-se ao seu conterrâneo Mariano Raposo e a outros emigrantes e funda a Associação Benemerita Vasco da Gama em 1936. Foi Tesoureiro até 1943, já esta agremiação contava com 125 sócios.*

**53.3.7.**

*Manuel Eduardo ("Eddy") de Mello (n. em 1937) emigrou para as Bermudas com a família aos 11 anos. É o seu próprio empresário musical e produz gravações dos principais artistas locais. Trouxe aos palcos Ray Charles e Amália Rodrigues.*

*Foi Presidente do Clube Desportivo Vasco da Gama (1967-84) e serviu de intérprete comunitário. Diretor de um programa em Língua Portuguesa por mais de 30 anos, serviu no Centro Cultural Português, e foi membro do comité para a residência permanente nas Bermudas.*

*Foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1979) e em 1988 foi condecorado pela Rainha da Inglaterra com um Certificado e Medalha de Honra pelos serviços prestados à comunidade portuguesa e ao entretenimento. Em 2004 foi reconhecido com o prémio "Bermuda Arts Council's Lifetime Achievement Award" pela sua contribuição em prol das artes.*

**53.3.8.**

*Eng.º Clemente Clementino de Medeiros nasceu na Rua do Rosário. Filho de António e Rosa Clementino Craveiro, desde novo demonstrou qualidades de bom estudante e enorme habilidade mecânica. Construiu vários engenhos em miniatura.*

*Foi o primeiro aluno universitário da Freguesia, formando-se em engenharia na Universidade de Coimbra. Na Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada foi Chefe das Obras Públicas até à morte (aos 50 anos).*

*Construiu a estrada das Pedras do Galego (Furnas) que tinha sofrido enormes derrocadas pois os traços anteriores não conseguiam desviar as águas da estrada e foi responsável pelas modificações na estrada da Ribeira Grande ao Nordeste, incluindo a ponte da Ribeira do Preto na Lomba da Maia.*

*Foi benfeitor da Casa do Trabalho (Nordeste), empreendimento para a preservação do artesanato regional. A mãe explorou uma mercearia.*

*Em Ponta Delgada comprou lotaria, e com os 300 contos do prémio (1931) adquiriu a fábrica da chicória na Ribeirinha, que o pai geriu por muitos anos.*

**53.3.9**

*José Arruda – O Tio José Arruda do Burguete merecia o enorme respeito da Freguesia. Depois da 2ª Grande Guerra, criou a feira de gado da Achada das Furnas. Por mais de 20 anos os lavradores do Nordeste a Porto Formoso, e do sul, traziam gado para vender na estrada às quartas-feiras no verão. O local tornou-se o maior mercado de gado da ilha, melhorando a vida dos lavradores que nunca falhavam as feiras semanais. Mais tarde foi transferida da estrada para uma propriedade privada.*

**53.3.10**

*Anthony de Sá, n. em Toronto, filho dum açoriano da Lomba da Maia. É autor de *Barnacle Love* (Random House, 2008) que interseta o sonho emigrante com a desilusão e realidade amarga da experiência do açoriano num mundo onde o leitor caminha do isolamento e sossego da ilha para o multiculturalismo e alvoroço da cidade.*

*Decorrendo de experiências e vivências do autor, caracteriza sucinta, mas sugestivamente o 'emigrante', dando-lhe uma feição universalista.*

*Os curtos contos de ficção têm sido publicados em jornais e revistas literárias norte-americanas.*

*Frequentou a Humber School for Writers (Toronto) onde chefia o departamento de Inglês e dirige escrita criativa.*

*O primeiro livro foi um sucesso, traduzido para português pela D. Quixote (2009).*

*Vive com a mulher e três filhos em Toronto e esteve no 13º Colóquio da Lusofonia em Sta. Catarina, Brasil.*

**53.3.11.**

*Manuel Sá Couto, influente figura política micalense e professor de Filosofia na Escola Antero de Quental, uma referência local de vulto.*

Na Lomba poucos sabem quem foi o ator Brandão.

Em junho 2009, escrevi ao Presidente da Junta "a sugerir que fossem batizadas Ruas da Freguesia em homenagem a ilustres da Lomba da Maia. Mais se sugeria que nas placas toponímicas se

*acrescentasse uma pequena nota sobre os homenageados. Por último, deveriam convidar-se os homenageados vivos e os descendentes dos falecidos”.*

Como nada disto se concretizasse, em protesto, decidi toponimicamente passar a chamar *Fish Tails* a Rabo de Peixe, *Slim Point* a Ponta Delgada e *Maia Hump* à Lomba da Maia. Desisto de homenagens, sigo a minha toponímia: Rua do Rosário será R. Sá Couto, Rua da Igreja será R. da Lusofonia, etc.

Tudo isto a propósito da inauguração domingo, dia 27 julho de 2008, da nova sede da Junta de Freguesia, cujas obras foram participadas pela Câmara Municipal da Ribeira Grande e pelo Governo Regional.

*A inauguração foi presidida pelo vice-presidente do Governo Regional, Sérgio Ávila, com o Presidente da Câmara Municipal, Ricardo Silva e outras entidades.*

*Orçada em cerca de 200 mil euros, a nova sede (situada em frente à Igreja local) é constituída por três pisos: na cave, uma sala de formação equipada com computadores e destinada a responder às necessidades formativas da Freguesia; no primeiro piso, os serviços administrativos e de atendimento ao público, bem como o posto do SNIRB – Serviço Nacional de Identificação e Registo de Bovinos.*

*O segundo piso está aberto a várias funcionalidades, como espaço de realização de colóquios e conferências, estando equipado com cozinha e casa de banho, e preparado para receber grupos, como Romeiros que pernoitam na localidade.*

*Após a inauguração houve um churrasco para a população (mais de 600 pessoas), animado pelo grupo terceirense “Só Fórró”.*

*Lá estivemos presentes no meio daquele amontoado de gente, esperando pelas bifanas e costeletas, acompanhadas de batatas fritas e salada, com bolo na sobremesa.*

*Tudo correu bem, para tantos convivas, sem grandes esperas pela comida e bebida, com que se banquetearam.*

#### **53.4. DA SAÚDE NOS AÇORES**

Quando se fala do sistema de saúde em Portugal, as críticas são mais que muitas. Em grande parte dos casos as vozes do povo são acertadamente críticas. Justamente. Todos os episódios caricatos que se ouvem ou que surgem no pequeno ecrã da televisão desfilam perante os nossos incrédulos olhos em qualquer visita que se faça a um dos centros de saúde. Claro que nenhum governante, nos 35 anos pós-revolução de abril, teve de se deslocar por enfermidade a um Centro de Saúde, que aí pululam, cheios de gente, doentes na maior parte, vazios de médicos, ostentando as mais estapafúrdias designações e acrónimos.

Um dia, o meu filho mais novo apareceu com uma infeção num pé. Mal podia andar. Eram 16.45 quando chegamos ao Centro de Saúde da Maia. Porta fechada. Fechara mais cedo, era fim de semana e não valia a pena esperar pelas 17 horas. Deslocamo-nos à cidade mais próxima, Ribeira Grande, com *SAP*, Serviço de Atendimento Permanente. Ali chegados comprovamos a enchente da pequena sala, 12 pessoas.

O rececionista preencheu a ficha com os sintomas, esperamos e tornámos a esperar. Desesperamos cinco longas horas. A maioria dos doentes eram crianças com outras crianças ao colo, jovens mães (15-16 anos) de Rabo de Peixe. Exemplo vivo das beneficiárias do rendimento mínimo garantido e do abono de família, propiciador de filhos sem nenhum trabalho. Há várias versões, uns que dizem que é uma miséria, outros defendem a pequena vila dizendo que há gente boa. Ali naquele Centro de Saúde, só constatei o excesso de imaturas, juvenis mães.

O meu filho foi finalmente observado pela médica e tratado pela enfermeira que fez um penso. Tinha de voltar no dia seguinte antes das 08.30 pois a médica queria observá-lo, antes de sair de serviço. Viemos jantar às 23.00.

Eram 08.00 de sábado e já estávamos na sinuosa, conquanto bela, estrada da Ribeira Grande. A médica recomendara que avisassem a receção para serem atendidos antes de ela sair. Passavam-se os

minutos e nada acontecia. Muitos saíam e poucos eram chamados a entrar. O rececionista desculpou-se, não entendera a urgência... A minha mulher obviamente irada, interrogava-se sobre se estavam a tratar de gado.

*Os restantes enfermos acatavam estoicamente as seis horas de espera ....*

*Foi chamado o nome do meu filho e decorreu uma hora. Grande demora para um penso novo. A médica depois de observar o pé decidira que estava demasiado negro e podia ter uma fratura. Depois do penso feito, foi à radiografia, mas a médica saíra de serviço.*

*No dia seguinte (domingo) lá teria de estar pelas 08.30. Sábados e domingos são as únicas manhãs de que dispomos para pôr o sono em dia, mas a saúde está primeiro...*

*Quando o Rx veio, foi observado por outra médica dum país de leste, pela aparência e sotaque. Ao ver o Rx disse haver fratura e prontificou-se a chamar a ambulância para ir aos serviços de ortopedia de Ponta Delgada.*

*A minha mulher teve de assinar um Termo de Responsabilidade - que nome tão gravosamente importante - para o poder levar na viatura particular.*

*No Hospital do Divino Espírito Santo, a demora na triagem foi ínfima sendo logo observado pelo ortopedista. Mandou desfazer o penso elaboradíssimo, substituiu-o por dois pensos rápidos.*

*Não havia fratura nem algo parecido. Viria a saber que a médica eslava da Ribeira Grande fora condenada recentemente pela morte dum criança, aguardando decisão sobre o recurso da condenação. Daí a ver uma fratura num Rx, onde não existia, vai o passo dum mosca que talvez tenha pousado na radiografia...*

Na manhã seguinte não teriam de ir fazer o penso nem de se levantar cedo. O jovem já corria domingo pela tarde e já se esquecera da “fratura” que esteve quase a ter.

Assim vai a saúde em Portugal, viva o Ministro da saúde, a quem desejo que um dia se tenha de sujeitar a uma espera destas numa sala dum qualquer SAP.

Creio que todos os ministros se deveriam sujeitar a tudo aquilo por que fazem passar os seus cidadãos para – na prática – pensarem, duas vezes, antes de legislar mal.



**AMOR**



## CRÓNICA 54 SÃO JORGE 21 setº 2008

### 54.1. INTRO

Estou a ficar mais eremita e raramente saio do meu "castelo", nome pomposo que Daniel de Sá deu à "falsa" onde tenho o escritório com vista para vacas alpinistas e a costa até à Bretanha.

Por outro lado, tenho a satisfação dum dever enorme cumprido: acabei o "livro da vida" como afetuosamente lhe chamo. Trata de tudo e de nada, uma ficção histórica narrativa sem heróis nem moral, poderia ser um Diário de Bordo de muitas viagens e de muitos anos nos mares salgados que tantas lágrimas e fel deram.

Em agosto 2008 ainda o mês não acabara, decidi ter direito a merecidas férias partindo de avião para S. Jorge com pouca bagagem e as instruções do Onésimo [Teotónio de Almeida]:

*Não se esqueça de subir ao Pico da Esperança, aonde muito pouca gente vai. É seguramente uma das mais belas vistas dos Açores, e vá também à Caldeira do Santo Cristo. Vai-se de carro até à Fajã dos Cubres (uma descida mais íngreme que a do Lombo Gordo no Nordeste ou a do Salto da Farinha, nos Fenais da Ajuda, mas que vale a pena). De lá, vai-se agora numas motorizadas até à Caldeira. Antigamente ia-se a pé - uma hora, mas um bocadinho menos que a descida da Serra do Topo.*

*As Fajãs de S. João e dos Vimes também são uma bela descida. O Farol dos Rosais (cuidado, que é perigoso, pois tem fendas) é ótimo ao pôr-do-sol, com a vista do Pico e Faial.*

*Para banhos, a Fajã Grande, na Calheta, o porto das Manadas são os favoritos. Um passeio da Calheta ao Topo oferece um verdadeiramente belo panorama sobre o Pico.*

*Se conseguir um passeio de barco à volta do morro das Velas verá rochas impressionantes.*

A expectativa era grande pois fora um ano difícil para todos, com muito trabalho e algumas preocupações para além das normais contrariedades quotidianas.

*S. Jorge é assim chamado em honra do santo do mesmo nome. O descobrimento e povoamento estão envoltos em mistério.*

*A primeira referência data de 1439 e, por 1470, quando já existiam núcleos de colonos e a povoação de Velas fora fundada, veio o nobre flamengo Wilhelm Van der Haegen, que, no Topo, criou uma povoação, onde morreu, já com o nome convertido para Guilherme da Silveira.*

*Os primeiros povoadores entraram na ilha na década de 1460 a 1470.*

*João Vaz da Costa Corte-Real, seu Donatário a partir de 1483, esforçou-se pela sua colonização.*

*Era também Donatário de Angra.*

*Oficialmente foram criadas três vilas em S. Jorge: Velas (1500), Topo (1510) e Calheta (1534).*

*"Ora desde que temos aquellas cartas, que precisam tão claramente a data em que El-Rei mandou povoar as ilhas dos Açores, e isentou os seus moradores que estão e vivem da dizima, é evidente que a ilha de S. Jorge, no anno de 1439, estava descoberta e em 1443 havia n'ella habitantes.*

*Semelhantes factos destroem as diferentes opiniões sobre a descoberta e povoação, depois de 1450, que o auctor Sr. J. Duarte menciona nos seus apontamentos, referindo-se a outros escriptores.*

*As ilhas foram mencionadas na Livraria Laurentina, de Florença, em grupos distinctos, "dando-se ahi ao grupo de S. Jorge, Pico e Fayal, a designação de Insule de Ventura Sive de Columbibus"<sup>225</sup>.*

*Parece, pois, que os portugueses do seculo XV não foram os que lhe deram o nome e que d'estas ilhas já tinham conhecimento pelo Infante D. Henrique, que os mandou navegar para estas paragens.*

*É por tanto de presumir que o nome, proveio do mappa catalão de 1375, onde foi designada por San Zorze<sup>226</sup>, allusivo ao dia do seu descobrimento, ou então é uma coincidência muito notável a descoberta feita pelos portugueses em igual dia, 23 d'abril”.*

#### **54.2. AS CALAMIDADES EM SÃO JORGE**

Sempre assolado por inúmera atividade vulcânica, pirataria e maus anos agrícolas (a fome causou mais vítimas que os terramotos), a Ilha de S. Jorge sofreu as maiores crises

*1580 — Erupção do vulcão da Queimada. 28 abril a terra tremeu 30 vezes e 50 no dia seguinte. A 1 maio os tremores recrudesceram e ocorreu uma explosão vulcânica no cimo da encosta sobranceira à Queimada. Outra explosão ocorreu posteriormente no alto da Ribeira do Nabo, 2 km a leste da inicial. Outra emissão de lavas teve origem junto à Ribeira do Almeida.*

*A erupção durou 4 meses com emissão de grandes correntes de lava que atingiram o mar e de muitas cinzas que recobriram a ilha, atingindo a Terceira. Uma nuvem ardente matou pelo menos 10 pessoas. Mais de 4000 cabeças de gado pereceram de fome e de gases e cinzas que destruíram as pastagens.*

*1593 — Mau ano agrícola provoca fome na Terceira e S. Jorge - o que associado à guerra de 1580-1583, o saque e os pesados tributos para a força de ocupação castelhana, causou miséria e fome generalizada na população. Há notícia de terem morrido muitas pessoas de fome.*

*1606 — Inundações nas Velas. Em fev<sup>o</sup> grandes chuvadas provocaram danos na vila. Muitas ruas ficaram "de modo que se não podia andar a pé"*

*1641 — Velas, Grande enchente a 21 dez<sup>o</sup> "empolgou-se o mar de tal sorte que dominando o Monte dos Fachos, com três mares" provocou grande destruição, ferindo 50 pessoas e arrastando bens. Seria um maremoto?*

*1668 — Tempestade causa grandes prejuízos na Calheta. A 23 nov<sup>o</sup> provocou "tal alteração de mar que este entrou pela dita vila derrubando casas" e obstruindo o porto com penedia.*

*1678 — Mau ano agrícola torna escassas os cereais e as câmaras de S. Jorge e Pico proíbem a exportação.*

*1713 — Inundações na vila de Velas. A 10 dez<sup>o</sup>, chuvas muito intensas entre a Urzelina e os Rosais provocaram grandes inundações, destruindo 27 casas na vila. A Ribeira do Almeida veio tão carregada de caudal sólido que criou uma praia que permitia a passagem a pé entre a vila e a Queimada.*

*1713-1714 — Mau ano agrícola, fome e peste, a que não foi alheio o ciclone tropical de 25 set<sup>o</sup> 1713, levou a que fosse tal "a falta de mantimentos que morreu muita gente de fome".*

*1732 — Cheias a 6 dez<sup>o</sup> provocam 5 mortos e destruição. Mais afetados a Urzelina, Figueiras, Serroa e Velas.*

*1744-1746 — Mau ano agrícola provoca fome e emigração em massa - Em resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada... [No Pico] o povo "recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe mesmo esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas". Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade... alvará régio autoriza a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

*1755 — Maremoto - O Terramoto de Lisboa de 1 nov<sup>o</sup> 1755 provocou o um tsunami que atravessou a área onde os Açores se situam, afetando essencialmente as costas viradas a sul e sueste, direção de onde as ondas se aproximaram das ilhas. O maremoto fez com que "estando o mar em ordinária tranquilidade, se elevou tanto em três contínuas marés ficando quase seca a sua profundidade por largo espaço".*

*Em Angra o mar entrou até à Praça Velha, causando grande destruição; no Porto Judeu o mar subiu "10 palmos acima da rocha mais alta"; na Praia, inundou o Paul e derrubou 15 casas na costa até à Ribeira Seca, incluindo a Ermida do Porto Martins.*

*Morreram várias pessoas arrastadas pelo mar. Quase todos os portos sofreram graves danos, ficando destruídas muitas embarcações.*

*Em Ponta Delgada o mar subiu pelas ruas estragando muitos edifícios.*

*Na Horta, o mar entrou pela Ribeira da Conceição, chegando aos moinhos de água "na altura de 8 palmos".*

*1757 — Grande terramoto. Em 9 julho, um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terramotos de que há memória causou destruição generalizada e formou muitas fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus.*

*Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu o Grupo Central. 1053 pessoas morreram em S. Jorge e 11 no Pico.*

*O terramoto foi tal que a norte desta ilha, a 100 braças, se levantaram dezoito ilhotas, todas na manhã do dia 10 [julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha.*

*Nas Fajãs dos Vimes, S. João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício.*

*No Faial o sismo foi sentido sem grandes danos.*

*1761 — Ciclone tropical atinge o Grupo Central - A 29 setº foi a Terceira atingida por um temporal por efeito do qual ficaram derribadas muitas casas e arrancada muita quantidade de árvores". Copiosas chuvas fizeram transbordar as ribeiras.*

*1779 — Ciclone tropical atinge o Grupo Central - Na noite de 30 para 31 outº levantou-se um rijo temporal que trouxe à costa 7 navios e arruinou as muralhas da Horta.*

*1792 — Enchente de mar vila de Velas. A 23 janº, foi "tão impetuosa a bravura do mar" que derubou a muralha de proteção, destruiu uma casa e danificou outras, ameaçando atingir a praça da Matriz.*

*1808 — Erupção do Vulcão da Urzelina. Depois de semanas com muitos sismos, a 1 de maio a terra tremeu tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, que espalharam o pânico entre a população. Por volta do meio-dia foi ouvido um grande estrondo acompanhado de uma grande nuvem de fumo nos montes sobranceiros a Urzelina. A erupção destruiu muitas casas, vinhedos e campos cultivados. A 17 maio, quando o vigário e populares tentavam salvar coisas da Igreja da Urzelina, uma nuvem ardente abateu-se sobre o local queimando mortalmente trinta e tal pessoas: uns com os couros das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns expirando. Existe no Arquivo Histórico Ultramarino uma aquarela mostrando a erupção vista do Faial. A erupção ficou conhecida pelo Vulcão da Urzelina.*

*1812 — Mau ano agrícola - Provoca grave crise alimentar em S. Jorge e Terceira. Um mau ano agrícola em 1811, agravado por uma forte tempestade em dezº, levou a que no início de 1812 grassasse a fome. Em março na Câmara Municipal de Velas recebeu-se uma proposta de importação de milho para "sublevar a misérrima necessidade e falta de mantimentos que atualmente padece o povo".*

*1842 — Cheia - grandes danos nas Velas no domingo da Trindade com inundações de parte da vila. Na praça junto a Câmara a enxurrada foi tal que em algumas casas saiu a "água pelas janelas de sacada".*

*1846-1847 — Fome. Um mau ano agrícola e a grande densidade populacional, leva à "penúria de cereais e falta de batata," foi necessário recorrer à "Comissão de Socorros de Boca" de S. Miguel para evitar a catástrofe alimentar.*

*1856 — Mar invade a vila de Velas. A 6 janº, Dia de Reis, "levantou-se o mar com tal fúria que produziu uma terrível enchente". A escuna Leonor surta no porto naufragou provocando a morte a todos os tripulantes a bordo. O mar levou casas e barcos e galgou a zona da Conceição, chegando à cerca do Convento de S. Francisco (hoje Centro de Saúde), que parcialmente derribou.*

*1857-1859 — Fome. Um ciclone tropical atingiu o Grupo Central a 24 agosto 1857 provocando a destruição total dos milharais, principal produção alimentar. Resultou penúria generalizada, e no início de 1858 "estava no Concelho de Velas, toda a ilha, e suas vizinhas, manifestada a fome com as suas negras cores". Os anos seguintes foram também maus anos agrícolas e a crise alimentar manteve-se até 1859. Foi preciso recorrer a subscrições públicas, incluindo uma nos EUA, organizada pela família Dabney, para evitar que se morresse à fome.*

1877 — *Fome. Um mau ano agrícola em 1876, associado à grande densidade populacional, leva à "falta de cereais e fome" em S. Jorge, sendo necessário importar milho e trigo para evitar a catástrofe alimentar.*

1893 — *Furacão Grupo Central - Provoca grande destruição - A 28 agosto a maior tempestade de que há memória provocou grande enchente, arruinando casas, igrejas e palheiros. Os portos foram severamente atingidos com perda de muitas embarcações. A destruição dos milhos nos campos causou fome generalizada no ano seguinte. S. Jorge foi severamente atingido, particularmente o Topo. Os danos do Furacão de 1893 ainda são visíveis nalguns pontos da costa, na antiga e abandonada, Igreja Velha de S. Mateus da Calheta, na Terceira, e nas ruínas da Baía do Refugio, no Porto Judeu.*

1899 — *Grande enchente. Na madrugada de 3 fevº, grande tempestade marítima atingiu as costas viradas a sul. Em S. Jorge, o mar galgou a terra matando uma pessoa nas Velas e provocando enorme destruição na Conceição e zonas adjacentes.*

1899 — *Furacão - A 17 outº um furacão atravessou o Grupo Central provocando destruição generalizada de habitações, colheitas e gados. Em S. Jorge houve os maiores danos.*

1964 — *Crise sísmica - abalou a parte oeste da Ilha, provocando grande destruição nos Rosais e Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. A crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo da Ponta dos Rosais.*

1973 - *Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 outº começaram a ser sentidos numerosos sismos no Pico, Faial e S. Jorge, com destaque para a Freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 novº, 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Sto Antº, Pico. Provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Sta Luzia, Stº António, e S. Roque, na costa norte, na Freguesia de S. Mateus, na costa sul, e nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, no Faial.*

1980 - *Terramoto de 1980 na Terceira, S. Jorge e Graciosa - Pelas 16h42 de 1 janº, ocorreu um sismo de intensidade 7.2 na escala de Richter, a uma profundidade de 10-15 km e epicentro no mar 35 km a SSW de Angra. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra, na vila de S. Sebastião e nas freguesias da Terceira, freguesias do Topo e Sto Antão, em S. Jorge, e no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e mais de 400 com ferimentos. Danificadas mais de 15 500 casas, e 15 mil desalojados.*

1998 — *Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros no Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almoxarife, no Faial. Também atingidas várias localidades do Pico. No extremo oeste de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.*

#### **54.2.1. A GRANDE CRISE DE 1808**

Na obra "*Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História*"<sup>227</sup> está compilado um conjunto de descrições da erupção e dos acontecimentos que a rodearam. A mais extensa e circunstanciada deve-se ao Pe. João Ignácio da Silveira (1767-1852), cura de Sto. Amaro, que escreveu uma relação que o Dr. João Teixeira Soares publicou<sup>228</sup>.

Foi aquele escrito, com algumas variantes, que João Duarte de Sousa<sup>229</sup> seguiu na narrativa do fenómeno:

227 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o\\_da\\_Urzelina#cite\\_note-0](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o_da_Urzelina#cite_note-0) de José Cândido da Silveira Avelar

228 com algumas notas no Jorgense, n.º 6, de 1 de maio de 1871, e foi transcrita no *Arquivo dos Açores*, vol. V, páginas 437 a 441

229 de página 188 a 193 dos seus Apontamentos



“Na noite amanhecendo para o domingo do Bom Pastor, primeiro dia do mez de maio do presente anno de 1808, tremeu a terra tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, e d’estes foi um sobre a madrugada tão grande, que fez levantar o povo das camas.

No mesmo dia, estando já parte do povo na Igreja deprecando a Deus nosso pai, houve outro abalo tão forte que fez fugir todo o povo da igreja, das 11 para as 12 do mesmo dia houve outro tremor, e juntamente um estrondo tão grande que a todos amortiso, e de repente se vio levantar uma grande nuvem de fumo sobre o mais alto monte da freguezia da Urzelina, no pico d’ António José de Sequeira, e bem defronte da igreja de S. Matheus cuja planta e centro da Freguesia era o mais agradável da ilha, e por isso mesmo muito frequentado de muitos sujeitos bons e maus de todas as ilhas, e em breve tempo engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguezia das Manadas e da Urzelina, indicando um terrível castigo já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas.

Da bocca daquele vulcão saíam estrondos tão fortes e medonhos sem intervalo que convidavam aos habitantes d’ esta ilha para juízo.

Correu todo o povo a deprecar a Deos, porém logo o povo da freguezia da Urzelina se assustou deixando o seu vigário o rev. José António de Barcellos só no adro da sua Igreja, e logo no mesmo dia choveu tanta areia de tarde que ficaram as casas chamadas do mato cobertas de areia e os campos d’ahi para cima em parte ficaram com altura de 7 palmos, e as vinhas dos Castelletes até à Ermida de Sta. Rita, da freguezia das Manadas, ficaram cravadas e as casas quasi abatidas com o pezo, sahindo immediatamente línguas de fogo do centro que chegavam aos ceos, deitando pedras ignitas de 8 palmos, em distância dum quarto de legoa, outras de 16 palmos em quadro e outras menores, subindo à mesma altura cahiam como densos chuveiros.

Chegou a triste noite, então é que desfaleceram os habitantes desta ilha vendo todo o fogo e pedras ignitas, que saíam como coriscos e quase que pareciam cair sobre os povos, e as vidraças das igrejas pareciam quebrarem-se aos eccos d’aquelle pregoeiro que nos ameaçava de morte.

Até à terça-feira, 3 do mesmo mez, rebentou o fogo em 7 logares, ficando a bocca ou vulcão perto da Ribeira do Arieiro, em cuja tarde abrandou o fogo: e na madrugada da quarta-feira, 4 do mesmo mez, arrebetou o fogo entre as Ribeiras, acima da fonte da Fajã, e da mesma sorte fazendo nuvem de pó de enxofre e terra que parecia arder todo aquelle logar.

Logo fez procissão o vigário da Urzelina para a parte da Fajã com o Senhor Santo Christo e Sra. das Dôres e a poucos passos encontrou-se com o padre José de Sousa Machado, que trazia em procissão a Sra. da Encarnação acompanhado de varias pessoas, mas quasi suffocadas do muito pó enxofrado que estava cahindo, reunidos àquella procissão algum tanto animados, chegaram à Ermida da Sra. do Desterro, ainda, que com muito trabalho porque do cruzeiro para cima cahia muita terra sulfúrea e tão pegajosa que muitas arvores cahiram com o peso d’ ella e o fétido entontava aos viajantes.

Passados mais 7 dias rebentou o fogo nas areias da freguezia de Sto. Amaro, onde abrindo duas bocas vomitava fogo à maneira de duas grandes ribeiras de matéria fluida, e com tanta força que no segundo dia se achava a mais de um moio de campo de mistério que encaminhando-se às casas fez pôr parte do povo em fugida, o vigário, o rev. Amaro Pereira de Lemos, esteve falto dos sentidos e a irmã, D. Anna Maria de Lemos, esteve douda.

O vigário das Velas e ouvidor, o rev. António Machado Teixeira, temendo fosse o fogo à villa mandou deitar pregão para que se retirassem, e que mandava o Sacramento para a Beira e d’aqui resultou um levante que se não pode explicar.

As freiras foram para a Igreja de Rosais; o ouvidor e outros clérigos para o Faial, o doutor juiz de fôra e outros para o Pico e o mais povo de quasi toda a villa foi para a Beira e Rosaes.

Este levante foi sem maior necessidade, por que no dia em que o fizeram foram ver o fogo que já pouco corria e só por dentro da ribeira.

O alto da serra por onde o dito fogo passou ficou abatido e em grotas formidáveis, os caminhos quebrados de forma que não passavam carros nem gente por parte, as fontes secas.

Poucos dias depois retrocedeu ao primeiro logar em que tinha rebentado, defronte da Igreja da Urzelina, com a mesma força que dantes, e perseverou doze dias, em que foram continuas as súplicas a Deus e por não sermos ouvidos do Senhor, por serem as culpas em maior número que as suas misericórdias, continuou o mesmo flagello sahindo do vulcão (que dizem ter bocca em circunferência de um moio de campo) muitas areias, que arruinavam parte dos campos da referida freguezia de S. Matheus e das mais circunvizinhanças, e chegou a cahir na ponta do Pico, em Angra e S. Miguel, e para a parte da villa não cahio porque os ventos sempre cursaram pelo nor-noroeste. N’este tempo todo o povo da Urzelina se ausentou desamparando todos as suas moradas, uns para as Manadas, outros para a Calheta. outros para Rosais e uns para Angra, isto o povo da Urzelina, ficando só o reverendo vigário no adro.



*Observou-se que em quanto a maré enchia aquelle vulcão embravecia mais e deitava com mais força pedras mármores grandes, umas das quais eram muito pretas e pesadas e feriam lume, e outras à maneira de vergas, de lagens e outras redondas, umas muito brancas e partidas reluziam pelo muito salitre que tinham.*

*Em uma noite estando o vigário da Urzelina em guarda de sua Igreja, sendo já 11 horas e meia, pegou a observar umas ribeiras de fogo, que vinham correndo pelo monte abaixo, e tocando a fogo apenas acudiram 6 ou 8 pessoas, que acompanharam o Santíssimo para a Ermida do Senhor Jesus, para onde na mesma noite fez trasladar todas as imagens, vasos sagrados e vestes sacerdotais.*

*Entraram logo a observar que os campos circunvizinhos ao dito monte se iam incendiando e levantando-se pedras como montes, que corriam ardentes até à planície das vinhas que faziam passar a quem tal castigo via.*

*Em 17 do dito mez de maio, vendo o vigário das Manadas, o reverendo Jorge de Mattos Pereira, que o da Urzelina se achava estrompado e com a sua gente dispersa veio com parte dos seus fregueses à Igreja da dita freguezia de S. Matheus para salvar o que podesse da dita egreja, o que assim fez, e estando trabalhando na mesma de repente se levantou um tufão de fogo ou vulcão e introduzindo-se nas terras lavradas levantou todos aquelles campos até abaixo ás vinhas com todas as árvores e bardos, fazendo-se uma medonha e ardente nuvem e correndo até abaixo da Igreja queimou trinta e tantas pessoas na egreja e nos campos, e vindo para a parte da Ermida do Senhor Santo Christo tomou a luz ao sol de sorte que parecia uma tremenda noite e pensando o dito vigário da Urzelina que era a última hora de vida já trémulo tratava de consumir o Sacramento, mas em quanto se aprontou entrou a divisar uma pequena luz e esperando um pouco, vendo que ia esclariando, não quiz consumir o Sacramento e saindo a Ermida logo se encontrou com o vigário das Manadas e um clérigo queimados e todas as mais pessoas que com elles entraram, uns por menos molestos foram para a sua casa e outros ficaram na referida Ermida e casas vizinhas, por não poderem ir para as suas, vindo uns com os cotos das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns espirando, todos pedindo Sacramentos, e apenas os receberam alguns logo expiraram.*

*E vendo o rev. vigário que o fogo era cada vez mais e que se ia aproximando à dita Ermida levou o divino Sacramento para as Manadas para a Ermida de Sta. Rita, em cuja tarde administrou os sacramentos a alguns dos seus fregueses, que ali se achavam queimados e a outros d'aquella freguezia das Manadas com licença do rev. vigário.*

*No dia seguinte consumiu o Sacramento o rev. vigário da Urzelina e a toda a pressa passou à parte do Norte por onde veio para o logar da Ribeira do Nabo para acudir a alguns dos seus freguezes, que para o dito logar se tinham passado queimados, isto por já não poder passar pelo sul pelos tufões de fogo que saíam da bocca d'onde corriam caudalosas ribeiras de fogo em matérias fluidas, que já chegavam quasi ao mar. Agora se acha o dito vigário com os sacramentos na Ermida de N. Sra. da Encarnação para onde voltaram os que andavam dispersos.*

*Até ao dia 16 do dito mez eis aqui o que se observou, apparecendo na falda do monte que se formou de pedra e areia, o mais alto da ilha, uma abertura d'onde sahia uma caudalosa ribeira de fogo que chegou a dividir-se em cinco, e transbordando todas arrasaram os principaes campos e sessenta e sete casas de morada, toda a canada dos Abreus até à canada onde o padre Bartholomeu Luiz morava, com vinhas e terras, ficou em mysterio, e vindo estas ribeiras ao mar levaram a Igreja de S. Matheus, que hoje se acha em mysterio tão alto que hombra com a torre da dita egreja, menos a dita torre e frontispício com um bocado do adro.*

*Até 5 de junho do dito anno, domingo do Senhor Espírito Santo, sahiu d'aquelle vulcão umas vezes pedra outras areia, em cujo dia sahiu com tanta força que chegou à villa, (7.) e desde este dia até à sexta-feira seguinte deitou tantas cinzas, que abrasaram as cearas de muitas freguezias, e cobriram os pastos de forma que alguns sujeitos varreram os pastos para ver se os gados comiam, mas nem assim podiam pastar e por esta razão morreram muitos gados.*

*Todas as boccas por onde rebentou fogo fumam, mas sem prejuízo, ainda que estamos esperando a cada instante renovação do fogo, porque nossos corações nenhum arde de amor Divino.*

*Em todo o espaço do mez de maio, em que correu o fogo, nunca anoiteceu n'esta ilha, porque faltando a luz do sol ficava a do fogo."*

O Dr. João Teixeira Soares<sup>230</sup> descreveu a erupção.

Destacam-se as seguintes considerações:

230 que publicou no jornal Jorgense, nº 21 e 22 de 15 de agosto e 1 de setembro de 1872, que foi transcrita no Archivo dos Açores, vol. V, páginas 442 e 443, firma-se naquela outra do padre João Ignacio e nas notas que havia feito

*“Desde aquelle dia (5 de junho) até ao dia 10 do mesmo mez teve logar a emissão de cinzas, que cahiram sobre uma grande área da ilha, chegando mesmo a algumas vizinhas.*

*Então cessou a atividade vulcânica, mas gradualmente; as crateras fumaram ainda por muito tempo, e por muitos anos se percebeu próximo às fendas, que na direção do oriente ao ocidente se abriram, uma maior elevação de temperatura, assaz denunciada pela vegetação herbácea que cobria o solo.*

*As lavas conservaram também por annos gases sulfurosos. Dos phenomenos que relatamos, aquelle que nos parece dever chamar mais a atenção do geólogo, é o das nuvens ardentes. Sahiam das crateras depois de uma como syncope da atividade d’estas.*

*Eram carregadas d’uma poeira húmida ou polme, que fazendo-as pesadas as obrigava a correr por sobre a terra, vertente abaixo, para o mar. Traziam uma terrível força de translação.*

*A introdução da mais leve parte nos órgãos da respiração causava a morte.*

*Idêntico phenomeno appareceu como vimos em 1580.*

*A lava de 1808 é a mais tratável que talvez se conheça na história geológica.*

*Muitas partes d’ella estão já convertidas em frondosas matas.*

*A representação gráfica das crateras e lavas dum e outro vulcão esclareceriam notavelmente a sua historia e relações”.*

*Ferdinand André Fouqué<sup>231</sup> escreveu o que a respeito das erupções de 1580 e 1808 verificou nas duas crateras que visitou o que o Archivo dos Açores<sup>232</sup> transcreve.*

*Aquele naturalista, desembarcando na vila da Calheta no dia 8 de julho de 1872, dirigiu-se no dia imediato, acompanhado do Dr. João Pereira da Cunha Pacheco, ao lugar das ditas crateras, resultando do seu estudo o seguinte:*

*“Estas nuvens eram carregadas de uma poeira húmida, desclam ao longo da vertente, rojando-se pela superficie do terreno.*

*A este contacto venenoso as plantas murcham e morrem imediatamente. ...*

*O poder asphixiante d’estas nuvens, a sua progressão perto da superficie do solo e o seu constante movimento pelos declives do terreno indicam como elemento principal d’elas a existência de um gaz deletério e depso que, muito provavelmente, não seria senão o ácido carbónico.*

*A sua opacidade deve attribuir-se ao vapor d’agoa, meio condensado e a sua cor avermelhada ao pó vulcânico muito subtil arrastado e em suspensão naquela mistura de gases e vapores.*

*Enfim a ação deletéria exercida rapidamente sobre as plantas provém sem dúvida do acido clorídrico e do acido sulfuroso expelidos juntamente com os vapores aquosos e arrastados por elles.*

*As testemunhas da erupção de 1808 não fazem menção de chamas; as descrições que deixaram levam a pensar que a temperatura das nuvens ardentes era pouco elevada.*

*A sua atenção foi principalmente excitada pela ação venenosa d’estes agentes.*

Segundo uma narrativa, provavelmente um pouco exagerada, os homens e os animais morriam mal respiravam aqueles vapores pestilenciais. É evidente, portanto que as nuvens ardentes de 1808 eram muito mais húmidas e com uma temperatura muito mais baixa que as de 1580. Sem dar plena fé do que se conta das nuvens daquela primeira erupção conterem em si globos de chamas, pode-se pelo menos afirmar que elas transportavam ao longe, matérias incandescentes e que os efeitos destruidores eram devidos tanto ao seu poder calorífico como à sua natureza química propriedades bem diferentes das nuvens de 1808.

*Todavia a identidade dos nomes dados pelos habitantes, com dois séculos de intervalo, àquellas singulares manifestações é na realidade justificada por muitas considerações.*

*Nos dois casos com effeito, trata-se de massas vaporosas, opalinas, carregadas de matérias pulverulentas, de contornos arredondados como os de uma nuvem, que descem pelas encostas das montanhas à superficie do solo, e que mataram as plantas e os animais.*

*A existência de globos de fogo nas nuvens ardentes de 1580 é mais duvidosa, porque com muita dificuldade se comprehende como gases, cuja combustão produz chamas, possam transportar-se ao longe, ao ar livre, sem que imediatamente sejam inflamados.*

231 Na Revue Scientifique de la France a de l’Etranger, 2.<sup>a</sup> série, 2.<sup>o</sup> ano, n.<sup>o</sup> 51, 21 de junho de 1873, página 1200, com o título Saint George (Açores) et ses eruptions,

232 volume V do Archivo dos Açores, páginas 444 e 445

*Admitindo além d'isso, que houve uma diferença considerável entre as temperaturas das nuvens ardentes das duas erupções, não se pode achar n'este único facto rasgo bastante para os qualificar como dois fenómenos absolutamente distintos.*

*Os efeitos caloríficos descritos foram presenciados por observadores inexperientes: a situação dos logares em que se produziram, a distância mais ou menos afastada das bocas de emissão, a rapidez variável de translação da nuvem vulcânica, as condições climatéricas particulares da atmosfera no momento de cada uma das erupções, e muitas outras causas, podiam ainda modificar considerável e diversamente a intensidade das ações devidas à intervenção do calórico.*

*É, pois, com razão que as testemunhas da erupção de 1808 conservaram a denominação usada em 1580, posto que não tivesse todo o vigor e precisão desejáveis.*

*Phenomenos semelhantes aparecem perto d'outros vulcões, mas talvez em parte alguma as nuvens ardentes se viram melhor do que nas duas erupções de S. Jorge.*

*Insisto tanto mais no seu exame, quanto ellas me parecem fornecer a chave de alguns problemas fornecidos pelas exumações de Pompeia.*

*A situação estranha dos esqueletos descobertos no meio das ruas da necrópole vulcânica romana é muito difficil de explicar, invocando somente a analogia com os phenomenos que se observam nas modernas erupções do Vesúvio.*

*Uma chuva de cinzas por mais abundante e carregada de humidade que seja, não pode, por exemplo ter, lançado por terra e soffucado um homem robusto, que encontrou a morte fugindo por uma rua pública, em companhia de suas duas filhas.*

*Foi necessária a intervenção de um gaz deletério para matar todos três com espantosas agônias.*

*De todas as lavas que tem corrido nos Açores, depois que os portugueses as abordaram, a de 1808 é de todas a mais alterável.*

*Os musgos e os líquenes invadiram-na primeiro, depois a vegetação herbácea implantou-se n'ella e por fim arbustos e árvores.*

*Atualmente certas porções estão transformadas em espessas matas, enquanto ali próximo muitas camadas de lavas de 1580 apenas começam a desagregar-se."*

João Soares de Albergaria de Sousa<sup>233</sup>, testemunha ocular da erupção de 1808, diz:

*"O vulcão de 1808, que vimos rebentar nas Lagoinhas, sobre a serra que fica ao norte e iminente à aldeia da Urzelina, também respirou no lugar d'Entre Ribeiras, uma légua ao noroeste e depois no das Areias; a primeira boca expeliu por largos dias grande quantidade de materiais; 7 dias apparece o sol obscuro pela densidade da atmosfera, impregnada dos vapores vulcânicos; choveram cinzas; a ilha soffreu muitas e violentas concussões; o solo na vizinhança do vulcão abriu fendas profundas; os lábios dos hiaes abateram em lugares de 4 a 6 palmos.*

*Este vulcão correu ao mar sem interrupção, deixando o chão coberto de lava em altura de 30 pés, pouco mais ou menos."*

Como se vê, nem o Padre João Ignacio da Silveira, nem João Soares de Albergaria de Sousa, testemunhas da erupção, aludem ao pedaço de terreno rodeado de lavas que ficou incólume e que a tradição do povo atribui ao facto de nele pastar uma rês destinada ao bodo do Espírito Santo.

Também Francisco Ferreira Drummond<sup>234</sup> diz

*"...que foi visto e sentido na Ilha Terceira, caindo até cinzas por muitos dias, que se achava a cada passo, empacada sobre as plantas dos jardins, das hortaliças e campos mais remotos.*

*Foram igualmente pressentidos os terremotos na ilha do Faial, de onde vendo-se rebentar o fogo na ilha de S. Jorge, mandou a Câmara Municipal da Horta uma lancha com algum socorro e uma carta à câmara das Velas, oferecendo hospitalidade às pessoas que se quisessem nela refugiar*<sup>235</sup>."

O vulcão de *Santorini* (1866)<sup>236</sup> produziu fumaradas ácidas de movimentos rotatórios singulares causando efeitos devastadores análogos aos das nuvens ardentes dos Açores.

233 Na Corographia Açorica, página 94,

234 nos Anais da Ilha Terceira, tom. III, pág. 184,

235 (in Antônio Lourenço da Silveira Macedo, História das quatro ilhas que formam o Distrito da Horta, tomo 1, pp. 300 e 542).

236 Veja-se a nota de M. de Corona inserta nas Comptes Rendues de l'Academie des Sciences, Tomo LXIV, 1867.

#### **54.2.2. DESASTRE DE 1964**

15 de fevereiro de 1964 não foi apenas um dia em que a terra estremeceu com violência em S. Jorge. Abriu caminho para uma verdadeira revolução dos pacatos habitantes da ilha, dado que muitos acabaram por emigrar para as mais diversas partes do mundo, abrindo um caminho inesperado para África, em particular, Angola.

Como sempre, tudo muda quando a Natureza nos sacode, porém este foi um dos mais trágicos acontecimentos que resultaria num outro, não menos grave para esta gente, que foi a independência da ex-colónia portuguesa, que os fez regressar às terras na condição de quase apátridas, apelidados de “re-tornados” e sem meios para recomeçar o que haviam.

O sofrimento ainda não terá acabado para muitos dos jorgenses que estremeeceram por cá e, depois, a milhares de quilómetros da terra que os viu nascer. Muitos, não cumpridas as promessas, regressaram à terra dois anos depois e outros foram-se ficando ou seguiram para os EUA e Canadá. Todos sofreram pelo caminho.

A crise sísmica iniciou-se em agosto de 1962 com *pequenos sismos, sendo alguns deles um bocadinho fortes*, conta Victor Hugo Forjaz, que se encontrava a estudar no Continente.

*A partir de dezembro, a crise pareceu decair, porém, no dia 15 de fevereiro de 1964, às sete horas da manhã, recomeçou e, em 24 horas, registaram-se 179 abalos, alguns macrossismos, alguns de grau VI ou VII, com tudo a acontecer envolto no meio de uma violenta tempestade ciclónica com chuva e vento, o que acabou por agravar, em muito, as operações de salvamento das pessoas e entre elas os medos foram ainda maiores, atingindo pontos de sofrimento só entendível para quem os viveu.*

*“Esta crise de S. Jorge, ocorrida em 1964, ocorreu essencialmente ao longo do mês de fevereiro”* recorda o geólogo Victor Hugo Forjaz, que tinha 23 anos de idade, e foi testemunha ocular dos acontecimentos que se seguiram ao terramoto que mudou por completo a vida a milhares de jorgenses.

*Entre os primeiros técnicos a chegar a S. Jorge, encontrava-se o tenente-coronel José Agostinho, já então, uma autoridade na matéria e o jovem estudante Victor Hugo Forjaz, mas isso apenas três dias depois dos eventos, devido ao mau estado do tempo e à falta de um aeroporto.*

*Já antes, o nosso interlocutor conta que haviam sobrevoado a ilha, numa altura em que a rede sísmica existia apenas nas ilhas do Faial, Terceira (Angra), e S. Miguel (Ponta Delgada).*

*Durante as primeiras duas semanas os habitantes de S. Jorge viveram no meio da maior confusão, com cerca de 500 sismos sentidos e como consequências imediatas, ficaram destruídas 900 casas de habitação, para além de outras de arrumos.*

*Das 900 casas destruídas, cerca de 400 ruíram desde os alicerces, não ficando pedra sobre pedra, tendo sido evacuadas para fora da ilha, cinco mil pessoas.*

*Victor Hugo Forjaz relewa o facto desta crise sísmica ter começado, “epicentralmente falando, pelas zonas da Urzelina, depois, Manadas e Pico da Esperança, tendo depois mudado para a zona da Vila das Velas” e, nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 1964, “eu já me encontrava em S. Jorge, no meio de ventos fortes e do lacrimejar atmosférico, ocorreu uma erupção no mar, a cerca de milha e meia de terra, em frente aos Rosais” - conta à DI-revista, o vulcanólogo.*

*“Com a erupção para sudoeste, para o lado do Faial, deram em aparecer milhares e milhares de peixes mortos que deram à costa e aquele cheiro persistente típico de uma erupção vulcânica. Já uns dias antes, no início do mês, havia surgido o alerta do corte de um dos cabos submarinos que ligavam as ilhas”.*

*Na primeira missão, a 16 de fevereiro, Frederico Machado (que chefiava a missão), José Agostinho e Victor Hugo Forjaz, já se encontravam na ilha, tendo-se reunido a Tomás Pacheco da Rosa, faroleiro dos Rosais, que fora observador vulcanológico nos Capelinhos, durante a crise ocorrida na década de 1959.*

*Victor Hugo Forjaz disse ao DI que “uma das características negativas do que aconteceu com o terramoto na Ilha de S. Jorge também se prendeu com o formato da ilha, estreita e muito escarpada, o que criava um sentimento de aflição, com muitas pessoas a lançar-se autenticamente para os navios”.*



*A evacuação retirou da ilha cerca de cinco mil pessoas, um milhar temporariamente na Ilha Terceira, o que criou, ao tempo, uma enorme perturbação social gerada pela falta de meios para albergar, de repente, tanta gente, sendo que aqueles que tinham parentes na ilha de Jesus resolveram o seu problema, mas muitos ficaram albergados em casas de pessoas que nunca tinham visto antes, com todos os incómodos que isso traz.*

*Entretanto, entraram em ação o então Governador Civil do ex-distrito de Angra do Heroísmo, Teotónio Machado Pires, e o Presidente da Câmara Municipal das Velas, Duarte de Sá, que utilizaram as embarcações “Espírito Santo”, “Sto. Amaro” e “Terra Alta”, dando início a uma verdadeira epopeia marítima, acartando viveres para a ilha onde a vida ficou praticamente parada.*

*“Nesse tempo, eram apenas pequenas mercearias, não havendo supermercados nem sequer stocks de bens alimentares ou meios para os confeccionar, como a farinha, que teve que partir da Ilha Terceira no meio de grande tempestade num dos mais famosos barcos de carga interilhas do Grupo Central, o “Girão”.*

*Após sobrevoarem S. Jorge num Dakota da SATA, a equipa de técnicos teve ainda que viajar numa fragata da Marinha Portuguesa “enfrentando ventos ciclónicos e após diversas tentativas não foi possível desembarcar nas Velas, o mesmo tendo acontecido no porto da Urzelina, acabando por continuar a navegar até um cantinho da Vila da Calheta, e foi ali que ficou instalado uma espécie de quartel-general.*

*“A entrada na Vila das Velas foi “chocante”, conta Victor Hugo Forjaz.*

*“Parecia que estávamos a entrar numa daquelas pequenas cidades fantasma do furoeste. Não se vislumbrava vivalma. Apenas casas abatidas e janelas partidas e escancaradas; gatos, cães, vacas e outros animais domésticos por todos os cantos da Vila, presumivelmente assustados e em busca de comida. Enfim, uma verdadeira tragédia”.*

*Quando a crise acalmou, vieram as tendas da tropa, mas eram precisas muitas para recolher tantas famílias, o que levou a que fosse disponibilizado o navio “Niassa” para se deslocar às Velas transportando os equipamentos necessários para resolver os problemas mais imediatos, os de alojamento.*

*“Foi precisamente nesse navio, que as pessoas que desejaram abandonar a ilha foram levadas até Angola, com a promessa de receberem terras e gado, mas isso nunca foi cumprido”, afirma Victor Hugo Forjaz.*

*Dois anos após a crise sísmica, muitas famílias estavam de volta à ilha, e apenas as que emigraram para os Estados Unidos da América do Norte e Canadá, acabaram por assentar na diáspora, e alguns, poucos com destino ao Brasil.*

*Para o geólogo, hoje não teria sido tão complicado como aconteceu em 1964 porque “há maiores cuidados na construção das habitações”, mas “ainda existem pessoas que estão a construir com pouca qualidade e, sobretudo em zonas de elevado risco, perto do mar, em encostas que em caso de um sinistro com estas proporções poderão estar condenadas a ficarem destruídas constituindo grande perigo para os seus moradores, porque os terramotos nunca acabarão, sendo sempre uma questão de tempo e muitas vezes sem aviso prévio”, pelo que todos os cuidados serão sempre poucos.*

### **54.3. REGRESSANDO AO TURISMO NO CHARUTO-ILHA**

*Quando ao Povoamento das ilhas sabia já que o Faial e Pico tinham sido doados, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra, nome posteriormente transformado em Dutra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos flamengos, dentre os quais Wilhelm Van der Hagen (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo o povoamento. A rua dedicada a este homem carece de importância e está na vila das Velas a demonstrar que a História continua a merecer lugar secundário nas mentes dos homens.*

*Pois bem, a ilha de 246 km<sup>2</sup>, 65 km de comprimento e 8 de largura sempre parecera um enorme charuto abandonado no oceano, ao lado da perna de galinha (Pico) e já longe do cachalote (S. Miguel). Distanto 21 milhas da Terceira, 19 da Graciosa e 10 do Pico, dispunha apenas de dois concelhos: Velas e Calheta.*

*Nas Velas ainda se podem observar várias casas solarengas de rica traça que atestam a riqueza patrimonial apesar dos muitos sismos que ficaram na história. As Igrejas da Matriz e N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição nada têm de extraordinário, o mesmo se podendo dizer da Igreja de Sta Catarina na Calheta, mais interessante é a de Sta Bárbara nas Manadas e a da Queimada, sendo também digna*



*de visita a Torre Sineira na Urzelina, ou o que resta da Igreja derrocada pelo violento sismo de 1 de maio de 1808.*

A cordilheira central atravessa a ilha a todo o comprimento e deixa nas suas franjas as interessantes fajãs, exercício de vontade dum povo que lutou pela sua independência económica arrebanhando a terra que a natureza criou. Beleza agressiva e de acesso capaz de cortar a respiração a qualquer um, a ida às Fajãs que dispõem de estrada alcatroada é em si mesma um desafio das leis da natureza e não aconselhável a quem tenha vertigens ou seja impressionável.

Conhecida pelas suas fajãs<sup>237</sup> a ilha tem uma grande variedade de circuitos. A que mais impressionou pela positiva e beleza foi a do Ouvidor, mas pela perigosidade da estrada a de S. João ganhava a todas mesmo à dos Cubres (e daqui era necessário ir a pé uma hora para a maravilha da ilha, a do Santo Cristo).

O ilhéu do Topo é único e impressiona pela beleza que a natureza proporciona sem estar conspurcado pelo Homem. No outro extremo da ilha há uma maravilha paradisíaca: a reserva ou Parque Natural das Sete Fontes em Rosais, cujo Farol abandonado deveria ser recuperado pois tem uma localização inigualável e umas vistas excelentes. Ali se faria uma excelente Pousada com vista para um pôr-do-sol inolvidável. As formações geológicas em volta do Farol são espantosas pelos caprichos da mãe-natureza. O mais estranho no Parque Natural das Sete Fontes, foi encontrar os tão diferentes porcos do Vietname e os omnipresentes gamos.

*A ida ao Pico da Esperança foi coartada pelas nuvens pois nunca passei do sopé intermédio e não pude ir aos 1053 metros onde há oito anos se despenhou, sem sobreviventes, um avião da SATA onde ia um primo meu. A ilha tem inúmeros miradouros estrategicamente colocados e mais úteis, quanto a paisagens deslumbrantes, do que muitos dos miradouros que existem em S. Miguel, por exemplo. A reserva da Silveira só permitia o acesso a pé e como a estadia era de cinco dias ficou adiada a sua exploração.*

É nas Velas, de frente para o imponente Pico, que a ilha se centra, mas os seus segredos e encantos estão por todo o lado. S. Jorge é um exemplo de que o Homem pode viver em conformidade com a Natureza, se cada um souber ocupar o espaço que lhe é designado. O verde e o azul predominam, as estradas estão orladas por hortênsias. Lá em cima, à noite, os cagarros mantêm animadas conversas e alguns parecem erianças a chorar. Demorara duas noites a descobrir o que era aquele som original. É indescritível, mas ao mesmo tempo belo e melancólico. Durante a noite apenas se viam as suas sombras acompanhadas daquele lânguido som, a pairar por sobre a piscina do Hotel, contigua às arribas e ao mar.

*A nota mais forte das primeiras impressões era o calor abrasador, o maior já sentido em mais de três anos no arquipélago, mas os termómetros não aparentavam mais do que os valores normais entre os 20 e os 27 °C. Essa sensação iria permanecer mesmo durante a noite em que o ar condicionado ficava ligado todos os dias da estadia.*

*Interrogado um local no Topo este disse que, a ilha era mais quente que as outras, mas no inverno também era bem mais fria. Uma ilha sofrida, mas bela, agreste, mas acolhedora pelas suas gentes simpáticas e desprentensiosas.*

*Mal chegámos havia uma carrinha dita shuttle a fazer o “transfere” (sic) do aeródromo para a Vila numa curta viagem de seis ou sete minutos por entre escarpas alcantiladas sobre o mar e uma planície de sedimentação entre dois morros vulcânicos já parcialmente no mar. O aluguer de carros pertencia ao Hotel S. Jorge Garden onde ficamos e rapidamente cumprimos as poucas burocracias (estava tudo previamente pago e acordado).*

Fomos almoçar a um snack-bar chamado *Café do Jardim* na bem cuidada e manicurada Praça da República e fomos ao único hipermercado duma cadeia local que acabou por se revelar uma surpresa. Os preços eram consistentemente mais baixos do que em S. Miguel. A diferença era grande em itens importados. Assim, tínhamos já pão fresco e acompanhamentos para os piqueniques de almoço.

237 (terras baixas, à beira-mar, resultantes de materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente, são extremamente férteis e habitadas e cultivadas com fantásticas piscinas naturais que são autênticos aquários, onde se nada rodeado de peixes que não se incomodam minimamente com a presença humana)

*Depois o meu filho saltou para a piscina donde veio, já com gueltras, arranjar-se para jantar. Fiquei impressionado com ele, nada bem, em mais do que um estilo e sem medo. Aprendeu sozinho como já aprendera a andar de bicicleta e computação.*

*Não sai ao pai, que aos 12 anos ainda berrava ao molhar os pés numa poça da piscina de Espinho com medo...ao ponto de o instrutor de natação se recusar a dar mais aulas, por ser caso perdido. Eventualmente perdi o medo e aprendi a nadar, mas só me sentia tranquilo nas quentes águas (30 °C) na Areia Branca em Dili, Timor ou em Bali onde fiz bodysurf...*

Demos uma volta pelo Farol da Ponta dos Rosais, indo pela estrada de terra para melhor apreciar a vista da zona com declives suaves, quase harmoniosas colinas descendo calmamente da serra de Figueiras. Acabamos por descobrir uma estrada melhor e exploramos várias derivadas proporcionando belas vistas e melhores fotografias para a imensa coleção açoriana destes três anos.

Para jantar fomos ao Açor, indicado como um dos melhores sítios, mas não necessariamente o mais barato. Gostamos e comeu-se bem, a carne uma delícia...ainda não me habituei à carne dura que se vende em S. Miguel...

*Nos dois dias seguintes fizemos mais de 300 quilómetros. Primeiro percorrendo toda a costa sul com paragem no Miradouro da Ribeira do Almeida, sobranceiro a Velas, e onde se pode ver a enorme fajã que é aquela zona da ilha.*

*A paragem foi prolongada na Queimada (onde fica o pequeno e simpático aeródromo reinaugurado em 2007), com pequeno porto, grande igreja e capelas interessantes, o mesmo se podendo dizer de Manadas.*

*Na Urzelina vimos a bela Furna das Pombas, um tubo de lava com origem nos vulcões do interior da ilha, talvez originada pela erupção histórica de 1808, mas ainda não explorada em profundidade. Sabe-se que se estende por mais de 100 m. em direção ao interior da ilha, podendo parte deste percurso ser percorrido num barco pequeno no verão, durante a maré baixa e com mar calmo. Como é de origem vulcânica apresenta-se formada por maciças paredes de rocha basáltica, repletas de saliências, que grandes bandos de Pombo-das-Rochas utilizam como local de nidificação e abrigo.*

*Igualmente mereceu especial atenção para observar e pensar um pouco o que terá sido o dia 1 de maio de 1808 (atrás descrito) um pequeno monumento em homenagem à ocorrência, ilustrado com um poema de Urbano Bettencourt.*

*Depois no Miradouro da Fajã das Almas e Biscoitos paramos para um café antes de descermos à vila da Calheta, sem grande interesse, prolongando-se por quilómetros ao longo duma estreita faixa costeira.*

*As igrejas merecem algum destaque com uma pequena residencial e falta de minimercados ou outras lojas.*

*O mais curioso é o centro de saúde ficar lá no alto e a população viver cá em baixo nas Calhetas, longe e de difícil acesso a pé...*

Fomos ao Topo, no fim da ilha, parando no Miradouro das Pedras Brancas, reabastecendo a viatura em Sto Antão. Antes de ir ao Farol (o portão fechado convidava os forasteiros a não entrarem) fomos apreciar o pequeno porto de pesca onde mal dava para o carro inverter a marcha.

Após as obrigatórias fotografias ao estranhamente diferente ilhéu do Topo, com vista para a Terceira, regressamos pela espinha dorsal da ilha, detendo-nos na Fajã de S. João, cuja viagem fez suster a respiração e obrigou à ladainha de preces inventadas para que nenhum carro se cruzasse connosco. As súplicas foram ouvidas e saímos numa viagem só...

*O narrador interrompe para atender às necessidades dos limpadores da fossa que semestralmente vêm lembrar-me que é um dos preços a pagar por viver afastado da civilização da ETAR...uma rotina ao módico preço de 40€ semestral efetuada pelo funcionário da Câmara durante as horas de expediente...sem direito a recibo.*

*Depois queixam-se da economia paralela e da fuga ao fisco.*

*Mas poderemos dormir com menos cheiro nauseabundo e de manhã ao acordar para ir ao café não terei as papilas olfativas agredidas.*

### **54.3.1. LENDA DA FAJÁ DE S. JOÃO**

*Em tempos que já lá vão  
uma pobre velha havia  
na Fajã de S. João  
de quem o bom povo se ria.*

*Um dia a pobre velhinha  
quando o seu pão fazia  
uma formosa senhora  
à sua porta batia.*

*- Entre! - lhe disse a velhinha  
- venha junto do meu lar,  
do pouco que Deus me deu  
a todos gosto de dar.*

*Mas a senhora lhe disse  
com voz doce de encantar  
- Vai dizer a toda a gente  
que fuja deste lugar.*

*Que caso estranho e terrível  
muito em breve se irá dar  
que fugissem para a serra  
antes da noite chegar.*

*E logo a velhinha foi  
de casa em casa a chamar,  
dizendo a todos que deixassem  
a sua casa, o seu lar.*

*Muita gente zombou  
do que a velhinha dizia,  
ninguém quis acreditar  
em tão triste profecia.*

*Com uma filha que tinha  
pôs-se a velha a caminhar  
para o mais alto da serra  
no triste caso a cismar.*

*Nessa noite, à meia-noite  
pôs-se a terra a baloiçar  
houve um grande terramoto  
uivava sinistro o mar.*

*E ruiu com fulgor  
muitas rochas sobre o mar  
muitas casas desabaram,  
vibraram gritos no mar.*

*Quando a manhã despontou,  
o sol pelo azul subia,  
muita gente que zombara  
na paz da morte dormia.*

*E a velhinha que dissera  
atrás esta profecia,  
diz o povo que falara  
com a Virgem Santa Maria.*

Passamos depois, outra vez, pelos moinhos de vento na extremidade noroeste da serra do Topo (as novas energias eólicas não irão longe com meia dúzia de pás a esvoaçarem), sempre sob o olhar vigilante do imponente Pico, presença amiga e intimidatória que nos persegue desde a chegada. Sempre atento a todos os nossos movimentos, espreitando por entre as nuvens que o coroam, dando a conhecer mil e uma

faces ao longo dos dias, numa visão majestática bem diferente da imponência da sua observação na Horta que quase nos afoga. Aqui nada se faz sem que se note o Pico, sempre ao nosso lado, estendendo-se de norte a sul, mostrando os cones que o compõem, correspondentes a tantos outros vulcões que sulcam a ilha, lembrando-nos que a tragédia está ao virar da esquina quando, começar a roncar das entranhas da terra e nos começar a vomitar o conteúdo do seu estômago de magma que nos acompanha desde a criação da vida na terra. Se, por acaso, deixamos de ver o Pico, o que raramente acontece, podemos olhar as restantes ilhas do grupo central, a pequena bossa de dromedário chamada Graciosa, e a Terceira. Mas na cordilheira central e costa sul temos sempre o Pico e o Faial a vigiar-nos.

Queríamos explorar o Parque Natural da Silveira, mas a pé não havia tempo, pois muito faltava ver para o pouco tempo que tínhamos. No dia seguinte voltamos para descobrir a costa norte. Fomos pela Beira, Ribeira do Nabo, Sto. Amaro. Aqui, descobrimos uma estrada com uma inclinação de mais de 15% em que se não vê o fim da estrada, mas apenas o mar... começamos a descer em segunda velocidade até nos depararmos com um entroncamento e a entrada na estrada principal, mas mesmo em frente, um pequeno portão de metal separava-nos duma encosta bem pronunciada sempre a descer a pique até ao mar. Espera-se que ninguém tenha ali uma falha de travões...saímos de Sto. Amaro pois andavam todos num corrupio em preparativos para uma corrida de touros (à corda) que iria ter lugar nesse fim de semana, e como não sou amante, nem simpatizante, nem adepto de touradas sejam elas de que tipo forem saímos.

Ao fim da tarde fomos encontrar-nos com a Ana Gil, colega da minha mulher na escola da Maia (São Miguel), que ficara colocada por três anos em S. Jorge. Conhecemos o marido, o filhote de dois anos e a saga da chegada deles uma semana antes. Tinham escolhido a casa com quinta e muito espaço agrícola em junho e deixaram carros e mobílias. Ao chegarem definitivamente para tomar posse da casa, tinham o senhorio viúvo a dizer-lhes que acabara de descobrir a mulher dos seus sonhos, e não poderia alugar a propriedade pois já não ia regressar aos "States", mas ficar lá...o que o amor faz!

Ficaram desesperados e aboletaram-se onde puderam, durante uns dias, até encontrarem nova casa na Queimada onde nos receberam para um lanche ajantarado de salpicão, alheiras e outros enchidos acabados de trazer de Bragança, donde são naturais. Foi excelente comer aquelas delícias naquele ambiente paradisíaco sob a sombra protetora do Pico enquanto o sol se punha. Dormimos, que nem sei lá o quê, depois do delicioso jantar, simples, mas sentido e amigo, de pessoas que, eu e o João (cansado de brincar com o petiz), tínhamos acabado de conhecer. Gostava de os ver outra vez, gente de bem, aquela que ali fomos encontrar acabada de chegar das berças maternas do autor. Ou mais uma história de como os professores são os únicos profissionais em Portugal que fazem como o caracol (casa às costas). Porque não os médicos, enfermeiros e outros? Só professores? Apetece-me propor a extensão do sistema de avaliação dos professores a outras profissões:

*Já que muitos defendem e compreendem o modelo proposto para a avaliação dos docentes, estranho que, por analogia, não o apliquem a outras profissões (médicos, enfermeiros, juizes, etc.). Se sabem o que está em causa e as virtualidades do modelo, vamos imaginar a sua aplicação a outra profissão, os médicos.*

*A carreira seria dividida em duas: Médico titular (a que apenas um terço dos profissionais pode aspirar) e Médico.*

*A avaliação seria feita pelos pares e pelo Diretor de serviços.*

*O médico titular teria de assistir a três sessões de consultas, por ano, dos seus subordinados, verificar o diagnóstico, tratamento e prescrição de todos os pacientes observados.*

*Avaliaria também um portefólio com o registo de todos os doentes a cargo do médico a avaliar, com todos os planos de ação, tratamentos e respetiva análise relativa aos pacientes.*

*O médico teria de estabelecer, anualmente os seus objetivos: doentes a tratar, a curar, etc.*

*A morte de qualquer paciente, ainda que por razões alheias à ação médica, seria penalizadora para o clínico, bem como todos os casos de insucesso na cura, mesmo que sofressem de doença incurável, ou terminal.*

*Seriam avaliados da mesma forma todos os clínicos, quer a sua especialidade fosse oncologia, nefrologia ou cirurgia estética...*

*Poder-se-ia estabelecer a analogia completa, mas penso que os nossos 'especialistas' na área da educação não terão dificuldade em levar o exercício até ao fim.*

*A questão é saber se consideram aceitável o modelo?*

*Caso a resposta seja afirmativa, então porque não aplicar o mesmo, tão virtuoso, a todas as profissões? Será?!*

*Já agora...poderiam começar a 'experiência' pela Assembleia da República e pelos (des)governantes.*

Voltemos à ilha... A localidade de Toledo foi assim batizada por causa dos primeiros habitantes serem de local com o mesmo nome (Espanha), mas nada há ali que justifique tão nobre nome, a não ser a vista das ilhas Graciosa e Terceira a definirem o seu horizonte marítimo.

*Está numa área de Laurissilva, típica da Macaronésia, rodeado por três elevações, Pico Alto 766 m, de cinzas vulcânicas consolidadas e barro; a nascente, o Pico do Loíçano com 411 m; e o Pico da Ponta Furada a poente com 622 m. Estas duas últimas são dois domos vulcânicos de média dimensão cujo surgimento é muito antigo.*

*O Pico Alto do cimo dos seus 766 m. olha sereno para a vida que se desenrola cá em baixo. De lá é possível observar não muito longe, as restantes ilhas do grupo central: Faial, Pico, Graciosa e Terceira.*

*O domo do Pico do Loíçano fica junto aos acessos às fajãs do Toledo, nomeadamente à Fajã de Vasco Martins e à Fajã Rasa. Do cimo tem vista soberba sobre grande parte da costa norte, Graciosa e Terceira e pode ver-se o casario do Toledo por entre campos verdes das pastagens*

*O da Ponta Furada estende-se até ao mar e termina numa ponta rochosa de basalto maciço, em cuja extremidade existe um orifício gigantesco que a atravessa lateralmente e de difícil explicação geológica. Isto levou a que os habitantes dos Nortés (Norte Pequeno e Norte Grande), e de Toledo, em particular, criassem lendas, transmitidas há séculos de boca em boca pelas populações, numa tentativa de explicar o que humanamente é inexplicável.*

#### **54.3.2. LENDA DA PONTA FURADA**

*Conta a lenda, que quando Deus andava pelo mundo, viveu na Ilha de S. Jorge. Um dia, São José, o Menino Jesus e a Virgem Maria meteram-se num batedor a remos a navegar junto às grandes falésias da costa norte, algumas com mais de 600 m. de altitude.*

*Era um dia de sol e de mar manso e a viagem corria bem. São José, prudente e conhecedor da costa, sabia das muitas correntes e perigos escondidos e procurava estar o mais ao abrigo da terra que era possível. Depois de muitas horas a navegar e cansado de remar, chegaram ao local da Ponta do Garajau quando se lhes deparou um promontório que entrava pelo mar dentro, descendo desde as altas serras e mergulhando nas profundezas dos oceanos.*

*São José com pressa de descansar, não estava com disposição para remar ao redor de tão grande formação. Ficou a pensar, e confiando no poder divino, levantou a mão, estendeu o dedo indicador e tocou no centro da grande formação geológica. Logo o centro rochoso cedeu e deu origem a um buraco de grandes dimensões ao nível da água, por onde São José e Família passaram no barco a remos.*

*São José, diz a lenda, ficou muito feliz e rumou a Toledo, onde chegou antes do fim do dia. Era verão e a Sagrada Família gostou tanto da paisagem, do ar fresco da montanha, dos campos floridos com hortênsias que resolveu fixar ali residência para sempre. Rapidamente a população se afeiçãoou à Sagrada Família ao ponto de construir a Ermida de S. José.*

*Segundo a lenda, a altura do buraco é igual à altura da torre da Igreja. A pedra empurrada pelo dedo de São José para abrir caminho encontra-se no mar a algumas dezenas de metros do maciço rochoso que lhe deu origem, formando um pequeno ilhéu que emerge ligeiramente acima das águas. Foi assim, que, diz a lenda, nasceu a Ponta Furada, uma das mais estranhas e curiosas formações geológicas da ilha, que aguarda, no seu leito de mar, quem sabe outro passeio de São José e da Sagrada Família. Tempos houve em que dali partiam a salto, clandestinos para a América do Norte e para o Brasil.*

*Terá existido um pequeno barco de madeira que era varado em terra com a ajuda dum gancho preso na rocha. Uma das missões era levar, em noites escuras de mar manso, indivíduos que se haviam escondido nas rochas e furnas, para bordo dos barcos piratas que ali passavam, parte dum plano organizado para fazer sair os candidatos a emigrantes, sem papéis. Havia um sinal de fumo combinado assim como o preço das passagens.*

*Qualquer navio podia fundear junto à Ponta Furada porque o mar é muito fundo. Também por ali fugiam os mancebos que não queriam ir à tropa. Este lugar recôndito e misterioso é conhecido apenas por pescadores destemidos que aí vão à pesca de fundo e à lapa. O aceso difícil obriga*



*a que desçam por uma corda, apoiando os pés descalços em buracos escavados na rocha, onde por vezes só cabe um dedo!*

De seguida, descemos à famosa Fajã dos Cubres, em fase de obras. Paramos num café que a ASAE fecharia de imediato (era a única fajã com café aberto ao público, mas melhor fora não haver). Vimos turistas portugueses, baratos e sujos do tipo mochileiros e admiramos a célebre lagoa da fajã de Santo Cristo, a uma hora de caminhada, mas não havia motos disponíveis para atravessar a costa escarpada.

*A Fajã dos Vimes, é um ponto turístico obrigatório para quem visita S. Jorge, não só pelo café, mas também pelo artesanato, pertencente à Família Nunes. Alzira, esposa de Manuel, em conjunto com a irmã continua a tecer as características colchas no tear, na “Casa de Artesanato Nunes”.*<sup>238</sup>

*Em finais do séc. XVIII “um senhor da Fajã de S. João” emigrou para o Brasil e ali trabalhou numa fazenda de café. Regressado a S. Jorge no início do séc. XIX, traz consigo uma planta de café, arábica, que veio dar origem ao café da Fajã dos Vimes. Cerca de 400 plantas, que após o devido processo se transformam num café com fama por todo o mundo.*

*Manuel Nunes, recorda que o clima da fajã é muito propício para a planta, ameno e solo fértil. “Um clima dos melhores para o café, muito quente e com muita pedra”, salienta Manuel Nunes, que recebe anualmente visitas de turistas e curiosos que querem ficar a saber um pouco mais acerca da plantação e saborear o café que afirmam ter “um sabor diferente e especial”. “Vem aqui muita gente, para provar. O café é colhido entre maio e setembro”, pois, segundo o produtor, “nunca vem todo de uma vez, vai saindo às camadas”, referindo que o tempo é que o determina, sendo que “em pleno mês de fevereiro”, tem plantas já com flor, “o que não é normal nesta época”.*

*Apesar de já ter recebido propostas, não quer exportar o café, comercializando-o apenas no estabelecimento. “Não quero vender café para revenda, para os turistas levarem 50, 100 gramas, tudo bem”, adiantou Manuel Nunes. O produtor diz “ser uma indústria pequena, é tudo manual e dá muito trabalho”. E não há nada que se compare ao café dos Vimes produzido no local... o único sítio na Europa onde se produz café...”*<sup>239</sup>

Seguimos depois para os Nortes, o Grande e o Pequeno, parando no Miradouro da Fajã do Ouvidor para piquenicar com aquela imensa paisagem de mar e fajã por baixo e espesso maciço rócheo e floresta de laurissilva por cima. Acabamos por descer e apreciar a bela e ampla fajã, com boas casas (uma com ótima piscina) tudo muito limpo e arranjado, tentamos seguir até à Ribeira de Areia pela costa, mas desistimos e voltamos a tirar fotos do Miradouro para guardar na memória. Depois continuámos pelo maciço central, Pedra Vermelha, em plena serra do Topo, para ver mais uma vez o ilhéu do Topo, regressando pelo Loural, Ribeira Seca (sem descer à Fajã dos Vimes a fim de vermos as casas orladas a azul, como já viramos em Sta. Bárbara na Ilha de Sta. Maria). A vista cá de cima era impressionante.

*As fajãs começavam a inquietar-me pela sua perigosidade e a abalar a minha habitual calma. Em todas as instâncias nunca deixei de pensar como seria a vida nas fajãs mais inóspitas, só acessíveis de barco ou por estradas barrentas decerto intransitáveis no inverno. Nem todas estão eletrificadas. Como é possível viver-se ali há séculos, como se obtinham mantimentos ou viveriam todos na frugalidade do que a fajã produzia? Estariam meses sem ver viva-álma? Tudo questões que ainda não encontraram resposta.*

*A ocupação das fajãs pode ter representado a libertação social e a mudança de estatuto por passarem a deter a posse da terra. Hei de investigar melhor se a propriedade das terras das fajãs não representou uma melhoria social no estatuto dos povoadores. Nas outras ilhas a posse feudal, pelos grandes senhores e clero, não permitia que a terra fosse possuída, mas arrendada e o trabalho duro explorado num regime de escravatura semelhante ao do continente português. Nas Sete Cidades permanecia a enfiteuse medieval. A ocupação permanente destas fajãs tem riscos muito elevados que os planeadores devem ter em consideração. Em S. Jorge, a qualquer momento, a terra pode tremer e as encostas desabarem até ao mar, sobretudo no inverno com os solos saturados de água. Assim se formaram as fajãs e pelo mesmo mecanismo podem desaparecer.*

A sua própria definição<sup>240</sup> não deixa margem para dúvidas:

238 [Retirado de Liliana Andrade /RL Açores]

239 Em 2018 abriu um restaurante estrangeiro em Ponta Delgada que comercializa este café. Também nesse ano se reuniram os produtores de café da Ilha Terceira para começarem a exportar café açoriano.

240 António Cândido de Figueiredo, no seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa

*Fajã “toda a terra baixa e chã ou pequena extensão de terreno plano, suscetível de cultura, junto a uma rocha, geralmente à beira-mar, formada em regra por materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente.” Em S. Jorge, o conceito de fajã foi objeto de consagração legal, tendo o parlamento açoriano definido que se entende por “fajã toda a área de terreno relativamente plana, suscetível de albergar construções ou culturas, anichada na falésia costeira entre a linha da preia-mar e a cota dos 250 m de altitude”. Pelas características climáticas, particularmente quando voltadas para sul ou sueste, e abundância de recursos naturais, aliada à facilidade de acesso ao mar, já que todas as fajãs têm o seu portinho, foram locais de fixação inicial, tendo sido a partir delas que irradiou o povoamento das terras altas.*

Encontrado no Diário da República<sup>241</sup> um artigo do qual nada entendemos, mas aqui se extrai:

*Através da execução do n.º 2 do artigo 80º do Decreto-Lei n.º 380/99, de 22 de setembro, o [presente] diploma assegura a conformidade do PDMC com o POOCISJ, excluindo de ratificação, na planta de ordenamento, as áreas (na Ponta do Topo e proximidades, para norte e para sul) da classe de espaços agrícolas, bem como as áreas (no Topo) da classe de espaços urbanos e as áreas (na Ponta de S. João, na fajã com o mesmo nome, e na Fajã dos Vimes) de fajãs humanizadas do tipo 1, da classe de espaços naturais e culturais, que coincidam com as áreas de especial interesse ambiental ou com as outras áreas naturais e culturais, todas do uso natural e cultural do POOCISJ.*

*Da exclusão de ratificação daquelas áreas dos espaços agrícolas resultará igualmente que as que se sobrepunham à Zona de Proteção Especial da Costa Nordeste e Ponta do Topo e à Reserva Ecológica fiquem, afinal, abrangidas por uso natural.*

Parece que será difícil aplicar as leis de ordenamento. Ou será porque as pessoas foram para lá para terem terras que não eram de ninguém que a natureza deu aquando das grandes catástrofes sísmicas?

*Nos dias seguintes, nuvens baixas e nevoeiros impediram-nos de ir ao Pico da Esperança. Descemos à cota zero e do lado leste da Baía de Entre-Morros na piscina do Hotel lemos enquanto o João manifestava habilidades aquáticas. Percorremos a rua comercial das Velas, cheia de pequenas lojas e butikues em saldos de verão, e a enorme loja chinesa (a ubiquidade destas surpreende, embora nos dissessem que uma na Calheta tinha fechado por falta de negócio).*

Numa noite regressamos ao Café do Jardim onde éramos sempre bem servidos ao almoço, e a funcionária ainda se lembrava bem das especificidades dos nossos cafés. Nessa noite estava uma jovem a servir, atarantada com o enorme e inusitado movimento dessa noite. Olhamos para ela e decidimos que era de origem timorense. Quando nos trouxe a comida errada eu disse em Tétum “L’ha tene” (não entende) e ela olhou para trás. Depois, acertou na encomenda e perguntei-lhe “Diac ca lai? Diac? L’a diac? (Como estás? Bem? Mal?) e ela respondeu “Diac liu” (muito bem)”. Ela perguntou como eu falava timorense e lá tive de lhe explicar que vivera lá muito antes de ela nascer entre 1973 e 1975. Foi curioso ver o sorriso amigo dela e o brilho nos dentes, tal como eu jamais esperava encontrar uma timorense ali.

Noutra noite resolvemos ir jantar ao pomposamente denominado Clube Naval (o *Yacht Club*) do sítio e saímos de lá convencidos de que se tratava antes do Clube dos Botes e não do Clube Naval quer pela frequência quer pela demora em sermos servidos (demoramos duas horas entre a entrada e saída...) além de que a comida nada tinha de memorável, no que seria a única desilusão digna de registo.

Faltou assinalar que nas ruas das Velas raramente se observam sinais proibidos para o trânsito, o que resultou eu ter andado horas em contramão, até descobrir que tinha de seguir os sinais azuis pois não se viam sinais encarnados. Os poucos polícias locais se me viram não me denunciaram e rapidamente me habituei a esta nova forma de marcar o trânsito. Valeu a pena, não me importava de viver na pequena Vila das Velas<sup>242</sup>.

241 1ª Série Diário da República, quinta-feira, 6 de julho de 2006 Número 129

242 Como esta já vai longa vejam fotos selecionadas da visita no meu museu fotográfico em <http://www.lusofonias.net/acoes-i/sao-jorge/760-s-jorge-a-minha-visao.html> - <http://www.lusofonias.net/acoes-i/sao-jorge/824-s-jorge-diaporama.html>.

## CRÓNICA 56 DIAS DE MELO 24 setº 2008

*“...a esperança num mundo melhor já não será para mim, talvez não será para nenhum de nós e eu revolto-me com aquilo que vejo à volta de mim” Dias de Melo*

Hoje fiquei mais pobre e de novo órfão. Até maio deste ano pouco ou nada sabia sobre Dias de Melo que esteve presente como Escritor convidado no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia juntamente com o amigo Daniel de Sá. Eram eles os dois representantes da literatura açoriana que quis dar a conhecer a todos os que nem sequer sabiam da existência da mesma.

Dias de Melo um operário, um agricultor, um pescador, um escultor que trabalha, ceifa, pesca e esculpe cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, referência constante como o é Mestre José Faidoca, personagem sempre presente nas histórias que também presenciou como homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreve como se da janela da sua casa no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Andei assim quatro meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra de Dias de Melo (que não estudei na totalidade, mas apenas os títulos reeditados).

Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão durante o Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

*Não querendo ordenar classificatoriamente os escritores como se de autores de música popular se tratasse, o certo é que desde que o comecei a ler, Dias de Melo alcançou-se ao lugar cimeiro das minhas preferências e sinto-me extremamente honrado por ter trocado algumas palavras com ele, durante o colóquio e no jantar do primeiro dia de trabalhos.*

*Não o conhecia, mas conhecendo as suas obras e a vida de luta fica-se com a sensação de sempre o termos conhecido, de pertencermos à família, espécie de alter-ego daquilo que gostaríamos de ter sido.*

*Autor e compositor de música popular, Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação e da condição humana. Coube-lhe a sorte de ter recebido algumas merecidas homenagens públicas nos seus últimos meses de vida quando viu a 2 de maio 2008 (na véspera do Encontro Açoriano) reeditar algumas das suas melhores obras.*

*Cumpre-nos a nós não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.*

*Herman Melville* na sua epopeia da *Moby Dick* na qual retrata alguns açorianos, não conseguiu resumir a essência dos baleeiros como Dias de Melo pois este era um espetador atento da sua luta quotidiana e resolveu dá-la a contar ao mundo.

Disso vos trago testemunho com a saudade que a sua morte nos deixa a partir de hoje.



## CRÓNICA 57. MUSEU DA LUSOFONIA EM BRAGANÇA 1-10 outº 2008

Da LUSA:

*“O primeiro museu português da Língua Portuguesa poderá surgir em Bragança, segundo um repto lançado no encerramento do 7º Colóquio anual da Lusofonia que recolheu já apoios individuais e institucionais ligados à temática.*

*A ideia partiu do Presidente da Câmara de Bragança (????), Jorge Nunes, que recebeu de imediato a disponibilidade do vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa para ajudar a instalar este espaço, único em Portugal.*

*O autarca de Bragança quer aproveitar o balanço dos colóquios anuais da Lusofonia, que há sete anos reúnem na cidade transmontana representantes dos vários países lusófonos, para desenvolver o primeiro museu nacional da Língua Portuguesa.*

*Jorge Nunes gostaria de ter em Bragança, um espaço idêntico ao que já existe em S. Paulo, com a história e evolução da língua falada por 320 milhões de pessoas pelo mundo.*

*«Em Portugal não há um espaço museológico relacionado com a Língua Portuguesa e Bragança pode abraçar esse projeto, desde que conte com a colaboração de professores e instituições representativas nesta área», disse à LUSA.*

*Artur Anselmo lembrou que a Academia portuguesa tem «um espólio muito importante relacionado com a defesa da Língua Portuguesa, desde os fins do século XVIII até hoje» que poderia disponibilizar para o novo museu: «Bragança é o lugar ideal para a instalação deste espaço porque está na confluência de dois mundos fundamentais da Língua Portuguesa, Portugal e a Galiza».*

*Considerou ainda que o novo espaço terá que ser «um museu vivo e o aspeto didático terá a maior importância para que interesse jovens e instituições de ensino».*

*A ideia mereceu também o aplauso do linguista brasileiro Evanildo Bechara, presente no Colóquio da Lusofonia, que prometeu propor à Academia de Letras Brasileira, da qual é membro, o apoio ao museu português.*

*O Presidente da Câmara de Bragança gostaria de congregiar as vontades necessárias, para que no próximo Colóquio da Lusofonia os participantes pudessem discutir o projeto e fazer a validação em termos científicos.*

*Outro apoio com que o projeto conta, desde logo, é o da Academia Galega da Língua Portuguesa, que nasceu no seio dos colóquios da Lusofonia em Bragança.*

*Os Colóquios da Lusofonia irão desenvolver uma ação concertada com o Presidente da Câmara para a futura localização na cidade de Bragança do Museu da Língua Portuguesa.*

*Pretende-se que os Colóquios funcionem como motor (através de propostas de todos os que fazem parte da sua rede) e de elo vital de coordenação das iniciativas das três Academias na programação futura e na conceção do Museu, cujo projeto de viabilização será apresentado pela Câmara Municipal de Bragança a fim de ser validado pelos Colóquios e pelas Academias em outubro de 2009.*

*A ideia tem despertado a imaginação dos académicos e investigadores envolvidos pela sua ousadia e vanguardismo e vem culminar os esforços de vários anos através dos Colóquios de fazer de Bragança a capital da Lusofonia.”*

Apesar das vozes discordantes e dos velhos do Restelo que decerto se manifestarão (aliás manifestam-se contra tudo o que seja modernizar Bragança ou alterar o seu estatuto de «cidade adormecida à sombra do passado») esta é uma ideia cujos frutos serão rapidamente compreendidos pela população em geral.

O Brasil, onde a cultura é igualmente mencionada a tratos de polé, registou milhões de visitantes nos primeiros anos do Museu da Língua Portuguesa em S. Paulo<sup>243</sup>, muito para além de todas as expectativas.

Aqui se reitera que embora sejamos subsídio-independentes é necessária vontade política para fazer arrancar este projeto, e Bragança daqui a uns anos pode orgulhar-se de ser a segunda cidade no mundo a ter um Museu dedicado à Língua.

## CRÓNICA 58. SAUDADES e MEMÓRIAS TRANSMONTANAS, setº 2008

### 58.1. VIAGENS INESQUECÍVEIS DE TEMPOS JUVENIS

Sei, porque me contaram, - que pelos dois anos de idade - fui visitar as berças a Trás-os-Montes (a aldeia da Eucísia em Alfândega da Fé) donde a família da minha mãe era originária. Contraí uma primo-infecção gravíssima tendo sido assistido pelo Dr. Miranda, único médico da vila de Alfândega, que na sua santa ignorância diagnosticou qualquer outra coisa e disse que a pequena e débil criança que eu era não tinha hipóteses. Ainda bem que sobrevivi para vos contar que fui levado de emergência para o Porto onde fui devidamente diagnosticado e tratado a tempo.

*A primo-infecção ocorre quando a pessoa entra em contacto com o bacilo. Onde a tuberculose é endémica, a possibilidade de o contacto ocorrer até os 10 anos de idade é muito grande. O bacilo de Koch é expulso nas gotículas que eliminamos pela respiração e tosse, precisam medir 5 micro, uma unidade muito menor do que um milímetro, para percorrer as 23 divisões do aparelho respiratório (nariz, traqueia, brônquios, etc.) e alcançar os alvéolos, na parte final dos pulmões (tem forma de um pequeno saco redondo).*

*Sentindo a presença do bacilo nos alvéolos, as células de defesa, ou macrófagos, o abarcam e pedem ajuda para os linfócitos, outro tipo de células de defesa, que erguem uma paliçada em torno das primeiras que exerceram a fagocitose. Isso forma um granuloma, ou seja, um microcaroço, que será recoberto de cálcio para enterrar literalmente o bacilo.*

*Por isso, nas radiografias de tórax, é comum encontrar um nódulo calcificado consequência da primo-infecção por tuberculose. Não tem significado patológico e deve ficar onde está. A partir dos alvéolos, o bacilo pode invadir a corrente linfática e parar num gânglio, outro órgão de defesa do organismo. Ainda não existe vacina contra esta infeção que pode debilitar e matar um bebé de tão tenra idade.*

Será conveniente recordar que as distâncias eram a vassaladoras, apesar da pequenez do país. Havia comboios regionais e os transportes entre distâncias pequenas eram quase como travessias dos mares alterosos nos infindos oceanos no tempo das Descobertas.

Uma viagem entre Trás-os-Montes e o Porto era uma epopeia remanescente da homónima marítima. Os comboios a vapor, abastecidos a carvão, raramente excediam os 20-40 km/h pelo que a viagem horrorosa ficou para sempre gravada na memória dos pais que a narravam, vezes sem conta, a quem não sabia da desventura. Além de não ganharem para o susto com o filho único, privaram-se das suas almeçadas e merecidas férias.

*.... Enquanto os avós paternos iam em dois carros (após o fim da primeira grande guerra) até Paris, com filhos e pessoal doméstico, (como o pai nunca se cansou de recordar como a memória mais marcante dos seus tenros anos), eu evocava as idas a Trás-os-Montes, na infância, viagens históricas na velha e sinuosa estrada nacional nº 15 do Marão.*

*Do Porto a Alfândega da Fé era um dia completo, uma tarefa demorada, cansativa e pejada de perigos. Tempos antes, mais do que um dia tinham demorado os avós maternos que, ao casarem por volta de 1920, resolveram passar a lua-de-mel em viagem no percurso de Bragança ao Porto em carruagem ou diligência da mala-posta.*

*Era o único meio de transporte, à época, sem a pompa dos coches, sem o romantismo das seges e tipoias e sem o misticismo das caravanas ou diligências do oeste bravio nos EUA. Não havia índios selvagens, mas era terreno fértil para assaltantes e saqueadores, prática que se manteve até ao séc. XX.<sup>244</sup>*

*A velha EN 15<sup>245</sup> ligava Ermesinde, Amarante, Vila Real, Mirandela e Bragança. Na longa e sinuosa EN 15, ou noutras estradas para Trás-os-Montes, o maior tormento da viagem era quando*

244 Não muito antes, e perto do Porto, havia o famoso Zé do Telhado, alcunha de José Teixeira da Silva, nascido em 1818 na aldeia de Castelões, Penafiel, filho de um Capitão de ladrões. Foi um famoso salteador e Chefe da quadrilha mais famosa do Marão. Executou um grande número de assaltos no norte entre 1842 e 1859, ficando conhecido por "roubar aos ricos para dar aos pobres". Em 1845 casou-se com uma prima e foi preso em 1859 quando tentava fugir para o Brasil. Na Cadeia da Relação, conheceu Camilo Castelo Branco e em 1861 foi condenado ao degredo em África. Viveu em Malanje, fez-se negociante de borracha, cera e marfim. Casou-se com uma angolana, Conceição, de quem teve três filhos e morreu de varíola em 1875.

245 A denominação EN, Estrada Nacional surgiu após a República. No plano de 1889, a rede incluía as Estradas Reais (nacionais), as Distritais (regionais) e as Municipais (locais). Em 1910 a designação "Estrada Real" foi substituída por "Estrada Nacional". As atuais Estradas Nacionais são as do Plano Rodoviário de 1945 que classificava as Estradas Nacionais em três classes: as de 1ª classe numeradas de 1 a 125, as de 2ª classe



*se encontrava um velho autocarro de passageiros, de fabrico anterior à 2ª Grande Guerra, servindo de carreira (de passageiros), arrastando-se penosamente, montanha acima, por entre nuvens de fumo do poluente gasóleo.*

*Penava-se atrás dele, um inferno. As pessoas a tossirem. Com o calor de verão não se suportavam janelas fechadas. Ultrapassar, só se o condutor fosse simpático e se desviasse ou parasse. A estrada não comportava a modernice das ultrapassagens. Mas havia paciência, as pessoas não viviam numa lufa-lufa como hoje e aceitavam como inevitabilidade do destino o que se lhes deparrava, mesmo que fosse seguir na pegada de um velho machimbombo fumegante durante quilómetros a fio.*

*Por vezes, entre vilas ou aldeias, surgia a paragem de passageiros, muitas vezes não assinalada e sem abrigo para se resguardarem da inclemência dos elementos.*

*Outras vezes, havia um motorista simpático que deixava sair um habitante fora da paragem e perto da área de residência. Essa era, frequentemente, a oportunidade única de se fazer a ultrapassagem a velocidade moderada na estreita rodovia onde mal cabiam dois veículos, lado a lado.*

*Os carros circulavam então, nas subidas, em primeira ou segunda velocidade que essas modernices de cinco e seis velocidades também não tinham sido inventadas. As estradas tinham poucas retas e não eram suficientemente compridas para se adquirir velocidade e ultrapassar, pelo que se ia a pensar atrás da viatura pesada.*

*Nas estradas em macadame, terra e brita <sup>246</sup>batida, o pesadelo era bem pior, pois aos fumos tóxicos acrescentava-se a poeira fina e miúda, penetrante como areia do deserto, que se infiltrava nas narinas e nos poros e obrigava a um banho após a chegada ao destino. Seguir na pegada doutro veículo significava guiar às escuras por entre espessas nuvens de pó. A esta distância temporal, parecem cenas de um filme mudo, a preto e branco, tão difícil é descrever o que se perdeu na memória.*

*Imagem sempiterna era a dos cantoneiros, que trabalhavam de sol a sol, levando a mão à aba do chapéu para saudar o atrevido viandante que se afoitava a ir às terras do fim do mundo, especialmente à Eucísia, perdida naqueles montes sobranceiros ao majestoso e fértil Vale da Vila-riça. Vestiam umas soturnas fardas cinzentas para que não se visse o pó que os cobria. A eles competiam as pequenas obras de manutenção da estrada, a reparação dos muretes derrubados, a pintura dos troncos das árvores, e o trabalho infindo de aparkarem as silvas e arbustos que das bermas irrompiam para o leito da estrada.*

*Nas estradas asfaltadas, também lhes parecia acrescentar umas pazadas de piche quente sobre o asfalto esburacado pela inclemência do clima transmontano. Se bem que, nalguns casos, trabalhassem em grupos, a maioria trabalhava em pares de dois ou solitariamente. Viviam normalmente nas cercanias das áreas de trabalho para onde se deslocavam após longas caminhadas.*

*Noutros casos, passavam os meses acantonados nas célebres casas de cantoneiros, bem típicas pela sua construção, e que hoje, infelizmente, estão abandonadas e degradadas por todo o país, sem que alguém tivesse a coragem de as reabilitar e converter para Turismo Rural ou qualquer outro fim.*

*Os carros na conturbada viagem do Porto a Trás-os-Montes gastavam quase tanto de óleo e água como gasolina. O gasóleo era para tratores e autocarros que se debatiam, serra acima, poluindo e deixando quem vinha atrás acossado pela tosse da inalação dos gases.*

*A gasolina sem chumbo não fora inventada (havia Normal de 88 octanas e Súper de 91 octanas, hoje temos 95 e 98 octanas). Havia poucos postos de abastecimento e era necessário programar os consumos para não se ficar parado sem gasolina.*

*Na viagem até Trás-os-Montes, ao aproximar-se a árdua e sinuosa subida do Marão, ressoavam sempre as palavras do velho adágio popular “Para cá do Marão mandam os que cá estão”. Nesse tempo, tal como hoje, não se tratava de uma manifestação reivindicativa, nem de uma afirmação independentista, mas apenas da contestação ao abandono a que as suas populações estavam, e estão, votadas.*

*Não eram só a distância e as dificuldades de comunicações, terrestres ou outras, que dificultavam as ligações ao poder em Lisboa, fosse ele real ou republicano. Havia um profundo desdém da “corte”, desde tempos imemoriais, pelos provincianos transmontanos, considerados atávicos e atrasados. Isso explica as más ligações rodoviárias, ferroviárias, telegráficas e telefónicas a essa parcela distante. Ainda hoje serve para explicar a dilapidação do rico património turístico das linhas*

---

de 201 a 270 e as de 3ª classe, de 301 a 398. Os números de 1 a 18 eram reservados aos Itinerários Principais, correspondendo às estradas que ligavam as capitais de distrito entre si e a estradas com origem em Lisboa e Porto.

246 Consiste em assentar três camadas de pedras numa fundação com valas laterais para enxugo da água da chuva. As duas primeiras, a uma profundidade de 20 cm recebem brita, a terceira leva 2 camadas de pedra. Cada camada é calçada com um cilindro, fazendo com que as pedras se acamem umas nas outras.

*de caminho-de-ferro, retiradas pela calada da noite, como entre Bragança e Mirandela, ou após extraordinários acidentes, na Linha do Tua, que ninguém sabia explicar, mas que eram excelentes desculpas para desativar uma via em nome da segurança.*

*Nos anos 1950 e 60, a viagem até Vila Real, era coisa para demorar três horas e meia pela lenta e sinuosa Serra do Marão. Não era aconselhável fazê-la de noite. Um tio meu andava sempre com uma pistola, no porta-luvas do carro, para os encontros prováveis de primeiro grau que podiam acontecer em plena década de 1960. Nunca se sabiam quando apareceriam os meliantes, uns pobres diabos em busca de uns dinheiros trocados e pouco mais, que a tanto não ajudavam nem a arte nem o engenho.*

*Eram tempos de miséria no interior de Portugal, o espectro da guerra colonial e a fome eram perspectivas comuns aos que não tinham conseguido pagar aos “passadores” que “a salto” lhes prometiam as Franças e Alemanhas do seu contentamento. Ali seriam tratados como escravos, mas teriam trabalho e pagar-lhe-iam as jornas com que mais tarde iriam construir uns mamarrachos conhecidos como casas de emigrantes que hoje poluem os montes e vales de muitas das aldeias do norte de Portugal.*

*O Opel Olympia 1955 do avô fumegava enquanto pavorosamente subia a Serra do Marão. Quando, por vezes, se desviavam para visitar os primos (Pinto de Magalhães<sup>247</sup>) cuja velha casa senhorial era em Ribalonga, S. Mamede de Riba Tua, no Concelho de Alijó, o carro tinha de parar várias vezes na íngreme elevação. Tinha dificuldade com as temperaturas elevadas que se faziam sentir na abrupta subida de Murça, se não se refrescasse o radiador com água e o motor com óleo.*

*Conta-se que se assavam sardinhas nos carris do caminho-de-ferro na estação do Pocinho, um pouco adiante, onde a temperatura à sombra andava sempre pelos 40 °C ou mais no verão...*

*No longo trajeto da viagem (de mais de 200 km) havia inúmeras passagens de caminho-de-ferro. Tratava-se de uma linha de via única para os comboios a vapor que, há sessenta anos, faziam aquele itinerário, ligando o litoral ao interior, ora por entre calor abrasador, ora entre chuva, trovoadas e neves inverniais. Esperava-se uma eternidade, 15 minutos ou mais, até o comboio passar à estonteante velocidade de 30 km/h, apitando a todo o vapor, pressuroso e temeroso de quem ousasse atravessar-se na estreita via sulcada.*

*Serpenteava a maior parte do tempo à vista da estrada, entremeada de curvas e contracurvas, desbravadas por entre montes cortados à pá e picareta no séc. XIX. No Brasil foram os escravos quem fez esse trabalho, em Portugal eram homens livres e alguns, poucos, degredados pois estes tinham a irritante tendência para desaparecerem e nunca mais serem vistos. Essas rodovias, de macadame (brita e saibro compactados por um rolo ou cilindro), só começaram a ser asfaltadas em finais de 1950 e estavam engalanadas ao longo do seu trajeto com troncos de árvores pintados a branco (carvalhos, castanheiros, o que calhava), como ainda se observa nos Açores. Era uma moda do pós-guerra em nome da segurança rodoviária. Não se tinham inventado os “rails” de proteção e as estradas de montanha tinham uns pequenos muretes, de quarenta por vinte centímetros, que protegias as viaturas e separava o leito do abismo, centenas de metros abaixo.*

*Quando havia um acidente e se saía da estrada, tinha de se ter muita fé e esperar que alguém passasse. Tudo dependia da sorte, do dia e da hora a que o acidente ocorresse. O movimento era reduzido, mas podia haver a felicidade de passar um carro de praça, nome dado aos táxis no interior. Ou poderia passar uma camioneta de carreira (podiam passar uma vez por semana).*

*Turismo então não se fazia e poucos dispunham de viatura particular para se deslocarem, usando os lentos transportes públicos, fossem eles o caminho-de-ferro ou a “carreira”, onde eram igualmente transportados viveres e o correio das cidades para o inacessível interior.*

*Não havia telemóveis nem postos de telefone “SOS” na berma da via que seguia, muitas vezes, o caminho dos velhos postes dos telégrafos que existiam nas cidades e vilas onde começaram a ser colocados na segunda metade do séc. XIX (1856 - 1878). Ali, posteriormente surgiram os telefones (1882 - até 1960), embora fossem considerados um luxo ao alcance de poucos. A generalização do serviço telefónico nacional e das centrais automáticas, só estaria concluída no final de 1980.*

O comboio da Linha do Douro ia do Porto à Régua e ao Tua, e ali se mudava para outro comboio mais lento ou a automotora até ao Pocinho. Depois ia-se de carro até à Junqueira, estrada sinuosa que hoje mantém o mesmo traçado bonito (há uma alternativa ao lado em itinerário IC), mas arrepiante e daqui em diante eram mais uns 20 km em estrada de terra batida para Alfândega da Fé, e seis ou sete

---

247 Altino Amadeu Pinto de Magalhães (n. a 8 de maio de 1922) é um general do Exército português, na reforma. Foi nomeado Governador Militar dos Açores, em janeiro de 1975, funções que desempenhou até 29 agosto 1976. Nesse período de tensões autonomistas registaram-se graves incidentes. Acumulou o cargo com o de presidente da Junta Regional dos Açores, de 26 agosto 1975 a 29 agosto 1976

quilómetros até à Eucísia que teria uns 800 habitantes nessa época, bem mais do que os 170 que lá habitavam em 2005 ou 40 em 2010...

*A linha ferroviária fazia parte dum projeto ambicioso de caminho-de-ferro até Zamora, Espanha, que nunca foi completado. Em setembro 1887 foi inaugurada a Linha do Tua (entre o Tua e a cidade de Mirandela), nove anos depois da apresentação do projeto.*

*Em dezembro 1906, concluiu-se a extensão até Bragança, que previa a ligação a Vinhais e até Espanha que nunca se concretizou, seguindo o vale do Tuela ou o planalto entre o Tuela e o Rabaçal, mas a dureza do traçado superaria o do Baixo Tua onde a linha acabou por avançar.*

*Em meados de 1940, a Linha do Tua passa da CN<sup>248</sup> para a CP que em 1992 encerra a circulação no troço Mirandela e Bragança, de 80 km, e em julho 1995 inaugura o Metro de Mirandela, que possibilita a reabertura da linha entre a cidade e a localidade de Carvalhais.*

*Em abril 1910, o distinto bragançano Abílio Beça, um dos principais promotores da linha, morreu trucidado por um comboio.*

*Da estação do Tua (partilhada com a Linha do Douro) à estação de Bragança, a distância total é de 134 km. A Linha do Douro avançava vinda do Porto com destino à fronteira com a Espanha, em Barca d'Alva. A Linha do Tua registou em 120 anos de exploração um único acidente mortal.*

*Desde que a construção da Barragem do Tua ganhou o apoio da EDP e do Governo houve 4 acidentes, e a perda de 4 vidas que ensombream o futuro da linha paradisíaca, ameaçada pela construção da nova barragem. Há quem suspeite de sabotagem, mas ninguém o diz.*

*A história da linha conta-se assim: em 22 junho 1882 a Câmara de Mirandela apresentou à Câmara dos Pares do Reino a aprovação do projeto de lei para a subvenção de 135 contos de réis, para cobrir a garantia de juro de 5% para a empresa que viesse a construir a Linha do Tua.*

*Em 11 janeiro 1883, a Linha do Douro chegaria à estação do Tua, a Câmara de Mirandela apelou ao Rei D. Luís I para a aprovação da Linha do Tua, com o apoio da Associação Comercial do Porto, que pretendia salvaguardar os seus interesses ao dar mais força ao Vale do Douro como via de transporte, em detrimento de vias mais a Sul, como Aveiro a Vilar Formoso.*

*Em 26 abril 1883, é lançado em Carta de Lei o concurso para a construção da Linha do Tua, ficando ao Conde da Foz adjudicada a obra; viria a trespassá-la à Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro (CN - cujo símbolo é ainda visível na estação de Bragança), em dezembro desse ano. O grupo que construiu a primeira fase da Linha do Tua (até Mirandela) foi o mesmo que veio a construir a Linha do Dão (Sta. Comba Dão - Viseu), primeira via-férrea a chegar a Viseu, antes da Linha do Vouga. Em 26 maio 1884 é confirmada a adjudicação da obra à CN, assinando-se o contrato definitivo em 30 de junho. A 16 outubro, a Linha do Tua começa a ser construída, a partir de Mirandela, rumo à Foz do Rio Tua.*

*A obra teve nos primeiros quilómetros uma tarefa facilitada, um vale aprazível e plano, até chegar a Abreiro, com uma única ponte metálica de pequenas dimensões no Cachão. No entanto, Abreiro tornou-se o prenúncio de uma obra extraordinária.*

*Fruto das dificuldades do terreno, o engenheiro responsável deixou o lugar vago, dando lugar a um notável engenheiro do séc. XIX, o açoriano Dinis da Mota, que deixou a sua assinatura na Linha do Dão. Com Abreiro ultrapassado coma maior ponte metálica até então necessária, o Vale do Tua volta a dar tréguas. A partir da Brunheda, entra-se no Baixo Tua, a fase mais épica da construção.*

*Em apenas 10 km, a partir da estação do Tua, foram necessários dois viadutos e uma ponte (Presas, Fragas Más e Paradela), e cinco túneis (Presas, Tralhariz, Fragas Más I e II, e Falcoeira). Estes, particularmente na zona das Fragas Más - garganta do vale formada por rochedos titânicos, foram conquistados à Natureza com métodos e homens temerários como os que ficavam presos a uma corda na plataforma elevada nas escarpas, baixados até à via, onde acendiam o rastilho da dinamite e eram rapidamente subidos para a plataforma, antes de a encosta vomitar pedaços de rocha.*

*A 27 setembro 1887 a Linha do Tua era inaugurada, com a locomotiva E-81 batizada Trás-os-Montes, e conduzida pelo próprio Dinis da Mota. Em Mirandela, a grande estação (a maior de via estreita) acolhia muitas figuras ilustres e El-Rei D. Luís I.*

*O troço Carvalhais - Bragança encontra-se encerrado a todo o tráfego ferroviário desde 1992. Em dezembro 1991 se encerrou o troço Mirandela - Macedo de Cavaleiros, deixando o troço até Bragança isolado da rede nacional. Poucos dias depois, um descarrilamento em Sortes veio ditar o encerramento do troço Macedo - Bragança.*

*A operação de encerramento definitivo do troço até Bragança ocorreu de noite, sem aviso prévio, e simultaneamente em Bragança e Macedo de Cavaleiros. Foi registada a presença de forças policiais, para evitar o registo de imagens, e para afastar a população, que ao saber da operação ocorreu às estações destas localidades.*

*Para evitar a possível recuperação da via, todo o material circulante estacionado foi retirado por via rodoviária. Foi relatado nessa noite um súbito corte nas telecomunicações. Devido a estes acontecimentos, o evento é recordado como A Noite do Roubo.*

Pois bem, tive uma infância e juventude que só mais tarde apreciei na plenitude. Recordava-me dos avós maternos me levarem de férias para Trás-os-Montes pela primeira vez sem os pais. Que liberdade, que frescura, que lufada de vida aquilo não fora. Pelas fotos teria uns 5 anos nessa primeira grande viagem histórica no Opel Olympia preto, matrícula IB-17-55. E como fumegava a subir a estrada! Depois na memória ficavam as curvas rápidas e sinuosas depois do Pópulo e de Alijó, até Carrazeda de Ansiães antes de Vila Flor, descendo à Junqueira e subindo a Alfândega da Fé.

*A gasolina sem chumbo não fora inventada e os termómetros tinham mercúrio! faziam as delícias dos mais novos quando se partiam e o mercúrio não se desfazia, rolando numa pequena bola maleável.... O tabaco ainda não fazia mal e era glamoroso, o cancro era uma palavra quase desconhecida.*

Anos mais tarde começou-se a encurtar caminho pelo Pópulo, depois Murça, até Mirandela, passando pela então recém-aberta estrada de montanha na Serra de Bornes (ainda hoje o traçado é o mesmo). Saía-se do Porto de manhã, bem cedo, parava-se em casa dos tios Nóbrega Fizarro em Alijó para almoçar<sup>249</sup> e depois recomeçava-se para chegar ao cair da noite à aldeia.

#### **58.2.1. A CASA DOS CONDES DE VIMIOSO**

Como diria Miguel Torga, "*Vê-se primeiro um mar de pedras...oceano megalítico...*" no Reino Maravilhoso, com nove meses de inverno e três de inferno. O mar de pedras irá emprestar-lhe o olhar, para conhecer as ondas deste Reino de Trás-os-Montes, certamente ninguém lhe ficará indiferente.

*Vimioso (em mirandês Bumioso) é uma vila no Distrito de Bragança, com 1 200 habitantes com catorze freguesias, o concelho é limitado a norte pela Espanha (Alcanices), a leste por Miranda do Douro, a sul por Mogadouro, a oeste por Macedo de Cavaleiros e a noroeste por Bragança.*

*Em duas aldeias, Angueira e Vilar Seco, fala-se mirandês. Há registo de falantes em Caçarelhos, mas terão desaparecido nos últimos anos. Correm aqui os rios Angueira e Maçãs, Vimioso tem vestígios de ocupação castreja, como o Cabeço de Atalaia, sobranceiro à vila.*

*Tornou-se sede de Concelho em 1515, ganhando autonomia em relação a Miranda do Douro e de interesse sobressai o Castelo de Algoso (séc. XIII), inexpugnável e oferecendo bela panorâmica da paisagem selvagem e rude. Sobre um promontório alcantilado, no topo do Cabeço da Penenciada, a uma altitude de 681 m. é rodeado pelos profundos vales dos rios Angueira e Maçãs. Subsiste a torre de menagem, com três registos de ocupação, sendo dois de habitação e o último de defesa.*

*Argozelo guarda alguns castros e há pontes romanas nos rios Sabor, Angueira e Maçãs, o magnífico Cruzeiro de Caçarelhos do séc. XVIII e as grutas de Sto. Adrião, com mármore e alabastro.*

*Vimioso é de muito remota origem, sendo nomeado nas Inquirições de 1258, D. Afonso III. Recebeu foral e foi constituído Concelho por D. Manuel I.*

*Foi um ponto de defesa fronteiriça, mas quase nada resta do castelo, a fachada da Igreja Matriz (concluída em 1570), com duas torres e um teto magnífico no interior, é um importante templo maneirista, há o Pelourinho e casas brasonadas, as ruínas do Solar dos Marqueses de Távora.*

*Até aos anos sessenta, antes do surto de emigração, Vimioso era rico em produtos agrícolas como o vinho, o azeite, o trigo, o centeio, a batata. A existência de boas pastagens e boas terras para forragens proporcionava a criação em grande escala, de gado bovino, ovino e caprino. A carne de raça mirandesa é muito apreciada por ser de boa qualidade. Constituía também uma boa fonte de rendimento a cultura da vinha, da oliveira dos cereais e da batata.*

249 (ou a partir de 1964 em Vila Real, na Praça Diogo Cão, depois na Rua D. Afonso III). Os tios tiveram um VW Carocha bege (OO-14-18), um cinzento Opel Rekord, antes do desportivo Talbot (Sunbeam) Rapier Fastback Coupé 1967 e acabaram no topo de gama BMW.



*Vimioso faz parte da continuação do Planalto Mirandês, onde os rios Sabor, Maçãs e Angueira, tiveram importância pela quantidade e qualidade de peixe. Nas margens havia inúmeros moinhos onde se moía o trigo e centeio que constituíam a base da alimentação.*

*Em todas as freguesias do Concelho se faz a matança do porco, mas a população já não tem condições para criar estes animais. O fumeiro é de grande qualidade. As alheiras ou tabafeias são excelentes, a chouriça, o salpicão, o butelo, o azedo, o chaviano, são muito apreciadas.*

*Não se alterando a tendência de envelhecimento, dentro de poucos anos pode assistir-se a uma desertificação acelerada. Há uma grande percentagem de pessoas quase analfabetas, e muito ligadas a métodos e processos antigos.*

*A população de Vimioso vive bem, sem situações de pobreza extrema, talvez porque as pessoas se habituaram a uma vida com bastantes limitações.*

*Digno de menção é o sotaque e pronúncia da população de algumas freguesias, Argozelo, Carção e Santulhão, e em especial Campo de Viboras e Vimioso influenciadas pelo sotaque mirandês.*

Ali fui pelos sete anos para a casa do avô materno (e que redescobri em férias na Europa em 1980, 1995 e a partir de 2002 quando vivi em Bragança).

*Trata-se de uma velha casa brasonada que ostenta o brasão dos Condes de Vimioso, título criado por D. Manuel I, Rei de Portugal por carta de 02-02-1515 a favor de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, neto do Conde de Ourém e 1.º Marquês de Valença, filho primogénito do 1.º duque de Bragança D. Afonso, e neto do Rei D. João I.*

A casa foi habitada pela família da minha bisavó Maria de Moraes<sup>250</sup>, desde tempos incertos sendo interrompida quando o avô a vendeu por volta de 1960. A minha mãe voltou a vê-la pela primeira vez desde que saíra de Trás-os-Montes (64 anos mais tarde em 2003), quando insisti a levar lá em romagem de saudade. Os que a habitavam, foram caseiros do avô e a filha ainda se lembrava dele. Embora atualmente sujeita a alterações no interior e a subdivisões várias, com a fachada maltratada, é imponente embora não se saiba ao certo a data da construção.

*O primo do meu avô, Alberto Lopes, de Carção<sup>251</sup> contou-me em Bragança, já no séc. XXI, que o meu bisavô materno, Alves, do Vimioso, resolveu tirar umas férias de funcionário das Finanças e foi no vapor com o pai do primo Alberto (que era médico da Marinha Mercante) ao Brasil descobrir as belezas da Terra Maravilhosa. Gostou do que viu, tão diferente da pequena vila natal e demorou tanto a regressar que quase ficou sem o emprego.*

*Quando voltou, a bisavó Maria, de sua graça, resolveu ostracizá-lo ao saber o que andara lá a fazer. Ele limitara-se a repetir a saga de milhares que deram novos mundos ao mundo, ao miscigenarem-se e dar novos cristãos ao mundo, perpetuando a raça e consanguinidade nas quatro paradas do globo. A bisavó Moraes limitava-se a servir-lhe almoço e jantar.*

*Evitará qualquer outro contacto, pois segundo ela, eram as obrigações legais e necessárias de uma mulher casada pela Santa Madre Igreja.*

*Desgostoso, o bisavô Alves não encontrou melhor solução do que voltar-se para a companhia benevolente dos copos que o acompanhariam até à morte. Cobardemente, em vez de se meter a caminho e regressar ao Brasil, acabou amortilhado naquela vivência, sem jeito nem amor, mantendo a aparência de casamento e cumprindo rotinas de funcionário das Finanças. Tinha acabado de descobrir mais um elo de ligação aos antepassados, ainda que pouco abonatório.*

250 A obra do Abade de Baçal “Memórias Arqueológicas – Históricas do Distrito de Bragança (vol. VI – Os fidalgos”, refere a origem dos Moraes: “...a vinda para esta região de uma linhagem de sangue azul, pertencente ao Reino de Aragão, cujo expoente principal foi Estêvão Peres del Moral. Este era (1107) alcaide da torre del Moral na antiga Sória. D. Afonso I de Aragão mandou povoar a Sória pelos anos de 1119 e vieram linhagens de fidalgos cuja principal foi a dos Morais que defende que a sua ascendência repousa no Conde Gonçalves Fernandes (filho do conde de Castela, n 932 - m 969, Fernão Gonçalves aliás Fredinandus Gundisalviz) e sua segunda mulher D. Sancha (filha de D. Sancho Abarca, rei de Navarra). Contudo, o primeiro que povoou o lugar de Moraes, a que deu o nome foi, segundo dizem Gonçalo Rodrigues de Morais, filho de D. Rodrigo Garcês e neto do Conde D. Garcia Garcês que casou com Maria Fortunes, filha de Fortum Lopes, senhor de Sória da família de Morais. Na verdade, segundo “Memórias V-VI”: é solar desta família o lugar de Moraes, termo de Bragança e dele procedem as casas da principal nobreza de Tra-los-Montes e se tem derivado as casas de primeira grandeza de Portugal e Castela e ainda exaltado aos régios sólios por D. Leonor filha de D. Pedro de Toledo, vice-rei de Nápoles casado com D. Maria Pimentel, 3ª Marquesa de Vila Franca, filha de D. Luiz Pimentel e de D. Constança Rodrigues de Moraes filha de Ruy Martins de Moraes, alcaide-mor de Bragança, chefe dos Moraes, casado com D. Alda Gonçalves de Moreira. E casou D. Leonor com Cosme, primeiro grão-duque de Toscana de que procederam os mais; e destes os Reis de França, Inglaterra, Hespanha e hoje a senhora princesa do Brasil; os duques de Lorena, Saboia, Baviera, Parma e Mântua.” Portanto, Gonçalo Rodrigues de Morais dá origem à família MORAIS.

251 (o pai dele e o meu bisavô eram primos direitos)



*Da bisavó Maria guardo poucas recordações, embora tivesse vivido até aos 91 anos (teria eu 14-15 anos), de aparência azeda e poucas palavras, muito ensimesmada, a quem nunca vi um sorriso por baixo do viçoso buço. Poucas foram as palavras que troquei com ela. Talvez tivesse razões de sobra dos maus-tratos da nora (a minha avó) para ser assim, mas depois do infortúnio do marido que lhe saíra em rifa teria a paga da nora. Convenhamos que não deve ter tido uma vida fácil.*

### **58.2.2. DO RATO DE CABRERA E OUTROS EM VIAS DE EXTINÇÃO**

O assunto que me preocupa hoje é comezinho e mundano: a EN 128, entre Miranda e Bragança, é demasiado longa e estragada, precisa de alternativa, benfeita e que poupe quilómetros. Há anos que se estudam traçados, mas a coisa emperra sempre. Um dia, porque havia uma colónia de morcegos protegidos, agora, ao quilómetro não sei quantos, apareceu o raro rato de Cabrera. Para avançar, a empresa Estradas de Portugal precisa de estudos. Conhecedor da região e lá tendo passado vezes sem conta, esclareço que se trata duma região abandonada por Deus e pelos homens.

A existência de rodovias apropriadas permitiria, por exemplo, que as pessoas de Miranda do Douro, incluindo as ambulâncias de socorro médico, não fossem a Espanha apanhar a via rápida para Bragança. Permitiria que as empresas que ali existem (ou viessem a existir) tivessem vias de escoamento dos produtos para Portugal e Espanha. Bruto, mas não violento, obviamente propugno a nova estrada e já! Tanto proteccionismo esquece uma espécie em vias de extinção: o homem (e mulher) do Nordeste Transmontano.

*Isto parece raiar o ridículo como em Nova Gales do Sul quando as obras de ampliação de uma estrada nacional (circundante) tiveram de ser suspensas para a construção de um viaduto para a passagem de uma colónia de formigas em vias de extinção. Ignoro se depois houve um estudo para se analisar a destruição da praga das formigas que infestavam a região.... Sou moderadamente a favor da continuação da espécie humana no planeta, apesar de há milhões de anos só ter construído uma coisa duradoura: a guerra e a destruição, entre si mesma e com outras espécies. Assim, entendo que devem ser preservadas, sempre que possível, as outras espécies que conosco partilham a superfície planetária e tal deve ser feito numa harmonia em que os interesses de uns não atropelam os doutros e vice-versa.*

Estas notícias parecem saídas dum almanaque do 1º de abril. Não são. Raia o ridículo. E não resisto a transcrever o texto em mirandês (21/12/2007) de José Antinho Esteves, do Lar de S. José em Brunhoso (quem não perceber, paciência, mas é curiosa a abordagem do tema)

*“...lhambrou-me daqueilha que mos cuontou tiu Alfredo Cameiron. La de l camboio, que you gostei muito. Tamien me bieno a la eideia la de l ratico de Tie Ana Paixareira. Ua eideia lheiba a outra i lhambrou-me la stória que bus bou a cuntar. Pus aí bai, çpuis me direis se tengo ó nó rezon. Yera tamien un ratico, ó melhor dito, un raton, puis trata-se dun rato grande, tan grande i tan bali-ente, que até fizo parar ua strada. Trata-se de l Rato Cabreira! Nun sei se bós l cunheceis... tamien nun amporta... you tamien nun l cunheço. El alhá stá, bien zbulhado, naide l bei mas l cundanido nun deixa passar la strada que tanta falta mos fai. Dezie-me anton: - El nun se podie mudar un pouco mais abaixo ó mais arriba? - Claro que podie. Assi you podisse mudar la mie casa i yá la tenie mudado pra Palaçuolo. Carai de rato que teimoso que el ye. Bou mas ye a quedar porqui, l concho de l rato yá me stá a tirar de l sério. Bós que me dezis, armamos-lhe ua rateira a ber se assi mos deixa an paç? Nun sei que bos diga, cumo stan las cousas nun se puode dezir nada, nun seia que l rato me mande prander. Ye solo ua cuonta i mal atropada, mas nun me saliu melhor. You bien bos dixé que nun tenie jeito pra cuntar nin pra fazer nada. Çculpai alhá l chochico, nun me buolbo a meter noutra. Pronto yá deixo l Cabreira cun sue bida, yá me sal puls uolhos. Porqui me quedo, mas bolberei. El ye teimoso, mas you tamien.”*

*O lince-ibérico, o lobo-marinho, o abutre-preto, a truta-marisca e a lampreia-do-rio são espécies nacionais gravemente ameaçadas de pré-extinção. São mais de 40% as espécies de vertebrados que enfrentam ameaça, sendo os peixes o grupo que corre mais "perigo", segundo o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal de 2006 onde se incluem peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos indicando para cada uma o seu nível de ameaça e avaliando os graus de risco de extinção.*

*As espécies, foram divididas em diversos grupos, de criticamente em perigo, ou seja, quase extintas, a uma situação pouco preocupante. A avaliação abrangeu 512 espécies selvagens de vertebrados no Continente, Açores e Madeira, e apurou que 42% das espécies estudadas estão ameaçadas ou quase, de extinção - como o coelho bravo, o rato de cabreira ou o tordo-músico; 46% não estão em estado de alarme.*

*Em relação aos restantes 12%, a informação é insuficiente para avaliação.  
Foram editados três Livros Vermelhos em Portugal, e o último datava de 1993.*

Imagino já uma campanha a favor do não-abate da vaca e doutros animais indispensáveis para a alimentação dos humanos, o ridículo pode levar a este ponto. Já temos a preservação do bacalhau, das baleias, dos golfinhos, mais dia, menos dia chega a campanha da preservação da couve-galega, do tomate e da cebola e os fanáticos irão propugnar pela alimentação artificial do ser humano, mas com transgénicos e outros alimentos manipulados. Essa cega preservação das espécies (e elas de facto estão a extinguir-se a uma velocidade galopante) pode conduzir à extinção da raça humana como a conhecemos. Foi pena que não viesse a tempo de salvar o lince da Serra da Malcata, ou águia-real do Gerês.

*Nesta ilha sou diariamente confrontado com a necessidade de eliminar do meu convívio - dentro de casa - animais que podem estar em vias de extinção. Há a megamelga (inofensiva, mas assustadora com o seu tamanho gigantesco), baratas (poucas), formigas de várias raças (terrestres e extraterrestres), aranhas de todos os tamanhos e feitios, o ocasional grilo ou sardão, a ubíqua bicha-cadela, centopeias ou milípedes, caracóis e outros vermes.*

*Como proceder para viver confortavelmente, sem ser molestado por essas pestes (em vias de extinção ou não)? Extermino-os ou deixo-os livremente fruir o espaço que habito? Terei de construir vias de circulação, separadas, ou coexisto com eles? Claro que a minha casa não tem a importância duma estrada no desconhecido ou esquecido nordeste transmontano. De qualquer forma não encontro nenhum manual da sobrevivência humana e do equilíbrio ecológico que indique, sem extremismos e fanatismos ideológicos, algumas dicas politicamente corretas sobre a forma de proceder nestes casos.*

*Já assisti, por mais de uma vez, ao ritual da matança do porco, ato bárbaro que desde criança me repugna. Deverei denunciá-lo e propugnar o seu fim, dado que no restante território nacional está proibido, a menos que seja num matadouro municipal, ou deverei recordar que a carne de porco estava saborosa? Estou profundamente dividido entre os meus gostos, que até há pouco nem ilegais eram, e a noção de que devo proceder corretamente em relação às angústias dos que pretendem salvar o mundo. Além do mais, debato-me com novos problemas de consciência. Há dias, pela primeira vez, as formigas invadiram a mesa-de-cabeceira, onde guardo uns "lollies" ("gomas", doces cobertos a açúcar, ótimos para dar trabalho aos médicos e dentistas) que gosto de trincar antes de adormecer. Não tive solução senão exterminá-las violentamente.*

Senti-me, um genocida, capaz de ser levado ao Supremo Tribunal Internacional da Haia. Não sei de que raça ou subespécie eram as formigas, nem se estavam em vias de extinção. Como eram centenas afoguei-as na pia da cozinha.

Será que, à semelhança da Igreja Católica, poderei ir a um confessor ecologista, confessar o ato hediondo e crime contra animais? Terei possibilidade de absolvição? ou passarei o resto dos dias a penar este crime sórdido? Esta é a questão que me apoquento agora.

### **58.2. 3. EUCÍSIA (ALFÂNDEGA DA FÉ)**

*"A beleza das paisagens e a água em abundância são as principais riquezas da terra, que viu partir a juventude para terras longínquas. Aqui não há emprego. A única fonte de rendimentos é a agricultura, o que levou os jovens a emigrar", lamenta José Carlos Pimentel, Presidente da Junta de Freguesia.*

Em 2006, a Eucísia era caracterizada pelo edil como tendo agricultura, construção civil e pecuária. Desconheço onde descortinou, no rol dos habitantes, pessoas para tais mesteres. A idade média dos raros habitantes é setuagenária.

*A festa e romaria de S. Sebastião celebram-se no primeiro domingo de setembro. Os oragos são S. Paio e Sta. Justa e de património existe o Santuário neolítico de Revides, a fonte da Gricha e*

o forno dos mouros. Apenas uma coletividade existia, em 2006, o Grupo Desportivo e Cultural da Eucísia.

Lia-se no Diário de Trás-os-Montes (2009):

*[A] Eucísia, no Concelho de Alfândega da Fé, é conhecida pelas lendas das feiticeiras e pelo património histórico e arqueológico. Os tempos de antigamente permanecem gravados na memória, tal como as lendas que associam a localidade a “terra de feiticeiras”.*

*“Ouvi contar a lenda das feiticeiras aos antigos. Diziam que veio para cá um padre que se embebedou, e, no dia seguinte, acordou na loja de um cavalo. Então espalhou que foram as bruxas que o levaram para lá”, explicou Adélia Monteiro, de 67 anos. “A partir daí, quem passava temia o poder das feiticeiras e alguns até traziam trovisco para as afugentar.”*

*“Contava-se que passou por aqui um homem a cavalo num burro que trazia um ramo de trovisco. As mulheres sentiram-se ofendidas e juntaram-se todas para bater ao forasteiro”, recorda Maria Alice, outra habitante (pouco mais velha do que eu, antiga vizinha bem conhecida da minha família). O tempo passa devagar num local de sossego e calma transmitida pela natureza imutável há séculos*

Mas a verdadeira **Lenda das Feiticeiras** no “meu” Cancioneiro Transmontano é esta:

*“Reza a lenda que quando esta Freguesia integrava o arcebispado de Braga era, amiúde, visitada por um padre do Minho. O sacerdote vinha incumbido da função de visitar a Igreja e verificar se tudo corria bem na paróquia. O abade era pessoa de boa mesa e boa pinga, fazendo jus a uma característica que, durante muitos anos, esteve associada a estas figuras. Certa noite, depois de um jantar muito bem comido e ainda melhor bebido na casa onde ficava hospedado na Eucísia, foi-se deitar. A meio da noite e para fazer face às necessidades fisiológicas dirigiu-se às cavalariças. No entanto, embalado pelo sono ou pela bebida, aí se deixou ficar até de manhãzinha, altura em que deram com ele a dormir neste local. Em tom de desculpa disse não se recordar como tinha ido ali parar e atribuiu tal feito às Feiticeiras. Foi assim que a Eucísia ficou conhecida como terra das feiticeiras. Desde então quem passava pela localidade temia o poder destas feiticeiras e havia quem trouxesse trovisco para as afastar.”*

Esta é a aldeia de nascença da avó materna e da minha mãe. Era eu ainda um infante quando pensava (ninguém me explicara o oposto) que as feiticeiras fossem a avó e as tias-avós. Não sabia porquê, nem o conseguia explicar nos atos delas, mas imaginava que se a aldeia era das feiticeiras, elas o poderiam ser, mesmo sem me causarem calafrios ou medo, a mim e a outras crianças.

Podia acontecer que só fizessem feitiços aos que não pertenciam à família ou aos que não pertencessem à aldeia, um destino sem saída, mero desvio de 1,5 km em terra batida, na estrada de macadame de Alfândega da Fé à Junqueira.

*A parte inicial da Rua Direita (as casas mais importantes estavam aí) tinha o piso em calçada, todo o resto lá para cima rumo à Capela de S. Sebastião, era em terra poeirenta. À exceção do Miradouro da Capela de S. Sebastião, no cimo do monte, no termo da aldeia, com exuberante vista para o Vale da Vilariça, não se ia a lado nenhum. Acabava ali. Tal-qualmente uma ilha perdida. Uma verdadeira ilha esquecida no nordeste transmontano. Princípio e fim de muitas vidas sem porta de saída para outras paragens. Muitos foram os que dali jamais abalaram, mas uma vez saídos poucos regressaram. Como tantas outras, ia rumo à sua total desertificação em finais de 2005.*

*Milhentas vezes visitei a Capela de S. Sebastião, nos anos 1960, nessa época sempre de portas abertas. Ia-se lá para observar o glorioso pôr-do-sol sobre o Vale. Sentava-me nos degraus à espera que o sol baixasse. Não havia máquinas digitais, mas o meu um velho “caixote” Kodak tirava belas fotos que, infelizmente, não chegaram até hoje. Guardei no subconsciente as imagens que tento esquecer com palavras.*

*A pequena Capela em honra do santo era igual a tantas que por aí há, dedicadas a um qualquer santo, no cimo dum qualquer monte. Hoje já quase não há gente na aldeia e a Capela está fechada, mas há estradas asfaltadas ligando a Eucísia ao lugar vizinho de Sta. Justa e a Vilarelhos, por onde não viajam as gentes das terras pois as não há, mas circulam turistas de ocasião, em visita a esses jardins zoológicos em que as aldeias quase desertas se tornaram...*

*Dantes, era apenas aquele insignificante desvio poeirento, quase impercetível, na estrada entre Alfândega da Fé e a Junqueira, serpenteando pelos montes retalhados por curvas, à sombra imponente da Serra de Bornes e com o olhar deitado para o fértil Vale da Vilariça.*

*A Eucísia foi reitoria do abade do Real Convento de Bouro, da ordem de S. Bernardo, no termo da vila de Alfândega da Fé. Pertenceu à comarca de Chacim, até 1853, a partir desta data passou para a comarca de Torre de Moncorvo, mas sempre do concelho de Alfândega da Fé. Pertenceu ao arcebispado de Braga até ao ano de 1882, a partir desta data passou para a Diocese de Bragança.*

*A Igreja, logo à entrada da parte velha do povoado, fica na descida, num adro triangular onde confluem as duas principais vias da aldeia, curiosamente localizada de costas para a estrada e voltada para a povoação, se bem que escondida desta. Teria sido melhor orientar a fachada para qualquer um dos outros três lados, sem que as habitações à sua volta se sobrepussem à fachada e a abafassem totalmente, mas hoje não faz diferença pois já não há fiéis nem padres para ali officiar, apenas a feiura duma casa de emigrantes com ferros forjados a colorir a sombra do alçado da Igreja.*

*O povo dedicou a Matriz ao padroeiro, S. Paio. Há registo de batismos desde 1605. É um templo modesto, quatro altares e humilde fachada a escassos metros duma habitação de “franceses” (emigrados nos anos 1960) logo ao início da Rua Direita.*

*Na Eucísia há um inestimável património: o santuário rupestre com duas lajes de grandes dimensões, as “pedras escritas” da quinta de Ridevides, conhecida como Revides, no extremo da Freguesia, a duzentos metros da Ribeira da Vilariça e a 300 m da aldeia de Sta. Justa. O que são as Pedras Escritas? Um conjunto de gravuras rupestres proto-históricas sobre um bloco de xisto rente ao solo, com uma superfície quase lisa, orientado a sudoeste. As gravuras consistem em triângulos, formas em escada, cruciformes, quadrados, retângulos e ferraduras. O afloramento principal tem um motivo central de tipo idoliforme.*

*Alfândega da Fé está pejada de restos neolíticos, castros, e fortificações medievais destruídas ou em ruínas.*

*A casa dos bisavós está abandonada e arruinada, como tantas outras, sucumbindo à inexorável e reivindicativa voragem do tempo. A natureza readquire tudo que o homem constrói. Não houve um Manuel Cordovão, como no livro [de Daniel de Sá] “O Pastor das Casas Mortas”, para cuidar daquela e doutras casas. Iam ficando desabitadas, os donos ausentes ou mortos sem que alguém fosse lá acender a lareira da história, da família que ali tinha vivido e sonhado.*

*Albergavam-se memórias de meninice que nenhuma autobiografia publicitaria. Além, habitavam esconsos sonhos e pensamentos que nunca chegariam a ser escritos numa folha de papel. Era o refúgio secreto da infância que a idade e a maturidade não revelavam nunca. Havia toda uma mitologia lendária de contarelhos, de pequenos episódios e de grandes celebrações pascais, que a recordação desvanecera e atenuara, mas, conquanto esmaecida, restavam fragmentos de imagens, sons e cheiros a preservar.*

*Do brasão original com as armas da família Madureira Magalhães e do armário, antiquíssimo de séculos, onde estava embutido, nada restava além da imagem que uma máquina fotográfica, a preto e branco, registara na década de 1960. Esse aparador e outras peças ancestrais foram vendidos ou trocados por candeeiros de plástico e quejandos modernismos. Um aparador (armário) daqueles, valia uns bons quinhentos mil réis (500\$00 Escudos = € 2.50 euros) que era em 1965 o valor dum novo lampião de plástico com três velas elétricas para pendurar nos altos tetos de talha, trabalhados e pintados à mão. Na época, na família ninguém valorizava antiguidades.*

*Os que as poderiam apreciar não viviam lá, afastados destas e outras transações mundanas labutando no bulício impiedoso das cidades. Muitos foram os antiquários da época que enriqueceram fazendo uma razia pelo interior do país em busca de peças valiosas.*

*Em casa apenas uma única peça antiga sobreviveu e data de 1794. É um clavicórdio, com algumas teclas em bom estado, a maioria das cordas intacta, mas a necessitar de uma reparação dispendiosa. Ninguém se preocupa ou se dá ao trabalho de o preservar. Eu fizera várias tentativas para o tirar de lá, mas nunca conseguira arranjar transporte seguro para tão delicado aparelho. Era a única coisa de valor que restava na casa.*

*No sec. XV, os primeiros clavicórdios tinham 20-22 cordas de latão, a vibrar num sistema simples e original, mas pouco eficaz. Na ponta da tecla havia uma pequena lâmina metálica (chamada tangente), montada em posição vertical. O movimento da tecla fazia a tangente encostar à corda que era então mais “agitada” do que vibrada.*

*Entre o séc. XV e XVIII o clavicórdio passou por uma evolução. As teclas aumentaram para 50, sobre 5 pestanas, tal como no KE chinês. Foi em 1725 que o germânico Daniel Faber fabricou*



*um clavicórdio com uma corda para cada tecla e uma fita de feltro entrelaçada na parte não vibrante das cordas para evitar vibrações desnecessárias.*

*No início do séc. XVIII o clavicórdio reúne quatro características do piano moderno: Tampo harmônico independente, cordas de metal, a agitação da corda por percussão e finalmente os abafadores para interromper a vibração das cordas quando se larga a tecla. Apesar do volume de som ser muito fraco, o clavicórdio produzia delicados gradientes de toque, permitindo executar crescendos e diminuendos como até então não tinha sido possível. João Sebastião e Emanuel Bach escrevem para este instrumento, tirando partido das possibilidades de vibrato que o mecanismo proporciona.*

*O de casa tem-se deteriorado progressivamente, abandonado e condenado a apodrecer. Quem sabe quais os avoengos que o terão tocado, e para quê? Teria sido usado em declarações apaixonadas de amor ou em estudos religiosos que a isso também eram afeitos? Teria servido para alguma cerimônia mais formal na Igreja, que ao lado foi construída no séc. XIX? Ou para entreter os convivas que, vindos de longe, visitavam a imponente casa de gente culta e dada à música?*

*Da coleção de instrumentos, em tempos, existente, sobraram apenas os do bisavô que um primo meu em Ponta Delgada ora guardava ciosamente. Não sobrevivera o bandolim de oito cordas, do avô de Vimioso que recordo vagamente ter sido tocado nas férias, a contragosto da avó materna que não ia muito em assuntos de música, fosse ela qual fosse. Dos meus tios e tias-avós não lhes sabia dons musicais pelo que se presume terem perdido a vocação do bisavô.*

*Havia centenas de livros, que outro primo começara a roubar nos idos de 1950 e a cuja rapina nada escapou. Alguns, segundo o meu pai afirmara, eram bem antigos e valiosos. Devem ter sido vendidos ao ferro-velho, aos antiquários, alfarrabistas ou meramente serviram de pasto ao lume que ardia ininterruptamente na cozinha nova. Também podem ter servido, em tempos idos, para acompanhar os longos serões de inverno. Quem sabe se a leitura não era entremeada pela execução no clavicórdio, de trechos de Bach, Mozart ou Chopin que eram mais “levezinhos” e talvez fossem mais do agrado dos seus antepassados.*

*Nada disto se sabe nem se saberá. Nem a mãe guarda memórias de tais eventos na meninice ali passada, antes de ir para Bragança estudar. É curioso haver tantas perguntas e ninguém sobrevivo para lhe dar resposta. Pena não as ter questionado enquanto podia, mas então os interesses eram outros e não estava inclinado a recriar mentalmente os hábitos e costumes dos antepassados. Quando me interessei estava a mais de 18 mil km de distância.*

*Restava especular qual o uso intenso, a avaliar pelo estado do teclado, que o clavicórdio terá tido em mais de duzentos anos.*

*Como terá chegado até ali? Transbordado de cavalo em cavalo ou de carruagem em carruagem, desde a remota Alemanha até aquele recôndito lugar nessa ilhoa perdida do nordeste transmontano.*

*Como terá sido encomendado? Terá alguém ido, propositadamente, ao fabricante buscar tão valioso instrumento?*

*Porquê um clavicórdio que até é mais típico das mãos femininas do que o seu parente mais comum, o piano?*

*Podem adiantar-se vários cenários alternativos, pode até ter sido ganho num qualquer jogo de azar ou de cartas a algum nobre das vizinhanças. Ou seria o cumprimento de uma promessa à mulher ou a uma filha como forma de a dotar de mais um predicado para o mercado matrimonial em meios tão restritos como aquele?*

*Quem teria sido a tia-bisavó ou trisavó, que teria recebido aquele presente divinal para enlear com as suas mãos mágicas os sons capazes de fazer qualquer homem de bem render-se a seus pés?*

*Por outro lado, não poderia ser uma oferta ou retribuição de um clérigo à importante família local por benesses concedidas à Santa Madre Igreja?*

*Seria daí que nascera a história do trisavô ter sido cónego?*

*Seria mais fácil explicar a proveniência do clavicórdio numa qualquer ligação à Igreja.*

*Questões que nunca teriam resposta, morreram juntamente com quem as poderia responder.*

**(final feliz: em setembro 2015, após algumas tribulações de transporte e guarida de quase cinco anos, em casa de amigos, foi oferecido por doação, e o instrumento passou a figurar no Museu da Graciosa onde terá uma velhice mais protegida)**

*Na família, como em muitas outras, as pessoas eram sempre ciosas dos segredos e nunca revelavam senão a pontinha do véu, mantendo a história da família envolta em mil e um mistérios, mentiras, inverdades na obrigação secular de manter a fachada respeitável de Cristãos-Novos que sempre foram e nunca admitiram. Sempre ouvira o meu pai dizê-lo, mas a mãe só o admitira depois*



*de passar os oitenta anos. Havia orações secretas e costumes judaicos passados de pais para filhos, durante séculos, que se perderam sem serem revelados. O medo da Santa Inquisição (1536-1821) mantinha-se duzentos anos após a sua extinção.*

*Tal como o clavicórdio também a casa está degradada. Parte do teto da cozinha velha, nas traseiras, ruiu. Cedeu às inclemências do tempo, do primitivismo da construção, e ao abandono forçado dos seus donos decíduos. Revoltou-se o teto contra a ausência da sua função protetora da família que já não é, nem está. Há muito que pedia obras, mas a avó nunca estava disposta a gastar mais do que o estritamente necessário e sempre a reclamar com o avô que tentava manter a casa em bom estado.*

*Tivera o avô Júlio de Jesus Morais Alves (falecido em 1974) de contentar-se em colocar remendos e soluções improvisadas para evitar a ira antidespesista da avó. Nunca fizeram as obras que deviam. A avó resmungava sempre que não valia a pena enterrarem mais dinheiro ali, as obras foram sempre remendos e a casa, sem nunca perder a sua qualidade original, aguentou-se mal depois de ficar desabitada após a morte da avó em 1989.*

*Desde que fora construída, a habitação familiar da Eucísia nunca fora uma casa rica. Os meus avós maternos lá passavam seis meses e a outra metade do ano no Porto. Se, a seu tempo, aquela casa tivesse sofrido as obras indispensáveis de que carecia nunca teria chegado tão rapidamente a este estado decadente. Um cunhado meu, cedo morto, bem quisera transformá-la em Turismo Rural, numa época em que essa palavra ainda não entrara no vocabulário quotidiano português.*

*A minha tia-avó que sempre ali viveu, uma das últimas daquele ramo familiar, faleceu em 1994 pouco antes de eu regressar ao torrão natal. Desde então o enorme casarão familiar, com as cinco portas de entrada, uma por cada segmento da casa, fora vítima de um lento e doloroso processo de partilhas que demorou mais de dez anos a terminar. A herança deixou-a mais dividida e degradada que dantes.*

*Ninguém lá habita nem quer habitar. Vivi no distrito entre 2002 e 2005. Eterno sonhador, acalentei a romântica esperança de ter dinheiro para a resgatar, antes que desabasse. Queria restaurá-la e equipá-la com os confortos modernos de que nunca dispôs. Infelizmente esses amores e as recordações juvenis não chegaram para concretizar tal desiderato.*

*Os vidros da frontaria estão partidos há anos e a cal esmaecida deixa antever o reboco de paredes grossas, com quase um metro de espessura. As portas apresentam fissuras dada a idade avançada da madeira sem ver a cor da tinta ou verniz que as pudesse conservar. Uma certa atmosfera de casa repudiada. Os que podem não querem e os que querem não podem reabilitar a velha mansão. Ficará perdida nos escombros sem nada a assinalar a sua existência a não ser estas palavras em sua homenagem. A herança não está resolvida. Não se pode vender, nem há a eventualidade remota de alguém a querer comprar.*

*A aldeia aguarda a morte dos mais idosos para ficar como tantas outras, pelo país fora, abandonadas, cheias de histórias por contar. Um monte de casas em diferentes estádios de degradação lentamente regressando à posse da mãe-natureza. As janelas defenestradas já demonstravam a ruína do grande casarão. As palomas haviam metamorfoseado a casa de banho em pombal. Ali onde fora o meu quarto de dormir durante anos. Lentamente, a arquitetura animal que os aracnídeos e roedores prontamente edificam, assenhoreava-se dos recantos ainda prenhes de mistérios e de sigilos.*

*O telhado da cozinha velha, talvez caísse de vez. As traves desafiavam as leis da gravidade. Era vital que aquele escaninho da memória e das memórias fosse resguardado do camartelo e da violação por olhares estranhos. Como se as pedras pudessem falar ou revelar segredos insuspeitos. Como se se perdesse a virgindade dos sonhos. Talvez se desbaratassem os últimos idílios. Sem eles qual o valor da vida humana?*

*O espírito desses tempos áureos nada mais era do que uma miragem na falsidade da memória humana. Apagara-se o riso de crianças e adultos. As reprimendas, invetivas e outras admoestações haviam sido silenciadas. O gargalhar feliz e despreocupado das crianças urbanas, sempre assarapantadas com as suas descobertas rurais, tinha-se ido com o vento. Não era mais que um murmúrio, sussurro, por entre as frestas da madeira avelhentada e carunchosa.*

*Quem recordaria os meus temores noturnos ao atravessar o velho casarão às escuras, por entre tremelicantes sombras que a vela de estearina projetava nos altos tetos?*

*Onde pairava o som das cigarras e o silêncio das longas noites sem televisão nem rádio, nem luz elétrica, apenas entrecortado por conversas longas, recordações de outras eras e jogos de salão?*

*Quem mais recordaria os foguetes das romarias e festas anuais, a procissão pascal e sua parafernália de colchas adamascadas nos janelucos, donde se atiravam os verdes para a rua atape-tando o percurso que o senhor padre iria percorrer?*

*De noite, a vela ou castiçal, com que eu percorria os vastos aposentos da casa, que o bisavô construira no início do séc. XIX, recortava ilusórias sombras nos tetos bem altos e trabalhados de madeira rica. De dia nunca as encontrara. O medo era a resposta juvenil para essas sombras cheias de mistérios por descobrir. Desenhavam-se figuras fantasmagóricas saídas dum livro de terror, que não me aventurava a ler pois ficava com pele de galinha, e os cabelos se punham literalmente em pé. Havia uma tapeçaria com leões que o meu tio-avô africanista trouxera, e particularmente me aterrorizava no meio das sombras. Não podia dar parte de fraco, nem dizer que tinha medo. Ia a rezar pelos longos corredores. A fingir que via figuras agradáveis e não aqueles monstros a contor-cerem-se sobre a minha pequena sombra. Uma vez tentei ir mais depressa, mas as sombras ga-lopavam, à frente, ainda mais ameaçadoras. Outras vezes, andando devagarosamente quase as iludi. Mas estavam lá todas, conspirando para me espantarem desprevenido*

*Na cozinha havia sempre uma lamparina com o pavio embebido em azeite. Era a principal fonte de iluminação. Uma invenção do tempo dos romanos que ali perdurava. O candeieiro a Petro-max era caro e raramente usado, a menos que houvesse visitas importantes. Ao lume, um enorme caldeirão negro sempre pronto. O fogo só se apagava pela noitinha pois servia para o pequeno-almoço, almoço, merenda ou lanche, jantar e ceia.*

*A água guardava-se em cântaros de barro. Os de latão viriam muito mais tarde. Nas traseiras da casa havia uma enorme ânfora, de metro e meio de altura que armazenava tudo. Até azeitonas. Ficava mesmo por baixo da lendária figueira – favorita da mãe - cuja data se perdia na memória dos vivos de então, e que sempre fizera as delícias da mãe. Fora aquela ânfora centenária ostensi-vamente roubada por uma das primas ricas na sua voragem de tudo arrebanhar.*

*Em férias não havia burros suficientes para transportar a água necessária. Era preciso acar-retá-la em grandes quantidades para depois aquecer ao lume. Tomavam banhos diários, um hábito deveras estranho para as pessoas da aldeia, que, raramente, o faziam. Para os de imersão usava-se uma larga tina cinzenta, de latão, feita pelo ferreiro lá do sítio, e pintada de esmalte branco, onde se podia tomar banho de semicíupio.*

*A água potável vinha da fonte da Gricha que ainda hoje dá água para o lavadouro público. Por cima, perdura a mais romântica, pequena, mas carismática fonte da Grichinha. Agora está modernizada com tosca escadaria cortada na rocha a poucos metros dum lampião elétrico que ali implantaram, acabando com as memórias dos namoros furtivos seculares ali ocorridos. Uma dúzia de degraus de xisto levavam os poucos turistas que ali se aventuravam até à fonte de mil tradições, na aldeia das feiticeiras.*

*Então tudo era feito com tempo e paciência, que isto de pressas era para os da cidade. Na aldeia tudo tinha uma velocidade diferente. Só voltaria a encontrar essa mesma vertigem quando me mudei para os Açores. Também no arquipélago o tempo era mais lento, como se tivesse parado na década de 1950 ou 60 e se recusasse a aceitar a inabalável voragem do progresso.*

Insisto em falar nas andanças por tempos de juventude, recordar os bailaricos no salão de Bombeiros, as festas típicas e as procissões na Eucísia. Quem podia esquecer as pirosas danças (na época não havia “música pimba”) no salão dos Bombeiros alfundeguenses (nem o *ié-ié* nem o *twist* lá tinham chegado) ou as romarias e festas típicas em honra do santo da aldeia, onde aprendi um povo que desconhecia.

Terá a ver com a anamnese do ritual da missa em que as cadeiras e genuflexórios dos homens da família se situavam em lugar mais elevado, em pleno altar, e os das mulheres da família, mais abaixo, mas à frente dos lugares do povo? As missas eram prolongadas e chatas seguindo o velho ritual em latim, mesmo quando no resto do país já eram parcialmente em Português. Nessas e noutras ocasiões a Igreja era pequena demais para tanta gente e – foi mais tarde, na década de 1960 – que surgiram os altifalantes, cá fora, em volta da Igreja, para os que não cabiam poderem acompanhar as rezas.

*Hoje já não há pessoas, nem fiéis, nem altifalantes, nem padre que ocasionalmente aparece para uma missa de defuntos, nalguns meses do ano, ou nem isso. Os sacerdotes já não se deslocam às paróquias a pé ou de burro. Apesar da facilidade e modernice do automóvel, dispõem de menos vontade para se moverem. Até os clérigos se aburguesaram e acomodaram, como a restante sociedade. Dantes, chovesse, nevasse, fizesse sol escaldante ou frio, nunca faltavam à celebração dominical, era essa a sua sagrada missão. Agora andam demasiado ocupados em tarefas menos impor-tantes que a salvação das almas.*

*Depois dos padres, até as bruxas e feiticeiras se foram. Nem almas há para arrebatam. A emigração para França, Luxemburgo e Suíça (década de 1960) desertificou-a. O progresso civilizacional de migração costeira atraindo jovens para as cidades acabou o trabalho. Perderam-se mais de 750 pessoas em 40 anos, a média das idades supera os 70 anos. Pouca gente, ou ninguém, se recorda de mim e já não há vizinhos. A terra os levou para o cemitério da aldeia ou outro qualquer.*

Não posso precisar quantas vezes estive na Eucísia (talvez todos os anos entre os 5 e os 17), mas lembro, em particular uma Páscoa, em 1959, quando se juntaram todos os tios, primos e primas, do clã Magalhães, de Alfândega da Fé ao Azinhoso (Mogadouro), Sendim da Ribeira, Porto e Vila Real quando a enorme sala de jantar velha (que fora o quarto do bisavô) era pequena para tanta gente. Estava a abarrotar e até se conseguiu encher a mesa de doze lugares na sala de jantar nova, na parte da casa dos meus avós. Havia duas cozinhas a funcionarem. As salas cheias de gente. No dia seguinte a refeição foi na casa da Quinta, cuja varanda era pequena para tanta gente. Essa é a única Páscoa que consigo evocar bem, apesar de ser muito jovem. A família toda junta, coisa importante e hoje raramente vista. Todas as outras celebrações pascais se perderam na voracidade do anonimato e da rotina. Ou então condensei todas as Páscoas numa só. Aquela perdurou, bem como a comunhão solene da prima do Azinhoso, Páscoa 1962, onde estiveram todos, enchendo os quartos e camas disponíveis nesse outro enorme casarão.

A apanha das cerejas era de maio a junho e nunca tomei parte em virtude do calendário escolar. Lembrava e bem de comer cerejas de produção familiar, e deliciar-me com o extraordinário doce de ginjas que dali saía pela mão da tia-avó Ema, a mais nova que se encarregava de mas despachar para correrem meio mundo em Timor e Macau. Uma iguaria da qual apenas a memória conserva cheiros e sabores. À Austrália não podiam chegar, pelas severas limitações à entrada de alimentos.

A Eucísia foi berço de muitas criadas ou de servir à mesa (empregada doméstica como hoje se tem de dizer para se ser politicamente correto) em casa dos meus avós ou na nossa, com nomes bem exóticos tais como Delmira ou Delmina. Que lá na terrinha já havia uma América e uma Argentina (e que vim a descobrir no séc. XXI até eram nossas parentes). Vinham tomar conta da minha irmã ou servir à mesa em casa dos avós. Eram jovens, muitas vezes acabadas de fazer a 3ª classe de instrução primária, tímidas, encavacadas pelo bulício citadino, que se sentiam sempre como um peixe fora de água e que mal podiam, asinha regressavam à terra natal. Nem uma só quis ficar no Porto, cidade das pontes com mil luzes e atrações. Por volta dos quinze ou dezasseis anos regressavam para ajudarem a família e buscarem noivo.

Creio que li nessas férias, entre muitos outros, toda a coleção de 78 livros de Júlio Verne (em versão de 1886), na varanda de trás da sala de jantar com vista para o vale da Vilariça. Ninguém podia esquecer a imagem bucólica do Vale (antes da barragem nos anos 70 ou 80) quando me deleitava em leituras e devorava Júlio Verne e outros. Apesar da velha *orthographia* oitocentista, nunca essas leituras embotaram os meus dotes de leitor e escritor e – por isso – hoje me custa a entender os opositores do Acordo Ortográfico de 1990 (devem ser muito retardados!).

Após a viagem que tenho vindo a recriar por estradas que ainda perduram, vigiando de longe as novas rodovias e vias rápidas, chegava-se à Eucísia com uma sede imensa que só podia saciar-se ao beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feitiças.

Além das leituras, podia, às escondidas, namoriscar as moçoilas da aldeia, repetir paixonetas mais típicas de uma obra de Camilo, Eça ou Júlio Diniz do que de meados do séc. XX. Podia sentir-me personagem de um desses livros, imaginar que as cenas que lia podiam ter acontecido ali. Ler e reviver as leituras. Achava piada ao modo de falar delas, às histórias simples do quotidiano rural de que falavam. Corri pelos trigais, rebolei nos fenos empilhados, sentei-me, no chão à noite, a admirar as mil e uma estrelas desconhecidas que só sabia existirem pelos livros e cujos nomes lera sem jamais as ter observado.

Nunca esqueci os cognomes de alguns dos mais jovens: o "Pincha Púcaros" sempre a saltar de poça em poça e outro muito alto a quem chamavam o "Gambias".

*Havia ainda o beijo atrevido a uma prima em pleno jardim na Feira de Alfândega da Fé, quando tinha 15 anos, e tantas memórias me deixara. Foi um pouco furtivo, mas um ósculo*

*espontâneo e acalorado, à prima Lili (Julieta Roxo Magalhães) em pleno jardim. Um beijo para guardar na memória de férias, que me causara enormes ressentimentos como bom cristão pecador que era. Logo me apressei a confessar ao sacerdote. Escapara apenas com umas Ave-maria e Pãdres-nossos. Há mais de quarenta anos que não vejo essa prima.*

Para além do silêncio pungente das noites, ouvia manhã bem cedo, a chiadeira dos carros de bois.

*Ouço como se fosse hoje, a chiadeira dos carros de bois que mantenho viva no subconsciente auditivo. Não era tanto na Eucísia, mas no Azinhoso (Mogadouro), onde era mesmo capaz de distinguir a quem pertenciam os bois pelo chiar das carroças atulhadas de feno que ali passavam.*

*Mantinha vivo, esse lancinante grito dos eixos mal oleados que se escutava para além da passagem enquanto se afastavam na rotina de itinerários agrícolas entre os campos e as lojas. Sobretudo no Azinhoso em que acordava bem cedo ao seu som na estreita rua que saia para norte da Igreja e acompanhava a casa da tia-avó. A chiadeira ecoava lentamente nas pedras da estreita calçada, e a aldeia fervilhava de vida e esperava por mim para as descobertas infindas, os meus passeios, por montes e vales, montado num burro ou mula na revelação dos mil e um mistérios que as aldeias sempre encerram para quem cresceu no bulício citadino.*

As férias eram o epítome da liberdade da educação rígida do resto do ano, apanágio da alforria do jugo paterno. Andar no campo, brincar e jogar à bola com jovens da aldeia, correr nos trigais, sentar-me a admirar as estrelas desconhecidas. Os jovens com quem mais brincava na Eucísia, por serem da minha idade e estarem em férias (os outros andavam na lavoura), tornaram-se nos primeiros licenciados fora do clã da família Camilo de Mendonça ou da família Magalhães, nos anos 1970. Tratava-se do Lionel (hoje engenheiro) e o irmão Viriato (hoje médico) a quem os da aldeia chamavam Russo por ser loiro.

*Soube, nos Açores, que éramos parentes, facto que me foi ocultado na altura, por causa de casamentos de nível social diferente que a família não aceitava, por não ser um matrimónio inter-pares.*

*Coisas que se não contavam: casamentos fora do esteio familiar ou com castas diferentes, não eram então tolerados ou perdoados. Daí resultava tratar esses parentes como estranhos. Haveriam de surgir muitos mais na família, com a liberalização dos costumes na década de 1980, mas já sem esse opróbro.*

Assisti com pesar, numa tarde bem quente em 2004, ao dismantelar dos velhos e senhoriais móveis da sala de jantar dos avós. Evoquei um leilão de escravos, sem saber porquê. Eram cobiçados por primas da grande cidade. Comparei aquilo a um ataque da marabunta sobre tudo o que aparentasse ser velho ou ter valor. Ali estava, impotente, sem poder comprá-los para, de seguida, os libertar. Eram ambicionados pela prima do Azinhoso e suas milionárias filhas, da grande cidade, cujo único fito na vida é amealhar e comprar. Reproduzir dinheiro como quem multiplica coelhos.

Por entre as grossas paredes revivi memórias agradáveis de tempos e de gentes que já não voltam mais, admirei-me com os finos tabiques que separavam os dois quartos de cima na casa dos avós. Regressei temporariamente a um passado alegre e sem preocupações. Senti saudades e o significado da palavra como já não o experimentava desde Timor, trinta e cinco anos antes. São as saudades que mantêm os sonhos vivos, dissera-me a avó paterna, um dia.

Foi doloroso agora que a casa estava esventrada de móveis, voltar a percorrer os salões, os quartos pequenos nos baixos, ao lado das lojas, a enorme sala de jantar com vista para o Vale, o salão onde dormi pela última vez em 1988 (ou seria 1990). Os olhos humedeceram ao visitar os baixos onde dormi, em criança, nas férias da Páscoa quando os primos e os tios também lá iam. As lojas, no andar térreo, onde dantes se acumulava o azeite e seu vasilhame estavam limpas e vazias, já ninguém matava o porco. Já não havia colchas adamsacadas nem lençóis de linho para a procissão pascal, depois dos dias de silêncio e de dieta forçada. Nesses dias ninguém comia carne pois era um pecado que nos levava a todos para a autoestrada do inferno.

*Bento XVI acabaria por decretar, em 2008, que o Inferno não existe. Ufa, que alívio. Era a vingança de tantos temores infantis sempre ilustrados por imagens do catecismo que graficamente me haviam implantado por volta dos sete anos e que ainda hoje me arrepiavam, mesmo sem crer*



*nem querer. Tanto remorso inútil, tanto arrependimento desnecessário por que passei, tanto sentimento de culpa supérfluo.*

Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos-Novos, ainda hoje envergonhados da herança marrana. Há sessenta anos, existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cônego ou padre, tão comum às famílias da região. Uma mescla de respeito, medo e veneração ao Cristianismo, que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfandagh, depois temporariamente mesclado com judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição. Hoje, séculos depois do êxodo judaico, a região está mais pobre do que nunca, sem a riqueza assinalável do tempo de romanos e mouros. Perderam-se as histórias de princesas e mouras encantadas, sem avós que as contassem. Já não há netos ou netas nas terras abandonadas.

*Depois de falar em clero, nobreza e fidalguias não podia eu, ironicamente, deixar de evocar a retrete existente em tempos da infância e juventude. Era um buraco circular, aberto, em tábuas de madeira, que descarregava para uma fossa séptica no andar térreo, por baixo da varanda das traseiras, com vista para o Vale. Não era preciso autoclismo apenas uns tantos jornais ou o luxo urbano do papel higiénico.*

*A “nova” casa de banho (ora transformada em pombal desde que a janela empenada se recusou a fechar e deixou entrar as pombas) foi construída no quarto que ocupava quando ia para lá. Data do final da década de 1960. Nessa época ainda não havia água canalizada. As águas municipais só haveriam de chegar décadas depois, já, já alta a revolução dos cravos. Só mais tarde chegou o gás butano em botijas para aquecer o precioso líquido. A burra ia, dezenas de vezes ao dia, com os cântaros à fonte buscar água para beber e para se lavarem. Não havia fonte artesiana na casa, ou terrenos anexos que desciam a encosta.*

Na aldeia, toda uma miríade de insetos e outros pequenos animais, lentamente se empossava da enorme propriedade. Eles pressentiam, ou antes sabiam, que vivalma entrava agora que eu emigrara para as ilhas... Fora eu com o meu profundo amor àquela terra e à memória dos meus avoengos quem manteve o espírito da casa sempre vivo, com os sonhos e deambulações peripatéticas por projetos de reabilitação imobiliária.

Ideias que nunca saíam do papel para onde não chegariam sequer a ser transpostas. Contra o silêncio e ausência dos proprietários e verdadeiros herdeiros. Acalentara a utopia de recuperar o velho casarão, de fazer obras, modernizando o interior e os confortos, sem perder a traça original e a simples fachada oitocentista onde sobressaíam janelucos pouco maiores que seteiras. Depressa me apercebi que, mau grado a idade, jamais deixara de ser um sonhador. Ao voltar a terra firme essa mesma realidade trazia-me de volta à mesquinha contabilidade dos números e dos cifrões. Aprendi que custava menos construir uma casa nova, de raiz, do que recuperar aquela. Para nenhuma hipótese tinha financiamento capaz. Depressa me dei conta de continuar poeta.

*A casa dos sonhos fora fantasiada pelos bisavós e descendentes, toda a prole se fora sem rasto e idêntico fim se reservava ao vetusto casarão. Não adianta sonhar. Dificilmente a casa aguentará muitos mais invernos. Acabará por tombar como os donos. Cairá para o lado, para dentro ou para fora. Desabará como um baralho de cartas, sem aviso ou alerta. Não o saberei logo que as notícias demoram a chegar de aldeias desabitadas. Se cair para a rua terão de levar máquinas e escavadoras para retirar os pedaços dos meus sonhos, perdidos e escaqueirados em mil pedaços.*

*Além disso, o problema das partilhas já se arrasta há décadas. Todos querem acrescentar uns míseros tostões aos vinténs que já têm. No caso vertente, nem isso. Tudo por causa de um primo direito meu, co-herdeiro com a minha mãe, que por entender que o casarão valia mais, não a vendera sem apresentar soluções ou alternativas quando havia outro primo interessado. Na sofreguidão de tudo querer, seria responsável pelo abandono e incúria a que votara a casa. Assim se desvaneceu a hipótese de ser restaurada e permanecer na família. Depois de ruir não faltará muito para acontecer o mesmo ao resto da aldeia.*

Tal como gerações de outros nativos da aldeia em tempos idos, também me fui nesse vórtice impiedoso que a vida impele para onde há trabalho e não onde as memórias e o respeito pelos antigos mandam. Sem querer, sem o pressentir o destino viera e ditara-me novo rumo. Deixei para trás os vestígios



de roedores onde outrora pousaram mãos de crianças. Tantas ali nasceram e quase todas morreram já, sendo a minha mãe uma das últimas dessa geração.

A casa abandonada enquanto as ervas e mais vegetação medram nos escombros, tal como aconteceu ao majestoso templo de *Borobodur* na Indonésia, desaparecido por 500 anos na selva até ser (re)descoberto em 1814 ([ver crónica 10.3](#)). De um dia para o outro deixei os sonhos de parte. Nunca os devia ter retirado do baú das memórias de infância, deviam lá ter permanecido para sempre. Foram meus perpétuos acompanhantes nas quatro partidas do mundo (Timor, Macau e Austrália).

Assim, um dia parti, embarquei da ilha transmontana (onde vivi de 2002 a 2005), para arribar no meio do Oceano Atlântico, num arquipélago da antiga Atlântida, mais conhecido pela sua história de fogo e outras calamidades, meros montes cataclísmicos flutuando à deriva entre a Europa e a América.

A escola primária, onde gostaria de ter andado, foi encerrada há muito. Serviu, depois, para albergar a Casa do Povo e a Junta de Freguesia. No toural, nem animais nem gente. As crianças já não riem, não galhofam, nem brincam no meio da rua. Há muito que ali não vivem, nem mesmo as que vinham de férias das Franças e Araganças, Suíça, Luxemburgo e Alemanha, cresceram e deixaram de vir. O trânsito retornou ao fluxo dos anos quarenta. Ocasionalmente um carro talvez se digne acordar a aldeia da sua pacatez. Um dos locais mais ativos é o cemitério onde os poucos vivos continuam a ir mudar as flores na campa e a dizer preces, não deixando que as ervas daninhas se apoderem das tumbas dos antepassados. Até um dia em que mais ninguém ali vá derramar uma lágrima ou uma súplica “in memoriam”.

*Na pequena e ora despovoada aldeia encontrei rituais senhoriais da família Gama, a do célebre engenheiro Camilo Mendonça (fundador do Cachão). Os Gama e Mendonça eram aqueles a quem na infância se ia ir prestar vassalagem logo que se chegava. Nunca os esqueci e mencionei-o sempre que pude desde que apresentei o Cancioneiro Transmontano em 2005.*

*Eram Morgados de Vilarelhos, antigos donos do Cachão, obra inacabada e majestosa, que o 25 de abril matou juntamente com o sonho de tornar a região rica e agricolamente independente. Foi criado pelo Eng.º Camilo de Mendonça, um visionário. Mais acima, na Rua Direita que por acaso bem torta é, mantém-se ativa e relativamente bem conservada, a casa solarenga dos Gama ocasionalmente ocupada por uma descendente octogenária.*

Construções novas houve nos anos 80, após um breve surto de regresso de emigrantes, na sequência da febre do 25 de abril, quando sonhavam com a riqueza infinda que a revolução dos cravos ia trazer às cooperativas agrícolas. Nem revolução, nem cooperativa, nem regresso de emigrantes salvou as terras condenadas pela falta de visão estrutural dos líderes políticos, pequenos reizinhos do oportunismo democrático que vivem monarquicamente almofadados no conforto fascista de Lisboa. Vive-se a Ditadura democrática cujo fim é dilapidar o país a troco de uns cobsres que nem Judas aceitaria.

A Quinta da família (vulgo “*A Quinta*”) lentamente criada no tempo do bisavô, ocupa todo o monte à entrada da aldeia, à esquerda de quem desce na encosta do lado sul da aldeia, descendo até aos lameiros. É quase tão grande como a aldeia toda. A enorme área está na posse da família há gerações, mas foi-se subdividindo numa dúzia de parcelas, com as mortes e heranças até ao fim do séc. XX, embora esteja, de novo, reunida na posse de dois primos. Recordo o esticão que era, de dia ou de noite, subir as escarpas íngremes para a “Quinta” passando cá em baixo o seu portão encimado por pedra brasonada.

Outra memória dos quentes verões ali passados, era tomar banho nos tanques de rega da quinta, fazer piqueniques com a prima Beatriz Licínia e amigas, ir ao cimo da aldeia para ver a deslumbrante paisagem e, o inesquecível pôr-do-sol da Capela de S. Sebastião sobre os montes vizinhos e o vale. A outra metade da Quinta, pertence a outro primo setuagenário (o Manel das Arábias, irmão dos que vivem em Ponta Delgada) que não tem tempo nem disposição para cuidar dela. Ele queria comprar todo o grande casarão do bisavô e reconstruir. Ficou-se por duas partes (ao lado da nossa) e já nem essa parte quer, pois, o dinheiro amealhado nas plataformas de petróleo foi-se gasto pela mulher e filhos...

*A Quinta tem agricultura e produz alguma coisa para a prima Beatriz Licínia que a herdou e lá vive. Disseram-me em 2015 que essa prima, junto com o filho e nora, converteram a pequena*

*casa de habitação, e dois silos implantados mais acima, numa unidade de Turismo Rural<sup>252</sup>, acrescentando uma piscina onde antes todos se banhavam nos tanques de rega.*

Já não há por aqueles lados quem ande à jeira. Mesmo com dinheiro vivo para pagar não há quem trate dos campos. Aqui, nem romenos nem moldavos se aventuram, pois pode ser demasiado parecido com os seus países de origem. Talvez iraquianos para manterem as terras produtivas. Os frutos morrem de pé nas árvores. A região, fértil desde tempos pré-romanos, sempre viveu do campo, mas esvaiu-se de gente e de agricultura. Sem escolas, sem sangue novo, sem crianças, sem casais que se queiram fixar. Para quê, pergunta-se? Resta esperar que os poucos sobrevividos se vão de vez, para ficar mais deserta.

O meu filho mais novo por lá andou, em visitas várias, na busca incessante de pequenas recordações que pudessem acompanhar o desfiar das memórias que ora trago à estampa. Fartara-se de beber água da Grichinha para ser feiticeiro. Perguntava quantas vezes tinha de beber até se tornar num mago. Troçava do primo da mesma idade, o Pispis, que raramente lá ia e por isso jamais se tornaria num bruxo da Eucísia. Acreditava que quanto mais água da Grichinha bebesse, mais hipóteses teria de se transformar.

Histórias antigas que talvez venha a guardar, como eu que, sistematicamente, insisto em regressar a origens que nem são geograficamente minhas. Porque assumo a ascendência transmontana se apenas lá ia em férias na juventude? Porque esqueço toda a matriz regional geográfica do local onde nasci, estudei e vivi? Porque adotei como minha, em idade madura, a terra da mãe e avós? Há, decerto um problema de identidade conflituosa que se esgrime e cuja solução foi encontrada nesta identificação tardia com a minha meninice. Seria isto a que a minha mulher se referia? Jocosamente comentara, que o meu problema existencial era saber qual venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego.

Recordo na aldeia esse hábito (medieval?) de colocarem as colchas adamascadas nas ventanas. Essas janelas, pequenas como seteiras, a que chamávamos “janelucos” eram demasiado exíguas para dois adultos verem os andores. Dispunham de pequenos assentos, um de cada lado, onde (raras vezes) a minha avó e as tias se sentavam, tricotando ou crochitando. Desses “janelucos” as criadas pressurosas deitavam os “verdes” para a rua (folhas frescas apanhadas nas imediações, eram só verdes e não desenhos elaborados de verdes e flores como aqui nos Açores) aquando da passagem da procissão pascal.

Havia sempre o momento alto das celebrações, que era a esperada cerimónia do “compasso” com o benzer da casa. O padre, o sacristão e acólitos subiam os 13 degraus e no hall de entrada lá provavam mais um cálice do melhor vinho do Porto de casa, diante da família reunida para receber as bênçãos que nos iriam manter santificados mais um ano. Sorriu ao imaginar como não estaria “animado” o padre ao chegar à nossa casa, que ficava no começo da aldeia junto à Igreja. Ou então, parava no início da procissão antes de percorrer o resto da aldeia? creio que seria isto e chegava à Igreja bem “animado” pois todas as casas tinham, se não Vinho do Porto, outro produto local para lhe dar a provar. Todas essas benzas, bênçãos e benções não chegaram para salvar a família das leis inexoráveis da morte, assim como não bastaram para salvar a casa, mas mantinham viva a fé dos crentes que ali habitavam e delas necessitavam.

Além dos arraiais, festas e santos populares, merece especial relevo nas minhas memórias, a apanha e o descasque da amêndoa. Era feita numa arrecadação junto à casa, ao cimo da estrada da “Quinta”. A amêndoa era espalhada no chão em serapilheiras. Os jovens ajudavam, os mais velhos e assalariados trabalhavam no duro noite adentro. Havia cantigas. Contavam-se histórias de antanho, verdadeira tradição oral popular que preservava a história de todo um povo. Ninguém sabe apreciar o que tem até ser demasiado tarde. As pessoas que vivem no paraíso não o sabem e desdenham dele em busca de coisas diferentes. São sempre os forasteiros que têm de lhes dizer como é bela a terra onde vivem. Hoje as pessoas pagam para ver as amendoeiras em flor, como quem vai a um museu ou zoológico, ali vivia-se em pleno. brincávamos aos agricultores, comungando dessa dádiva da natureza.

*Ultimamente, o fogo fez desaparecer vastas áreas de amendoal, muitas já abandonadas. Como cultura pouco rentável, os produtores substituíram-na pela vinha. Antigamente, a mão de obra era mais barata e a amêndoa pertencia ao ciclo rico do agricultor, numa época a amêndoa, noutra*

252 (ver <https://www.bedandbreakfast.eu/bed-and-breakfast/eucizia/bela-vista-silo-housing/1433272/> )

*o vinho e noutra o azeite. Metade dos produtores já não fez colheita em 2006 porque não compensa. Quando termina a época de apanha, é habitual ao percorrer a região, ver amendoais inteiros onde se adivinha que no próximo ano, as novas flores aparecerão ao lado dos frutos antigos.*

Havia ainda que evocar nestas memórias, um nome de mulher.

*Há sempre, nestas coisas de revisitar passados reais e imaginários, uma mulher misteriosa que ocupa a mente do herói do livro, um secreto namoro juvenil de férias com a tão núbil Benilde, nome de deusa. Neste caso ficou sempre a imagem, mais imaginada do que real, muito difusa e mítica de uma jovem de longas tranças, ainda adolescente, de longos cabelos compridos e um nome a evocar lendas medievais. Platónica imagem de sorrisos trigueiros e olhos amendoados de promessas por cumprir. Uma jovem saudável e sorridente, sem quaisquer reminiscências com a homónima “Benilde ou a Virgem Mãe” sobre a qual José Régio escrevera em 1947. Era filha dum antigo caiseiro do avô. Tinha um irmão, mais velho, emigrado em França que vinha todos os anos de férias, num deles serviu para mostrar o seu novo Peugeot 404, símbolo de sucesso na vida dura de escravo de patrões franceses.*

Depois de cada jantar, ainda o sol ia alto, saía apressado, sem entrar em detalhes, para ir ter com ela. Reparti com ela muitos dos primeiros poemas e mais estrelas ainda partilhei. Pedia ao tempo para parar e tornar eternos tais momentos, cheios da magia de amores impossíveis e, por isso mesmo, mais desejáveis. Ambos, esparramados no feno, à margem da estrada à entrada da aldeia, frente ao portão brasonado da Quinta, quando as ruas eram iluminadas pela loura *Phoebe* (deusa da lua na Mitologia) e tudo em volta estava negro como breu.

Não só cuidávamos de defenestrar os silêncios entrecortados de cigarras e grilos, como admirávamos os tremeluzentes faróis disfarçados por entre árvores, lá ao longe, no alto do monte, na estrada poeirenta da Junqueira para Alfândega da Fé. Eram raras as viaturas e menos as que se aventuravam de noite. No silêncio estrelado podiam-se ver os carros ao longe nas cumeadas, ora aparecendo, ora desaparecendo furtivamente, uma luz aqui, uma acolá. Dava para distinguir se era um ligeiro ou pesado, calculando o tempo que demoravam a percorrer pequenos treços do horizonte noturno. Sabia-se de onde vinham e para onde iam, podia até adivinhar-se se eram forasteiros ou locais pela sua velocidade.

As conversas trespassavam dois mundos que nunca se entrecruzavam: o meu, cidadão com experiências e vivências localmente desconhecidas e o mundo da jovem aldeã de braços fortes, peitos bem airoso, ancas bem torneadas, não demasiado largas, pernas firmes, levemente musculadas e, habituadas às duras lides agrícolas, da casa e do campo. Um belo espécime feminino concebido com um físico saudável que não temia maleitas ou doenças para ajudar os pais no sustento da casa.

Não teve a Benilde tempo para grandes estudos, além da 3ª ou 4ª classe feita com apoio da minha tia-avó Adelina Hermengarda, Mestre-escola, aliás regente escolar, de quatro gerações na Eucísia. Mas tinha interesse em saber de outros mundos e vivências. Gostava de ler sub-repticiamente qualquer livro, que em casa dela não havia muito disso. Gostava dos poemas delicados deste jovem, queria saber da vida na grande cidade, desse mundo por descobrir, cheio de mistérios e de coisas novas e diferentes. Tempos sem malícia nem sordícia que a ingenuidade dos anos não deixa esbater. Foi ali que vi realmente as estrelas, pela primeira vez com olhos de ver, e me dei conta do tamanho do firmamento, acreditando no infinito do universo.

Nunca soube o que acontecera à família e muito menos à atraente Benilde com quem partilhei sonhos proibidos na idade em que tudo é possível e nada parece inalcançável. As minhas tias achavam piada àquele meu encantamento com uma mulher da terra, evento que sempre enriquecia as conversas quando eu não estava presente, e a pacatez rural em que viviam. Hoje andaria provavelmente emigrada, casada com outro despojado dessa ou doutra aldeia, teria engordado desmesuradamente, atando os cabelos ainda longos, mas já esbranquiçados num carrapito atrás e seguida por um ror de filhos com netos ranhosos e barulhentos. Ou talvez não.

Tudo o que pudesse ter sido sonhado se esvaíra e nem na memória teria ficado guardado, que a vida não se compadecia com esses devaneios. Embora a casa lá continue, jamais vi viva alma nas incursões à aldeia no séc. XXI e não havia a quem perguntar sobre o destino da jovem que ali compartilhara estrelas, estirada nos trigais na berma da estrada em noites de luar. O edifício sobradado mantivera-se igual. O alpendre da varanda mudara de madeira para cimento e ferro, numa concessão ao modernismo que infestara toda a aldeia e vira mamarrachos de ferro forjado e alumínio, substituir fachadas de madeira ancestrais e originais.

De que ilusões teriam falado dois adolescentes naquelas noites sussurradas? Que sonhos acalentariam, que loucas poesias e utopias teriam escrito? Palavras que a brisa noturna levava com os pirilampos a acenderem céus de idílios, mitos e fantasias. Nem eu sabia já. Por mais que me esforçasse a sua imagem aparecia esbatida, sem rosto, apenas os cabelos entrançados ou soltos e longos ao vento e um eterno sorriso, feliz e aberto de ponta a ponta. Como não fumava, tive a novel experiência de trincar uma palha seca ao canto da boca, como eram dantes caricaturados os aldeões. Pensava que se o fizesse estaria mais integrado no meio-ambiente que me cercava. Só agora, muitas décadas depois, pude revisitar tais memórias. Era obviamente tarde demais para recordar fosse o que fosse, e conquanto vivesse agora noutra aldeia rural, nos Açores, rodeado por vacas alpinistas, montes verdes e um mar imenso, os tempos eram outros, a idade também e mesmo à noite as estrelas eram bem menos brilhantes e em menor número... Depois, as férias terminaram, o ramerrame quotidiano da vida na cidade tinha-se imposto às recordações do verão. Havia o Liceu, as aulas, as exigências da vida na grande urbe, as solicitações várias, e todos os sonhos, promessas e utopias tinham ficado escondidos no negrume das noites sem estrelas da grande cidade.

Porque insisto sistematicamente em regressar a origens que afinal nem são minhas?  
Porque assumo a ascendência transmontana quando apenas lá passei verões na juventude?  
Porque esqueço toda a matriz de onde estudei e adotei como minha a terra da mãe e avós maternos?

*Deverão ser vistas apenas nesta feição?  
Representarão algo mais do que essa libertação inatingível?  
Serão uma mera recriação mitológica que a saudade da distância intercontinental matizou em tons rosa?  
Não será apenas a voz mais forte desse apelo inelutável que é o regresso às origens e raízes de cada um?  
As raízes não estão onde as queremos, mas onde as sentimos.  
O reencontro anunciado e desejado com a terra onde se foi feliz?  
Teriam sido os momentos de ventura de mim enquanto jovem?  
Dias e meses que as mentiras e hipocrisias da sociedade urbana não molestaram?  
Ou seria o limbo da inocência perdida?*

### **58.3. ALFÂNDEGA DA FÉ**

#### **58.3.1. LENDAS E TRADIÇÕES**

Já Alfândega da Fé, a terra onde a mãe nasceu, permanece inalterada em 60 anos, exceção feita ao novíssimo Centro Cultural José Rodrigues inaugurado em 2005 e pouco mais.

*Alfândega (da Fé) é um nome de origem árabe - sécs. VIII e IX (Alfandagh). É possível que anteriormente já existisse algum povoado de origem castreja, porque existem muitos vestígios arqueológicos desse e de períodos anteriores.*

*Durante a ocupação árabe foi sede administrativa da região "Valiato de Alfandica". A transformação em Concelho medieval aconteceu com Foral de D. Dinis de 1294 (confirmado por D. Manuel, 1510) e em 1295 concede-lhe carta de feira, com a particularidade de se realizar depois da de Mogadouro e antes da de Mirandela.*

*Em 1320, D. Dinis mandou reconstruir o castelo, anterior ao primeiro foral e provavelmente construído pelos mouros, mas que desapareceu. Rui de Pina, na Crónica de Dinis, descreve a reconstrução: "Ano de 1320. Povoou de novo e fez os castelos de Vinhais, Vila Flor, Alfândega, que mudou para o lugar onde agora está que se chamava antigamente cabeça de S. Miguel."*



*Em 1385 D. João I obrigou os moradores de Alfândega da Fé a trabalhar na reconstrução dos muros de Torre de Moncorvo, como "castigo" pela vila ter tomado partido por Castela. Este seria o primeiro monarca a passar por Alfândega da Fé, na viagem que em 1396 o levou a Torre de Moncorvo e Bragança.*

*Em 1498 foi criada a Misericórdia. Na primeira metade do séc. XVIII, a população não ia além dos 150 vizinhos.*

*Luís Álvares de Távora intitulava-se senhor de Alfândega. É desse tempo a construção da ponte de Zacarias. Dos Távora restam poucos elementos da presença: a casa na vila foi transformada e o que resta não revela grande traça arquitetónica, merecendo registo o portal da entrada, deslocado para uma casa particular...a Capela de S. Sebastião, (inicialmente Ermida) com campanário dos Távora, e a Capela dos Ferreiras, com brasão picado, a identificar ligações à família.*

*O recenseamento de 1530 indica o castelo como "derrubado e malbaratado" e nunca mais foi recuperado, embora o Tombo dos Bens do Concelho de 1766 ainda identifique os "antigos muros" e a Torre do Relógio, atual ex-líbris da vila, na zona do Castelo, parece ser o que resta do antigo castelo medieval.*

*Em Alfândega da Fé a divulgação das ideias republicanas verificou-se antes de 1910 nas manifestações a favor da restauração do Concelho (1895 a 1898), por Ricardo Raphael d'Almeida, uma das figuras que assinam o "Auto de Proclamação da República" neste Concelho. De facto, os ideais republicanos acabaram por ganhar corpo em 1908, com a fundação da primeira Comissão Municipal Republicana<sup>253</sup>, iniciativa do jovem Joaquim Cândido de Mendonça, que foi seu Presidente e da qual fizeram parte Simão Machuca, Arthur de Magalhães (trisavô), Inácio Baptista, Viriato Pessoa, Camilo Correia, Alfredo Morais, João Francisco, António Rego, António Abreu, Carolino Augusto Trigo; Bernardino Arthur de Magalhães (meu tio bisavô, tio-avô da minha mãe).*

Sendo um Concelho antigo e para mais com um nome de origem árabe, é fácil compreender por que razão o imaginário popular gira fundamentalmente em torno das lendas das "mouras encantadas", não havendo quase Freguesia nenhuma onde esse tipo de situações não nos apareça. Contudo, existem duas lendas mais estruturadas e com ligação a factos históricos, como a "Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas", que pretende explicar uma parte do nome da vila e marca a resistência dos cristãos face à ocupação muçulmana e a "Lenda de Frei João Hortelão", relacionada com uma personagem real e que tenta explicar a existência, na localidade de Valverde, de uma importante cruz processional. Esta lenda (e o tributo das donzelas), tem sido referida em publicações<sup>254</sup>, com uma ou as duas designações acima. Recentemente foi publicado pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé um romance inédito de João Baptista Vilares, cujo tema é esta lenda.

### **58.3.2. LENDA DOS CAVALEIROS DAS ESPORAS DOURADAS, OU DO TRIBUTO DAS DONZELAS.**

*No tempo do domínio muçulmano existia um mouro que, a partir do castelo do monte carrascal, próximo da localidade de Chacim (já foi vila e hoje pertence ao Concelho de Macedo de Cavaleiros) dominava toda a região, incluindo as gentes de Castro Vicente (também foi vila e hoje pertence ao Concelho de Mogadouro) e as de Alfândega e como feudo exigia às populações a entrega de donzelas. Revoltados com este "tributo de donzelas", os moradores de Alfândega e Vilares da Vilarça reagiram com armas, tendo os seus "Cavaleiros das Esporas Douradas" organizado uma investida, apoiados pelos de Castro Vicente. A batalha entre as duas partes ocorreu próximo do castelo do mouro; apesar de aguerridos os cristãos estavam prestes a perder a luta, tantos eram já os mortos e os feridos.*

*Entretanto, apareceu N. Sra., que foi reanimando os mortos e curando os vivos, passando lhes um ramo de bálsamo que trazia na mão; à medida que o grupo dos cristãos se foi recompondo a peleja aumentou de intensidade e os muçulmanos foram rechaçados terminando assim a obrigatoriedade daquele tributo. No local construiu-se a Capela em homenagem a N. Sra. de Bálsamo na Mão, hoje santuário de Balsemão. O local de tão grande chacina deu origem a Chacim, sede de Concelho até meados do séc. XIX; e Alfândega, graças à valentia dos seus cavaleiros, da fé cristã, passou a designar-se Alfândega da Fé. Relativamente à lenda e para explicar a existência dos cavaleiros, o Padre Manuel Pessanha sugere que Alfândega da Fé fosse sede de uma ordem militar,*

253 [http://resistente.3e.com.pt/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=45&Itemid=65](http://resistente.3e.com.pt/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=65)

254 como "Santuário Mariano", "Monarchia Lusitana" de frei Bernardo de Brito, na "Chorographia" do Padre Carvalho da Costa, no "Dicionário Geográfico" do Padre Luís Cardoso e posteriormente em publicações mais recentes



"antiga, anónima, muito anterior aos Templários, e mesmo a qualquer ordem militar conhecida" com cerca de duzentos membros.

Na realidade o Padre Carvalho da Costa, na sua "Chorographia", refere a existência de duzentos cavaleiros, mas o Padre Luís Cardoso, no "Dicionário Geográfico", refere apenas 25. Entretanto, não deve excluir-se a possibilidade de o imaginário popular ter encontrado na Ordem de Malta a ideia dos cavaleiros.

Um estudo recente de Belarmino Afonso refere que a Igreja de Malta pertenceu àquela Ordem desde D. Sancho I, o que nos leva para o séc. XII. Ora, como a Carta de Foral de D. Dinis já identifica Alfândega da Fé como vila e possuindo castelo, é de admitir que o Concelho já existisse anteriormente com esse nome, pelo que a lenda só teria sentido se fosse ainda mais antiga, uma vez que os acontecimentos nela contidos servem sobretudo para explicar o "da Fé". Ou seja, a lenda pode ser anterior à própria nacionalidade e transformar-se num elemento de estudo que comprove o papel que a vila teve durante o domínio muçulmano nesta região.

### **58.3.3. LENDA DE FREI JOÃO HORTELÃO.**

Frei João Hortelão, nasceu em Valverde. João Baptista Vilares, na *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*, refere o ano da morte 1499, data que parece não condizer com estudos recentes sobre a peça de ourivesaria religiosa, a "Cruz de Valverde", a que se liga todo o seu percurso "lendário". Este devoto cristão tem uma biografia por terras de Portugal e Castela pouco conhecidos, podendo concluir-se que a faceta da lenda resulta mais do imaginário popular do que dos verdadeiros acontecimentos.

O caráter religioso e as virtudes pessoais, onde não faltou sequer o facto de ser oriundo de famílias pobres e ligadas à pastorícia na aldeia natal, foi sendo, ao longo dos séculos, envolvido em histórias e acontecimentos que ninguém pode comprovar, incluindo o espírito profético que o levou a adivinhar o ano da morte. Entre as muitas "façanhas", quando jovem, conta-se o seu "jeito" especial para a pastorícia dizendo-se, como escreve João Vilares, "que deixava o gado à volta do cajado e ia ouvir missa aos povoados da outra margem do rio Sabor. Quando regressava, o gado lá estava no mesmo sítio quieto e manso. O amo, sabendo isto, proibiu-lhe a passagem do rio na barca, mas ele continuou atravessando a corrente, servindo-se da capa para barco. O patrão despediu o pastor que foi para Castela, mendigando pelo caminho.

Na descrição J. Vilares não mencionou que no lugar onde Frei João Hortelão deixava o gado cresceu, segundo a tradição, uma cornalheira de dimensões fora do vulgar, transformada em árvore frondosa, cuja folhagem se mantém verde durante todo o ano, ao contrário do que acontece com esta espécie, que não atinge mais de dois metros, como arbusto, de folha caduca!

Talvez "a outra margem do rio Sabor" não corresponda à verdade histórica e estejamos a falar da antiga povoação de Cilhades, na margem direita, que dá para a encosta onde se encontra a tal cornalheira; bem vistas as coisas, estamos a falar do Concelho de Alfândega da Fé, cujas fronteiras o separavam de Sta. Cruz da Vilariça naquela zona, no local designado "rebenção", e toda esta área foi pertença de Alfândega até à reforma dos concelhos de 1855! Mas o espírito "milagroso" deste Frei João Hortelão não se ficou por aqui. Na sua Freguesia de origem, existe outro local conhecido por "bardo do Frei João"; o motivo é semelhante: de acordo, uma vez mais, com a tradição popular, deixava o seu rebanho, sem as habituais guardas de madeira, e os animais não saíam do local, de tal forma que ainda hoje o mesmo se mantém sempre com verdura! Despedido, Frei João Hortelão terá rumado até Castela e ficado pela vila de Ledesma (Salamanca) tomando o hábito de leigo e entrando para o Convento de Sta. Marina.

Diz J. Vilares, na obra citada, que "por meio de esmolos, conseguiu edificar a Igreja Matriz de Ledesma onde se conserva, segundo a tradição, uma gota de leite da Virgem e uma madeixa do seu cabelo tudo obtido pelo santo varão".

Fernando Pereira, num estudo recente, nega categoricamente as afirmações, nomeadamente a construção da Igreja. Mas é indiscutível que Frei João Hortelão viveu em Ledesma, ali está sepultado, e lá se confirmam registos populares da sua santidade, quanto aos dotes para afastar os pássaros das sementes das hortaliças que semeava, atividade que acabou por lhe dar o nome!

No entanto, a grande façanha atribuída a Frei João Hortelão resulta de algo mais espantoso e menos explicável, porque contraditório com o seu viver conventual: "com bocadinhos de prata que ia guardando na oficina onde trabalhava fez a formosa cruz", a Cruz Processional de Valverde, símbolo maior da ourivesaria de Alfândega da Fé e que a população guarda com autêntico sentimento de fé, misticismo e patriotismo.

Fernando Pereira fez uma investigação aprofundada sobre a peça. Em primeiro lugar, a Cruz de Valverde foi trabalhada em Castela, não em Ledesma, mas provavelmente em Astorga e o

*respetivo ourives é conhecido, e identificado através da punção existente na peça. Em segundo lugar e de acordo com o autor, "pelas características técnicas que apresenta, esta cruz e o par de galhetas, não poderão ir além da segunda década do séc. XVI"; ou seja, a ser verdadeira a data da morte de Frei João Hortelão, não existe coincidência entre a vida do mesmo e o fabrico da peça, ainda que as distâncias temporais, por tão curtas, não nos permitam decidir categoricamente não existir relação direta entre os acontecimentos.*

*Uma coisa é certa: aquele estudo provou que a Cruz de Valverde foi executada numa oficina registada e tem os brasões de armas das famílias Velasco e Avellaneda, de Castela, ligadas por laços matrimoniais, mas sem ligações conhecidas a Valverde.*

*Fica assim a hipótese, que continuará a alimentar a lenda, também corroborada por Fernando Pereira: veio a Cruz, pelas mãos de Frei João Hortelão, parar a Valverde?! E se assim foi, como explicar que peça tão importante, representativa da arte específica da ourivesaria castelhana do séc. XVI, tenha chegado a esta distante e pequena povoação do Nordeste? Que haverá de mais interessante do que manter as dúvidas por desconhecimento histórico...e perceber que as Lendas não se mudam no imaginário popular, por maior que seja o nosso conhecimento científico?!*<sup>255</sup>

No meu Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Sta. Casa da Misericórdia de Bragança) há outra versão

#### 58.3.4. FREI JOÃO HORTELÃO (outra versão)

*Pascoal era o nome de batismo, nasceu em Valverde e ali guardava gado. Foi para uma aldeia vizinha, Eucísia. Eram pouco gentis com ele e daí foi ao Felgar. Apresentou-se com o nome de Ildefonso, mas o povo chama-lhe Alifonso. Apascentava também o gado com a condição de o patrão o autorizar ir à missa. O patrão discordou e deu ordens ao barqueiro de o não passar para cá, quando andasse do lado de lá, para ir à missa. Então punha o gado à volta do cajado e deitava a capa na água e assim conseguia transpor as águas para a outra margem. O patrão proibiu-o de guardar o gado, mandando-o tratar da horta. Proibiu-o de ir à missa, porque tinha de ficar a guardar os pássaros e as galinhas. Ele batia-lhes as palmas. Vinham os pássaros e as galinhas e metiam-se numa adegas. O patrão ao ver neste fenómeno algo de anormal, quis entabular conversa com o Ildefonso, mas este nada respondia.*

*Resolveu ir para Espanha e entrar num Convento, em Castela. Ali os monges puseram-lhe o nome de Frei João Hortelão, porque quis dedicar-se à cultura da horta. Plantava as couves com a raiz para cima e ia à cozinha dizer para ir colker folhas, que as couves estavam frondosas! Enviou para Valverde uma linda casula, uma custódia e um sino. Nas trovoadas iminentes tocaram-no, elas dispersam-se e nunca deixam prejuízos. Enviou também uma cruz gótica, com trabalho de filigrana do séc. XV. Para a Eucísia, reza a lenda, que enviou um sino de cortiça, com o badalo de lã.*

*RECOLHA (1985) de Hermínia Trigo, Ferradosa – Alfândega da Fé.*

#### 58.4. DO AZINHOSO AO SENDIM DA RIBEIRA

Quando estávamos no Azinhoso (Mogadouro) além do chiar do já mencionado chiar dos rodados das carroças de bois que nos acordavam bem cedo todas as manhãs, lembro-me de tantas coisas que é difícil coordenar pensamentos. A primeira recordação bem forte ligada ao Azinhoso relacionava-se com o primo Zeca Magalhães de Oliveira que, depois da inesquecível viagem de comboio desde Campanhã, nos ia buscar, ao Tua ou ao Pocinho, no seu imponente automóvel De Soto de 4 portas, cor bege, matrícula AL-13-31, herdado do rico latifundiário seu pai, a chiar todo o caminho por aquela estrada sinuosa. o meu pai sempre temeroso, agarrado a uma alça lateral, com medo, a pedir para não ir tão depressa.

Estava sempre um calor de morrer no verão naquelas terras quentes transmontanas. O carro era um monstro pesadão e assustava qualquer um, guiar daquele modo naquela estrada cheia de precipícios e sem guardas de proteção, a não ser um velho murete de cinquenta centímetros orlando a estreita via. Até Torre de Moncorvo era um susto dos maiores, depois a estrada era mais plana (no planalto de Terras de Miranda, continuação da Meseta de Castela) até Carviçais, depois Lagoaça, aldeia de Castelo Branco até ao Mogadouro e Azinhoso. Eram uns 70 e poucos km e demorava-se pouco mais de uma hora.... Deve ter sido nessas viagens que ganhei o gosto pelas estradas de montanha cheias de curvas e contracurvas.

A garagem da velha casa do Azinhoso, distava aí 100 metros e deliciava-me – todos os dias – a escapulir-me para ir lá e ver aquele carro, estacionado ao lado da caleche de cavalos que a tia-avó utilizara nas suas deslocações, tal como os meus avós que tinham ido de Bragança ao Porto aquando da sua lua-de-mel. Sentava-me no carrão a ouvir o rádio e a aprender a manejar os botões e alavancas apesar de não chegar aos pedais. Fiquei triste, muito triste mesmo, quando anos mais tarde se desfizeram do carro (devia consumir 30 litros aos 100 km).

Durante o dia aparelhava-se um burro ou mula pela arreata e lá andava eu nos primeiros passeios a cavalo, a partir dos 5 anos. Foram férias que não esquecerei, as que passei na velha aldeia do Azinhoso (perto da raia com a Espanha) no Concelho de Mogadouro, bem antiga, anterior à fundação do condado Portucalense e que recebeu foral de D. Afonso II em 1272.

*Da Proto-História são variados os vestígios de povoados conhecidos por “castros” e que geralmente acompanham as linhas de água, lugares de difícil acesso e de fácil defesa natural. Terá sido a tribo dos Zoelas, parte do povo astur-augustano a responsável pelos povoados fortificados que aqui encontramos. O Azinhoso é uma das poucas localidades do Distrito de Bragança onde se pode encontrar um museu de Arte Sacra, dentro da antiga Capela da Misericórdia da Igreja de Sta. Maria de Azinhoso, e que guarda consigo pequenos tesouros do quotidiano religioso dos sécs. XVI, XVII e XVIII. O expoente máximo do espólio é a custódia de estilo gótico manuelino oferecida pelo Venturoso, D. Manuel I, e um cálice do séc. XVI, ambos em prata dourada. Destacam-se missais antigos, frescos, estátuas e paramentos do séc. XVIII.*

*Aqui pode encontrar um pelourinho do séc. XIV, que representa o poder concedido por D. João I, na Carta de Foral de 1386. Assente em três degraus quadrangulares, o fuste redondo tem 4,30 m de altura, escadório em pirâmide quadrangular e o capitel com uma cruz grega em pedra,<sup>256</sup> símbolo da autonomia administrativa entretanto perdida.*

*A Igreja Matriz, principal património, data do séc. XII, estilo românico, com a imagem de Sta M<sup>a</sup> do Azinhoso, perante a qual D. Nuno Álvares Pereira terá pedido proteção para a guerra contra os castelhanos, em 1386. Apenas a imposta corrida da porta lateral esquerda da Igreja do Azinhoso nos apresenta uma decoração visigótica ou de influência visigótica (parras e uvas). No ano de 1301, era conhecido por Santuário do Azinhoso.*

*Azinhoso teve foral novo de D. Manuel I em 1520, misericórdia e Hospital em 1647, fruto da importância que detinha. O nome deriva da existência de azinheiras (Azinhoso nas Inquirições de 1258), conhecidas por carrascos. A 25 de maio do ano de 1297 El-Rei D. Diniz com a Rainha Santa Isabel e seus filhos, infantes D. Afonso e D. Constança, em Coimbra fazem Carta de doação "aos Templários do Padroado das igrejas de S. Mamede de Mogadouro e de Sta M<sup>a</sup> de Pena-Royas", com todas as capelas e ermidas, direitos e pertenças, com o consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga.*

*"... E nem alguém se persuada, que n'esta doação amplíssima se incluiu a Ermida do Azinhoso, e que então foi quando os Templarios fizeram levantar este vasto edificio, que ainda hoje se faz distinguir: porquanto a Real Coroa não dimittio senão o que lhe pertencia, e não o que era de tempos immemoraveis dos Arcebispos de Braga. Isto se evidencia da composição, que D. Vasco Fernandes, Mestre da Ordem do Templo em Portugal, fez com o mesmo arcebispo sobre a terça pontifical, que as igrejas de Mogadouro, e Pena-Royas deviam pagar à mitra; assentando, que pela terça, e direitos pontificaes, ou episcopaes, houvesse o Arcebispo a quinta parte dos dizimos: que houvesse a preocupação de cada huma das ditas igrejas, quando as fosse visitar: que instituisse os apresentados ás ditas igrejas pela Ordem, ora fossem freires, ora seculares, sendo idoneos, os quaes prestariam obediencia, e iriam aos synodos dos Arcebispos de Braga. Reserva com tudo o arcebispo D. Martinho para si a cera, e os votos, que das ditas igrejas se lhe costumavam pagar, acrescentando: " Heremitagium tamen nostrum, quod vocatur Sancta Maria de Azinoso, cum omnibus juri-bus, et pertinentiis suis, nobis nichilominus reservamus. Feito o instrumento em Santarem a 16 de outubro, e novamente approvedo, e se'lado em Braga pello mesmo Arcebispo a 11 de dezembro, se acha original no archivo de Thomar."*

*Azinhoso era terra de judeus. No velho caminho medieval para Penas Roias, à saída do Azinhoso, existe um local chamado "pelames", onde os peleiros curtiam as peles.*

*A Professora Maria José Pimenta Ferro Tavares, no livro "Os Judeus em Portugal no séc. XV" (p. 75), regista uma comuna judaica no Azinhoso. A estrutura da rua, ao longo do caminho,*

*demonstra que o Azinhoso era uma terra de passagem. Praticam um misto de religião com bruxaria, com as suas promessas, tipo de religião contratual romana.*

*Sem sentido histórico, tudo o que é velho, é atribuído aos mouros e em locais de interesse arqueológico histórico há tesouros, mouras encantadas e sinos em ouro, teares que só se veem na manhã de S. João, etc. A crença das mouras encantadas é, no fundo, um vestígio do culto pagão que deificava as águas das fontes, fazendo-lhes sacrifícios e ofertando-lhes flores. A lenda dá continuidade à realidade histórica.*

*O título de Condes de Azinhoso usado apenas uma vez, foi criado por Filipe II, Rei de Espanha por carta de 10-01-1583 a favor de D. Nuno Mascarenhas, senhor de Palma c. 1555, casado com Isabel de Castro c. 1555, filho de D. João Mascarenhas 1520 e de D. Helena de Castelo-Branco 1520.*

A minha tia-avó, Francisca Alzira Magalhães, era dona de olivais sem conta, sendo viúva dum dos maiores proprietários da região (cujo apelido era apropriadamente Oliveira) e casou a filha mais velha com um filho do outro maior proprietário da região, herdeiro da antiga família Pimentel. O genro foi Presidente da Câmara de Mogadouro, exerceu advocacia e notariado, deputado da Assembleia Nacional até ao 25 de abril e voltou a ser Presidente da Câmara, numa manifestação dos dotes de transitar da Ditadura para a democracia sem perder estatuto. Os Pimentéis, além da casa no Azinhoso, paredes-meias com a da minha tia, tinham o Solar de família na aldeia de Castelo Branco a 11 km de Mogadouro (atualmente destruído à espera de ser restaurado como Pousada de luxo sendo apenas mantida a fachada). O outro genro, da família Castro, residia no Azinhoso com uma longa linhagem e religiosidade.

*A casa da minha tia era uma casa bem rica e apetrechada com todas as comodidades modernas, desde água encanada a eletricidade, coisa que não se via em qualquer outra aldeia da família. Tinha na entrada uma varanda aberta, cheia de trepadeiras e bancos de jardim em madeira, depois entrava-se para um enorme salão, bem fresco, com dois pequenos escritórios do lado esquerdo. No da frente havia um magnífico gramofone com discos de 33 rpm do começo do séc. XX que fez as minhas delícias enquanto ouvia sons desconhecidos. A seguir havia uma pequena sala de jantar com escadas para o andar de cima e ao lado um salão formal de jantar com antecâmara.*

*Havia, em seguida, uma enorme cozinha com escano, seguida da cozinha velha de igual tamanho e que só era usada nas festas. Ao lado da cozinha nova, havia uma casa de banho com água canalizada (a canalização municipal chegaria depois de 1974) e dois quartos principais, com janela para a Igreja, seguidos de mais três quartos (um deles enorme e dois interiores) onde cabiam umas oito camas. No andar de cima além da varanda envidraçada, havia vários quartos com ligação a umas escadas para uma outra entrada da frente de casa e para as traseiras (esses quartos ficavam cheios na época da caça).*

*Na parte de trás um pátio enorme onde se construiu a casinha para o gerador elétrico (a eletricidade só viria depois do 25 de abril) e em cima uma varanda para o Toural. No pátio, havia dois fornos para cozer pão e folares, a entrada para a cozinha velha e a saída para as cortes.*

*Ao cimo do pátio e ao lado do portão havia as cortes e as cavalariças nas quais havia burros e cavalos, um macho ou mula, aos quais eu ia dar de comer. As cavalariças davam para um terreiro, a nível superior, o amplo Toural, onde se realizavam as feiras (a anual dos burros foi reativada em 2004), cortado a meio pela pequena escola primária onde a minha mãe lecionou (dois ou três anos até casar em 1948).*

Havia sempre a presença (para mim inexplicável) lá em casa, do Sr. Padre Manuel (viveu no Azinhoso desde 1950 e faleceu ao virar do séc. XX) que era de uma paciência inacreditável e que, segundo consta, eu massacrava com beliscões irritantes, aos dois anos de idade. Mais tarde, na adolescência, tive discussões filosóficas com ele, embora já tivesse muitas dúvidas sobre alguns dos pontos fulcrais da Igreja católica apostólica romana. Nunca entendi porque é que durante as estadias no Azinhoso, o padre Manuel estava sempre presente nos jantares e almoços em casa dessa minha tia-avó. Decerto que algo de errado fez, ou tinha a consciência pesada, pois, as primas e filhas jamais mostraram laivos religiosos, antes se caracterizando pela sua dependência do dinheiro, pelo aspeto facial tipicamente judaico e comportamento avaro. Uma família de gente infeliz, podre de rica. Centram a existência em casamentos de famílias ricas para que os filhos e netos crescessem e multiplicassem a fortuna sem jamais a aproveitarem em algo de útil (ou inútil) e vivem (ainda hoje) obcecadas por esse desiderato.



Foi no Azinhoso que a minha mãe deu aulas antes de eu nascer, após ter trabalhado nas Caixas de Previdência na Rua Visconde de Setúbal, no Porto Toda a aldeia tinha hábitos e costumes diferentes, as caras eram diferentes (mais judias? interrogar-me-ia anos mais tarde). A casa da minha tia-avó ficava paredes-meias com a do pai do genro, representando ambas as casas os mais ricos proprietários da região, verdadeiros latifundiários numa região tipicamente constituída por minifúndios.

O Azinhoso, na minha juventude, tinha uma venda, quase em frente a casa e à Igreja, na descida da Rua Direita, do lado direito, onde havia o posto telefónico e os correios, na qual havia um senhor meio-gago, o Henriquinho casado com a Mariazinha (falecida em março 2006) com duas filhas (a Maria Adília e a Maria Arminda). Era ali que chegavam (e o Henriquinho recebia) as cartas de amor do meu pai. Como via um nome estrangeirado e gaguejava, ia bater à porta de casa a dizer à minha mãe que chegara carta do senhor xri dado não conseguir ler o Chrystello. Ainda hoje gozo e repito isto quando alguém tem dificuldades em pronunciar o apelido, adulterado milhões de vezes, desde *Chrysler* a *Christofle*, *Castelo*, *Crastelo*, *Crestelo*, *Perestrelou* ou *Costello* consoante os países, digo-lhes sempre que é fácil: xri....

*Seria ao Azinhoso, de que tanto gostava, que o meu pai se deslocava nas férias a cantar a canção do bandido à mãe? Calculo o que devia custar em termos logísticos, partir do Porto de comboio, fazer toda a linha do Douro e Alto-Douro, bem bonita mas lenta e perigosa, demorando quase um dia de viagem, para no final fazer transbordo de comboios no Tua até à estação mais próxima em Mogadouro<sup>257</sup>, e dali ao Azinhoso, eram mais uns 6 km até aquela antiga e importante vila, mas então apenas uma pequena aldeia perdida no meio do pó, esquecida das gentes, em terra de ninguém, sem carreiras de autocarros estabelecidas, havendo necessidade de contratar um carro de praça (táxi) para o levar até ao Azinhoso.*

*Sem ter onde ficar no Azinhoso (nessa época os namoros eram com paus-de-cabeleira e à vista de todos e não podia ficar como hóspede na casa da família da futura noiva), teria de contratar outro carro de praça (seria o mesmo?) para ir dormir a uma qualquer pensão (não havia hotéis no Mogadouro do final da guerra) e repetir a cena nos dias seguintes.*

*Tarefa inimaginável nos dias de hoje e – mesmo assim – incompreensível para a maior parte das pessoas. Já sei a quem sai, nestas mirabolantes andanças amorosas.*

*Mas de facto, o meu pai nunca lá fora namorar, limitara-se a fazê-lo no Porto, quando a minha mãe trabalhava na Federação das Caixas de Previdência antes de começar a dar aulas.*

Nas minhas férias, com ou sem os pais, íamos muitas vezes às pequenas quintas que a família tinha, dispersas em vários locais nas redondezas e, dessas idas recordo bem o aviso para não comer melancias quentes por causa da digestão. O sol abrasador, todos usávamos chapéu, e passava-se a tarde a apanhar frutos e a petiscar na sombra duma qualquer árvore antes de irmos aproveitar a frescura ao fim da tarde no enorme pátio sob a copa da frondosa, enorme e centenária, figueira que fazia as delícias da minha mãe, sempre adepta deste fruto.

Teria 14 ou 15 anos quando comecei a conduzir o Volkswagen bege da prima Stela ao longo dos 6 km de estrada poeirenta entre o Azinhoso e Mogadouro. A uns 200 m. da entrada no Mogadouro, antes do entroncamento para Vale da Madre, cedia o volante para que a Guarda (GNR, Guarda Nacional Republicana) não me apanhasse. Era raro passar outro carro, creio que no Azinhoso havia meia dúzia, 2 lá em casa, 2 dos Pimentéis, 1 dos Castro e pouco mais. Suponho que a única vez na minha aprendizagem de condução, que me cruzei com outro veículo motor foi com um carro de praça (táxi).

O trânsito no início da década de 1960 era de tração animal. A estrada estreita (hoje mais alargada e asfaltada), tinha o enorme perigo do pó que se levantava e das curvas, abauladas pela erosão, em cascalho solto que podiam projetar o carro para fora da estrada. Havia dois ou três pedaços de reta em que o carro atingia uma boa velocidade (50 km/h) e junto à Capela de N. Sr.<sup>a</sup> do Caminho. Mas tinha de estar muito atento na minha inexperiência de principiante às cabras, ovelhas e outro gado que passavam pela estrada.

---

257 A linha do Sabor até Mogadouro funcionou entre 1933 e 1988, e de Mogadouro – Duas Igrejas – Miranda do Douro abriu só em 1938



*Penas Roias é um povoado acastelado com pinturas rupestres (Fraga da Letra) que pertenceu à Ordem dos Templários e depois entrou em declínio. Tem um castelo roqueiro anterior à nacionalidade, que foi de Fernão Mendes, o Braganção, ao tempo tenens da Terra de Bragança, circunscrição na qual a localidade estava inserida, que, em 1145, no tempo de D. Afonso Henriques, o doou aos Templários. Já existiria um reduto defensivo de importância, pois não se justificaria a doação. A ser assim, poderão ganhar nova relevância os vestígios de torreões de planta circular, que se encontram nos vértices do castelo. Estes elementos não são comuns na arquitetura militar medieval setentrional (que optou, por torres de planta quadrangular) e podem estar associados a uma fase construtiva ligada à realidade leonesa (os castelos da margem direita do Côa optaram por esta solução).*

*Os estudos mais recentes de Mário Barroca, sugerem uma anterioridade dos torreões circulares de Penas Róias em relação à obra templária<sup>258</sup>.*

*Embora se afirme a data de 1166 como o início da construção do Castelo, sob a direção do Mestre da Ordem D. Gualdim Pais, a inscrição epigráfica na Torre de Menagem está bastante deteriorada. É possível, ler-se “Era 1210”<sup>259</sup> ou “Era 1219”<sup>260</sup>.*

*Alguns autores pretendem ler o nome de Gualdim Pais, o que não é plenamente verificável. De qualquer modo, os trabalhos contaram com o seu patrocínio direto, uma vez que a torre (e o castelo) inscrevem-se na construção de castelos Templários no país, todos assinalados por inscrições epigráficas e empreendidos por Gualdim Pais, como os de Almourol, Longroiva, Tomar e outros.*

*No reinado de D. Sancho I (1185-1211), empreendeu-se esforço de repovoamento da vila, que passou a sede de Concelho, enquanto a Ordem deslocava a sua atuação para a Beira-Baixa, O castelo dominava a pequena povoação.*

*No reinado de D. Afonso III (1248-1279), a vila encontra-se referida nas Inquirições de 1258, tendo recebido Carta de Foral, juntamente com Mogadouro, em 1272, renovado no ano seguinte. Com a extinção da Ordem do Templo (D. Dinis 1279-1325) transferiu os domínios para a Ordem de Cristo (1319), acreditando-se que tenha havido trabalho de recuperação e reforço das defesas à época. Conforme a iconografia de Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, 1509), a vila encontrava-se murada.*

*D. Manuel I (1495-1521) concedeu-lhe Foral Novo (1512). O castelo passou mais tarde aos Távoras. Em 1758 já se encontrava em avançado estado de ruína. Hoje resume-se a uma torre alcantilada, de planta quadrangular com 5 metros de lado, de aparelho simples à base de xisto quartzítico misturado com argamassa. A estrutura frágil da torre não permite o acesso. No lintel podemos observar a cruz pátrea templária com a inscrição: “Gualdim Pais, Mestre-geral dos Templários, mandou fazer o castelo de Pena Roia, iniciando os trabalhos a 4 das Calendas ... era de 1204 sendo freires assistentes frei João Francisco ...”.*

Uma das cenas marcantes das férias transmontanas ocorreu em 1962, quando com os primos e o pai fomos de jipe a Penas Roias, a 7 km do Azinhoso, mas à época parecia mais uma viagem de uma hora. No início de 1960 ainda não havia estrada, apenas um caminho de burros, serra acima, e nem se pensava sequer na barragem de Bastelos que está aos seus pés. Por isso entramos no jipe do Zeca, meu primo médico, com o primo Carlos Alberto e o meu pai, um pouco temerosos, que não eram para grandes aventuras motorizadas e atravessamos a Ribeira de Bastelos, por entre montes e rochas despidas de vegetação, subindo o fraguado a pique nos socalcos do velho castelo. Passou-se pela velha ponte romana ou templária entre Azinhoso e Penas Roias (hoje completamente ao abandono) até se chegar à "fonte da Vila," monumento interessante de grande antiguidade com figuras antropomórficas (hoje votado ao desprezo).

A certa altura o jipe aberto, voltou-se (capotou) e tivemos todos de saltar para não ficarmos de baixo. Lá o endireitamos e subimos ao castelo onde o senhor padre, numa habitação ao lado, nos ofereceu (da sua bem recheada arca em madeira) uns ricos chouriços com pão de centeio e bom vinho da região. Jamais esqueci a aventura que me marcou para fazer viagens semelhantes para o resto da vida. Em 2008 tive a oportunidade de contar a mítica viagem a um filho do primo Zeca que estava na esquadra da PSP do Nordeste (e eu já não conhecia pois não o via desde miúdo).

<sup>258</sup> ver <http://www.culturante.pt/pt/patrimonio/castelos/castelo-de-pena-roias/#sthash.nxefuFyv.dpuf> –

259 da Era Hispânica, correspondente ao ano de 1172 da Era Cristã

260 (correspondente a 1181)

Recordo como o avô materno era aficionado pelos piqueniques e jamais escapávamos a um piquenique sob a vetusta Ponte de Remondes<sup>261</sup>, quase a meio caminho entre o Azinhoso e Alfândega da Fé. Embora a água que ali corresse não fosse muita e as sombras não abundassem, o certo é que era o local favorito de piqueniques para o meu avô, embora ficasse a boa distância, uma ou duas horas de condução. Esta estrada cansativa deve ser das mais difíceis do país com mais de 200 curvas e contracurvas, e ajudou a manter Mogadouro afastado do resto do mundo.

Quando ali passei entre 2002 e 2005 parecia que o tempo tinha parado à data da minha memória do local. A estrada estava alcatroada, mas o resto permanecia igual. Hoje, existe uma nova ponte e uma via rápida mais abaixo no rio.

Noutras férias fui pela primeira vez a Espanha, com os pais, primos e respetivas mulheres. De Mogadouro fomos rumo a Miranda do Douro saindo para Zamora, Salamanca e Ávila.

*Em Ávila, depois de termos andado em vão, rua abaixo rua acima, em busca dum Hostel ou residencial que nos albergasse, pois nesse verão estava tudo cheio, encontramos uma vaga, mas os adultos não queriam que eu visse o que eles viram, ou seja, era dum daquelas habitações de entrada e saída rápida de trânsito noturno, de ambos os sexos, e havia vestígios desse intenso trânsito nas camas....*

*Tivemos sorte quando tudo parecia correr mal.*

Acabamos por ficar no luxuoso Parador Raimundo de Borgonha na suíte presidencial, em virtude do primo Carlos Alberto Castro ser – à data – secretário do Ministro das Obras Públicas de Portugal (Eng.º Eduardo Arantes e Oliveira), e ter usado o seu passaporte diplomático para conseguir vaga, dado que o “Parador” também estava cheio.

Ainda esperamos um bom bocado enquanto ligavam para Madrid a pedir autorização para ceder a suíte e certificarem-se de que mais ninguém importante pretendia lá dormir.

A minha mãe e primas nunca souberam o que se passara na residencial que tinha as únicas vagas de acomodação, mas regalaram-se com a suíte normalmente reservada ao caudilho (o ditador Francisco Franco) ou a altos dignitários do governo espanhol. No Parador dormi que nem um Rei.

No dia seguinte em direção a Madrid, em dois carros (Fiat 1500 e Ford Taunus 17 M) o Carlos Alberto fez uma ultrapassagem, numa reta sem fim, mas com risco contínuo, e foi apanhado pela Guardia Civil. Nem o passaporte diplomático evitou pesada multa. A viagem decorreu sem mais incidentes até Madrid onde as senhoras se deleitaram nas compras no Preciados e no El Corte Inglés. Estava embaçado, boquiaberto, pasmado, atônito, estupefacto, siderado, basbaque e desqueixolado: as jovens funcionárias de balcão, eram encantadoras, muito sorridentes e bem mais maquilhadas que as colegas portuguesas que raramente usavam pintura.

*Deliciado, decidi mudar-me logo para Espanha para estar perto das atraentes jovens. Para além da majestuosidade dos edificios (Puertas del Sol e Museu do Prado), recordo a imponente Abadia do Vale dos Caídos que o ditador Franco construiu em memória da Guerra Civil.*

*Mandado construir por Felipe II, (1563-1584, (El Escorial) tem um Palácio, um Mosteiro e uma das maiores bibliotecas do mundo, ocupando 30 mil km2, com 9 torres, 9 órgãos, 16 pátios, 73 estátuas, 86 escadarias, 88 fontes, 300 celas, 1200 janelas, mais de 1600 quadros, 2673 portas, etc. Aqui jaz grande parte dos Reis de Espanha dos últimos quinhentos anos da dinastia de Habsburgo e Bourbon.<sup>262</sup>*

Só ali voltei em 2004, mas lembrava em detalhe o percurso, as lajes de cimento no pavimento da estrada, a subida íngreme e a nave, apesar de terem passado mais de quarenta anos. Igualmente vi o enorme El Escorial na Serra de Guadarama, 50 km a noroeste de Madrid.

261 (A ponte, hoje retirada da circulação pela Barragem do Baixo Sabor, esteve encerrada e em risco de cair em 2005).

262 O Panteão real contém os túmulos do Imperador Carlos V (Carlos I de Espanha), Filipe II, Filipe III, Filipe IV, Carlos II, Luís I, Carlos III, Carlos IV, Fernando VII, Isabel II, Afonso XII e Afonso XIII.

Foram passeios que me encheram de História, e da percepção que embora ambos sob Ditadura, os dois países não tinham nada a ver um com o outro. Eram bem diferentes e se bem que comunicássemos em castelhano, pois normalmente não compreendem português, o certo é que tinham atitudes bem diferentes das portuguesas. Ainda não conhecia Lisboa (só a viria a conhecer em 1966 com 17 anos) mas adorei conhecer Madrid, Ávila, Salamanca. As estradas eram melhores, as gentes simpáticas, a maneira de viver mais aberta e franca. Comparados com os portugueses os espanhóis pouco ou nada tinham em comum, exceto algumas semelhanças linguísticas, de uma forma geral, mais divertidos, mais luminosos e nada sorumbáticos.

### **58.5. QUINTA DA BENDADA e SENDIM DA RIBEIRA**

Recordo sempre com enorme pesar, mesclado de saudade, as férias passadas na Quinta da Bendada, perto do Sendim da Ribeira. Ficava ao lado das Quintas de Zacarias<sup>263</sup> e de Saldonha<sup>264</sup>. Ali estive – ao menos - três vezes, em férias de verão com uma tia-avó e a prima do Azinhoso. Não havia luz elétrica, embora cabos de alta tensão estivessem plantados a menos de cem metros da casa. O poste, com o zumbido permanente assustava as gentes simples do campo, temerosas da inovação que não compreendiam e que lhes não servia de nada. Comia-se sempre à luz de vela, lamparina ou Petromax. Levantar era bem cedo como sói acontecer nas aldeias, mal o sol despontava. Depois do lauto pequeno-almoço de pão ceiteio, torrado nas brasas, davam-se uns passeios, mas era depois da habitual sesta da tarde, lá mais pela fresquinha, que se aprestava uma mula ou macho e ala cascos que estes montes eram indubitavelmente meus durante as horas seguintes, passadas – quase sempre - sem se ver viva alma.

A picada para o Sendim da Ribeira passava mesmo por debaixo das janelas laterais da casa de dois pisos que fazia um retângulo perfeito, com um terreiro (uma zona central ampla que daria para um picadeiro, se alguém se tivesse lembrado de o construir), tendo a ladeá-la, a casa dos caseiros de um piso, a alta casa de aprestos agrícolas e celeiro, e em frente à casa, dois lagares. O lagar de azeite deliciava por ver como se processavam as azeitonas e quanto trabalho dava para preparar o líquido viscoso e esverdeado que servia para apaladar a comida.

Também vi, muitas vezes, fazerem vinho no outro lagar, onde as uvas eram pisadas com os pés à boa maneira tradicional. Não esqueço o cheiro a mosto, mas evoco os céus (então ainda e sempre azuis) sem sombra de nuvens, as noites estreladas, o silêncio entrecortado pelo vento nos trigais e ocasionalmente, lá nas alturas, um rasto solitário dum avião europeu a caminho de alguma parte, possivelmente bem longínqua. Punha-me a imaginar os destinos prováveis, consoante a direção que o rasto de vapor na atmosfera deixava, imaginando África, América ou apenas a mera Lisboa que ainda não conhecia embora já tivesse ido a Madrid...

Vivíamos com os sons simples dos animais e pássaros chilreantes pois não havia rádio nem televisão, e embora já inventada e divulgada nas cidades lá ainda não chegara. Só tínhamos eletricidade na casa do Azinhoso onde havia um barulhento gerador a gasóleo, que muitas vezes tive o prazer de ligar. Em contrapartida havia livros, muitos que se liam devagarosamente, como diria Mía Couto, e o tempo tinha outra duração mais compassada e menos rítmica. Era cavalgar, e mais cavalgar, percorrer distâncias não muito grandes, um raio de 10 km, não mais, mas bem difíceis, que ali só havia montes, vales e ribeiras. Se não fossem as oliveiras, cerejeiras, sobreiros e outras árvores de fruto, lembrariam rotas misteriosas na selva de África, sobre as quais já lera tantos livros infantis ou de aventuras. Ali não havia trilhos nem estradas, além do caminho, bem pisado por cavalgadas, muito estreito e poeirento, que nos unia à aldeia mais próxima. Um dia caí do macho ou mula no empedrado do Sendim da Ribeira e não me magoei muito, mas meses mais tarde descobri uma lesão congénita na coluna.

---

263 Em 2017 a Quinta de Zacarias, a 5 km de Alfândega da Fé é constituída por quatro explorações agroflorestais - Quinta de Zacarias; Quinta da Bendada; Quinta do Arquinho (ou do Cruzeiro), Quinta do Mário Almeida, ocupando 950 hectares. É recortada por ribeiras e linhas de água  
264 A zona de caça municipal de Valpereiro, a área florestal, silvopastoril e agricultura na encosta nascente da Serra de Bornes, até à Ribeira das Cavas, proveniente da Barragem da Camba, envolvendo as localidades de Felgueiras, Agrobom, Castelo, Valpereiro e Saldonha é um autêntico paraíso para o desenvolvimento e reprodução de animais de caça grossa.

Os relógios haviam parado e o tempo parecia eterno, deixava-me embalar nele e vogava ao sabor da cavalgada. Atravessavam-se rios e ribeiros e escalavam-se montes a perder de vista sem sinal de gente. As aldeias eram poucas e afastadas quilómetros por picadas e trilhos. Depois vinha para casa ao entardecer, contar as proezas das cavalgadas e após um último olhar às estrelas infindas era o dormir dos santos e justos. Ao domingo fazíamos o percurso lentamente, com a prima e tia sentadas em cima da albarda dos jumentos, de pernas à banda, rumo à Igreja mais próxima, no Sendim da Ribeira.

Nessa época as aldeias tinham gente e os padres iam sempre lá, domingo após domingo. Era o evento da semana quando se viam as pessoas todas, reunidas nos melhores fatos domingueiros, muitos deles já puídos até ao fio, herdados do casamento, que na vida do campo só se botava fato para ir à Repartição ou à missa.

Quando os padres não residiam na aldeia (por terem várias na sua jurisdição e nem em todas tinham casa) faziam o circuito das aldeias vizinhas e celebravam missa após missa, aldeia após aldeia, burro após burro, por entre a canícula de inverno e as neves inverniais. Guardo memória detalhada visual dos sítios e da gente.

Quando entre 2002 e 2005 tentei percorrer esses locais, descobri estradas novas onde dantes havia trilhos e picadas. Alguns sítios tinham perdido a imagem misteriosa e mística da juventude e da memória de gentes perdidas. A Quinta da Bendada, herdada por uma prima (viúva do Zeca do *De Soto*), abandonada e decadente, fora vendida a um ator de telenovelas, *Tó Zé Martinho* ou coisa que o valha. Por vezes gostava de poder ter uma máquina do tempo e regressar a essas memórias, mas só o podia fazer através de linhas destas no ecrã do monitor. Vim a saber em 2017 que a casa fora, entretanto, demolida.

O Sendim da Ribeira, da antiga Freguesia, juntamente com a anexa de Sardão, pode ser uma das mais antigas do Concelho, de origem visigótica e na zona existe um topónimo "castelo", que pode andar associado à existência de um castro, cujos vestígios, contudo, são difíceis de identificar. A Igreja seicentista foi profundamente renovada em 1972. Em 2006 tinha 128 habitantes, 92 em 2011 e hoje menos. A Freguesia foi extinta em 2013, e agregada à de Parada. O Sendim da Ribeira fica num buraco, no fundo dum vale, e em volta há, para sul, os Cerejais, Ferradosa, Parada; para leste Vilar Chão; a norte, Vale Pereiro, Saldonha, e para oeste Gouveia e Sendim da Serra. Estas terrinhas eram servidas por estradas municipais ou caminhos de terra batida, mas os montes circundantes tinham estradas de acesso a Alfândega da Fé, a Macedo e a Mogadouro, e era espantoso ver (de hora a hora, na melhor das hipóteses, que o movimento era pouco na década de 60) pequenas luzes dos tremeluzentes faróis amarelados de viaturas a atravessarem os montes, por entre relâmpagos que iluminavam o vale. Memorável. As imagens ficaram guardadas na memória. Há fotografias que não estando em negativo, jamais amarelecem na memória.

Guardo memórias mais assustadoras da *Casa do Alto* no Sendim da Ribeira, pertencente à tia e primas do Azinhoso, de onde se ia à missa e, onde, por vezes, se ficava (quando precisavam de mantimentos na Quinta da Bendada e era tarde para regressar). Ali, naquela casa era um espanto ver as inúmeras trovoadas à noite, valia a pena ver o espetáculo dos raios a caírem a toda a volta do fértil vale. Indescritível lembrança que guardo com olhos adolescentes. Lembrava-me, e nunca esqueceria, as trovoadas fortes em pleno verão, durante as quais corríamos todos para debaixo das camas, embrulhados em cobertores de papa, a rezar a Sta. Bárbara a pedir que passasse. Muitas eram trovoadas secas, as mais perigosas, tanto mais que a casa era o ponto mais alto da aldeia e o ribombar dos trovões ecoava como um temível castigo divino sobre a cabeça dos pecadores. Ainda tremo hoje quando há trovoadas secas, já não rezo à Sta. Bárbara, mas recuperei, na casa da Eucísia, os cobertores de papa para uma emergência. Foi nessa casa que me estreei nas "lides artísticas", convidando jovens da aldeia para me virem ouvir recitar e cantar (mal) do cimo das escadas, ficando à espera de aplausos. Era o grande entretenimento numa terra onde a palavra era quiçá desconhecida. Há anos encontrei no meio dum livro, um pedaço de papel com os nomes das melodias.

Foi na década de 1960 que se instalaram postos de PBX nas aldeias, um sistema de cavilhas com doze extensões a ligarem as pequenas centrais às pessoas. Os meus tios-avós no Sendim da Ribeira (pais de dois primos que vim a reencontrar décadas mais tarde, aqui nos Açores onde se radicaram em

1960 e em 1975) tinham uma venda na qual estava instalado o Posto Telefónico da Anglo-Portuguesa de Telecomunicações ou ATP<sup>265</sup>. O Posto ATP 137 era o único contacto com a civilização. As aldeias, tantas vezes isoladas durante os nevões de inverno, sempre avessas a qualquer mudança ou modernice não acolhiam bem o telefone e só havia meia dúzia de linhas ligadas. Era importante para quem tinha um aparelho daqueles em casa, com a sua manivela a dar e a dar, não esperar muito por alguém no Posto para atender o saudoso PBX de cavilhas. Estas tinham que se colocar na ranhura. Quando a chamada entrava na central, a tampinha caía e havia que enfiar as cavilhas de dois fios nas ranhuras cujas tampas tinham caído. Depois, havia auscultadores de baquelite preta, pesados, com microfone através dos quais se perguntava a quem telefonava, para onde queria ligar, qual o número, etc. Trocavam-se dois dedos de conversa enquanto se discava o número, para a Central Telefónica (Regional ou Nacional). Quando o interlocutor respondia trocavam-se as cavilhas e as pessoas podiam falar.

O período da manhã era muito calmo, quase sem chamadas, aumentava ligeiramente até à hora de jantar, depois raras vezes tocava. Para um jovem como eu, era um entretenimento delicioso controlar esta forma de comunicação e saber simultaneamente o que se passava, quem falava com quem, ao mesmo tempo que me permitia ir conhecendo “virtualmente” a meia dúzia de pessoas que habitavam nas redondezas. Este sistema permitia transmitir mensagens, notícias e outros avisos numa era em que os rádios mais potentes captavam bem as emissões espanholas e mal as portuguesas, a televisão não chegara àqueles paragens, e a luz elétrica era uma miragem.

A TV espanhola veio décadas antes da portuguesa. Os jornais chegavam atrasados pois apesar de usarem os comboios diários da Linha do Douro e suas ramificações, não havia carreiras de camionagem regulares para os sítios mais interiores e muito menos para aldeias sem estrada como eram as aldeias da família: Eucísia, Azinhoso ou Sendim da Ribeira. No inverno, muitas vezes, ficavam isolados e a estrada de terra batida intransitável. O mundo podia acabar que só viriam a saber bastante mais tarde. Ainda hoje me apetecia viver em sítios assim.

Doutra coisa estava certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas viagens que fiz do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança, quando se saía, creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira), antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente a 15 dezembro 1991.

E é esse passado mítico que os modernos governantes estão a querer roubar-me, a violar a minha juventude e as memórias perdidas e isso, jamais lhes perderei. Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntemo-nos todos para salvar<sup>266</sup> a linha do Tua que é minha e dos que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles querem dilapidar.

#### **58.6. MOGADOURO**

*Tinha começado a namorar seriamente aos 16 com alguém que a família não considerava compatível com os pergaminhos. Vivia longe. Correspondíamo-nos às escondidas, ela era seis anos mais velha. As missivas iam para casa doutrem e escondidas. Até um dia em que o meu pai descobriu os tacos do parque desequilibrados e destapara epístolas de quentes confissões amorosas. Uma paixão anormal. Namoro condenado. Eu no Liceu, ela na Faculdade de Letras em Coimbra. Eu não o via assim. Bom para a imagem, para o ego e sabe-se lá para que mais. Era prima direita das primas do Azinhoso. Constavam coisas, boatos, intrigas e escárnio. Uma vez, em férias na Eucísia, ela foi, de carro de praça (táxi), visitar-me. Demorava mais de duas horas de Mogadouro e custava um balúrdio. Fazia viagens ao Porto às escondidas de todos, telefonemas infíndáveis, cartas*

265 [a que se seguira (1968) a TLP (Telefones de Lisboa e Porto) em 1994 passaria de Telecomunicações de Lisboa e Porto a PT Comunicações e em 2017 a ALTICE]

266 (nota posterior: de nada serviram os milhares de abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram.)



diárias, o gosto e incentivo pelos escritos poéticos do adolescente. Vivia no então imponente, atualmente decrepito e arruinado, solar <sup>267</sup> dos Pimentéis<sup>268</sup>.

Mal entrei na Faculdade comecei a ir ter com ela aos fins de semana a Coimbra, à boleia ou de comboio. Fui muitas vezes com o falecido oftalmologista Rufino Ribeiro. O filho (Paulo) frequentava a Faculdade em Coimbra e mais tarde (1996) seria meu oftalmologista. Fiquei em "Repúblicas" de estudantes, passei fins de semana em latadas, "Queima das Fitas", idílios no Jardim Botânico ou na Quinta das Lágrimas. Para passar o fim de semana fora sem levantar suspeitas inventei uma história sólida. Como me dava bem com outro parente, o jovem Francisco Bernardo Correia Leite Sampaio de Almada-Lobo (Azenha<sup>269</sup>), que era da minha idade e andava em engenharia, resolvi improvisar. Dizia que ia para a quinta dele, fazendo detalhada descrição dos salões da casa senhorial sem lá ter ido, para os lados de Vizela. Um dia tudo acabou nem sei por quê ou quando.

Há paixões que se assemelham a furacões, umas destroem tudo, outras nem rasto deixam. Vidas que pareciam impossíveis sem a presença do outro prosseguem sem recordações. A minha prima que tanto se opusera ao namoro fez questão de eu a rever (em 1988), numa cena caricata aquando dumás férias australianas em que escalei o Mogadouro. Envelhecida (mais do que seria de imaginar), casada com um ex-padre e mãe de crianças rabugentas. Doméstica e domesticada, dona-de-casa-desesperada como as da série televisiva, sem interesse, nem conversa, não se vislumbravam nela sombras da antiga flama. Destilava veneno, inveja, fel e bilis nos instantes em que trocamos palavras. Abençoado ex-padre que a perdoaria.

As únicas férias em que não fui a Trás-os-Montes coincidiram com os anos finais do liceu.

O Concelho de Mogadouro, a uma altitude média de 700 m., estende-se por 756 km<sup>2</sup>, numa zona planáltica. As exceções são os conhecidos "cumes do Mogadouro", que se elevam a 900 m. É um território, repartido pelas bacias dos rios Douro e Sabor. Uma população de vinte mil habitantes em 28 freguesias. A vida está definitivamente interligada ao clima com duas faces distintas: inverno rude, frio, muita chuva e neve; verão muito quente, típico dos climas continentais, sufocante. Na economia doméstica o porco, ocupa um lugar indispensável. Os recos ou laregos, são criados com todo o carinho, para a ocasião, quase ritual, da matança. Além dos presuntos, as alheiras, os bulhos (chouriços de ossos), os chouriços de sangue, as linguças, as bochas, os chabianos, os vilões, as tabafeias, e o salpicão, são os reis da gastronomia, onde se destaca a célebre posta (naco de vitela da raça mirandesa, criada em pastos naturais, assada na brasa), a marrã (porco na brasa), a sopa de xis, as caseias com bulho (vagens de feijão, secas, cozidas com bulhos, bochas, carne de porco gorda etc.), as sopas das segadas, o cabrito serrano, o cordeiro churro (assado na brasa), as nabiças e os queijos (cabra e ovelha churra), o mel, os "económicos", os "roscos", os "matrafões", "as rosinhas" (doce de Bruço), os "formigos" e o folar da Páscoa.

Por Mogadouro passaram os mais diversos povos, vestígios celtas, muçulmanos, Templários e dos Távoras, arqueológicos ou arquitetónicos, povoam as freguesias do Concelho. Muita coisa foi destruída pela febre assanhada da vingança pombalina contra a nobre família.

Quanto à origem do nome Mogadouro, excetuando teorias fantasiosas ou menos credíveis como a muçulmana, a mais corrente é do Professor Adriano Vasco Rodrigues: "Mógo significa marco implantado, como separação ou divisão de um território. Tem o mesmo significado que moiom ou linde, baliza para demarcar uma área.

O termo foi importado da linguagem popular. O marco do Douro, o Mogadouro, terá nascido assim". Rosa de Viterbo, no Elucidário, no séc. XVIII, cita que a palavra mógo está ligada a marco de separação dos terrenos, sendo usado em Ansiães. Os testemunhos mais antigos datam do séc. IV a.C. a

<sup>267</sup> Proteção: Imóvel de Interesse Público, Dec. nº 2/96, DR 56 de 6 março 1996. Embora se desconheça o arquiteto, parece ter influências de Nazoni.

<sup>268</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=WW\\_I7e2vjwg](https://www.youtube.com/watch?v=WW_I7e2vjwg) O Solar dos Pimentéis residência solarenga na EN 221, 5 km depois de Mogadouro, em direção a Moncorvo. Diz Luís Pardal: "O solar barroco com espaços verdes similares aos do Palácio de Mateus em Vila Real. Ostenta uma imponente fachada, com largas pilastras, um dos mais elegantes do distrito de Bragança. Foi mandado construir, em 1752, pela família dos Távoras, adquirindo brasão, em 1795, por carta de D. José I. Mais tarde, por outro Decreto Real, é conferida à família Morais Pimentel a propriedade. São os primeiros proprietários da alta aristocracia com gostos requintados pelos diferentes títulos e pelos cargos como o de vice-rei na Índia e embaixadores nas cortes europeias. O Imóvel possui 365 portas e janelas, uma por cada dia do ano". Outra versão alega que foi mandado construir pela família do governador do Rio de Janeiro "Castro Morais" (eram da terra, militares da casa real e comendadores de Santa Maria a Velha de Castelo Branco a par da casa de Távora). Como as coisas correram mal aquando da tomada do Rio pelos franceses este veio aposentado para a aldeia e as filhas casaram com familiares dos Pimentéis e Sarmento que, por via varonil, são herdeiros do dito palacete.

<sup>269</sup> filho do Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha (título criado em setembro de 1852),

mamoas em Pena Mosqueira, Sanhoane, e outra no Barreiro, Vilar do Rei. Do Paleolítico, nada se encontrou. Vejamos o que diz o Dr. Domingos Marcos e o texto de Rui Cunha e Maria João Cunha: Do Calcolítico, transição do Neolítico para a Idade dos Metais ou Bronze Final, parecem ser as pinturas rupestres da Fraga da Letra, junto ao castelo de Penas Róias. Da Idade do Ferro, pouco se conhece.

O Dr. Hermínio Augusto Bernardo, no estudo, "Povoamentos Castrejos Portugueses e Espanhóis da Bacia do Douro Internacional", enumera castros no Concelho: Castelo dos Mouros (Bruçó); Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos); Peredo de Bemposta; Castelo, presumivelmente um Castro (Bemposta); Castelo de Oleiros (Urrós); Cerca e Caçarelhos, Picão da Bouça d'Aires (Urrós). Neste último castro romanizado existe um santuário rupestre chamado "Altarico".

Existem muitos mais espalhados pelo Concelho, como o castelo de Mogadouro assente sobre um Castro. A partir do I milénio a.C. começaram a chegar povos do centro da Europa, do grande ramo Celta. Um povo mencionado por Estrabão e referido em aras votivas em Castro de Avelãs (Bragança), os Zoelas segundo vários autores, iriam das serras da Nogueira, Sanábria e Culebra a Mogadouro, com elementos de cultura singular, estelas funerárias decoradas com suásticas circulares, simbolizando o sol, e motivos zoomórficos, o porco e o veado. Não se sabe se os Zoelas faziam parte dos invasores de origem centro-europeia, eventualmente céltica, ou se seriam autóctones peninsulares como os Astures Augustanos.

Posteriormente, a ocupação romana traz modificações significativas, promoveram o arroteamento dos campos para permitir a cerealicultura extensiva, fixaram-se em estruturas construtivas organizadas, as vilas, fortificaram infraestruturas existentes, como o castelo de Penas Róias, romperam estradas que ligaram a região à Capital Asturica Augusta (Astorga), capital da Hispânia Citerior, à qual pertencia Mogadouro. É de registar, desta época, o berrão de Vila dos Sinos (perto de Vilarinho dos Galegos), a estela funerária de Sanhoane e o curiosíssimo altar votivo de Saldanha. Depois da queda do Império Romano do Ocidente (séc. V d.C.), os invasores, Suevos ou Visigodos deixaram necrópoles medievais de Algosinho e Urrós, com túmulos antropomórficos.

Durante a Idade Média, os ataques de Leão e Castela tinham aqui uma decisiva barreira. Foram edificadas as castelagens de Penas Róias (1166) e Mogadouro, ligados aos de Algosinho, Miranda do Douro, Outeiro e Vimioso. Mogadouro recebeu foral (D. Afonso II) em 1272. Os Templários a quem a vila havia sido concedida construíram a muralha que D. Dinis concluiria. Após o séc. XV, a vila foi dominada pelos Távoras que edificaram um soberbo Palácio, tendo, como senhores de Mogadouro, assumido importante papel na defesa de Trás-os-Montes. Ao Marquês de Pombal se fica a dever a quase total destruição da antiga riqueza e dos seus palácios.

O Concelho nem sempre teve a configuração atual, algumas povoações foram circunscrições independentes, com autonomia política e administrativa, rivalizando em importância social e económica com a atual sede. É o caso de Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Róias, antigas vilas com foral e concelhos com pelourinhos subsistentes (à exceção de Penas Róias) e justiças próprias.

Na documentação oficial há séculos, a mais tradicional Feira é a dos Gorazes. Viterbo encontra a origem da palavra no nome Gorazil ou Gouarazel. A festa anunciava o tempo da matança dos porcos e de cumprir as obrigações fiscais aos «senhores do Mogadouro», justamente com carne de porco. "Os Gorazes anunciavam o começo da época da matança; as pessoas iam aos Gorazes comprar a primeira marrã". Na feira "havia um dia para a feira dos burros, - dia 15; a 16 a feira normal; e a 17 era a feira do gado". Do ponto de vista social, era um acontecimento de grande importância, "vinha gente de todo o lado, a pé, a cavalo, e pernoitavam; cantava-se à desgarrada, jogava-se às cartas e dava-se início a namoricos". Em Sendim de Miranda, «Grazes» (como diz o povo) é a feira onde se vendem burros, mulas e cavalos desde há quase 300 anos, mas está a descaraterizar-se pelas alfaias industriais, pelo negócio dos chineses e dos vendedores da banha da cobra. Mas encontram-se ainda os chapéus e os lenços pretos dos velhos e velhas que descem das aldeias e ali se instalam a vender queijo artesanal, cebolas, dióspiros, marmelos, romãs...

Dentro de poucos anos já não será possível fazer, assim, retratos de «velhos Gorazes».

*Essa tue tan grande feira  
De trinta de Outubro yê tal  
Que nun beio nestas tiêrras  
Outra que le seia eigual.*

*O paganismo, também tem o seu lugar, em festas como o “Velho Chocalheiro”, em Bemposta, o “Farandulo” de um “indivíduo” de cara alegre e risonha que se chama Tô, ou das Festas da Bexiga em Bruçó.*

*Em visita por Mogadouro, o escritor José Saramago percebeu bem o espírito da região. Deixou impressões em “Viagem a Portugal”:*

*“O viajante é natural de terras baixas, lá para o sul, e, sabendo pouco destes montes, esperava-os maiores. Não faltam os acidentes, mas são tudo colinas de boa vizinhança, altas em relação ao mar, mas cada qual ombro com ombro, da qual está próxima e todas perfiladas. Em todo o caso, se alguma se atreve um pouco mais ou espigou de repente, tem o viajante uma diferente noção destas grandezas, não tanto pelo que está perto, mas pela vultosa serra ao longe.*

*Chegando-se-lhe, percebe-se que a diferença não era assim tão grande, mas bastou para promessa de um momento. A linha férrea que vai ao lado da estrada parece de brincadeira, ou restos de solene antiguidade.*

*O viajante, cujo sonho de infância foi ser maquinista de Caminhos-de-Ferro, desconfia que a locomotiva e as carruagens são desse tempo, objetos de museu a que o vento que vem dos montes não consegue sacudir as teias de aranha. Esta linha é do Sabor, nome do rio que se torce e retorce para alcançar o Douro.”*

*Por Mogadouro passavam os Caminhos de Santiago:<sup>270</sup> há um principal ao nível de Trás-os-Montes (secundário a nível nacional) e vários outros, constituindo uma rede “capilar” de inúmeros caminhos jacobeos. O principal chegava a Mogadouro de Castelo Rodrigo, por duas vias: uma por Freixo de Espada à Cinta<sup>271</sup> outra por Moncorvo<sup>272</sup>.*

*Em Mogadouro o Caminho de Santiago bifurcava-se.<sup>273</sup> Depois, havia inúmeros “capilares”, desvios secundários, ao Azinhoso podia chegar-se<sup>274</sup> de Santiago<sup>275</sup>, podia chegar-se de Peredo de Bemposta<sup>276</sup> e de Bemposta<sup>277</sup>. Do sul, antes de Mogadouro, em Zava<sup>278</sup>, fica a Capela de S. Cristóvão, santo protetor dos caminhantes.*

*A Matriz de Mogadouro, antecessora da atual, era de estilo românico ou visigodo. Não se sabe quando foi substituída.*

*O Convento de S. Francisco, referido em documentos de 1609 (Frades terceiros), foi ampliado com a data na frontaria, 1689, que deve indicar o ano em que as obras ficaram concluídas. Foi mandado edificar por D. Luís Álvares de Távora, sétimo comendador de Mogadouro (extinto em 1834, com o liberalismo, através de decreto de Joaquim António de Aguiar, o “mata-frades”).*

*Nos finais do sec. XIX, aquando da candidatura de Trindade Coelho como deputado por Mogadouro o eminente político publica um livro sobre o assunto, “A Minha “Candidatura” por Mogadouro” obra excelente sobre o Mogadouro de finais do século e as confusas tricas políticas da agonia monárquica. Como referiu João de Araújo Correia: “Era transmontano. Quem o é de raiz não pode ser discípulo de ninguém. Tem dentro de si uma Universidade. Com os olhos postos em Mogadouro, escreveu “Os Meus Amores” - livro que não é livro. É a própria terra do escritor, reproduzida pelo talento de quem lhe quer bem”.*

As férias transmontanas foram o apogeu da juventude. Jamais as esquecerei e gostava de poder viajar no tempo para as reviver.

270 <http://concelhos.dodouro.com/jornal/mogadouro.asp>

271 (Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Escalhão, atravessava-se o Douro na barca de Barca de Alva, Quinta de Santiago, Freixo de Espada à Cinta, pelo Concelho medieval de Mós, Fornos, Lagoaça, Bruçó, Mogadouro);

272 Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Almendra, Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, atravessava-se o Douro na barca do Pocinho, Moncorvo, Vilariça, Adeganha, Parada (atravessava-se aqui o Sabor na barca de Sto. Antão da Barca, Mogadouro).

273 um por Mogadouro, Capela de N. Sra. do Caminho, Azinhoso 273 depois por uma ponte medieval que ligava a Penas Roias, Algosos, Vimioso, Bragança, outro de Mogadouro, N. Sra. do Caminho, Algosinho 273, Ventoselo 273, Urrós, Sendim 273, Miranda do Douro

274 (neste, ficava o monóptero de S. Gonçalo, santo associado aos caminhos)

275 por Variz, Castanheira, Valcerto, Algosos, Campo de Víboras, Vimioso; a Santiago (Vila de Ala), importante cruzamento de caminhos

276 (por Algosinho, Ventoselo, Vila de Ala)

277 (por Lamoso, Tô e Vila de Ala)

278 O nome de Zava (o povo pronuncia Zaba), virá de Zabab que quer dizer, depressão.

## **CRÓNICA 59 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE, 31 outº 2008**

### **59.1. PONTA DELGADA - LISBOA**

A vida tem coisas destas, está uma pessoa bem descansada na reforma, com o lazer como forma de vida e de repente, sem se dar conta, é chamado a prestar serviço ativo. Por vezes acontece, mas sempre no conforto do lar, nas horas vagas e consoante a inspiração diária, mas desta vez foi diferente. Era preciso marchar e andar ao serviço de Sua Majestade, a Rainha Isabel I da Austrália. Uma aventura diferente e certamente não apreciada pela família, que se iria ver separada durante uns dias, pela primeira vez, ao fim de quase catorze anos.

*A viagem em classe executiva Ponta Delgada - Lisboa, cortesia do governo de Camberra, sem incidentes. Chegada a Lisboa pela meia-noite acompanhada duma prolongada e inusitada espera, de mais de 45 minutos pela bagagem no terminal 2, a uma hora em que não havia tráfego aéreo.*

*Discriminação contra os Açores ou ineficiência propalada pelas críticas à Groundforce que explora aquela atividade e tem sido acusada de tudo, até de roubos.*

*Depois foi uma alucinante viagem de táxi com um condutor obviamente no pleno uso das capacidades inebriantes do peyote mexicano ou qualquer outra droga inibidora das capacidades motoras e de discernimento.*

*Seria daltónico? Sinais vermelhos ou semáforos verdes eram iguais. Poderia ser um caso extremo de daltonismo não fora a velocidade de 120 km/h em plena Avenida de Roma, e a agressiva travessia da rotunda do Marquês colocando-se à frente doutras viaturas que ali circulavam e eram obrigadas a travar.*

*O facto de chegar, são e salvo, foi celebrado com a apressada saída da viatura kamikaze, à porta do Hotel Marquês de Pombal, na esquina da Av. Alexandre Herculano. A hora ia adiantada e o sono só chegaria pelas 4 da manhã.*

O toque de despertar da TV e do telefone foi pelas 07.20 horas. Depois no salão de pequeno-almoço experimentei, pela primeira vez a minha futura droga, Nespresso de café saborosíssimo, especialmente Arpeggio e Ristretto. Estava a preparar-me para me deliciar com o primeiro desses dois quando a médica australiana, que iria coadjuvar, se aproximou e se identificou.

Sáimos passados minutos, numa caminhada pela Fontes Pereira de Melo até Picoas e depois descendo a António Augusto de Aguiar. Paragem num consultório médico e num laboratório, antes de seguir a pé, para o segundo encontro da manhã numa clínica médica e numa de radiologia que nos levaria (sempre) a pé até ao Hotel do Marquês perto do meio-dia e meia.

Fui ao quarto refrescar-me, dei uma volta e sentei-me na Irlandesa, uma pastelaria nascida em 1938 pela mão de José Loureiro Botas, um prosador célebre (1902-1963). Uma refeição de prego no prato pela módica quantia de 6,50€. (Em 2017 era uma hamburgueria ou pizzaria).

O intervalo de almoço era curto pois, pelas 13.30, tínhamos de ir a pé até à estação de metro do Parque (Eduardo VII) em frente da qual se localizava a Clínica Internacional de Lisboa e a clínica de radiologia anexa, onde tínhamos de tratar assuntos do governo australiano relacionados com a imigração e atestados médicos emitidos em Portugal. Depois, regressei ao Hotel, passei pelas brasas a recuperar algum do sono perdido na noite anterior.

*Nas poucas horas passadas na capital descobri uma cidade mais limpa do que era habitual, com os condutores (quase todos) a pararem nas passadeiras para os peões atravessarem, menos lixo no chão, pessoas sempre apressadas como acontece em todas as cidades, e um número infindo de prédios devolutos, entaipados e em ruínas a contrastarem com modernos edifícios de escritórios e de hotéis de luxo. Uma surpresa positiva e inesperada na cidade mais falida de Portugal.*

Pelas 20 horas, um amigo de longa data, dos anos áureos de Sydney, ex-cônsul da Emigração, o Eduardo Guedes de Oliveira (quadro superior da GALP) veio buscar-me para jantar. Fomos a uma Cervejaria Portugália nova, na zona de Alcântara - Cais do Sodré, com bela vista para o Tejo (e era noite) não longe do magnífico edifício de rico recheio que é o Museu do Oriente da Fundação do mesmo nome.



*Não olvidemos que as cidades têm uma vida própria e pode transmutar-se independentemente do que os próprios habitantes se não apercebem por viverem nelas. Lisboa estava diferente, mais limpa, com menos graffiti e mais civismo, havia papeleiras e cinzeiros nas ruas em frente aos prédios onde os párias leprosos dos fumadores podiam deixar as beatas ou priskas do vício socialmente condenável, desde que o governo decidira não ser aceitável fumar tabaco em locais fechados.*

*Era assim o mundo, longe iam os dias do glamour cinematográfico do cigarro descaído ao canto da boca dos atores da moda. Agora as modas eram outras, e vivíamos já no séc. XXI do politicamente correto. Em Lisboa uma outra alteração se dera, as pessoas sabiam já indicar direções e apontar caminhos aos forasteiros como nós.*

*Uma revolução pacífica se operara e ninguém dera conta. A vida ao contrário dos rios não corre sempre na mesma direção, embora houvesse países apostados em descer os rápidos rumo ao abismo.*

*O seu país, real ou imaginado, era ele quem o construía, dia após dia, utopia após utopia, numa galopante desfilada de morros e desfiladeiros que se entretinha a ultrapassar como se fossem meros morros ou pequenas dunas, castelos de areia que ele, mar, tinha por obrigação alisar.*

Na manhã seguinte, livre, um pequeno-almoço tardio, depois fiz o tempo render até que o meu filho gémeo viesse para irmos almoçar juntos, numa cumplicidade que nunca existira (nem voltaria a existir). Incómodos de princípio, até porque a esplanada da Irlandesa<sup>279</sup> estava impraticável devido às ventanias ciclónicas que se tinham abatido sobre a cidade com chuva.

Acabamos, e ainda bem, por ir, mais acima, na mesma rua Alexandre Herculano onde um pequeno café (Pastelaria Herculano) tinha mesas abrigadas para almoçar. Falamos de banalidades e não só, de planos futuros, a nível emocional e profissional e estabeleceu-se uma pequena ponte para o entendimento que até aí nunca existira.

*A chuva, entretanto, fazia-se sentir e pelas 13.30 já estava no átrio do Hotel esperando a médica australiana, que a cada passo que dava me obrigava a dar dois, vegetariana, amante da natureza e de passeios a pé, com mais de um metro e oitenta e cem quilos bem pesados. Simpática apesar de tudo e apologética pela chatice do trabalho que seria pouco exigente e bem pago.*

## **59.2. LISBOA - FUNCHAL**

Para quem – como eu – nunca gostou do Alberto João Jardim e algumas linhas escrevi a ridicularizar a personagem e o político, que reina na Madeira há duas décadas e meia, jamais esquecerei que a melhor memória dele se resumia a levar com uma chuva de perdigotos nas suas visitas à Austrália, quando era jornalista da LUSA e tinha de ir entrevistar aos clubes madeirenses em Sydney.

A Madeira era um local que prometi visitar apenas depois de o mesmo ser apeado do poder. Contudo, após hora e meia de voo, a Madeira revelou-se uma agradável surpresa, depois de sobrevoar a inóspita Porto Santo, uma barreira de areia esbranquiçada orlando a costa sul, um pequeno maciço no norte e o resto plano, entrecortado a meio por uma pista de aviação. Porto Santo, visto do ar, parece que pouco se alterou desde que Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira ali chegaram em 1418.

A população de menos de três mil almas é assoberbada por mais de dez mil turistas e o equilíbrio ecológico far-se-á sentir descomedido.

Minutos depois de sobrevoar a ilha avista-se a ponta sul da terra de Bartolomeu Perestrelo, rochedos e penhascos perdidos no mar como se algum gigante se tivesse esquecido de os buscar para lançar a sua físga, enquanto um Farol solitário observa lá do alto, guardião destas ilhas e ilhotas antes infestadas por piratas. O seu pico atinge 1832 metros e fica no mesmo paralelo da mítica Casablanca, apenas a 440 km das Canárias (a mesma distância de Timor a Darwin). Tem 57 km de comprido e 22 de largura máxima e uma área de 740,7 km<sup>2</sup>. A população ronda os 245 mil, 80% dos quais vivem na costa sul e

279 (em 2017 era uma hamburgueria ou pizzeria irreconhecível)



desses 100 mil vivem na capital, Funchal. Uma enorme densidade populacional, das maiores da Europa, com 330 hab/km<sup>2</sup>.

A Madeira é um enorme casario que se espalha monte acima, monte abaixo, entrecortado por túneis e autoestradas que sulcam os ares, pendurados sobre profundos vales, virados a sul e à baía majestosa celebrizada nas imagens de fim de ano com fogo-de-artifício.

Ao largo viam-se as Desertas (ilhéu Chão, Deserta Grande e Bugio) e no infinito horizonte, 250 km a sul, estariam as Selvagens e o seu santuário animal. A inclinação íngreme do terreno por onde a auto-estrada nos leva, nos 25 km que separam o aeroporto da capital, fez evocar lutas ancestrais de David contra Golias, para subjugar este terreno árduo, conquistado palmo a palmo, rocha a rocha, numa manifestação da vontade suprema do homem sobre a natureza.

Jardim ficará como o homem que mandou cavar túneis em toda a Madeira e fez estradas improváveis. De noite, parece um enorme presépio descendo do alto, em cascata para a bela baía, do fogo-de-artifício da Passagem de Ano mais conhecida do Império Português. Belo presépio iluminado, na marina, os iates e os grandes barcos de cruzeiro deixam inequívoca a noção de que estamos numa terra que vive quase exclusivamente de e para o turismo.

O aeroporto, inaugurado em 2000, está em estacas, a uma considerável altura. Impressiona pelo feito recente da sua arquitetura, mas a zona continua sujeita a ventos imprevisíveis e ao fator *wind shear* (cisalhamento, cortante, gradiente ou tesoura do vento) que assusta passageiros e pilotos e deu já lugar a inúmeros vídeos assustadores de aviões a borregar.

Os prédios, incluindo a maior parte dos hotéis, descem do nível da rua, aí uns 5, 10 ou 15 andares até ao nível inferior onde a história se repete. Desce-se ao nível do mar cuja temperatura era de 23 °C comparados com apenas 19 °C de temperatura do ar, um desafio a que a colega médica australiana não pode resistir antes de regressarmos.

*A parte velha do Funchal, cidade em 1508, tem edifícios do séc. XV bem preservados e pintados. Ao contrário de Lisboa não se veem muitos edifícios arruinados, meras carcaças devolutas aguardando demolição.*

*A Catedral, verdadeiro ex-libris, intacta desde a construção, foi a primeira Sé ultramarina, concluída em 1514. Em 1508, quando o Funchal foi elevado a cidade, já se celebravam missas no templo.*

*Destacam-se o Palácio de S. Lourenço (primeira fortaleza construída entre 1529 e 1540), o Paço Episcopal, de 1567, que sofreu modificações nos sécs. XVII e XVIII, maneiristas e barrocas. Da original construção destaque para a arcada do tipo "loggia" à italiana e para a Capela de S. Luís.*

*Na primeira metade do séc. XX, acolheu o Museu de Arte Sacra, constituído por coleções de pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria, dos sécs. XV a XIX. É de realçar a escultura flamenga, de Malines e de Antuérpia dos sécs. XV e XVI, que chegou na época áurea açucareira. Os painéis flamengos distinguem-se pelas grandes dimensões, pouco comuns nos museus da Europa.*

*A salientar o Forte de S. Tiago de 1614 quando o domínio quase absoluto dos Portugueses nas rotas do Atlântico Norte, não merecia qualquer cuidado especial na defesa das ilhas. Por esta razão, em 1566, o Funchal acabou por ser vítima dum terrível ataque desencadeado pelos corsários, mas só em 1614 se construiu a Fortaleza de Santiago para proteger a cidade.*

*Em 1767 foi ampliada e usada com fins militares até 1992, quando foi cedida ao Governo Regional que decidiu utilizá-la para fins culturais.*

*O Forte de S. João Baptista (Fortaleza do Pico) na zona de S. Pedro, como reduto militar foi edificado no começo do séc. XVII, em forma de estrela com quatro baluartes pentagonais, cujo projeto foi provavelmente feito por Mateus Fernandes III.*

*Há ainda a assinalar o Teatro Municipal Baltazar Dias datado de 1888 e a Quinta Vigia (ou Quinta Lambert ou das Angústias) ilustrativa das mansões do séc. XVII onde viveu a Rainha Adelaide de Inglaterra, o Duque de Luchtenberg e a Imperatriz Amélia, sendo a atual residência do Presidente do Governo Regional...*

### **59.3. ALGUMAS NOTAS SOBRE A HISTÓRIA**

*Nos finais do séc. XV, com base na exploração do açúcar, a Madeira torna-se um centro internacional de negócios de alemães, italianos e flamengos, sob a Coroa portuguesa.*

*A produção e distribuição do açúcar foi uma das bases do capitalismo mercantil da época moderna. O porto teve um enorme incremento.*

*Ali, Cristóvão Colombo, então negociante de açúcar, residiu e casou com Filipa Moniz, filha do falecido Capitão de Porto Santo, Bartolomeu Perestrelo.*

*A importância do porto levou a que o pequeno burgo medieval fosse objeto de atenção especial de D. Manuel.*

*Em 1486, como Duque de Beja, deu ordens para se construir um núcleo administrativo, entre o burgo medieval de Sta. Maria Maior e a área senhorial de Sta. Catarina e S. Pedro, residência de João Gonçalves Zarco. Cedeu o Campo do Duque, mandando aí construir a Câmara, com Paço para os tabeliães e uma “Igreja Grande”, que depois transformou em Sé. Tendo a sua mãe, a infanta D. Beatriz, instituído as alfândegas (1477), no Funchal e Machico, mandou levantar um importante edifício para Alfândega.*

*Dado o regime de ventos, todas as armadas da Europa com destino ao Atlântico Sul e ao Índico, passavam pelos seus mares. O mesmo sucedia com as armadas holandesas e inglesas rumo à América Central.*

*Muito aconteceu nos séculos seguintes antes de ser célebre como hoje é<sup>280</sup>.*

*Cite-se o Conde Alexandre Charles de Lambert, ajudante de campo do Imperador da Rússia, que se fixou no início de 1863. Casado no ano seguinte, ali morreria antes do nascimento do herdeiro, Conde Lambert, nascido na Madeira a 30 de dezembro de 1865, depois Marquês de Lambert, um dos pioneiros da aviação francesa, atribuindo-se-lhe a invenção dos hidroaviões.*

*O primeiro raide internacional sobre o Atlântico teve como destino o Funchal a 22 março 1921 e a viagem de Lisboa foi feita pelos pilotos Sacadura Cabral, Gago Coutinho e Ortins Bettencourt, com o mecânico Roger Soubiran, num F 3, de motores Rolls-Royce. Serviu de ensaio para a viagem no ano seguinte entre Lisboa e o Rio de Janeiro.*

*Com o final da Guerra as primeiras carreiras aéreas com caráter turístico foram para o Funchal. O voo inaugural ocorreu a 15 de março de 1949, iniciando-se as viagens regulares, com hidroaviões procedentes de Southampton que amarravam na baía.*

*O aeroporto da Madeira tinha má fama, pela curta pista que, cercada pelo oceano e por montanhas, tornava a aterragem complicada até para os pilotos mais experientes.*

*Com 1.400 m., o Aeroporto foi inaugurado a 8 de julho de 1964, embora a primeira aterragem se tivesse dado em 1958.*

*Em 19 de novembro de 1977 ocorreu um trágico acidente, que custou a vida a 130 pessoas, quando um avião da TAP falhou a aterragem, caindo ao mar.*

*A pista original aumentada em 400 m. foi reconstruída em 2003<sup>281</sup>, dobrando o tamanho e construída acima do mar.*

*Foram construídos 180 pilares com 70 metros de altura cada, que sustentam a construção.*

<sup>280</sup> Ao longo dos sécs. XVI e XVII, a ilha assegurou uma posição estratégica e comercial graças a um novo produto: o vinho da Madeira, introduzido pelos primeiros povoadores. Em 1455, o veneziano Luís de Cadamosto, ao visitar a Madeira, referia a excelência das uvas. Em meados do século seguinte, William Shakespeare fez referência aos vinhos em algumas das suas peças. A sua fama seria tão importante, principalmente o malvasia, que o dramaturgo descreve que o Duque de Clarence, irmão do Rei Eduardo IV, escolhera morrer afogado num tonel deste vinho.

Nos séculos seguintes, são atribuídas aos vinhos madeirenses qualidades terapêuticas cuja excelência aumentava com as longas viagens marítimas, pelo que as grandes armadas a caminho das Índias Ocidentais e Orientais ali paravam para se abastecer. No séc. XVIII, o almirante James Cook, tripulando o Endeavour (1768) e o Resolution (1772) lá esteve com especialistas, que descrevem a flora e a fauna.

Perante a instabilidade política na Europa, das campanhas napoleónicas, em 1801 uma armada de mais de 100 navios ancorou na larga baía, desembarcando um contingente militar sob o comando do general Henry Clinton, que ali permaneceu.

Nova ocupação ocorreu quando os franceses invadiram a Península Ibérica, em finais de 1807.

Pela Madeira, a caminho do exílio em Sta. Helena, passou o Imperador Napoleão Bonaparte, que foi presenteado com frutas, livros e uma pipa de vinho.

No séc. XIX correu a fama do clima para terapia de doenças pulmonares e a ilha torna-se uma importante estância de veraneio, ali passando importantes cabeças coroadas, como imperatrizes do Brasil, as arquiduchessas Leopoldina da Áustria (1817) e Amélia de Luchtenberg (1852).

Pela Madeira passaram, em longas estadias, a Rainha Adelaide de Inglaterra (1847), o príncipe Maximiliano Napoleão, Duque de Luchtenberg (1850), e o Imperador Maximiliano do México e mulher, Carlota da Bélgica (inverno de 1859-1860). A mais marcante foi a imperatriz Isabel da Áustria, que ali esteve entre 1860 e 1861. A imperatriz Sissi, como ficou conhecida na bibliografia romântica, nunca esqueceu os momentos na ilha, onde foi pela primeira vez fotografada, tendo regressado em 1893-94.

Os Habsburgo haveriam de ficar ligados à Madeira, ali tendo falecido no exílio, Carlos de Áustria, o último Imperador, em 1922. O seu corpo repousa na Igreja Matriz de N. Sra. do Monte, frente à quinta onde passou os últimos dias. Foi reconhecido para beatificação em 2004.

<sup>281</sup> o aeroporto ganhou o Outstanding Structures Award do IABSE, considerado o Óscar da engenharia, projeto do Eng.º Edgar Cardoso, completado por Segadães Tavares

#### **59.4. HÁ FUNCHAL E FUNCHAL**

Voltando às primeiras impressões, constatei inúmeros autocarros modernos, a circularem a horas certas, e o trânsito cuja fama era de estar sempre congestionado fluía, sem abrandar desde as sete da manhã, como pude observar na televisão local. Parece nunca parar até cerca da meia-noite. Só então a cidade respira e descansa dum dia mais, invadida por milhares de forasteiros que diariamente aqui desembarcam para uma estadia média de uma semana.

Cem mil habitantes da ilha vivem na cidade, 80% da população na costa sul. Há aqui progresso e desenvolvimento (de betão), vê-se obra, motivo porque o Jardim volta sempre a ser reeleito com larga maioria, político que deu algo que se possa ver. Não contesto a falta de liberdade e nepotismo que possa existir, nem os desvios orçamentais, mas limito-me a observar o desenvolvimento económico da pequena ilha. Há inúmeras obras destinadas a facilitar a vida dos que vivem fora da capital, com preços imobiliários mais convidativos.

No Funchal, assistia-se, então, ao aparecimento da “máfia” russa que adquire prédios e propriedades como uma criança na loja de doces. O taxista que nos trouxe e nos levou ao aeroporto contou que andara com uma família russa que gastava dinheiro vivo (*al contado*) tendo comprado um Palácio ou mansão oitocentista, um apartamento de luxo sobranceiro ao mar num moderno condomínio, e viaturas topo de gama, com uns trocos saídos duma pasta....

Outras cenas em hotéis assinalavam que a média de idades é de 40 anos, e chegam com a mulher e filhos, colocando as jovens amantes de 20 anos no quarto ao lado. Mais do que uma vez surgia a mulher, ou a amante, nuas na receção do Hotel a pedirem ajuda contra as ameaças dos maridos ou amantes as matarem. Logo surgia um simpático cidadão russo pagando os estragos e pedindo desculpas por se ter excedido com a bebida, mesmo que nos dias seguintes a cena se repetisse. Esta é a nova fronteira, o faroeste, para os russos milionários feitos do nada, da noite para o dia. Pude avistar e ouvir vários nas escassas 24 horas que ali passei.

Havia um verdadeiro corropio de turistas escandinavos, alemães, holandeses e até portugueses, em cada canto da cidade, em grupos ou isolados, mostrando o lado cosmopolitíssimo da ilha. Tudo é feito para o turista e pelo turista. Tudo se paga desde o café expresso ao pequeno-almoço, à água gelada, numa manifestação da ótica de maximização do lucro. A mesma que quase me impedia de deixar o quarto pelas 13.30 pois queriam no vago pelas 12.00 certas. Foi preciso intervir junto da superiora hierárquica da receção para que nos autorizassem a deixar o quarto mais tarde, apesar de terem sugerido que eu e a colega médica australiana partilhássemos o quarto para mudar de roupa ao chegarmos das reuniões de trabalho. Mesmo assim, depois das 12 horas já a chave eletrónica se recusava a abrir a porta e tive de subir à receção para alterarem o código.

Nota-se (Hotel *Regency Cliff*, Travessa da Quinta Calaça) um tratamento impessoal, maciço, talvez devido ao facto de a nossa ser uma mera estadia de uma noite, facto anormal dado que a maioria das pessoas passa uma semana ou mais. A cadeia *Regency* tem aqui mais quatro hotéis, o *Palace*, o *Club*, o *Chiado* e o *Yacht*.

Após o pequeno-almoço apanhamos um táxi (ela queria ir a pé os mais de cinco quilómetros que distávamos da cidade) até ao consultório dum médico inglês, nascido e radicado na Madeira há 27 anos, uma personagem saída duma cena de Hemingway ou quejanda. O médico meteu-nos no jipe e levou-nos a outra ponta da cidade ao laboratório de radiologia, onde os meus serviços eram desnecessários dado que o médico-chefe era de origem madeirense nascido na África do Sul e fluente na língua de Sua Majestade. O médico acabaria por nos deixar no centro da cidade no exato momento em que a chuva desabava. Apanhei um táxi onde mais uma vez o condutor (de idade avançada) foi capaz de comunicar em inglês antes de lhe dizer que podia falar na língua de Camões.

A minha colega australiana não almoçou para poder ir dar um mergulho nas quentes águas atlânticas, que se vislumbravam cem metros abaixo da varanda dos quartos, virados para a baía junto à Ponta da Cruz. Eu fui almoçar quando a chuva abrandou, a um restaurante de grelhados (*Monumental Grill*) na Estrada Monumental Ed. Naval Mar Bloco A r/c, Loja B, S. Martinho onde degustei um ótimo *Fillet Mignon* de mui tenra carne local. Acabei o almoço mesmo a horas de vagar o quarto pelas 13.30 ficando no átrio a observar o movimento ininterrupto de hóspedes, e a vida que fervilhava cá fora na rua, enquanto o tempo não passava para nos levar de volta ao aeroporto, escrevinhando algumas notas deste Diário de Bordo.

Decidi voltar com a família, com calma e mais dinheiro pois aqui ele é Rei e senhor.

*Na véspera, horas após a chegada, dois bons colegas e amigos da Universidade, o António Bento (faleceria em 2016) e a São Figueira de Sousa e marido tinham vindo buscar-me para me levarem numa volta pela cidade. Fomos jantar e comer a típica espetada ao restaurante Sto. António, que granjeou fama pelos seus grelhados e, especialmente, pelos tradicionais "kebabs" típicos na Estrada da Ribeira Brava - Câmara de Lobos, João Gonçalves Zarco 656 - Estreito, sobranceira ao Funchal.*

*O Estreito fica a apenas 5 km de Câmara de Lobos. A grande especialidade da casa, fundada em 1967, é a espetada, verdadeiro ex-libris. Vem com batata frita e milho frito que nunca provara. Bastante saboroso o "Bolo do Caco," uma espécie de pão com alho. As espetadas suspensas tinham um comprimento de um metro, sendo duas mais do que suficientes para os quatro convivas. O bolo de milho cortado aos cubos assemelhava-se a tofu, mas era bem saboroso, acompanhando uma salada mista e batatas fritas.*

*A conversa foi posta em dia, recordando-se os momentos mais memoráveis dos Colóquios da Lusofonia onde haviam estado presentes. A conversa fluía naturalmente fruto da sede de quem vive como eu, quase eremita a maior parte do ano, sem pares intelectuais com quem falar e ter uma conversa decente.*

*Entre as 19 e as 24 h. passaram-se horas animadas, fortalecendo laços que os colóquios tinham cimentado para anos vindouros. A gentileza e a bonomia dos presentes faziam uma pessoa sentir-se em casa. Prometi que levaria a mulher e o filho na próxima visita para nos servirem de guias na insuspeita Pérola do Atlântico.*

*Falamos da censura, do cinzentismo que a globalização trouxera, do carneirismo da educação e dos mínimos denominadores comuns, tanto mais que fora anunciada, a proposta da Ministra da Educação de que nem uma só criança deveria chumbar até ao nono ano de escolaridade.*

*A pergunta que se impunha, para que servia ir à escola se não era para aprender, mas sim para passar de ano. Por que se não promulgava que iam diretamente para o 9º ano? Era mais fácil, económico e impressionava as estatísticas em Bruxelas.*

*Falou-se da inação das universidades e politécnicos, das horas negras que se avizinham face à depressão global que nos sitia, juntaram-se planos e propostas para o futuro dos colóquios e sua projecção como motor da lusofonia nacional. Uma verdadeira delícia, horas que voaram sem que nos apercebêssemos.*

### **59.5. FUNCHAL – PORTO**

Sempre me fascinaram as nuvens, vistas do ar como castelos de neve, como montanhas de gelo em movimentos perpétuos, como flocos de açúcar a vogar no vento, como o algodão doce que se vendia nas feiras de antigamente. Fico sempre ensimesmado, fascino-me a observar as nuvens, de dentro do avião, como se ficassem eternamente imóveis tal como os gelos eternos e a neve no *Kilimanjaro*. Noutros casos, voam em direcção oposta como se quisessem fugir ao seu volátil destino. Há-as de todos os tamanhos, cores e feitios e nunca sei como resistir ao desejo incontido de abrir a porta do avião e agarrá-las, apertá-las, esfrelá-las e, por fim, espalhá-las aos quatro ventos do mundo.

Ainda hoje senti uma vontade irreprimível de ir fazer surf nelas, naquele imenso oceano de nuvens que separava o Funchal do Porto. Mas nos céus havia outras, muitas outras, mais altas e misteriosas, quase invisíveis e essas eram etéreas, pareciam farrapos de nada arrancados à vida. Sombras quase invisíveis, talvez espíritos, quem sabe? Eram fugazes como o tempo sem deixar rastros nem assinatura. Um dia, eu sei, irei com elas, mas ainda não posso, tenho uma viagem por acabar. Mas não irei sem aqui vos falar deste fascínio antigo que persigo sempre que estou a bordo dum avião. As que vi hoje eram um

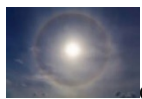
encanto, acumulavam-se como se uma enorme família de milhões e milhões de nuvens de todos os formatos, ora crescendo, ora reduzindo-se a fiapos, ora engrossando como enormes planícies de melancolia esbranquiçada que davam lugar a montes e montanhas.



Cirrus – as mais comuns, altas, brancas, fibrosas, esbranquiçadas, com aspeto de penas ou flocos de lã. Pairam a 9 km, finas e compridas. Permitem inferir a direção do vento. Indicam bom tempo.



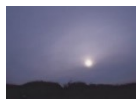
Cirros-cúmulos - bolinhas pequenas e brancas, ordenadas em bancos ou campos de nuvens. Constituídas por cristais de gelo, aparecem como puff's, redondos e brancos. Surgem individualmente ou em longas fileiras e ocupam grande porção de céu



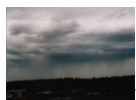
Cirro-estratos - véu esbranquiçado, fibroso ou liso, de cristais de gelo. São finas e cobrem todo o céu. Como a luz atravessa os cristais, dá-se refração, originando halos. Surgem na aproximação de forte tempestade e previsão de chuva ou neve em 12 - 24h.



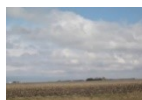
Altos-cúmulos - “carneirinhos”, novelos, de gotas de água líquida, com bordos claros e zonas sombreadas no interior, em faixas alongadas. Têm a forma de tufos de algodão e distinguem-se dos cirros-cúmulos porque apresentam um dos lados mais escuro que o outro. Numa manhã quente de verão é sinal de aparecimento de nuvens de trovoadas ao final da tarde.



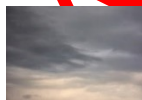
Alto-estratos - véu uniforme, cinzento-azulado, raramente fibroso, através das quais o Sol e a Lua surgem como se os vissemos por um vidro fumado. Contêm gotículas de água e cristais de gelo, flocos de neve e gotas de chuva. Semelhantes aos cirrostratos, mais espessas, a altitude mais baixa, cobrem o céu, o Sol ténue sem halos. Para os distinguir é olhar para o chão e procurar sombras. Se existirem, não são alto-estrato.



Nimbo-estratos - espessas nuvens baixas, cinzentas-escuras, esfarrapadas, de chuva ou neve. A precipitação pode não atingir o solo. Compõem-se de chuva, flocos e cristais de neve, ou mistura. Estão associados a chuva contínua (fraca a moderada). Podem ser confundidos com alto-estrato mais grossos, mas os são de cinzento escuro e não se vê o Sol através deles



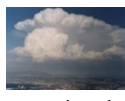
Estrato-cúmulos - nuvens brancas ou cinzentas, arredondadas, dispersas ou em bancos. Contêm partículas de gelo misturadas com gotas líquidas. Baixas em filas ou agrupadas, vê-se céu azul nos espaços. Produzem-se a partir de cúmulos no pôr-do-sol. Raramente causam precipitação, mas aguaceiros se se desenvolverem verticalmente e os topos atingirem temperaturas de -5 °C.



Estratos - típicas dos crepúsculos, baixas, alongadas e horizontais, em camadas uniformes, sem estrutura. São constituídas por gotas de água ou, se a temperatura for baixa, por partículas de gelo. Cobrem o céu e lembram nevoeiro que não chega a tocar no chão. Normalmente originam chuvisco.



Cúmulos - nuvens arredondadas no topo, majestosas, montanhas de algodão, base plana e quase horizontal. Indicam bom tempo e distam 1-2 km do solo. Surgem isoladas, distinguem-se dos estrato-cúmulos e têm o topo mais arredondado. São de bom tempo, surgem associadas a dias soalheiros.



Cúmulos-nimbos - Quando na parte superior dos cúmulos se forma a bigorna, granizo, neve ou gelo, obtém-se o Cúmulo-nimbo. São as mais vulgares e com grande variedade de formas, a mais vulgar a de um bocado de algodão. A base desde o branco até ao cinzento claro. São nuvens de tempestade, (trovoadas, aguaceiros, granizo e até tornados). Estendem-se desde os 600 m até à tropopausa (12 000 m).



Eu vi-as e elas fugiam sempre. Tinham medo de serem agarradas, até fugiam do meu olhar com medo de serem aprisionadas, ou devoradas por este monstro tonitruante de metal que as violava, perfurando-as como a espada de S. Jorge trespassara o Dragão. Ficavam para trás, todas doridas, descompostas, sem a dignidade com que as vira apenas uns segundos antes. Mas cedo se recompunham e recomeçavam novo ciclo através da água que a sua presença, quase sempre, augura. Se alguém as apanhar antes de mim, pode quebrar o ciclo vital. Podem, subitamente, deixar de acumular o orvalho da terra para converter em chuva que rega montanhas e faz jorrar os rios. Sem elas não há vida e não podemos interromper essa etapa, mesmo quando somos caçadores de nuvens frustrados.

#### **59.6. PORTO**

Um dos meus amigos de longa data (António), mas que não via há mais de quatro anos foi ao aeroporto buscar-me e à companheira de viagem australiana que estava intrigada e desconfiada. Como é que um amigo, após um longo dia de labuta, se ia desviar do seu trajeto para ir ao aeroporto buscar um amigo que não via há anos? era impensável na Austrália, mesmo com pessoas de família quanto mais com amigos, mas o António Santos Costa<sup>282</sup> lá estava. A colega médica australiana, cuja missão de serviço partilhei, não se cansava de fazer perguntas, mesmo depois de saber que íamos jantar juntos. Onde é que ele trabalhava, e por que é que se ia desviar do seu rumo para ir ao aeroporto. Na Austrália ninguém se desviava, nem por cinco minutos, para ir ao aeroporto buscar um amigo e uma desconhecida, nem mesmo sendo da família. Era uma noção alienígena, não-australiana. Que país era este, em que os amigos iam ao aeroporto, e depois levavam os convidados a jantar após hiatos de anos sem se verem? Assim acontecia.

O outro amigo, Óscar Malheiro, fora direto ao Hotel onde nos esperava, depois da longa e chuvosa viagem num *Airbus 320* da TAP, em plena noite portuense a culminar o regresso do Funchal. O frio e a chuva, contudo, não impediram que se recordassem gentes e factos de há 14 anos. Falou-se dos vivos e dos mortos, que já iam engrossando o número dos que deixaram de partilhar momentos comuns. Eram percursos que só a amizade podia unir e nenhuma diáspora, nenhum silêncio ou distância podiam afetar. Fomos a Leça da Palmeira<sup>283</sup>, a uma cervejaria em frente à costa, perto da antiga piscina e a 200 m do Farol da Boa Nova. O turnedó estava magnífico, soube maravilhosamente bem e a conversa e os fios da meada que se foram tecendo deu para que as conversas convergissem num fluxo constante até cerca da meia-noite. Na manhã seguinte terminaria a primeira grande missão ao serviço de Sua Majestade Isabel I da Austrália e II de Inglaterra, a que se seguiria a monotonia eremita e o retorno à banalidade e à calma vida nos Açores.

*Dormi bem num magnífico e recente Hotel, o Sheraton Porto Hotel and Spa<sup>284</sup>, único de 5 estrelas da estadia, ao contrário do Marquês de Pombal e do Regency Cliff de 4 estrelas. O quarto suntuosamente grande tinha banheira spa, visível através de vidro translúcido, ao lado da cama Queen Size (a maior).*

*Todos estes hotéis se caracterizavam por wi-fi, internet gratuita, uma notável melhoria desde que estive em hotéis de categoria superior. Tal como nos dias anteriores falei para casa a indagar do filho e da mulher nesta ausência prolongada do lar. Obviamente, as saudades eram mútuas.*

*Na manhã seguinte o despertar pela 07.21 para tomar o pequeno-almoço no Restaurante Porto Novo com separação entre fumadores e não-fumadores e um ótimo serviço de mesa, excelente para o café expresso bem curto, a habitual "italiana", que lamentei não ter podido tomar na véspera, a acompanhar o pequeno-almoço do Funchal e acabei por deslocar-me ao bar pagando a módica quantia de 1,25 euros mais IVA...*

Depois, saímos sob chuva pouco intensa, para um táxi descaracterizado, Mercedes preto, cujo condutor, arrogantemente maldisposto, se insurgira contra a pergunta sobre o local do taxímetro invisível para caçar turistas incautos. Este condutor, tal como todos os que o precederam, falava inglês numa notável manifestação das mudanças registadas em Lisboa, Porto e Funchal no que toca a serviço a clientes estrangeiros.

282 (faleceria de enfisema a 15.3.2018)

283 o Farol (Rua Sarmento Pimentel 360, 4450-790 Matosinhos)

284 Este fica na Rua Tenente Valadim, por detrás do antigo Hotel Meridien que ora se chama Park Atlantic Porto.

Fomos a um médico na rua Aires de Ornelas, já de certa idade, adepto das novas tecnologias, que mantinha registos de todos os clientes emigrantes ou estudantes para a Austrália, Canadá e EUA desde há 25 anos. Mandou o motorista privativo levar-nos no seu Audi à clínica GAER na Praça da Batalha onde se acumulavam mais de duas centenas de pacientes pelos 3 andares, ao lado da Messe Militar. O dono era um médico castiço, com mais de 80 anos, incapaz de nos ouvir. Apesar de falar mal inglês não me deixava interpretar. Estava prestes a reformar-se.

Felizmente o substituto, mais jovem, futuro gestor, conseguiu trocar impressões comigo e com a médica australiana. Apanhamos um táxi de regresso ao *Sheraton* e despedimo-nos com uma “italiana” para mim e um Capuccino para ela com pastel de nata que devorara copiosamente ao longo dos dias em que trabalhamos juntos. Agradeceu os meus serviços e fui fazer as malas.

Dado que tínhamos acabado muito antes da hora prevista telefonei à minha vetusta matriarca com os seus 85,5 anos e fiz-lhe a surpresa de a acompanhar ao almoço. É sempre agradável poder conversar com os entes queridos quando menos o esperam.

Meti-me numa limusina exclusiva do Hotel e fui ter ao Café Cenáculo, onde a família se desloca religiosamente em procissões diárias desde o início da década de 1960. Sentia-se, era palpável, o orgulho dela, junto das amigas da mesma idade, pela missão do filho, tão bem remunerada e com tantas vantagens, bem longínqua dos tempos difíceis que passara em Portugal no terrível *Anno Horribilis* de 1975.

*Com medo de que não apreciasse devidamente a pescada cozida com todos, e, como sou um amante das carnes, encomendara já um bife na caçarola que iria degustar em casa enquanto ela esperava pela vinda da filha para almoçar. Lá me falou das queixas e achaques ósseos, contando novidades locais da família e do resto. Acabamos por almoçar juntos.*

*Mais tarde viria das aulas a minha irmã e pudemos trocar impressões. Pelas 15 horas já tinha o motorista e a limusina para me levar ao aeroporto, onde, fiz o check-in para Lisboa pois teria de mudar de avião e de transportadora para os Açores.*

*A mulher e o filho esperavam-me no aeroporto. Conduzi pela sinuosa estrada do costume até à nossa Lomba da Mata onde o frio já se fazia sentir. Entreguei as lembranças acumuladas ao longo dos aeroportos por onde passei e fui deitar-me, satisfeito por ter visto amigos e aproveitado os momentos livres para exercitar o cérebro que aqui desfalece à mingua por falta de exercício conversacional.*

Lembrei-me, de como o Governo português apenas me oferecera a viagem em categoria turística na *Air France* de Lisboa para Timor para cumprir o SMO e outra vez para vir de Sydney a um curso na Universidade do Minho. O governo australiano foi (mais uma vez) pródigo com este concidadão.

E era isto que vos vinha contar, com 6500 milhas ganhas em quatro dias.



## **CRÓNICA 60 DO HALLOWEEN A OUTRAS TRADIÇÕES, 1-22 novº 2008**

### **60.1.1. DIA DE BOLINHOS OU DIA DE TI BOLINHOS**

É milenária a origem do dia 1 de novembro, designado como o “Dia de Todos-os-Santos”. Nalgumas aldeias de Portugal, ainda se comemora duma forma curiosa este feriado. Na tradição popular, o Dia de Todos-os-Santos, é conhecido pelo “Dia do Bolinho” ou “Pão de Deus” conforme a região. As crianças em pequenos grupos com as sacolas de pano, andam de porta em porta, desde manhã cedo, por ruas e vielas, repetindo o “Ó tia! dá bolinho?”. Nos meios rurais, há quem leve a rigor a tradição preparando bolinhos com massa, noz, passas e frutos secos.

*Para os católicos no dia 1 de novembro é hábito a ida ao cemitério para aí depositarem flores nas campas dos que já abandonaram as lides terrenas.*

*No dia 2 de novembro é o Dia de Finados.*

*Na época de Cristo, na Irlanda, Reino Unido e França, os celtas comemoravam o ano novo no dia 1 de novembro. Isto representava o fim do verão e o início do outono, a época das colheitas, antecedendo a escuro e fria invernia, sinónimo de temporais e morte.*

*Os Druidas consideravam o dia 31 de outubro como o “Samhain” (Senhor da Morte e Príncipe das Trevas) ou o “Dia das Almas”, celebrando a passagem entre a vida e a morte e onde reinava o espírito duma prática fantasmagórica.*

*Com o advento cristão, já no séc. VII, o Papa Bonifácio IV designou o dia 1 de novembro como “Dia de Todos-os-Santos” e consequentemente a noite de 31 de outubro passou a ser chamada de “Noite de Todos-os-Santos” e assim se alterou uma celebração de cariz profano.*

### **60.1.2. PERÍODO PRÉ-CRISTÃO**

*Acreditava-se que os espíritos dos mortos voltavam para visitar os seus familiares em busca de calor e mantimentos, pois o inverno aproximava-se com o reinado do Príncipe das Trevas.*

*Os Druidas invocavam forças sobrenaturais para acalmar os espíritos, que raptavam crianças, destruíam colheitas e matavam os animais. Nessa noite, acendiam-se fogueiras para guiar os espíritos ou espantar as bruxas.*

*A inclusão de feiticeiras, fadas e duendes nesses rituais, resulta da crença pagã de que, na véspera do Dia de Todos-os-Santos havia espíritos que se opunham aos ritos da Igreja de Roma e os fantasmas pregavam partidas e causavam acontecimentos sobrenaturais.*

### **60.1.3. PERÍODO CRISTÃO**

*Com o decorrer dos anos, a comemoração do Halloween tornou-se alegre e divertida, sem os aspetos tenebrosos da tradição céltica, tornando-se divulgada na América pelo influxo escocês após 1840. Alguns dos costumes foram mantidos e outros mudados.*

*As Jack-O-Lanterns são um símbolo de origem irlandesa.*

### **60.1.4. JACK-O-LANTERN**

*A lenda fala de Jack que não conseguiu entrar no céu por ser muito avarento, tendo sido expulso do inferno por pregar partidas ao diabo, sendo condenado a vagar eternamente pela terra carregando uma lanterna. Outra versão conta que um bêbedo e agressivo Jack bebeu demais e o diabo desceu à Terra para levar a alma. Jack, pediu para o deixar viver e beber mais um copo.*

*O diabo cede, Jack não tem dinheiro para pagar e o diabo transforma-se em moeda. Só que o fecho tem o formato de uma cruz, fazendo com que o diabo suplique para sair. Jack, então, propõe libertar o diabo e ficar vivo por mais um ano. O diabo concede o pedido, que resolve mudar de hábitos, passando a ser menos violento com a família.*

*No ano seguinte, a 31 de outubro, o diabo volta e reclama a sua alma. Jack convence-o a pegar uma maçã numa árvore próxima e sem que ele perceba, risca uma cruz no tronco com um canivete. O diabo foge e promete só retornar dez anos depois. Mas Jack não aceita e diz que só irá libertá-lo se nunca mais aparecer.*

*O diabo concorda mais uma vez. Mas passa-se um ano e Jack morre.*

*É impedido de entrar no céu, e vai para o inferno, onde a entrada é recusada pelo diabo, que fica com pena da alma de Jack e oferece-lhe um pedaço de carvão para iluminar um nabo esculpido em forma de lanterna que vai iluminar os caminhos do espírito de Jack.*

*Daí o nome Jack O'Lantern, alma errante vagando pelo mundo dos vivos.*

#### **60.1.5. "TRICK OR TREAT" (TRAVESSURAS OU GOSTOSURAS)**

*Também originária da Irlanda, onde as crianças iam de casa em casa pedindo para as comemorações do Halloween, em nome da deusa Muck Olla. Esta tradição ganhou roupas extravagantes, máscaras e todos se vestem carnavalescamente como fantasmas, bruxas, duendes, gnomos, Dráculas, Frankenstein, ou outras aterrorizadoras. Vão de porta em porta, carregando abóboras iluminadas com velas, pedindo doces e dizendo: "Trick or Treat". Quem não lhes dá nada recebe uma pequena vingança.*

*Halloween, adaptado de "All Hallows Eve", significa véspera de Todos-os-Santos.*

*As fogueiras eram acesas nas casas durante as comemorações. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam o fogo para que o local parecesse frio e indesejado, além de se vestirem com fantasias de criaturas assustadoras e desfilar em na vizinhança para afugentar os espíritos que vagavam.*

*Conta a lenda que na festa de Samhain, as fogueiras eram acesas com brasas sagradas, os moradores usavam um nabo como se fosse um lampião.*

*Daí, os irlandeses, e Jack, esculpirem nabos e beterrabas usando-os como lanternas ou lampiões. Ao emigrarem para a América, não encontrando nabos e beterrabas trocaram estes por abóboras.*

#### **60.2. DA ESTRADA INACABADA - DA ÁGUA QUE RAREIA (HÁ UM CIDADÃO QUE NÃO SE CALA NA LOMBA DA MAIA)**

**Falta de chuva origina cortes de água na Ribeira Grande in DIÁRIO DOS AÇORES  
13/11/2008 08:11:8<sup>285</sup>**

*A falta de chuva na ilha de S. Miguel está a obrigar a Câmara Municipal da Ribeira Grande a efetuar cortes noturnos no abastecimento de água em algumas zonas do Concelho, anunciou ontem a autarquia. Segundo o vereador Jaime Rita, a pouca pluviosidade registada está a diminuir a pressão de água nas zonas altas do Concelho, o que implica cortes noturnos para que os depósitos possam recuperar a sua capacidade.*

*O responsável autárquico da divisão de águas e serviços urbanos explicou à Agência LUSA que "o verão prolongado" está "a afetar um pouco os caudais", particularmente nas zonas altas, onde a falta de pressão de água é mais notada.*

*"Devido à falta de chuva, as nascentes estão a debitar muita pouca água para os reservatórios, insuficiente para manter o abastecimento normal 24 horas por dia, daí que a água corra com menor pressão", precisou. É o caso das localidades de Lomba da Maia e de S. Pedro, Lombinha da Maia, Lugar da Ribeira Funda e Burguete.*

*A situação tem levado a autarquia a proceder a cortes de abastecimento entre as 22h00 e o início da manhã do dia seguinte.*

*"A água que se está a gastar é superior àquela que as nascentes debitam", observou o vereador.*

*Segundo Jaime Rita, a população daquelas zonas está devidamente avisada para a necessidade do fecho do abastecimento de água durante a noite, um procedimento que "terá que ser feito enquanto não chover o suficiente".*

*Com o objetivo de contornar este problema, a autarquia tem contado com a colaboração dos bombeiros, que "têm injetado água nos depósitos", acrescentou.*

*O vereador admitiu, contudo, que, a manter-se a situação de "falta de chuva", poderão ocorrer cortes de água com "mais frequência".*

Recentemente, a autarquia anunciou um investimento de oito milhões de euros, até 2009, em obras de abastecimento de água na zona poente do Concelho, que vai permitir acabar com a falta de água

sentida durante o verão nas freguesias do Pico da Pedra, Calhetas e Rabo de Peixe. O PSD da Ribeira Grande já considerou que o recente anúncio da Câmara Municipal sobre os investimentos no abastecimento de água ao Concelho "está longe de constituir a varinha mágica", alegando que os problemas persistem nesta área.

Esta notícia tem andado a desassossegar o cidadão da Lomba da Maia que não se cala. A falta de água e seus cortes tiveram início em agosto 2008, em pleno verão, mas só agora foram anunciados em 13 de novembro quando a situação passou a ser crítica. Estes cortes, ignorados pelo resto da população da Ilha verde, foram sentidos no preço do consumo de água que disparou, pois, o ar sai sobre pressão e faz os contadores dispararem pela água não-consumida. Paga-se, mas pelo ar com que ela se anuncia todas as manhãs.

Não se compreende que os investimentos sejam todos na "Faixa de Gaza", lá onde estão os beneficiários de Rendimento Mínimo Garantido, Rendimento de Inserção Social (esse subsídio de desincentivo ao trabalho que o Ferro Rodrigues inventou há uns anos, cheio de boas intenções e pelo qual espero que arda no inferno do desemprego profissional que criou).

Ou será que isto faz já parte da campanha de reeleição por esses habitantes estarem, obviamente, mais inclinados a votar no partido que lhes dá todas as benesses? Assim, esquecidos, UMA VEZ MAIS, estão os habitantes das terras altas (do Concelho da Ribeira Grande:

*"É o caso das localidades de Lomba da Maia e de S. Pedro, Lombinha da Maia, Lugar da Ribeira Funda e Burguete"), por serem poucos, menos vocais e por APARENTEMENTE não se importarem em serem continuamente discriminados.*

*Essa "Faixa de Gaza" que ocupa a zona plana da Ribeira Grande, da Ribeirinha a Rabo de Peixe, é onde a maioria dos investimentos da autarquia foi feita neste mandato.*

*Nós aqui, na Lomba da Maia, é que pagamos o preço da falta de água, pois é a nós que eles cortam a água para que não falte aos outros.*

*Pelas 21 horas é que temos de desligar as máquinas de lavar a louça, pois, a água nem para as sanitas corre...e se queremos água de novo o melhor é levantarmo-nos lá pelas seis da manhã a ver se tomamos um duche às pinguinhas lembrando-me o tempo em que vivi em Timor nos anos 1970 e a água escorria de um bidão de óleo, cortado a meio a pairar sobre uma fogueira, para ir para a improvisada canalização e nos dar a sensação de que estávamos a tomar banho de duche.*

*O RESTO DA ILHA NEM SE APERCEBEU.*

*Continuam todos felizes, sem se darem conta da falta de água aqui na Costa Norte, a esvaziam os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas de água cheias ou de tijolos para preservarem a água que temos.*

*Esta ilha não para de me espantar.*

*Desde que cá cheguei, biliões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar, em vez de se construírem reservatórios para a lavoura, por exemplo, preservando essa água gratuita para futuras necessidades de rega ou de gado.*

*Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana, um governo reativo em vez de proativo.*

Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinham e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da Ilha de Sta. Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde.

Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas como na Lomba da Maia tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses. Ser vocal e "palestiniano" na Ribeira Grande tem imensas vantagens, mas não desisto de ser da Lomba da Maia, de me identificar com esta e por esta perseverar.





## **CRÓNICA 66 O ROMANO SÉRGIO SÚLPÍCIO GALBA E OS PORTUGUESES: MUITOS SÃO OS CULPADOS POUÇOS VÃO PRESOS. 28 junho 09**

Há dias ouvi um comediante português dizer algo acertado: “*muitos são os culpados, mas nem todos vão presos*”. Com efeito e na sequência do que a Bíblia nos diz “*muitos são chamados, mas poucos escolhidos*” [Mt 22: 14], a lei portuguesa não discrimina quem vai preso, mas o pragmatismo da sociedade assim o obriga.

Vejamos, se todos os culpados fossem presos, Portugal ficava sem políticos, sem deputados, sem presidentes da câmara, sem vereadores, sem ministros, sem secretários de estado, sem diretores gerais, sem inspetores, e por aí diante. Isto para não prender os indiciados em crimes ou meramente arguidos...

Ora convenhamos que a Assembleia da República, o atual Parlamento português, pode funcionar poucos dias, mas vai dando ocupação a 230 deputados e seus inúmeros assessores. Não se imagina aquele órgão de soberania vazio, por estarem todos arguidos, detidos preventivamente ou a cumprirem pena pelos inúmeros crimes de que obviamente deveriam ser acusados.

O país pararia se a justiça fosse cega como deveria ser e prendesse todos os culpados. Aliás, crê-se que seria difícil isso acontecer, pois Portugal teria de pedir ajuda aos países vizinhos para poder encontrar juizes e celas disponíveis para tanta boa gente. A medida que fossem presos, os representantes do povo iriam, na boa tradição inquisitorial portuguesa, incriminar os seus constituintes que os corromperam, e teríamos um efeito bola de neve. Assim, quando viessem prender os representantes da nação, também iria com eles a turbamulta dos que neles votaram. O país depois de parar ficaria deserto.

Estamos crenes de que finalmente seria então possível governar este jardim à beira-mar plantado. Isto enquanto não nasce um líder capaz. Populistas e salvadores da pátria dispensam-se. Não precisa ser sobrenaturalmente dotado, basta ser alguém que ponha o interesse nacional à frente do interesse próprio ou partidário.

Dê-se razão a Sérgio Galba, Capitão das Hordas Romanas que invadiram a Península e conquistaram a Lusitânia, onde se instalaram para dominar, mas só obtiveram a vitória com o assassinato de Viriato, por traição.

Quando Galba escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes deste extremo do Império, fê-lo nestes termos: “*Estes Lusitanos nem se governam, nem se deixam governar*”. E os séculos parecem dar-lhe razão. Vejamos como conseguiram os Romanos pacificar esta terra e estas gentes há quase vinte séculos:

Em 155 a.C., Roma controlava do Ebro ao território basco, à Andaluzia, e parte do Alentejo quando começou a Guerra Lusitana, que se prolongou até 138 a.C.

Em 152 a.C., a Celtibéria revoltou-se, levando Roma a uma guerra sangrenta em duas frentes. Em 155 a.C., um numeroso grupo de Lusitanos e de Vetões ataca as regiões meridionais da Hispânia Ulterior. Os combates sucederam-se até 150 a.C., frequentemente favoráveis aos Lusitanos, mas uma ação concertada dos governadores da Ulterior e da Citerior infligiu uma derrota dos lusitanos que os forçou à paz.

Sérvio Sulpício Galba concedeu aos 30 mil guerreiros Lusitanos três locais de residência diferentes, chacinando 8 mil, e aprisionando milhares.

Esta guerra não terá começado como uma operação de pilhagem e saque, mas como reflexo natural do reenquadramento territorial. Os Lusitanos pretendiam ocupar novos territórios. É possível que os confrontos com os Romanos tenham provocado uma brutal queda demográfica.

Os Lusitanos não passavam de bandos isolados e desorganizados, só os Romanos eram uma entidade política organizada. Esta a tônica para a "Guerra Lusitana (155-150 a.C.)", descrita como "um incêndio que teimava em se reacender". Após a matança promovida por Galba, seguiu-se um período de acalmia.

Em 147 a.C., um novo bando de Lusitanos irrompeu na Ulterior, forçando o Governador romano Vetúlio a propor nova distribuição de terras para os Lusitanos. Nessa altura interveio Viriato, ao que parece, um sobrevivente da primeira matança, que lembrou a anterior traição romana. Aclamado como Chefe, Viriato atrai o Governador a uma emboscada, onde o venceu e matou. Os Romanos reagiram com um exército de mercenários celtibéricos, que foram chacinados.

Seguiram-se vitórias lusitanas ao longo de 146 a.C., o que permitiu fixarem-se na Andaluzia e na periferia. Os guerreiros locais armados com longas lanças e com os mortíferos **gladius hispaniensis** adequados à guerrilha, não deram tréguas à infantaria romana habituada a lutar em campo aberto com exércitos alinhados.

Os Romanos dominaram cartagineses e celtiberos, imaginando que a Península era deles.

Viriato congrega as forças rebeldes do centro e do ocidente e inflige às legiões derrotas humilhantes. Foi um grande líder e um hábil estratega, reconhecido como tal pelos generais romanos. Da sua origem [que nem todos aceitam] aventa-se que pode ter sido pastor de ovelhas e cabras de Loriga [Loriga no tempo romano, atual Loriga].

O facto de ter casado com uma rica herdeira a sul do Tejo, como dizem as biografias de historiadores, não o comprova assim como não é certo que tenha passado muito tempo nas planícies do sul. A segunda guerra lusitana surge na Turdetânia dos iberos da Hispânia Bética a oriente do Guadiana.

Os Lusitanos invadiram em 147 a.C., e atacaram os Romanos, mas foram cercados e vencidos por Caio Vetúlio. Viriato assume o comando geral e no mesmo ano em Tríbola vence e mata Caio Vetúlio. Animados, os Lusitanos vencem Cláudio Unimano (146), e Caio Nigídio (145); mas quando Quinto Fábio Máximo Emiliano, irmão de Cipião Emiliano, entra na Península como cônsul da Citerior e provoca Viriato em campo aberto no vale do Guadalquivir, os Lusitanos são derrotados (144).

Viriato retira-se para Baecula (Baicor, hoje Bailen), refaz as forças e contra-ataca no ano seguinte, repelindo os Romanos, que se afastam para Córdova.

Em 143 Viriato derrota as tropas de Quinto Pompeio, e no ano seguinte as do cônsul Lúcio Cecílio Metelo Calvo. Quinto Fábio Máximo Serviliano ataca Viriato em 141, que recua e contra-ataca destroçando as legiões. Depois de se reabastecer na Lusitânia, Viriato ataca Serviliano e cerca-o. Em Erisane celebra um tratado de paz (140) e recebe o título de Amigo do Povo Romano.

No ano seguinte na Ulterior, Quintus Servílio Cipião desencadeia uma ofensiva fulgurante que força Viriato a retirar para norte do Tejo, para Badajoz. A investida romana incluiu um ataque contra Vetões e Galaicos. Face ao avanço romano, Viriato vê-se obrigado a enviar três emissários para negociar a paz, Audax, Ditalco, e Mínuo, que são aliciados por Cipião com enormes quantidades de ouro para matarem o Chefe luso.

Viriato é assassinado de noite na sua tenda, por aqueles em quem confiava. No regresso ao acampamento romano, os três ouviram de Cipião que "Roma não paga a traidores".

Viriato ficou para a História, a par de Espártaco, como um dos poucos que conseguiu pôr Roma de joelhos enquanto travava uma guerra justa pela liberdade do seu povo. Após a morte, o exército lusitano comandado por Tautalo sofre uma última derrota a sul do Tejo e é obrigado a negociar a paz. A guerra continuou na Andaluzia.

É curioso ver no início do séc. V na História de Orósio, provavelmente galaico, a censura aos Romanos pelas suas crueldades contra os Lusitanos, como a do cônsul Fábio que reuniu quinhentos líderes com promessas de paz e quando os viu desarmados os subjugou e lhes mandou cortar as mãos ou a própria traição no assassinato de Viriato.

A pacificação final do povo pelos Romanos foi uma vitória sem glória. A Península é invadida em 409 por germanos. Orósio deixa Braga e refugia-se em Hipona. Os alanos ocupam a Lusitânia. Em 416 partindo da Calécia (Galiza) os Suevos estendem o seu domínio à Bética. Em 439 Emérita era a capital do reino suevo, abrangendo a Lusitânia e a Calécia.

Os Romanos chamam em seu auxílio os Visigodos, que ocupavam a Gália e derrotam os Suevos em 456. No ano seguinte dominavam a Lusitânia.

O domínio visigótico era fraco e em 459 os Suevos saqueavam a Lusitânia e massacravam Romanos. Em 467 os Suevos atacaram e destruíram Conímbriga, importante cidade lusitana, arrasando as suas muralhas. Dois anos depois Suevos e Visigodos defrontam-se em Olissipus (Lisboa). Apesar destes tumultos o Rei visigodo Eurico (466-484) inicia em 470 uma reforma administrativa e extingue a Lusitânia.

Como topónimo a Lusitânia não desapareceu, nos concílios de Toledo (séc. VI) o grupo dos bispos Lusitanos manteve a identidade comum e o Metropolitano de Mérida reclama para sua jurisdição as dioceses da Lusitânia, o que lhe foi concedido (656?) pelo Rei visigodo Recesvindo.

Em 711 os muçulmanos invadiram a Península, conquistando-a em seis anos. A Lusitânia manteve a designação, alterada para Lugidânia.

A reconquista cristã começou em 722 em Cangas de Onis, na região dos Cântabros e Bascos.

No final do séc. IX a Calécia (Galícia, Galiza) estava em poder dos cristãos. No séc. XI a região de entre Douro e Tejo, núcleo da Lusitânia, era reconquistada: Viseu em 1057, Coimbra em 1064.

Em 1146 Dom Afonso Henriques toma Santarém, em 1147 conquista Lisboa, atravessa o Tejo e penetra no território céltico.

O mito de Viriato começou no século I a.C., e deve a sua origem aos historiadores Possidónio e Teodoro. Ambos transmitem a imagem de um herói puro e justo, não corrompido pelos valores da civilização.

Portugal reclamou para si o herói e o local de nascimento, embora seja comemorado na Espanha como seu herói. Terá nascido no Monte Hermínio na serra da Estrela.

Na realidade, pode ter nascido junto ao mar, próximo de Coimbra. Terá sobrevivido ao massacre de Galba e participou na expedição de 147 a.C. Casou com a filha de um terratenente indígena e instalou-se em cidades meridionais durante a guerra com os Romanos, o que sugere familiaridade com o mundo mediterrânico peninsular.

Possidónio cria uma imagem que não corresponde à verdade, mas a um estereótipo. Viriato opunha-se ao domínio vindo de Roma, simboliza uma cultura ou civilização, se bem que a cultura portuguesa deva mais à romana do que à celtibérica. Viriato faz parte da mitologia, do panteão nacional e da História de Portugal.

A antiga Lusitânia entrava nas brumas da memória, para dar lugar ao Reino de Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.



## CRÓNICA 67 AMIGOS, ESCRITORES, FESTAS E SEM-ABRIGO 5 agosto 2009

Na Ribeira Quente, a ver os corpos obesos contrastando com a esbelta arriba alcantilada sobre o mar, não posso deixar de observar como seria idílico este local sem gente, sem os guinchos de miúdos históricos que se banham e salpicam tudo, sem os alertas esganiçados de mães que os invetivam. Todos obesos, sem darem cumprimento ao que, excelsamente, os membros do governo proclamam como a nova praga a extirpar. Há gente na mesa do lado esquerdo a falar lisboetês e na da direita fala-se micaelense, mas que – como habitualmente - não consigo decifrar nem localizar a origem, freguesia ou lugar.

Enquanto isto, a minha neta está-se consolando neste mar tranquilo de águas tépidas, gozando com fruição a sua terceira estadia nas ilhas, desacompanhada do pai que foi obrigado a fazer-se à vida sem a mãe, como se estarem juntos fosse um empecilho. Diz a mãe da neta que “se gastou”. Deve ser coisa nova, no meu tempo os casamentos e as uniões não “se gastavam” assim. Coisas de gente nova, que os mais velhos obviamente não entendem.

Tento concentrar-me e escrever, sem resultados visíveis. Há demasiadas interferências, ruídos de fundo que a minha alma de aprendiz de escriba não tolera. Nasci para as grandes planuras australianas e para o silêncio virginal dos montes nordestinos portugueses. Angustia-se-me o coração e tolda-se-me a mente com as multidões, o cheiro da democracia e seus eflúvios orais e corporais.

A suave agitação das ondas marulha despercebida por entre as vagas minúsculas que se espriam na areia, tal como as palavras gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, e que encontro na Relação de Bordo I do Cristóvão de Aguiar.

Há dias escrevia-me a dizer da sua pupila recente:

*“Obrigado pelas tuas palavras de amizade.*

*Quanto à Rosário, tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chego à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”*

Até hoje nem respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, pois estudos de Humanidades não tive, nem me deixaram.

*Em julho telefonara o Onésimo a convidar para uma tarde nos Moinhos de Porto Formoso, onde estivemos com ele e mulher Leonor, Daniel de Sá e Daniel da Ponte, senador dos EUA e mulher e filho.*

*Foi uma tarde de séria discussão (por entre as inenarráveis milhentas anedotas que fazem do Onésimo aquela enciclopédia viva e ambulante de caixeiro-viajante das letras), cujas gavetas mentais estão cheias de anedotas e nunca deixam qualquer conversa cair em saco-roto sem serem permeadas por picarecas cenas e episódios.*

Nessa outra tarde de praia com que iniciei a Crónica, fomos à Maia. A Graça Castanho ia abrir oficialmente uma Biblioteca Infantojuvenil com material doado à Casa do Povo local.

*Lá estivemos longamente com o Daniel de Sá e comentamos a desnecessidade de a biblioteca levar o título de Professora Doutora, quando o nome bastaria para perpetuar a herança que ali se estava a criar. Presentes o Presidente da Câmara, uma diretora regional e umas tantas entidades que o padre fez esperar, pois estava a celebrar a missa das 19.00 e só chegou para benzer a obra pelas 19.45.*

*Seguiram-se as palavras de circunstância que o meu filho mais novo e a neta escutaram com enfado antes de penetrar na biblioteca e ver o que os pudesse conquistar.*

*Mais tarde, a nossa netinha diria que fora a primeira biblioteca a sério que visitara, enquanto o filho notaria que os discursos tinham sido mais breves do que era usual.*

*O Daniel e eu mantivemos um diálogo ininterrupto com sentido crítico sobre tudo aquilo e prometemos fazer um novo encontro, um destes dias, ao jantar dele e meu almoço.*

*Fazem-me falta, e já o escrevi no último livro, estes encontros que despertam em mim qualquer estímulo intelectual.*

*Resumidamente, alterei os hábitos rotineiros (o que desgosto de fazer) e vim jantar pelas 21.00, a desoras, mas considerando este espírito de férias e a “obrigação” de partilhar esta alegria com a Graça, valeu a pena.*

Passou-se mais de um mês desde a última Crónica e nesse ínterim cumprimos alguns rituais locais, um deles foi a comemoração comunitária relacionada com o Divino, a Festa do Espírito Santo e do Império dos Jovens da Lomba da Maia. Quase duas centenas de pessoas a comerem umas tantas vacas e doces típicos da ocasião, festiva no calendário ritual de procissões e paganismo eivado de cristianismo e de fé que eivam a seiva dos jovens locais.

*Fomos bem-recebidos, nesta primeira incursão a uma festividade pela qual já havíamos passado três anos sem nos imiscuirmos. Todos contribuíram para fazer comida e a preparar tudo, mas o deus das borrascas decidiu mandar vir a chuva e tivemos de cumprir as festividades dentro de portas, num armazém ou garagem, a seguir ao largo da Igreja e ao lado do café Bulhões.*

*Acabou por sobrar comida, pois que se estivesse sol teria sido um bodo ao ar livre com umas 500 a 600 pessoas, e assim só estiveram duas centenas.*

*Há rituais destes em que já somos tratados quase como parentes afastados, vindos duma América de imigrantes, gerações depois, parentes afastados, mas nem por isso menos bem cuidados, mesmo sem usarmos os laivos do “americano” ou “canadiano” abastado de outros tempos, que “comprava” os que haviam ficado para trás com as suas prendas de imigrante rico e bem-sucedido na vida.*

O tempo tem andado “caramónico”, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o meu estado de espírito cansado e a necessitar de férias a sério, como este ano não teremos, excetuando 4 ou 5 dias no Pico a desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão.

É a crise diriam uns, eu encolho os ombros, alheio ao facto de este ser o mais calamitoso ano da minha carreira de tradutor de mais de trinta anos. Os clientes perderam-se com a crise ou antes, não tendo havido quem os substituísse e os candidatos a emigrantes na Austrália retraíram-se, deixaram de emigrar e não tenho processos de emigração para traduzir. Uma mera aplicação prática da lei da oferta e da procura que deixaria qualquer um a arrancar cabelos, mas auguro que melhores dias virão. Haja saudinha para os saudarmos.

Entretanto a presença da filha mais velha e da neta vieram quebrar rotinas, causar novos desafios e permitiram enganar a consciência a que muitos pomposamente chamam de saudade. Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar nesta classe em vias de extinção, a dita família.

Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem. Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

Mas pior andam muitos em França, de acordo com um documentário interessantíssimo que nas últimas duas noites passou na TV, pelas duas da manhã, sobre os novos contingentes de sem-abrigo em França. Professores, profissionais diversos ou outros, que subitamente ficam na rua, numa caravana, ou em casa de amigos, num círculo vicioso de autodestruição social e humana, que as agências de solidariedade dificilmente poderão emendar. Fiquei chocado e tão incomodado que nem vi tudo e fui-me deitar. Dei por mim, ateu de várias águas, a dar graças a Deus por ter teto e comida.

Medo?

Espero que não seja premonição.





## CRÓNICA 68 AMIGOS ESTIMULANTES 6-7 agosto 2009

### 68.1. ESCRITOS E OPINIÕES

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando hoje eu lhe disse que não mentia ao escrever pois o que saía da minha pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmontano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que nunca mentira ao escrever poesia. Seria pela origem transmontana comum mais do que qualquer outra coisa, que Torga não sou nem nunca fui, a não ser na expressão de sentimentos reprimidos. Sei que o Cristóvão anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um modelo base que pretendo para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...gostava de lho entregar para que deles construa, pedra a pedra, um pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980.

Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse meu escrito ([Crónica 67](#)) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descubro) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

*Caro Amigo Chrys,*

*Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais!*

*De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor.*

*Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus!*

*De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril. Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual...*

*Soltei-me dentro da minha caverna: ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direcção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvençá-lo-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido.*

*Há dias, foi a Maria do Rosário [Girão] com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte?*

*Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato.*

*Um forte abraço do Cristóvão*

Ao que respondi como segue:

*Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nesgas de areia da ilha (Pópulo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa). Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o governo guarda todas as nossas mensagens, já não se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia.*

*Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho... Nunca digas que é demais, pois nunca o será enquanto escrever o que penso e sinto, e não andar aqui a fazer favores a ninguém.*

*Não é por minha culpa que os açorianos são uns nabos iletrados ao não te apreciarem, nem tampouco me culpem por serem os portugueses como são. Limite-me (dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios) a fazer o que as secretarias, as fundações, Academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito.*

*Não nutro sonhos políticos aqui ou em qualquer outro torrão terreno, só escrevo o que penso e sinto. Aliás, sempre o fiz, o que me valeu suspensões sem conta em Timor e no resto do mundo, da LUSA ao Público que ajudei a nascer.*

*Deixa-nos ser (eu, Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros) a tua varinha mágica.*

E afinal, ironicamente, pois não simpatizo com “istas”, têm sido comunistas alguns dos meus melhores amigos, e (tanto quanto sei) sem comerem criancinhas ao pequeno-almoço. A amiga da minha mãe que era da ANI SNI (Agência / Serviço Nacional de Informação) salazarenta arranjou forma de o meu primeiro livro de poesia sair em 1972, com 32 páginas depois de a censura ter cortado as que faltam para as 100. Ela era membro do PCP na clandestinidade, bem como o marido que prefaciou esse devaneio juvenil.

Já a minha melhor amiga jornalista australiana, que muito me ajudou na Ordem de Jornalistas Australiana, a *Zoe Reynolds*, era militante dum partido ilegal (lá no meu país) o ACP<sup>286</sup> traduzido como PCA.

Agora é este Cristóvão de Aguiar um comunista que muito me tem ajudado e ensinado.

*Nunca deixei que a política interferisse nos meus amores e leituras: nos nossos colóquios, o Presidente da Câmara da Lagoa é PS (antes dele nos colóquios da Ribeira Grande, idem), em Bragança (nos colóquios metropolitanos) é do PSD...tenho na família todas as cores do espetro, até já votei Otelo e UDP no verão quente do meu descontentamento, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, encaminhei livros e teorias aos aprendizes da FRETILIN e no entanto vivi monárquico antes da entrada na Uni, antes me manifestar contra a guerra colonial e organizar coisas com Zeca Afonso, Mário Viegas e outros...*

*Sou um arco-íris descolorado politicamente. Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta. Antes isso que pateta. Continuo ateu na minha espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. A moda do fim do séc. XIX.*

*Uma perfeita contradição totalmente coerente. Descansa em paz e em vida. Cristóvão, este não é o ano da tua morte, mas do teu renascimento como Pessoa que Escritor já o és sem o saberes, há muito...*

*Abraço Chrys*

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar que já deu de caras com um leitor de livros seus em flagrante delito no meio de um jardim, nunca topei ninguém a ler-me em livro. Nem sei como reagiria! Talvez fosse lá, com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafo do autor....

Será por ter poucos e tão miudinhos em seus temas, decerto, mas se bem que esse encontro de terceiro grau ainda não se tenha verificado, recebi hoje uma crítica literária a sério de uma leitora (de novo a Rosário) que escalpelizou os meus escritos nele encontrando coisas que lá plantei e germinaram em flores por mim desconhecidas.

Fiquei comovido, com aquela lágrima furtiva ao canto do olho a escapar-se sob os holofotes da luz diurna e tive de lhe agradecer a imerecida exegese. Tanto mais que me fez sentir nu diante de todos, sem abrigo nem resguardo, inadequado e sofrido como nunca. Enfim, estes amigos e escritores do Daniel de Sá ao Cristóvão, ao Onésimo estão a despertar em mim esse bichinho larvar que se aminhoca nos dedos e no teclado e começa como ténia a sugar as vitalidades escritas que surgem espontâneas como as plantas daninhas no meu quintal.

*Caros amigos Rosário e Manuel*

*Ignorante já sabia que era, mas tanto nunca imaginei, depois de ler este trabalho onde se discorre longamente de um autor que deve ser deveras interessante. Estou, tal-qualmente o Cristóvão há dias, estupebrado e despallavrado e como raramente fico sem palavra, o melhor é calar-me para não dizer asneira. Quem ouvir esta prédica, ou a ler, pensa que está diante de uma opus magnum como lhe chamou a Anna Kalewska. Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse e nunca pretendi mais do que partilhar vivências e experiências,*

286 (Australian Communist Party fundado em 1920, banido em 1951, dissolvido em 1991)

*conhecimentos avulsos e a granel armazenados no grande celeiro da memória. Que servissem alguma utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos meus filhos.*

*Sei que houve quem se deu ao labor de ler, de fio a pavio, esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais tenho a dizer ou a acrescentar que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Ao ler esta análise, sinto-me como o parolo pintor de naturezas mortas com sentimento artístico, que se depara com a Capela Sistina e sabe nesse mesmo instante que nunca será um Da Vinci. Como é que esta gente sabe estas coisas sobre o meu ego e o meu livro que eu nunca suspeitara nem imaginara ao escrever?*

Apetece-me reescrever um velho poema da década de 70

469. I LE POISON D'AVRIL

*(hoje, todos os jornais cumpriram  
nem uma só mentira se imprimiu  
era a verdade toda  
a do sonho não vivido  
talvez possível*

*em letras garrafais*

*- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -*

*proclamava o editorial)*

*a duas colunas no canto esquerdo  
a páginas quinze  
era minha a foto e o nome  
nem me impressionou!  
ri mesmo com desprendimento  
negra cruz encimava frontispício  
dizeres os do costume  
a missa presente no corpo do finado  
hora a habitual  
na residência  
o féretro saíria para jazigo familiar*

*lembram-se de cada!*

*(claro que me importei quando o padre disse  
que ELE me chamara à sua presença)*

*todos compungidos  
choravam rezas e eulogias  
vestiam negro  
exceto as flores  
e as palavras vazias  
adivinhei um sorriso dissimulado  
nos lábios da viúva  
andei por aqui e ali  
ouvindo este e aquele  
pediam à minha alma  
que os libertasse  
queriam alívio  
disfarcei-me por entre sombrias colunatas  
e fugi*

*(ainda hoje me procuram!)*

Bem-haja por me ter encontrado. Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir

ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas. Durante quarenta e cinco anos sofri calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas.

Escreveria Rosário Girão:

*Se o espaço múltiplo vai fazendo o homem ao longo dos tempos do Tempo, o Autor vai escrevendo o livro ao mesmo tempo que se escreve a si próprio e que escreve sobre o outro que ele também é...*

*Tal escrita catártica (oscilando entre o passado ilusoriamente ressuscitado e o esboço do presente desatualizado) é regida quer pelo anelo de aprofundar o conhecimento do seu eu (não era “Conhece-te a ti próprio” a divisa do templo de Delfos?), quer pela vontade de fazer um balanço de vivências transatas, estabelecendo uma ponte para projetos futuros, quer pela ânsia de vencer o tempo e de triunfar sobre a morte...*

### **68.2 AND NOW FOR SOMETHING COMPLETELY DIFFERENT<sup>287</sup>**

Abateu-se uma chuva miudinha, de molha tolos, cacimbo acompanhado de nevoeiro típico da costa sul em pleno Aquaparque da Vila (Franca do Campo) constrangendo a leitura meada da Relação de Bordo II do Cristóvão de Aguiar. O filho benjamim, a mãe, a filha mais velha e a neta vieram-se postar-se debaixo do para-sol onde me encontrava.

*Sim, que nisto de exposição solar, desde que vi amigos australianos vítimas de cancro de pele, sou um sofredor de heliofobia embora não consiga viver sem ele para a minha função clorofílica mental.*

*Curioso, ou assaz irónico, para quem, durante anos, foi escravo do bronzado.*

*Em Macau, durante o inverno, usava uma lâmpada de infravermelhos para obter o efeito do bronze reacionário do Paulo Portas, esse líder político descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele na moda nos anos setenta.*

A praia da Vinha D'Areia esvaziou-se como se alguém tivesse gritado tsunami. Uma dezena e meia de banhistas lançou-se às águas pois são mais acolhedoras do que os escuros grãos de basalto das pequenas angras da ilha do Arcaño. Deve ter sido então que as turbas acudiram ao bar, impelidas pela mola que caracteriza as multidões. Nesse momento dei conta do envelhecimento temporal, que se nota nesse instrumento burocrático que nos acompanha da nascença ao túmulo (o famigerado Bilhete de Identidade) e que não cessa de assinalar os dias percorridos na corrida infernal para se atingir a meta final que muitos não desejam, inelutável e fatal como o destino. Esse fatum de que o Poeta falava.

*Verdade seja que não sentia (ainda) a idade nem a passagem do tempo, aparte umas leves manifestações de articulações e ossos, cuja existência sempre desconheci até chegar a esta húmida ilha. Igualmente me despreocupo com as cãs e com as luas de Saturno plenas de gordura natural que orlam o equador do meu corpo.*

*Vagavam os olhos, como mendigos, pelo entorno humano aglomerado ao balcão de comes e bebes, representantes lídimos dessa espécie de cachalote humano que aqui pulula como representante da beleza rural insular. Tal como as vacas, aqui as mulheres querem-se avantajadas e bem recheadas de formas como boas parideiras que devem ser, para assegurar o futuro da prole e o sustento dos campos. Já era assim no séc. XVI.*

Subitamente, como um oásis em pleno deserto, uns corpos esbeltos e jovens preencheram o compartimento mental da beldade, onde se acumulam ninfas imaginadas por conquistar. Por entre as suas comissuras e por montes e vales desconhecidos fui levado, pelas asas dum qualquer deus, a revisitar recordações juvenis e adolescentes de quando não era crime olhar e apreciar-se um corpo de mulher.

*Consta, e alguns cientistas já o provaram, que há intuições e instintos procriadores que se sobrepõem a todas as noções impostas pela sociedade ao longo dos séculos.*

*Uma delas, a da conceção de beleza do sexo oposto, prende-se com noções mais ligadas à procriação e perpetuação dos genes dos machos alfa. Apesar desses vórtices mentais os estímulos normativos da sociedade aliados à imposição artificial de normas pela sociedade enviaram, uma*

*vez mais, anti-histamínicos naturais a declararem que essas visões não eram do meu reino, nem elas poderiam ser súbditas da minha vontade adolescente revisitada. Imenso era o desfasamento de idades.*

*De um lado havia o objeto ou alvo do meu campo de visão e do outro, os lobos occipitais localizados na parte inferior do cérebro. Coberta pelo córtex cerebral, esta área o córtex visual, processa os estímulos visuais.*

*É constituída por várias subáreas que processam os dados visuais recebidos do exterior depois de terem passado pelo tálamo: há zonas especializadas em processar a visão da cor, do movimento, da profundidade, da distância, etc.*

*Mas se o córtex estava ativo, superativa estava a parte da frente do lobo frontal, o córtex pré-frontal, que tem que ver com estratégia, decidia quais as sequências de movimento que devia ativar e em que ordem e avaliar o seu resultado.*

*As suas funções abarcam o pensamento abstrato e criativo, a fluência do pensamento e da linguagem, respostas afetivas e capacidade para ligações emocionais, julgamento social, vontade e determinação para ação e atenção seletiva.*

*O confronto mental durou segundos e a racionalidade prevaleceu.*

Voltando à realidade, é triste quando o nosso corpo se não apercebe da lenta degenerescência e insiste em reagir a estímulos óticos que se entrecruzam nas avenidas do olhar. Agora nem Taiti, Fiji ou Bali, por mais mágicos que possam ter sido, chegam para estimular a testosterona à flor da pele. Afinal, nunca dispus nem do espírito nem da mente de Vicente van Gogh ou Gauguin para sonhar eternamente com núbéis ninfas.

*Terei de contentar-me com memórias de arrebatamentos adolescentes quando os dias apareciam no meu juvenil diário, e para ficarem assinalados como BONS bastava trocar uns olhares, palavras desconexas entrançadas em risinhos inconsequentes ou uns meros e fortuitos toques de derme. Muitos foram os desgostos, as paixões assolapadas, vontades súbitas de morrer na pira dos amores incompreendidos, já que respirar não valia mais a pena. Dias em que se perdia a vontade de viver sem aquele amor que se julgava eterno.*

*A vida entremeava-se entre o branco e o preto, sem qualquer tonalidade cinzenta (naquela idade não havia arco-íris para os sentimentos e esse símbolo ainda não representava gays ou lésbicas). Tudo era simples, linear subordinado a um imponente, majestoso Rei e senhor, o Império dos Sentidos que se assenhoreava das impressões digitais da nossa retina que depois enviava para processamento ao laboratório forense do recato, lá onde o limbo da imaginação, nunca consubstanciada, dado que o ADN / DNA ainda não fora decodificado, nem se sabia o que era o genoma humano. Isto tudo apesar da energia despendida na imaginação do seu vórtice ou cume inalcançável.*

*Aterrando estes eflúvios de novo na piscina onde a chuva se implantara, um cruel sorriso se assenhoreou da minha face ruborizada pelo irrealismo e ridículo de alguém da minha idade alguma vez poder estar acompanhado de tão núbéis donas, pavoneando-se ufano. Deixaria essa apologia do caricato para aqueles calvos, mais envelhecidos do que um Porto Vintage, ao volante dum descapotável Mercedes SLK.*

*Era ponto assente que tais fogos-fátuos demonstram à saciedade que a sua virilidade (ou o tamanho dela) era proporcionalmente inversa à idade das acompanhantes, nem sempre louras, nem sempre burras.*

*Eles exemplificavam a noção burlesca do que na língua-mãe se chama de "Sugar Daddy".*

*Como se fosse necessário açucarar uma jovem daquelas, a menos que as dádivas materiais sirvam meramente para ocultar a falta de desempenho sexual por mais comprimidos azuis que se tomem.*

Divago já, a chuvarada abranda. Afasto-me sentindo-me feliz e orgulhoso da mulher que segue a meu lado onde tem estado plantada de estaca inabalável ao longo duns três quinquênios assistindo ao meu amadurecimento tardio.

São estas pequenas coisas que nos fazem felizes e não as aparências. Esta noite vou ter de lhe dizer que ao amá-la conquistei mais um cume, o K2 do meu Evereste. Que as avalanchas me sejam leves.





## **CRÓNICA 70. AS “TIAS” DOS MOINHOS, TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO 8 agosto 2009**

### **70.1. AS TIAS DOS MOINHOS**

Estava nos Moinhos (de Porto Formoso) de novo, aliás, eles são a minha segunda casa na ilha, ponto de refúgio, local de meditação e de inspiração poética, local de encontro e de tertúlias inopinadas com gente rica de experiências e de saber de todo o mundo que acontecem ao sabor das marés. Local para lenta, observação de gentes, costumes e apreciação da linguagem corporal (*body language*) dos humanos que ali transitam.

Uma micalense (mais idosa que eu, mas pertencendo ao género da idade indefinida) disfarçava um bocejo com sotaque citadino micalense elitista dizendo que os novos lavabos e balneários mais pareciam umas masmorras em betão. A ignorância e as noções de estética não pagam imposto, valhanos Deus. Quem vira as anteriores faltas de condições para os banhistas, decerto apreciava a obra que acaba por se moldar na paisagem sem ser demasiado agressiva, na sua estética moderna valorizando este mobiliário urbano. A obra favorece o ambiente e a saúde pública, mas aparentemente ia contra privilégios antigos da dita senhora, a cujo sogro pertenceram terrenos e casas limítrofes ora devassadas, conforme apregoava alto e bom som para todos, nas mesas circundantes, ouvirem.

Ri-me evocando o bidé das marquesas em S. Martinho do Porto onde passei os verões do meu descontentamento matrimonial, mas não havia comparação possível em possidonce.

Faltava-lhe a sofisticação das “tias” da Linha do Estoril e Cascais e as acompanhantes não conseguiam dissimular a sua origem fonética micalense a que a matriarca tão desesperadamente queria escapar.

Complexo de inferioridade ilhéu dissimulado?

Querer mostrar ser mais importante que os demais, provar que já ia aquela praia há quarenta anos (só isto era quase um título de posse sobre a praia e a esplanada e o fisco devia cobrar-lhe IMI<sup>288</sup> por isso), sobressair a importância do sogro (e de nomes bem-sonantes que a mim nada diziam - os ingleses usam uma expressão maravilhosa, name-dropping), como quem atira nomes ao ar, em vez de rebuçados para as crianças pobres apanharem.

Só lhe faltava ser professora da universidade local para ser totalmente importante. Se calhar seria, ou já teria sido, mas como não o mencionou era improvável, já que esta gente vomita o currículo em voz alta nas esplanadas da praia...

Na Austrália trabalhei anos e anos com dezenas de pessoas e nunca soube - nem estava interessado - as suas habilitações. Aqui (Açores e Portugal) andam coladas aos dedos e à cara como se fizessem parte do Bilhete de Identidade genético.

Há solidões solitárias e multidões ermas, faltam tertúlias como as que recordo dos meus anos finais do Liceu Dom Manuel II (atual Rodrigues de Freitas) e do início do percurso na faculdade de Economia do Porto com gente como o cientista José António Salcedo e outros. Já tivemos um arremedo de reuniões assim nas longas noites de invernina insular, aqui no bar dos Moinhos, com o Manuel Sá Couto, o Daniel de Sá, e tantos (outros e outras) que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana. Em ocasiões destas, e em tantas outras que não apetece evocar, desmoralizo em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para a novi-ilha do Cristóvão de Aguiar e ali arribado, falar, falar, falar até desfalecer. Noutras ocasiões iria à minha amada Austrália onde estes espécimes humanos só se avistam em zoológicos (de famílias

---

288 IMI Imposto Municipal sobre imóveis

em vias de extinção, muito britânicos, mais do que os próprios apesar de nados e criados há gerações naquele continente-ilha).

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa. Trata-se de uma ilha cujo magnetismo me fascina ao ponto de ter desejado, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para o Triângulo Sagrado onde faria imolações e outros sacrifícios nas aras do destino. Não sendo das Bermudas esse triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de, como as cobras, trocar de pele e despir esta bela capa colorida terrena, que me vem acompanhando há seis decênios, e vestir o cinzento das cinzas que sonhei sempre em lançar ao Pacífico Oceano.

Já o escrevi alhures, mas por ora contentar-me-ia com o Atlântico, esse derivado líquido da lendária Atlântida que muitos gostariam de encontrar nestes continentes submersos cujos picos habitamos. Todos à deriva neste imenso Mar Oceano. Não há Derrida que me salve nem Piaget que me explique.

Digo e repito:

A ilha para Natália Correia é “mãe, Mãe-Ilha”, para Cristóvão de Aguiar<sup>289</sup> é “marilha”: mar e ilha, Marília; enquanto para Daniel de Sá foi Ilha-Mãe. Para mim a ilha não é mãe, nem madrastra, que nunca enteeda antes Ilha-Filha para amar, adorar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ihéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguida de mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Diz a minha mulher que sou altamente influenciável pelo que leio e já escrevo de forma diferente. Tu Daniel, tu Cristóvão, tu Rosário, tu Dias de Melo são os culpados. Acordaram um vulcão adormecido que na sua assinatura eletrônica assinalava, há anos, que a escrita nos Açores era piroclástica. Todos conhecemos o perigo dos vulcões indormidos. Não podem ser perturbados, tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.

## **70.2. TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO?**

Há tempos um falecido, aqui na vizinha Lombinha da Maia, pediu para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. Qual não foi o meu espanto ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério agarradas aos celulares.

Estariam a falar com o falecido?

Será que atendeu do lado de lá das grades e de dentro do seu caixão de mogno? De que fariam, que fofuques estariam trocando?

Lamentar-se-iam os vivos da falta que ele lhes fez ou estariam meramente a queixar-se da carência de vida?

---

289 (Relação de Bordo II, p. 95)

Os sentimentos destes vaqueiros andam centrados nos proventos económicos e nas vacas e não almejam grandes conquistas culturais ou espirituais motivo que me leva a pressupor que o tipo de conversação seria de tal jaez. Não creio que pedissem aconselhamento para as próximas eleições legislativas, daqui a seis semanas, nem tampouco lamentando a sua falta.

Quem sabe de que se queixavam agarrados às grades com uma mão enquanto na outra seguravam o pequeno aparelho. Assunto a merecer futuro estudo até porque me interrogo quanto à duração das baterias do aparelho, sem recarga possível, no esquite.

Seria uma solução para tantos escritores e outros que se separam de nós sem terem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha.

Seria uma forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que, como eu, ficam facilmente órfãos de autores que nos acompanharam nesta digressão terrena. Admira-me que as companhias de telecomunicação não tenham ainda inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado a todos os que nos deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial que poderia vir acompanhado de possibilidades de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? (versão final em [Crónica 70.3](#))

*Coincidência deveras insólita, pouco depois um amigo e ex-vizinho que há anos deixei de ver e falar, telefona-me a perguntar o significado de R.I.P. Lá expliquei que era “rest in peace” ou “Requiescam In Pacem” ...*

Hoje de manhã estava um excelente dia para ir até à praia, mas ao acordar fui assustado por uma ameaça de gripe do meu filho e tive de correr à farmácia da Maia pois o termómetro recém-adquirido dava “febres” de 35 °C para todos aqui em casa. Experimentamos trazer novo termómetro e o mesmo efeito. Por fim, trouxemos três aparelhos até que satisfatoriamente a temperatura assinalada dos nossos corpos se estabilizava nos 36 °C. Pensei que tinha chegado o momento que todos temem, pois com a temperatura de 35 °C estaríamos pouco menos do que mortos e prestes a entrar em hipotermia, quando na realidade nos sentíamos ainda de sangue quente e bem vivinhos da costa como os chicharrinhos da ilha antes de serem capturados. Ao fim do dia o jovem pré-adolescente estava sem febre nem sintomas gripais e como recompensa os céus enviaram-me um pôr-do-sol espetacular. Mais um, que desta falsa espreito à janela por sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no meio do oceano, lá onde eu costumava ver a minha ilha mítica, chamada Autonomia, que mais ninguém jamais viu ou anteviu.

E adiante a versão final do texto “Telemóvel no cemitério”, num exemplo único e irrepetível nas minhas Crônicas, homenageando o rico léxico açoriano.

### 70.3. CONVERSAS DO ALÉM

Há tempos ficara *menente* quando lhe disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. O homem sem *pitafe*<sup>2</sup> algum viera da *Amerca*<sup>3</sup>, ali da antiga *Calafona*<sup>4</sup>, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso. Qual não foi o espanto, num *alpardusco*<sup>5</sup> de *camarça*<sup>6</sup>, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho.

Não tinha *tarelo*<sup>7</sup> nenhum. Não querendo ser *lambeta*<sup>8</sup>, interrogava-se “*Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado*<sup>9</sup>?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “*Stars and Stripes*” à prova de *leiva*<sup>10</sup> ou continuaria na sua eterna *madorna*<sup>11</sup>? Teria acendido um *palhito*<sup>12</sup> para ver quem lhe ligava? De que fariam? Que mexericos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras

trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer? Estariam a queixar-se da *sorte caipora*<sup>13</sup> dos herdeiros ou a culpá-lo pela *caltraçada*<sup>14</sup> criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de *ao pé da porta*<sup>15</sup>? Falariam do gado *alfeiro*<sup>16</sup> sem touro de cobrição? Talvez dum derricho duma filha numa constante *arredouça*<sup>17</sup>, *às fiúzes*<sup>18</sup> do namorado da cidade?

Eu ia *ficar a nove*<sup>19</sup>, mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas. Não devem escalar grandes eumes culturais ou espirituais. Pressupunha ser esse o jaez da conversação. Não se crê que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas. Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a *atramoçar*<sup>20</sup>, com uns *calzins*<sup>21</sup> de *abafado*<sup>22</sup> até se ficar meio *piteiro*<sup>23</sup>. (ver Legenda – Glossário<sup>290</sup>)

Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena. Admira-me que as companhias de telecomunicação não tenham ainda inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão.

Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros, talvez aqui a universidade da malagueta (ou era malgueta, pequena escudela?) quisesse lançar um mestrado inovador sobre o tema para atrair fugidios estudantes.

290 (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro.

1 **Menente**, espantado, estupefacto (**São Miguel**)

2 **Pitafe**, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação

3 **Amerca**, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição a outro grande polo de emigração, a Califórnia

4 **Calafona**, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

5 **Alpardusco**, o mesmo que alparde, crepúsculo, lusco-fusco (**São Miguel**)

6 **Camarça**, tempo húmido (**São Miguel**)

7 **Tarelo**, juízo, tino (**São Miguel**)

8 **Lambeta**, intrometido (**São Jorge**)

9. **Empelicado**, diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (**Terceira**)

10 **Leiva**, formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

11 **Madorna**, sono leve, sonolência, torpor

**Palhito**, o mesmo que fósforo (**Terceira**)

**Caipora**, de qualidade inferior, reles. **Sorte caipora**: que pouca sorte, sorte maldita (**São Miguel**)

**Caltraçada**, confusão, mixórdia, trapalhada

**Vizinho do pé da porta**, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (**vizinho de ao pé da porta** em **São Miguel**)

**Alfeiro**, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

**Arredouça**, confusão, desordem

**Fiúzes (São Miguel)** - Às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (**Terceira**)

**Ficar a nove**, não entender nada do que ouviu

**Atramoçar**, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (**São Miguel**)

**Calzins**, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

**Abafado**, O abafado é um vinho tradicional dos Açores, tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense, o abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (**São Jorge**)

24 **Piteiro**, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

# QUE MERDA!! ESQUECI O CELULAR



<https://blog.lusofonias.net/?p=76920>

AMOSTRA



## **CRÓNICA 72 DA NÃO-ODE À NETA AO CENÁCULO ANTERIANO. 17 ago 09**

Houve bailho na aldeia neste domingo, mas os locais e forasteiros eram menos do que nas edições anteriores e a culpa foi do bom tempo que há muito andava arredado deste verão e resolveu oferecer o melhor dia do ano. O motivo de mais esta festarola que muito entusiasma os locais foi mais uma Feira do Linho, acompanhada de foguetes estrelejando nos céus com o seu característico bum, que ainda hoje ninguém conseguiu explicar para que servem. A música não era nenhuma Chamarrita nem fazia parte do cancionero açoriano. Fora retirada do elenco pimba abrasileirado duma qualquer banda.

Centenas de pessoas entretiveram-se durante umas horas de domingo esquecendo as canseiras e a carestia da vida. Um soporífero como outro qualquer, que nisto de tradições, cada vez menos são elas fidedignas reproduções de outras eras. É salutar mantê-las, mas a juventude não vai em cantigas populares de antanho e prefere as piosices musicais que se vendem aos milhares em todas as feiras. Não estive presente nesta 4ª Feira do Linho, mas ouvi os seus acordes dissonantes a uma escassa centena de metros do evento.

Desculpa lá a intimidade, mas imagina tu, leitor anónimo, que andei mais de três meses a esforçar-me e não consegui (desisti) ler o “Homem Duplicado” de Saramago enquanto devorava os 3 livros da “Relação de Bordo” (Cristóvão de Aguiar) numa semana, ao mesmo tempo que levava a filha e a neta (Mariana de sua graça) aqui, ali, acolá, da praia à piscina e até aos ananases que o tempo estava mesmo dos ditos.

O ananás chegou da América do Sul em meados do séc. XIX, como planta ornamental. No entanto, o cultivo em estufas veio a conhecer um notável desenvolvimento, como uma boa alternativa à cultura da laranja, que já entrara em declínio. O fruto ganhou adeptos em vários países da Europa e as exportações atingiram valores muito elevados, sendo cultivado em grandes estufas nos concelhos de Lagoa, Ponta Delgada e Vila Franca do Campo e valeram a denominação de origem «Ananás dos Açores / S. Miguel.»

Ia tentar acabar de ler nas Sete Cidades “À boquinha da Noite” do Dias de Melo. Mais uma leitura gorada pois o tempo estava excecional, e depois dos chuviscos nos ananases do A. Arruda em plena Fajã de Baixo, o sol jorrou a potes a convidar ao desvio até aos Moinhos para um banho retemperador nas gélidas águas atlânticas.

Fiquei à sombrinha sem ler nem escrever.

Na retina, as lagoas mostrando as suas mil e uma facetas renovadas em cada visita. A lagoa de Santiago, mais abaixo do nível habitual das águas, a mostrar uns arremedos de praias minúsculas, em baixo, ao fundo das suas mui alcantiladas margens.

Optei por ouvir o silêncio com todas as suas nuances e variações em plena Lagoa Azul das Sete Cidades, enquanto a neta molhava os pés. Todos se sentiam reconfortados no silêncio imaginado da lagoa tentando redescobrir sons e ruídos perdidos na memória dos tempos.

Bem queria eu escrever uma ode à neta, mas não houve sossego suficiente para botar a pena ao papel. A neta com seis anos está com a mesma idade em que perdi o contacto diário com a minha filha australiana e além de evocar semelhanças e diferenças permitiu-me retomar o contacto com a filha que na véspera completara 23 anos.

Tal como eu era uma extensão da ilha que me adotara, a neta tornava-se assim numa extensão da filha. Como se dezassete anos se não tivessem passado, entretanto, como se tanta dor não houvesse sido chorada, nem tanta lágrima tivesse secado prematuramente nos canais lacrimosos irreversivelmente encerrados.

Neste regresso ao passado não escrevi odes à neta, mas entoei-as mentalmente, brincando, contando histórias de adormecer (*lullaby*) que pouco entendia dado o seu limitado inglês. Da filha distam 18 mil km e da neta 1500 km....

Só queria escrever umas linhas a agradecer as alegrias que a neta deu numa quinzena, a fazer sentir como é transitoriamente frágil este percurso humano de sentimentos contraditórios e revertíveis para quem sempre dizia que não tinha netos.

Nisto de casamentos só eu sabia quão importante eram e porquê. Os problemas da filha e sua car metade, de quem se tinha apartado, parecem ter carrilado na sequência natural do “*E a vida continua,*” não é Padre Videira Pires (nome dum programa televisivo espiritual católico dos anos 1960 na RTP)?

Ser mãe solteira já não tem o estigma doutras eras, pois hoje quase todas o são. Desinclinada a vir viver para os Açores por achar isto um atraso de vida que na realidade quase é, era incapaz de admitir ou sentir que idêntico atraso de vida era a sua.

*Tanto fazia viver aqui ou na China, pois era sempre igual a precariedade de emprego em campo outro que não o das habilitações. Estas hoje vendem-se ao metro e de pouco servem num mercado de trabalho voltado do avesso.*

*Mal a filha e neta partiram descobri um vídeo gravado pelo filho mais novo encenando uma cena com amigos, mais típica duma série televisiva, com simulação de armas e, sabe-se lá que mais, artes de guerra. O castigo foi imediato, que nisto de violência sou pai intolerante. Além de a desprezar e vilipendiar não a admito por perto e muito menos recriada em casa pelo filho e amigos. Pode resultar o castigo, ou talvez não, nunca pactuaria com ela.*

Voltaria a dedicar-me aos temas escritos, a minha caverna artificial donde raramente saía para não ver, cobardemente, o mundo desigual, injusto e violento que me rodeava.

Cristóvão de Aguiar não era um dogmático e, muito menos, de índole religiosa como Daniel de Sá, mas insurgia-se sempre que lia algo com que discordava e isso acontecera com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera como se segue:

*Não há nem nunca houve língua açoriana.*

*Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micoelense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas.*

*Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram, no Continente ou caíram em desuso.*

*Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos.*

*Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá.*

*No fundo, o falar eastiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira.*

*Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não!*

*Dou um exemplo de uma palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço ou jantar diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico.*

*Em S. Miguel, e não sei se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame: Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo...*

*Aferventar, meu Deus, é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confecionar há muito, sobretudo em Lisboa, capital de onde tem saído as grandes desgraças para a Língua Portuguesa...*

Era disto que gostava, a esgrima palavrosa entre seres inteligentes, quem sabe se ao criar os Colóquios da Lusofonia não tive saudades das Conferências do Casino no seio do “Cenáculo” onde pontificou Antero de Quental.



## **CRÓNICA 73 TRAGÉDIAS NATURAIS E INFINITOS MUTANTES 22-23 agosto 2009**

*Na praia Maria Luísa, Algarve, aconteceu uma tragédia quando uma arriba de mais de 15 metros cedeu e soterrou banhistas que haviam ignorado o aviso das autoridades que, prontamente declararam que a praia fora vistoriada e estava segura, pelo que a causa do acidente seria o tremor de terra ocorrido uma semana antes.*

*Tal como noutras tragédias, a culpa é sempre de outrem, dos mortos, dos que se não podem defender, de terremotos e causas naturais, das areias movediças falsificadas da ponte de Entre-os-Rios que há quase uma década vitimaram mais de cinquenta pessoas, quando caiu a ponte por falta de manutenção dos seus pilares.*

*A culpa divina ganha, porém, a todas as outras causas.*

*Neste país nunca há responsáveis, nem humanos nem materiais, mas é possível atribuir as culpas a uma divindade ou a um ato da Natureza.*

*Sendo um país eminentemente católico, de nome, a tarefa é mais facilitada.*

*Não foram municípios nem construtores civis, nem arquitetos, quem construiu prédios até ao bordo das arribas algarvias e danificou os solos que, alegadamente, não aguentaram um pequeno tremor.*

*Nunca advêm dos desastres ambientais que previsivelmente acontecem, face ao desrespeito do Homem pela natureza, ao construir em zona de aluvião ou encurrala o leito das ribeiras sob cimento....*

*Ninguém é responsável pela especulação dos terrenos ou o excesso de construção em zonas de proteção da sofreguidão de lucro imobiliário.*

*Quando surgem os incêndios criminosos, que todos os anos consomem milhares de hectares, a culpa jamais é dos pirómanos, dos madeireiros, dos bombeiros que querem ser heróis, e de tanto louco varrido que por aí anda a atear fogos, é sempre das condições climáticas que ora estão quentes, ora estão frias.*

*A mata cresceu mais do que devia e não impediu o avanço das chamas. O vento mudou de direção e ateou mais fogos.*

*Os responsáveis pelos fogos postos não cumprem penas de cadeia e são libertados, os madeireiros acabam sempre ilibados. Em resultado de tanto fogo compram-se, ou alugam-se a preço de ouro, mais aviões de combate a incêndios. As inundações que se repetem ciclicamente surgem por culpa dos outros, do clima que esteve fora dos parâmetros, anómalos e inesperados, ou qualquer invocação divina.*

Este ano, mais do que em anos transatos, sinto a minha praia favorita dos Moinhos, Porto Formoso, cheia de forasteiros. Seja em função da crise ou de qualquer atração anormal, há um afluxo maior de portugueses, alemães, holandeses, espanhóis.

Vai-se a um restaurante e só se ouve o falar lisboetês em destrinça do micalense. Este sentimento de pertença e uma aparente repulsa pelos forasteiros, demonstram os vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele já fizesse parte efetiva, a afetiva já se comprovara antes. Começará este autor a ser açoriano?

Já em Bragança, ao fim de algum tempo sentia que os forasteiros estavam a ocupar o “meu” espaço, criara um sentimento de pertença e temia os “invasores” que vinham quebrar o sossego e pacatez da terra.

Estaria a ser assimilado ou integrado?

Onde se quedava a tolerância e aceitação do outro como um igual?

Estaria a perder o sentimento de equanimidade e equidade?

Seria isso ou haveria algo mais que não descortinava.

Gozamos mais um dia de praia. Uma dezena de tardes que o João partilhou com os pais. Noutros dias tem ido com amigos, como os “americanos” que têm casa aqui ao lado e todos os anos vêm dos EUA passar duas ou três semanas à Lomba. Bom para praticar o seu inglês. Como os pais nunca vão à praia aos domingos, saiu de manhã com esses amigos e só voltou depois do jantar. Os pais fogem das multidões ao domingo, e usam as férias para relaxar e ler.

*Era isso que fruía na calma esplanada dos Moinhos quando fomos apresentados a um professor açoriano residente no Algarve. Nelson Moniz, de sua graça, apresentou-se como professor e poeta tardio.*

*Depois, começou a falar de pedagogia e de poesia e em vez de saírem pelas 17.30 acabamos por vir para casa já perto das 20 horas. Nem todos os dias se encontram “loucos ou poetas” com quem conversar.*

*A chuva e nevoeiro voltaram ao fim dum domingo soalheiro, quente e húmido, mas não refrescou a casa nem as mentes. Agosto a findar e há a sensação de não se ter repousado o suficiente.*

*Na véspera à noite, pela uma e meia da manhã a RTP-N transmitia um programa dedicado a Amadeu Ferreira, o homem que “reinventou” a língua mirandesa e lhe deu uma escrita. Um programa interessante, como muitos que só surgem de madrugada. Apetece inferir que os programas para gente culta e inteligente só passam a desoras, depois das telenovelas entediadas para as massas.*

*Esta observação é politicamente obsoleta e incorreta. É consabido que as televisões transmitem aquilo de que o povo gosta.*

*Não lhes compete educar, que isso é tarefa para ministérios sem vocação, sem dinheiro nem gente dedicada.*

*Uma minoria, sonha com um mundo melhor e luta por ele, a despeito dos obstáculos.*

*Um mundo diferente. O Estado e os que o apoiam asseguram a manipulação da opinião pública, as distorcidas manchetes, as notícias camufladas, o abafamento dos escândalos que vêm à tona quando (e enquanto) interessam a grupos económicos.*

O que interessa é mostrar calamidades rodoviárias, ferroviárias e aéreas, secas, inundações, incêndios, furacões ou tufões. No ano da desgraça de 2009, convém mostrar *ad nauseam*, a gripe pandémica, que nos vai matar a todos, se Deus quiser, já que o Estado faz o que pode, mas não tem resultados suficientemente satisfatórios. Longe está o autor de insinuar que a manobra das farmacêuticas faz parte da Teoria da Conspiração com intuítos malthusianos. Desde há anos que se sabe da existência duma Pandemia do Lucro das Farmacêuticas:

*Uns milhares contraem a gripe suína e todos usam máscara, existem 25 milhões com a SIDA e ninguém usa preservativo.*

*Entretanto, morrem anualmente, sob o silêncio da comunicação social:*

- *Milhões de vítimas da Malária. Bastava prevenir com um mosquiteiro;*
- *Milhões de crianças com diarreia, evitável com um soro de 25 cêntimos;*
- *Milhões com sarampo, pneumonia e outras, curáveis com vacinas baratas.*

*Há cerca de dez anos, apareceu a gripe das aves. Uma epidemia, a mais perigosa de todas... Uma pandemia!*

*Só se falava da terrífica enfermidade das aves, que, em dez anos matou um assombroso total de 250 pessoas (25 por ano).*

*A gripe comum mata, por ano, meio milhão de pessoas no mundo, mas ninguém entrou em pânico.*

*A farmacêutica transnacional Roche, com o seu famoso Tamiflu, vendeu milhões de doses aos países asiáticos. Ainda que seja de duvidosa eficácia, o governo britânico comprou 14 milhões de doses para prevenir a sua população. Outros países seguiram a mesma senda.*

*Com a gripe das aves, a Roche e a Relenza, as duas maiores empresas farmacêuticas que vendem os antivirais, obtiveram milhões de dólares de lucro.*

*Agora é a vez da psicose da gripe suína. Os noticiários de todo o mundo falam disso.*

*A empresa norte-americana Gilead Sciences tem a patente do Tamiflu.*

*O seu principal acionista é Donald Rumsfeld, secretário da defesa de George Bush, artífice da guerra contra o Iraque.*

*A verdadeira pandemia é de lucro, os enormes lucros destes mercenários da saúde. Não se devem negar as necessárias medidas de precaução tomadas pelos diferentes países, mas que fazem parte do senso comum e deviam ser norma em todas as civilizações.*

*Se a gripe porcina é uma pandemia tão terrível, como anunciam os meios de comunicação, se a Organização Mundial de Saúde (liderada pela chinesa Margaret Chan) se preocupa tanto com esta enfermidade, porque não a declara um problema de saúde pública mundial e autoriza a fabricação de genéricos para combatê-la?*

*Assim, prescindia-se das patentes da Roche e Relenza e distribuíam-se medicamentos genéricos gratuitos a todos os países, especialmente os pobres.*

*Esta seria a melhor solução. Além do Tamiflu, de utilidade duvidosa, dizem que é preciso lavar as mãos.*

Espero não vir a apanhar a gripe que as farmacêuticas inventaram para vender inócuas vacinas. Sou das pessoas que lava as mãos regularmente, não me deixo intimidar pelo Terror, mas também sinto asco, pelo bombardeamento diário mediático, médico e ministerial sobre a progressão da Gripe Porcina, mais sofisticadamente, Gripe A. Ao meu lado, os Portugueses não estão habituados a lavar as mãos...

Aquando da crise das vacas loucas nunca deixei de comer carne “vermelha” aceitando a garantia do estado de saúde dos animais em questão, na mesma medida em que aceitava as couves, alfaces e tomates de “aviário” que hoje são produzidos e vendidos, sem cuidar de saber que tipo de adubos são usados na sua criação embora prefira os locais tradicionais.

*Todas as sociedades têm tendência para manipular os seus súbditos na tentativa de os tornar mais dóceis. Interessa ter concidadãos indefesos e temerosos como convém a autoactas transvestidas de democracia. São permitidas algumas liberdades, dentro duma ótica de hedonismo e consumismo desenfreado e compulsivo.*

*Este é o Estado, a escola e a comunicação social que a todos rodeia como num filme de cobóis quando os índios cercavam os caras-pálidas nas suas caravanas. Neste tipo de democracia, o povo vota, mas não governa e pouco participa.*

*Sinto-me isolado, mas ainda não sitiado, imune à lavagem cerebral imposta pela comunicação social. Invisto na construção de uma vida melhor, sem cuidar dos interesses pessoais e sem intuítos materialistas.*

*É esse também o espírito que rege os Colóquios da Lusofonia que erguem desde 2001-2002 alguns idealistas, sonhadores e poetas!*



**AMOS**



## **CRÓNICA 74 A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? 9 setº 09**

### **74.1. A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME**

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, há pessoas de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras não vivem sem ele, como no Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que ousam opinar sobre o arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos.

*As visões críticas, ou não conformadas aos cânones, podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem e a ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam.*

*Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que os Açores ainda não são moda na capital do Império.*

*Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao meu amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o Papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o Imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias.*

*Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “a minha festa é maior que a tua”. Para o comum dos mortais a vida seguiria o seu rumo, mas os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma.*

*Cristóvão escreve com uma pluma incômoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares-comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?). Eu recebi “avisos amigos” para os perigos quando o convidei a estar na Lagoa em março 2009 para o 4º Encontro Açoriano (11º colóquio da lusofonia).*

*Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados incutia aos defensores da paz podre açoriana. Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria.*

*Deixei a Lomba da Maia de noite pois nunca se sabe quando se encontram vacas, tratores e carros agrícolas ou, se pelo contrário, se viajará sem transtornos. O trânsito pelas sete da manhã era constante e bem distinto da calma que conheci à minha chegada em 2005. Parte do novo influxo de viaturas deve-se ao empreendimento da SCUT (via rápida sem custos para o utilizador) que avança lentamente, da Ribeirinha para o Nordeste, desbastando montes, encurtando vales, quebrando rochas milenares, alterando a pacata paisagem da costa norte, imutável ao longo de gerações e melhorando, ao de leve, o traçado da estrada centenária.*

Há quem sinta nostalgicamente que o progresso destruirá paisagens milenares intocadas, mas será um alívio para quem conduz do Nordeste à Ribeira Grande. Enquanto durar a construção é dinheiro vivo injetado onde a estrada passa. A casa em frente à minha, para venda há anos, foi alugada a trabalhadores das obras que gastarão energia da EDA, mais água dos SMAS, abastecem-se no minimercado local e no café da esquina...o circuito económico do desenvolvimento alastra-se até à conclusão da obra. Esta é a solução no ciclo de quatro décadas que a Austrália inventou com a imigração constante para ter uma economia sempre crescente.

*Era dia 27, mas no aeroporto da Nordela (pomposamente designado João Paulo II) concentram-se já cinco voos neste final de férias de agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas me anteciam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram a mais de uma centena de pessoas, que neste pequeno átrio parecem milhares. O ar era irrespirável com o calor e*

*humidades próprios da época e do local com deficiente ar condicionado. A habitual cortesia e hospitalidade silenciosa dos operadores aéreos nacionais (SATA e TAP) para com os seus clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada na sala, que bem podia ter sido retirada de cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar.*

*As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que não falam nem português nem inglês. Na banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiram acompanhados de balões com pontos de interrogação descomunais.*

*O silêncio imperava nos altifalantes anormalmente mudos, contrastando com o vozear e o alvoroço dos candidatos a viajantes. O sistema sonoro do Aeroporto Papa Paulo II, Ponta Delgada, ainda é arcaico e ninguém consegue entender as mensagens por entre o barulho habitual.*

*Aquí as pessoas movem-se, umas atrás das outras, num espírito cego de carneirismo em resposta a apelos imaginados ou reação instintiva a anúncios de partida que a SATA nunca fez...A descolagem prevista para as 08.30 aconteceu pelas 10.20. Avisei o meu anfitrião que o seu banho matinal nas Poças de S. Roque do Pico estava irremediavelmente arruinado.*

É sempre imponente ver aproximar o cume da montanha do Pico, 2.351 m acima do nível do mar na dorsal mesoatlântica, o mais alto de Portugal. Medido a partir da zona abissal contígua tem 5 000 m. O vulcão é recente (750 mil anos), entrando em atividade intensa, pela última vez, no séc. XVIII, ocupa a metade ocidental da ilha e corresponde a um vulcão poligenético com Caldeira, no interior da qual se edificou um cone lávico, o Piquinho.

*A morfologia deste vulcão resulta do somatório de inúmeras erupções de tipos havaiano e estromboliano, predominantemente efusivas, centradas no topo ou ao longo de fissuras, nos flancos oeste e leste. Os principais produtos vulcânicos basálticos consideram-se os cones de escórias e de spatter («salpicos de lava» ou «emplastros») e as escoadas lávicas, de morfologia pahoe-hoe. Com uma história eruptiva de 270 mil anos, foram identificadas cerca de 22 erupções fortes nos últimos 1500 anos, sendo a mais recente em 1718 que deu origem aos mistérios de Sta. Luzia e de S. João. As principais emanações gasosas localizam-se no topo, i.e., na base e no interior da cratera do Piquinho. Correspondem a emissões de vapor.*

Convém recordar, a gesta das gentes ao longo da conturbada história da ilha, durante séculos considerada uma “quinta” da fidalguia do Faial. Desgraças naturais:

*1562-1564 — Erupção vulcânica na Prainha do Norte – Em 21 setº 1562, “após prolongado tremor de terra, que “terá durado um “terço de hora”, acompanhado de grande estrondo, & logo em hum lago, & por cinco bocas arrebentou tal fogo, que delle, & de polme ardente correo huma ribeyra por espaço de huma légua, até se meter no mar do Norte, & no mesmo mar formou, com entrada nelle de hum tiro de arcabuz, aquele grande caes de pedraria abrazada, [...] e afirma o douto Fructuoso, que foi taõ grande o fogo, que todas as mais Ilhas Terceyras se allumiaraõ com elle, & até em S. Miguel fez da escura noyte claro dia!”*

*1713-1714 — Um mau ano agrícola a que não foi alheio o ciclone tropical de 25 setº 1713, levou a que no Pico o povo comesse “socas e raízes” para sobreviver. Uma epidemia de peste provocou milhares de mortos. No Pico morreram 5 mil pessoas.*

*1718 — Erupção em Sta. Luzia do Pico – A 1 fevº, 6 da madrugada, ouviu-se uma “espantosa trovoadas que encheu de terror os hortenses” e iniciou-se uma erupção vulcânica entre Bandeiras e Sta. Luzia, surgindo torrentes de lava que formaram um extenso mistério (Sta. Luzia) que penetrou mar adentro.*

*1720 — Erupção no Soldão, Lajes do Pico – A 10 julho iniciou-se por “dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeço do Soldão” uma erupção que “inundou de fogo” perto de uma légua quadrada, consumindo terras e vinhedos e destruindo 30 casas “cujos moradores salvaram suas vidas fugindo precipitadamente”. A erupção foi precedida de numerosos sismos e perdurou até dezembro daquele ano.*

*1744 — Ciclone tropical - grandes cheias - A 5 outº “caíram copiosíssimas chuvas que inundaram as terras correndo em caudalosas ribeiras”. Na Prainha do Galeão morreram 7 pessoas arrastadas ao mar; na Prainha do Norte 6 e outras 5 em S. Roque.*

*1745-1746 — Mau ano agrícola provoca fome e emigração em massa – como resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada. O povo “recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe esse mísero alimento emigrou”. Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

1757 — Grande terramoto - Em 9 julho, um dos mais violentos terremotos de que há memória atingiu S. Jorge, ficou conhecido pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu o Grupo Central. Pelo menos 11 pessoas morreram no Pico. “O terramoto foi tal que a norte da ilha, à distância de 100 braças, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha”.

1963 — Crise sísmica e erupção submarina frente a Sta. Luzia - Entre os dias 12 e 15 dezº um tremor vulcânico ao largo do Cachorro, costa norte. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 dezº. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando danos.

1973 — Crise sísmica no Pico e Faial – A partir de 11 outº começaram a ser sentidos numerosos sismos no Pico, Faial e S. Jorge, com destaque para a Freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 novº, pelas 12 h 36 min registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Sto António. O sismo provocou graves danos, muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Sta Luzia, Sto António, e S. Roque, na costa norte, S. Mateus, na costa sul.

1998 — Sismo de 9 julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE do Faial provocou destruição generalizada nas freguesias do Pico.

A Ilha estende-se por 447 km<sup>2</sup>, 42 km de comprimento e 15,2 de largo. Não se sabe a data da descoberta, e a colonização ter-se-á iniciado por 1480, com gente oriunda do norte de Portugal.

Houve duas abordagens à ilha, uma pelo sul, Lajes em 1460, e outra pelo norte, S. Roque, em 1470. A oeste continuou desabitado, com um manto de lava sem terra cultivável, nem corria água para abastecer. Entre S. Mateus e Sta. Luzia não havia qualquer ribeira. O flamengo Jos Dutra, Capitão-Donatário do Faial, pediu à coroa portuguesa a carta de Capitão-Donatário para o Pico, concedida em 1482, tornando-se no segundo Donatário. Dutra organizou o primeiro grupo de povoadores, em S. Mateus.

Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco da ilha, plantou videiras no lugar de Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos que dizem que a plantação de vinhas se estendeu para sul (Sta. Bárbara) e norte (Prainha do Norte). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do vinho verde, plantando bacelos de vinha nas rochas de lava, com bons resultados de boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente, quebraram a lava, abriram covas para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação era feita a partir da costa desabrigada, sujeita ao rossio de água salgada entre abril e junho. Para combater o problema e amanhar a lava para a plantação dos bacelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura. Tendo em conta a orientação dos rossios do mar foram-se construindo paredes com cinquenta m. de comprimento, paralelas umas às outras, distando entre si dois a três metros, terminando junto a uma vereda transversal, a servidão. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chamava-se “Jarrão”. Em cada canada construíram muros transversais, “traveses” que distavam entre si cinco metros e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a “bo-caina” sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois “traveses” contíguos chamava-se curral.

Produziam-se mais de duas mil pipas de vinho por ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero exageradamente citam que a produção chegou às trinta mil pipas. É nesta época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os solares junto à costa, casas de veraneio, com armazéns, lagares e alambiques onde foram construídos poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde se situavam os poços. Neste período construíram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos locais onde o vinho era produzido, mas foi necessário aplanar as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes “rola-pipas”. A quase totalidade do vinho produzido era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados até à exportação para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. Uma das mais importantes casas do Faial na exportação do vinho do Pico, foi “De Sobradello & Co.”.

No séc. XIX a casa Dabney foi outro grande exportador e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor. Em 1852 um pó branco cobriu totalmente

as uvas, desde a floração até à maturação, destruindo-as inteiramente. A produção caiu para a centena de pipas. As casas ricas do Faial viram-se obrigadas a vender as vinhas ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar os cereais para a alimentação. Assim, se empreendeu nova proeza, a de desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra de forma organizada em enormes “marçoços ou marouços”, autênticos monumentos num rendilhado de paredes.

Diz Susana Goulart Costa<sup>291</sup> da Universidade dos Açores

*Da década de 1480 até meados do século seguinte, o crescimento populacional terá decorrido num ritmo positivo. Nos finais do séc. XV, surge nas Lajes o primeiro município e em meados do séc. XVI, S. Roque.*

*Em 1542, os habitantes pedem ao Rei D. João III a criação da segunda vila, apresentando-lhe a "opressão que os moradores das freguesias de N, Sra. Sra. D'Ajuda e de S Roque da banda do norte recebiam em ser mal providos de justiça por os ditos lugares serem longe da vila das Lajes de cuja jurisdição eram e o caminho ser muito mau de montanha e serra áspera e se faziam muitos males e roubos em suas terras por a justiça da dita vila não poder a isso acudir a tempo..."*

*Nos finais do séc. XVI, a população era de 3432, no final da centúria seguinte eram 8720. Do séc. XVI para o XVII, surgem cinco novas freguesias, quatro no novo município: Sta Luzia, Sto António, Sto. Amaro e Bandeiras. Em 1871, S. Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 pessoas e a Madalena 9025.*

*A primeira zona habitada foi a das Lajes, a sul.*

*A origem metropolitana dos primeiros povoadores foi determinante na organização da sociedade, transplantando-se a organização remol: uma pequena nobreza, que se distingue pela posse de terras; uma forte presença do clero secular e regular (franciscanos); e um terceiro grupo, de mercadores, artífices, trabalhadores rurais e artesãos. Há judeus, comprovados nas Lajes nos inícios do séc. XVI (na Madalena, no séc. XIX); e de escravos para o trabalho rural e doméstico, que se foram misturando com a população, deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o picoense, descrito por António Lourenço da Silveira Macedo, em "História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta" de 1871: "São os picoenses geralmente dotados d'uma índole pacífica, laboriosos, engenhosos e robustos, sobretudo as mulheres, que muito ajudam nos trabalhos rurais".*

*Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena.*

*Na segunda metade do séc. XIX, o cultivo de laranjas, maçãs, pêssegos e figos (produção de aguardente) tornou-se uma importante alternativa. Tornou-se hábito diário a deslocação de picoenses para o Faial para venda da fruta. A criação de gado foi uma importante atividade, exercida desde a descoberta da ilha. Antes do povoamento, as pastagens foram utilizadas para a criação de gado, exploradas por habitantes do Faial e da Terceira.*

*As características da orla marítima explicam a reduzida faina piscatória, mera atividade de subsistência, mais representativa na Madalena e Sto. Amaro. No séc. XIX há uma efetiva exploração marítima, com a caça à baleia e assim se formou a imagem do baleeiro, associada como característica tradicional da Ilha do Pico.*

#### **74.2. SOBRE O PICO...**

A vinha, que alterou a paisagem e a cultura ocidental da Ilha, foi classificada pela UNESCO em 2004 como Património da Humanidade. Outra atividade patente no Museu dos Baleeiros, nas Lajes é a caça à Baleia, desenvolvida e influenciada pela presença norte-americana desde finais do séc. XVIII, hoje transformada em viagens de observação de cetáceos<sup>292</sup>.

*A arquitetura é de casario simples, branco com blocos de lava preta. Lugares como Lajes, S. Roque e Madalena, estão cheios de história e património, ou de encanto natural como a Gruta das Torres, as Furnas de Frei Matias ou o Arco do Cachorro. A ilha oferece boa gastronomia de peixe*

291 <http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>

292 a que parolamente e não pomposamente se chama de “whale-watching” como se não houvesse equivalente lusófono



e marisco, sendo famosas as caldeiradas. A saborosa carne vem dos pastos abundantes e é afamado o queijo (de S. João e do Arrife), regado pelo Vinho Verdelho.

No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, Capitão-Donatário da ilha da Madeira, a primeira carta de Donatário, cabendo-lhe a responsabilidade do povoamento. Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita. Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos que proporcionavam matéria-prima para exportação e para construção naval (cedro).

O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e a criação de gado foram atividades predominantes. A produção de pastel e a sua industrialização e exportação para tinturaria também desempenhou um papel relevante na economia do arquipélago e atingiu o auge quando a cana-de-açúcar (sem grandes resultados económicos) e o trigo entraram em decadência. No séc. XVII, as matérias-primas tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu no séc. XVIII, quando foi introduzida a cultura da batata. Em finais de Setecentos, regista-se o início de uma expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores já tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras.

A respeito desta minha recente paixão pelo Pico, a Rosário Girão compilara os seguintes textos que enviara numa partilha literária incomum:

*“Sopraram sobre a ilha os ventos da mudança, seguidos de pássaros metálicos que têm pouso para as bandas das Lajes; mas o iate arrimado ao Porto de Pipas prolonga o cirandar periclitante dos barcos do Pico através do Arquipélago. São ousados e de pouca segurança técnica, os iates, e mesmo assim raramente enjeitam carga. Têm mastros e motor, [...]. Navegam num passado recente igual ao meu presente e resistem às leis ditadas por senhores engravatados em gabinetes sem horizontes.”* <sup>293</sup>

*“A montanha, pano de fundo de variado colorido, caprichava no moldar das nuvens. No inverno cobria-se de neve até aos baldios. E em raras tardes límpidas de verão, anilava-se de encontro à abobada. Muita gente jurava ter avistado em madrugada serenas uma coluna de fumo a emergir da cratera, embora os mais sábios falassem dum vulcão extinto e remetessem para um passado efetivamente findo os grandes arrotos de lava”* <sup>294</sup>.

*“Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E, contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha”* <sup>295</sup>.

*“Ao dobrarem, já com umas duas horas a navegar, o Castelete, do lado leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixamos para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Sta. Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da Freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no porto...”* <sup>296</sup>

*“Era um lastro de mistério:  
pedra ardida  
preta e roxa.  
Mas o homem, esse tal  
Fernão Alvres Evangelho  
e os que vieram após,  
com seu saber de flamengos,  
'Vai ou racha' – portugueses,*

293 (GARCIA, José Martins, O Medo, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Coleção Gaivota 25, 1982, pp. 11-12).

294 (GARCIA, José Martins, A Fome. Lisboa, Edições Salamandra, col. “Garajau”, 2ª edição, 1978, p. 12).

295 (GARCIA, José Martins, Contrabando original. Lisboa, Edições Salamandra, col. “Garajau”, 1997, 2ª edição, pp. 85-86).

296 (MELO, José Dias de, A montanha cobria-se de negro. Ponta Delgada, Ver Açor, Lda, 2008, pp. 143-144-170).



*e hábeis mãos de italianos,  
dos tufos fizeram terra  
e, sem milagre nenhum,  
semeando e aplantando  
multiplicaram por mil  
as sementes e as estacas  
na casca daquele invento,  
para as covas e os tonéis. [...]  
Antes, e continuando  
sem mais nomes sobre os feitos,  
darei que feito o milagre  
(e cá me torna a palavra!)  
de mudar em terra pedras,  
o Picaroto (assim mesmo)  
desceu às praias do mar,  
que são negrume, calhau,  
fez-se à água, navegou-a,  
foi de ilha em ilha, passou  
para lá dos pegos delas:  
longes de longes nos olhos  
e mais nos calos das mãos: [...]  
... E não acabo – não posso! –  
a conta dos contos idos,  
mais d'agora e que hão de vir,  
desta gente picarota  
feita de lava e salmouras,  
mole na fala, de ferro  
nos arriscos do trabalho.  
Não posso, não há palavras! [...]" 297*

Esta era, aliás, a história que já aprendera em visitas anteriores. Levantei a viatura de aluguer no aeroporto, depois de ter tomado um café (a "italiana" habitual) insonso, de sabor indistinto num bar, pachorrento como as vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho de S. Miguel Arcaño, S. Roque, pelas boas estradas que o Pico tem e fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada, tendo a maior mais de 9 km...

Apesar de só ter estado duas vezes na ilha, senti-a como uma velha conhecida e o mapa continuou na pasta dos documentos. Almoçamos no Clube Naval de S. Roque, bom serviço de "buffet" por 7.00€, café incluído.

O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes onde se celebrava mais uma "Semana dos Baleeiros" normalmente após a "Semana do Mar" na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Ali há uma moderna livraria, a única no Triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à nossa coleção de autores açorianos.

A surpresa foi ver o meu último "*Crónica Açores*", incluído na "literatura açoriana". Em amena cavaqueira dizia ao Cristóvão que ele conseguira algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o "*Crónica Açores: uma circum-navegação*" e estava a lê-lo. Aproveitei para autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume da pretensiosa trilogia.

Após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, mais soalheiras e convidativas do que em visitas anteriores. Vi ainda a expansão do Museu dos Baleeiros, instalado nas três casas originais de botes do séc. XIX, único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de "scrimshaw" tem

297 (cf. Silveira, Pedro da, fui ao mar buscar laranjas 1, "Diário de Bordo", "Costeando o Pico", pp. 167-168-169).

uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e uma "tenda de ferreiro" onde é possível aprender como eram fabricados utensílios metálicos usados na caça da baleia.

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a dessedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”. Satisfiz assim a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo, mas com o desconforto da minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima na diminuta casa, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno Farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

*Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 5 dias e noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar a sua opinião sobre a literatura açoriana...*

*Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se as baleias, outro livro mais intimista como “À Boquinha da Noite” (2001) e pouco mais. Li e detestei “O Menino deixou de ser menino” (1995) e “Pena dela, saudades de mim” (1994) dum neorealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.*

*Onésimo como croneiro tinha a seu favor notáveis as inúmeras piadas que sempre o caracterizaram, beneficiando da fama e do apoio das instâncias oficiais e da clique onde se incluem nomes menores da literatura local que se adoram e veneram mutuamente como Daniel de Sá que tem, talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha grande fechada” (1992) embora sejam sempre livros curtos. Excluía a obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que surgiram em guias de turismo “Sta. Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e a “Terceira, terra de bravos”.*

*Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espartosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...*

*O problema é que, sem querer, metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias.*

*A minha autocritica ao fim de 4 dias com o Cristóvão: embaudeirei em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos pinaros Dias de Melo, Onésimo de Almeida, Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio.*

*Gostava do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo, mas existiam outros autores para desvendar. Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. De dezenas já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava.*

*Sendo um forasteiro deixara-me iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e seus costumes ancestrais. Embalara-me no canto das suas sereias. Teria de ser mais parco nos encontros sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana.*

*“O Pastor das Casas Mortas” fora traduzido por mim para inglês, a que, em breve, se seguirá a tradução para castelhano. Dias de Melo até para japonês já fora traduzido. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm uma editora a traduzi-los e divulgá-los, falta agora fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra. Um crime de lesa literatura. Iria concentrar os esforços dos colóquios para o editar no Brasil.*

*Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar uma campanha para o traduzir (Bulgária, Roménia, Polónia, Eslovénia) e tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar “Tabuada do Tempo” e de “Torga Lavrador das Letras” do Cristóvão de Aguiar, pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo até março - abril 2010.*

Regresso à narrativa, à ilha onde, além de ter visto as lagoas todas com mais calma, fiquei assustado com a sua eutrofização (exceção feita à do Capitão). Na do Peixinho além de trinta vacas se dessedentarem havia um autotanque de agricultores a retirar a parca água que restava. Como havia seca os agricultores iam lá abastecer-se. Diziam-me que com umas chuvadas tudo voltava ao normal, mas a eutrofização não se deve resolver com uns aguaceiros. Deviam preservar as lagoas para turista ver. Andam tão empenhados em aumentar o número de turistas e esquecem-se que nem todos vão escalar a mais alta montanha de Portugal e muitos vão para apreciar belezas naturais destas. Infelizmente, dias depois, era anunciado que os lavradores poderiam retirar água das Lagoas.

Faltava ainda ver duas coisas, e uma não consegui encontrar apesar de ter perguntado aos locais: a Furna de Frei Matias. Andei em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, segui as placas indicativas e as orientações, mas faltou encontrar a placa azul que seria o “Abre-te Sésamo” para me levar ao local que garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdiquei doutras atividades para fazer nova tentativa, mas apenas consumi gasolina e anidrido carbónico sem resultados.

Mais aturdido fiquei ao ver totalmente seca a minha favorita e mais bela de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas margens e onde dantes havia água pastavam agora uns três cavalos. Fico triste. Lá fotografei, em visita anterior, uma das minhas melhores imagens em 35 anos.

No segundo dia da estadia, descemos às catacumbas do vulcão do Pico (Grutas da Torre) abusando da paciência do Cristóvão (já as conhecia e ficou calmamente à espera no ar condicionado na receção). A ilha tem aqui o verdadeiro contraponto e um atrativo não menos pitoresco. As Grutas da Torre estavam sazonalmente fechadas durante a última estadia, no natal de 2007 e neste verão pudemos ver os 500 metros abertos ao público. O projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes, de características inovadoras, foi selecionado para um reputado prémio<sup>298</sup>.

*A Gruta localiza-se à saída da Criação Velha na encosta ocidental. O sistema formou-se quando a lava desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo entre 500 a 1500 anos. É um conjunto interligado de tubos lávicos que transportaram a lava pahoe-hoe<sup>299</sup> e a lava aã<sup>300</sup> em épocas distintas, na maior gruta açoriana (5 439 m.) de uma altura que chega a atingir 15 m., na entrada que se faz por um algar.*

*O Governo declarou-as monumento regional em março 2004, um ano antes de abrir ao público. Ainda não se fez o reconhecimento de todos os quilómetros esperando-se - dentro de dois anos - abrir mais um segmento. Na gruta existe uma escoada lávica pahoe-hoe com 7 m. de dimensão bastante visível. Na gruta, existem dois tipos de animais: *Trecus Picoensis* (espécie de escaravelho) – endémico das grutas, vive sob as pedras. *Cicus Azopicaia*s (espécie de cigarra) – vive nas raízes das plantas.*

*Em boa hora a visitei. Não vi as trilobites ou descendentes de tamanhos não observáveis a olho nu. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto.*

*Uma visita surreal mais consentânea com uma cena do filme “À procura da arca perdida” sendo nós os “salteadores”.*

*O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete. Ficamos trinta segundos expostos à luz natural (praticamente inexistente) do enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões.*

*O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, lava balls, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza-mãe que tudo cria e destrói. Por instantes foi preciso rastejar, tendo em atenção a cabeça e os membros inferiores desnudos, para evitar o contacto com os dilacerantes “biscoitos”. O interior é rico em estalactites e estalagmites de lava<sup>301</sup>.*

*O solo é formado por blocos irregulares e soltos que caíram do teto. A gruta encontra-se bem preservada, paredes revestidas por óxidos de sílica, nalgumas zonas.*

Os restantes dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores e os autores açorianos, emigrados e outros. Muito descobri com essa enciclopédia viva que é o Cristóvão de Aguiar, convidado especial do Colóquio da Lusofonia na Lagoa e em Bragança. Espera-se que possa

298 o "European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007".

299 Lava pahoe-hoe – lava mais fluida, os gases estão menos dissolvidos e fluí mais rapidamente, esse tipo de lava formou os lajidos.

300 Lava AA (Biscoito) – tipo de lava associado ao final da erupção, muito viscoso, muitos gases dissolvidos com uma temperatura não muito elevada e vem um pouco como cascalho.

301 A estalactite tubular é um pingo de lava normal que sofre uma fusão de gases ou de vapor de água; depois começa a esticar, até ficar fina e oca por dentro, daí a sua fragilidade. As estalagmites lávicas formam-se a partir das tubulares. As estalactites vermelhas são uma bagacina vermelha formada por piroclásticos com erupções estrombolianas, onde são dissolvidos bastantes gases e muito ferro

ajudar para que a cadeira de Estudos Açorianos e o Breve Curso de Estudos Açorianos (da Rosário Girão na Universidade do Minho) criados pelos Colóquios sejam um sucesso. Não ficaria bem numa Crónica deste género acrescentar algo que não fosse pequenas notas de viagem sobre as gentes do Pico que nos foram afáveis e hospitaleiras, como nas restantes ilhas, mas um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações.

*Domingo. Salão de jantar com todas as mesas ocupadas em cima e no andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servir-nos. Pelo sotaque e aparência era descendente de escravos africanos do Brasil. Disse ser de Pernambuco e que se apaixonara por um Picaroto, mas em má hora para ali (Prainha) fora viver.*

*Sem rodeios, afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem da jovem seria um tema interessante para desenvolver.*

*Podia-se fantasiar em cena televisiva que no Pernambuco, frente a um globo terrestre, se interrogara para onde ir. Rodara o globo até ele parar. Surgiu uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho, que tudo sabe, caíra no meio do oceano. Sob a lupa uns pequenos pontos de terra onde estava o nome Pico, Prainha. Depois era só reconstruir essa viagem de navegação curiosa do Pernambuco à Prainha e desenvolver o enredo.*

Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo. Dir-se-iam que são antissemitas por terem sangue judeu em 73% dos casos, dir-se-ia que são antiafricanos por terem sangue negro em x por cento, etc. No entanto, são esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar carácter e inventividade. Como talvez saibam, é proibido por força de lei, anunciar nos vidros traseiros das viaturas particulares que estão à venda, mas naquela longínqua ilha do Pico, perdida no meio do Mar Oceano, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade “TROCO POR EUROS”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida. Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas enternecido pela invenção da “troca por euros”.

*Ao chegar a casa e parando no café Refúgio, em pleno centro de S. Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente o café por ser o último que ali tomava. A inspiração fluía em catadupa e, andados uns passos, rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar que aboletara nesses dias maravilhosos, deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar.*

*Ocorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura cultural alternativa “pedir emprestada” a carripana, e nela começar a percorrer as freguesias e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam.*

*Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despeço da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltarei um dia pois quero alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo).*

*Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que atrai e me faz querer viver naquela ilha do grande e majestático vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um especialista para me tratar desta eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.*



## **CRÓNICA 75 - DA HOMENAGEM A PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA A CRISTÓVÃO DE AGUIAR - set 2009**

### **75.1. CRISTÓVÃO DE AGUIAR HOMENAGEIA PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA**

Decorreu entre 30 setº e 3 outº o 8º colóquio anual (12º Colóquio da Lusofonia) cujo tema era a memória contra o esquecimento. Presentes João Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) Patronos desde 2007, Adriano Moreira (Vice-Presidente, Academia das Ciências de Lisboa), o escritor convidado, Cristóvão de Aguiar e Ângelo Cristóvão (Academia Galega da Língua Portuguesa). Cristóvão de Aguiar prestou a sua Homenagem contra o esquecimento a Miguel Torga e Paulo Quintela.

Teve lugar uma sessão especial sobre literatura de matriz açoriana e tradução de autores lusófonos com a participação de Cristóvão Aguiar, Rosário Girão, Zélia Borges, Iliyana Chalakova e Chrys Chrystello. Este colóquio contou com a presença de 45 oradores dos seguintes países e regiões: Portugal, Brasil, Galiza, Açores, Bélgica, Macau R P China, Espanha, Bulgária, Ucrânia, Roménia e Nigéria, havendo lançamento de livros, mostra de livros, recitais de música açoriana e galega, duas representações teatrais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e poesia (galega, portuguesa e brasileira).

Para os trinta mil habitantes de Bragança que faltaram a estas sessões trazemos aqui à colação alguns dos textos mais marcantes das sessões como a apresentação do escritor açoriano sobre Paulo Quintela e Miguel Torga com quem privou ao longo da sua vida literária de 45 anos.

### **75.2. DOIS HOMENS DE TRÁS-OS-MONTES por Cristóvão de Aguiar**

*Aqui, na cidade de Bragança, coração de Trás-os-Montes, grave delito seria não recordar dois grandes vultos da cultura portuguesa do século XX, Paulo Quintela e Miguel Torga. Outros há que realçar como o Abade de Baçal, historiador, etnógrafo, arqueólogo, autor das Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, cujo V volume é o célebre livro, Os Judeus no Distrito de Bragança...*

*E João Araújo Correia, médico na cidade da Régua e um dos grandes Mestres da Língua Portuguesa, que mereceu de Aquilino, outro brilhante cultor da Língua, estas expressivas e legítimas palavras: «Mestre de nós todos há cinquenta anos a lavar nesta terra ingrata e ímproba seara branca do papel almaço, e somos velhos, gloriosos ou ingloriosos, pouco importa; mestre dos que vieram no intermezzo da arte literária com três dimensões para a arte literária sem gramática, sem sintaxe, sem bom senso, sem pés nem cabeça; e mestre para aqueles que terão de libertar-se da acrobacia insustentável e queiram construir obra séria e duradoura». Isto só para mencionar os que desapareceram.*

*Sem desprimor para os dois vultos transmontanos atrás mencionados, e que de per si mereciam uma conferência inteira, só irei debruçar-me, e espero não me despenhar da altura a que ambos se guindaram, sobre a obra e personalidade de outras duas individualidades transmontanas, mais chegadas à minha afeição, com quem durante anos convivi em Coimbra e de quem recebi grandes lições de vida, cultura, humanidade e humanidades: Paulo Quintela, filho desta cidade, onde nasceu em 1905, e Miguel Torga, natural de S. Martinho de Anta, o centro do mundo, como tantas vezes escreveu nos seus livros...*

*Paulo Quintela foi um germanista de renome internacional e um dos melhores tradutores das línguas germânicas para a Língua Portuguesa. Dir-se-ia, sem pinga de exagero, que nacionalizou esses poetas e escritores estrangeiros, principalmente alemães, para a Literatura Portuguesa, dela ficando a fazer parte: Rilke, Hölderlin, Goethe, Nietzsche, Hauptmann, Nelly Sachs e tantos outros, incluindo muitos poemas ingleses de Fernando Pessoa, a pedido de Georg Rudolf Lindt, crítico alemão, lusitanista, estudioso e tradutor de Pessoa.*

*E foram esses poetas maiores da Literatura Universal, sobretudo Rilke, que influenciaram alguns poetas portugueses, dos quais destaco Eugénio de Andrade e o próprio Miguel Torga. Como se isto não bastasse, Paulo Quintela, um apaixonado pelo teatro e por Gil Vicente, havia de ressuscitar a sua obra dramaturgica para as tábuas do palco, até então sepultada na poeira dos compêndios. Excetuavam-se algumas tímidas, fugazes e nem sempre logradas tentativas do Teatro Nacional D. Maria, que, nos meados dos anos trinta do séc. XX, o pôs em cena.*

*E terá sido um espetáculo, com excertos da obra de Mestre Gil, representado por essa companhia, em uma noite de verão, no Pátio da Universidade de Coimbra, que o catapultou para pôr de imediato a obra vicentina em cima do palco.*



*Escreveu ensaios sobre a obra do maior homem de teatro português, e deu a conhecer aos leitores portugueses as Líricas Castelhanas, de Gil Vicente, publicadas em livro, em meados dos anos sessenta, no Cancioneiro Vértice. Porém, Quintela não se quedou por Gil Vicente: encenou grandes dramaturgos; os trágicos gregos: a Medeia, de Eurípedes; a Antígona, de Sófocles; o Prometeu Agrilhoado, de Ésquilo; O Tartufo, de Molière, além de alguns portugueses contemporâneos, como Miguel Torga; José Régio e Raul Brandão; ou O Grande Teatro do Mundo, de Calderón de La Barca; Retablillo de don Cristóbal e A Sapateira Prodígiosa, de Frederico García Lorca. Nesta última peça, foi o próprio Quintela quem representou o papel de sapateiro, o principal, porque o ator que o devia interpretar não poder comparecer – valia Quintela saber de cor todos os papéis das peças que encenava...*

*Graças ao TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), fundado em 1938, e que se estreou com a Farsa de Inês Pereira, foi possível a Paulo Quintela, seu Diretor artístico durante mais de trinta anos, dar a conhecer não só Gil Vicente como todos os dramaturgos atrás referidos, fazendo do TEUC uma verdadeira escola de teatro por onde passaram gerações e gerações de estudantes, que, após a formatura, continuaram a lição do Mestre, organizando grupos de teatro nas locais onde foram exercer a sua profissão.*

*Como dizia, foi nesta cidade de Bragança que nasceu, em dezembro de 1905, Paulo Manuel, oitavo rebento de uma prole de dez, sendo o pai pedreiro e a mãe padeira. Aqui se criou, iniciou e concluiu os estudos elementares e liceais, que o haviam de guindar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se matriculou no ano letivo de 1922 /1923, ainda com a idade de dezasseis anos. Aluno brilhante, concluiu o curso de Filologia Germânica com distinção, e foi bolseiro da Fundação Humboldt, o que lhe proporcionou viver, estudar e ensinar, em Berlim, durante seis anos.*

*Com a subida de Hitler ao poder, regressou a Coimbra passando a exercer, durante mais de quarenta anos, o magistério nas Literaturas e Culturas Germânicas. Aqui jaz, no cemitério do “Alto do Sapato”, desde 10 de março de 1987. Delito grave seria também deixar em silêncio o nome de Miguel Torga, um dos mais grandes escritores de sempre da Literatura Portuguesa e, durante grande parte do percurso da existência, íntimo amigo de Paulo Quintela e companheiro de lides e aventuras literárias. Procurarei, nesta minha despretenhosa comunicação, deslindar o que os uniu e os separou para sempre, tentando o milagre, sempre possível, de um reatamento de relações post-mortem ...*

*Entre ambos existia uma amizade enraizada num acerado amor que consagravam a Trás-os-Montes, o «Reino Maravilhoso», de onde ambos eram oriundos. «Que belo é ter um amigo! Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este fraterno abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Um sol tépido a iluminar a paisagem de paz onde esse abraço se deu, forte e repousado. Que belo e natural é ter um amigo!» — escreveu Torga, a 4 fevereiro 1935, no primeiro volume do Diário, referindo-se a Quintela, que conhecera um ano antes na cama de um Hospital em Coimbra.*

*No Segundo Congresso Transmontano, realizado nas Pedras Salgadas, em setembro de 1941, ambos participaram com duas conferências. A de Miguel Torga intitulava-se «Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)»; a de Paulo Quintela, «Um Poeta de Trás-os-Montes», Miguel Torga. E era o Poeta: «Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a crosta do silêncio uma voz de franqueza desembainhada: «— Para cá do Marão, mandam os que cá estão!» Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena: — Entre! — A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.»*

*Por seu turno, Paulo Quintela: «Mas não se nasce impunemente em Trás-os-Montes, no Alentejo ou à beira-mar. Quer dizer que a paisagem, se não é o único fator determinante, é contudo primordial elemento de formação e informação. Se a poesia é no fundo expressão — expressão mágica — das coisas e dos seres, da Vida, é evidente que essa expressão há de ser em certa medida condicionada pela maneira como esses seres e coisas se nos revelam e nos solicitam, pela luz que os banha, pelo horizonte em que estão implantados, pelo ângulo por que se contemplam. O homem*

*da planície terá uma vivência das coisas e dos homens muito diversa da do montanhês. Horizontes vastos e planos, monótonos, em que as figuras se perdem ou ficam reduzidas a contornos imprecisos, convidam a erguer os olhos e a contemplar o céu. Daqui — falo, evidentemente, em termos amplos que admitem toda a sorte de exceção que não abalará aliás a firmeza do princípio — (o próprio poeta de que me ocupo poderá por vezes parecer exceção...) — daqui, digo, a propensão contemplativa e a necessidade de fuga e libertação mística do homem nado e criado em ambiente destes. Daqui o caráter místico da grande literatura da estepe russa, por exemplo. Mas subamos agora uma montanha. As coisas na encosta que vamos escalando são-nos mais chegadas, mais íntimas, mais nossas, pelo esforço que pusemos em alcançá-las; a luz quebra e reflete de outra maneira nas lombas que nos rodeiam e nos limitam o horizonte; a subida é árdua, mas gostosa; o arcaboijo arfa, bate o coração encostado à fraga ou à árvore, e o arquejar do peito e a pancada do coração do homem da montanha faz-se hábito e pulsar da própria terra-mãe. Chega-se ao cimo. Mas não foi para contemplar o céu que nos aproximámos dele. Sobe-se a um monte para olhar cá para baixo, para dominar a terra que se alarga, se nos revela e nos convida. Foi no alto dum monte que o diabo patenteou a Cristo a sua maior tentação: «De novo subiu o diabo a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo, e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares...» Deus em Cristo resistiu à tentação. Os homens sucumbem à veemência do desejo de posse do Mundo e da sua Beleza. Miguel Torga é, dos poetas portugueses modernos, o que está mais intimamente ligado à sua paisagem, que é a paisagem de Trás-os-Montes.»*

*Convoco agora o Poeta Manuel Alegre para, com a sua palavra poética, vir em meu auxílio. Na III Parte do seu livro, Coimbra Nunca Vista, intitulada «Abecedário de Coimbra», o poeta de abril, grande amigo e admirador de ambos, empreende uma apolínea peregrinação afetiva através de individualidades que, em dado momento histórico-cultural, cunharam o caráter da cidade mítica. Nesse «Abecedário», figuram, entre outros, dois poemas dedicados às duas fragas graníticas transmontanas, um com o título de «Miguel Torga No Largo da Portagem»; o outro intitulado «Paulo Quintela».*

*O dedicado ao autor de A Criação do Mundo reza assim: Todos os dias o poeta vem ao centro / sobe ao seu consultório e embarca para / dentro. / Diante da folha branca vai de viagem / navega sobre o tempo e nunca para / Há nele o canto de ruiz e o verso vagabundo / da sua janela chega à outra margem / e dá a volta ao mundo / no Largo da Portagem. Sobre Quintela escreve: Nada sabíamos da língua portuguesa / e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal. / E também como pisar um palco / como falar como calar e sobretudo / como sair de cena e entrar / no grande teatro deste / mundo. / Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e a não perder / a alma.*

*Nestas prodigiosas sínteses poéticas, de uma tão luminosa fundura a que só os príncipes da poesia têm o condão de descer ou de subir, encontra-se delineado um verdadeiro, muito completo e complexo programa de vida estética, intelectual e cívica, que tanto Paulo Quintela como Miguel Torga foram cumprindo enquanto por cá andaram. Nas facetas que no poema se realçam, tornou-se Quintela grande mestre e a sua obra de intelectual e o seu exemplo de cidadão empenhado deram disso testemunho.*

*A poesia e a prosa de autores de «franças e araganças», que, através de traduções exemplares e recreadoras, naturalizou sem qualquer sotaque para português e que ficaram desde logo pertença da Literatura Portuguesa; se tivessem os seus autores cá nascido, seria decerto como ele as traduziu que escreveriam na nossa língua; o teatro vicentino que estudou e amou como ninguém desde os bancos do Liceu de Bragança difundiu e o elevou, depois, para o seu sítio condigno e certo: as tábuas do palco; o cidadão livre que sempre ousou ser, numa pátria contaminada por grandes medos miudinhos por tantas outras toxinas que lhe conspiraram a atmosfera, não raro tornando-se, armada ou armadilhada de um pesadume propenso e propício a que certas criaturas se bandassem, fraquejassem e se perdessem, alma incluída, no céu da sua conversão...*

*No poema sobre Torga, Manuel Alegre, em palavras sucintas e certeiras, como é timbre dos grandes Poetas, delineia e recria, minuciosamente, o quotidiano do Poeta de Orfeu Rebelde. Era do seu consultório, no Largo da Portagem, que o Poeta, depois de regressar da noite, quase sempre insone, de macerado trabalho poético, em sua casa, zarpava todos os dias para viagens que só ele sabia deslindar.*

*Transcrevo o poema de abertura do 1.º Diário, 3 de janeiro de 1932, (Torga iniciava e re-matava sempre os seus Diários com um poema), que reflete esse trabalho noturno, notívago, a que se entregava com a devoção de um crente da poesia que nunca deixou de ser: Deixem passar quem vai na sua estrada. / Deixem passar / Quem vai cheio de luar. / Deixem passar e não lhe digam nada. // Deixem, que vai apenas / Beber água do Sonho a qualquer fonte; / Ou colher açucenas // A um jardim ali defronte. // Vem da terra de todos onde mora / E onde volta depois de amanhecer. / Deixem-no, pois, passar, agora // que vai cheio de noite e solidão. / Que vai ser / Uma estrela no chão.*

*Vale também a pena transcrever um texto do Diário XII, de fevereiro de 1977, em que o autor de Orfeu Rebelde revela, genialmente, a maneira como nasce um poema:*

*Foi durante a noite que escrevi o poema. Acordei inquieto, estremunhado, fiquei numa sono-lência lúcida e, aos borbotões, os versos, na imprevisibilidade do minério arrancado às trevas da mina, começaram a surgir à tona do silêncio, alguns já estremados, puros, outros ainda agarrados ao cascalho. Depois, a razão clarificadora acudiu à inspiração tumultuosa, britou, peneirou, lavou, ordenou, e as pepitas ficaram articuladas de tal maneira que acabaram por formar um todo coeso, harmonioso e autónomo. Um texto na sua plenitude existencial, inexpugnável como um dia de sol. Excitado pela evidência do milagre, que eu próprio mal podia compreender, não consegui mais pegar no sono.*

*Pus-me a recitar cada estrofe, primeiro numa espécie de terror sagrado, a experimentar a segurança do ritmo, a verificar a verdade das rimas, a avaliar a fragrância das imagens. Por fim, confiado, a abaná-las rijamente, e a concluir, desvanecido, que tinha as raízes seguras. E assim tenho passado o dia com elas no ouvido, numa exaltação secreta, estranhamente otimista, menos vulnerável aos empurrões da multidão, feliz sem o dar a entender. É um regozijo íntimo, fundo, como se me encontrasse bafejado por uma graça que não tivesse merecido, nem pedido, nem recebido de ninguém. (8/2/1977, Diário XII).*

*Paulo Quintela foi o primeiro homem de teatro português que pôs em cena Miguel Torga. Em 1947, o TEUC representava Terra Firme no velho Teatro Avenida, e doze anos mais tarde, no mesmo local, o CITAC, que convidou expressamente Quintela para encenar uma peça de Miguel Torga, representava o poema dramático O Mar, integrado no seu I Ciclo de Teatro. A partir daí os destinos destes dois homens altivos, como duas vertentes de um Marão de carne e osso, separaram-se para o resto da vida. E foi pena.*

*Nunca soube deslindar as razões por que se deu tal rotura, nem talvez as houvesse bem definidas. Seriam fortes razões do coração, atrevo-me até a dizer de um grande amor ferido. No fundo, admiravam-se mutuamente, e outra coisa não seria de esperar de homens de tamanha envergadura. Eu próprio posso disso dar testemunho. Paulo Quintela continua no seu labor de traduzir autores alemães, ingleses e franceses como Brecht, Nelly Sachs, Hauptmann, Nietzsche, Goethe, Kant, Ben Johnson, Molière e prossegue no TEUC durante cerca de mais dez anos, encenando Gil Vicente, Molière, autores gregos, como Eurípedes e Sófocles, e modernos como Garcia Lorca e José Régio. Miguel Torga havia ainda de publicar dois livros de poesia, Câmara Ardente e Poemas Ibéricos, três de prosa, o quinto e o sexto dias da Criação do Mundo e nove volumes do Diário.*

*Paulo Quintela é o primeiro a sair de cena. No dia 9 de março de 1987. Na véspera, domingo à noite, estivera a ver um programa televisivo intitulado Eu, Miguel Torga, documentário sobre o autor da Criação do Mundo. Acabado o programa, foi-se deitar e não mais acordou. Premonitório, não acham? Eu tinha estado com ele na sexta-feira anterior. E havia prometido levar-lhe na sexta seguinte o Diário XIV, acabado de sair, do qual lhe falara com entusiasmo durante a nossa última conversa de sexta-feira, 6 de março de 1987.*

*À despedida, no alto da escada, ainda me preveniu: «Não te esqueças de me trazer o diário do Torga...» Miguel Torga viria a morrer cerca de oito anos mais tarde, em 17 de janeiro de 1995. No seu penúltimo diário, o XV, pode ler-se, na entrada com data de 9 de março de 1987, dia da morte de Paulo Quintela: «A morte é uma grande reconciliadora. Não há desavença que lhe resista. O seu grande manto de equanimidade cobre todas as paixões da mesma vanidade. Só é pena que, depois dela, tudo seja irremediável.»*

*Depois de tudo, fico com a sensação de vazio absoluto, de que tudo ou quase tudo ficou por dizer. Paulo Quintela e Miguel Torga são grandes de mais para caberem nas páginas de qualquer escrito, e eu demasiado pequeno para os fazer caber numa simples e despreziosa comunicação como esta com que vos tenho vindo a massacrar o bicho do ouvido e da paciência. Repare-se, porém, no milagre da poesia, capaz de sínteses fulgurantes: ficaram ambos retratados, em corpo e alma, no poema de Manuel Alegre. São assim os Poetas.*

*Bragança, 1 de outubro de 2009,  
Cristóvão de Aguiar*

### **75.3. MESA SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA, CHRYS CHRYSTELLO**

*Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores: Gaspar Frutuoso, o Conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro.*

*Dos autores contemporâneos de que falarei, selecionei aqueles por quem nutro mais apreciação. Acolho como premissa o conceito de açorianidade de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, dum vivência e dum mundividência»<sup>302</sup>.*

*A açorianidade literária<sup>303</sup> (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética.*

*Na obra “Para uma literatura açoriana” (1987) afirma: «...utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo<sup>304</sup>».*

*Em «Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana» J. Almeida Pavão (1988) diz «...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental.*

*No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo o polo, naturalmente contestatário, por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra *A Questão da Literatura Açoriana*, de Onésimo de Almeida (1983)<sup>305</sup>».*

*Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um adepto da Literatura Açoriana, à medida que lia os mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga. Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia duvidosa. Sorri da minha ingenuidade. Como tradutor no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade.*

*Deduzi no decurso da tradução características relevantes para a açorianidade:*

*1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*

302 [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoes/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoes/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

303 BRASIL, Luiz António de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoriana pós 25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

304 RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

305 O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio)

Da Vida Quotidiana na Luslândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis, Portugal in Manhattan (1983) (ensaio)

A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio)



2. Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos;

3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. A adjacência das gentes à terra persiste, imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.

Daniel de Sá dedicou «O Pastor das Casa Morta» «às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal». O herói busca um amor perdido no léxico e na sintaxe dos montes escalavrados da Beira Alta. Por entre o pastoreio, calcorreia paixões sofridas, numa apologia da solidão. O retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só é uma ode ao açoriano apartado de si e do mundo por um amor impossível inconcretizado. Trata-se de uma visita ao Portugal profundo, interior e inacessível. Aqui não se fala do «despovoamento das ilhas» antes se resgata o imaginário coletivo na erudição improvável de um mero apascentador de cabras. Em «Sta. Maria ilha-mãe» Daniel de Sá viaja ao passado mítico, refulgente de nostalgia lírica por uma infância desprentensiosa. Visita o isolamento de séculos, permeado por ataques de piratas, a inculcar mais vincadamente as crenças religiosas. O título gerou controvérsia, mas o autor notaria: «Não se trata de «mãe» adjetivo, mas sim de dois substantivos. É uma ilha que é mãe também...» As personagens são credíveis e transportam-nos a partilhar sentimentos com os interlocutores. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie Macdonald, «A tradução é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.»

Dias de Melo escrevia sobre os baleeiros, como se da sua «Cabana do Pai Tomás», no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim no Pico, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta baleando contra os Vilas e os Ribeiras. A escrita embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida. Resumo o autor a uma frase: Injustiça Social. É dessa denúncia que trata ao abordar a emigração, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Fica-se com a sensação de uma sociedade arbitraria e perversa. Coube-lhe a sorte de ter recebido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando reeditaram alguns livros. Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coibiu de a viver e contar. Cumpre evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como escreveu: «A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e revolto-me com o que vejo à volta de mim».

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias...

Lemos outros açorianos espantosos de que ninguém fala como José Martins Garcia<sup>306</sup>. Saiu agora uma rica edição de uma antologia de contos de Martins Garcia. A coleção intitula-se Biblioteca Açoriana e é dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado<sup>307</sup>. Já foram publicados, nesta coleção, em 2009: *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, de Roberto de Mesquita<sup>308</sup>; *A Moldura*, de Conceição Maciel; *Português, Contrabandista*, de José Martins Garcia, antologia de contos, a maior parte inexistente no mercado, com um posfácio de Urbano Bettencourt.

306 Outras obras de referência do autor: (1975), *Lugar de Massacre*. Lisboa, Afrodite. (1978), *Vitorino Nemésio, a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia. (1978), *A Fome*. Lisboa, Afrodite. (1982), *Imitação da Morte*. Lisboa, Moraes. (1984), *Invocação a um Poeta e outros poemas*. Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1985), *Fernando Pessoa: coração despedaçado*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1986), *Temporal*. Providence, Gávea Brown. (1987), *Contrabando Original*. Lisboa, Vega. (1988), *Vitorino Nemésio – à luz do Verbo*. Lisboa, Vega. (1990), *Memória da Terra*. Lisboa, Vega. (1996), *No Crescer dos Dias*. Lisboa, Salamandra. (1999), *(quase) teóricos e malditos*. Lisboa, Salamandra. Ensaio: (1987), *Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1987), *David Mourão-Ferreira, Narrador*. Lisboa, Vega. (1995), *Exercício da Crítica*. Lisboa, Salamandra. Conto: (1978), *Receitas para Fritar a Humanidade*. Lisboa, Edições Montanha. (1979), *Morrer Devagar*. Lisboa, Arcádia. (1987), *Contos Infernais*. Ponta Delgada, Brumarte. (1992), *Katafaraum Ressurreto*. S.I., M. Garcia. Teatro: (1987), *Domiciano*. Angra, Direção Regional de Assuntos Culturais (Prémio Armando Côrtes-Rodrigues, da SREC).

307 Diretor do Centro de Estudos do Mar nas Lajes do Pico

308 Prólogo e organização de Carlos Bessa



Sobre ele escreveu David Mourão-Ferreira «Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a «barca do purgatório» anda sempre mais carregada que as outras duas, o [seu] nome deveria ser hoje saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; (...) com igual mestria tanto abrange os registos da mistificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo<sup>309</sup>». Maria Lúcia Lepecki acrescenta «É a arte de narrar «em puro» que Martins Garcia cultiva: de modo que opta por não fazer quaisquer tipos de experimentações. Vai sempre reexperimentando, e confirmando, o contar histórias.»

Armando Côrtes-Rodrigues é outro nome juntamente com Emanuel de Sousa poeta e autor de *Euridice*<sup>310</sup> com prefácio de Natália Correia; e autor de *Ariadne*<sup>311</sup>. Há mais três nomes a não esquecer: Vasco Pereira da Costa, poeta, romancista, nascido em Angra em 1948. Além disso é pintor com o pseudónimo de Manuel Policarpo. ....

Há ainda Eduardo Jorge Brum (fundador e Diretor do *Semanário Expresso das Nove*) poeta, contista e romancista, nascido em Rabo de Peixe. Escritor maldito, na linha de Luiz Pacheco. As suas principais obras foram todas publicadas na Europa-América, com exceção de uma, que saiu na *Vega*<sup>312</sup>.

Por último, Marcolino Candeias, nascido em Angra em 1952. Poeta de (quase) um só livro, embora se tivesse estreado aos 16 anos com um livro *Por Ter Escrito Amor* que terá repudiado, pois não consta na sua bibliografia. A 2.ª edição intitula-se: *Na Distância deste Tempo*<sup>313</sup>. Como se pode ver há muito para além das hortênsias e dos romeiros, tema desesperado de tanto aspirante a escritor numa eterna antologia de autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura.

Deixei premeditadamente para o fim Cristóvão de Aguiar, um escritor incómodo. Não só se libertou das grilhetas do cativeiro confinado da ilha como demonstrou com a sua prolífica publicação aquilo que mais se entretive a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, intransigente, não se inibe com polémicas e controvérsias. Domina a língua como só os grandes escritores almejam, enquanto se deixa consumir na incandescente falta de confiança genética de ilhéu. Eterno insatisfeito burila as filigranas letras com que nos enleia no basalto da sua ilha adotiva, o Pico.

Como viveu para lá da fronteira invisível do Mar Oceano olha retrospectivamente para o Pico da Pedra, onde nasceu, e vislumbra a pequenez das gentes encarceradas nas ilhas, contentadas com qualquer emigração económica e a canga feudal que persiste. Pedacos de gente dura e impiedosa cumprindo rituais. Intolerante, devota e invejosa na ânsia de emigrar. Depois, o regresso de aparência gloriosa, mas sem acarrear na desafogada bagagem algo de valor. Apenas dinheiro e bens materiais.

Cristóvão é um permanente «Passageiro em trânsito», título do seu mais benquisto livro na rota do inconformismo. É a voz ininterrupta de uma consciência coletiva que não se asfixia. Granjeou o direito a chamar os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso do destino que alguns queriam eterno, da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos feudais opressores da gleba. Narrativas dissecantes que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem. Grandes planos, zooms, e paragens esmiuçadas nos rostos e mentes dos atores principais dos diários, intitulados *Relação de Bordo* (trilogia) e *A Tabuada do Tempo*. A câmara detém-se e escarpeliza a alma daqueles que filma com palavras aceradas. Dói e magoa como o vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalizando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria, em 1996:

---

309 *Jornal Signo*, 30/9/1987

310 Edição Quetzal

311 Edição Quetzal

312 Oriana ou o nome das Coisas

313 2.ª Ed. Salamandra

*“A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço...*

*Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de S. Jorge, nua e arroxçada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação...*

*Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblia. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo”.*

*Cristóvão de Aguiar não é fácil nem facilita o léxico para leitores de pacotilha. Amaldiçoado, mas nunca maldito, outros o forjaram malquisto, acossado por tudo e por todos. Exige tanto dos seus leitores como de si. As suas palavras pungentes estão gravadas visceralmente num granito alheio às ilhas que se encontra na trilogia *Relação de Bordo*. No último volume, deparámos com uma interminável história de amor sem que os leitores enxerguem esses arroubos. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem. Terei encontrado o escritor neste amigo novo? Este autor que ora descobri como se o conhecesse há muito, como se tivesse sido irmão caçulo ou *compagnon de route* 66 à la Jack Kérouac, iluminando o túnel das ideias<sup>314</sup>.*

*Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo com este mestre contemporâneo da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aqui-lato em tão ínclita companhia. Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas Cristóvão de Aguiar, empreende uma viagem tridimensional repleta de sentidos. Confluem na escrita como lava «pahoe-hoe» de aparência viscosa, mas fluida, prateada e entrançada como cordas de baleeiro.*

*Outros autores aparentam lava tipo «A a», grossa e áspera, magma de rochas solidificadas impulsionadas. Em Cristóvão de Aguiar nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes, piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de vesículas disseminadas na rocha, de tal modo estanques, que esta pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo escapado para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos ad eternum todos os leitores.*

*A escrita lávica de Cristóvão fica a boiar no nosso espairecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémido ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcar a terra que o viu nascer....*

*As ilhas irão, um dia, desatar as grilhetas que as enjaulam no passado e Cristóvão ficará então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a sua ilha como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharlas há muitas paixões não correspondidas.*

*Todos nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos lançar em novos mercados e traduzir «A Tabuada do Tempo», «Torga Lavrador das Letras», «marilha», «raiz comovida», «relação de bordo I, II, III».*

Este o desafio que lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.



314 Pressagio cordões umbilicais curiosos. Criamos os sulcos que trilhamos percorrendo as savanas e estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos embargavam a escrita e nos dispersavam. Plantámos árvores, publicámos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Sto. Graal. Cumprimos missões no exército colonial português em Mafra, Tomar e Leiria. Cristóvão entrou para o Teatro Universitário em Coimbra e eu para o Teatro Universitário do Porto quando me insinuava como jovem independente pensante, batalhando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e um dos melhores declamadores de sempre, o Mário Viegas. Em Coimbra, o ilhéu Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Luís Albuquerque, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário.

## CRÓNICA 76 - EDUCAÇÃO E IBERISMO 22-30 novº 2009

Anda por aí o primeiro-ministro<sup>315</sup> a fazer propaganda falsa e ilusória negando a constante e acelerada degradação do ensino superior na Índia se torna ano, após ano, mais prestigiado e reconhecido em virtude dos elevados níveis de exigência. Não é só cá que o ensino se degrada, reste-nos essa consolação ilusória e fugaz. Um pouco por toda a parte ruma-se para o oposto: o do facilitismo educacional.

*Na Dinamarca os estudantes no último exame do Secundário, podem consultar a Internet. A teoria é que os alunos são suficientemente honestos para acederem à Net sem copiarem. Será permitido o acesso a qualquer página, mas chats e correio eletrónico serão proibidos. Não explicam como. Já há anos que os alunos dinamarqueses podem entregar os exames por computador (sem papel) ... Este novo passo é deveras perigoso numa sociedade em que os valores e a probidade são coisa do passado e é um passo radical...por muito que se queira crer que a Dinamarca é uma sociedade com elevados padrões de civismo, é impossível evitar “copia e cola (copy-paste)” generalizado e copianços clássicos feitos com a “assessoria” de “consultores” do outro lado da rede... Esta medida depende da consciência cívica dos alunos. Para mim isto é um novo tipo de facilitismo perigoso e lúbrico num sistema de ensino que está longe de ser exigente como no resto do mundo, aponta para perigos presentes e futuros, em especial se nos lembrarmos do pretense curso dum primeiro-ministro que até fazia exames por faxe ao domingo... A posição indiana e o prestígio imenso das universidades técnicas indianas parecem apontar noutra direção: a da exigência. Mas isso é para as sociedades que irão liderar no futuro e não para as que estão em vias de extinção, como a ocidental e especialmente a europeia, em via rápida rumo à irrelevância.*

Desde o 12º colóquio da lusofonia que me debato com falta de tempo e de inspiração. O verde das pastagens e as pintalgadas vacas não chegam para me inspirar e o cinzento em prelúdio de inverno afasta as musas.

*Duas conferências internacionais em finais de outubro e novembro na Universidade dos Açores prometiam muito. Refiro-me à Convergência de Afetos que a Direção Regional das Comunidades organizou com mais de 80 personalidades de todo o mundo, metade da diáspora. Tudo pago, avião, alojamento, coisa para milhares de euros. Os convidados estiveram na Aula Magna para falarem (bem poucos) sem tempo para debate e sem conclusões possíveis em dois dias. Uma razão para as pessoas se encontrarem e se conhecerem um pouco mais, função profilática familiar, não fosse o que se pressupunha: uma reunião de claque e cliques e não de elites. Ouvimos laudas, palmadas nas costas e encômios bajuladores aos pretensos líderes da intelligentsia açoriana. Sempre os mesmos, dizia-me a voz oculta, a pandilha que viaja de borla sem nada fazer que justifique tais mordomias. Foram citados dezenas de nomes de autores açorianos. Como sempre, ninguém falou do conceituado Cristóvão de Aguiar. Podiam dizer que foi uma coincidência, mas dessas deve o autor andar farto há quarenta anos. Passemos ao segundo evento denominado “Mundividência da Açorianidade” que reuniu dezenas de pessoas, alguns expatriados, na maior parte artistas (pintores, escultores) além de historiadores, filósofos e escritores. Neste encontro tive direito a 15 minutos de voz e usei-os com toda a veemência das minhas crenças e saber. Conheci participantes que podem ter interesse para futuros colóquios com aceso debate a várias vozes discordantes por entre a manada submissa dos que seguem a via única do pensamento oficial.*

O *Crónica Açores* vol. II tem estado parado. A falta de inspiração não ajuda, surgiu material para traduzir e o tempo escasseia. Isto sem contar com os problemas da filha e neta, as preocupações da octogenária mãe, a chuva dentro de casa, a dificuldade de obter um calorífero a gás, os contratempos do filho mais novo e o resto.

*Em Portugal houve eleições, o primeiro-ministro manteve-se no poder (para má sorte dos que ficaram), o país em crise, sem ideias nem saídas e mais casos de alegada corrupção no topo do aparelho estatal. Nada mudou e a situação agravou-se, refletindo-se no endividamento do país e meu, a um ritmo estonteante que nos levará ao fundo do poço financeiro que é como quem diz falência.*

## CRÓNICA 77 – DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO - 22-30 novº 2009

Gostava de ter ainda réstias do meu sempiterno otimismo, mas a minha reserva desoladamente está no nível mínimo desde há duas décadas. Quando a chuva cai dentro de casa e alaga o chão e móveis como se não houvesse teto, ano após ano, tenho de decididamente assumir que as construções são de péssima qualidade e os “mestres” não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser. Mas se vou a um restaurante o resultado é similar com um serviço deficiente a preços de luxo. Se vou a um mecânico automóvel idem aspas. Ou na saúde, na justiça, na ignorância santa dos novos professores e seus alunos, na incompetência dos que governam e mandam.

É a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatei ao traduzir este parágrafo:

*Os Templários chegaram em 1126, recebendo em doação os terrenos da Fonte Arcada [Póvoa de Lanhoso] e o castelo de Soure como primeiro fasto da Ordem por D. Teresa, mãe de Afonso Henriques, sendo seu Mestre Guilherme Ricardo. A investida mourisca contra o posto avançado dos cristãos de Coimbra em 1144, foi o batismo de guerra dos Templários que haviam transformado a velha ruína numa fortaleza. Dizia-se na convicção templária que «a morte era, de facto, mais bela que a vida comprada com a cobardia». Esta é a divisa açoritana, no brasão, com a frase de Ciprião de Figueiredo e Vasconcelos, fiel apoiante de D. António<sup>316</sup> «mais vale morrer livres do que em paz sujeitos». Será simples coincidência, ou serão os Açores um dos últimos refúgios da mente templária? A ele se deve a fortificação e defesa da Terceira, a vitória na batalha da Salga, negando-se a entregar os Açores aos espanhóis preferindo morrer a favor do Prior do Crato. Enquanto a Terceira e ilhas próximas resistiram, S. Miguel franqueou a entrada, a capitania estava a cargo da família Gonçalves da Câmara e lá residia o Bispo D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Seria Vice-Rei de Portugal em paga da fidelidade à causa castelhana e o Capitão do Donatário de S. Miguel recebeu o título de Conde de Vila Franca.*

Em Portugal abundam os que querem fazer esquecer o terror do domínio castelhana e se apressam sempre a entregar o país ao vizinho. Miguel Urbano Rodrigues escrevia<sup>317</sup>:

*Os iberistas, ao esboçarem a Espanha plebéica de energias, de progresso e criatividade, não aludem ao racismo e à xenofobia que fazem da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebinos, equatorianos e colombianos, são mais discriminados. Preferem discorrer sobre a localização da capital da Ibéria unida, o papel do Rei .... Nas peculiaridades de portugueses e espanhóis fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ..., mas longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se exibindo atitudes quase antagónicas. Trabalham a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio, comem a horas diferentes onde o ruído é componente da vida e do conceito do lazer. Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal. Há três décadas a Espanha não existia como parceiro comercial. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações. A invasão do capital espanhol é diluviana. A banca conquistou parcela importante do mercado. O mesmo na hotelaria e transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as cidades, do Minho ao Algarve. O processo de colonização pacífica, assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram as melhores terras no Alqueva, adquirindo milhares de hectares para criação de porcos, lagares e plantação de oliveiras e vinhas. Essa invasão do capital espanhol é festejada pelo Governo e pela grande burguesia como muito positiva. Saúdam os investidores espanhóis como agentes do progresso. Agradecem. Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João de Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa dominação económica encobre uma intervenção imperial.*

Ninguém se surpreenderia se Portugal fosse uma dependência espanhola, como se de um banco se tratasse ou se falasse de abrir um escritório na faixa litoral. Por outro lado, despontam a nível governamental iniciativas de União Ibérica, nem sempre dissimuladas, que parecem não incomodar ninguém,

316 Conde da vila de São Sebastião que se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como Rei de Portugal  
317 Miguel Urbano Rodrigues, in "Alentejo Popular" (Beja) 02-11-06



mas pessoalmente me causam engulhos. Sendo um estudioso do assunto que condensou o que pretendia dizer, sigo o que Carlos Fontes escreveu<sup>318</sup>

*O iberismo é um fenómeno do séc. XIX, resposta à teoria das grandes nações, as pequenas estariam condenadas a serem absorvidas, tal como acontece entre os animais (teoria darwinista). O iberismo emerge como manifestação patológica de quem sofreu forte influência ou se assumiu como agente de interesses espanhóis. Quando a situação é melhor no outro lado, a integração surge como solução para resolver a crise, sem trabalho. Os iberistas são degenerados de um povo orgulhoso da sua história e identidade cultural cuja atuação em nove séculos de História se traduziu em divisões e conflitos que degeneraram em guerras civis, com um cortejo interminável de mortes. Uns assassinatos de iberistas ficaram célebres na História, entendidos como ato de defesa de valores fundamentais - dignidade, identidade cultural e liberdade... Um povo que não se respeita a si, nunca será respeitado por outros e o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do povo. A morte de dois iberistas assumiu enorme carga simbólica: a do Conde Andeiro e a de Miguel de Vasconcelos. A morte do fidalgo galego, foi assumida como o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos para lhes imporem o que não quer. Este iberista, típico traidor, participou em conspirações ao serviço de Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, ascendeu a elevada posição na corte, recebendo de D. Fernando o título de Conde de Ourém, mas durante a crise de 1383-85, esteve ao serviço de Castela e foi assassinado, a 6 de dezembro de 1383, por D. João, Mestre de Avis e futuro Rei de Portugal. A sua nefasta ação e de outros esbirros traduziu-se numa violenta guerra civil.*

*Já a morte de Miguel de Vasconcelos exprime a afirmação da identidade cultural, cuja forte individualidade saiu reforçada após a opressão de 60 anos. Este homem era célebre pelo ódio que nutria aos seus concidadãos. Em 1634 tentaram-no matar pela primeira vez, se o tivessem conseguido, muitas vidas teriam sido poupadas. No manhã de 1 de dezembro de 1640, quando restauraram a independência, foi o primeiro a ser morto. A ação dos iberistas, traduziu-se na brutal opressão da população, após a morte deste esbirro, o povo português travou com a Espanha, durante 28 anos, sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da liberdade e dignidade. Ora, como hoje ninguém estuda História, episódios como este perdem a força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo.*

*Nas últimas décadas, alguma comunicação social usando da liberdade de um regime democrático, tem procurado, de forma sistemática, abrir fraturas na sociedade, aproveitando momentos difíceis do país. As personagens são as mesmas, ligadas a interesses e grupos económicos espanhóis. O objetivo: 1. Mostrar por "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existem iberistas, cujo objetivo é a dissolução do Estado português. 2. Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa enquanto a imprensa espanhola mostra a aceitação à possível integração. 3. Os supostos iberistas não constituem qualquer corrente de opinião, muito menos são um movimento organizado.*

*A imprensa afeta aos interesses espanhóis trabalha no terreno das hipóteses, introduzindo elementos de discórdia e desmoralização coletiva. Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava pelos seus concidadãos e o país. Ao contrário de outros, não foi um iberista de circunstância, mas manteve um percurso político coerente com esta aberração. Antero de Quental, em 1869 era um confesso iberista, dois anos depois nem fala no assunto, e mais tarde abomina a ideia. Algo idêntico ocorreu com Teófilo Braga. Oliveira Martins foi um típico vira-casaca: anarquista (Proudhoniano), socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, e também a Ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco. É apontado como um introdutor das ideias socialistas em Portugal, mas também como um protofascista. Muitas dessas ideias foram aplicadas por ditadores como Sidónio Pais ou Oliveira Salazar. Durante as eleições legislativas de 2009, a TVI, canal português controlado por espanhóis interferiu diretamente na campanha, lançando a suspeita de possível interferência do Governo na comunicação social. Estamos perante um canal de televisão onde a propaganda pró-espanhola é constante, e onde os noticiários e a maioria dos programas possuem um objetivo muito claro: desestabilizar a sociedade portuguesa, fomentando conflitos sociais e denegrindo a autoestima da população. É curioso constatar que, enquanto isto ocorria, a comunicação social espanhola lançava nova campanha em defesa das teses iberistas, apoiada em "sondagem" da Universidade de Salamanca, com a colaboração de alienados no ISCTE (Lisboa).*



Escolhi este tema para a Crónica de hoje pela data que se celebra, da Restauração de 1 dezembro 1640, para que os jovens nunca o esqueçam e o deixem de tratar como um dia em que se não trabalha ou não há aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como outro qualquer nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

*Cinco séculos haviam forjado a nação, para rejeitar a união com o país vizinho. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os seus partidários, traidores. Culturalmente, avançara depressa a castelhanização. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, aceitavam padrões espanhóis e escreviam em castelhano. A perda da individualidade cultural era sentida, com reações a favor da língua pátria e da sua expressão em prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam que os esforços seriam vão sem a recuperação da independência política. Economicamente, a situação piorara desde 1620.*

*O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses, perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia sofreram severos cortes. Os Espanhóis reagiam contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição, o que causou grande animosidade nacionalista em Portugal. D. Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, governou de 1634 a 1640, como vice-rei e Capitão-general. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão, a crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou e o agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para apaziguar o descontentamento geral, a solução era fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males.*

*A conspiração de independência congregava um grupo heterogêneo de nobres, clientes e funcionários da Casa de Bragança, alto e baixo clero. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo, prendeu a duquesa de Mântua e matou ou feriu membros da guarnição e funcionários, entre os quais o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos. As notícias da mudança do regime e do novo juramento de fidelidade foram recebidas e obedecidas sem qualquer dúvida. Apenas Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV. Proclamar a separação fora fácil, difícil seria mantê-la, os portugueses estavam longe de unidos. As classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista aquiescendo a D. João IV, mas a nobreza, com laços em Espanha, hesitou e só parte alinhou com o Duque. O mesmo em relação ao clero. O monarca não gozava de posição invejável.*

*Abundante bibliografia, procurou demonstrar os direitos reais do Duque de Bragança. Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vacante.*

*Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades, reorganização militar, reparação das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições, obtenção de material e reforços no estrangeiro. Paralelamente, intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino.*

*A Restauração mobilizou todos os esforços e absorveu enormes somas de dinheiro, mas impediu o governo de ajudar as frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Se o cerne do Império, na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou a Metrópole da ocupação espanhola. Portugal não dispunha de exército moderno, as forças eram escassas na fronteira, as coudelarias extintas, os melhores generais lutavam pela Espanha na Europa. Do lado português, isto explica por que motivo a guerra se limitou a operações de pouca envergadura. Do lado espanhol, a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto. A guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, 13 fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País.<sup>319</sup>*

Hoje anda aí muita gente com passaporte português a celebrar o 1º de dezembro como se tivesse sido um desastre ou péssimo acontecimento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pelo poder dinástico dos Filipes. Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha. Assim dizem alguns galegos que se aproximam das origens portuguesas preservando língua e cultura. Por vezes, a memória dos homens é curta.

---

319 (Adaptado de Oliveira Marques, "A Restauração e suas Consequências", in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Ed. Presença, 1998, pp. 176-201).

## **CRÓNICA 78 – NATAL - 30 dezº 2009 – 2 janº 2010**

Desde tempos imemoriais que natal não é sinónimo de felizes momentos na memória deste autor. Passou a ser símbolo da representação farsista desta sociedade de consumo. Entretanto, a data chegou sem surpresas de maior.

Em vez do mero encontro de seis pessoas com os primos Magalhães, acabaram por ser 23 convivas, incluindo os primos Cordeiro e apêndices. A inclemência dos elementos fez temer que a curta viagem para a cidade fosse ainda mais desagradável. Em vez dos usuais 30 minutos demoramos uma hora a chegar, sob chuva impiedosa e ventos fortes. Felizmente, os primos haviam já pensado que o melhor seria ficarmos aboletados na falsa, que foi o primeiro local de pernoita (junho 2005) quando cá viemos conhecer a ilha.

*A conversa, a comida e a bebida decorreram animadas até às três quando os convidados se foram e os restantes foram dormir.*

*Na manhã seguinte era necessário arrumar e limpar. Cuidar das atividades domésticas que raramente se veem, mas fundamentais para o sucesso de qualquer lar. Ia-se almoçar no dia de natal a casa do médico mais novo do clã Furtado-Lima Gouveia Cordeiro, já com os cinco mais jovens menos irrequietos e expetantes das prendas (no meu tempo as prendas eram trazidas na noite de consoada pelo Menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal dia 25 á moda anglo-saxónica.*

*Isto faz-me lembrar que teria sete anos quando descobri as prendas de natal, escondidas, sobre o guarda-fatos dos pais, e aí perdi a virgindade do natal).*

Hoje ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias, lenços ou algo assim (como tive de me contentar durante anos), querem todos um iPod, o último modelo de telemóvel ou PlayStation. Por mais que me tente recordar poucos foram os brinquedos que tive no “sapatinho” da árvore de natal.

*Tempos bem diferentes, em que dar prendas acontecia apenas duas vezes ao ano, no dia de anos e no natal.*

Tempos parcos de vacas magras, mas onde o simples facto de haver uma dádiva especial fazia desse momento uma ocasião para guardar na retina e na memória.

Foi o que aconteceu com a festa dos 10 ou 12 anos, muito especial, em que os pais me levaram ao Palácio de Cristal a lanchar e da qual ainda evoco o Sumol e o bolo que fizeram as minhas delícias, por não ser um artigo comum do dia-a-dia. Fora numa esplanada na avenida principal junto ao Teatro que ainda existe. Estavam a cair as folhas amareladas pelo outono e a encherem de tons alaranjados o piso de areia da longa avenida por onde passava um comboio de fingir, a apitar cheio de crianças contentes. Eram outros os tempos e as expetativas dos mais jovens. Andar de barco a remos no pequeno lago em frente era um privilégio raramente concedido e as diversões resumiam-se a uma vez ao ano em anos bons, talvez bissextos, quem sabe?

Aprendia-se a dar o devido valor ao que se não tinha e a que nem se podia aspirar. Hoje com a sofreguidão típica da geração de “baby-boomers” dá-se tudo aos filhos que pedem mais, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas.

Era este o natal possível, nem no país, nem na cidade, nem na região que se pretendia, mas apenas aquele que era possível. Hossanas e graças deveriam ser dados por poder desfrutar dele na companhia do núcleo familiar atual e na reconstituição de um natal em família como há muito deixou de se fazer.

De facto, juntar mais de vinte primos sob um mesmo teto não ocorre todos os dias, primeiro porque as casas não têm condições, segundo porque as pessoas não têm disposição, terceiro porque os primos nem se conhecem. Ali estávamos nós, primos segundos, terceiros, quartos e quintos, como dantes acontecera.

Teria havido umas Páscoas com dezenas de familiares, e os natais eram normalmente limitados ao núcleo mais duro e reduzido da família, uma dúzia de pessoas enquanto os avós foram vivos. A reunião foi interessante, houve tempo e oportunidade de falar com primos, trocar impressões, darem-se a conhecer um pouco, para lá do bom-dia, boa-tarde, tudo bem?

Que a pressa do quotidiano obriga a ser parco em palavras, gestos e emoções, com medo de que se não chegue a tempo a sítio nenhum e onde se fará sentir a solidão e a vacuidade da vida que a sociedade impõe nestes últimos vinte ou trinta anos. Esta reunião de família seria um evento a recordar, e não foi a primeira nos cinco natais insulares, dos quais apenas o primeiro foi passado na metrópole. Precisei chegar a os Açores para reviver natais com a família alargada.

Os restantes dias passaram-se sem nada a assinalar salvo o mau tempo, chuvas, enxurradas, deslizamentos, o costumeiro da época.

Depois, foi a Passagem de Ano, trivial com a mulher e o filho mais novo a ver e ouvir na RTP-Açores as badaladas, nas Portas da Cidade de Ponta Delgada, ao som de música extremamente pirosa como convém para agradar ao povo. Comemos apressadamente as doze uvas em vez das “passas” e outras coisas típicas da Passagem de Ano.

Depois, a mãe, a irmã e o sobrinho ligaram a câmara do computador. Nisto de tecnologia não precisam de estar perto para se verem e ouvirem, na pretensão infundada de estarem juntos em espírito.

Acabei o ano a traduzir o Guia de Mergulho do grupo central depois de ter feito o da Madeira esperando infundadamente que outros se lhes sucedessem.

*Decidimos arriscar e tentar a sorte e vida nova em Bragança (ver crónica 57), liderando o projeto do Museu da Lusofonia.*

*Gizamos as condições pretendidas a um amigo de longa data e ficamos a aguardar. Um projeto mais para um novo ano que, nestas coisas, convém manter vivos os sonhos e os projetos para justicarmos a existência que, de outro modo, seria parada e desprovida de motivações.*

A minha mulher iria arrancar com a Antologia de autores açorianos contemporâneos e eu prosseguiria a saga dos colóquios da lusofonia.

Assim se passou o natal número sessenta com a felicidade de ter a mãe de quase 87 anos e de pertencer a essa raça em vias de extinção, a família heterossexual nuclear. Deixemos de lado as preocupações passageiras que, serão olvidadas em plano secundário, onde deveriam ter estado desde a primeira hora.

Penso que o mundo ocidental atravessa uma crise semelhante à de outros impérios. Já o escrevi e repeti em Crónicas várias. A nova geração no poder na Europa (retratada exemplarmente pelos patéticos e ridículos Sócrates em Portugal e Sarkozy na França), ronda os 40 e poucos anos, geração “rasca” de conhecimentos parcos, muita prosápia e pouco conteúdo intelectual, que nisto de estudos nenhum se excedia além do medíocre. Na Itália está de pedra e cal um político mais velho, mais vaidoso e pomposo do que qualquer imperador romano. Talvez um Napoleão à moda atual, cujos exércitos são as leis que moldaram a imunidade e impunidade, os canais de rádio e TV, mais o clube de futebol, que controlam os italianos.

*O mal da História é não a conhecer nem saber reconhecer erros passados para evitar repeti-los. Num estudo sobre 21 civilizações extintas, um historiador inglês do século 20, Arnold Toynbee, descobriu dois fatores em comum a todas elas: a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias em tempo, antes da sua extinção.*

*O mesmo acontece hoje neste mundo doente sem líderes corajosos e sábios. Infelizmente, de nada servirá conhecer este estudo. A incapacidade de mudar e a repetição dos erros são constantes, duplicados por gente pouco culta, gananciosa e interesseira, apenas preocupada com o próprio umbigo e não com o bem-estar geral.*

*Até imperadores como Júlio César mostravam mais compaixão pelo povo do que os líderes atuais da Europa.*

Outra das preocupações no avanço islâmico, e sobretudo fundamentalista, tem a ver com a crise dinástica que se irá seguir à morte de Muamar Ghaddafi e de Hosni Mubarak, líderes há várias décadas, da Líbia e do Egito. Naquela há muito que nada acontece sem esse personagem camaleónico estar envolvido, e no Egito há uma tradição sangrenta de assassinar os líderes ao fim de algum tempo.

Anwar Sadat era idoso quando perante uma marcha das suas Forças Armadas foi abatido, sendo substituído por aquele que hoje ocupa o poder. A turbamulta sairá à rua e provavelmente os líderes militares tomarão conta do poder para manter as hordas tranquilas. Dois países às portas da Europa e uma mudança de liderança trará, decerto, resultados inesperados e indesejados para a velha senhora europeia.

No resto de África, do Saara ao Corno de África passando pelo resto do continente, há dezenas de pequenas guerras, umas maiores, outras mais pequenas, sempre prontas a desenvolverem-se em focos maiores, fruto da sofreguidão mercantilista de vendedores de armas a regimes corruptos, sobretudo pelos EUA, Canadá, Austrália e Reino Unido.

Grande parte do continente europeu nestes últimos anos tornou-se islâmico e será fácil no meio de tanta pobreza, injustiça social e miséria humana um qualquer fundamentalismo prosperar. A Europa continuará a adiar a entrada da Turquia na UE alargada e a impedir a entrada ilegal de imigrantes africanos (muçulmanos ou não) mas será incapaz de expulsar os que, entretanto, já estão muralhas adentro.

A crise global de 2009 veio trazer a lume que os governos estavam mais interessados em salvar os bancos da bancarrota do que em devolver às pessoas o dinheiro que estas lhes tinham confiado. Estranha e perversa lógica. O certo é que estes líderes europeus, pela sua incompetência e total incapacidade de decidirem, seja o que for, para uma maior justiça, equidade e democracia não merecerão mais do que uma curta nota de rodapé quando o livro da História for finalmente escrito.

Viva a Ditadura capitalista que a todos subjuga numa forma tão tenaz como as ditaduras fascistas e comunistas. Será com ela que terei de viver mais uns anos.

Os filhos e os netos pagarão a fatura que ameaça tornar-se eterna como Matusalém. Podíamos chamar-lhe o preço da longevidade, outra civilização surgirá depois da ocidental, a menos que um qualquer asteroide resolva interromper a sua órbita e reduzir isto a cacós.

Enfim, nem fiz votos para 2010, limitei-me a constatar o triste estado do que me rodeia. O sorriso amarelece nos meus lábios.





## Badana direita



J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro (carioca) do lado paterno, Português e marrano do materno.

Publicou em 1972 o livro “Crônicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973-jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (*A Voz de Timor*, Dili) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até agora dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Também foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista (Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários). Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul). Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatas a tradutores e intérpretes em Sydney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crônicas Austrais 1976-1996”. Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005” e publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2, 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (*Stª Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos*), de Manuel Serpa (*As Vinhas do Pico*), Victor Rui Dores (*Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel*).

Em 2011 traduziu a *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês* e em 2012 de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só e pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “Crônicas Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **Crônicas Açores: uma Circum-navegação** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **Crônica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **Crônicas Austrais 1978-1998**, e nova edição completa dos 3 volumes da **Trilogia da História de Timor**.

Em 2017 lançou o seu opus magister *Bibliografia Geral da Açorianidade* em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Traduziu em 2018 a obra premiada de João Morgado “Vera Cruz”, fez a revisão e atualização do livro “Missionários Açorianos em Timor, vol. 2” de D. Ximenes Belo e lançou e-livro com Fátima Salcedo “fotoemas” fotos do Porto e poemas dos Açores.

Prepara mais obras para publicação 2018-19

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evânildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online, e preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).